



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

CARLOS ANDRADE RIVAS GUTIERREZ

**A REFLEXIVIDADE EVANGÉLICA A PARTIR DA
PRODUÇÃO CRÍTICA E CONSTRUÇÃO DE PROJETOS DE
VIDA NA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS**

CAMPINAS

2017

CARLOS ANDRADE RIVAS GUTIERREZ

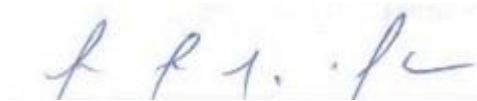
**A REFLEXIVIDADE EVANGÉLICA A PARTIR DA PRODUÇÃO CRÍTICA E
CONSTRUÇÃO DE PROJETOS DE VIDA NA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE
DEUS**

Tese apresentada ao Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Estadual de Campinas
como parte dos requisitos exigidos
para a obtenção do título de Doutor
em Antropologia Social

Orientador: PROF. DR. RONALDO RÔMULO MACHADO DE ALMEIDA

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL TESE DEFENDIDA
PELO ALUNO CARLOS ANDRADE
RIVAS GUTIERREZ, E ORIENTADA
PELO PROF. DR. RONALDO ROMULO
MACHADO DE ALMEIDA.

ASSINATURA DO ORIENTADOR



**CAMPINAS
2017**

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): FAPESP, 2013/02643-6
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3331-0975>

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

G985r Gutierrez, Carlos, 1984-
A reflexividade evangélica a partir da produção crítica e construção de projetos de vida na Igreja Universal do Reino de Deus / Carlos Andrade Rivas Gutierrez. – Campinas, SP : [s.n.], 2017.

Orientador: Ronaldo Romulo Machado de Almeida.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Igreja Universal do Reino de Deus. 2. Reflexividade. 3. Evangelismo. 4. Classes populares. 5. Pragmatismo. 6. Realismo crítico. I. Almeida, Ronaldo Romulo Machado de, 1966-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: The evangelical reflexivity from the critical production and construction of life projects in the Universal Church of the Kingdom of God

Palavras-chave em inglês:

Universal Church of the Kingdom of God

Reflexivity

Evangelicalism

Working classes

Pragmatism

Critical realism

Área de concentração: Antropologia Social

Titulação: Doutor em Antropologia Social

Banca examinadora:

Ronaldo Romulo Machado de Almeida [Orientador]

Frédéric Raoul Nadine Marie Vandenberghe

Ricardo Mariano

Christina Vital da Cunha

Álvaro Gabriel Bianchi Mendez

Data de defesa: 28-06-2017

Programa de Pós-Graduação: Antropologia Social



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Tese de Doutorado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 28/06/2017, considerou o candidato Carlos Andrade Rivas Gutierrez aprovado.

Prof. Dr. Ronaldo Romulo Machado de Almeida

Prof Dr. Frédéric Raoul Nadine Marie Vandenberghe

Prof. Dr. Ricardo Mariano

Profa. Dra. Christina Vital da Cunha

Prof. Dr. Álvaro Gabriel Bianchi Mendez

A Ata de Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica do aluno.

Para Sylvane

Agradecimentos

À FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo pela bolsa concedida (Processo N° 2013/02643-6), que possibilitou a realização desse trabalho e a ida a diversos congressos científicos. Agradeço também pela bolsa concedida de BEPE (Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior), que foi determinante em minha formação, com a possibilidade de realização

Agradeço a diversos amigos que me acompanharam durante minha jornada acadêmica. Ao Alexandre Barbosa Pereira, parceiro de longa data, amigo e irmão de muitos conselhos, batalhas e trocas acadêmicas. Obrigado pela sua amizade, apoio e por ser um interlocutor constante desse trabalho. Tamo junto!

Ao Asher Brum, grande amigo e gaudério, que conheci durante o doutorado na UNICAMP e que, sempre com alegria e muito humor, tornou-se um grande amigo. Obrigado pelas nossas discussões em torno da reflexividade e da obra de Prof. Giddens. Assim como os nossos tão loucos rolês.

Ao Marcelo Perilo, amigo muito especial, por tantas memórias e histórias. Obrigado por sua amizade, presença e apoio em tantos momentos. Quanta utopia e quanta euforia!

Ao Martin Mensch, sempre na batalha, amigo de tantos anos, parceiro que acompanhou minha trajetória e muito me ajudou na luta. Obrigado, mano, por toda a força.

Ao Ronaldo Almeida, querido amigo e orientador, que me deu total liberdade e autonomia para trabalhar a questão religiosa de forma bem heterodoxa. Além dos conselhos preciosos, te agradeço também pela sua confiança e amizade.

Agradeço a todos os colegas do LIER – Laboratoire Interdisciplinaire d'études sur les réfléxivités e da École des hautes études en sciences sociales (EHESS), instituição em que realizei meu estágio sanduíche. Em especial a Cyril Lemieux, Yannick Barthe pelas aulas e leitura detalhada de meu projeto, assim como suas sugestões.

A Nicolas Dodier, meu coorientador na EHESS, que me recebeu tão bem em Paris e foi fundamental para minha formação. Agradeço sua leitura detalhada, conselhos preciosos, ensinamentos nos seminários e atenção dispensada a meu trabalho. Foi um grande prazer e honra poder ter aprendido tanto contigo.

Aos Professores Ricardo Mariano, Christina Vital, Álvaro Bianchi e Frederic Vandenberghe, Suely Kofes, Regina Facchini e Eurico Cursino pela participação em minha banca de doutorado e pelas intensas trocas acadêmicas que tivemos em diferentes momentos de minha trajetória (aulas, congressos, exame de qualificação, etc.).

A Frederic Vandenberghe, também coorientador dessa tese, por todos os ensinamentos, reuniões via Skype e ricas sugestões. É um privilégio poder tê-lo como interlocutor e amigo. Você é verdadeiramente um dos maiores da teoria social e foi meu grande mestre intelectual. Obrigado por tudo, Fred, por sua generosidade, sabedoria, disposição, conselhos, auxílio e amizade.

A meus pais, meu irmão Diego e minha tia Irene por todo o apoio ao longo desses anos.

A minha companheira Sylvane, todo meu amor e reconhecimento. Obrigado por ter feito tanto por mim, pela paciência e pelo seu carinho. Penso forte em você e em nossos animais, especialmente em Daisy, que me acompanhou na reta final e nos momentos difíceis dessa tese.

A todos os interlocutores na Igreja Universal e PRB que sempre me receberam de forma educada, acolhedora e aceitaram compartilhar suas vidas e experiências comigo.

Sócrates: “Um discurso que a alma mantém consigo mesma, acerca do que ela quer examinar. Como ignorante é que te dou essa explicação; mas é assim que imagino a alma no ato de pensar: formula uma espécie de diálogo a para si mesma com perguntas e respostas, ora para afirmar ora para negar. Quando emite algum julgamento, seja avançando devagar seja um pouco mais depressa, e nele se fixa sem vacilações: eis o que denominamos opinião”.

(PLATÃO, Teeteto)

RESUMO

A expansão das religiosidades evangélicas verifica-se não apenas nos dados no Censo, mas também em sua capacidade de mobilização e transformação no mundo da vida. A participação de atores sociais autodenominados evangélicos (ou assim classificados por terceiros) na política nacional é notória. A Frente Parlamentar Evangélica tornou-se uma das principais forças no Parlamento brasileiro e a governabilidade de qualquer presidente implica o apoio dessa bancada. Essa presença garantiu-lhes um lugar privilegiado em torno de grandes debates públicos como, por exemplo, casamento gay, criminalização da homofobia, aborto e descriminalização das drogas. Os embates com a comunidade LGBT e os movimentos feministas tornaram-se constantes e um consenso em torno de políticas relacionadas ao gênero parece longe do fim. Para além desse aspecto, diversas pesquisas vêm apontando a importância das religiosidades evangélicas no processo de ascensão social da “classe C” e seu papel na formação de uma “mentalidade empreendedora” nas periferias das grandes cidades.

A tentativa da pesquisa é compreender esse cenário a partir da análise da reflexividade desses atores evangélicos, mais especificamente ligados à Igreja Universal, tomada aqui como estudo de caso. O estudo da “reflexividade evangélica” proposto aqui compreende tanto o julgamento e avaliação dos atores face a questões, situações e pessoas em torno de três temas escolhidos pela tese (política, empreendedorismo e gênero), quanto à elaboração de projetos existenciais e das conversações internas que realizam ao pensar a viabilidade de seus planos de ação em relação às condições objetivas em que se encontram. Por meio do estudo dessas *conversações internas*, pretendemos entender como esses atores constroem sua percepção de si e do mundo e a importância que atribuem à religiosidade nesse processo.

A principal hipótese desse trabalho é que a exposição e necessidade de participação em diversos mundos de ação constitui uma exigência cada vez maior de reflexividade por parte dos evangélicos, com a necessidade de incorporação de novos saberes e competências que não estão disponíveis, *a priori*, no mundo religioso. A partir disso, a ruptura com a continuidade contextual tradicional religiosa promove transformações na percepção que esses atores têm da religiosidade. Concomitantemente, a adesão à religiosidade também produz uma ruptura no contexto de vida dos indivíduos das periferias das grandes cidades, promovendo um novo ciclo de reflexividade e produzindo mudanças no mundo da vida.

Palavras-chave: reflexividade; evangélicos; classes populares; pragmatismo; realismo crítico

ABSTRACT

It's possible to realize the expansion of evangelical religiosity by the census numbers as well by its huge capacity of mobilization and transformation on the lifeworld. The participation of self-denominated evangelicals in the national politics is remarkable. The Evangelical Parliamentary Front became one of the main forces in Brazil's Parliament and democratic governability depends on their support. This presence assured them a privileged place on main public debates as gay marriage, criminalization of homophobia, abortion and drug's decriminalization. The conflicts with LGBT community and feminist movement increased and a consensus seems far away. Furthermore, many researches are indicating the importance of evangelical religiosity in the process of social ascension in Brazil and its role in the development of an "entrepreneurship mentality" in the poor suburbs of big cities. The main goal of this study is to understand this scenario by analysing the reflexivity of these actors, specially from Universal Church, taken here as our case study. The study of this "evangelical reflexivity" comprehends the judgement and evaluation of the actors about three chosen topics (politics, entrepreneurship and gender), as well as the elaboration of existential projects and the internal conversations they made to think the viability of their plan of actions in relation to the objective conditions in which they find themselves. Through the analysis of these internal conversation, we will try to understand how these actors build their perception about the self and the world and the importance they attribute to the religiosity in this process. The main hypothesis of this work is that the exposition and the necessity of participation in several "worlds of action" constitutes an increasing exigence of reflexivity by evangelicals, requiring the incorporation of new knowledges and competences which are not a priori available in the religious world. So, the split with the traditional religious contextual continuity promotes transformations on the way these actors face religiosity. Concomitantly, the adhesion to the religiosity also produces a split in the individuals life contexts, promoting a new reflexive cycle and producing changes on the lifeworld.

Key-words: reflexivity, evangelicals, pragmatism; lower classes and critical realism

SUMÁRIO

Introdução..... 13

Parte I *Do momento crítico ao momento reflexivo: a reflexividade estratégica*

Capítulo 1 Partido Republicano Brasileiro e Igreja Universal: aproximações e
controvérsias..... 46

Capítulo 2 - Da Igreja para o partido: a transição entre dois mundos de ação..... 86

Capítulo 3. A produção da política no Partido Republicano Brasileiro: formação, mobilização
e julgamentos.....102

Capítulo 4. A luta contra as drogas dos republicanos e seu esforço de ocultação do
pertencimento religioso.....127

Capítulo 5 - A política pela religião e a religião pela política158

Capítulo 6 .“Vem pra Rua”: manifestações no espaço público e a cidadania
evangélica.....171

Capítulo 7. Conservador: ser ou não ser?181

Parte II Empresa do self e reflexividade na teologia da prosperidade.....	202
Capítulo 8. As conversações internas dos empreendedores e os projetos de vida.....	216
Capítulo 9. A mudança do eu e das formas de pensamento	230
Capítulo 10. Trabalhador ou empresário? Críticas em torno da noção de trabalho no Brasil.....	240
Capítulo 11. A formação de empreendedores evangélicos: competências em distintos mundos de ação	252
Capítulo 12. A vontade de saber: os empreendedores em sala de aula.....	268
Parte III Metarreflexividade: conversas internas entre corpo, alma, espírito.....	295
Capítulo 13. Os desafios do IntelliMen: reflexividade interna e o domínio de si.....	303
Capítulo 14 – A monitoração da masculinidade: a performance contínua do homem.....	312
Capítulo 15: A transformação nas relações íntimas e a reação Intellimen	326
Capítulo 16 – Analisando as conversações internas e a transformação do self.....	338
Conclusão.....	365
Bibliografia	375

Introdução

A participação da religião na esfera pública e a construção dessa presença enquanto problema pode ser percebida em diversos debates na sociedade brasileira. Temas como, por exemplo, casamento gay, criminalização da homofobia, aborto, descriminalização das drogas, entre muitos outros, tem destacada participação de atores assumidamente religiosos nas mais diversas instâncias: debates públicos, parlamento, mídia, redes sociais, etc. Pastores evangélicos são convidados regularmente pela mídia para debater os mais variados assuntos, de sexualidade à política. A Bancada Evangélica, frente parlamentar que reúne 92 deputados evangélicos, tornou-se não apenas uma das maiores forças políticas do país nos últimos pleitos, mas também tema recorrente nas conversas de boa parte da população. Os últimos quatro anos da arena pública brasileira concentraram uma exposição, talvez, jamais vista antes de atores religiosos e de debates promovidos por eles, ou em torno deles.

Durante sua passagem, em 2013, pela, até então, “desconhecida” Comissão Nacional de Direitos Humanos, o deputado Marcos Feliciano (PSC-SP) conseguiu atrair uma atenção enorme à pasta, por conta de seu posicionamento contra os grupos LGBTs e religiões de matriz afro, até ter a sua saída anunciada após muita pressão de movimentos sociais. A Bancada Evangélica no Congresso Nacional tornou-se um tema recorrente no país, graças à força política que o grupo angariou e a seu posicionamento incisivo contra temas que visam “destruir a família tradicional”, ou atentem contra a “moralidade do brasileiro”. De acordo com Mariano (2011), tal crescimento dos evangélicos na política ocorre substancialmente no processo da Constituinte, em que grupos religiosos pentecostais participaram ativamente a fim de impedir uma suposta tentativa católica de buscar aumentar privilégios junto ao Estado brasileiro.

Essa participação em diversos temas e instâncias vem sendo problematizada pela sociologia e antropologia, que buscaram compreender a ascensão desse grupo e suas implicações, produzindo, em muitos casos, críticas aos desdobramentos da participação evangélica na sociedade brasileira. A mídia também teve importante papel na divulgação desse fenômeno e, conseqüentemente, em sua problematização, uma vez que além da produção de conteúdo sobre o tema, também abriu espaço em programas de televisão para determinados representantes religiosos¹ expressarem suas posições. Nos últimos anos, é possível perceber

¹É importante ressaltar que os bispos e pastores “midiáticos” não representam necessariamente a maior parte da população evangélica, mas são convidados por conta de suas posições “polêmicas”, o que implica, em muitos casos, em maiores índices de audiência para a televisão, ou “page views” para sites da Internet.

uma grande produção crítica da sociedade civil em relação aos desdobramentos da ascensão evangélica como, por exemplo, movimento LGBT, feministas, “movimento negro” (capitaneando denúncias feitas pelas religiões afro). Além disso, os próprios evangélicos (praticamente 25% da população) tem produzido reflexões acerca de si e do papel da religião no Brasil. Enfim, a questão da presença evangélica perpassa diversos debates no país.

Em 2012, na cidade de São Paulo, a eleição municipal teve, durante o primeiro turno, o foco centrado na discussão em torno da laicidade, uma vez que o então candidato Celso Russomano (PRB-SP) era acusado pela mídia e pelas outras candidaturas de pertencer a um partido ligado à Igreja Universal do Reino de Deus e representar os interesses dessa instituição. A presença indevida, para certos setores sociais, da religião na política foi mobilizada durante uma boa parte da corrida eleitoral e culminou com a inesperada queda de Russomano para um terceiro lugar, após ter liderado boa parte nas pesquisas de intenção de voto. Nas eleições de 2014, foi a vez do estado do Rio de Janeiro vivenciar um debate pautado na questão da laicidade. A candidatura de Marcelo Crivella (PRB-RJ), sobrinho de Edir Macedo e bispo licenciado da IURD, sofreu intensos ataques pelo então candidato e atual governador Pezão (PMDB-RJ), por conta de sua ligação com a Universal. Durante o segundo turno, a religião foi o grande mote da campanha dos dois candidatos. Pezão afirmava que Crivella era “testa de ferro” de seu tio e que sua candidatura visava somente atender aos interesses da IURD, colocando, em risco o princípio de laicidade, a administração do estado e até mesmo outras religiões que poderiam ser vitimadas pela primazia da Universal em um eventual mandato do candidato do PRB.

A campanha de Pezão chegou até mesmo a contar com a participação do Apóstolo Valdemiro Santiago, líder da Igreja Mundial do Poder de Deus e desafeto de Edir Macedo. Nos depoimentos, Santiago pedia votos para Pezão, afirmando que não queria perder “a liberdade de pregar o Evangelho nesse estado, pois querem me privar disso”. Além disso, a campanha televisiva de Pezão exibiu na íntegra o famoso vídeo de Edir Macedo “ensinando a pedir dinheiro dos fiéis”, veiculado originalmente em reportagem do Jornal Nacional, da TV Globo, nos anos 90. De sua parte, Crivella afirmou ser vítima de intolerância religiosa e não misturar política com religião, “ao contrário de Pezão que trouxe líderes religiosos para sua campanha”. Em debate promovido pela Revista Veja, o tema religião e política dominou completamente um dos três blocos e contou com a presença de Silas Malafaia, que apoiava publicamente o candidato do PMDB. No último debate, realizado pela Globo, Pezão chegou a chamar seu rival, de forma irônica, de Bispo Crivella e foi acusado pelo candidato do PRB de pregar o ódio e o

desrespeito.

Em 2015, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), membro da neopentecostal Igreja Sara Nossa Terra, foi eleito presidente da Câmara dos Deputados e, tão logo tomou posse, afirmou que enquanto estivesse no cargo, temas como união homossexual e aborto só passariam por cima de seu cadáver. O deputado também atraiu muita atenção da mídia e foi assunto recorrente nas redes sociais após a realização de culto religioso dentro da Câmara.

Frente a esse complexo cenário de expansão evangélica nas mais diversas instâncias da vida social brasileira, uma instituição se destaca: a Igreja Universal do Reino de Deus. Apesar de não ser a mais numerosa, fica apenas em 4º lugar de acordo com o último Censo, com 1,8 milhão de fiéis, os atores da Universal têm participação relevante em diversos debates na cena pública brasileira tais como, por exemplo, combate às drogas, laicidade, aborto, empreendedorismo econômico, intolerância religiosa, questões de gênero, feminismo, política cultural, entre muitos outros. Assim como uma notória produção crítica acerca dos temas acima e da própria presença deles nas arenas que envolvem esses temas. Não se trata aqui de afirmar que os agentes sociais de outras instituições não tenham lugar nesses processos, mas aqueles ligados à Igreja Universal parecem, no que tange ao problema a ser construído por essa pesquisa, mais significativos.

Para compreendermos essa preponderância, precisamos discutir brevemente a transformação que a Universal vem passando nos últimos vinte anos. Durante os anos 90, a instituição foi alvo de uma série de reportagens denunciatórias acerca de suas práticas consideradas “mercantilistas” e abusivas com relação aos fiéis, retratados, muitas vezes, como “alienados”, “semianalfabetos”, enfim, “pessoas frágeis” e “manipuláveis” por lideranças religiosas que se “aproveitariam” dessa fragilidade e promoveriam uma “exploração da fé”. É possível afirmar que essa visão era imperante não apenas nos principais veículos de mídia do país, mas também em parte das análises sociológicas e antropológicas no país. Segundo Giumbelli (2002), houve um intenso diálogo entre pesquisadores e jornalistas em reportagens sobre a Universal, o que acabou popularizando o termo “neopentecostalismo” para explicar as práticas da instituição. A abordagem da literatura dos anos 90 (Prandi, 1995; Pierucci, 1997) focou a questão do “mercado da fé”, em que a relação entre fiéis e pastores era percebida como uma interação entre “consumidores” que buscavam soluções mágicas para seus problemas, oferecidas por “mercadores da fé” em um grande “supermercado da fé”.

Entretanto, não se trata de uma visão consensual no meio acadêmico, uma vez que

trabalhos como o de Mariz (1995) criticam essa perspectiva. Outros autores (Freston, 1996 e Oro, 1996) tentaram definir diferenças entre as práticas do pentecostalismo e do neopentecostalismo, enfatizando o uso dos meios de comunicação e uma linguagem mais “agressiva”. É importante frisar que, já naquela época, a literatura acadêmica refletia acerca da participação política dos evangélicos (Pierucci e Mariano, 1992; Pierucci e Prandi, 1996), mas sem o destaque que esse problema tem agora, pois, evidentemente, a participação desses atores não era tão considerável quanto hoje. Para além dessas questões, a literatura tratou das práticas religiosas da Igreja Universal, como a figura do demônio e a presença de elementos oriundos das religiões afro-brasileiras (Almeida, 2009). Outros como Oro (2004) e Mafra (2000) buscaram compreender o processo de transnacionalização da IURD e sua atuação em outros países. Já Giumbelli (2002) realizou análise sobre os processos jurídicos envolvendo a Universal.

Independentemente de concordar com as perspectivas acima, é interessante perceber como boa parte da produção compartilhava de uma orientação comum: a inquietação acerca das práticas envolvendo ofertas de dízimo e promessas dos pastores. Pensando a partir de Cohen (2013), as ciências sociais são influenciadas pelos problemas e debates de sua época, o que ajuda a explicar como a literatura passou a retratar a Universal de forma diferente. Dos cultos em que pastores pediam dinheiro à participação na política é o que indicam os trabalhos de Freston (2000), Oro (2003), Novaes (2002), Mariano (2000). Esse deslocamento não ocorre apenas pela influência de obras que marcaram essa área do conhecimento, tal como o trabalho de José Casanova (1994) acerca da participação das religiões na esfera pública no mundo moderno, mas da própria participação crescente da religião em alguns contextos nacionais, caso do Brasil, ou da constatação de sua presença ainda relevante no contexto pós-secular europeu.

No contexto brasileiro, os evangélicos engrossaram as fileiras de diversos partidos políticos e vem aumentando sua presença no Congresso Nacional a cada eleição. Conseqüentemente, esses atores passam a interagir com outros grupos (militantes LGBTs, militantes afro, feministas, antiproibicionistas) no debate em torno de diversas questões tais como, por exemplo, direitos reprodutivos, política de drogas, questões de gênero, etc. Essa nova inserção promove uma mudança na reflexão das ciências sociais e, dessa forma, boa parte dos trabalhos pós década de 2000, passa a problematizar a participação dos evangélicos na política, ou os conflitos desses com outros atores, em diversas controvérsias.

Esse processo também abrange a Igreja Universal. Após os conturbados anos 90, a

instituição ganhou destaque pela construção de grandes catedrais em todo país, conforme aponta Gomes (2007) e também pelo desenvolvimento de seu poderio econômico e midiático (Almeida, 2013). A Igreja passa a ser alvo de denúncia por parte de diversos atores acerca de sua ligação com o Partido Republicano Brasileiro (PRB), considerado pela mídia e por outros setores políticos como o “braço da Universal no Congresso”. Concomitantemente, a igreja passa a promover iniciativas consideradas, por seus agentes, como “não-religiosas”, casos do *The Love School* que visa ensinar estratégias para o sucesso do casamento; *IntelliMen* que tem como objetivo formar homens melhores e seu correlato feminino, o *Godlywood*. Percebe-se também a formação de arenas (Dodier, 1993) em torno da vida econômica e estrutura social brasileira por meio do desenvolvimento de cultos e oficinas voltadas aos empreendedores. Dessa forma, expandiram-se as possibilidades de discussão e problematização da vida social, com a promoção de extensos *processos de reflexividade* em torno de inúmeras questões, de si e dos outros. Isso não significa que eles não existiam antes, mas sim que a sistematização promovida pelos atores, assim como o aumento de situações de *copresença* (Goffman, 2012), tornaram-nos mais facilmente observável aos olhos dos pesquisadores e mesmo de outros atores sociais.

Isso posto, como essa expansão evangélica e a transformação de práticas e rituais da IURD constituem-se em um problema para o trabalho? Para responder a essa questão, precisamos analisar esse fenômeno à luz do “imperativo reflexivo”. A modernidade e suas principais características (capitalismo industrial, processo individualizatório, diferenciação social e avanço científico) promoveram profundo impacto nas formas tradicionais de vida (Beck, Giddens, Lash, 1997). Apesar de não terem eliminado completamente as tradições, a modernidade minou suas forças na orientação da vida dos indivíduos, os quais encontram-se cada vez mais como responsáveis pela construção de suas próprias biografias (Giddens, 2002). Archer (2011) afirma que mesmo preocupações tradicionais não conseguem escapar da necessidade da reflexividade. Para Ulrich Beck (2011), a sociedade industrial, caracterizada por sua divisão de classes e produção de bens, deu lugar à sociedade de risco, com a produção de novos riscos, muitas vezes impossíveis de prever, que afetam a humanidade em escala global. A própria modernidade produziu diversos desses riscos como, por exemplo, destruição ecológica, crises financeiras, uso de pesticidas, tecnologia nuclear, etc. A ciência e a tecnologia ficam encarregadas de realizar uma gestão dos riscos, mas as inovações científicas produzem novos riscos e, muitas vezes, não conseguem prevê-los. Dessa forma, segundo o autor, a sociedade, a economia e a vida pessoal são agora organizados pela questão do risco e sua gestão.

De acordo com Beck, o problema da divisão de riquezas² dá lugar ao partilhamento dos riscos na modernidade. Esse cenário mais “caótico” e problemático leva a uma maior participação dos atores sociais, com seu engajamento em relação aos riscos produzidos ou em vias de se produzir.

Para Archer (2011), os atores apresentam uma dependência cada vez mais ampliada da reflexividade, de seus poderes pessoais, concomitante ao declínio da socialização, uma vez que a exigência contemporânea parece rejeitar as rotinizações. A religião, comumente associada a um contexto tradicional, também não foge dessa condição. O avanço da secularização fez com que a tradição religiosa perdesse seu monopólio, sendo obrigada a se colocar no mercado para indivíduos que não são mais obrigados a comprar (Berger, 1985). Nisso, os produtores de bens religiosos passam a repensar e a refletir sobre os conteúdos e rituais que serão apresentados no mercado. Evidentemente que a reflexividade sempre existiu, pois se trata de uma condição humana (Giddens, 2009; Archer, 2011). Porém, o nível de reflexividade exigido dos religiosos aumentou consideravelmente. O protestantismo ascético exigia uma forte automonitoração dos indivíduos com relação à ação no mundo (Weber, 2004), o que em si já é um aumento de reflexividade com relação ao cotidiano, uma vez que o hábito passa a ser problematizado pelo sujeito. No atual cenário, em que grupos evangélicos participam ativamente da política, ocupando cargos públicos, sendo criticados por diversos atores sociais e mídia, ocupando o espaço público em manifestações, oferecendo oficinas de autoajuda a pessoas das mais distintas formações religiosas, a reflexividade é o “x da questão”.

A interação com outros grupos e outros atores, assim como sua inserção em locais e atividades que pressupõem um caráter laico, a justificção com relação à sua presença considerada indevida, a necessidade de buscar outros saberes e métodos baseados não mais na tradição religiosa, tudo isso passa a ser encampado pela reflexividade. Parece-nos que nunca antes os evangélicos tiveram tamanha exigência de reflexividade para pensar inúmeras questões, já que passam a participar de outros projetos, a refletir sobre si próprios e ao conteúdo de suas pregações e as formas de direcionamento espiritual. Dessa forma, compreender a participação crescente desses atores no cenário brasileiro passa pela compreensão de seus julgamentos e críticas com relação a diversas questões e situações, assim como a reflexão que empreendem em torno dessa própria participação e o aprendizado reflexivo a partir dessa

² Em obras posteriores, Beck retoma a importância da questão econômica e indica que a produção de riscos por parte do mercado implica crises financeiras que afetarão os mais pobres de forma muito mais incisiva.

experiência, além da reflexão em torno de si mesmo e da religiosidade para a construção de seus projetos pessoais e avaliação das condições em que vivem. A atenção dispensada à reflexividade permite-nos mostrar como esses atores se preocupam com relação às formas discursivas que empreendem em suas interações, a maneira como se portam e se vestem e como julgam necessário a aquisição de outros conhecimentos e referenciais.

Sendo assim, a reflexividade evangélica é consequência e condição de sua maior participação na sociedade brasileira e na esfera governamental. Logo, a tese buscará compreender, por meio dos atores da Universal, como os evangélicos produzem noções acerca de vários temas relevantes no debate público brasileiro, como pensam sua participação nessas arenas e, de forma mais ampla, como se constroem reflexivamente enquanto evangélicos, homens, cidadãos e empreendedores. Dessa forma, o interesse é destacar as competências reflexivas dos atores evangélicos para compreender tanto a produção de si quanto a participação desses agentes na promoção de mudanças no mundo da vida.

Porém, a antropologia/sociologia precisa ter acesso a essa produção dos atores a fim de que possa estudar um determinado fenômeno. Sabe-se, por exemplo, que um líder evangélico profere discursos com relação a determinados grupos sociais e que participa de um partido político. Porém, como essas interações ocorrem na prática? Qual é a contribuição e perspectiva dos fiéis sobre isso? Como a política, o gênero e a crítica social são construídas na visão dos atores evangélicos? A presença de dispositivos mais sistemáticos na Universal permite ao cientista social ter acesso às micro-interações entre os atores, às situações de discordância entre eles, de prova em torno de uma questão, ou de classificação e julgamento, permitindo uma melhor compreensão desses fenômenos.

Por isso, a Igreja Universal destaca-se como estudo de caso, uma vez que garante a existência, em seus espaços ou fora deles, de sequências de situações (visíveis ao cientista social) que levam os atores a realizar críticas e classificações em torno de inúmeras questões relevantes para os estudos antropológicos e sociológicos. Para exemplificar nossa justificativa, tomemos como exemplo uma Igreja evangélica qualquer em que haja discussões sobre gênero. Dificilmente haverá um dispositivo como o IntelliMen da Universal que permite ao pesquisador ter acesso às classificações e julgamentos dos atores em escala tão larga, ficando mais limitado aos discursos dos líderes. Evidentemente, tomar os agentes da Universal como objeto para compreender a expansão evangélica é uma estratégia dessa pesquisa, que não visa inviabilizar estudos relacionados a outras instituições, mas sim compreende que a pluralidade de projetos

da Universal, bem como a relevância da instituição no próprio cenário evangélico, e sua ampla inserção no cenário brasileiro garantem um espaço privilegiado para observação etnográfica.

Durante o trabalho de campo, foram realizadas mais de cem visitas a templos da Universal, notadamente nos Cenáculos da Vila Mariana, João Dias, Brás e no Templo de Salomão. O acompanhamento etnográfico de diversos cultos, reuniões especiais do Força Jovem Universal, manifestações de rua organizadas pela Igreja, do projeto IntelliMen, indicou alguns temas que, embora não necessariamente aparentes à primeira vista, estavam presentes de forma regular e considerável no discursos dos atores. São eles, política, empreendedorismo econômico e crítica social e questões de gênero.

Essa constatação acabou por promover uma mudança no trabalho de campo, ampliando-o para a Câmara Municipal de São Paulo, Assembleia Legislativa, Partido Republicano Brasileiro, Câmara dos Deputados em Brasília; Fundação Ler e Escrever da Universal, postos do SEBRAE, etc. A inserção em campo privilegiada deu-se justamente por esse deslocamento da Igreja a diversos outros locais, privilegiando situações públicas como, por exemplo, sessões na Câmara Municipal, manifestações e mesmo cursos de gestão oferecidos pela Fundação Ler e Escrever, ou de formação política do Partido Republicano Brasileiro. Dessa forma, para evitar problemas com meus interlocutores, priorizei eventos que não limitavam a entrada, sendo aberto a todos. Outro ponto fundamental para a realização do trabalho foi a amizade com Nelson, obreiro da IURD e militante do PRB, que permitiu minha circulação em diversos eventos partidários e da Força Jovem Universal. Evidentemente, não pude ter acesso a reuniões privadas que mostravam, por exemplo, formação de lideranças, etc.

Portanto, a tese delimita três grandes temáticas (política, empreendedorismo e crítica social e gênero) nas quais os atores vão produzir classificações, críticas, consensos, julgamentos, etc. Por meio de cada uma delas, observaremos como os atores evangélicos comportam-se frente a questões relevantes no cenário social brasileiro e como constroem projetos existenciais, refletindo acerca de condições objetivas como posição social, e como, por meio deles, reproduzem ou transformam características da estrutura social e do sistema cultural.

No que tange ao processo político, abordaremos a produção crítica dos atores face a distintos dispositivos relacionados à política, apreendendo o trabalho de classificação dos agentes em relação ao jogo político, democracia, estrutura partidária, representação, políticas públicas, papel do Estado, etc. De certa forma, a tese apresentará como os atores ligados à Universal e, em alguns casos a outras instituições evangélicas, compreendem a política e a

democracia, a participação evangélica no processo democrático e a relação entre política e religião, público e privado. Além disso, por meio da abordagem etnográfica tentaremos reconstruir os processos pelos quais os atores constroem essas noções e a própria política brasileira, uma vez que eles também a compõem.

Para tanto, foram realizadas uma série de atividades etnográficas dentro do Partido Republicano Brasileiro (PRB), com entrevistas de lideranças, acompanhamento de cursos de formação política, reuniões internas, manifestações públicas organizadas pelo partido, eventos públicos na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo e na Câmara Municipal. Nesse eixo, buscaremos compreender a dinâmica do trânsito entre PRB e Universal, não para acusar uma suposta presença ilegítima, uma vez que a pesquisa não compreende ser esse o seu papel, mas sim para entender a relevância do projeto político para esses atores e como se dá esse trânsito de um polo para outro (Universal - PRB) e, talvez, mais importante, como eles percebem esse processo. Os dados levantados parecem indicar uma hipótese interessante: os atores produzem, a partir da perspectiva política, uma leitura do religioso e por meio da religião, um trabalho normativo em relação à política.

Muitos agentes envolvidos na política partidária brasileira, tecem críticas à Igreja Universal ou a grupos evangélicos, tentando definir sua forma de atuação, inclusive representantes e militantes do PRB produzem definições acerca de fiéis de outras denominações. Além disso, os atores que se identificam como religiosos também constroem definições sobre o político, por meio da classificação de ideologias, partidos e representantes. Logo, um dos principais objetivos da tese é compreender não só a extensão da presença do PRB no Estado, mas sim como atores evangélicos participam do processo político, produzindo a própria política brasileira por meio da construção de consensos e dissensos.

A presença de atores sem vínculo com a IURD dentro do Partido Republicano Brasileiro implica a existência de projetos múltiplos dentro da sigla e, muitas vezes, conflitantes. A produção crítica desses atores em torno de diversas situações de disputa será igualmente abordada, assim como a tentativa do PRB se “laicizar” de acordo com um de seus coordenadores e as dificuldades desse processo por conta da presença de agentes ligados a instituições religiosas dentro do partido. Dessa forma, a questão da laicidade é extremamente operacionalizada pelos participantes para classificar situações, julgar outros atores, justificar sua presença, etc. Algumas situações serão privilegiadas para termos acesso ao trabalho de classificação dos atores como, por exemplo, os processos eleitorais de 2012, 2014 e 2016. Nos

dois primeiros, a presença de candidatos do PRB suscitou um forte debate na sociedade brasileira, com a presença de um discurso que associava o partido à Igreja Universal e a seu “plano de poder privado”, denunciando, na visão de seus detratores, um abuso ao Estado laico.

O trabalho de campo mais recente indica que o partido está tentando trazer elementos neutros, ou de outras denominações religiosas para tentar constituir uma candidatura “laica”, segundo definição própria dos agentes, agregando jovens da periferia ao PRB, nas coordenadorias de bairros, por meio de estímulo a projetos ligados à cultura *Hip Hop* e esportes. Além disso, a eleição de vereadores sem conexão com a IURD é encarada como fundamental para o sucesso da estratégia traçada para o processo eleitoral de 2016.

Com relação à segunda temática da tese, o empreendedorismo e a crítica social, o processo etnográfico revelou uma forte presença de discursos em torno da noção de empreendedorismo e a presença de uma série de mecanismos dentro da instituição para promover uma “cultura empreendedora”, com cursos de formação em Gestão de Empresas, reunião de empresários visionários, produção de líderes, etc. Bispos e pastores afirmam constantemente que não é por meio do emprego formal, relacionado por eles à “miséria, exploração e humilhação”, que o homem encontrará sua “realização plena”, “liberdade e autonomia financeira”, mas sim pelo próprio negócio. Não raras são as vezes em que os atores denominam a Universal como uma “faculdade da fé” para aprender a usar a fé e atingir objetivos financeiros, relatando que aprenderam mais com as palestras ministradas na IURD do que em cursos universitários. A importância do discurso do “empreendedor vencedor” parece ser reatualizada constantemente por meio de narrativas de sucesso, seja em formas de testemunho de fiéis, ou pelos discursos de bispos e pastores em que o fiel é colocado como um guerreiro para vencer obstáculos e desafios do mercado e realizar o plano de sucesso arquitetado por Deus.

Entretanto, como essa temática constitui-se também como um objeto à tese? Como ela está relacionada à questão da expansão evangélica? Primeiramente, devemos fazer uma breve digressão a fim de compreender. De acordo com Souza (2012), o último processo de modernização capitalista produziu um rearranjo nas relações do mundo do trabalho, marcando o fim do fordismo e o início de uma nova forma produtiva estruturada na flexibilidade do capital financeiro. A etapa também é denominada de terceiro espírito do capitalismo (Boltanski e Chiapello, 2009). Esse processo foi responsável pelo aumento do desemprego em diversos setores, por conta do aumento da produtividade do trabalhador que “incorpora o espírito da

empresa”, precarizando ainda mais as relações trabalhistas já precárias em um contexto de modernização periférica (Souza, 2003). Nesse cenário, emerge uma nova classe social, que alguns analistas denominaram como classe C, ou “nova classe média”. Jessé de Souza os define como “batalhadores”³, cuja característica principal é o “ethos” do trabalho duro, suportando jornadas de trabalho extenuantes, e uma organização familiar forte e estruturada, permitindo a seus membros uma racionalização do futuro, não ficando preso apenas às necessidades materiais do presente, como a ralé⁴. Esses brasileiros conseguiram, segundo o autor, mesmo com o abandono do Estado e a existência de um liberalismo nacional predatório, fugir da situação de miséria e construir uma vida melhor para si e seus filhos.

Durante o período que compreende 2003 a 2014, esses brasileiros passaram a representar 58% da população do país, marcando um período histórico de ascensão social. De acordo com Souza (2012), esse processo que tirou milhões de brasileiros da pobreza pode ser explicado pela política econômica e social do governo Lula e também pela religiosidade evangélica, presente em uma boa parcela dessa nova classe. Segundo o autor, as religiões pentecostais garantiriam maior autoestima aos fiéis, outrora abandonados, e uma disciplinarização da vida, com planejamento racional do tempo, garantindo maiores possibilidades de escolarização e de ordenamento da vida cotidiana. Além disso, essa religiosidade também fortaleceria o núcleo familiar, minimizando problemas como alcoolismo e conflitos interpessoais, o que garante um ambiente mais estável para a realização de um “plano de vida”, diferentemente da ralé, que tem como característica a incapacidade de racionalização do futuro e família monoparental.

Dessa forma, Souza (2012) aponta que um dos principais motivos para o processo de ascensão social no governo Lula é a religiosidade evangélica. Em 2017, em pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo, pesquisadores apontaram que moradores de periferias, na maior parte evangélicos, de São Paulo tinham uma percepção mais liberal de economia e enxergavam no empreendedorismo um objetivo de vida e uma possibilidade de ascensão social por méritos próprios. Acredito que não dispomos de dados para mensurar a participação das religiosidades evangélicas no processo de ascensão social (considerando que muitas das pessoas que ascenderam socialmente atribuem sua melhora de vida à religião), tampouco parece-me

³ O autor refere-se aos brasileiros pertencentes à nova classe trabalhadora, também conhecida como “nova classe média” ou classe C, como “batalhadores”.

⁴ O autor usa o termo ralé, de forma provocativa, para denunciar a situação dos miseráveis brasileiros.

interessante definir essas pessoas como “liberais”. Em minha visão, o que ambas as pesquisas indicam é que há uma mudança no “sistema cultural”⁵ brasileiro, impulsionada pelos evangélicos, com relação à percepção da pobreza, das diferenças sociais e do sistema econômico. A partir disso, torna-se necessário compreender como esses atores constroem projetos existenciais em relação a seu contexto social e os julgamentos e avaliações em torno do mercado de trabalho e as condições de vida nas periferias.

De forma mais ampla, por meio da análise do empreendedorismo social no seio da IURD, pretendemos analisar como os evangélicos tecem críticas ao capitalismo contemporâneo e tentam se adequar à atual lógica do sistema econômico. A pesquisa realizou profundo trabalho de campo nos cursos de formação da Universal, assim como em seus eventos para empresários, conversando com fiéis, pastores e bispos e participando de momentos que trazem uma série de situações a ser julgadas e classificadas pelos atores, permitindo a apreensão de seu fazer crítico em relação ao mercado/economia.

Ao contrário do que possa parecer à primeira vista, o discurso empreendedor dos atores da Universal não pode ser compreendido como simples adesão ao neoliberalismo, mas sim como crítica complexa em relação à economia e à ordem social, uma vez que o trabalho assalariado é considerado “exploração” e “humilhação”. Por outro lado, a superação dessa condição não se dá pela mudança no sistema econômico, segundo os atores, ou luta política, mas sim pela mudança na posição em que se ocupa (de funcionário a patrão). A tese irá focar a análise na forma como os atores encaram essa mudança de vida e suas impressões acerca do atual momento econômico, a fim de tentar entender como esse processo de ascensão social é refletido pelos agentes.

A escolha da terceira temática, relacionada ao gênero, parece até um pouco autoevidente, uma vez que alguns atores evangélicos têm ativa participação em debates sobre o tema, travando diversos conflitos com movimentos LGBTs e feministas, os quais identificam seus interlocutores religiosos como responsáveis pelo crescimento da homofobia e transfobia no país. De modo geral, os atores desses movimentos sociais consideram o avanço evangélico como “ascensão conservadora”, rotulando-os de fundamentalistas religiosos e contrários aos direitos de minorias. Pelos motivos já expostos, a questão do gênero constitui-se como um dos objetos desse estudo a fim de pensar o processo de expansão evangélica. Porém, como abordar esse fenômeno sem assumir *a priori* que os atores são “homofóbicos” ou “machistas”, limitando

⁵ Entendido aqui no sentido que Archer atribui às proposições sobre o estado do mundo.

a análise? Em nossa perspectiva, buscaremos compreender como os atores engajam-se em um regime de avaliação e crítica de pessoas, objetos e situações que concernem às questões de gênero e sexualidade.

A tese parte do pressuposto que se quisermos entender esse fenômeno, devemos nos atentar para a forma como os atores entendem e constroem seus julgamentos a respeito dessa temática. Isso não significa que não exista dominação ou opressão em relação a certas expressões de gênero, mas que no lugar de colocá-las como dado, preferimos apresentar como elas se constituem na interação entre os atores e como eles constroem a própria análise deles sobre diferenças entre sexo e papéis de gênero.

Para tanto, a tese voltou-se para o projeto IntelliMen, iniciativa da Universal para formar homens melhores, sendo eles ligados à Igreja ou não. A ideia central é tornar o homem mais polido e refinado, mais culto e aberto a aprender coisas novas, fiel à sua esposa, preocupado com a alimentação, higiene pessoal e aparência. Por meio de uma série de desafios que devem ser cumpridos semanalmente, totalizando 53, os agentes são incentivados a refletir sobre suas ações passadas (seu comportamento, sua atuação profissional, a forma de se portar com as mulheres) a fim de mudar a maneira de agir com relação a si próprio, com a parceira, familiares e filhos.

Enfim, uma forte monitoração reflexiva da ação (as atividades pedem que cada participante elenque suas características negativas) e a projeção de uma mudança para o futuro por meio da transformação do presente, com a correção dos “maus hábitos” e a adoção de novas práticas, sugeridas pelo material didático, ou de livre escolha pelo participante. Nesse processo, os atores são expostos a situações de julgamento e de definição acerca do que é o masculino e o feminino. Dessa forma, constroem sua masculinidade por meio de um estímulo à prática reflexiva e, nisso, passam a construir definições acerca da feminilidade e do que seria “natural” e “cultural” em ambos os gêneros. No processo de treinamento do IntelliMen, os atores são expostos a diversas situações para o julgamento/classificação e, nesse processo, as diferenças entre gêneros são constituídas e suas opiniões acerca do sexo oposto, homossexualidade, formas de se apresentar em público, relacionamento íntimo e sexualidade ficam aparentes ao pesquisador.

Portanto, trata-se de um mecanismo que torna visível o processo de construção normativa do gênero se torna um objeto privilegiado de observação. O trabalho de campo consistiu na realização dos desafios, análise do material disponibilizado pelo projeto,

observação participante das reuniões do grupo e entrevistas com os “IntelliMen”.

Essas três temáticas parecem interessantes para tentar compreender a reflexividade dos evangélicos em sua intersecção com diversos contextos sociais no Brasil, construindo julgamentos e críticas em torno de uma série de atores, objetos e situações e, conseqüentemente, realizando transformações no mundo da vida. Para nos auxiliar a compreender esse fenômeno, utilizaremos diferentes referenciais teóricos, concentrando-nos na sociologia pragmática francesa e no realismo crítico, uma vez que ambas as teorias contemplam o atual imperativo reflexivo da modernidade, ajudando-nos a “analisar o quadro” da reflexividade evangélica no Brasil. No próximo item, apresentaremos nossa proposta teórica, com uma discussão acerca da sociologia pragmática e do realismo.

1.2 Um novo olhar sobre o social: considerações sobre o pragmatismo

No que tange ao surgimento da sociologia pragmática francesa, a antropologia da ciência e da técnica, desenvolvidas por Bruno Latour e Michel Callon, é considerada como a precursora dessa corrente teórica, focando sua análise na produção do social por meio de situações de desentendimento entre os atores sociais. Os dois são extremamente influenciados por noções como rizoma de Deleuze e Guattari e a noção de dispositivo de Foucault. Em sua obra “A vida de Laboratório: a produção dos fatos científicos”, Latour, em conjunto com Wolgar, tem como objetivo uma análise etnográfica aprofundada do fazer científico, diferentemente da sociologia convencional que se valia de textos científicos, sem a observação do cotidiano do laboratório. Nesse processo, os autores abandonam a noção do “social” como fator explicativo, preferindo abordar como os atores constroem enunciados científicos e de que forma os cientistas produzem argumentos persuasivos para convencer seus pares. Segundo os autores, os cientistas esforçam-se para “apagar” tudo que é uma circunstância relativa temporal, ou seja, fatores históricos e/ou sociais, em processo chamado de estabilização do fato científico.

Nisso, o próprio enunciado constitui-se como um “objeto” pronto em si mesmo, com vida independente. Logo, a grande questão da obra é a negociação muitas vezes conflituosa entre os cientistas. A partir daí, as situações problemáticas, controvérsias, disputas entre atores passaram a se constituir como a principal fonte de análise dessa primeira fase da sociologia pragmática francesa, que é classificada por alguns autores como “sociologia da prova”. A análise da produção de provas passava pelos momentos de tensão e desacordo entre os atores,

momento em que o processo se tornava visível para o acompanhamento dos atores sociais. Na realidade, como Latour irá desenvolver em seus trabalhos posteriores, o social é feito nesses momentos problemáticos e também tornado visível por eles. Logo, a preocupação de toda a sociologia pragmática francesa gira em torno dessas situações de desacordo entre os atores, ou seja, o momento mesmo de redefinição e produção do social.

Dessa forma, a sociologia pragmática se interessa pelas “situações de conflito e dissenso” não apenas como opção metodológica, mas sim pelo fato dessas manifestações serem a própria construção do social e da realidade, tornando-se assim objetos privilegiados dessa corrente teórica. Sendo assim, o social deixa de ser um fator explicativo para os fenômenos e se torna o que deve ser analisado, por meio das situações em que se torna visível, sendo feito e desfeito pelos atores sociais.

No bojo da mudança proposta pela antropologia da ciência e da técnica de Latour, Callon e outros autores da *École de Mines*, Boltanski e Thevenot, à época no *Groupe de Sociologie Politique et Morale* da EHESS – *École des hautes études en sciences sociales*, propõe uma nova abordagem: como os atores sociais se justificam nesses momentos críticos, ou seja, como formam acordos em torno do valor de objetos, situações e pessoas. Segundo eles, não há um princípio metafísico único e caro a todos os atores que possa explicar suas ações, mas sim a mobilização de diversos valores morais nas situações de prova, a fim de justificarem suas posições. Boltanski ainda indica que os atores sociais são cada vez mais dotados de competência crítica para argumentação, ou seja, a diferença de capacidade de análise entre o cientista social e os “leigos” é cada vez menor.

A segunda onda pragmática começa a aparecer em meados dos anos 90 com autores como Chateauraynaud, Cefaï, Dodier, Lemieux, Trom, Barthe e ganha mais espaço com a produção acadêmica depois dos anos 2000. Apesar da produção do social pelos atores continuar sendo o grande objetivo, há uma diferença considerável nessa nova fase: a questão etnográfica. Se à princípio o pragmatismo interessava-se mais pela análise de discurso em momentos críticos, em sua atual versão passa a atribuir grande importância ao detalhamento etnográfico das ações sociais e as interações face a face. Isso não significa que questões macro envolvendo a política, ou o Estado não sejam contempladas. Afinal,

“o nível macro é considerado como o fruto de performances que são inteiramente observáveis empiricamente. Essa postura vale para racionalizações sociológicas, as quais, sob esse aspecto, não saberiam reivindicar nenhum privilégio: as ciências sociais merecem ser compreendidas e analisadas como contribuintes dos processos

pelas quais as sociedades se refletem e tomam posse de si mesmas” (Barthe, et ali, 2013)

Um exemplo significativo da importância da descrição é dado no artigo supracitado. Em uma crítica ao conceito dedutivo de habitus: ele tem um habitus burguês. Não se trata do habitus que é burguês, mas sim a ação de um agente que foi descrita como tendo um habitus burguês. O trabalho de Lemieux e Dodier portam grande importância em relação à questão da *reflexividade*, isto é, a capacidade dos atores de refletir, pensar criticamente suas ações e construir julgamentos e críticas a respeito do mundo. De acordo com Lemieux, haveria níveis de *reflexividade* distintos para cada situação, o que o autor denomina de gramáticas. Em cada uma delas, os atores mobilizam argumentos compatíveis à situação em que se encontram, ou seja, desde uma situação simples, praticamente naturalizada a questões públicas que envolvem formas mais complexas de argumentação e, por isso, maior *reflexividade* por parte dos atores.

O trabalho de Nicolas Dodier é o que apresenta maior contribuições para essa tese, principalmente, por meio de sua noção de dispositivo. Em seu primeiro livro, *L’expertise médicale* (1993), a medicina do trabalho é analisada por meio de um intenso trabalho etnográfico, influenciado sobretudo pela etnometodologia de Garfinkel. A opção pela escala micro permite perceber a agência dos médicos no fazer clínico, assim também como dos pacientes. A proposta de Dodier era pensar a medicina na sua prática cotidiana e não por um grande sistema explicatório que invariavelmente acabaria por desconsiderar as tensões e negociações da produção desse saber. Para sua empreitada, lançou mão do método de desagregação do ator coletivo, abandonando uma perspectiva de “mundo social”, isto é, a reificação de um grupo e sua “cultura” em um todo homogêneo para pensar “mundos de ação”, isto é, como os atores produziam conceitos e julgamentos em seu contato com diversos mundos, ou seja, seguindo os agentes em suas interações. Nesse trabalho, Nicolas Dodier apresenta seu conceito de dispositivo, que será retomado e problematizado por ele em suas obras futuras.

Na sequência de seu trabalho, o autor migra da sociologia da saúde para a questão da técnica. Em “L’homme et les machines”, Dodier apresenta o desenvolvimento da noção de “solidariedade técnica”, a fim de pensar as relações nas redes sociotécnicas, mas diferentemente de Latour e Callon, seu enfoque é nos operários de uma fábrica de parafusos, ou seja, aqueles que operam efetivamente as inovações e não seus produtores. A partir daí, o autor busca pensar a questão da responsabilidade nos incidentes de trabalho, uma vez que a técnica exige a culpabilidade, mas também a estimula por meio do incentivo à iniciativa. O aprofundamento

etnográfico e pautado na noção de regimes de ação permite perceber que diversas ações cotidianas dos operários não obedecem às regras estabelecidas pelos produtores, mas sim são negociadas e transformadas a cada instante de acordo com as necessidades que surgem no processo produtivo. Além disso, apresenta uma reflexão sobre como os operários constituem-se como pessoa “habilidosa”, “viril” a partir da técnica, o que denomina de “*ethos* da virtuosidade”. Nisso, os operários tentam se construir como autores, personalizando sua atividade.

Recentemente, o autor voltou-se à sociologia jurídica, pensando o processo penal como dispositivo. Nos trabalhos mais recentes, buscou analisar o trabalho normativo dos advogados (Dodier e Barbot, 2014) para pensar o lugar das vítimas no processo penal e também o trabalho normativo das vítimas de uma catástrofe de saúde pública face a um fundo de indenização (idem, 2015). A arena doutrinal do direito foi também problematizada com a disputa entre juristas para definição do lugar das vítimas no direito penal. No que tange a essa arena, os autores perceberam que há uma série de expectativas comuns quanto à objetividade do processo, mas os atores encontram-se em desacordo com relação às formas para atender esse pressuposto.

Já na audiência, os advogados das partes interessadas frisavam a questão da compaixão com as famílias das vítimas e a necessidade de objetividade para a justiça. Porém, o repertório normativo desses atores diferia com relação à posição que ocupavam no processo. Assim, os advogados dos acusados ressaltavam a necessidade de objetividade para a justiça, o que seria colocado em risco com a presença e fala das vítimas, enquanto que os advogados das famílias vitimadas afirmavam que a experiência das vítimas era justamente necessária para que o juiz compreendesse a dor dessas pessoas e chegasse a um veredicto correto. Essa variação de repertório conforme a posição no processo foi relatada por Dodier e Barbot como a “reflexividade estratégica”.

Nesses trabalhos mais recentes, o conceito de dispositivo foi elaborado com mais precisão por Dodier (2016). Essa noção vem sendo usada pelas ciências sociais desde 1980. Temos como exemplo, o trabalho de Michel Foucault acerca de dispositivos, a teoria ator-rede de Latour sobre os dispositivos de inscrição, isto é, o conjunto no qual uma entidade se esforça para incluir e estabilizar novos atores no jogo, permitindo a inspeção do olhar nas ciências e o dispositivo de interesse para observar como a repartição de forças opera em torno de uma inovação técnica, isto é, quais delas vão dar apoio e quais vão resistir (Callon e Latour, 1988).

De acordo com Dodier (2016), encontramos a noção de dispositivo também nos trabalhos da sociologia pragmática que compartilham a ideia de que cada ação pode ser considerada como uma combinação de formas de ação distintas. Para o autor, trata-se do caso dos trabalhos que usam a ideia de dispositivos de prova e “dispositivos compostos”, inspirados nos modelos de Cité de Boltanski e Thevenot, 1991, e Boltanski e Chiapello, 2009. Neles, a noção de dispositivo permite pensar como diferentes elementos de cada mundo de ação são agenciados e relacionados entre si. Isto posto, o que caracteriza um dispositivo? Nas palavras de Michel Foucault:

“um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos” (Foucault, 2000, p. 244).

De certa forma, a noção de dispositivo se aproxima de rede, entendida como uma cadeia complexa que engloba diversos elementos. Entretanto, apesar da influência foucaultiana para essa noção, a forma como a sociologia pragmática a utiliza, especialmente com Dodier, é diferente. Trata-se de pensar o dispositivo como uma cadeia de eventos destinados a qualificar ou transformar o estado de coisas, por intermédio de elementos como objetos, *scripts*, palavras e regras. Esses elementos contribuem para dar uma consistência ao dispositivo. Outra característica fundamental do dispositivo é o “constrangimento” ao qual ele submete os atores sociais, levando-os a agir (discursivamente ou não) quando participantes de um determinado dispositivo.

Essa ação face ao dispositivo é o que Dodier denomina como “trabalho normativo”, ou seja, os julgamentos ou avaliações que os indivíduos tecem a respeito de um dado estado de coisas. O trabalho normativo, nesse sentido, pode se dar com relação ao próprio dispositivo, ou algum de seus componentes, assim como em relação à conduta de outros indivíduos no dispositivo, julgando os outros e suas condutas em relação ao dispositivo. É justamente a normatividade, isto é as avaliações positivas ou negativas que os atores fazem em relação ao estado das coisas, que mais interessa a Dodier. Isso não significa que os atores dedicam-se somente aos cálculos imediatos que envolvem os dispositivos, pensados de uma lógica mais utilitarista, uma vez que as ideias que compõem o dispositivo podem ser mobilizadas e refletidas pelos atores.

Outra característica do dispositivo é a função atribuída a ele. Um curso de formação de empreendedores, por exemplo, pode ser encarado como um dispositivo que tem uma dupla função: para os atores uma forma de apreender técnicas e julgar possibilidades administrativas e para o cientista social uma arena que permite compreender como essas pessoas pensam o mercado, relações trabalhistas, formas de construir um empreendimento, cálculo econômico, etc. Assim, a atribuição de uma finalidade pode variar. Entretanto, a atribuição de uma finalidade ao dispositivo teria um viés extremamente foucaultiano (pensando a partir da função estratégica que Foucault estabelece em torno do dispositivo de sexualidade, por exemplo), o que leva Dodier a preferir restringir a definição de finalidade àquela dada pelos atores sociais em seu trabalho normativo.

Portanto, pretendemos pensar os diferentes dispositivos aos quais os atores da Universal são confrontados e seu respectivo trabalho normativo em cada um deles, a fim de compreender como julgam e classificam o mundo, construindo-o nesse processo. Além disso, buscaremos refletir sobre os repertórios normativos que compõem a base comum dos agentes da Universal, por meio da análise de suas ações nos diferentes dispositivos. Dessa forma, poderemos tentar compreender qual é a base de valores e formas de julgamento que estruturam o trabalho normativo dos evangélicos e como eles mobilizam essas referências reflexivamente de acordo com sua posição no dispositivo e na arena em que o dispositivo está inserido. Logo, trata-se de um aporte teórico que permite pensar a participação dos evangélicos em diversas instâncias, apreendendo seu trabalho de julgamento e classificação do estado de coisas e as bases que compõem a sua competência de ação.

O trabalho de Francis Chateauraynaud sobre a construção da responsabilidade (*La Faute Professionnelle, 1991*) e, posteriormente, sobre o processo de estabelecimento do real (*Experts et Faussaires, 1995*) realizado pelos autores, também será utilizado pela tese. Os atores atribuem responsabilidades ao enfrentar uma série de situações como, por exemplo, quando a filiação de membros do PRB à Igreja Universal é revelada e, com isso, instaura-se um dispositivo para atribuição da responsabilidade. Da mesma forma, interessa à pesquisa compreender como em determinados “momentos críticos”, os atores tentam restabelecer a realidade do mundo. Nisso, podemos perceber quais princípios de realidade os atores expressam e como os atores empreendem, efetivamente, a construção de mundos dotados de sentidos e realidades.

1.3 Realismo crítico e a reflexividade interna

O realismo crítico, corrente de pensamento na filosofia e ciências humanas, tem sua origem na obra de Roy Bhaskar, filósofo britânico, cujo principal trabalho *A realist theory of Science* ressalta a necessidade de uma ontologia na ciência. Segundo Bhaskar, as ciências em geral, influenciadas pelo positivismo de Hume, acreditam que o trabalho epistemológico científico é a própria realidade, ou seja, que os experimentos são o real em si. Entretanto, se a ciência busca estabelecer as leis da natureza, precisa reconhecer que a realidade opera independentemente do homem, o que é uma condição para a própria existência da ciência, uma vez que devem existir fora do ambiente de laboratório para serem validadas pela própria. Dessa maneira, Roy Bhaskar propõe que há uma dimensão intransitiva (ontológica) do real, isto é, que ocorre independentemente do homem e que não precisa ser conhecida para existir, e uma dimensão transitiva (epistemológica), que compreende o trabalho científico e outros saberes que tentam produzir sentidos sobre a realidade (Bhaskar, 2008). Assim, o filósofo alerta para a existência de um problema comum na ciência, a “falácia epistêmica”, que justamente tenta reduzir o intransitivo ao transitivo, em outras palavras, tomar o produto científico como o próprio mecanismo gerativo que o gerou. Dessa forma, na perspectiva realista, o experimento realizado em um “sistema fechado”, permite observar as formas de agir de uma coisa e a partir daí deduzir leis que visam explicar um determinado mecanismo causal. Exemplo: uma partícula, isolada de outras influências, em um sistema fechado, comporta-se de uma maneira *x*. Assim, elabora-se uma explicação para um mecanismo gerativo que leva a partícula a apresentar tais características. Mecanismo gerativo este que existe independentemente do experimento e no sistema aberto, ou seja, na natureza. Essa ontologia não pode ser reduzida ao produto epistemológico dos cientistas. Vandenberghe (2010) utiliza uma metáfora interessante para definir o trabalho científico: como um mineiro, a ciência cava mais fundo, indo de um nível de realidade para o próximo (o que Bhaskar denomina dimensão vertical) e descobrindo mecanismos gerativos que causam os eventos (dimensão horizontal).

Transportando a noção para as ciências humanas, Bhaskar (1998) entende que as estruturas não são independentes das ações e das impressões dos indivíduos. Entretanto, percebe a estrutura como um determinado sistema de relações que possuem um poder causal distinto e independente da agência humana, porém, esses mesmos sistemas sociais emergem

das práticas, as quais, por sua vez, são estruturadas pelas estruturas. De certa forma, o modelo elaborado por Bhaskar assemelha-se ao estruturacionismo de Giddens. O filósofo realista acredita que as estruturas sociais são formadas por conjuntos de relações entre posições estruturalmente constituídas e com relativa autonomia em relação às interações entre os agentes. Bhaskar sugere como exemplo dessas relações: um capitalista e um operário ocupam posições sociais distintas, as quais determinam causalmente as possibilidades de ação de cada um. Claro que eles podem trocar de posição, mas cada um enfrentará grandes dificuldades nesse processo. Evidentemente, uma troca entre algumas posições não afetará o sistema capitalista de produção (Kaidesoja, 2007).

A teórica social Margaret Archer inspira-se na obra de Bhaskar para transpor o realismo às ciências sociais. Em sua proposição teórica, busca aliar o realismo de Bhaskar com a ideia de morfogênese de Walter Buckley (1967). No que tange ao filósofo inglês, Archer (1995) promove uma crítica com relação à posição ambígua de Bhaskar a respeito da estrutura social: ao mesmo tempo em que deseja conferir uma ontologia à estrutura e à agência, nega que a estrutura possa ser separada dos agentes. Como nos aponta a autora, há características estruturais completamente independente dos indivíduos. Ao nascermos, não escolhemos a localização geográfica de nosso nascimento, nossa etnia, religião, a posição social de nossa família, o bairro em viveremos, o capital cultural de nossos pais, enfim, somos inseridos em um determinado contexto à revelia de nossa vontade. No que concerne à questão morfogenética, isto é, Archer concebe três planos analíticos para compreender a transformação da sociedade e dos atores: condicionamento, interação social e elaboração sistêmica/estrutural. Vandenberghe (2010, p. 260) sintetiza a ideia proposta do ciclo morfogenético: “a configuração particular do sistema (estágio 1) condiciona as práticas do mundo da vida (estágio 2) que buscam reproduzir ou transformar o sistema, levando, eventualmente (estágio 3), a uma nova elaboração do mesmo, que será contestada e modificada em um segundo ciclo” e assim sucessivamente.

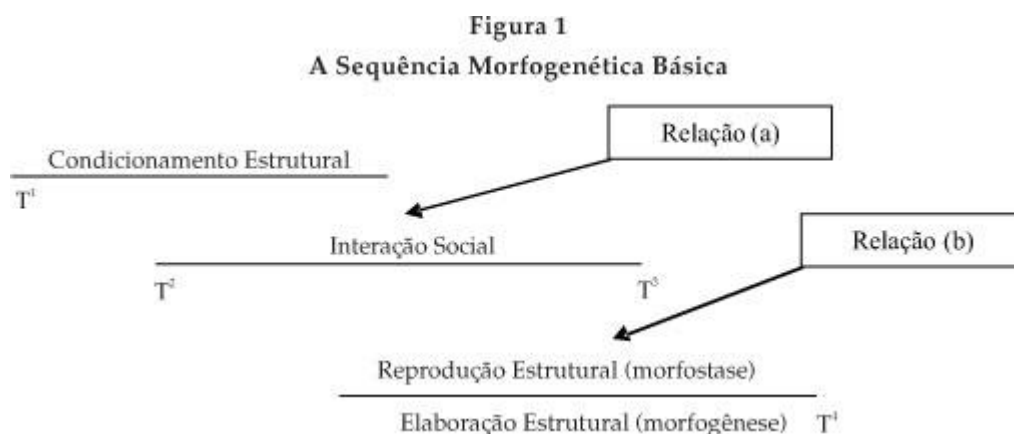


Figura 1: Ciclo Morfogenético⁶

Uma das grandes preocupações da autora é a questão da mediação entre a estrutura e a agência. Segundo ela, há três tipos de erros, chamados de conflação, no que tange à análise social: a conflação ascendente, que pensa a estrutura como um efeito agregado de ações individuais; a conflação descendente, que atribui a ação individual às estruturas e os conflacionistas centrais, como Giddens e Bourdieu, que propõe uma mesma ontologia para ambas, uma vez que uma é constituinte da outra, tal como no modelo de *habitus* de Pierre Bourdieu. Assim, os conflacionistas centrais abandonam a questão da interação entre esses dois poderes. Archer, porém, visa justamente compreender a mediação entre agência e estrutura e como elas se influenciam. Sua proposta inovadora é que o poder causal das estruturas sociais é ativado pela agência humana por meio da mediação dos atores.

Em seu principal livro, *Structure, agency and the internal conversation* (2003), a autora retrata as deliberações reflexivas pelas quais os atores processam suas preocupações, construindo seu projeto existencial, tem a forma de uma conversação interna. Nesse bate-papo consigo mesmo, os atores clarificam questões, elaboram projetos existenciais que contemplem suas preocupações últimas⁷ e avaliam as possibilidades de realização do seu projeto face às condições objetivas que os permeiam. Nisso, os atores refletem o contexto em que estão inseridos, promovendo adaptações (ou não) em seus planos, pensando sua vida e suas preocupações em relação ao mundo social. No estabelecimento de seus projetos, os atores

⁶ Fonte: ARCHER, Margaret S.. *Habitus, reflexividade e realismo*. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 1, p. 157-206, 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582011000100005&lng=en&nrm=iso>. access on 06 Apr. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0011-52582011000100005>.

⁷ Termo utilizado para definir os maiores interesses, enfim, o que é o mais importante na vida de uma pessoa, o que lhe preocupa mais.

ativam os poderes das estruturas e dessa forma, os atores são responsáveis pelo próprio condicionamento cultural e social. Tomemos como exemplo um jovem de periferia que deseja trabalhar como motoboy. Involuntariamente, foi colocado em uma posição social mais baixa, um fator que irá determinar seus interesses e possibilidades de ação. Ao escolher essa profissão, “o peso” da estrutura praticamente não será sentido, isto é, não haverá uma influência restritiva. Porém, caso esse jovem escolhesse cursar medicina em uma universidade pública, seu projeto ativaria enormes restrições. Como define Vandenberghe (2010): sem projetos, não há restrições nem capacitação da estrutura. O projeto é a condição para a ativação do poder causal da estrutura social, uma vez que esse poder só pode se manifestar por meio do ator. Logo, ele existe de forma independente, mas seus efeitos variam, evidentemente. Se tomarmos um jovem de família rica, que deseja cursar medicina, a ativação do poder causal dos sistemas terá efeitos habilitadores, porém, caso esse mesmo jovem deseje ser motoboy, enfrentará grande resistência da família e amigos, ativando um efeito de restrição.

O tema da “conversa” consigo mesmo foi muito importante para o pragmatismo norte-americano, corrente teórica filosófica que contribuiu para o desenvolvimento da psicologia e também da sociologia norte-americana, vide sua influência nos trabalhos de Goffman e Garfinkel. Os principais autores dessa escola interessaram-se em torno da questão do *self*, isto é, a pessoa, o agente. Peirce, Mead, John Dewey e William James foram responsáveis pelo desenvolvimento da teoria semiótica americana. Uma grande contribuição desses teóricos foi demonstrar a universalidade do funcionamento da mente, o que contribuiu para demover as tentativas pseudocientíficas de darwinistas sociais que tentavam justificar o racismo nos EUA. Em oposição aos empiricistas, não estavam ancorados na questão do significado das sensações, mas sim das ações, abrindo espaço para as construções de significado da realidade das mentes das pessoas comuns, cada uma delas, uma soberana epistemológica (Wiley, 1994).

De acordo com Norbert Wiley, sociólogo americano pioneiro na abordagem sociológica das conversações internas, por meio da problematização do trabalho de Peirce e Mead:

“Essa é uma filosofia que dá uma descrição semiótica do indivíduo, a qual é, por conta disso, reflexiva. A experiência e conhecimento desse indivíduo estão incorporadas na ordem sócio-cultural, e o ponto de vista desse indivíduo é inerente “de dentro” e em “primeira pessoa” (Wiley, 1994, p. 22, tradução minha).

O trabalho de Peirce e Mead, apesar de suas divergências, gira em torno da seguinte questão: como o pensamento funciona? Para Mead, trata-se de uma conversa entre o “Eu” e o “mim”, do presente ao passado. Já para Peirce, a lógica na mente humana é baseada no “*self*” e o “você”, do presente ao futuro. (Wiley, 1994). A síntese entre os dois é realizada por Wiley, que estabelece que a conversação interna compreende o “mim” (passado), o “Eu” e o “você” (futuro). Nesse modelo, o Eu tem o monopólio da fala e da ação, afinal, a conversação se desenrola no tempo presente⁸.

De todo modo, o que buscam mostrar é que a comunicação não abrange somente um espectador externo, mas que a comunicação também ocorre reflexivamente, ou seja, falamos consigo mesmos. nos comunicamos reflexivamente consigo mesmo. Mead constrói o “mim” como um objeto do “Eu”, assim o “Eu” conversa com o *self*. O “mim” então pertence ao passado, às experiências já vividas do “Eu” que se tornaram “mim”. Dessa forma, nessas conversações, o “mim” é um objeto para o “Eu”, o qual, com a passagem do tempo torna-se também um objeto, em um ciclo contínuo. O “mim” também é, em sua teoria, o “outro generalizado”, isto é, a força da moral e das regras sociais incorporadas.

Para Peirce, a conversa se dá entre o “Eu” e o “você”, que está localizado no futuro, o *self* que ainda está por existir. Além disso, o “você”, diferentemente do “mim”, constitui-se como sujeito, estabelecendo uma relação direta entre o “Eu” e o “você”. De acordo com Peirce, todos pensamentos são endereçados a uma outra pessoa, ou a si mesmo no futuro como uma outra pessoa. Deve-se destacar que o Eu é dialógico, ou seja, detém a capacidade cognitiva de conhecer (James, 2007) tanto o “mim” quanto o “você”. Para Wiley, a conversação se complexifica à medida em que incorporamos também “visitantes” em nossas mentes. Segundo ele, pais, amigos, chefes e figuras sociais são incorporados como “visitantes temporários”, ou “permanentes”. Segundo ele, uma pessoa religiosa, por exemplo, tem Deus como um *self* permanente, que participam ativamente do processo de conversação interno. Assim, de um modelo diádico “Eu-mim”, ou “Eu-você”, Wiley adota uma perspectiva para além da síntese triádica de Peirce e Mead (“Mim-Eu-Você”) e a conversação passa a ser encarada como polifônica, com a incorporação também do inconsciente.

8 Entretanto, há momentos em que o passado e o futuro podem ser deslocados para a posição do Eu. Um exemplo é uma pessoa que revive constantemente um trauma, ou seja, o “eu” do passado (mim) é deslocado para o presente, rememorando a situação traumática.

Na visão de Archer, não há diferentes partes do *self*, mas sim aspectos distintos que o *self* ocupa alternando a posição de sujeito e objeto, no processo de conversação. No seu modelo Archer, o *self* preexistente condiciona as possibilidades de conhecimento do Eu presente, que irá, por sua vez, construir o Você do futuro. Logo, por meio dessas conversações internas, questionamos a nós mesmos, analisamos situações, decidindo a respeito de nossas inquietações e elaborando nossos projetos existenciais. Nesse processo, a conversação leva em consideração tanto as preocupações do sujeito, expressas em seu plano de vida, quanto o contexto de possibilidade de execução do projeto. Assim, o projeto subjetivo e as circunstâncias objetivas são integradas, demonstrando como a agência se relaciona com a estrutura (Vandenberghe, 2012).

A noção de conversação interna parece interessante para compreender o papel da fé na construção de novos projetos existenciais, na elaboração do novo “Eu”, transformado. As narrativas dos atores podem ser entendidas como expressão das conversas internas que tiveram, como aponta Vandenberghe (2010). Assim, os testemunhos sobre a mudança de vida, a construção de novos planos e a produção de uma nova identidade, atribuem à fé em Deus e aos ensinamentos ministrados uma importância fundamental, o que indica seu papel indiscutível nos processos de conversação interna. Sendo assim, propomos uma nova forma de compreender a “produção de subjetividade” e de disposições pela religião, por meio da análise das conversações internas de seus membros. Dessa forma, entendemos que os discursos, ensinamentos e práticas de uma instituição religiosa só se efetivam verdadeiramente na constituição dos projetos existenciais do sujeito, ou seja, na conversação interna em que questionam seus problemas, seu passado, seu lugar no mundo e na elaboração de seus projetos e da construção do Eu futuro, o “Você”.

Na análise empírica empreendida por Archer, os atores são classificados em três grupos, conforme suas características reflexivas. Temos assim os comunicativos reflexivos, marcados pela continuidade contextual, isto é, suas interações se mantêm as mesmas ao longo da vida, assim como o pertencimento a um local geográfico. Sua principal preocupação é manter os laços familiares e de amizades, reproduzindo assim um determinado modo de vida. No que tange à conversação interna, essas pessoas têm como característica o fato de completar sua conversação por meio de uma interação interpessoal, ou seja, o trabalho reflexivo nunca é atingido individualmente, no interior da mente, mas sim é constantemente compartilhado com amigos e familiares e realizado em conjunto. Os autônomos reflexivos caracterizam-se pela

ruptura com a continuidade contextual, ou seja, vão estudar fora, rompem determinados círculos de amizade, e seu sucesso profissional é sua grande preocupação. Ao contrário dos comunicativos, resolvem suas questões e angústias consigo mesmo, por meio de suas conversações internas, promovendo clarificações. Por último, os metareflexivos são aqueles que refletem sobre o próprio ato de refletir, mudam constantemente de projetos e estão sempre em busca de autoconhecimento e autorrealização. São idealistas que mudam de papel social, de lugar e de vida, sempre construindo um novo *self* e criticando o mundo em que vivem e a si próprios. Não raro, enfrentam experiências de empobrecimento financeiro por não aceitarem realizar adaptações em seus projetos, desconsiderando o custo de sua realização face aos poderes causais da estrutura. Há também os reflexivos fraturados, incapazes de construir projetos e uma identidade pessoal. Essa condição pode ser temporária ou permanente, mas em ambos os casos o sujeito perde sua capacidade reflexiva e, conseqüentemente, sua agência em relação ao mundo, tornando-se incapaz de reagir aos acontecimentos externos.

Acredito que o diálogo entre as duas teorias será frutífero. Archer (2011) reconhece a proximidade entre as duas correntes de pensamento por conta do engajamento reflexivo dos atores na contemporaneidade. Ambas as correntes abrem uma perspectiva para uma sociologia do engajamento, cada uma a sua maneira. O pragmatismo francês é uma excelente ferramenta para pensar a mobilização coletiva, a interação entre os atores, porém peca ao desconsiderar a força e o poder causal das estruturas sociais. Já a teoria de Archer ajuda-nos a compreender o papel do contexto social e seu poder causal, ativados pela reflexividade individual, mas não é tão eficaz para pensar a ação coletiva. Nossa proposta teórica pretende lançar mão do pragmatismo como uma forma de ter acesso às conversações internas e externas dos atores, assim como às situações em que se mobilizam coletivamente. Os momentos de interação com outros atores geram reflexividade em torno de práticas e discursos, construindo ativamente certas competências reflexivas (Caetano, 2013). A partir dessa perspectiva, poderemos abordar realisticamente como os atores percebem o contexto social em relação a seus projetos e como ativam poderes causais do sistema social e cultural ao elaborar seus planos de ação. Contudo, mais do que isso, o aparato teórico combinado irá permitir compreender a necessidade crescente que esses atores religiosos têm de suas capacidades reflexivas ao engajarem-se em projetos e contextos de interação cada vez mais distintos e complexos (Archer, 2011), assim como em seu trabalho de autoconstrução e automonitoração para construção de sua identidade como

evangélicos. Na realidade, parece-nos que o ser religioso está se tornando um processo mais ligado à construção reflexiva de si do que fruto de um processo de socialização.

1.4 Reflexividade(s): delimitando o conceito

O reconhecimento dessa competência humana é algo já antigo na filosofia. Platão em seus diálogos já abordava a questão do *gnothi seauton*, isto é, do conhecer a si mesmo, enfim, a capacidade de pensar a respeito de si, de se conhecer e se problematizar. A ideia faz-se presente também no idealismo alemão, com Kant, Hegel e Marx. George Mead (1934), um dos principais representantes do pragmatismo americano, definiu reflexividade como a experiência de voltar-se a si próprio. A sociologia demora mais para incorporar tal conceito, mas quando o faz, temos uma profusão na utilização do termo. A fim de evitar uma confusão teórica para o leitor, pretendemos clarificar e elaborar um breve levantamento a respeito dessa noção.

O trabalho de Giddens (2012, 2003) e Beck (2011) é, certamente, responsável pela popularização do termo reflexividade, por meio de sua noção “modernidade reflexiva”. As obras *Sociedade de Risco*, de Beck, *Modernidade e identidade* e o trabalho em conjunto “Modernização reflexiva” tem como mote as transformações na modernidade, que avançam sobre as estruturas tradicionais, enfraquecendo-as e acelerando o processo de individualização. Nisso, os indivíduos tornar-se-iam mais livres em relação às estruturas, tornando-se então responsáveis pela construção de sua biografia e estilo de vida. Dessa forma, o sujeito na modernidade vê-se liberado do peso da tradição e responsável pela elaboração de sua identidade, ou seja, a construir-se ativamente, com maior poder agencial.

Entretanto, devemos frisar que a reflexividade é entendida por Giddens (2002) como um atributo ontológico do ser humano e não uma exclusividade das sociedades modernas. É interessante ressaltar como a noção evolui na obra do sociólogo inglês. Em seu célebre livro *A Constituição da Sociedade*, o autor entende que “as capacidades reflexivas do ator humano estão caracteristicamente envolvidas, de um modo contínuo, no fluxo da conduta cotidiana, nos

contextos da atividade social. Mas a reflexividade opera apenas parcialmente num nível discursivo. O que os agentes sabem acerca do que fazem e de por que o fazem – sua cognoscitividade como agentes - está largamente contido na consciência prática. Esta consiste em todas as coisas que os atores conhecem tacitamente sobre como “continuar” nos contextos da vida social sem serem capazes de lhes dar uma expressão discursiva direta” (Giddens, 2009: XXV). O conceito de consciência prática aproxima-se muito da noção de *habitus* de Bourdieu, ou seja, relaciona-se às situações rotinizadas, em que os atores monitoram sua conduta e a dos outros por conta do conhecimento pré-consciente das regras sociais. “A reflexividade deve ser entendida não meramente como ‘autoconsciência’, mas como o caráter monitorado do fluxo contínuo da vida social” (idem: p.3).

Posteriormente, ao problematizar a modernização, as situações de risco e incerteza às quais os indivíduos estão expostos, emerge uma noção de “reflexividade institucional”, isto é, os sistemas peritos (aviação, sistema financeiro, sociologia, psicanálise) responsáveis por gerir inúmeras facetas da vida cotidiana, alterando as relações sociais e o controle local antes existente no ambiente tradicional. Esses mesmos saberes são também incorporados pelos atores que passam a refletir sobre seu cotidiano à luz dessas novas informações. No que tange ao domínio individual, cada vez mais os atores são responsáveis pela construção de suas próprias narrativas, tendo que se debruçar sobre suas vidas (Giddens, 2003).

Ainda no que tange à modernização reflexiva, Beck alerta que para além da individualização, o surgimento de riscos criados pela modernidade industrial acaba exigindo cada vez mais o exercício de reflexividade por parte dos indivíduos face a uma realidade cada vez mais problemática e conflituosa em que a rotina e a estabilidade perdem progressivamente espaço.

Sociologia francesa e a reflexividade

O trabalho de Pierre Bourdieu é calcado fortemente na questão do *habitus* como mecanismo que engendra disposições, orientando o ator a agir em diversas situações e também sua percepção acerca do social, uma vez que sua teoria baseia-se em uma correspondência das estruturas sociais e mentais. A reflexividade dos atores sociais seria algo raro, ocorrendo somente em momentos de crise, estando então os “leigos” restritos a uma pré-reflexividade, uma vez que não teriam consciência sobre suas práticas, mas somente de um senso da prática

que orienta a ação. A reflexividade plena e contínua estaria restrita aos membros da academia, que teriam as ferramentas necessárias para realizar uma atividade reflexiva com relação às situações sociais. A reflexividade das pessoas comuns estaria limitada aos momentos de crise

Frente a esse “monopólio reflexivo” da teoria bourdieusiana, algumas correntes teóricas insurgiram-se. Os trabalhos de Latour (1994) e Boltanski e Thevenot (1993), pressupõe que os atores sociais são dotados de reflexividade. Essa reflexividade aparece nos momentos de dissenso, ou seja, nas situações críticas, a fim de tentar estabelecer um novo parâmetro a respeito de um objeto, pessoa, ou situação, mobilizando críticas e justificações para que suas proposições tenham um princípio de validade universal, ou seja, orientado a um determinado bem comum. Assim, o novo movimento da sociologia francesa seja com a ANT de Latour, ou a sociologia da crítica, leva em conta a competência dos atores para além do senso prático, mas também para a atividade reflexiva, entendida aqui como competência analítica e produção crítica.

O trabalho de Bourdieu também é criticado por Bernard Lahire que percebe a rigidez do *habitus* que não dá conta dos diversos processos de socialização pelos quais o sujeito está exposto. Lahire critica a teoria bourdieusiana por considera apenas o hábito e desconsiderar a atividade reflexiva, mas não opõe a rotina à “reflexividade”. Lahire propõe a realização de uma microssociologia, mas sem desconsiderar a questão do hábito e da rotina, conciliando-as à capacidade reflexiva dos agentes. Assim, sua sociologia é reflexiva, mas também disposicional e contextual, uma vez que não ignora os efeitos e a importância dos múltiplos universos sociais em que o indivíduo está inserido.

No contexto da sociologia pragmática francesa 2.0, autores como Lemieux, Dodier e Chateauraynaud também valem-se do conceito de reflexividade. Dodier (1991, 1993) destaca a competência dos atores, inspirado pela sociologia de Goffman e pela etnometodologia de Garfinkel, como os atores sociais estão expostos a diversos mundos de ação e são responsáveis pela análise dessas transições, da necessidade de promover pontes entre os mundos, traduções. Enfim, não há a presença de um plano sociológico para explicar a real intenção dos atores, entendidos por ele como autônomos e reflexivos. Mais recentemente, Lemieux (2009) trabalha com a ideia de níveis de reflexividade, entendendo-os como consequência das gramáticas às quais o indivíduo está exposto. Assim, situações familiares exigiriam um nível menor de reflexividade do que situações públicas, em que os atores seriam obrigados a buscar outros tipos de argumentos e linguagens. Já Dodier (2014) elaborou a noção de reflexividade estratégica

para pensar como advogados mobilizam elementos distintos de um mesmo repertório comum conforme sua posição em um processo penal. Apesar da importância atribuída à noção de reflexividade, a sociologia francesa não desenvolve como se processa essa reflexividade, restringindo-a a uma competência de análise dos atores em situações de disputa.

A reflexividade interna

Archer (2002) dá destaque central à reflexividade, entendida por ela como uma conversação interna, ou seja, um retorno do self para si mesmo, em que o self ocupa os lugares de sujeito e objeto, alternadamente. Claramente influenciada pela definição de reflexividade do pragmatismo americano de Peirce e Mead e do trabalho do americano Norbert Wiley (1994), a autora acredita que essa habilidade é partilhada por todos os seres humanos e acionada quando pensamos sobre nós mesmos em relação às condições sociais em que vivemos. A autora promove uma crítica ao trabalho de Pierre Bourdieu, ao entender que cada vez menos os indivíduos estão expostos a situações rotineiras, ao contrário, a reflexividade é exigida cada vez mais para a solução de diversos problemas e inserção profissional do indivíduo. Dessa forma, Archer concorda com a noção de “modernidade reflexiva” de Beck e Giddens, uma vez que afirma que a modernidade implica maior alcance de pessoas praticando reflexividade e de forma mais intensa (Archer, 2013), ou seja, aponta que a modernização implica processos de descontinuidade contextual. Em outra obra recente, *The reflexive imperative in Late Modernity*, Archer explica como os reflexivos comunicativos, caracterizados por completar sua reflexividade em conversações externas com familiares e amigos (o grande projeto de vida deles é justamente a manutenção dos laços de sociabilidade com essas pessoas) são obrigados a praticar uma outra forma de reflexividade, pois a cada vez mais precisam inserir-se em redes de educação e trabalho para poder sobreviver no mundo moderno. Isso ocasiona rupturas com a contextualidade local e, conseqüentemente, uma nova forma reflexiva. Até mesmo os que desejam não perder os laços serão obrigados a praticar maior reflexividade, uma vez que terão que adaptar sua formação e projeto profissional para a família, usando sua competência reflexiva para conciliar essas duas frentes.

Archer também aponta uma similaridade entre sua sociologia e a pragmática francesa, no que tange à dependência cada vez maior da reflexividade (idem, 2011). O trabalho de Wiley guarda grande semelhança com o de Archer, no que tange à questão da reflexividade,

mas, para ele, a conversa interna se dá entre partes diferentes do *self*, enquanto que para Archer não há essa divisão, mas sim papéis diferentes para o self (sujeito e objeto).

Isso posto, temos então um corolário de termos: modernização reflexiva, monitoração reflexiva, reflexividade interna, competência reflexiva. Que postura adota o trabalho ante de uma tal diversidade de termos? Partilho da crítica de Archer que muitos autores anunciam a reflexividade, mas não se preocupam em descrevê-la, por isso, devo concordar que as conversações internas (e externas) nos constituem e também constroem o mundo social. Por isso, entendo que a reflexividade envolvida tanto na construção do eu, ou da avaliação dos riscos, na “modernização reflexiva”, quanto nos momentos críticos do pragmatismo francês passa anteriormente por uma operação de escrutinização interna, ou seja, também é fruto de uma conversação. Porém, a descrição do processo de reflexividade interna nem sempre é possível, uma vez que dependendo do objeto estudado, a realização de entrevistas torna-se inviável. De outro lado, não podemos nos esquecer que esses julgamentos e críticas são expressões da reflexividade interna e, por isso, dignas de nossa atenção. Por isso, tomo a “reflexividade” dos momentos críticos como a extensão do processo de reflexividade interna e, em alguns casos, as falas dos atores nos dão acesso direto às conversações. Em situações que envolvem “testemunhos de fé” (parte II e III), esses agentes relatam a reflexividade interna (“ai disse para mim mesmo”; “pensei comigo mesmo e analise”; “uma parte de mim dizia para eu desistir, mas eu respondia e dizia que ia lutar até o final”; etc.). Dessa forma, diversos dispositivos acabam se constituindo em uma via de acesso privilegiado à descrição da reflexividade.

Logo, manteremos aqui o termo reflexividade, tanto para os casos das interações em momentos críticos, quanto para as entrevistas que revelaram a reflexividade interna, afinal, a deliberação sobre qualquer coisa, mesmo algo simples como responder a “qual sua cor favorita”, envolve um retorno de si para si, ou seja, uma conversação. Até mesmo nas sociedades tradicionais, as estruturas são também incorporadas por meio de um processo de reflexividade interna. Conforme pontua Domingues (2002), “a reflexividade não consiste nem num processo discreto e pontual – constitui-se como um fluxo contínuo –, nem se restringe ao indivíduo – é, em grande parte, uma propriedade das relações sociais interativas”.

Porém, e os momentos em que os atores agem de forma rotineira? As situações em que há o *habitus* como operador, ou como diria Giddens em torno da consciência prática, uma pré-consciência a orientar a ação? Veremos que há, evidentemente, uma série de situações

cotidianas, principalmente na parte I, em que os atores exercem uma forma de autocontrole em torno de sua forma de falar e de se apresentar, a fim de ocultar seu pertencimento religioso. Devemos ressaltar também um elemento curioso: quando a forma de agir pautada no *habitus* é problematizada pelos atores. A forma de falar da igreja, a entonação, a expressão corporal é encarada como imprópria para momentos de interação com outros atores, em ambientes fora da igreja como, por exemplo, em congressos do PRB, na Câmara Municipal, Assembleia, etc. Assim, o que é da consciência prática torna-se consciência discursiva e a forma de agir e falar, algo tão rotinizado, passam a ser analisadas conscientemente pelos agentes. Temos então a passagem do *habitus* para a análise reflexiva. Acredito que podemos afirmar que conforme a descontinuidade contextual avance, levando esses sujeitos a participar de cada vez mais universos sociais, a tendência é que inúmeras facetas do *habitus* passem a ser reflexivamente abordadas e questionadas pelos atores sociais. De certa forma, trata-se de um avanço da modernidade em relação ao religioso, levando a maior reflexividade e, conseqüentemente, acarretando transformações nesse sistema cultural.

PARTE I

Do momento crítico ao momento reflexivo: a reflexividade estratégica

Capítulo 1 – Partido Republicano Brasileiro e Igreja Universal: aproximações e controvérsias

Em 2003, o movimento político que criava o Partido Municipalista Renovador (PMR) – primeiro registro do atual PRB - consegue a assinatura de 450 mil eleitores e, no mesmo ano, é realizada a primeira Convenção Nacional da agremiação. No início de janeiro de 2004, o partido foi registrado no Cartório sob o nº 00055915. Já em 2005, com toda a documentação necessária, o representante do PMR, Vitor Paulo Araújo dos Santos, radialista e bispo⁹ da Igreja Universal do Reino de Deus, requer junto ao TSE – Tribunal Superior Eleitoral, por meio da petição nº 3956/2005, o pedido de registro do partido, o qual originou o Processo de Registro nº301.

A movimentação política foi tema de reportagem da Folha de São Paulo, sob título “Igreja Universal vai criar partido político”¹⁰. O jornal afirma que a Igreja Universal “ iniciou os trabalhos para a criação de um partido político controlado pelos bispos da denominação religiosa”. Segundo a reportagem, as assinaturas necessárias foram colhidas nas portas dos templos da IURD, ao final dos cultos, em todo o Brasil, em operação capitaneada pelo pastor Vitor Araújo.

A participação de membros da Universal na política é bem mais antiga. Em 1986, um pastor foi eleito para a Assembleia Constituinte e em 1990, três membros foram eleitos como deputados federais e seis como estaduais. No pleito seguinte, o número de parlamentares no Congresso Nacional dobrou e um membro foi indicado para a secretaria do Trabalho, no Rio de Janeiro (Freston, 2000). Em 1998, dezessete candidatos ligados à Igreja Universal foram eleitos como deputados federais, além de outros 26 deputados estaduais (Conrado, 2000). Em 2000, diversos membros da Igreja foram também eleitos como vereadores por todo o país. Ainda no ano de 2002, o bispo Marcelo Crivella, sobrinho de Edir Macedo, foi eleito como senador pelo estado do Rio de Janeiro.

A análise de Fonseca (1998) acerca da atuação de deputados da Universal no Congresso indica que as votações desses congressistas obedeceram mais à lógica do partido em que estavam inseridos do que a um suposto interesse da instituição religiosa. Assim, segundo ele, não haveria uma “bancada Universal”, principalmente pelo fato dos parlamentares

9 À época pastor da instituição.

10 <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u66659.shtml>

pertencerem a diferentes partidos, principalmente o antigo Partido Liberal (PL).

À Folha de S. Paulo, um político do extinto Partido Liberal (PL) afirmou que o partido “cresceu com a entrada da igreja” depois da sigla ter “inchado” com a vitória de Lula e, por isso, o PL não precisaria mais da IURD. Segundo sua análise, o PL estava maior que a força política da igreja, uma vez que de dezoito deputados eleitos ligados à Universal, nove pertenciam ao PL.

De acordo com a Folha, o PMN começou a ser organizado em 2003 pelo deputado federal Carlos Rodrigues (PL-RJ), ex-bispo da Universal, afastado por seu suposto envolvimento com o caso Waldomiro Diniz. Para a Folha, o crescimento do PL, que teria diminuído o poder de influência da IURD no partido, e a recusa de outras legendas a aceitar seus candidatos levou a criação da nova sigla.

Valdemar Costa Neto, à época presidente nacional do PL, afirma que foi avisado por Rodrigues.

"O bispo Rodrigues começou [a criação]. Ele me falou: "Tenho que fazer um partido". E eu falei: Tem mesmo, senão o sr. não vai mais conseguir eleger o seu pessoal". Tem que ter um partido de apoio para ter o que oferecer aos outros partidos, senão não vão aceitar vocês mais", Valdemar Costa Neto.¹¹

Ainda de acordo com Costa Neto, os políticos da IURD não estariam mais encontrando lugar entre os partidos, apesar de serem bem aceitos pelo PL. Para uma fonte da Universal, a ideia é de que o partido acolha outros segmentos da sociedade.

Em agosto de 2005, o partido teve o registro deferido pelo TSE – Tribunal Superior Eleitoral. No semestre do mesmo ano, o então vice-presidente José Alencar filiou-se à legenda, fato que atraiu muita atenção da mídia à época, e se tornaria presidente de honra da sigla e um de seus principais ícones. O partido escolheu como presidente o radialista e pastor Vitor Paulo, responsável pela coleta de assinaturas para legalização da legenda.

Em outubro de 2005, a Convenção Nacional do Partido, decidiu alterar o nome da sigla para Partido Republicano Brasileiro (PRB), petição protocolada no TSE sob o nº 13318/2005, sendo deferida em março de 2006. Segundo os atores, a iniciativa se deu por conta da ideologia do republicanismo, presente nos quadros do partido, que tem como objetivo o desenvolvimento da República. Segundo informações da legenda, o novo nome teria sido uma

11 Idem.

sugestão direta de José Alencar.

De acordo com o programa do partido,

“o PRB tem por objetivo um projeto de sociedade para o Brasil baseado nos princípios republicanos da liberdade individual e de associação para fins pacíficos, da promoção do Estado do bem estar social com base no desenvolvimento socioeconômico autossustentado segundo as potencialidades do País, e na garantia do direito ao trabalho remunerado alicerçado em forte compromisso do Estado de criação das condições macroeconômicas de pleno emprego, conforme preceitua a Constituição da República”¹².

No documento consta que o bem estar social deve ser promovido pelo Estado, por meio de um “capitalismo regulado”, com a organização macroeconômica realizada de forma estatal. No que tange ao acesso à educação, moradia e saúde, o Estado também tem um papel preponderante para assegurar esses direitos. É interessante ressaltar que os atores ligados ao partido não costumam usar as categorias “esquerda” e “direita” para definir sua orientação política. Preferem utilizar o termo republicano, ou “centro”. Entretanto, em situações problemáticas, ou na participação em dispositivos, os atores usam categorias de “esquerda e direita” para definir outros atores políticos e também o próprio PRB, como veremos posteriormente.

Em 2006, o partido participou de seu primeiro pleito, compondo a frente partidária que reelegeu o ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva e, posteriormente a base aliada do governo. A sigla elegeu apenas um deputado federal, o Pastor Léo Vivas (PRB-RJ), e três estaduais, além do vice-presidente José Alencar. Foi apenas a 22^o legenda mais votada naquela ocasião. Ainda no mesmo ano, teve um ministro empossado por Lula, o professor Mangabeira Unger, vice-presidente do PRB, como Secretária de Planejamento de Longo Prazo da Presidência da República¹³.

Em 2007, a Folha de S.Paulo publica reportagem de título “Empreiteiras de obras da Universal financiam PRB”¹⁴, denunciando a suposta ligação entre PRB e IURD. Segundo o jornal, o PRB teria sido financiado quase que exclusivamente por essas empreiteiras, como indica a prestação de contas informada ao TSE, no valor de R\$ 1,5 milhão de doações de oito empreiteiras contratadas pela Universal para construir igrejas de porte médio e as “Catedrais da

12 <http://www.prb10.org.br/programa/>

13 Órgão do governo com status de ministério. Foi extinto na reforma ministerial de outubro de 2015.

14 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2309200702.htm>

Fé”. Marcelo Crivella, então senador da República e bispo licenciado da Universal, saiu em defesa do partido e disse que a doação foi realizada por empresários evangélicos. Segundo a Folha, apenas o PRB recebeu doação dessas empreiteiras.

O pleito de 2006 também não foi tão positivo para a Universal. Segundo o DIAP - Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar, a Igreja contava com 22 congressistas, espalhados por diversos partidos, e conseguiu eleger apenas 4. Para o DIAP, isso se deve “aos escândalos do mensalão e do caso sanguessuga”. Apesar da retração, o ano de 2007 foi de extremo crescimento para o Partido Republicano Brasileiro. Segundo levantamento do TSE, o partido foi o que mais cresceu no Brasil. A sigla tinha 8 mil filiados em setembro e atingiu a marca de 120 mil em novembro do mesmo ano, um aumento de mais de 1400%. A legenda ganharia ainda mais dois deputados, oriundos do extinto PAN – Partido dos Aposentados da Nação.

Porém, o grande destaque de 2007 foi a criação da FRB - Fundação Nacional Republicana. A entidade, com sede em Brasília, tem como objetivo ser um espaço para discussão acadêmica no que tange a constituição, o sistema eleitoral, características sociológicas da sociedade brasileira e a ciência política. De acordo com a própria Fundação em seu site oficial¹⁵, “a instituição visa a conscientização ética, política e cultural dos cidadãos, por meio de estudos e pesquisas, com cursos para disseminar os valores políticos republicanos e democráticos e a construção de um debate em torno dos problemas do Brasil.”

A Fundação é apresentada como “instituição laica” que realiza cursos e palestras em todo o território nacional, para formação de seus quadros e também para qualquer cidadão interessado em adquirir conhecimento. O foco principal é a militância do partido, a fim de qualificá-la para o debate político e também torná-la apta a compreender a lógica da estrutura partidária, permitindo que os membros se tornem multiplicadores do PRB, conforme explica Rodrigo Souto, um coordenador do projeto. Em seu primeiro ano de existência, a sigla desenvolveu o projeto “Consciência Política”, promovendo debates e palestras para diversos públicos, sob os cuidados do presidente Vitor Paulo e do cientista político Leonardo Barreto.

Já em 2008, a Fundação iniciou uma de suas principais atividades, o Curso de Formação Política, pautado em conhecimentos gerais sobre o sistema republicano, valores democráticos, ideologia, participação popular e representação. Nos anos subsequentes, a

15 <http://fundacaorepublicana.org.br/portal/missao-visao-valores/>

Fundação dedicou-se a cursos de alfabetização para jovens e adultos, cursos de idiomas, assim como projetos de inclusão digital. O curso de formação política é ampliado para dezoito estados. Paralelamente, a Fundação lança a versão à distância do curso. A FRB também criou um curso específico para formação de lideranças femininas, visando, segundo os atores, a aproximar as mulheres da política e promover debates sobre o paradigma da hegemonia masculina. A iniciativa é voltada para mulheres que já exercem algum tipo de liderança em suas comunidades, ou dentro do PRB. Além disso, a instituição também passou a oferecer cursos de política voltados ao público mais jovem. Atualmente, um dos principais projetos é a criação de uma faculdade com cursos de graduação e pós-graduação. A iniciativa está em vias finais de elaboração, segundo funcionários da FRB.

Eleições 2012 e 2014: PRB e o secularismo como mote eleitoral

Em 2012, o Partido Republicano Brasileiro lançou o apresentador de televisão e também deputado federal pela sigla, Celso Russomano, ao pleito municipal. O partido constituiu, para seu primeiro pleito na maior cidade do país, uma coligação, de nome “Por uma Nova São Paulo” com cinco partidos: PTB – Partido Trabalhista Brasileiro, PTN – Partido Trabalhista Nacional, PHS – Partido Humanista da Solidariedade, PRP – Partido Republicano Progressista e o PtdoB – Partido Trabalhista do Brasil. O vice-candidato, indicado pelo PTB, era Flavio D’Urso, então presidente da OAB-SP – Ordem dos Advogados do Brasil da seccional de São Paulo. O cenário encontrado pelo Partido Republicano Brasileiro era de grande desconfiança com relação ao PSDB e PT, por conta dos escândalos políticos em que as siglas se envolveram e pela alta rejeição que Serra enfrentava junto ao eleitorado paulistano.

A conjuntura era positiva a Russomano, tanto que começou a campanha tecnicamente empatado com José Serra (PSDB-SP), com 25% da intenção de voto contra 26% do tucano, segundo o Ibope e Datafolha. Mesmo não dispondo da máquina municipal, como Serra, ou do apoio de Lula e Dilma, como Haddad, o candidato do PRB, em poucas semanas, atingiu 35 pontos percentuais de intenção de voto, com mais de 10% de diferença para o segundo colocado, José Serra. Em pouco tempo, Russomano tornou-se então o principal alvo da crítica de candidatos e da mídia durante o primeiro turno das eleições na capital paulista.

A ausência de plano de governo foi comentada durante a campanha e foi alvo de reportagens da imprensa paulista. Ao ser indagado por jornalistas do porquê da ausência de um plano, o candidato afirmou que não o apresenta pois não é obrigado e que “não adianta fazer plano e não cumprir” e que o documento seria “apresentado por etapas”, sendo mais importante apresentar metas, conforme reportagem intitulada “A dez dias da eleição, Haddad mira Russomano”, do site de notícias 247¹⁶. Segundo a Lei Geral do Município, o prefeito eleito ou reeleito é obrigado a apresentar um plano de metas à gestão em até 90 dias após a posse, contendo as prioridades do plano e as ações estratégicas previstas para cada setor da cidade.

Após pressões, o PRB finalmente divulgou o plano de campanha de Russomano, que foi considerado raso pela imprensa e adversários, uma vez que, segundo as críticas, continha apenas informações genéricas sobre todos os temas, sem desenvolvimento das grandes questões da cidade, além de não especificar os nomes dos técnicos responsáveis pelas análises de cada setor.

O plano ainda foi acusado de ser assinado por um laranja pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, em reportagem intitulada “Campanha de Russomano usa ‘laranja’ como coordenador de plano de governo”¹⁷. O texto afirma que Carlos Baltazar, responsável pelo documento, é um funcionário do “baixo escalão” da prefeitura chamado, na verdade, de Carlos Alberto Joaquim, analista de projetos na Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Trabalho. Segundo informações do jornal, o “Baltazar” seria um sobrenome de seus familiares. Ao *Estado*, Russomano afirmou ainda que Carlos adotou um “nome de guerra” para não sofrer “perseguição”.

Fernando Haddad, então empatado em segundo lugar com Serra, referiu-se ao plano como “laranja” e comparou o voto em Russomano a comprar uma máquina de lavar sem manual de instrução e termo de garantia, conforme exposto em reportagem do jornal *O Globo*¹⁸. Para Haddad, Russomano “não tem plano de governo e não tem nenhuma meta para a cidade”.

16 <http://www.brasil247.com/pt/247/poder/81540/A-dez-dias-das-elei%C3%A7%C3%B5es-Haddad-mira-Russomano.htm>

17 <http://www.estadao.com.br/noticias/politica/campanha-de-russomano-usa-laranja-como-coordenador-de-plano-de-governo,936340.0.htm>

18 <http://oglobo.globo.com/brasil/para-haddad-plano-de-governo-de-russomano-laranja-6213951>

Porém, as críticas à ausência de plano de governo e às propostas do candidato do PRB foram apenas secundárias em comparação à suposta ligação de seu partido com a Igreja Universal do Reino de Deus. Como veremos, a presença da religião na política foi o grande tema da eleição municipal de 2012, em São Paulo. A relação do partido com a IURD foi abordada por todos os grandes jornais e revistas (Folha, Estado, Veja, Carta Capital, etc.), sites jornalísticos como, por exemplo, Brasil 247 e Pragmatismo Político, e também mobilizada pelos outros candidatos para contestar a autonomia e idoneidade da candidatura Russomano.

Diante de tais questionamentos, Russomano afirmou ser católico fervoroso e que a maior parte do PRB também era composta por católicos. Essa informação por si só aponta um fato interessante: a “naturalidade” com relação ao ser católico no Brasil em oposição a outras religiões, ou seja, não há problema para Russomano caso um candidato seja católico. Conforme observa Montero (2012), as “formas discursivas do catolicismo e sua primazia na passagem dos valores para normas” além da colaboração com o Estado brasileiro em sua administração durante o Regime de Padroado são elementos que garantem sua influência na sociedade brasileira. A compreensão desse fato não é exclusividade da academia, tanto que Russomano mobilizou o catolicismo quando viu sua candidatura ser associada à Igreja Universal.

Em resposta à afirmação do candidato, o cientista político e professor da FGV – Fundação Getúlio Vargas, Cláudio Gonçalves Couto, escreveu artigo intitulado “Russomano, o católico”. Segundo ele, a informação de Russomano de que 80% dos membros do PRB é católica não é relevante, uma vez que os rumos de qualquer partido político são pautados pelos seus dirigentes. Sendo assim, o professor elaborou um levantamento acerca da executiva nacional da sigla e presidência dos órgãos estaduais. Em relação à primeira, o estudo verificou que das 18 pessoas que compunham a executiva, 10 eram ligadas à Igreja Universal do Reino de Deus, ou seja 55% da cúpula nacional do partido tinha relação direta com a IURD. Já em relação aos órgãos estaduais, 85% dos dirigentes estaduais são ligados à instituição religiosa. O cientista político acredita que não é possível ignorar o vínculo orgânico entre igreja, Record e partido, dando como exemplo a presença de diversos contratados da TV Record na festa de lançamento da biografia “Nada a Perder” de Edir Macedo. Ainda acrescenta que viu no “católico Russomano” uma chance de ganhar as eleições e “alavancar seu empreendimento. É de negócios que se trata”.

O PRB manifestou-se e afirmou não dispor do número de participantes da Universal na executiva nacional e nos diretórios estaduais. O presidente da sigla, Marcos Pereira, bispo licenciado da IURD, negou veementemente a ligação entre o partido e a igreja, afirmando que no PRB não se mistura política com religião e que estava cansado de tais acusações, conforme publicado no portal Terra¹⁹. Pereira ainda declarou que o presidente do PRB do Ceará, Miguel Dias, é um “católico fervoroso que já chega beijando a santinha”.

Percebemos o aparecimento do que Boltanski e Thevenot (1991) denominam “momento crítico”, isto é, uma situação em que os atores deixam de estar em acordo com relação ao valor de situações, objetos e pessoas e passam a tentar estabelecer um novo parâmetro. No caso, a candidatura de Russomanno constituiu-se em um momento crítico com relação à presença do religioso na política, ou seja, um desacordo entre os atores acerca da laicidade, ou seja, da doutrina que exclui a religião do poder político e administrativo.

Diversos atores entraram em desacordo acerca da presença de membros da Universal no PRB, ou seja, da participação da religião na política, levando a um momento de crise, em que a “grandeza” de pessoas, objetos e situações não é mais comumente compartilhada em torno em que novos valores tentam ser estabelecidos e um novo consenso seja estabelecido. Deve-se frisar que a argumentação dos atores em torno dessa situação elencou a questão da laicidade como um dos principais, senão o principal tema da eleição municipal.

No início de setembro de 2012, a Folha de S. Paulo publicou reportagem intitulada “Russomanno usa estrutura da Universal na campanha”²⁰. O jornal afirma que a campanha do candidato usaria o local como um comitê informal, guardando material de campanha e servindo de estacionamento para vans, além de recrutamento para panfletagem organizado por um jovem da Força Jovem Universal, grupo de jovens da IURD. Segundo a reportagem, sua equipe recebeu a proposta de 150 reais por semana, com jornada de sete horas e que o pagamento seria feito no local. Ainda de acordo com o periódico, o candidato teria recebido a doação de 101 fiéis da igreja, no valor de 300 reais cada.

Em sabatina organizada pela Folha/UOL²¹, Russomanno foi questionado a respeito do papel da religião em seu governo, o candidato afirmou que a realidade do PRB não se resume

¹⁹ <http://noticias.terra.com.br/brasil/politica/eleicoes/prb-de-russomanno-tem-66-dos-dirigentes-ligados-a-universal.9cb99782ac66b310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>

²⁰ <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/65365-russomanno-usa-estrutura-da-universal-na-campanha.shtml>

²¹ <http://eleicoes.uol.com.br/2012/ao-vivo/2012/08/17/sabatina-folha-uol-com-celso-russomanno.html>

à IURD e que preservaria todas as igrejas, inclusive regularizando sua situação, e que “gostaria que em cada esquina tivesse uma igreja pregando o amor ao próximo. É uma linha de conduta para o ser humano”. A frase foi replicada por outros veículos midiáticos e rapidamente virou piada em redes sociais, com usuários afirmando que preferiam escolas e hospitais em cada esquina.

Após a veiculação das reportagens, o coordenador de campanha de Russomano, Marcos Pereira, confirmou que a Universal apoiava o candidato e que permitira a distribuição de santinhos eleitorais nas portas da Igreja. O coordenador também condenou a presença das vans de Russomano no templo. Segundo ele, as vans faziam a campanha do candidato a vereador, Pastor Jean Madeira, e pediram para estacionar ali, pois os panfleteiros precisavam ir ao banheiro. Porém, afirma que deixou claro ao candidato que o espaço não poderia ser utilizado e que acreditava que Madeira não estava usando o local como base de campanha.

Segundo informações do jornal Estado de S. Paulo²² e do site G1²³, o candidato do PRB contava ainda com o apoio da Igreja Renascer em Cristo, comandada pelo Apóstolo Hernandes e sua esposa, a bispa Sônia, e de uma ala da Assembleia de Deus (a majoritária apoiou José Serra). Os representantes da Renascer afirmam que escolheram Celso Russomanno pela sua idoneidade e que os pastores ligados à instituição estariam livres para decidir como se daria a exposição do apoio ao candidato do PRB. Já a Assembleia de Deus Ministério promoveu um grande evento para Russomanno, comandado pelo seu líder, o pastor Marcos Galdino. A Igreja confeccionou material de campanha próprio, com um milhão de cópias do documento “Carta aberta aos cristãos”, assinado por Galdino, e outro impresso “Sete motivos para votar em Russomano. O ministério congrega 500 pastores e reúne cerca de 82 mil fiéis. De acordo com fontes do PRB, o apoio foi costurado pelo Bispo Atílio Francisco da Universal e candidato a vereador pelo PRB. O site de notícias evangélicas, o Gospel Prime²⁴, ainda afirma que a Igreja distribuiu 25 mil adesivos para veículos e que irá veicular propaganda em seu jornal, o AD Brasil, com 50 mil exemplares impressos. No final do culto, de acordo com a reportagem do G1, o pastor teria pedido para que todos colocassem a mão no coração e dessem dez abraços na pessoa ao lado, fazendo menção ao número dez, o mesmo de Russomanno na urna eletrônica.

22 <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,renascer-da-apoio-a-russomanno-serra-visita-templos,937672>

23 <http://g1.globo.com/sao-paulo/eleicoes/2012/noticia/2012/09/celso-russomanno-recebe-apoio-de-igreja-evangelica-na-zona-sul-de-sp.html>

24 <https://noticias.gospelprime.com.br/assembleia-de-deus-iurd-e-renascer-se-unem-para-eleger-russomanno/>

No bojo das produções midiáticas acerca da laicidade, a Folha de S. Paulo havia divulgado que pastores da IURD comandavam a campanha²⁵ do candidato do PRB. Segundo o jornal, o “núcleo duro” era composto pelo bispo licenciado Marcos Pereira e o pastor licenciado Vinicius Carvalho, presidente estadual do PRB. Além deles, a reportagem ainda cita dois outros coordenadores ligados à igreja, sendo que um ainda trabalhava para a TV Record, como o próprio Russomanno, apresentador na emissora antes de concorrer ao pleito. Ante às informações, Pereira fez questão de dizer que era também professor de direito e mestrando da “Pontificia Universidade Católica (ênfatizando a palavra católica, pronunciando-a sílaba por sílaba, Ca-tó-li-ca). Em entrevista ao Jornal O Globo, Russomanno manifestou-se e declarou que não falaria mais sobre religião e que isso (o envolvimento do PRB com a Universal) seria uma perseguição como houve na Europa das guerras religiosas. Ao ser indagado sobre a mesma questão pelo noticiário SPTV da Rede Globo, Russomanno foi enfático e reafirmou sua crença no Estado laico: “Tenho coordenadores da campanha ateus, judeus e muçulmanos”.

É interessante observar como a laicidade não se encontra mais sob um regime de *justesse*, isto é, em que as coisas parecem naturais aos atores, mas sim sob um regime de justiça, ou seja, quando as pessoas se engajam criticamente por estarem em desacordo com relação à “grandeza” atribuída a pessoas e objetos, tentando estabelecer um novo parâmetro considerado justo (Boltanski e Thevenot, 2006). Nesse processo, os atores são levados a justificar suas posições, por meio de referência a princípios de justiça aceitos e compartilhados. O argumento de Russomanno e Pereira exemplificam isso, uma vez que ambos afirmam sua crença na laicidade enquanto princípio que deve reger a política. Entretanto, a concepção deles em torno do laico é distinta da dos outros atores, já que não veem problema na participação religiosa, desde que ela contemple todas as religiões, como fica claro na fala de Russomanno sobre a presença de coordenadores de campanha de diversos segmentos, ou quando Pereira afirma que há católicos. Por outro lado, há também certa naturalização do catolicismo na esfera pública brasileira, por conta do regime de padroado e da presença da Igreja em diversas instituições, conforme aponta Montero (2014). Segundo a antropóloga, “a associação do catolicismo com o poder público não é percebida como uma ameaça à laicidade. É possível afirmar a nosso ver

25 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/64809-pastores-da-universal-chefiam-a-campanha-do-lider-russomanno.shtml>

que, de fato, ainda não se enraizou na experiência comum da sociedade brasileira um entendimento do bem coletivo que prescindia da ética proposta pelo cristianismo”.

A crise se agravou quando um texto de Marcos Pereira, publicado no seu blog em 2011, voltou a circular na Internet. O artigo intitulado “Qual o futuro da educação no Brasil?” em que acusa o material anti-homofobia, chamado por ele de kit-gay, elaborado pelo Ministério da Educação como sendo de responsabilidade da Igreja Católica que, segundo Pereira, controlaria os rumos da educação no país. O presidente do PRB finaliza o texto afirmando que “devemos lutar por um país verdadeiramente laico”. A Arquidiocese de São Paulo pronunciou-se de imediato, por meio de uma nota de repúdio. Nela, a Igreja afirma que é sabido por todos que o PRB é ligado à Igreja Universal e que Marcos Pereira atribui uma decisão exclusiva do governo à Igreja Católica. Ainda indaga a intenção desse ataque e o que não farão se conquistarem o poder. Segundo a Arquidiocese, trata-se de um caso claro de intolerância religiosa e ainda questiona o fato de Pereira se posicionar contra o ensino religioso, sendo que ele é pastor da Universal. Por fim, pede respeito à maioria católica no país. É interessante ressaltar a forma que a Arquidiocese trata o pertencimento de Pereira:

O “Pastor” Marcos Pereira, presidente do Partido Republicano Brasileiro (PRB)(...)

Ele se pavoneia gritando um currículo invejável, como se isso lhe desse o direito de falar inverdades, para não dizer bobagens.

Em seu site oficial, na área da biografia²⁶, consta a informação que Marcos é evangélico, mas não há nada a respeito de sua posição dentro da igreja (bispo), tampouco sobre a denominação, a Igreja Universal. Na verdade, a informação tem muito menos destaque do que a formação de Pereira na área do Direito, a sua licença para atuar como advogado em Portugal, atuação como jurista, livros lançados, honrarias recebidas, etc. Conforme descrito em seu blog²⁷:

²⁶ <http://www.marcospereira.com/conheca/bio/>

²⁷ <http://noticias.r7.com/blogs/marcos-pereira/>

Marcos Pereira é especialista em Direito e Processo Penal pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, professor universitário de Direito, advogado no Brasil e em Portugal e membro fundador da CJLP – Comunidade de Juristas de Língua Portuguesa. Foi membro colaborador nas comissões de Direito à Adoção e Seleção e Inscrição da OAB/SP. Atualmente é membro efetivo e consultor da Comissão Especial de Gestão das Guardas e Defesas Cíveis, também da OAB/SP e Presidente Nacional do PRB (Partido Republicano Brasileiro).

Devemos lembrar também que o presidente do PRB não gosta de ser questionado a respeito do seu vínculo religioso. Declarou que “está cansado de responder a essa pergunta” e faz questão de frisar que está há afastado há mais de vinte anos da função de bispo. Podemos concluir a partir disso que o pertencimento religioso é encarado pelos atores como um estigma (Goffman, 1993). Como não se trata de algo aparente no ator como uma deficiência, pode ser oculto por eles. Assim, essa informação é manipulada com cuidado na presença de “normais”. Nisso, cabe refletir a respeito da forma reflexiva pela qual o ator recorta sua biografia. Partimos do pressuposto que a narrativa sobre si é reflexivamente construída, o que levou Pereira a ocultar essa informação do blog e de seu site pessoal, mas enfatizá-la em outros meios como, por exemplo, outras igrejas evangélicas, ou na própria Universal. Isso leva o ator a mobilizar determinadas categorias sobre si de acordo com a situação em que se encontra. Se pensarmos a partir de Goffman, Pereira não expõe o seu estigma (líder evangélico) e faz o possível para que o assunto não seja levantado dependendo do público.

A nota da Igreja revela esse pertencimento de forma direta ao tratá-lo como pastor, relacionando ainda o PRB à IURD. Apesar de não ser o cargo que Pereira ocupava na Universal, trata-se de uma categoria amplamente utilizada pela sociedade brasileira para referir-se, muitas vezes de forma pejorativa, a líderes evangélicos. Muitas vezes Macedo é tratado como pastor, assim como o apóstolo Valdemiro Santiago, sendo identificados como “pastores evangélicos”, sem ter sua posição e filiação discriminadas.

Rapidamente, a nota foi replicada pelos maiores jornais do país, blogs, Facebook e o entrevero com a Igreja Católica passou a atingir a candidatura de Celso Russomanno. Os demais candidatos posicionaram-se com relação ao episódio, tornando a crença na participação da IURD no PRB ainda mais forte. Fernando Haddad manifestou-se e afirmou que “estão tentando criar uma guerra santa na cidade e que prefeito não pode privilegiar um e atacar

outro”²⁸. O candidato ainda acrescentou que se trata de um equívoco o fato de um dirigente partidário introduzir um tema doutrinário no debate político, pois não seria o lugar para tal argumentação. Carlos Gianazzi (PSOL-SP) declarou, em entrevista²⁹ ao site Terra, que “não podemos instrumentalizar as religiões, como acontece com o Celso Russomanno. Se trata de voto de cabresto, pegando pessoas com menor escolaridade, que é o público especificamente da igreja Universal, do bispo Edir Macedo”. Já José Serra afirmou que a Universal fez a campanha de Russomanno³⁰. O candidato tucano ainda acusou a Record de proteger Russomanno, já que o debate previsto para ocorrer na emissora foi cancelado. Segundo a emissora, o cancelamento se deu por conta da negativa da equipe de Serra, o que foi desmentido por ele. Serra considerou as críticas feitas por Pereira à Igreja Católica como “absurdas”. Chalita afirma que a Igreja não atacou nenhum candidato diretamente, mas apenas reagiu aos ataques e que tinha receio de sofrer novas agressões “de uma candidatura profundamente ligada a uma igreja (Universal)”³¹

O artigo de Pereira foi mais um elemento na situação problemática em torno da laicidade, levando os atores envolvidos a produzir mais críticas acerca dessa questão. Russomanno reafirmou a crença na separação das duas esferas, declarando que “religião é religião, política é política”³². Ainda afirmou que não há guerra religiosa no país e que respeita todas as religiões.

Se pensarmos no projeto estabelecido por Boltanski e Thevenot (1991), no que chamamos de primeira fase da sociologia pragmática, há um forte interesse na busca dos referenciais normativos mobilizados pelos atores em suas ações e críticas, seguindo o modelo das cités, isto é, mundos específicos de argumentação e de valores. Nesse caso, o mundo cívico, em que vigoram os valores da liberdade, igualdade, coletivo e democracia, é o sistema de equivalência comum aos atores. Afinal, todos mobilizam o respeito à laicidade, justamente para tentar definir o que é a presença da religião na política. Na contenda, Russomanno mobilizou um princípio partilhado pelos atores, “religião é religião, política é política”, ou seja, não se

28 <http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2012-09-14/querem-criar-uma-guerra-santa-na-cidade-de-sao-paulo-diz-haddad.html>

29 <http://noticias.terra.com.br/brasil/politica/eleicoes/giannazi-critica-igrejas-e-diz-russomanno-39instrumentaliza39-religioes,3c999782ac66b310VgnCLD200000bbccceb0aRCRD.html>

30 <http://oglobo.globo.com/brasil/para-serra-russomanno-dependente-da-universal-6206705>

31 <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,para-chalita-igreja-catolica-so-reagiu-a-critica-de-prb,931959>

32 <http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2012-09-15/religiao-e-religiao-e-politica-e-politica-diz-russomanno.html>

misturam. Já Pereira afirmou que suas opiniões “refletem um momento específico de sua liberdade de expressão e pensamento” e lamentava que a postagem tenha sido ressuscitada após tanto tempo, em um contexto eleitoral, por meio de um perfil fake na rede social *Twitter*, segundo ele. O coordenador da campanha também mobiliza um princípio de moralidade calcado no mundo cívico, ressaltando a liberdade enquanto valor que mobilizou sua ação.

Após a nota de repúdio ao texto no blog de Pereira, Dom Odilo, cardeal arcebispo de São Paulo, decidiu escrever novo texto para ser lido em missa celebrada na Catedral da Sé. Além disso, as 300 paróquias de São Paulo receberam orientação para divulgar o material, intitulado “Política, com ofensas à Igreja, não!”. A Arquidiocese informou, à época, que esperava que o texto atingisse 600 mil fiéis, público estimado pela Igreja na missa dominical. No artigo, Dom Odilo afirma, sem citar candidatos ou partidos, que a religião não pode ser “instrumentalizada” e manipulada em função da busca do poder político. Segundo ele, o voto dos cidadãos é livre e não deve ser imposto como “cabresto eleitoral” por ministros religiosos, transformando templos em um “curral eleitoral”. Acrescenta ainda que “*a manipulação política da religião não é um benefício para o convívio democrático e pluralista e pode colocar em risco a tolerância e a paz social*”. Podemos observar como atores assumidamente religiosos (não é o caso de Pereira, pois ele se coloca sempre como presidente do PRB e jamais como evangélico) também defendem a noção de laicidade:

Consideramos que a manipulação e instrumentalização da religião, em função da busca do poder político, não prometem ser um bem para a sociedade e não são coerentes com os princípios da liberdade de consciência e do legítimo pluralismo no convívio dos cidadãos. Além de tudo, isso poderia deixar divisões e feridas dificilmente cicatrizáveis no seio das religiões e das comunidades religiosas. (Dom Odilo)

O líder católico reafirma sua crença na política separada da religião ao pregar que a religião não deve ser utilizada na busca pelo poder político. Entretanto, a participação da religião não é de todo malvista por ele:

Também com este propósito, enquanto organização presente de maneira capilar na cidade, a Arquidiocese de São Paulo convidou os 5 candidatos, atualmente mais bem posicionados nas pesquisas eleitorais, sem distinção de partido, para um colóquio com o clero e os religiosos, no próximo dia 20 de setembro, para que os candidatos tenham a ocasião de apresentar seus projetos e propósitos de governo e, da parte do

clero e dos religiosos, possam ouvir os questionamentos sobre assuntos que interessam muito o povo de São Paulo e dizem respeito a realidades e questões, nas quais as organizações da nossa Igreja estão profundamente inseridas e envolvidas.

A participação da Igreja no processo eleitoral por meio de um debate é encarada com naturalidade por Dom Odilo. Segundo ele, não pode haver uma “instrumentalização da religião”, isto é, usar a estrutura de uma igreja, independentemente da congregação, para eleger um candidato, conforme fica claro em seu texto. Porém, a participação de instituições religiosas de outra forma como, por exemplo, na organização de um debate, não traria prejuízo à noção de laicidade aqui entendida pelo arcebispo. Nas eleições de 2010, a Comissão em Defesa da vida, setor da Igreja Católica divulgou panfleto anti-Dilma, por conta de sua suposta intenção de “legalizar o aborto”. O panfleto foi aprovado pela regional sul da CNBB e o responsável pela comunicação afirmou que o erro foi apresentar a sigla partidária.

A Regional Sul divulgou nota³³ afirmando que os bispos católicos "não indicam nem vetam candidatos ou partidos e que respeitam a decisão livre e autônoma de cada eleitor". Logo, a visão da laicidade dos atores católicos considerados nesse trabalho revela que a noção deve compreender a participação religiosa na política, pois, afinal como os atores indicaram o problema é partidarizar e indicar nomes, mas posicionar-se na esfera da política em relação a determinados temas não é visto como uma ruptura no princípio de laicidade. Portanto, esses atores compreendem que os agentes religiosos podem participar do processo e mesmo das instituições, porém sem utilizar sua estrutura para beneficiar ou agredir um candidato. Nesse sentido, sua posição assemelha-se a de evangélicos que acreditam que o Estado deva garantir a presença do religioso nas esferas de discussão governamentais.

A construção da noção de laicidade, nessa situação problemática, revela que diferentemente de atores que compreendem a categoria como total separação entre política e religião, os agentes do PRB e também católicos admitem a participação do religioso no processo político com algumas diferenças. Os católicos não admitem apoiar alguém publicamente, como mostram os discursos dos bispos da Regional Sul. Já para Marcos Pereira, o fato da IURD apoiar Russomanno é um direito da instituição e algo normal. Entretanto, ambos convergem ao assumir que a estrutura religiosa não pode ser usada para a campanha, respeitando a lei eleitoral vigente. As críticas feitas por Dom Odilo com relação à “instrumentalização da religião” versam

33 <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,cnbb-reconhece-erro-ao-posicionar-se-contradilma,626036>

sobre o uso de templos religiosos e pregação de pastores em prol de um determinado candidato, porém nada dizem a respeito da participação “neutra” da religião, isto é, sua presença sem adoção de candidatos. Já Pereira ao criticar a Igreja Católica a respeito de sua suposta participação no kit-gay afirma que o país deve ser verdadeiramente laico, sem influência da religião, uma vez que enxerga um excesso no acordo entre o Brasil e a Santa Sé. Dessa forma, os atores mobilizam critérios de definição específicos para a questão da laicidade, lançando mão, para tentativa de resolução do conflito, de princípios morais que tenham legitimidade pública, ou como aponta Boltanski (1991) que façam referência a um bem comum, no caso a separação entre política e religião.

Todos os candidatos convidados pela Arquidiocese compareceram ao debate, menos Russomano. O candidato havia condicionado sua ida ao evento se pudesse ter um encontro privado com Dom Odilo, o que foi negado pela organização. Segundo Russomanno, o pedido se deve ao fato de estar sendo atacado pela Igreja Católica. Antes do início do debate, Dom Odilo ainda afirmou que “igreja não deve apoiar ou indicar candidato”. Os candidatos presentes aproveitaram a ocasião no último bloco para criticar a ausência de Russomanno e relacionar o fato à “ausência de propostas”. Chalita afirmou que o candidato do PRB faz propostas populistas, enquanto que Haddad acredita que o não comparecimento alimenta a crise com a Igreja Católica, causada pela “agressão”, nas palavras do petista, de Marcos Pereira à instituição. Já José Serra acredita que o republicano não gosta do debate de ideias. O padre José Geraldo Rodrigues crê que Russomanno não apareceu por imposição de seu partido.

Alguns dias depois, Russomanno conseguiu se encontrar com Dom Odilo. O candidato do PRB comentou que compreendia o fato de ele estar magoado e que não achou que foi atacado ou desrespeitado pela nota da Arquidiocese³⁴. Russomanno ainda comentou que sua família tem uma forte história no catolicismo e que buscou mostrar isso a Odilo. Quanto ao post do coordenador de sua campanha, Russomanno afirmou que se trata de uma questão pessoal dele e fato já resolvido. Já o líder católico afirmou que a conversa foi boa, mas que “é preciso ver os passos seguintes”. O candidato do PRB ainda conquistou o apoio do Padre Marcelo Rossi. Russomanno compareceu a uma missa realizada no santuário do padre. O líder católico afirmou que celebrou o casamento de Russomanno e o batizado de seu filho e, por isso, conhece

34 <http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2012/noticia/2012/09/arquidiocese-de-sp-marca-debate-eleitoral-com-candidatos-prefeito.html>

e tem confiança no candidato do PRB. Apesar de não declarar o voto, Marcelo Rossi permitiu que a campanha de Russomanno utilizasse as imagens da missa.

A ascensão de Fernando Haddad e os ataques do petista à proposta de transporte de Russomanno geraram uma resposta não do PRB, mas sim da Universal. O blog do Bispo Edir Macedo publicou, a dois dias da eleição, um post intitulado “Desabafo da Revolta”³⁵, com texto de autoria desconhecida, assinado simplesmente como “Amigo”. Nele, o autor ressalta que aprendeu com o Bispo Macedo o valor da verdade e o custo do engano, da mentira e, por isso, precisava desabafar sobre as eleições na cidade de São Paulo, apresentando cinco motivos para não votar em Fernando Haddad e cinco para votar em Russomanno.

De acordo com o “desabafo”, Haddad foi o responsável pelo “kit-gay” e tentou distribuí-lo às crianças, destruindo a moral da família. Na Prefeitura, longe da pressão da presidente Dilma e sem precisar mais de votos para ser eleito, irá distribuí-lo na cidade de São Paulo e reverter os princípios morais. Ainda segundo o documento, o candidato do PT teria mentido sobre a proposta de transporte de Russomanno, ao afirmar que ele quer cobrar mais de quem anda mais, mas, “na verdade, quer cobrar menos de quem anda menos e manter a tarifa de R\$ 3 para quem anda mais, inclusive com o bilhete único”. O caso dos vazamentos do ENEM³⁶ também foi lembrado como motivo de incompetência. Para o blog, o petista não reconhece o erro nesse episódio por se pensar “infalível”.

Por último, declara que o candidato do PT e alguns de seus colegas de sigla julgam os evangélicos como alienados e que os amigos de partido estavam envolvidos em desvios de dinheiro. “Leio as notícias sobre mensalão e José Dirceu, Genoino, Delúbio, Marcos Valério, são todos companheiros de Fernando Haddad. Mesmo que sejam condenados, quem nos garante que irão para a cadeia? Quem nos garante que, no dia seguinte à posse, não estarão devidamente instalados nos gabinetes do secretariado da prefeitura?” Segundo ele, mesmo que sejam presos, Haddad colocaria outros “comparsas” que roubariam São Paulo, uma vez que “roubaram o Brasil”. Logo depois das críticas ao petista, declara seu voto em Russomanno. Segundo ele, o PRB tem em seus cargos de direção “verdadeiros homens de Deus” que foram “cruelmente

35 <http://blogs.universal.org/bispomacedo/2012/10/03/desabafo-da-revolta/>

36 Em 2010, enquanto Fernando Haddad era ministro da Educação, houve uma falha na impressão do Exame Nacional do Ensino Médio e também vazamento da prova, de acordo com investigação policial.

atacados pela mídia e pelos outros candidatos por seguirem a fé inteligente, pura, que liga o homem a Deus, sem intermediários e sem emoções baratas”.

A experiência de Russomanno como deputado federal foi exaltada, assim como sua “disposição de defender a população nas ruas dando a cara para bater, sem rabo preso com ninguém, não carregando a inexperiência desastrosa de Haddad ou a fome pelo poder de Serra”. Para o autor desconhecido, São Paulo está cansada da briga entre dois partidos que pensam a população como um bolo a ser repartido por homens sem compromisso com o que é certo e verdadeiro, usando o povo como peão em um jogo de tabuleiro.

Para pensar a inserção de Macedo nessa situação crítica, tomaremos como recurso o trabalho de Cyril Lemieux (2009) para análise da ação. Segundo o autor, a gramática é o conjunto de regras a serem seguidas dentro de um grupo, a fim de saber agir e julgar corretamente. Para o autor, há três níveis de gramática, a natural, em que nada é contestado e, por isso, o nível de *reflexividade* é menor; a do realismo em que há uma oposição ou autocontrole a uma ação, o que exige maior nível de *reflexividade*, e a pública que exige argumentos com maior distanciamento da causa e recurso a mobilizações coletivas, o que exige um grau de *reflexividade* ainda maior. Isso posto, passemos à ação referente à postagem no blog. Em primeiro lugar, não se trata de uma ação em virtude de um hábito, isto é, a partir das regras sociais vigentes, mas sim um momento reflexivo, com a mobilização das regras existentes para provar um ponto de vista.

A própria construção da carta, um professor anônimo, evangélico cidadão de São Paulo, remete a termos mais gerais, mobilizando forças coletivas, aproximando a noção de gramática pública de Lemieux ao processo de dessingularização de Boltanski (1993) como forma de sucesso de uma denúncia, por conter elementos gerais e não privados/individuais. Ao citar que a aprovação do kit gay só não se deu por conta dos evangélicos, há a mobilização de todo o grupo, sem fazer distinção em relação à congregação e também a menção a uma ação coletiva organizada pelas denominações no passado. O autor apresenta-se como uma pessoa que lê e se informa, em oposição à figura do “alienado”, usada por certos atores políticos para classificar os evangélicos.

A noção de guerra santa é operacionalizada como crítica às denúncias recebidas pelo PRB pelos outros agentes nessa crise. Aparentemente, poderíamos dizer que o texto no blog de Macedo faz referência a uma gramática do grupo evangélico ao dizer que Haddad não

é um homem de fé e não respeita os valores do “Senhor Jesus”, enquanto que a gramática cívica parece estar em segundo plano. Não é objetivo do trabalho julgar o que é “religioso” ou “cívico”, tampouco porque os atores preferiram usar esse referencial e não outro. Simplesmente usaram. Conforme aponta Lemieux, perguntar sobre a origem da gramática “não ajuda mais do que perguntar de onde vem a tromba dos elefantes” (LEMIEUX, 2009, 60, tradução minha). Entretanto, outra intervenção no Blog do Bispo, publicada no dia da eleição municipal, 07/10/12, tem uma linha diferente, com a mobilização de outros argumentos.

O texto, de autoria da jornalista Vanessa Lampert, fiel da Igreja Universal e revisora na Unipro Editora, de propriedade da IURD, expõe decepção com o PT, partido que afirma ter militado durante as campanhas presidenciais. Segundo ela, a sigla sempre se destacou por ser um espaço plural, de livre pensamento, coerentes e inteligentes em relação aos da oposição. Entretanto, a má colocação de Haddad na corrida eleitoral teria mudado essa situação. A autora revela que esperava os ataques à IURD vindos de Serra e do PSDB, mas jamais do PT.

À época, a militância digital de Haddad compartilhou um vídeo³⁷, com depoimento de uma ex-obreira sobre o uso da estrutura da IURD na campanha. Segundo ela, obreiros eram convencidos a conseguir dez votos cada um para Russomanno e os pastores pediam aos fiéis para ler o salmo de número 10, em alusão à chapa do PRB, tentando controlar seu pensamento político. Segundo a ex-colaboradora da IURD, as lideranças diziam que Russomanno seria melhor para a Igreja, pois concederia isenção de impostos e facilitaria as licenças para a construção do Templo de Salomão, assim como melhorias no entorno.

Para Vanessa, a IURD é uma instituição que estimula o livre pensar e os membros da Universal querem um governo sem ligação com a velha mídia que odeia a igreja. Apesar de Russomanno não pertencer à instituição, seria o melhor candidato na visão dos fiéis, pois “política é um assunto de todos os cidadãos, estejam ele vinculados ou não a uma igreja”. Para ela, o pertencimento de um candidato a um partido que tem membros de uma igreja não significa que a mesma irá mandar no mandato. “A minha igreja não faria isso”. Segundo ela, Russomanno é tão fantoche de Edir Macedo quanto Dilma de Lula.

Quando o PRB apoiou a eleição da Dilma alguém disse que ela era fantoche do Bispo Macedo? A não ser a imprensa, que a acusou de fantoche de todo

37 <https://www.youtube.com/watch?v=siS4nUw2UHU>

mundo. Quando o Bispo escreveu em seu blog contra as mentiras que jogavam contra Dilma e a oposição acusou o governo de favorecer a IURD, todos do PT sabiam que não era verdade. Quando José Alencar foi para o PRB (do qual foi presidente de honra) ninguém disse que o Bispo Macedo seria vice-presidente e Alencar era um fantoche. Por que agora o raciocínio não pode ser o mesmo? Por que aceitar a agenda do PIG³⁸?

A autora afirma que não julgará todo o PT por Haddad e que espera continuar respeitando o partido e que o defenderá se ele for injustiçado. Percebemos aqui também uma forma de ação mais reflexiva, mobilizando uma causa coletiva e a discussão das regras existentes como, quando, por exemplo, indaga se os evangélicos não são também cidadãos com direitos políticos e possibilidade de eleger representantes. Ao apelar para a esfera do direito, Vanessa apela para seus “ideais”, entendido por Lemieux como uma forma mais complexa de argumentação, uma vez que porta críticas e discute as próprias regras como, no caso, a participação de atores evangélicos na esfera política.

Próximo ao final da campanha, Russomano perdeu votos para Haddad e Serra na última pesquisa Datafolha, encontrando-se empatado tecnicamente em segundo lugar com o petista. Os coordenadores da campanha do PRB, do PSDB e do PT foram convidados pelo portal IG para uma entrevista sobre da campanha³⁹. Quando indagados sobre quem estaria colocando o tema da religião na eleição, o presidente do PRB afirmou que “a mídia tem tentado vincular o PRB à Igreja Universal. Desde o início a mídia vem colocando isso. A gente diz que não é assim, mas não adianta”. Já Edson Aparecido, coordenador da campanha do PSDB, afirma que o debate acontece porque Russomano usa a igreja como sua principal base eleitoral, o que gera desconfiança de outras denominações. Para ele, não é o eleitor que coloca essa questão, mas sim Russomano. Já para Antônio Donato, coordenador do PT, isso ocorre porque Serra e Russomano buscam apoio formal das igrejas. Segundo Pereira, isso se deve a um grande preconceito de “uma parcela da sociedade brasileira”.

O presidente do PRB e então coordenador da campanha de Celso Russomano declarou ainda que sua “fé religiosa não interfere em suas questões políticas, mas que por ser da Universal há esse preconceito. “Se não fosse, não teria esse preconceito”. É interessante ressaltar como atores da Universal utilizam a categoria preconceito quando sua participação no

38 O termo PIG foi criado pelo jornalista da Record, Paulo Henrique Amorim, para definir a imprensa brasileira: Partido da Imprensa Golpista.

39 <http://poderonline.ig.com.br/index.php/tag/marcos-pereira/page/4/>

processo político é criticado/denunciado por outrem. De acordo com eles, essa perseguição se dá exclusivamente com a Universal, por conta de seu histórico no país e seus embates com a Igreja Católica e Rede Globo, principalmente depois do episódio do chute na santa⁴⁰, o que teria manchado a imagem da IURD perante o povo brasileiro.

Pereira considera que essa discussão é indiferente para a campanha do PRB, uma vez que o eleitor não está preocupado com debate religioso, mas sim com os problemas e soluções para a cidade. Entretanto, reitera que esse tema é péssimo para o país, uma vez que o Estado é laico e a laicidade deve ser mantida. Já Aparecido pontua que a campanha trata todos de forma igual e que a religião não deve pautar a disputa, “embora o Serra dialogue com todas as igrejas e reconheça parcerias importantes entre elas e a Prefeitura e a maneira como fazer mais parcerias sem usá-las como curral eleitoral”. Ele acredita que essa discussão é ruim, pois impede a apresentação de propostas para o eleitorado. O coordenador do PT, Donato, tem a mesma opinião e pensa que é algo “ruim para a sociedade e para todos”.

Dessa forma, vemos que esses atores, com trajetórias diferentes e pertencendo a grupos políticos distintos, parecem convergir no que tange ao respeito à laicidade. Porém, eles divergem em relação à definição dessa categoria, no momento crítico estabelecido na campanha, mobilizando valores morais diferentes. Marcos Pereira pontua que o pertencimento a uma determinada congregação religiosa influencia as denúncias, declarando que sofre “perseguição” por ser da Universal, ou seja, subentende-se que isso não ocorreria se fosse de outra Igreja. Segundo ele, “não levantei essa bandeira de religião, discutimos política. Porque alguns membros (do PRB) são da Igreja a maioria dos jornalistas quer tornar o partido religioso”. O presidente do PRB acusa a mídia de tornar uma minoria no partido como a ala mais representativa da sigla. Alguns meses antes da campanha, o senador Eduardo Lopes (PRB-RJ), que sucedeu Crivella, declarou que o partido tem sua gênese na religião, mas que seria “errado dizer que o PRB pertence aos evangélicos, assim como o PT é dos sindicalistas”. De acordo com Lopes, é errado dizer que o partido é da Igreja Universal, pois ele apenas surgiu por meio de pessoas vinculadas à instituição, mas, hoje, é tão aberto quanto o PT.

40 Durante o programa *Despertar da Fé*, transmitido pela Record, o bispo Von Helder da IURD toca a imagem de Nossa Senhora de Aparecida para mostrar que ela não era sagrada e que não possuía poderes. O episódio ficou conhecido como chute na santa e foi retransmitido por diversos canais de televisão, gerando uma grande controvérsia na sociedade brasileira.

Ambos acreditam que não exista problema em relação à existência de uma parcela religiosa no partido, desde que ele seja aberto para outros segmentos sociais, garantindo assim seu status como laico. Em reuniões partidárias, Marcos Pereira costumava repetir que a religião não importa para o PRB e que todos são bem-vindos. Até mesmo Russomanno é mobilizado como exemplo da pluralidade existente no PRB, já que “nunca conseguiu se candidatar a prefeito enquanto pertencia ao PP, mas no PRB pode. O PRB é o partido das oportunidades”. Enquanto Pereira adotava um discurso a favor da laicidade e negava a participação da religião na campanha, o outro coordenador político de Russomanno, Campos Machado, apresentava uma visão diferente: “quem disse que não pode misturar política com religião, não entende de política, tampouco de religião”⁴¹. Machado atribui a frase a Gandhi. O político teria dito, segundo a Folha de S.Paulo, que foi ele quem costurou o apoio da Igreja Renascer e de padres carismáticos. Também teria sido responsável pelo encontro com Dom Odilo e por conseguir Marcos Pereira a deletar a nota contra a Igreja Católica em seu blog.

O coordenador do PSDB, Edson Aparecido, não encara a laicidade como uma ruptura total da política com a religião, uma vez que admite que seu candidato tem diálogo com setores religiosos, uma vez que compõem a sociedade e podem apresentar parcerias interessantes ao poder público. Para ele, a laicidade é ameaçada quando há instrumentalização da fé para formação de “curral eleitoral” o que, segundo sua perspectiva, é feito por Russomanno e o PRB. Já o coordenador do PT, Antônio Donato, afirma que a busca formal pelas igrejas é feita por Serra e Russomanno. No início da campanha, Haddad chegou a acusar Serra de utilizar pastores evangélicos para difamá-lo por conta do “material didático contra homofobia”⁴² que foi desenvolvido enquanto o petista era ministro da Educação.

Apesar do tom mais crítico de seu coordenador, Haddad também recebeu apoio da Igreja Paz e Vida, Convenção Batista, Convenção dos Ministros da Assembleia de Deus do Estado de São Paulo, Assembleia de Deus Nipo-brasileira, Convenção das Igrejas Pentecostais e Assembleia de Deus de Santo Amaro. Os líderes das instituições tornaram seu apoio público por meio de um manifesto⁴³, que explica a opção pelo compromisso de Haddad em respeitar a

41 <http://www1.folha.uol.com.br/poder/1164149-campos-machado-diz-nao-ver-problema-em-misturar-religiao-e-eleicao.shtml>

42 O material didático contra a homofobia foi uma iniciativa do projeto Escola Sem Homofobia, parte do programa federal “Brasil sem Homofobia”. Líderes religiosos e deputados apelidaram o material de “kit gay”. Depois de muita controvérsia, o governo desistiu de veicular o material nas escolas públicas do país.

43 <https://noticias.gospelprime.com.br/igrejas-evangelicas-manifesto-fernando-haddad/>

liberdade religiosa e defender a laicidade, proibindo o uso de igrejas para fins políticos, além de sua intenção de manter parcerias entre Prefeitura e igrejas e acabar com as “perseguições impostas por Serra e Kassab com o fechamento de templos através da aplicação da lei de silêncio municipal”.

Ao final da eleição, Russomano teve 21,06% dos votos válidos, enquanto Haddad e Serra receberam, respectivamente, 28,98% e 30,75%, o que os levou ao segundo turno, vencido pelo petista. Com a derrota, inesperada para quem liderou boa parte da corrida eleitoral, segundo as pesquisas, Russomano afirmou que foi massacrado pelos adversários, principalmente pela sua ligação com a Universal e também por sua proposta de transporte público de pagamento proporcional a quilômetro rodado.

Embora coligado com o PT na esfera federal, o PRB e Russomano adotaram a neutralidade para o segundo turno das eleições e não declararam voto. Posteriormente, a chapa ainda foi condenada pelo TRE – Tribunal Regional Eleitoral a pagar uma multa no valor de cinco mil reais por propaganda em templo religioso. Segundo a decisão do juiz Marco Antonio Martin Vargas, na capital, durante um culto, um pastor da Igreja Assembleia de Deus transmite mensagem em prol do candidato fazendo referência, de forma subliminar, ao número 10, o mesmo da candidatura. Conforme verificado nos arquivos do TSE – Tribunal Superior eleitoral, referente ao processo nº 212841.2012.626.0001

Analisado todo este contexto, verifica-se que o mencionado Pastor nitidamente transmite mensagem em prol do representado Celso Ubirajara Russomano. Basta, a tanto, notar nos trechos grifados que há clara solicitação de votos ao citado candidato ao pedir que as pessoas que estavam ali presentes levassem o nome do candidato a prefeito para até cem pessoas (...) para que ele possa assumir essa grande cidade de São Paulo e que seria um passo bem dado para alcançar algo bem maior. Ademais, o referido discurso faz referência, de forma subliminar, ao número de candidatura usado por este representado na sua campanha eleitoral, qual seja, o número 10 (dez).

O art. 37, caput e § 4º, da Lei nº 9.504/97 dispõe: "Nos bens cujo uso dependa de cessão ou permissão do poder público, ou que a ele pertençam, e nos de uso comum, inclusive postes de iluminação pública e sinalização de tráfego, viadutos, passarelas, pontes, paradas de ônibus e outros equipamentos urbanos, é vedada a veiculação de propaganda de qualquer natureza, inclusive pichação, inscrição a tinta, fixação de placas, estandartes, faixas e assemelhados" . e § 4º Bens de uso comum, para fins eleitorais, são os assim definidos pela Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 - Código Civil e também aqueles a que a população em geral tem acesso, tais como cinemas, clubes, lojas, centros comerciais, templos, ginásios, estádios, ainda que de propriedade privada." (grifo nosso.)

A partir da candidatura do PRB, representada por Celso Russomanno, uma situação problemática foi instaurada, durante as eleições municipais, em torno da noção de laicidade, antes um tema consensual entre os atores e, por isso mesmo, sob o regime de *justesse* (Boltanski, 1993), ou seja, trata-se de um estado de paz em equivalência, pois as pessoas estão de acordo e não mobilizam críticas. A partir do momento em que a crise surgiu em torno dessa categoria, os atores mobilizaram seus repertórios críticos a fim de construir argumentos para estabelecer novos princípios de equivalência e grandeza, para construção de um novo acordo em relação à laicidade. De modo geral, os atores valorizam em seus discursos a importância de separar política e religião, mas seu entendimento sobre o que seria isso difere completamente.

No que tange aos atores ligados ao PRB, não há problema em relação ao pertencimento religioso de seus quadros, uma vez que a sigla é plural e acolhe “gente de todos os credos”. Tanto que Russomanno mobilizou a pluralidade religiosa dentro do partido justamente para indicar a laicidade do mesmo, assim como sua condição de católico, que indicaria que seu partido não era controlado pela Universal. Outros, como Marcos Pereira, atribuem a filiação à Universal como motivo de preconceito que gerou esse questionamento em torno do partido, algo que não ocorreria com outra denominação.

A Igreja Católica, por meio da Arquidiocese, organizou debates, participou do processo político, mas não viu nessa atitude uma ruptura com o princípio de laicidade, pois não apoiou ou criticou um candidato específico. Sendo assim, a argumentação dos atores indica que não há problema participar, mas sim “instrumentalizar as religiões” e fazer dela “curral eleitoral”, remetendo às antigas práticas do coronelismo em que os eleitores eram coagidos a votar em um determinado candidato. Tais críticas mobilizam respostas dos evangélicos, que acusam seus detratores de tachá-los de “alienados” e “rebanho”, prontos a votar em candidatos indicados, como se não possuíssem senso crítico, como evidencia o texto de Vanessa Lampert.

Haddad, Serra e Chalita receberam apoio de diferentes líderes religiosos ao longo da corrida eleitoral, mas também teceram críticas a Russomanno, pois, na visão deles e de alguns de seus coordenadores, não havia uso da estrutura religiosa para pedir votos, tampouco a presença deles nos partidos. Como Mariano (2011) aponta, a “laicidade à brasileira” é bem diferente da noção existente em outros países, uma vez que a Igreja continuou presente na educação, saúde e lazer. Ainda no séc. XX, por conta da Constituição de 34, conseguiu estar

presente no Estado por meio de um princípio de colaboração (Giumbelli, 2008). Trata-se de um cenário diferente da França, por exemplo, em que a laicidade tomou uma postura anti-clerical, com a proibição da religião nas escolas públicas e a formação de uma cultura pautada em valores seculares.

Não é intenção do trabalho tentar definir uma “pureza” da laicidade, mas sim compreender como há uma particularidade em relação a essas categoria, que está mais aberta e em disputa do que em outras sociedades por conta do desenvolvimento sócio-histórico brasileiro específico. Isso pode explicar como a presença de determinadas congregações é vista com mais naturalidade, uma vez que a Igreja Católica tem sua presença naturalizada por conta da participação no Estado há séculos. Isso se torna motivo de denúncia e inquietação para os atores como, por exemplo, quando Marcos Pereira menciona o acordo Brasil-Santa Sé. A própria naturalização do catolicismo na esfera governamental é percebida pelos agentes, o que se evidencia quando Russomanno é apresentado como “católico fervoroso”, ou quando Marcos Pereira afirma que há católicos na direção do PRB, ou que é estudante de universidade “Ca-tó-li-ca”.

Nisso, temos de imediato uma breve conclusão que a percepção da “naturalidade” do catolicismo nas instituições públicas não é exclusividade das ciências sociais, mas também dos atores ditos comuns que percebem essa condição, criticando-a em situações problemáticas, ou mesmo assumindo a identidade católica durante momentos de justificação.

A laicidade e as eleições de 2014 para governo de estado do Rio de Janeiro

A candidatura de Marcelo Crivella, senador da República pelo PRB, foi definida em convenção do partido, realizada em Olaria, subúrbio do Rio de Janeiro. O vice escolhido foi o general José Abreu, também do PRB, uma vez que a legenda não constituiu coligação com outras siglas. Crivella foi convidado por Garotinho para ser seu vice, mas não aceitou a proposta. Em uma de suas primeiras inserções no horário eleitoral gratuito, Crivella apresentava-se dessa forma: “sou evangélico, mas não misturo política com religião. Sou hetero, mas respeito quem não é. Sou ficha limpa, mas não estou aqui para julgar ninguém. Sou um engenheiro e quero construir um Rio de progresso e de paz”. Sem tentar interpretar a fala de Crivella, podemos, ao menos, ressaltar que o candidato julgou relevante falar sobre sua

opção religiosa (sem revelar a filiação, usando-se do termo mais genérico “evangélico”) e ressaltar que respeita a laicidade e também os homossexuais. Devemos contextualizar que, à época, o embate entre evangélicos e militantes LGBT era muito forte, uma vez que o pastor e deputado Marcos Feliciano (PSC-SP) havia deixado a presidência da Comissão de Direitos Humanos da Câmara no final de 2013, após uma passagem marcada por diversas controvérsias.

A primeira pesquisa de intenção de voto, realizada pelo Datafolha, em julho, revelou empate técnico entre Garotinho (PR) e Crivella, cada um com 24% e Pezão (PMDB), em terceiro lugar, com 14%. Em apenas um mês, o senador do PRB perdeu seis pontos e ficou em situação de empate técnico com o candidato do PMDB. Coincidentemente, o questionamento acerca de sua filiação religiosa teve início no começo do mês de agosto, em sabatina realizada pelo UOL⁴⁴, em parceria com o SBT.

Um dos entrevistadores citou uma pesquisa realizada pelo Datafolha sobre a rejeição do eleitorado em relação a candidatos religiosos e questionou se o fato de ser bispo licenciado da IURD não seria um impedimento à sua eleição. O candidato afirmou que a maior parte de sua rejeição era baseada nisso, mas que depois de doze anos de vida pública, as pessoas perceberam que ele separa “religião e política”. Outro dado colocado na sabatina foi uma análise realizada na página oficial do candidato no Facebook que constatou que a “linguagem” usada pelo candidato tinha forte apelo religioso, com citação de salmos e frases motivacionais de “cunho religioso”. Ele mudaria sua postura e os discursos para discutir política com os eleitores?

De acordo com Crivella, a política está muito chata e é preciso inovar e mostrar o lado bom das coisas, o que explica o sucesso da página. Em sua perspectiva, a maior parte das pautas é de interesse do grande capital, do poder e não das pessoas comuns e, por isso, sua intenção seria trazer a “boa política”, próxima das pessoas.

Indagado sobre os boatos que correm sobre ser homofóbico, Crivella argumenta que não há “povo menos homofóbico que o evangélico”, mas os evangélicos querem “seu direito de exprimir sua crença de que o homossexualismo (sic)” é pecado. O jornalista Maurício Stycer questionou o que o candidato achava de seu tio, o bispo Edir Macedo, realizar exorcismos de homossexuais, conforme constam em vídeos em redes sociais. Segundo o

44 <http://mais.uol.com.br/view/1575mnadmj5c/crivella-diz-que-religiao-nao-atrapalha-e-que-politica-esta-muito-chata-04028C1C3862D4895326?types=A&>

candidato, “homossexualismo” é assunto pessoal de cada um e governador não deve se meter, além disso afirma que não será um exorcista. Ainda frisou que tem homossexual na família, no gabinete e no partido e que os adversários políticos tacharam essa pecha de homofóbico. Para Crivella não há nada que indique essa atitude, uma vez que ele nunca aprovou ou discutiu projeto de lei que cerceasse o direito dos gays.

O candidato ainda negou que tenha praticado exorcismo em homossexuais e disse que estava lá para falar sobre “saúde, educação e segurança”. Logo após esse episódio, Marcelo Crivella começou a cair nas pesquisas de intenção de voto. No mês seguinte, em setembro, durante sabatina realizada pelo jornal O Globo, o tema da homossexualidade voltou a ser abordado, por meio da questão de um internauta sobre a PL sobre criminalização da homofobia que tramita na Alerj – Assembleia Legislativa do estado do Rio de Janeiro, e o candidato afirmou que era a favor do projeto.

Com a queda de Crivella nas pesquisas de opinião, os outros candidatos não se focaram em sua candidatura e o tema da laicidade foi colocado apenas pela mídia. Dois dias antes da eleição, o jornal O Globo publicou reportagem⁴⁵ sobre a incitação de votos e boca de urna por parte de um bispo da IURD em um templo em Nova Iguaçu. De acordo com a denúncia, pautada em gravação de culto para 300 pessoas, o bispo Júnior Reis afirma que Pezão riu quando indagado a respeito do desaparecimento do pedreiro Amarildo⁴⁶, pois ele é “o principado do demônio”. O líder religioso conclamou os fiéis a realizar boca de urna antes de irem votar e acusou Pezão de distribuir dinheiro para compra de votos, segundo o relato de uma idosa, informado pelo bispo.

Ao término da pregação, Reis ainda pediu votos para Crivella:

Agora é reta final, e a igreja precisa de vocês. Deus, nós não podemos perder! Amarra o principado chefe que atua no governo e está rindo agora! As nossas mãos, que são a mão de Deus, vão fazer a diferença! Nós vamos fazer a maior boca de urna do Rio e da nossa Igreja Universal. Por isso, meu Pai, abençoa o Crivella, 10!

O candidato do PRB foi ao segundo turno das eleições, com 20,26%, contra 19,73% de Anthony Garotinho. Conseguiu angariar o apoio de Lindbergh Farias (PT-RJ) e de Garotinho (PR) para a sequência eleitoral. À exemplo do que se passou em São Paulo, o tema da laicidade

45 <http://oglobo.globo.com/brasil/bispo-incita-fieis-boca-de-urna-por-crivella-em-nova-iguacu-14122529>

46 Amarildo Dias de Souza, ajudante de pedreiro e morador da Rocinha, desapareceu após ser conduzido por policiais militares à Unidade de Polícia Pacificadora do bairro.

dominou o debate no segundo turno do Rio de Janeiro. No primeiro debate do segundo turno, promovido pela Veja Rio, Pezão passou a denominar Crivella como bispo e não mais como senador, conforme o fez nos debates do primeiro turno. Interessante ressaltar que, em alguns momentos, Pezão se traía e o chamava de “senador” e, logo depois, emendava “bispo”, ou “bispo licenciado”, para fazer referência ao afastamento de Crivella da IURD.

A organização do debate abria o espaço para participação de pessoas de destaque da sociedade civil. Entre elas, Silas Malafaia, que pediu a palavra para indagar Crivella sobre algo na dimensão da fé e, por isso, iria chamá-lo de “Bispo Crivella”. Malafaia afirma que não existe na Bíblia “bispo licenciado” e que o candidato do PRB continua a fazer pregações dentro da IURD. De acordo com Malafaia, a Igreja Universal, “sob liderança do tio Edir Macedo”, comprou horário tradicional de televisão de lideranças evangélicas que, conseqüentemente, ficaram sem espaço. Sendo assim, “se vocês não respeitam nem seus irmãos de fé, como os outros segmentos religiosos vão acreditar em você, já que obedece ordens do Edir Macedo”.

Crivella respondeu que as pessoas conhecem a ligação de Malafaia com o atual governo do Rio, à época sob a administração de Sérgio Cabral (PMDB-RJ), aliado de Pezão. O pastor da Assembleia de Deus o interpelou sob gritos de mentiroso e Crivella contrargumentou, afirmando “mentiroso é você” e que não interfere nas atitudes de IURD e sugeriu que Malafaia “levasse suas mágoas e recalques para Deus”. Segundo ele, Malafaia perdeu seu espaço no rádio da mesma forma que ele, quando pastor, também perdeu e reiterou que como governador do estado jamais vai permitir que o interesse público seja suplantado por interesses privados, “de igrejas, ou de quem quer que seja”.

Pezão aproveitou o ensejo para dizer que Crivella usou o primeiro turno para aparecer como “Ficha Limpa”, mas que “teve a máquina da Universal a seu favor, com a Record fazendo reportagens positivas sobre ele”. Para o candidato do PMDB, é importante discutir a quem a candidatura de Crivella vai servir e se os programas sociais serão ditados pela Universal uma vez que, segundo ele, Crivella teria nomeado somente membros da Igreja. O fato foi desmentido pelo candidato do PRB, que afirma ter levado apenas uma funcionária “ca-tó-li-ca” (soletrando, como Marcos Pereira ao falar da instituição em que faz mestrado). O senador lembrou que, mesmo atacando a IURD, Pezão esteve na inauguração do Templo de Salomão, a seu lado, e elogiou a obra para o Bispo Macedo, o que era normal, uma vez que o pemedebista “uma hora era Dilma, outra era Aécio”.

Em resposta à categoria bispo, usada por Pezão, Crivella referiu-se ao adversário como “Cabral”. O candidato do PMDB questionou a candidatura do PRB, afirmando que ela se vale da máquina da Universal, que teria, inclusive, promovido discurso de ódio contra ele, rememorando o episódio de Nova Iguaçu. Crivella reiterou que nunca misturou política e religião em sua vida pública e que jamais beneficiou a Universal por meio de seu mandato como senador ou ministro.

Uma jornalista de *Veja* questionou o fato de Crivella ter feito uma requisição de passaporte diplomático, em 2001, para o Missionário R.R. Soares, ao que o candidato do PRB respondeu que se trata de um direito constitucional para líderes de expressão popular, explicando que bispos católicos também possuem tal documento. “Quando é com os bispos (católicos) é misturar política com religião também?”, indagou Crivella.

Pezão afirmou durante o debate que estava sendo perseguido pela TV Record e que o partido político e a emissora pertenciam à Universal e serviam somente a seus interesses. O candidato acusou o PRB de “iludir as pessoas” para conquistar candidatos e filiados, mas que na hora da eleição, “somente os eleitos” a serviço da IURD podem ganhar. Crivella contra-argumentou dizendo que ninguém foi mais perseguido pela mídia do que ele. O candidato do PRB fez uma análise sobre a crise de representação na democracia brasileira, o que levaria o povo a votar em referências religiosas e militares, citando o caso do deputado Bolsonaro como o mais votado no Rio de Janeiro.

Crivella relaciona o voto em lideranças religiosas a uma motivação cívica, pautada na busca por princípios morais que não se encontrariam mais em voga junto aos tradicionais candidatos não-evangélicos. Dessa forma, percebemos também como diferentes metralogias, isto é, princípios morais, são mobilizados pelos atores na construção de suas críticas e justificações. Enquanto que os agentes contrários à participação de Crivella e do PRB no processo eleitoral imputam uma lógica religiosa, pautada na obediência do rebanho ao pastor, aos eleitores evangélicos, Crivella, ao contrário, assume que os eleitores votam baseados em princípios éticos e morais mais elevados. Pelo trabalho normativo dos atores, independentemente de sua posição e grupo político, percebemos que o princípio moral cívico, no que tange à participação política, é o mais valorizado pelos atores sociais em suas justificações. Logo, praticamente todos farão referência a ele na construção de suas críticas.

Quando, por exemplo, evangélicos são questionados sobre sua participação política, respondem: “somos cidadãos, temos direito à participação”, mobilizando como metralogia os valores cívicos e democráticos para construção do argumento. Da mesma forma, para explicar a posição dos evangélicos em relação aos homossexuais, Crivella mobiliza esses valores, afirmando que os “evangélicos tem direito de professar sua fé”. Nisso, conforme aponta Dodier (1995), fica caracterizada a “heterogeneidade da ação”, já que os atores movem-se de um sistema de coordenação para outro, dependendo do cenário encontrado, ou dos outros agentes envolvidos. Nisso, atores ditos exclusivamente religiosos mobilizam recursos de diversos sistemas de ação, como, por exemplo, do “cívico-político”, assim como atores ditos exclusivamente políticos mobilizam o repertório religioso quando vão a cultos organizados por igrejas, ou mesmo quando publicizam sua fé. Dessa forma, não é possível atribuir somente um “mundo” a um ator social, mas sim diversos, pelos quais todos nos deslocamos diante da pluralidade de situações existentes na modernidade (Beck, 2011).

Em suas considerações finais, Crivella reiterou que “o problema não é o risco de misturar política com religião, mas sim política com corrupção”. O debate pode ser considerado o momento de virada na campanha eleitoral do Rio, pois a partir daí os atores entraram em desacordo em relação à noção de laicidade, que passou a ser o grande mote da eleição ao governo estadual de 2014. Pelo que podemos analisar do debate, assim como em São Paulo, a presença de um candidato do PRB e, nesse caso, bispo licenciado da Universal, foi encarada como uma ruptura no princípio de laicidade por outros atores políticos, pela mídia e também por uma boa parte da população fluminense.

O pertencimento de Crivella foi questionado pelos atores e até mesmo o risco de sua candidatura foi mobilizada por Pezão. De acordo com Chateauraynaud (2012), os atores sociais tem, por meio de sua competência reflexiva, a capacidade de antecipar situações, de prever riscos e denunciá-los, promovendo propostas de ação. Em seu trabalho, trata, majoritariamente, do alerta em relação a controvérsias ligadas a grandes catástrofes ambientais produzidas pela modernidade, em confluência com o trabalho de Ulrich Beck. Entretanto, podemos pensar a noção de “regimes de construção de futuro” e “regimes de enunciação” para tentar entender como os atores aqui considerados também produzem reflexão sobre riscos e fazem alertas em relação a eles na tentativa de produção de um futuro.

Pezão afirma que a candidatura de Crivella representa um “risco” para o Rio de Janeiro. A construção do perigo é construída discursivamente por Pezão a partir do estado laico. Segundo ele, a candidatura do PRB representa um risco a esse princípio político, por conta da ligação do candidato e seu partido com a Universal. Segundo Chateauraynaud, “qualquer enunciado sobre o futuro não passa pelas provas de credibilidade se não especificar a escala temporal em que se inscreve” (Chateauraynaud, 2012, tradução minha). Ao alertar sobre o risco de eleger Crivella para o estado do Rio, Pezão joga luz sobre um passado recente: o período que o candidato do PRB ocupou o ministério da Pesca, de 2012 a 2014, ocasião em que teria aparelhado a pasta, segundo acusações, com membros da Universal. A presença de tais práticas em uma anterioridade próxima e o vislumbre da mesma situação na esfera estadual é o fenômeno caracterizado por Chateauraynaud como “*déjà et pas encore*” (já e ainda não). O primeiro movimento faz referência a um episódio no passado próximo (o aparelhamento do ministério durante sua gestão há dois anos) e o segundo a um “*futur immédiat*” (futuro imediato), a eventual eleição de Crivella ao governo do estado.

Cria-se um fenômeno que já está presente, mas não ainda completamente realizado. Um exemplo dado por Chateauraynaud (2012) são os atores que denunciam um efeito que já pode ser sentido no mundo e que, ao mesmo tempo, será responsável por condenar a humanidade no futuro. Nas palavras do autor:

“o uso da figura do já aqui cria em seu próprio movimento uma fronteira do possível, permitindo enunciar o que ainda não está lá mas que poderá, em breve, estar. O estudo de dispositivos narrativos ou argumentativos que sustentam as visões do futuro mostra a onipresença desse tipo de movimento pelo qual os atores tentam superar o abismo ontológico que separa o existente e o que está por vir”. (Chateauraynaud, 2012, p.7, tradução minha).

Em outro debate, realizado pela Rede Bandeirantes⁴⁷, Pezão afirmou que a Universal virou uma máquina com partido político - que escolhe quem vai ganhar dentro da sigla, e TV e que os pastores da IURD usam o púlpito para destruir sua candidatura, como no caso de Nova Iguaçu. Assim que terminou esse argumento, já emendou uma questão a Crivella, indagando se o Bispo Macedo conduzirá os projetos da área social de seu eventual governo. O candidato do PRB disse que não é assim que ele vai ganhar a eleição e que ele foi muito cordial com o Bispo durante a inauguração do Templo de Salomão e que o PMDB tinha vários

47 <https://www.youtube.com/watch?v=RdkpQU5xtSU>

candidatos da Universal, o que não seria um problema, uma vez que os evangélicos têm esse direito. Por fim, reiterou que não “mistura política com religião”, o que acabou virando um de seus bordões durante a campanha eleitoral.

Em outro momento, o pemedebista relatou que Crivella retirou um responsável estadual da Pesca, indicado pelos pescadores, para colocar um membro da Igreja Universal. Logo depois, questionou Crivella sobre quem está por trás de sua candidatura e quem ficará por trás, caso ele seja eleito. Pezão foi ironizado ainda por Crivella por tê-lo chamado de governador, ao que o candidato do PMDB devolveu: governador da Igreja Universal.

A campanha de Pezão começou a bater na questão da laicidade e veiculou, durante o horário eleitoral gratuito, a reportagem do Jornal Nacional, da TV Globo, contendo imagens de Edir Macedo, com bispos e pastores em um sítio, ensinando a pedir dinheiro dos fiéis. Deve-se ressaltar que o apresentador não relaciona diretamente o vídeo a Crivella, mas apenas diz que para tomar a decisão do voto é preciso “estar bem informado”. Além disso, havia inserções diárias mostrando o símbolo da Universal e as imagens de Edir Macedo e Marcelo Crivella, com a frase “você quer o sobrinho do Bispo Macedo governando o Rio?”

Em sabatina promovida pelo SBT e UOL, Crivella foi indagado sobre o vídeo e se ele praticava o tipo de pedido “dá ou desce”, como ensinado por Macedo, e se esses valores seriam os que ele pretende levar para o governo do Rio. Crivella afirmou que pretende levar os valores que sempre pautaram sua vida e que esse vídeo é “texto fora de contexto”, de “trinta anos atrás” e que a presença da Universal em mais de 180 países prova o contrário e que se as pessoas sofressem esse constrangimento não estariam lá. O jornalista não se contentou com a resposta e questionou Crivella se ele pedia dízimo na base do dá ou desce e o candidato, enfaticamente, disse que não que “jamais faria aquilo e que o vídeo havia sido editado por adversários”.

Os vídeos causaram polêmica entre os evangélicos. O pastor Malafaia declarou que apoia Pezão, mas que não se pode atacar uma instituição divina. Para ele, o ataque poderia ser mal visto por evangélicos de outras denominações. Já o deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ), fiel da Igreja Sara Nossa Terra e também presidente da Câmara dos Deputados, criticou os ataques à instituição religiosa e afirmou que Pezão deve atacar o adversário politicamente. Segundo ele, a campanha do candidato pemedebista poderia ser afetada.

Após as críticas recebidas pelos aliados Malafaia e Cunha, a campanha tomou outro rumo, focando na questão da laicidade e da tolerância religiosa, mas sem ataques diretos à Igreja Universal. Malafaia gravou seu apoio e apareceu no vídeo dizendo que precisava fazer um esclarecimento a evangélicos e a não-evangélicos sobre Marcelo Crivella. Segundo ele, o candidato do PRB representa a cúpula da Igreja Universal, que nunca respeitou outras igrejas, comprando rádios e espaços de outros pastores para “botar para fora”. De acordo com o pastor, a Universal nunca respeitou os outros evangélicos e, por isso, “não pode aceitar a liderança dessa Igreja como governador”.

O Apóstolo Valdemiro Santiago, líder da Igreja Mundial do Poder de Deus, e Pastor Abner Ferreira, líder da Assembleia de Deus, também gravaram depoimento para Pezão, pedindo voto no pemedebista. O primeiro afirmou que seu apoio é para garantir a “liberdade de pregar o evangelho no estado”, pois, segundo ele, estavam querendo privá-lo disso. Para defender a laicidade, a campanha de Pezão valeu-se da veiculação de mensagens de grupos religiosos na campanha política. Na visão dos atores, a participação não é percebida como desrespeito à laicidade. A frase de Silas Malafaia esclarece bem essa perspectiva: “o Estado é laico, mas a política não”. Para os atores envolvidos, a vitória de Crivella representaria o fim da liberdade religiosa no estado, uma vez que uma instituição religiosa controlaria o estado, privilegiando uma determinada denominação. Ainda segundo Malafaia, nenhuma grande liderança evangélica apoia Crivella no Rio de Janeiro.

A Igreja Universal manifestou-se em relação às considerações de Malafaia sobre o isolamento da IURD, afirmando:

*“deve surpreender é o fato de que, apesar de alguns poucos líderes evangélicos estarem apoiando o outro candidato, Marcelo Crivella desfrute de grande apoio e aceitação dos evangélicos em geral, incluindo muitos membros das igrejas dos citados líderes. A verdade é que o povo conhece a índole e trabalho de Crivella.”*⁴⁸

Ainda segundo a nota, o Templo de Salomão recebeu mais de dez mil pastores de denominações evangélicas, em encontro com o Bispo Edir Macedo. A campanha de Pezão veiculou ainda um vídeo intitulado “Diversidades”⁴⁹, com depoimentos de membros de diversas

48 <http://epoca.globo.com/tempo/eleicoes/noticia/2014/10/eleicao-no-rio-expoe-bdivisao-entre-evangelicosb.html>

49 <https://www.youtube.com/watch?v=6Y945AAMSDU>

religiões defendendo as liberdades individuais, criminalização da homofobia e da intolerância religiosa e a existência de um estado que respeite as diferenças, sem preconceito. Em outra inserção, a mãe Beata de Iemanjá, liderança do candomblé, afirmou que não quer um governador intolerante com as religiões afro e que Pezão é o candidato que respeitará sua religiosidade e as pessoas. Conforme já apontado acima, a campanha valeu-se de diversos atores religiosos para “denunciar” o perigo da candidatura Crivella à laicidade no estado do Rio de Janeiro.

Segundo os atores, a presença da religião não é necessariamente um problema, como diz mãe Beata ou mesmo Malafaia, desde que o estado permaneça neutro, sem privilegiar uma religião, o que para eles não ocorreria com a eleição de Crivella. O candidato do PRB, quando indagado por todos sobre seu pertencimento, afirmou que isso pouco importava uma vez que havia leis para garantir a laicidade do estado. No que tange à separação jurídico-institucional entre religião e estado, os atores estão de acordo com relação ao princípio, mas em desacordo com o que pode anulá-lo e também com a presença da religião na política. Os líderes religiosos contrários à IURD e, conseqüentemente, Pezão, ao convidá-los a participar de sua campanha, acreditam que essa presença não é danosa, pois ela denuncia o “plano de poder da Universal”, uma presença vista por eles como uma ameaça às outras religiões e à tolerância religiosa no Rio de Janeiro.

O candidato foi acusado por Crivella de promover uma “guerra religiosa” e respondeu, durante uma carreata em Nova Iguaçu:

“Quem faz guerra religiosa é a Igreja Universal. O Bispo Crivella e o Bispo Macedo sempre fizeram isso nos últimos 20 anos. Não tenho nada contra os membros da Igreja Universal, mas cresceram fazendo guerra religiosa, principalmente contra as outras religiões. Todo mundo se lembra que o sócio do Bispo Crivella, no dia de Nossa Senhora Aparecida, chutou a santa. Quem comprou os horários das emissoras e tirou o pastor RR Soares, Apóstolo Valdemiro e Pastor Silas Malafaia foi a Igreja Universal”⁵⁰ (Pezão, candidato ao governo do Rio).

Em sabatina realizada pelo SBT/UOL⁵¹, Pezão foi indagado sobre sua religião, uma questão pela qual o jornalista se desculpou, mas que frisou ser necessária por conta da

50 Disponível em <http://oglobo.globo.com/brasil/pezaao-acusa-candidato-do-prb-universal-de-promoverem-guerra-religiosa-14219934> Acesso em 01/07/2015

51 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=TT-NZ4qmbcU> Acesso em 01/02/2016

predominância do tema na campanha eleitoral. O pemedebista afirmou que é membro da Igreja Messiânica e que gosta de receber o Johrei⁵², mas também vai “cinco vezes” por ano à Aparecida do Norte e frequenta os cultos do pastor Abner Ferreira na Assembleia de Deus. Quando indagado sobre a presença religiosa na sua campanha e se ele não representaria um lado de uma disputa interna entre religiosos, Pezão afirmou que suas alianças foram discutidas e que não mistura política com religião.

No último debate realizado pela TV Globo, Crivella foi acusado de ser “testa de ferro de Edir Macedo” e Pezão ainda afirmou que em seu governo não teria o Bispo Macedo. Pezão questionou o candidato do PRB a respeito da posse de imóveis no exterior, que seria incompatível com o salário da Emop (Empresa de Obras Públicas do Estado do Rio de Janeiro), a existência de supostas contas em paraísos fiscais e dinheiro para comprar um canal de TV. De acordo com Pezão, seria um perigo para o estado ter programas sociais e verbas controladas por Edir Macedo. Crivella reagiu e disse que o pemedebista não queria discutir corrupção na política e quer misturar política com religião. Ainda questionou que se fosse candidato de Macedo, por que o bispo não colocou dinheiro em sua campanha e comprou apoio de outros partidos? Ainda acusou Pezão de ter “puxado o saco” de Macedo durante a inauguração do Templo de Salomão.

A fala de Crivella indica como outros atores passaram a criticar Pezão pelos mesmos motivos que levantava contra o republicano: misturar política com religião. Garotinho, aliado de Crivella no segundo turno, escreveu em seu blog⁵³ que, por desespero, o pemedebista começava a usar do preconceito religioso e misturar política com religião. Lindbergh (PT-RJ), que também apoiou Crivella, também sustentou a tese do preconceito religioso contra Crivella. Porém, não foram somente os candidatos que se manifestaram. O grupo virtual “Ligado em Campos” produziu vídeo questionando as acusações contra Crivella de misturar política com religião. De acordo com o material veiculado no YouTube⁵⁴, o candidato do PRB nunca usou o púlpito para campanha eleitoral, ao contrário de Pezão. A partir daí o vídeo mostra um culto de Silas Malafaia, na Assembleia de Deus, com a presença do pemedebista. Segundo Malafaia, tratava-se, verdadeiramente, de um “amigo dos evangélicos”, diferente do “outro”.

52 Terapia de imposição das mãos como forma de receber a luz divina para aprimoramento da elevação espiritual.

53 <http://blogdogarotinho.com.br/lartigo.aspx?id=17643>

54 <https://www.youtube.com/watch?v=QMFZ2Qv4AYE>

Em seguida, usam um trecho do debate na Bandeirantes, em que Pezão acusa a Universal de realizar campanha dentro das igrejas. Depois, as imagens do vídeo mostram Malafaia discursando sobre a trajetória política de Pezão e convida todos a fazer uma oração ao “governador”, dando graças a sua vida. Pezão então falou sobre suas realizações na cidade de Pirai e parabenizou a “rapidez na construção da nova sede” da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, na Penha, RJ, afirmando que vai “disputar o passe para levar o Silas para o governo”. No final, o vídeo pergunta: “quem está misturando política com religião?”

Logo, outros atores participam dessa situação problemática em torno da laicidade e, na tentativa de estabelecer um novo acordo a respeito desse princípio, imputam a Pezão a mistura indesejada de política com religião, por participar de culto religioso. Eles afirmam que o candidato usou de espaço religioso para fazer campanha política, ao contrário de Crivella. Dessa forma, a denúncia trocada entre os atores indica que estão ambos em desacordo com relação à forma como a laicidade é tratada na campanha.

O Templo da discórdia: propaganda eleitoral na reta final da campanha

O jornal *O Globo* noticiou⁵⁵, com destaque, a divulgação de um vídeo de pastor da Universal pedindo votos a Crivella dentro do Catedral da Fé, no bairro de Del Castilho, Rio de Janeiro. O material foi registrado antes do primeiro turno, mas “caiu na Internet” somente após o segundo. As imagens mostram o pastor Daniel Santos declarando que “ou você será como Judas, nos entregando nas mãos deles, ou será como a gente”. Segundo ele, havia o risco da “obra de Deus voltar muitos anos atrás” e que se os fiéis votassem em um candidato de seu gosto pessoal, esse seria o mesmo a aplicar uma lei para barrar os programas televisivos da IURD. Por isso, “em nome de Jesus”, pediu votos para deputados estaduais do PRB e para Crivella, dizendo que ao votar neles, está votando em “mim” e “na gente”. O pastor também pediu para que os membros ligassem para familiares para pedir votos ao PRB. Segundo ele, nenhum candidato fará algo por “você ou por mim”, pois “nem criam leis para ajudar o Brasil”. Em seu discurso, Dilma vetou o kit anti-homofobia somente pela pressão dos deputados evangélicos, pois sem eles, “nossos filhos ficariam expostos a esse negócio”. Daniel ainda pediu

55 <http://oglobo.globo.com/brasil/em-culto-da-universal-pastor-pede-votos-para-crivella-14223709>

para que os fiéis repetissem o número dos candidatos e disse que um bispo lhe perguntou se poderia contar com o voto deles.

O pedido de votos dentro da instituição já havia sido gravado anteriormente, em uma Igreja Universal na cidade de Nova Iguaçu. A prática é proibida pelo TSE – Tribunal Superior Eleitoral, por meio da resolução 23.404, sob pena de multa de R\$ 2 mil a R\$ 8 mil. O coordenador da campanha, Isaías Zavarise, pediu para que esquecessem “esse negócio de política com religião. Temos que falar da proposta de governo. Não tem uma mácula do Crivella. Bispo Macedo não quer saber de política não. Ele quer saber de igreja, e o Crivella quer saber de política”.

Silas Malafaia declarou ao jornal que Crivella só era senador por ordem de Edir Macedo. O presidente do PRB lamentou que o “herdeiro do governador Cabral” use essa tática, pois Crivella sempre respeitou a religião de todos. Segundo ele, a Universal não influencia no partido, tampouco qualquer outra instituição religiosa.

Após o episódio, o TRE – Tribunal Regional Eleitoral proibiu a Igreja Universal de realizar cultos com pedidos de votos para Crivella e/ou promoção da sua imagem. As emissoras Record e CNT também foram proibidas de veicular “propaganda dissimulada” do candidato do PRB. A coligação de Pezão apresentou vídeos ao Tribunal, que constatou que houve desrespeito à lei. No dia 25 de outubro, após denúncia anônima, uma equipe de fiscais do TRE fez uma visita à Catedral da Fé, em Del Castilho, no Rio de Janeiro, e apreendeu material de campanha de Marcelo Crivella, assim como um relatório para ensinar como os fiéis deveriam fazer a militância e um cadastro com números de títulos de eleitor e suas respectivas zonas eleitorais.

Outro templo da IURD, em Duque de Caxias, também foi lacrado pelos funcionários do TRE. Segundo os fiscais, no local foi encontrado um documento convocando os fiéis à “Crivelização”. Nele, consta a informação de que a Igreja esperava atingir cerca de 400 mil votos na cidade. O TRE também realizou uma ação em templo da Igreja Mundial do Poder de Deus, em Belford Roxo, encontrando material de campanha de Pezão. Segundo informações do diário *Extra*⁵⁶, o local também foi fechado. O pastor Silas Malafaia usou sua conta no *Twitter* para informar que seu templo também foi fiscalizado: “o TRE vasculhou a igreja que sou pastor, sala por sala, nada encontraram. Aqui não é comitê eleitoral, diferente do

56 <http://extra.globo.com/noticias/brasil/eleicoes-2014/maior-templo-de-igreja-universal-no-rio-amanhece-lacrado-pelo-tre-14364343.html>

que Crivella fez com a IURD”. Por meio de sua assessoria⁵⁷, Crivella condenou a ação, dizendo que não estava ciente e que não se deve misturar política e religião, além de lembrar que não ocupa cargo na igreja há mais de dez anos. Já a Universal, em relação ao ocorrido em Duque de Caxias, afirmou que um “membro da Igreja, que fazia campanha voluntária a Crivella fora do templo, teria deixado o material em uma sala, por esquecimento”. A Igreja não se pronunciou sobre o templo em Del Castilho.

Houve tumulto na frente do templo de Del Castilho, com tentativa de invasão por parte dos fiéis e o batalhão de choque teve que ser acionado para conter a multidão. A Rede Record realizou reportagem televisiva⁵⁸ sobre o imbróglio. Segundo a emissora, o templo foi “invadido” pelos fiscais em ação arbitrária e que o material recolhido estava nos carros de fiéis, que também foram lacrados, além da apreensão de fichas cadastrais de membros da Igreja. Os membros entrevistados afirmaram que a ação foi truculenta, pois os fiscais chegaram gritando e “jogaram as fichas para o alto e levando fichas de jovens voluntários em projetos da igreja”. Um cientista político consultado pela reportagem afirma que a ação foi inconstitucional e que o templo não poderia ser lacrado.

A reportagem afirma que o TRE usou outro critério com a Igreja Mundial, pois, apesar de material da campanha de Pezão ter sido encontrado no templo, o local não foi lacrado. A emissora ainda mostrou uma fala de professora da UERJ, que declarou ter havido abuso por parte dos fiscais. O local ficou fechado no dia da eleição e só foi reaberto no final da tarde de domingo, após as eleições.

Diversos membros da Universal manifestaram-se em redes sociais⁵⁹, denunciando o que compreenderam como “perseguição religiosa”, filmando a ação do TRE com celulares e divulgando imagens de fiéis ajoelhados na porta da Igreja, sem poder entrar. De acordo com Gomes (2012), a noção de “perseguição” é constante na história da instituição, compondo, junto com as noções de revolta, sacrifício e conquista, o que a autora denomina “circuito da conquista”. Segundo a autora, os atores iurdianos mobilizam a narrativa da perseguição como, por exemplo, a prisão de Edir Macedo para justificar sua condição de eleito, fazendo referência aos hebreus do Antigo Testamento.

57 <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1538522-igrejas-do-rio-flagradas-com-material-de-campanha-ficacao-fechadas-diz-tre.shtml>

58 <https://www.youtube.com/watch?v=Czi-zZGQqgM>

59 <https://www.youtube.com/watch?v=zPee7dq5rFQ>

No final da eleição, Pezão obteve 55,78% dos votos válidos enquanto que Crivella ficou com 44,22%. Após a divulgação do resultado, o candidato derrotado prometeu ir até os tribunais para cassar Pezão por conta de treze processos de cassação contra o pemedebista, nove deles, segundo Crivella, propostos pela Procuradoria Regional Eleitoral. Caso a Justiça acatasse o pedido, o segundo colocado na eleição assumiria o governo do Rio. O republicano ainda prometeu que se derrotado no TRE, buscaria recurso no TSE – Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília. Crivella creditou sua derrota à campanha de Pezão que o associava à Universal.

Podemos concluir que tanto a campanha eleitoral de 2012, em São Paulo, quanto a de 2014, no Rio de Janeiro, tiveram como tema principal a questão da laicidade, corroborando nossa tese inicial de que há, de fato, uma ascensão na participação evangélica no Brasil. Aliás, esse é um ponto importante a se destacar: a ameaça à laicidade, segundo boa parte dos atores no Brasil, decorre da presença evangélica na política e nas instituições governamentais. De sua parte, evangélicos entendem que tal posicionamento é “perseguição religiosa” e contestam a presença da Igreja Católica, tida como natural; além disso, reiteram seu direito à representação política.

Em ambas as eleições, a presença de candidatos do PRB foi encarada como um perigo à laicidade, pela suposta ligação do partido com a Universal, segundo outros candidatos, mídia, atores religiosos e setores da sociedade civil. Quando a presença da instituição no processo eleitoral foi aventada, a “situação problemática” teve início. Os atores entraram em desacordo com relação à laicidade, promovendo uma série de críticas e justificações no processo de estabelecimento de equivalências, isto é, na atribuição de valor a pessoas e instituições que estão dentro do universo político. Nisso, a Universal é percebida por diversos atores como uma instituição que “instrumentaliza a religião”, ou que tem um “projeto de poder” e que, por isso, “criou seu próprio partido político”.

Já os agentes ligados ao PRB negam que a Universal controle o partido. Eles fazem questão de frisar que também tem dirigentes, membros, candidatos e militantes de outras denominações religiosas, o que indicaria seu respeito pela laicidade. Isso é perceptível quando apresentam Russomanno como “católico fervoroso”. Dessa forma, a pluralidade religiosa revela como esses atores percebem um pouco a questão da presença da religião. Se há a presença de diversas isso indica que nenhuma se sobressai e que o partido não deve proibir uma segmentação, mas sim ser aberto a todas, o que garantiria sua neutralidade.

Para os atores do PRB, o partido sofre perseguição por conta da intolerância religiosa da mídia e da sociedade com relação à Universal. Além disso, também acreditam que a laicidade esteja ameaçada pela presença de outras religiões na política como, por exemplo, quando se referem ao acordo Brasil Vaticano e a pastores na campanha de Pezão.

Capítulo 2 - Da Igreja para o partido: a transição entre dois mundos de ação

Ao iniciar o trabalho de campo no PRB, tinha a intenção de compreender como os atores evangélicos pensam a política e como a produzem efetivamente no cotidiano, a fim de analisar a sua crescente participação nessa esfera. Para tanto, decidi “seguir os atores”. Isso não significa compartilhar de suas opiniões ou aceitar seus pontos de vista sobre o significado de ações como verdadeiro, mas sim perceber as coações e pressões que encontram ao agir (Dodier, 1993). Trata-se de realizar um processo de desagregação de uma entidade coletiva, como é o partido político, e seguir os atores individualmente em suas interações a fim de compreender os interesses dos atores e sua produção de julgamentos. As ações dos indivíduos conectados de alguma forma ao PRB é que constroem elementos pelas quais a entidade coletiva PRB irá se expressar por meio de seus representantes. Dessa maneira, somente seguindo esses indivíduos, por meio de uma microanálise de suas ações, é que poderemos compreender o que é esse partido e a pluralidade existente dentro dele.

No início do trabalho de campo, encontrava-me perdido ante tantas atividades. Eram eventos, cursos de formação, palestras, manifestações, debates na Câmara Municipal, etc. Tive a impressão de que “seguir os atores” era perder-se entre os múltiplos caminhos possíveis pelos quais eles circulavam.

Decidi então adotar um começo (entre tantos possíveis nessa abordagem): o trânsito, tão acusado pelos outros atores, entre Igreja e partido. Após uma reunião de jovens no Cenáculo da Vila Mariana, na capital paulista, recebi um convite para o 1º Fórum da Força Jovem Universitária, no Brás, a ser realizado no dia 17/01/2014. Cabe aqui uma breve apresentação do Força Jovem Universal (FJU). Trata-se do grupo de jovens da IURD que congrega diversas iniciativas nas áreas de cultura, lazer, esporte e saúde. O Cidadania é o mais amplo deles, atuando no combate às drogas, prestando auxílio material e “emocional” a comunidades carentes, além da conscientização da cidadania, com o auxílio a emissão de documentos (RG, CPF, Título de Eleitor, Carteira de Trabalho). O grupo organiza idas a “cracolândias” em todo o país para distribuição de alimentos, kits de higiene e exemplares da Bíblia, além de serviços como cabeleireiro, manicure, pedicure. O mesmo atendimento é oferecido a bairros pobres, asilos e hospitais. O Cidadania também atua na limpeza de espaços públicos e de escolas, promovendo mutirões para pintura e pequenas obras de reparo na estrutura física. Além disso, também promovem diversas palestras no ambiente escolar acerca

de drogas, violência, bullying, etc. Já o UNIForça é responsável por dar apoio aos eventos institucionais da Universal, ajudando na segurança, organização e monitoramento. Em casos de catástrofe e acidentes, as equipes do UNIForça dispõem-se a auxiliar o Corpo de Bombeiros, isolando o local e levando bebidas e lanches para os bombeiros.

O grupo ajudou os profissionais em eventos como, por exemplo, acidente com o avião da TAM, em 2007, em São Paulo, assim como no incêndio da boate Kiss, em 2013, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Há também o grupo de Cultura que agrega atividades como dança, música e teatro; o Esportes, com práticas de diversas modalidades e o Mídia, responsável por fotografar e filmar eventos internos da IURD e disponibilizar o conteúdo nas redes sociais. No que tange à questão educacional, há o Jovem Nota 10, que oferece curso pré-vestibular, reforço escolar, idiomas, informática, ensino profissionalizante e realização de vestibulares sociais, com concessão de bolsas; e o FJUNI, que visa aprimorar a qualidade acadêmica dos jovens universitários, promovendo grupos de estudos, palestras motivacionais, orientações vocacionais, contando ainda com uma Central de Estágios.

Os jovens são incentivados a participar de pelo menos um dos projetos e a frequentar as reuniões gerais do Força Jovem Universal. No desenvolvimento desse trabalho, acompanhamos mais detalhadamente as atividades do Cidadania e do FJUNI.

Cada cenáculo da Universal conta com um núcleo da Força Jovem, que pode dispor ou não de todas as atividades listadas acima, dependendo da capacidade física do local e da presença de professores/monitores voluntários. Atualmente, o grupo é coordenado nacionalmente pelo Bispo Marcelo Brayner, após o pastor Jean Madeira licenciar-se do cargo, a fim de tomar posse como vereador em São Paulo. Segundo Brayner, as atividades do Força Jovem são abertas a todos os jovens, independentemente de sua orientação religiosa. Finda essa breve introdução, podemos retomar nosso relato etnográfico.

O evento dos universitários da Força Jovem estava marcado para as 19h00, em galpão da IURD, na rua dos fundos do Templo na Avenida Celso Garcia. Os frequentadores chamam o local de “igrejinha” que, à época, era usado para cultos específicos, isto é, além dos oferecidos na grade fixa da IURD, encontros do Força Jovem, desenvolvimento de projetos culturais e esportivos, além de ponto de encontro para voluntários que trabalhavam com usuários de droga na “Cracolândia”, ou com assistência a moradores de rua. Por volta das 18h50, o auditório, com capacidade para 200 pessoas, já devia ter, ao menos, 120 jovens.

Havia, nitidamente, duas faixas etárias distintas: adolescentes de 16 a 20 anos e jovens adultos entre 22 e 28 anos.

Os grupos formados apresentavam, em sua quase totalidade, essa divisão etária. Os mais jovens usavam bonés de aba reta, bermudas largas e camisetas coloridas, além do corte “coroinha” (cabeça raspada dos lados), remetendo a ícones juvenis como os funkeiros MC Guimê e MC Gui. Enquanto que os (as) mais velhos (as) portavam trajes mais discretos, como calça jeans, camisa social ou polo e vestidos, uma vez que muitos vieram direto do trabalho. Logo na entrada, o pastor responsável pela organização pedia aos jovens que ficassem sentados no chão, mais próximos do altar, a fim de que ninguém ficasse sentado “lá atrás e sem prestar atenção”. Fui reconhecido por Nelson⁶⁰, obreiro do Brás, e que se tornaria um dos principais interlocutores dessa pesquisa. Conversamos rapidamente sobre temas relacionados à educação e combinamos de trocar telefones após a palestra.

O Bispo Marcelo Brayner, líder do Força Jovem Universal no país, saudou os presentes e disse que iria abordar algo muito importante antes de entrar no tema principal da palestra: a questão da linguagem. Segundo ele, ao ocuparem espaços em diferentes meios, os jovens evangélicos precisam se ater à linguagem utilizada nesses locais e situações. Brayner explicou que cada situação exige uma linguagem específica, sob risco de não ser compreendido, ou mesmo ignorado nesses locais. Entretanto, frisou que a linguagem implica não só as palavras, mas também o vestuário e a forma de agir.

“Quando vocês estão em uma audiência, um debate de ideias, precisam saber o que falar. Não pode ser o crente chato quando for falar sobre drogas, por exemplo. Tem que saber usar a linguagem em cada contexto. Precisam se policiar e saber falar, saber quais “códigos” para ajustar a fala e a atitude” (Marcelo Brayner).

De acordo com seu discurso, muitos jovens eram ignorados em debates, ou ridicularizados, pois começavam a falar de religião e não eram respeitados pelos seus interlocutores. Por isso, “os jovens precisam falar menos de Jesus com as palavras e mais com suas atitudes, com seu corpo”. Segundo ele, para se tornar alguém exemplar e respeitável em um debate, não pode usar drogas e precisa estudar para se tornar um “formador de opinião”. A questão do combate às drogas parecia ser muito importante para os atores, tanto que, após a fala inicial do bispo, uma reportagem do programa “A liga”, da TV Bandeirantes, sobre os efeitos do crack foi projetada no telão. O vídeo abordou a trajetória dos usuários de droga e os efeitos

60 Para não acarretar problemas a meus interlocutores, decidi optar pelo uso de pseudônimos.

do crack no organismo. Após a apresentação, a estudante universitária Renata expôs uma série de dados sobre o uso de drogas no Brasil: número de usuários, tipos de substâncias, etc. Ela então perguntou quem já havia usado algum tipo de droga e pediu para que cada um desse seu depoimento sobre sua experiência pessoal. Tomemos essa situação específica sob à luz do conceito de dispositivo, conforme entendido por Dodier, para pensar como os atores são constrangidos por uma sequência de situações a realizar um trabalho normativo com relação a pessoas, objetos, relacionando diferentes repertórios normativos nesse processo.

Renata, que conduzia o processo, foi a primeira a falar para, segundo ela, incentivar os outros:

“Comecei na bebida. Eu tinha 15 para 16 anos e era gótica, andava em cemitérios. A gente ia para um cemitério, bebia vinho e fazia sexo. Nisso, transei com garotos e garotas, muitas vezes sem proteção. A droga deixa a gente mais aberto a fazer esse tipo de besteira. Por sorte, não peguei nenhum tipo de doença. Logo, comecei a fumar cigarro e quando fui ver já estava fumando maconha. Dali, experimentei cocaína e a minha depressão só aumentou. Tinha vontade de morrer, tentei o suicídio para tentar tirar uma dor, uma angústia que a droga não resolvia. Acho que o que me levou a usar foram as companhias, andava com um pessoal do rock e os imitava, os maus exemplos. Eu também era mau exemplo, incentivava os outros a consumir drogas. Cheguei a experimentar ecstasy e LSD, passava as noites fora de casa. Até que um dia eu resolvi mudar e fiz meu pacto com Deus”. (Renata, estudante, 22 anos).

Nelson pediu a palavra e disse que começou a fumar maconha quando tinha catorze anos de idade, por conta de más companhias do bairro. “Eram amigos de infância, que jogavam bola comigo e começaram a fumar. Eu fui bobo e segui o exemplo deles. Tomava cerveja também e fumava cigarro normal”. Segundo ele, o que o levou a usar a droga não foi um vazio, ou necessidade de preenchimento, mas “fazer parte de um grupo, ser aceito pelos amigos”. Nelson afirma que, ao contrário de outras pessoas, não sentia prazer naquilo, mas o fazia por “pressão”. Passou a ter problemas com a família, que não aceitava seus hábitos e acabou indo muito mal na escola. “Perdi o ano por conta dessa porcaria, pois ficava só com meus amigos da rua, fumando baseado depois da aula”. Ele conta que, um dia, sua mãe o chamou para ir à igreja e ali ele foi tocado por Deus e decidiu parar de usar drogas e entregar sua vida para Jesus.

Um rapaz, por volta de 27 anos, afirmou que usava cocaína antes de ir às festas, pois isso o deixava mais animado e desinibido para conversar com as garotas. “A primeira vez foi um primo que me deu e disse que era um lance para chegar já a mil na balada. Tomei e ele tinha razão, ri, dancei. Parece que eu tava ligadão”. Segundo ele, após o efeito, sentia-se muito

mal, com vontade de se matar, chorava e não tinha ânimo para trabalhar e/ou estudar. Passou a ter mal desempenho no trabalho e diversos conflitos na família, tornando-se agressivo com seus pais. Após saber que sua mãe levou sua foto a um culto, pedindo sua libertação, decidiu mudar e ir à igreja.

Boa parte dos testemunhos indicava a questão dos amigos e de estilo de vida como fatores que os levaram a consumir drogas. Poucos falaram do prazer e a maior parte focava nas questões negativas do consumo. Segundo eles, apresentavam depressão, tendência suicida, prostração, aumento da angústia, pânico. A maioria também enfatizou a existência de problemas familiares, no trabalho e nos estudos, com queda de rendimento causada pelas drogas e a transformação por meio do encontro com Deus. Nesse processo, os atores problematizam a sua vida passada e seus antigos comportamentos.

“Só andava com tranqueira, com os moleques do futebol que não queriam nada com nada. De repente, estava ali também cheirando cola e saindo com eles para mexer com as mulheres na rua e ficar roubando toca-fita. São os falsos amigos que só te ensinam coisa errada.”, conta Johnatan, 17 anos. “Antes estava ali, sem fazer nada, só fumando maconha e esquecendo dos meus compromissos. Deixava todo mundo na mão. Não estudava, só dava trabalho para minha mãe, não trabalhava. Hoje, sou outra pessoa, concentrado nos meus afazeres, prestativo e pró-ativo. Empregado e terminando a faculdade”, relembra Rovilson, 23 anos, estudante e auxiliar administrativo.

No processo de construção de seu testemunho, os atores nesse dispositivo são levados a traduzir sua experiência em uma base normativa comum, isto é, são obrigados a refletir para selecionar acontecimentos e categorias ligadas a mundos distintos. Em nenhum momento, os atores trazem elementos específicos dos “mundos” aos quais pertenciam e que dispõem de noções e qualificações próprias. Ao contrário, esforçam-se para recortar episódios, formar um todo genérico e compreensível aos outros que, talvez, desconheçam certos termos e classificações de outras bases normativas. Para estabelecer uma comunicação intersubjetiva, trazem elementos de seu mundo subjetivo, mas ancorados e explicados em uma lógica de um mundo social mais amplo, compartilhado por todos os atores (Habermas, 2012).

Esse processo de tradução implica a mobilização de repertórios comuns, mesmo no que tange à linguagem utilizada, a fim de que os atores possam “traduzir” um mundo de ação para atores alheios a ele. Para exemplificar, reproduzimos o diálogo entre o Bispo Brayner e um jovem ex-presidiário no evento:

“Adriano: Então, a minha experiência com droga foi maconha e cocaína. Aí depois entrei para o PCC. Comecei a traficar. De usuário a traficante. Fui preso e condenado a seis anos e ali na cadeia era a lei do PCC. Muito complicado e tinha também tráfico de maconha dentro da cadeia, que dava dinheiro, pois é algo caro ali dentro e se você comprar e não pagar pode morrer ali dentro. Foi nisso que eu me libertei, pois conheci um evangelizador e sai do crime.

Brayner: Legal, mas conta isso como você estivesse falando com pessoas do PCC.

Adriano: Quando eu virei irmão e comecei a fazer um corre com droga, caí na tranca. Ali era vinte caras e fila para usar o boi. Eu tava ali por doze e o xerife, que era cabuloso, me passava sempre um preto na humildade. Claro que depois tinha que pagar, senão ali dentro passavam o cerol”.

Brayner: Agora não entendemos nada! Explica para gente cada termo.

Adriano: Irmão é o membro batizado do PCC, “fazer corre” é roubar, traficar. Tranca é cadeia. Boi é como a gente chama o vaso sanitário ali. Doze é o cara que é traficante. Xerife é o chefe da cela, um preto é baseado e passar o cerol é matar.

Brayner: Vocês veem que ele sabe, tem consciência de que vocês não conhecem a língua da cadeia e, por isso, contou de um jeito que a gente entende. Ele tem as duas linguagens, mas ele soube usar a correta no momento certo. Se amanhã, ele for pregar para o PCC, dentro da cadeia, aí ele vai falar desse jeito que ele falou agora. Vocês precisam saber usar a linguagem certa”.

Conforme o diálogo demonstra, os atores refletem sobre a linguagem utilizada e sobre a maneira como se portam em relação aos outros. Além disso, valorizam a mobilização da “gramática” considerada, por eles, correta em um dado contexto. Segundo sua percepção, trata-se de uma “qualidade” importante para ter sucesso em debates e discussões. A *reflexividade* passa também em torno da forma de se vestir. De acordo com Brayner, uma situação entre jovens pede uma vestimenta e uma atitude específicas. Pensando a partir de Giddens (2009), a consciência prática dos atores, isto é, a forma de se comportar em público, os gestos corporais, enfim, o que o autor denomina “monitoração reflexiva” da ação, passa a ser descrita e problematizada pelos atores discursivamente, tornando-se “consciência discursiva”, ou seja, tudo aquilo que os atores podem descrever por meio da linguagem. Apesar de não termos aqui a intenção de discutir a questão da consciência em Giddens, vale a pena destacar a maior *reflexividade* em torno das práticas cotidianas. Há também uma preocupação com a efetividade da linguagem (Skinner, 2002) no que tange a “atingir a pessoa”. Para isso, a linguagem selecionada e a performance que a acompanha deve ser “adequada” ao contexto de interação.

Após os depoimentos, Renata voltou ao microfone e começou a apontar dados sobre educação no Brasil. Segundo a pesquisa apresentada por ela, os evangélicos são 17% do corpo discente universitário do país, contra 50% de católicos. A estudante criticou os que não estudam e fez um apelo para que o fizessem, pois só assim os evangélicos conseguiriam vencer os católicos, e os grupos “pró-maconha”. De acordo com seu relato, os católicos gostam de cultura e na universidade em que estuda, havia vários que faziam uma segunda graduação. Em seguida, reiterou a afirmação do bispo sobre a questão da “linguagem” e disse que “se for falar de Deus, ou alguma coisa religiosa, num debate com o pessoal culto e pró-legalização das drogas, vão rir de você. Vão pensar que você é louco. Precisa aprender a argumentar”.

Segundo ela, há intelectuais nas universidades que defendem a legalização das drogas e somente com conhecimento os jovens evangélicos podem posicionar-se contrariamente e também saber qual deputado é contra ou a favor da legalização. “Só assim para a gente romper com a hegemonia católica. No ambiente universitário, pessoas tem preconceito comigo por ser evangélica, mas eu rebato mostrando conhecimento, argumentando, não uso Jesus”, explica Renata.

O Bispo Brayner pediu a palavra e voltou a conversar com o rapaz ex-presidiário e ex-membro do PCC. Pediu para que ele contasse sobre o PCC nas periferias, como o grupo coopta jovens para o mundo do crime, as relações entre os presidiários. Depois, afirmou que os jovens devem conhecer a cultura de cada lugar para se fazer entender. Havia muita curiosidade sobre o presídio, então, abriram para perguntas da plateia.

O bispo encerrou o debate afirmando que a prevenção contra as drogas é o melhor caminho e de que apesar de sexo e drogas serem muito bons, trazem “consequências complicadas”. “A droga dá prazer, mas a consequência é muito alta”. Renata pediu a palavra, pela última vez, e disse que os jovens devem “imitar” os bons exemplos. “Já repararam que os bispos e pastores pregam fazendo assim com o dedo? Igual ao Bispo Macedo. A gente tem que imitar os bons exemplos”. O comentário de Renata anteviu um fenômeno muito interessante, a problematização do *habitus*. Evidentemente, os atores não usam tal termo, mas veremos no desenrolar da tese toda uma discussão em torno das ações rotineiras e não-conscientes, enfim, uma reflexão do senso prático. Desse modo, o social é incorporado sob a forma de disposições (Lahire, 2002), mas os atores sociais irão colocá-las em questão no momento da elaboração de projetos, enfim, vão pensar esse passado ao tentarem elaborar um futuro, em relação ao contexto do presente (Vandenberghe, 2017). A reunião terminou com uma oração. Depois disso, houve

uma conversa reservada entre o Bispo, pastor Durval, obreiro Nelson, Renata e um jovem advogado.

Na avaliação deles, os jovens não têm interesse na leitura e algo deve ser feito para mudar esse quadro. Nelson destacou que antes não gostava de ler, mas que pegou gosto pelos livros após a faculdade. Para o pastor, não basta apenas profissionalizar, mas ganhar verdadeiro conhecimento. “Não adianta só o jovem ir a faculdade e tirar um diploma. Precisa ler de verdade, se interessar, buscar informações. Todo um trabalho que não envolve ir para a aula”. Segundo a análise de Nelson sobre sua trajetória, assim como de outros jovens em outros momentos, o interesse pela leitura era algo completamente inexistente na juventude. Não vinham de famílias cujos pais mostravam interesse pela prática, ou os incentivavam a ler como atividade extraclasse/lazer. Para Lahire (2002), o incentivo paternal é fundamental para o desenvolvimento do jovem leitor. Nesse caso, vemos um incentivo tardio, no caso de Nelson, já com quase 40 anos, mas uma preocupação para motivar o hábito da leitura entre jovens de 13 a 20 anos. Desse modo, considerando as múltiplas socializações do sujeito (família, escola, vizinhança, igreja), o ambiente da igreja será um dos principais no que tange à questão da leitura. É interessante ressaltar que não se trata de “ler a Bíblia”, mas sim obras de outros universos, a fim de se tornar “uma pessoa culta”. Assim, o “sujeito culto” é aquele que tem conhecimento de diversas áreas, lê, se informa e sabe discutir com argumentos e referenciais distintos do mundo religioso.

De acordo com Brayner, o Força Jovem não é religioso, mas laico e educacional, aberto a todos e o objetivo não é pregar, mas formar formadores e atrair novas pessoas à Universal. Segundo ele, os católicos conseguiram fazer com que as pessoas esquecessem a Inquisição pois formam muito juristas. Em sua visão, os jovens precisam de cultura e educação, algo que só podem atingir por mais leitura. Agora, qual é a visão dos atores sobre saber? O que entendem por essa categoria?

Renata afirma que está lendo “Eu, Cristiane F., drogada e prostituída” e comenta que as pessoas cultas leem esse livro. O pastor Durval ressaltava que se trata de um livro que as celebridades leem, logo “deve ser bom”. Segundo ele, o Força Jovem Universal, grupo de jovens da IURD, precisa adotar um projeto para que cada jovem leia uma obra e escreva uma resenha. As melhores serão então publicadas no site do projeto, estimulando-os a participar. “Isso vai aumentar a capacidade de debate, de compreensão do mundo. Nisso, eles atraem mais pessoas para Cristo”. Ele comenta também sobre um projeto de debates, isto é, grupos de

discussão em que cada jovem irá argumentar os lados positivos e contrários de uma questão, para aprenderem a debater. Brayner aprovou a ideia e reiterou que o saber é a garantia de respeito e que os evangélicos só serão respeitados se mostrarem conhecimento. “Nosso povo perece por falta de conhecimento”.

De acordo com o bispo, um bom exemplo de homem que soube usar o saber para ser respeitado é Marcelo Crivella. “Ele tem uma postura, uma forma de falar, polido, educado, um engenheiro, todo mundo para e respeita. Ele ganha almas sem falar de Jesus, mostrando somente sua conduta”. A noção de falar bem é extremamente valorizada pelos atores que julgam “erros de português” como inaceitáveis em um debate de alto nível, recuperando a noção de usar a “língua certa” para cada situação, conforme proposto por Brayner. Eles também ressaltaram a importância do engajamento dos jovens na política, nos debates, enfim, na ocupação de espaços que podem e devem ser ocupados.

O grupo discutiu a importância na participação em movimentos sociais e estudantis, com a presença de jovens nos grêmios universitários. Segundo o pastor Luiz, a estratégia é usar o esporte e a cultura para trazer mais membros para o Força Jovem, o que foi aprovado por todos. Além disso, a Juventude do PRB (Partido Republicano Brasileiro) foi apontada como um caminho para ocupar espaços e entrar em segmentos políticos como diretórios estudantis e até mesmo a UNE. Uma reunião seria marcada para discutir com lideranças a entrada no PRB, a fim de verificar quais jovens estariam aptos para o ingresso no partido. Depois do término da reunião com Brayner, fui convidado por Nelson para uma oficina de formação de jovens e para reuniões do Força Jovem.

Força Jovem Universal e o desenvolvimento do autocontrole

A reunião do Força Jovem, sob o comando de Pr. Durval, teve lugar na “Igrejinha” do Brás, no início de março de 2014, no mesmo local do Fórum dos Universitários. Os jovens, que tinham por volta de 17 a 23 anos, estavam sentados nas primeiras fileiras de cadeiras, enquanto que Pr. Durval e Nelson encontravam-se à frente, ao lado de uma lousa branca. O pastor explicava a importância de não ser preconceituoso e tratar bem a todos, independentemente de cor, origem, ou sexualidade. “Aí você vê dois homens se beijando. Você se sente mal, mas no seu interior você repreende e fala tá amarrado, mas você não diz nada,

pois seria homofobia”, explica. Segundo ele, não se pode ser preconceituoso contra um homossexual, pois é crime e também algo errado, pois pode ferir os sentimentos de uma pessoa. Os jovens seguem atentamente e alguns tomam nota em seus cadernos.

O pastor pergunta como agir com relação à homossexualidade? Ele mesmo responde e afirma que ser respeitoso, cordial é uma forma de atrair o homossexual para a Igreja, para que ele busque uma transformação em sua vida. Durval frisa que em muitas ocasiões as pessoas têm vontade de expressar o que pensam, mas que é necessário “autocontrole” para exprimir o que é considerado correto em uma situação. Da mesma forma, em um debate sobre drogas, o jovem evangélico não deve dizer que aquilo é diabólico, mas sim citar dados, estatísticas, pesquisas científicas para que sua posição seja respeitada. Isso não significa a adesão à argumentação e às práticas do outro, mas sim uma compreensão de quais formas discursivas são possíveis a fim de não inviabilizar a interação logo de início.

A posição dos atores a respeito de quais argumentos são aceitos indica a *reflexividade* em torno do que é considerado legítimo por outros agentes e também a mobilização de referências normativas distintas do religioso, uma vez que entendem que precisam usar categorias e conceitos de outros “mundos”. A jovem Cátia, estudante de enfermagem, pede a palavra ao pastor e relata uma situação que viveu:

“Lá na faculdade, tinham garotas que usavam roupas curtas, gostavam de mostrar o corpo. Sempre me perguntavam por que eu não usava minissaia, ou decotes. Respondia que eu preferia me valorizar como mulher e que não me vestia para atrair atenção de homens, mas que respeitava a posição delas. Destacava-me no curso, comecei a fazer estágio e depois elas vieram falar comigo, começaram a me admirar. Comecei a transformá-las por aí”. (Cátia, 22 anos, estudante de enfermagem).

O pastor destacou a fala de Cátia e pediu que todos se inspirassem nesse exemplo. Depois, cobrou maior participação dos jovens nos projetos do Força Jovem, dizendo que havia alguns que só se engajavam no Universitários e deixavam as ações em comum de lado. Durval destacou ainda a importância do esporte para o programa, pois se a FJU (Força Jovem Universal) tivesse times competitivos em diversas modalidades, passaria a disputar jogos universitários e atrairia a atenção de dos estudantes. Sendo assim, o pastor mostrou uma jaqueta baseada no “high school americano”, em vermelho, ou azul. Ele acreditava que se os jovens da FJU andassem juntos e com aquelas roupas, “como se fossem uma fraternidade universitária americana”, atiçariam a curiosidade e levariam pessoas ao projeto. Os jovens elogiaram a roupa

e muitos encomendaram a peça. Porém, pelo que percebi pelos cochichos, nem todos ali acreditavam que o intuito do pastor seria bem-sucedido.

Para finalizar a reunião, o pastor pediu aos jovens que avaliassem as dificuldades de participação no movimento estudantil. Um rapaz relatou que o maior problema seria a resistência que setores de esquerda tem em relação a evangélicos e, por isso, a necessidade de se apresentar de outra forma. Nesse momento, um jovem advogado pediu a palavra e relatou um caso em que fez um exorcismo em uma cliente que estava possuída. Durante sua fala, Durval e Nelson se entreolharam e balançaram discretamente a cabeça, enquanto olhavam o rapaz com certo espanto. O pastor tratou de contornar a situação de perda de fachada e minimizou o ocorrido (Goffman, 2011).

Após o fim da reunião, Nelson, também filiado ao PRB, comentou comigo a importância desses encontros para a formação dos jovens e sua posterior atuação em debates políticos, audiências, discussões no ambiente acadêmico e mesmo nas redes sociais. Segundo ele, esses encontros do Força Jovem são bons para avaliar quais membros podem ser convidados a ingressar na juventude do partido. “Viu a menina que comentou sobre as roupas na faculdade? Ela se expressa bem, tranquila. Um bom nome para integrar o PRB Jovem”, afirmou. Questionei-o como procederia e ele disse que conversaria com ela, elaborando um convite para sua participação nas reuniões do partido e no curso de formação política da Fundação Republicana. Segundo ele, a juventude é muito importante para a composição dos quadros partidários, crescimento da militância e à indicação de eventuais candidatos.

Além das exposições dos pastores acerca de determinados temas, cada projeto do Força Jovem organiza palestras com convidados externos, ou ministradas por voluntários que são também membros da Igreja Universal. Após as palestras, o pastor organiza uma reunião para conversarem a respeito da exposição a que assistiram. Após um encontro de marketing pessoal, o pastor pedia para que os jovens participantes se apresentassem e falassem sobre o tema que escutaram. Alguns gaguejavam e usavam entonações como “ééé” durante seus discursos. Assim, eram prontamente interpelados pelos pastores que diziam:

“não pode gaguejar. Precisa se comunicar bem, saber do que está falando. Dominar o assunto. Lembra do que o professor do curso falou? Fale de forma mais pausada, concentre-se sobre as palavras. Se deu branco, passe para outra informação. Tem que manter o ritmo, senão ninguém vai querer escutar vocês. Não use gíria, aqui não! Se for falar com a garotada sobre drogas, tudo bem. Mas imagina aqui que você é um político, um pastor que precisa falar bem. Então, vamos recomeçar”. (Pastor Durval)

Um dos garotos olhou o pastor com um certo desânimo e bufou. Rapidamente, Pr. Durval deu-lhe uma bronca:

“Que foi? Não gostou não, Jefferson? Se eu não te corrigir como você vai querer crescer? Seja aqui ou na vida? Tem que ter obediência. Para ser pastor da Universal eu tive que aprender a falar. Você acha que eu também não tive que passar por isso? Acha que eu nasci esperto já? Não, rapaz. Isso aqui é treino! Dedicção! Um pastor se não souber falar não consegue fiel nenhum, não arrebanha ovelha. Se chegasse um pastor aqui gaguejando, que não sabe se apresentar, que não tem nenhuma noção de como falar em público, você acha que alguém entraria nessa Igreja? Por que você acha que a Igreja tem sucesso, Jefferson? Porque o bispo Macedo sempre se preocupou com isso, em formar pastor que sabe se comunicar. O que mais tem é igreja fechando e muitas vezes tem homens que conhecem muito a Bíblia, mas não sabem se comunicar. Tem que saber falar com o corpo! Usar as mãos, chamar a atenção da pessoa, Jefferson!”

Os garotos corrigiram-se e retomaram a exposição, apresentando-se e discorrendo acerca do tema “marketing pessoal”. As palestras proferidas por jovens em torno de alguma questão são relativamente frequentes e incentivadas no Força Jovem, mobilizando os membros em torno de debates. Há, de fato, toda uma preocupação dos atores com a aquisição de uma série de competências discursivas por parte dos jovens, o que mobiliza o esforço de pastores, obreiros e voluntários. A *reflexividade* em torno das formas comunicativas também aparece na confecção de apostilas⁶¹ para os participantes do FJU:

“Usar frases curtas é uma maneira eficiente de demonstrar objetividade e concisão. Utilize o mínimo de palavras, evite advérbios subjetivos, como extremamente, fortemente e outros. Inicie frases com verbos de ação, como construí, reduzi, aumentei, implantei, administrei, supervisionei, melhorei, expandi, organizei, treinei, encontrei, descobri, planejei etc. Mas ao mesmo tempo em que os verbos podem vir na primeira pessoa, evite utilizar o pronome pessoal eu, pois ele passa a impressão ofensiva de falta de modéstia, quando usado em demasia (..)

Manter a postura; Falar em posição horizontal; Usar roupas adequadas para a ocasião, sem exagerar; Evitar vícios de linguagem. Ex.: né, tá, certo, entendeu, ããããã; Manter um volume de voz adequado do início ao final; Não ultrapassar o horário; Não ter medo de errar (caso aconteça peça desculpas e continue); Demonstre autoridade em relação ao assunto do qual está falando; Procure ter a platéia como companheira. Dê-lhes motivos para sentir-se bem com o que ouve, vê e sente; Desperte o interesse da plateia com bons argumentos, bom vocabulário e boas figuras de linguagem; Para não criar conflitos ou tumultos, deixe os questionamentos para o final.”

⁶¹ Apostilas do curso de “Marketing Pessoal” e do “Cultura Jovem”. Acervo pessoal

Em conversas informais com pastores e membros do Força Jovem, essas palestras, oficinas e correções constantes são encaradas como um “grande aprendizado” para o jovem. Alguns definem esses momentos como importantes para a futura vida profissional e também pessoal. “A gente aprende tanta coisa, cultura. Coloca coisa útil na cabeça”. As competências adquiridas são percebidas pelos atores como ferramentas importantes em sua futura inserção profissional, assim como algo maior, “para a vida”. Segundo Nelson, essas iniciativas são importantes para preparar o jovem para ser um bom profissional, um bom pastor, ou um bom político. Ele afirma que em sua época, a Igreja era mais fechada e não se preocupava nem com o ensino formal, tampouco com palestras e eventos culturais.

A partir dessas informações podemos construir o seguinte quadro: há uma problematização por parte desses atores sociais com relação ao que já tem incorporado como práxis, ou seja, em relação ao *habitus*, ou seja, o social que se torna prática. Os atores não denominam o conceito dessa maneira, porém, há um trabalho reflexivo com relação às disposições incorporadas, enfim ao senso prático. São durante as ocasiões apropriadas que o senso prático, rotinizado é detectado pelos atores sociais. Frases como “ali não é o momento de se falar de Jesus”, “não pode falar como se estivesse pregando”, “tem que aprender a falar”, “não pode chegar e falar tá amarrado” nada mais são do que se voltar em relação ao rotinizado, às disposições incorporadas e pensa-las criticamente. Porém, se os atores problematizam a interiorização das estruturas, alertando para a ação em situações rotineiras, é justamente pelo *habitus* que tal problema é corrigido. Ora, os atores realizam uma reflexão sobre seus modos de agir e o que apreenderam no passado e a inviabilidade do *habitus* em diversas situações sociais, mas para resolver buscam justamente desenvolver um novo *habitus* por meio da incorporação de novas regras, repetição de novas formas de falar e mesmo uma tentativa de tornar as disposições adquiridas de outros universos preponderantes no agir da prática. Para tanto, realizam oficinas de formação, dão palestras de como se portar, repetem diversas vezes questões de apresentação, de como falar, discutem como se vestir. Archer (2011) posiciona-se contrariamente aos realistas que pretendem conciliar a noção de *reflexividade* ao *habitus* (Elder-Vass, 2007; Fleetwood, 2008), argumentando sobre a impossibilidade da tarefa, uma vez percebe a ocorrência do conflacionismo central, uma vez a teoria bourdieusiana não distinguiria ontologia e epistemologia, sujeito e objeto, contrariando os princípios estratificacionistas da realidade. Archer concorda que há atividades pré-reflexivas na ordem natural e prática. Andar,

ou jogar futebol não são atividades em si reflexivas, uma vez que são dominadas por uma lógica da práxis, o problema, na visão da socióloga, é que Bourdieu transportou a questão pré-reflexiva à ordem social, onde reina a reflexividade. Ali, o indivíduo pode construir projetos acerca de sua capacidade de correr ou jogar bola, monitorando seus resultados, pensando em novas estratégias de treino, enfim, algo totalmente reflexivo. Ademais, na alta modernidade cada vez mais situações exigem maior reflexividade dos indivíduos, não havendo espaço para o *habitus*, que estaria mais presente em contextos de morfostase, isto é, manutenção e continuidade contextual, comum a sociedades tradicionais. A codeterminação da reflexividade e do *habitus*, pressuposta por Elder-Vass (2007), preocupado em incluir a questão da disposição social na teoria realista, não seria muito produtiva, uma vez que a ação na modernidade estaria cada vez mais guiada pela reflexividade; o que é transmitido pela família e instituição escolar pode não ter nenhuma validade face aos novos problemas que surgem. Apesar da boa argumentação de Archer sobre a questão do *habitus*, acredito que haja maior espaço para abordar as disposições dentro do realismo crítico. Concordo que a maior incongruência contextual leva-nos a ficar mais dependentes da reflexividade. É o caso aqui. Com a participação em cada vez mais contextos, com outros atores, os evangélicos se veem obrigados a refletir sobre a própria forma de se expressar e de interagir a fim de que consigam atingir seus objetivos. Isso os levou a problematizar o jeito de falar, o uso de expressões de igreja com outros interlocutores, mas é importante destacar que a análise dos atores chega a uma conclusão: para estabelecer uma nova forma de se comunicar, tornar-se uma liderança, é necessário repetir à exaustão, a fim de que se aprenda. Porém, como destacou o Bispo Brayner, é necessário saber falar dependendo do contexto, ou seja, o ator deve ter uma postura reflexiva sempre para decidir a respeito da forma que irá mobilizar em sua interação.

A maneira de agir é entendida pelos atores como algo socialmente apreendido por meio da repetição, vivência em um determinado universo social. Um tempo na vida do crime implica conhecer a linguagem e valores por conta da incorporação dessas disposições. Aliás, a questão do falar nos dá um exemplo de como pode haver uma codeterminação entre *habitus* e reflexividade. Tomemos o caso de um homem que fala de forma extremamente rudimentar, com diversos erros de concordância. Ao se deparar com outras pessoas, percebe que comete muitos erros e que sua forma de falar é motivo de jocosidade e olhares preconceituosos. Assim, ele reflete sobre sua forma de falar e pode até mesmo estabelecer um projeto para alcançar um determinado nível linguístico, mas não consegue transformar sua capacidade de fala tão

facilmente. Será obrigado a realizar estudos, a “pensar antes de falar”, de forma não-natural, ou seja, mecanizada, como quando alguém começa a aprender uma língua estrangeira e pensa a cada palavra para conseguir construir uma frase. Com o passar do tempo, esse processo torna-se automático e as sentenças são construídas com fluidez, sem precisar por uma reflexão prévia. Do mesmo modo, os jovens na Igreja apreendem jeitos novos de se expressar e problematizam de forma autoconsciente sua maneira de falar. Assim, temos um momento reflexivo, em que o indivíduo volta-se a si mesmo, problematizando sua maneira de se expressar em determinados contextos e elaborando planos para corrigir e aprender novas formas e outro momento de incorporação para que tal comportamento desejado conscientemente pelos atores possa ser mobilizado de forma pré-consciente, pelo *habitus*. Acredito ser assim a melhor maneira de conciliar a reflexividade ao *habitus*. No que tange ainda às disposições sociais, acredito que diversos personagens de distintos universos sociais são incorporados em nossas conversações internas como visitantes temporários, ou permanentes, o que será determinante para o exercício de nossa reflexividade. Veremos mais claramente o aprofundamento dessa questão na Parte 3. Por ora, retomando a argumentação de Wiley (1994) sobre os “visitantes”, a partir do momento em que um evangélico participa apenas da vida comunitária da igreja, os interlocutores em suas conversações internas serão o pastor, o bispo, o obreiro, os membros, etc. Porém, em um contexto de descontinuidade, diversos outros visitantes serão incorporados ao processo de reflexividade interna. Logo, os visitantes, com suas características próprias, estruturam uma certa forma de reflexão. Tal proposta nos aproxima um pouco da de Mead (1934) com o social incorporado no “mim”.

Sendo assim, concordo com a tese do imperativo reflexivo, mas isso não exclui o fato de que certas características, cada vez mais problematizadas reflexivamente pelos atores, operem de uma forma pré-consciente. Assim, *habitus* e reflexividade podem conviver perfeitamente, desde que aceitemos o fato de que na modernidade tardia, o que concerne a um senso prático é constantemente analisado e monitorado pelos atores sociais, ou seja, são objetos de sua reflexão e, por isso, podem ser transformados. Da mesma forma, as disposições parecem ser constitutivas da reflexividade interna, uma vez que estruturam o contexto em que o ator está inserido e também contribuem com determinados personagens para as conversações internas.

A partir disso, podemos pensar uma certa transformação na Universal. Anteriormente, a construção de certos projetos existenciais (carreira profissional, dedicação a um curso universitário, engajamento político) acionava o poder causal das restrições e

limitações impostas pela instituição religiosa (Archer, 2003). A mudança desse sistema cultural compreende um incentivo à realização do estudo formal e de carreiras, até mesmo a política. Assim, o jovem que hoje deseja estudar aciona poder causal habilitador desse contexto estrutural por meio de diversas atividades lúdicas e de reforço escolar. Nelson sempre sonhou em ser pastor, mas, segundo ele, percebeu que não poderia realizar seu desejo, por conta de rivalidades internas na Igreja. Logo, reavaliou seu projeto de vida como obreiro e decidiu largar a função para engajar-se na vida política, no PRB. Dessa forma, ao reavaliar seu projeto à luz das condições objetivas em que se encontrava, percebeu a impossibilidade de se tornar um pastor e decidiu que a vida política seria uma outra forma de “servir a Deus”. Essa decisão não encontrou resistência na instituição, mas sim apoio. Muito provavelmente, nos anos 90, seria impensável um obreiro deixar sua função e todo seu trabalho voluntário para se engajar politicamente, mas com as mudanças no sistema cultural da instituição, a construção desse projeto existencial e da assumpção do papel de “político” ativa um poder causal habilitador e não limitador.

Capítulo 3. A produção da política no Partido Republicano Brasileiro: formação, mobilização e julgamentos

Todos os ingressantes na legenda têm à disposição cursos gratuitos (política, assessoria, marketing pessoal e de idiomas) oferecidos pela Fundação Republicana Brasileira. O curso de política é considerado como fundamental para os membros e é oferecido algumas vezes por ano (não há um número definido a priori, mas sim de acordo com a demanda dos novos filiados e pedidos de presidentes de diretórios) na modalidade presencial e online. O primeiro ocorre nas sedes regionais dos partidos e na sede nacional, em Brasília, e tem duração de cerca de quatro horas. Já o segundo está disponível no site da Fundação e também ocorre periodicamente, oferecendo vídeoaulas, apostila digital e questionários para avaliação. Ambos fornecem certificado ao final. Realizei o curso no segundo semestre de 2014, na sede do Partido Republicano Brasileiro, em São Paulo, no bairro da Aclimação.

O local estava cheio e o auditório do partido estava completamente lotado, inclusive com pessoas em pé. Um telão havia sido instalado para os slides do curso. Homens portando terno e gravata contrastavam com outros de vestimenta mais simples, assim como mulheres com vestidos de grife e outras com calça jeans e camiseta. A maior parte dos presentes era do sexo masculino e acima de 30 anos. Nas conversas que antecederam o curso, um grupo expressava o desejo de “tentar um cargo como vereador, em alguma cidade”, enquanto que outros queriam começar a trabalhar para políticos e, por isso, faziam o curso para angariar conhecimentos. Lideranças comunitárias de bairros periféricos da região metropolitana conversavam com representantes do partido e assinavam fichas de filiação e recebiam material partidário para posterior distribuição.

Um representante da Fundação Republicana agradece a presença de todos e diz que ao observar o presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), e a presidente Dilma Rousseff (PT), vê-se o caminho que não deve ser seguido na política e que os presentes, ao buscarem o conhecimento, mostram sua diferença em relação a esses políticos. Ele conclamou ainda a todas as mulheres que fizessem parte do PRB Mulher, iniciativa exclusiva às mulheres, a fim de fomentar as lideranças femininas no partido e ampliar a participação das mulheres na política.

O professor Julio Ogusuka, graduado em Ciência Política na UNB, tomou a palavra e começou sua palestra. Segundo ele, não é fácil discutir política, uma vez que a maior parte

das pessoas só sabe falar mal dos políticos e do sistema, mas sem argumentos propositivos. Por isso, a importância de aprender a debater e justificar o ingresso em um partido político. O grande objetivo proposto por Ogasuka era compreender a formação transformadora da política e o preparo necessário para esse processo. Para explicar a dificuldade da argumentação política, o professor utiliza o exemplo de um vendedor, que precisa discutir as vantagens e desvantagens do produto para convencer um comprador. Da mesma forma, o candidato precisa explicar ao eleitor que é um bom candidato.

Seguindo a estrutura da apostila, o curso é dividido em dez tópicos:

- Cidadania; Democracia; Participação; Partido Político; Eleição; Poder; Políticas Públicas; Ética; Liderança; Republicanismo.

Uma imagem no telão foi destacada pelo professor, uma montagem com um avião a ponto de cair no Congresso Nacional. Segundo ele, a imagem chocante que faz alusão a um atentado terrorista indica a total descrença atual na classe política. Porém, alerta que somos também responsáveis ao escolhermos tais representantes para o país. Imagens da manifestação de 2013 também foram exibidas e as pautas apresentadas como “mais educação, melhor transporte público, PEC 33, etc.”, que só podem ser respondidas pelo processo político. Em um dado momento, Ogasuka pergunta por que devemos fazer política? Qual o intuito? Nisso, pessoas da plateia começaram a se manifestar.

Segundo alguns atores, se as pessoas não gostam de política, “o Lula e a Dilma gostam”. Para o professor, tratam-se de bons exemplos, pois se não escolhermos nossos representantes, os outros eleitores escolherão representantes para nós e teremos que ser governados por eles. O exemplo de Maria da Penha foi mobilizado pelo docente, a fim de mostrar como a participação política pode transformar uma situação e virar legislação.

Ao introduzir a noção de cidadania, a questão dos direitos foi levantada como uma condição para o exercício da participação na vida política. Os direitos civis garantem que todos são iguais perante a lei. A afirmação gerou alguns risos e comentários do público, como, por exemplo, dos ricos que não são punidos. A “lei é igual para todos, mas não sua interpretação e aplicação”, explicou. A luta política é o que garantiria a melhora constante do poder judiciário e que haja total equidade perante a lei. A liberdade de pensamento e de expressão também foram apresentadas como condicionantes da cidadania, assim como o direito político ao voto e direitos

sociais para a sobrevivência. Esse último, considerado, pelo professor e pelo público, como falho no Brasil.

Alguns atores lembraram a existência da Defensoria Pública como uma conquista da cidadania no país. Um participante destacou a questão do INSS: “muita gente reclama de ter que pagar plano de saúde e INSS e não usar o SUS, mas sem isso não teria sistema de saúde público para os mais pobres”.

A questão do desvio de dinheiro também foi levantada por alguns presentes, principalmente na saúde. Os atores queriam saber como reivindicar os valores desviados em grandes casos de corrupção. A importância da pressão sobre a classe política foi levantada como uma possibilidade de reaver esse dinheiro e até mesmo trocar políticos por outros, como “substituir um jogador de futebol”.

Um líder comunitário do Butantã, pedreiro do bairro de São Paulo, candidato a vereador em 2012, contou um pouco de sua experiência:

“Sempre gostei de fazer política, de forma honesta e aí decidi me candidatar. Muita gente do bairro me criticou, pois antes um cara lá do bairro saiu nas eleições fazendo um monte de promessas, foi eleito e depois não cumpriu nada. Aí acharam que eu era igual. Mas tem que aceitar tudo o que pessoal. O pessoal não acredita, pois a política está desacreditada, ninguém acredita mais. Quando eu me candidatei me perguntaram se eu queria ser ladrão”

O professor comentou que a política era um exercício de abnegação e que o político deve estar preparado para as críticas. Um conselho aos virtuais candidatos a vereador foi de não prometer diretamente algo, mas sim usar o verbo lutar. “Lutarei por novas escolas, lutarei por melhor transporte”, pois muitas atribuições são do poder executivo e, nisso, o legislativo só pode cobrar. Dessa forma, há toda uma preocupação com a recepção do discurso político pelo eleitor, a fim de que este não o encare como portador de uma segunda intenção escondida (efeito perlocutório), isto é, querer se eleger por meio de promessas vazias. Essa antecipação da interação faz com que os atores reflitam sobre as possibilidades de compreensão dos interlocutores, promovendo transformações e readequações da linguagem utilizada no discurso político.

O professor ressaltou também a importância de não pautar mais a política em promessas, mas sim em propostas. Ainda na questão do prometer, outros atores manifestaram-se. O “ser chato” é indicado por um deles como uma forma de obrigar o cumprimento de promessas. Para tanto, afirma que organiza abaixo-assinados junto à subprefeitura para

constranger o vereador do bairro a realizar ações. Segundo ele, a inação do representante o levou à decisão de se candidatar.

Os atores parecem estar de acordo com relação à primazia da proposta sobre a promessa como forma ideal do fazer político. Ogusuka destacou a importância da proposta frente à desqualificação *ad hominem* contra políticos, afirmando que tal prática não enriquece a política e tampouco o debate. Uma mulher que trabalha em um gabinete de um deputado diz que é necessário “abraçar” um bom político, apoiando-o e não só criticar, mas também fazer uma reflexão de seus atos. Para ela, é preciso ser político antes de discutir a classe política, isto é, participar ativamente da vida política e exercer a cidadania, ao invés de realizar críticas aos políticos.

O professor retomou a palavra e introduziu as noções de democracia direta e representativa e as formas de participação nessa última. O voto é explicado como uma “procuração” dada ao político por quatro anos para representar a população. A democracia brasileira foi considerada ainda como “recente”, o que explicaria os problemas políticos recentes no país. Segundo ele, a participação é fundamental para amadurecer o processo democrático. O trabalho normativo dos atores com relação à participação nas eleições indicou uma forte rejeição a Lula e Dilma, ambos do PT. No momento em que o professor explicou que um número mínimo de votos seria necessário para garantir a eleição de um político, pessoas no auditório afirmaram que se não votassem em seus candidatos, alguns poucos elegeriam Lula e Dilma e “dá no que dá”.

Os atores entraram em acordo com relação à participação dos brasileiros na política, considerada unanimemente como baixa. O poema “Analfabeto político”, de Brecht, foi lido pelo professor para mostrar a importância do voto. O sistema eleitoral brasileiro foi explicado de forma geral: estrutura, divisão de poderes, composição da assembleia, quociente eleitoral, etc.

A situação da “participação” levou à manifestação de um ator acerca da sua filiação política. Segundo ele, o que o levou a entrar para o PRB foi sua enorme admiração por Celso Russomanno e a ausência da sigla nos grandes esquemas de corrupção. Em sua perspectiva, a atual administração está destruindo o país, o que percebe por meio de sua atuação como professor em Sapopemba. Ele oferece curso de ensino religioso na região e a maior parte dos interessados participa somente por conta do lanche oferecido, dada a pobreza do bairro. Para

ele, as pessoas evitam os excluídos, o que o convenceu a se tornar pré-candidato para mudar essa situação e “fazer algo pelo próximo”.

Os atores mostram-se indignados com o fazer político atual e dizem não se sentir representados. Uma parte deles é fortemente contrário aos governos petistas, por conta da “bagunça” que teriam promovido na política e pela corrupção. Os agentes demonstraram valorizar termos como “ouvir o povo”, “sem corrupção”, ajudar” e “servir”. Outro ponto valorizado pelo professor é o “republicanismo” que, segundo ele, representa os valores do PRB. Segundo ele, os republicanos devem ser éticos e respeitar o próximo, lutando contra a injustiça e o preconceito, além de lutar pelo envolvimento direto na política e por ações sociais transformadoras, qualificando-se sempre para exercer uma função política.

Filósofos clássicos como Maquiavel e Montesquieu também são mobilizados ao longo do curso para compreender a política, por meio da problematização da obediência e do poder. Além deles, Max Weber e os tipos de dominação (carismática, tradicional e legal) são usadas para pensar o ato de obedecer. A contribuição do sociólogo alemão compreende também os conceitos de ética da convicção e da responsabilidade. O professor explica a ética da convicção como “algo para si, algo pessoal”. Segundo ele, por exemplo, não gostar de pagar impostos é algo pessoal, uma convicção individual, mas que, no momento que alguém se torna governante, precisa abandonar essa crença e cobrar mais impostos, pois é “algo que tem que cumprir”. Em sua perspectiva, o desafio do político é conciliar as duas éticas. O dilema vivido por Winston Churchill ao ter que decidir entre a evacuação de uma cidade, ou a decodificação do código usado pelos nazistas também foi utilizado pelo docente para exemplificar um conflito ético.

Martin Luther King foi citado como um exemplo de liderança por sua luta pelos direitos civis nos Estados Unidos. O humorista e deputado federal Tiririca também é considerado um líder, mas por canalizar um movimento de protesto em sua figura de palhaço. Os atores entraram em desacordo com relação a Tiririca. Alguns afirmavam que, a despeito do lado cômico, tratava-se de um excelente deputado, pois tem alta participação nas sessões da Casa e também teria apresentado muitos projetos de lei. Outros questionaram o índice de aprovação dos projetos de lei do palhaço e que ele não é uma liderança. “Esse cara só faz palhaçada, deboche”. Muitos declararam que não votaram nele e não votariam.

O voto de protesto também suscitou o trabalho normativo dos atores. Segundo alguns deles, os brasileiros estão cansados da política e muitos protestam de forma legítima, como os caminhoneiros que bloquearam estradas, mas o voto em Tiririca seria, ao contrário, um protesto inócuo. Outros acreditam que o voto de protesto é “uma indignação de um povo que trabalha muito, paga altos impostos, estuda e ainda precisa fazer o trabalho de políticos”. De acordo com eles, os brasileiros não aceitam participar ativamente como cidadãos, pois consideram que a elaboração de políticas públicas, por exemplo, seja uma prerrogativa exclusiva da classe política. Um grupo discordou dessa perspectiva, pois acredita que o debate com a sociedade civil é necessário para que os políticos compreendam a demanda da população.

A incorporação de autores clássicos como Montesquieu e Weber ao material didático não significa que serão lidos pelos atores, tampouco que seus conceitos sejam citados diretamente. De acordo com Boltanski e Thevenot (1991), em cada universo específico de ação, denominado pelos autores como *cité*, há um princípio de bem comum baseado em textos filosóficos clássicos, que foram incorporados pelos agentes sociais como valores e critérios de avaliação ao longo do tempo. Ao analisarem a *cité civique*, por exemplo, ligada ao “mundo cívico”, identificaram a obra *Do Contrato Social*, de Rousseau como texto base dos valores componentes dessa *cité*. Estamos diante de uma situação similar, mas cabe aqui destacar algumas diferenças. Não temos a intenção de definir quais são as obras filosóficas que serviram de base normativa, tampouco adotar um esquema rígido e axiomatizado para compreender a lógica das ações. Entretanto, devemos nos atentar à *reflexividade* dos atores, no caso os professores da Fundação Republicana Brasileira, oriundos da área acadêmica (Ciência Política da UnB), no que tange à seleção de autores clássicos para a construção do que denominam “valores republicanos”, isto é, um repertório normativo importante para compreender o trabalho normativo dos agentes ligados ao PRB. Aliás, oficialmente, o partido tenta construir um princípio ontológico universal baseado no republicanismo.

Conforme veremos na primeira parte da tese, o “republicanismo” será mobilizado por diversos atores como valor que norteia suas ações no processo político. Mas o que seria o republicanismo para os atores e os valores da nova política?

“O novo, na política brasileira, está em trazer para o ambiente público o que prezamos nas nossas casas. O novo é o inverso daquilo que se tem feito até hoje - misturar o público com o privado. Não se trata de utopia moral ou religiosa, é a realização da ética que fez os países desenvolvidos. (...)O novo na política brasileira

O trabalho normativo com relação às situações encadeadas pelo curso foi bastante diferente quando voltado para a juventude do partido, no Congresso Nacional da Juventude Republicana, na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, em janeiro de 2016. Nessa ocasião, a maior parte dos jovens pertencia à Igreja Universal, o que vim a descobrir por meio de uma interlocutora. Nenhum deles portava qualquer adereço que fizesse alusão à Igreja, ou tecia comentários a respeito de sua filiação religiosa. Somente uma menina de cerca de 15 anos brincou, enquanto estava sentada no plenário da Assembleia, e disse: “Jéssica do Força Jovem Universal e eu aprovo essa lei para todos vocês”. Rapidamente, os atores que estavam mais próximos olharam-na com um ar de desaprovação e uma menina aproximou-se e disse-lhe algo ao pé do ouvido. Na palestra, ministrada por Gustavo Barreto, doutor em ciência política pela UnB, o enfoque maior foi na criação dos coletivos e movimentos espontâneos de discussão política, enfim, a subpolítica de Beck (2011). O palestrante utilizou como exemplo o Podemos, partido político espanhol que começou como um coletivo e se tornou uma nova força política. Na avaliação dos atores, a decepção com a classe política é generalizada e somente outras formas de participação é que podem reavivar o interesse das pessoas no fazer político.

Nesse curso, houve maior enfoque nas manifestações de rua e crise do sistema político, mais do que na explicação do sistema político em si, como o realizado na sede do PRB e relatado anteriormente. Aqui, o trabalho normativo dos atores (universitários e evangélicos) concentrou-se na insatisfação com relação ao modelo político atual e não em críticas aos governos petistas, a Lula e Dilma, como no outro. A grande questão levantada pelos atores foi como reinventar a política e atrair o interesse das pessoas. Os atores classificaram a política como algo “velho, ultrapassado” e, por isso, desinteressante aos jovens. De acordo com um dos jovens sobre a crise na democracia representativa, “o jovem não quer mais saber de direita e esquerda, de grandes partidos e grandes famílias que comandam tudo. Isso precisa mudar. Uma oxigenação da política. Trazer os jovens que queiram fazer política, sem ficar pulando de galho em galho”. Outra proposta debatida pelo palestrante e os atores seria “desverticalizar” o poder aumentando os espaços de participação e consulta popular. “As instituições funcionam assim, mas o processo de transformação não pode acabar com a democracia, mas sim incrementá-la”, explica Leonardo Barreto.

Uma solução apontada pelos atores para aumentar a presença da população nos espaços destinados à participação consultiva seria incluir aulas de política nas escolas.

A juventude republicana, seus julgamentos e pertencimento religioso

Em janeiro de 2016, a Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP) recebeu o 1º Congresso Nacional da Juventude do PRB. O objetivo do evento, segundo seus organizadores, era reunir a militância jovem, a fim de que os militantes interagissem entre si e com coordenadores nacionais, debatendo temas e produzindo propostas. No sábado, dia reservado ao evento, diversas pessoas portando camisetas brancas do PRB dirigiam-se à ALESP. Havia cerca de quinze ônibus com caravanas de diversos estados do país e os jovens portavam bandeiras do PRB, de seus estados e suas cidades.

No prédio, centenas de pessoas aglomeravam-se nas filas para o credenciamento. Os inscritos recebiam um kit com crachá, bloco de notas, caneta, apostila do curso de Política da Fundação Republicana e uma pasta. No momento do cadastro, era necessário inscrever-se em um dos grupos de trabalho (Educação, Saúde, Corrupção, Mobilidade Urbana, Trabalho e Segurança) para os debates que seriam realizados no período da tarde. Logo na entrada, havia um painel com a inscrição 1º Congresso Nacional da Juventude Republicana, a fim de que os militantes pudessem tirar fotos tendo-o como pano de fundo, para divulgação em redes sociais. A organização também disponibilizou placas com dizeres como “Eu fui” e “#BoraReagir”. A ideia, segundo um dos coordenadores, era “bombar” o evento e, por isso, a estrutura montada. Algumas “personalidades” do partido, como o secretário e vereador Jean Madeira, dispunham-se a tirar fotos ao lado dos jovens.

Após a recepção, houve uma apresentação de dança chinesa, promovida por representantes de artes marciais de São Paulo. O público foi então convidado a se dirigir ao salão principal da Assembleia. Os coordenadores estaduais da juventude e algumas lideranças jovens ocuparam foram acomodados nas cadeiras para os deputados do estado, enquanto que o grosso da militância foi alocada no piso superior, destinado ao público que assiste às sessões. O coordenador nacional da Juventude, Renato Junqueira, afirmou que a juventude do PRB não era comprada como a de outros partidos e estava lá de forma voluntária para “transformar o Brasil”. O presidente Marcos Pereira parabenizou a presença dos jovens e afirmou que a juventude se afastou da política por conta dos escândalos de corrupção e de um sistema velho que não estimula a participação de ideias novas e envelhece o debate de ideias.

O coordenador de São Paulo, Peterson, explicou a importância de divulgar a marca 10 para que as pessoas a associem ao PRB. Já o deputado Celso Russomanno (PRB-SP) destacou que a oxigenação da política vem dos jovens. Segundo ele, a política brasileira está na era analógica enquanto que os jovens estão na era digital e, por isso, eles são os responsáveis por construir um novo país e uma nova política. Russomanno também afirmou que contaria com a presença dos jovens nas ruas para vencer e para governar São Paulo⁶³.

A deputada estadual Rosangela Gomes (PRB-RJ) destacou a importância dos jovens negros e a necessidade de lutar pelo fim do extermínio da juventude negra nas periferias das grandes cidades. Sua fala foi uma das mais aplaudidas pelos presentes. Alguns dos participantes da mesa perguntavam, em seu momento de fala, onde estava o povo de cada estado, a fim de que os jovens fizessem barulho, como em um grande comício, ou programa de televisão. No final, houve uma apresentação de um grupo de *hip hop*, o *FORHope*, seguido do recesso das atividades para o almoço.

Mobilidade Urbana e o direito à cidade

Decidi acompanhar o grupo de trabalho sobre mobilidade urbana, pois o número menor de participantes (a maioria optou pelos temas esporte, saúde, educação e corrupção) possibilitaria maior desenvolvimento de argumentos por parte dos atores, uma vez que individualmente disporiam de mais tempo. Cada grupo seguiu para uma sala de reuniões da ALESP, segundo sua capacidade de público. Os doze jovens do grupo de mobilidade realizam uma breve apresentação de si, dizendo seu nome, cidade e estado e ocupação. A maior parte era composta de estudantes universitários, pardos, oriundos de famílias pobres e moradores de bairros periféricos de diferentes estados brasileiros. Nenhum deles se definiu como especialista em mobilidade, mas sim como jovens moradores de periferias que vivenciam a dificuldade de se locomover pela cidade. Alguns ressaltaram sua paixão pela política desde a juventude, com participações em movimento estudantil e manifestações em sua cidade. “Sempre fui muito combativo, aguerrido, ia para cima, mas sem agressão, ou violência tipo PSOL”, explica Wellington. Tanto neste dispositivo, quanto em outros já analisados, os atores julgam os partidos e movimentos de esquerda como “violentos” e promotores de vandalismo, criticando-os e definindo-se como o inverso deles. “Vejo manifestações com bons olhos, mas quando tem

⁶³Russomanno ficou em terceiro lugar nas eleições municipais de São Paulo.

desordem, quando distorce a coisa, só é bom para a burocracia, pois eles operam em cima da desorganização”.

A questão colocada pelos atores para iniciar o debate foi o que o PRB faria pelos transportes se estivesse no poder? “Eu penso numa questão: para quem é a cidade? Brasília foi desenhada para carros. As periferias não têm conexão com a cidade, não pensaram em ligar. Para quem é a cidade? Quem tem direito? Quem pode usufruir do que tem na cidade?” Alguns deles, mesmo sem militarem pelo Movimento Passe Livre, elogiaram algumas de suas posições e afirmaram que se trata de uma iniciativa que colocou questões importantes como o direito à locomoção, principalmente dos jovens pobres dentro das cidades, uma vez que ficam impossibilitados de ter acesso aos equipamentos urbanos. A falta de mobilidade e o valor cobrado pelo serviço dificultam, em sua visão, o acesso dos jovens pobres à educação.

Um dos jovens citou a emenda constitucional que torna o transporte um direito social, que deve ser assegurado pelo Estado, para pensar uma pesquisa que indica que mais de 30 milhões de brasileiros não tem como pagar uma passagem. “Será que então o transporte pode ser privado? Acho que não, pois ela vai visar o lucro. Se um bairro tiver poucas pessoas, não será lucrativo para uma empresa disponibilizar uma linha. Mas onde ficam os direitos dessas pessoas?” (Marcos, militante PRB).

A questão da administração do serviço de transporte público gerou um intenso debate entre os participantes. A maior parte posicionou-se pela gestão estatizada dos transportes, enquanto que uma minoria defendeu uma posição mais liberal não somente nesse tema, mas na economia como um todo. “Eu levanto essa questão porque é uma incoerência do Estado. Transporte é direito, mas você cede para a iniciativa privada que vai cobrar passagem e oferecer serviço ruim? Isso para mim é inconstitucional. Tem que questionar. Lá na minha cidade o prefeito se defende e fala que é uma concessão, empresa não vai abrir mão. A campanha do prefeito quem paga é a empresa. Aí a situação é essa” (Wellington). A relatora e coordenadora do grupo, Gisleine, acrescentou que a partir dessa situação é que nasce a corrupção. Segundo ela, as pessoas no Brasil têm uma mentalidade colonialista e isso se reflete no fato de poucas famílias controlarem todo o transporte, recebendo somas vultosas, sem nenhuma melhoria do serviço.

Wellington propôs a elaboração de um Plano Nacional de Transporte Público, com regras mais claras para concessão de serviços, exigência de qualidade e fiscalização severa. “Seria algo via congresso nacional. Nessa lei de concessões, teria que ter processo licitatório

com diversas empresas. Já é errado o Estado conceder o serviço, dessa forma então...”. A estudante de engenharia Ana Clara, 21 anos, discordou das proposições dos outros militantes e afirmou ser a favor de um estado mais liberal. “Temos que desconstruir estatais. Onde tem estado, tem roubo. Se tiver mais uma estatal vão roubar a gente. O serviço tem que ser privado, mas com o estado fazendo uma licitação séria, exigindo ar-condicionado”. Em sua visão, o Estado só deve investir em educação e saúde.

Face à argumentação de Ana, os outros jovens afirmaram que em pequenas cidades, o modelo privado poderia ser testado, mas que nas grandes capitais, com maior orçamento, o serviço deveria ser estatizado. “Tem que ter uma participação maior do Estado. Se eu sou dono de uma empresa, eu falo que aquele ônibus está bom, arranjo um laudo e beleza. Não vai acontecer nada” (Wellington). Marcos argumentou que os serviços privados de telefonia funcionam muito mal e que já há regras para concessão de transporte público, mas “não adianta”. O militante citou as privatizações realizadas pelo governo FHC para justificar como diversas ferrovias de transporte de passageiro deixaram de existir. “A natureza disso é deficitária. Um tratamento de saúde para uma empresa é deficitário. O Estado existe para assumir o que é deficitário. Ferrovia hoje é só transporte de carga”.

Os militantes pró-estatização citaram a Supervia no Rio de Janeiro e o serviço de transporte de barcas no Rio como mais um exemplo de fracasso da administração privada. “Se os representantes do nosso partido forem sérios, vão levar essa questão ao Congresso Nacional. Pode até não mudar de imediato, mas precisa haver o debate para expor esse problema e discutir. Só assim o Brasil vai mudar” (Wellington). A influência das empresas na produção de políticas públicas foi exemplificada por meio da atuação do lobby rodoviário no país, em detrimento da expansão da malha ferroviária. “As montadoras precisavam vender e na ditadura militar influenciaram o governo a investir em rodovias e grandes avenidas nas cidades”.

Nisso, a iniciativa privada não teria interesse em garantias de direitos constitucionais. “Não é o grande empresário, a empresa privada que vai pensar na realidade dos jovens de periferia que precisam se locomover. Não sou a favor de tudo ser estatal, mas no transporte público, o estado vai ter que ter mais participação. Pelo menos 40% das linhas de ônibus e metrô”, explica Gislaine. Segundo ela, isso vai garantir o “direito à cidade” para os jovens. Os autodenominados “liberais” concordaram que o preço das passagens é inviável para os que recebem um salário mínimo, pois o valor comprometeria quase 40% da renda.

Os militantes afirmaram que o valor do transporte impede que os mais pobres tenham acesso à cultura e ao lazer, uma vez que esses equipamentos estão concentrados na região central das cidades, exigindo deslocamento por meio de transporte público. Marcos sugeriu a criação de um projeto de lei que obrigue estados e municípios a investirem o orçamento na área de mobilidade em transporte coletivo, a fim de diminuir uma “cultura do carro”.

Além disso, propuseram passe livre para jovens de baixa renda, custeado por tributos como IPTU, ICMS e IPVA.

Cada grupo deveria elaborar um texto que resumisse a discussão, expondo as principais propostas que seriam lidas no evento e depois levadas pelos parlamentares do PRB ao plenário. Isso levou a um processo de revisão das propostas, selecionando aquelas que os atores julgavam “possíveis”. “Precisa saber jogar com a burocracia”, explicou Wellington. Por fim, decidiram-se pela criação de um Estatuto da mobilidade urbana, a fim de realizar uma auditoria no serviço de transporte e discutir as possibilidades de uma maior participação do Estado. Sugeriram ainda que 80% dos recursos reservados pelos orçamentos da União, Estados e municípios à mobilidade fossem destinados a obras de transporte público. O documento ainda incluiu o passe livre, mas os atores entraram em desacordo sobre o benefício: deveria incluir somente estudantes ou também pessoas de baixa renda?

Houve um consenso em torno da necessidade de inclusão de todas as pessoas de baixa renda, segundo diversas justificativas. A jovem liberal, Ana Clara, afirmou que as pessoas mais pobres não têm acesso à cultura, pois os equipamentos estão concentrados nos centros das grandes cidades. Os outros militantes concordaram com seu argumento, porém, questionaram sua visão de cultura, o que acarretou um breve debate sobre o conceito. “Mas também tem muita cultura na periferia. Hip Hop é cultura, funk é cultura. Não pode ter essa visão que cultura é o só o que você gosta” (Marcos). Gislaine argumentou que o museu é uma instituição burguesa, “que funciona em outra lógica”, mas que o acesso à cultura não pode ser pensado só por meio dele, esquecendo outras formas culturais como o movimento Hip Hop, por exemplo. Ana concordou com o ponto dos militantes, mas afirmou que é necessário garantir também a mobilidade a equipamentos culturais, localizados no centro das cidades, à população periférica. Já Wellington acredita que a cultura no Brasil é privatizada, pois o Estado abandonou o investimento cultural e a realização de shows e espetáculos fica a cargo do setor privado.

Após a breve clarificação em torno do que é cultura, os atores debateram o que poderia ser considerado baixa renda. Para Ana, o governo do PT elevou falsamente o pobre, dizendo que hoje ele pertence à classe média. Segundo ela, não houve mudança efetiva na vida dos pobres. “Dar trinta reais por mês não muda a vida de ninguém”. Wellington discordou e afirmou que o país mudou muito e que houve uma melhora social forte com programas como o Bolsa Família. Segundo a maior parte dos atores, as categorias oficiais de pobreza são importantes para determinar estatisticamente quem pode ser considerado como baixa renda. Assim, entraram em um acordo que pessoas que se encontram oficialmente abaixo da linha de pobreza e beneficiárias de bolsa deveriam receber o benefício.

O resultado final agradou aos jovens, que propuseram a criação de um grupo de e-mail e *Whatsapp* para elaborar políticas públicas na área e mandar para os parlamentares do PRB. “Eu acredito no Brasil e esse projeto ficou bacana. Muito bom saber que estamos aqui, como voluntários, para tentar melhorar a vida do povo”.

A ocultação do pertencimento religioso e a classificação das forças políticas

Depois da reunião, os jovens conversavam animadamente sobre o evento e sobre os parlamentares que mais gostavam. Destacaram Rosângela Gomes, por ser “uma guerreira” e também Evandro Garla, por sua humildade, e Jean Madeira pela simpatia, espírito de liderança e participação no partido. “Quando a Rosângela fala, cala a boca e escuta porque a mulher manda muito bem” (Ana). Após sairmos da sala, perguntei aos militantes se eles pertenciam à Igreja Universal. No mesmo instante, todos se voltaram para mim e me olharam com grande espanto e disseram “xiu”⁶⁴ em uníssono. “Não fala isso alto. Você tá louco? E se tiver algum jornalista aqui?” Pedi desculpas e Gislaine conduziu o grupo até o elevador e começamos a conversar. Ali, protegidos de ouvidos indiscretos, os atores afirmaram que pertenciam à Universal e que faziam parte do projeto Força Jovem. Explicaram-me que eu não devia abordar esse assunto em público por conta da “perseguição que o partido sofre pela mídia”. Fomos todos então a um corredor mais reservado e começamos a conversar sobre essa relação.

Segundo eles, diversas lideranças do Força Jovem foram convidadas a ingressar no PRB e isso trouxe um problema ao partido, pois muitos jovens despreparados teriam entrado na legenda. “Tem que ser só o pessoal do Força Universitária, pois senão depois eles dão bola

⁶⁴ Expressão popular para mandar alguém ficar quieto.

fora”. O “dar bola fora”, segundo eles, seria revelar o pertencimento à IURD em situações públicas, ou falar de Deus no meio de debates políticos. É interessante perceber como certas competências reflexivas são percebidas como necessárias e estão intrinsecamente ligadas aos processos de socialização nos quais o indivíduo está inserido (Lahire, 2002). Aqui, exalta-se determinadas competências que impliquem uma forma de agir e de se expressar que não indiquem o pertencimento à Igreja Universal, uma vez que determinados contextos exigem um engajamento baseado em uma *cit  civique*. O fato de não ter passado pelo FJUniversit rio   considerado por esses atores como um impedimento   participa o política, uma vez que não disporiam dos saberes e das competências necessárias. Se pensarmos no caso da menina que imitou um político e disse “da Força Jovem Universal”, ou de outros membros que demonstraram algum tipo de pertencimento religioso em momentos inadequados, não houve um planejamento de como se apresentar/agir, mas sim um comportamento pautado em uma experiência anterior, o que gerou problemas. Tudo indica que esses episódios frustrados   que geraram uma reflexão por parte dos atores com rela o ao próprio comportamento.

Caetano (2013) percebe que a vivência intercontextual   um mote para o desenvolvimento da reflexividade e capacidade de ajustamento a uma maior gama de situa es. Os atores percebem que a preocupa o, o cuidado e a aten o dispensados ao fazer político variam conforme as competências reflexivas de cada um (Lahire, 2002). Por isso, jovens evangélicos são contrários   entrada de outros colegas de institui o que não dispõem da mesma capacidade de se ajustar a contextos de intera o que não os do ambiente religioso. Em sua visão, falta-lhes um “senso”, que atribuem necessário   utiliza o de uma “linguagem” e a uma performance adequadas ao mundo político. Esse modo de agir não   natural, mas sim aprendido pelos atores em seu processo de vivência em diversos mundos.

Aquele que não dispõe de tais experiências promotoras de competências reflexivas torna-se o “crente perdido” no mundo da política, mobilizando termos religiosos, sempre fora de área, e que prejudica a legenda, que irá ser tachada de evangélica por outros setores sociais. Assim, o discurso dos atores engajados no PRB indica que a participa o efetiva no projeto político não   para todos, mas sim para os que conseguem interagir e estabelecer conversas com outros atores sociais, sem fazer men o ao pertencimento religioso, ou   terminologia evangélica.

Não se pode dizer que os jovens que deram bola fora agiram simplesmente pela força do *habitus*, uma vez que, em muitos casos, houve até um planejamento de como falar ou

se apresentar, mas que se mostrará completamente equivocada com relação ao contexto. Isso indica a importância da disposição adquirida e das experiências, pois essas são processadas reflexivamente pelos sujeitos e servem de base para confrontação em uma conversação interna. Tomemos como exemplo um grupo de jovens da Igreja, não pertencentes ao FJUniversitários, que entrou no PRB. Podemos supor perfeitamente que, entre eles, ou sozinhos, refletiram previamente sobre o que poderiam fazer em uma reunião, como dar um testemunho, por exemplo. Entretanto, a base de experiências anteriores também é mobilizada para projetar o futuro. No modelo de conversação elaborado por Wiley (1994), o *Mim* representa o *self* passado e, por isso, as experiências do indivíduo, em uma clara influência do trabalho de Mead. Esse modelo pode nos ajudar a aproximar Lahire, disposicionista que ressalta a importância do passado e Archer, subjetivista que defende a reflexividade para construção do futuro. Caso os jovens tivessem passado por outras experiências, ou seja, tivessem disposições incorporadas ao *Mim*, considerariam uma eventual restrição estrutural com relação a seu plano, exigindo uma adaptação. Assim, acredito que a disposição é relacionada ao *Mim*, uma vez que a mesma exerceu pressões em relação aos antigos projetos elaborados pelos *self* passados, os quais foram transformados nesse processo. Portanto, a experiência acumulada do passado parece ser uma disposição fundamental para o sucesso de uma apresentação adequada de si. Em ambos os casos, com ou sem outros processos de socialização, o indivíduo executa uma análise reflexiva com relação a seu plano de ação, mas o sucesso do agir está relacionado diretamente à disposição incorporada ao *Mim*.

De acordo com os militantes, as acusações que o partido sofreu e todas as controvérsias das últimas eleições em torno da laicidade tem um lado positivo. “Agora, o pessoal vai ser mais criterioso com quem entra no partido e tem que ser assim”. Passado o esclarecimento e o choque com minha questão, Ana Clara brincou com os militantes pró-estatizações, dizendo que eles tinham se tornado marxistas. Gislaine não gostou da provocação e respondeu que “não sou marxista, mas sim republicana, quero o melhor para o povo. Não sou feminista radical, ou LGBT extremista”. Os outros riram e concordaram com seu comentário. Na percepção dos atores, “marxista” não está ligado necessariamente a uma defesa da teoria de Marx, mas sim a uma postura ideológica dos militantes de esquerda. “Na universidade federal, onde estudo, está cheio deles, sempre querendo convencer os outros a entrar na onda deles. Muitos professores também. Eu quase caí na deles, mas a fé forte que eu tenho e a cabeça no lugar graças ao Força Jovem me impediram” (Gislaine).

Porém, o embate mais destacado com a esquerda política deu-se nas reuniões da União Nacional dos Estudantes (UNE), após o ingresso do PRB na organização para ocupar a cadeira de esportes. Segundo meus interlocutores, militantes “de esquerda” os hostilizaram por conta da sua filiação religiosa:

“Algumas feministas tiravam os seios para fora e diziam que ninguém controlava o sexo delas, nem o corpo. Eu me senti muito mal como mulher e evangélica. Sofri um preconceito que, para mim, foi muito de classe social também, por ser negra e vir de baixo. Ali a gente era tomado como ignorante e alienado de antemão, só por ser evangélico. Sendo que nunca nem falamos de Cristo ali, apenas defendemos nossas posições que, sim, são cristãs e representam uma boa parte do povo. Esse pessoal de esquerda é assim, eles não aceitam opinião contrária. Não sou contra gay, acho que eles tem que ter o direito de casar, mas a gente não aceitou a questão da ideologia de gênero, pois acho que isso não é certo. Drogas eu não aceito mesmo, pois vejo como elas destroem os jovens na periferia onde moro. Mas eles não aceitam crítica e começam a ofender, a agredir. Sempre tentamos nos posicionar com respeito na UNE. Na minha visão, o marxista é aquele cara contra a família, contra Deus e que quer impor a agenda deles a todo custo”. (Regiane, 23 anos, estudante universitária)

De acordo com seus relatos, a participação nas reuniões da entidade foi marcada por forte tensão ao exporem sua visão sobre política de drogas, aborto e questões de gênero. Todos afirmaram que sempre buscaram discutir todos os assuntos de forma “civilizada e democrática”, mas que os outros membros da UNE não aceitavam suas posições, tidas como “conservadoras, fundamentalistas” e passaram a hostilizá-los frequentemente. Entretanto, fazem questão de ressaltar que apoiaram muitas das bandeiras sociais, tais como cotas para negros, fim de autos de resistência e luta contra a redução da maioria penal. Dessa forma, no entendimento dos jovens militantes do PRB, “marxista” e “esquerda” são utilizados para denominar “radicais” de movimentos feministas, LGBT e antiproibicionistas. “Falamos tanto em democracia, mas não aceitam a opinião dos outros. Querem passar por cima de todo mundo”, explica Gislaine.

Segundo eles, esses coletivos mantêm uma postura antidemocrática e tentam controlar os diretórios estudantis, o que afasta muitos jovens (evangélicos ou não) da política, ou leva a formação de chapas contrárias, que tentarão romper com essa hegemonia. Entretanto, os atores não portam somente críticas ao que consideram como “esquerda”. Em sua avaliação, o país mudou muito após os doze anos de governo petista e, em suas avaliações, trata-se de uma legenda de esquerda. Quando indagados sobre os principais valores de sua militância política, apontaram a igualdade social, promoção do bem-estar e defesa dos mais pobres. Alguns dos

atores não associam essa prática à esquerda, mas sim ao “republicanismo”. Wellington afirma que já foi militante do PT, motivado a “melhorar as condições do povo”, mas que abandonou o partido depois dos escândalos de corrupção e dos “grupos que tomaram o PT e querem impor uma agenda pautada na ideologia de gênero, aborto, feminismo radical e liberação das drogas”.

Para eles, esses grupos “marxistas” afastaram os evangélicos da base de apoio do PT, uma vez que a sigla teria incentivado a ação desses coletivos minúsculos na esfera política em detrimento de um segmento social amplo que votou em Lula e Dilma. Na visão desses jovens evangélicos, a forma de fazer política dos “marxistas” não tem o entendimento como objetivo. “Pode ver que eles sempre sugerem umas pautas impossíveis, só para causar, mas não tem interesse em resolver o problema” (Wellington). Segundo ele, a opção por deixar a estatização em segundo plano na elaboração do texto do grupo para o Congresso do PRB é “ter noção do possível na política, porque senão uma pauta dessas nem chega lá em Brasília”. Em sua perspectiva, a construção de uma pauta política deve obedecer a um princípio de viabilidade e aceitação pelo outro, pois senão o “discurso não sai daquele meio e vira só grito de ordem”. Assim, mesmo sendo defensor da estatização do sistema de transportes, julga que sua causa só apresenta alguma chance de ser concretizada se for proposta em um determinado regime de entendimento.

Recorrendo à análise de Habermas (2012), a recusa mútua do estabelecimento de uma comunicação intersubjetiva entre a militância do PRB e coletivos de esquerda dá-se, a meu ver, por razões distintas. Os militantes de esquerda ao acusarem os jovens do PRB de pertencer a uma sigla ligada a uma igreja evangélica acusam rechaçam as pretensões de veracidade dos atos de fala por perceberem nele um efeito perlocutório, isto é, a existência de motivações ocultas em seu discurso, utilizado estrategicamente para atingir esses interesses ocultos. Aliás, a principal crítica que o PRB recebe é ser um “braço político da Universal”, ou seja, para diversos atores sociais, o discurso político esconderia intenções da igreja, tentando-se valer de um ato locucionário (de fala) para atingi-los.

Já os militantes do PRB desconsideravam as tentativas de estabelecimento de comunicação por parte de militantes do PSOL, PT e PCdoB uma vez que os “esquerdistas” não permitiam críticas a suas proposições. Assim, a inviabilidade de crítica a certos enunciados fez com que não se instalasse uma situação de *agir comunicativo*.

“Para o agir comunicativo, só são constitutivas as ações de fala a que o falante vincula pretensões de validade criticáveis. Nos demais casos – quando com atos perlocucionários um falante busca alcançar fins ilocucionários não declarados diante dos quais o ouvinte não pode assumir posição alguma, ou quando busca

alcançar fins ilocucionários diante dos quais, como diante de imperativos, o ouvinte não pode assumir posição fundamentada -, deixa-se de utilizar o potencial de uma ligação motivada pelo discernimento quanto às razões nela envolvidas, potencial sempre presente na comunicação verbal” (HABERMAS, 2012, p. 529).

Apesar de recusarem as argumentações dos “marxistas” em prol da ideologia de gênero, os atores do PRB afirmam que não são contra os homossexuais. “Deixamos claro ali que ninguém era contra gay. Inclusive somos favoráveis ao casamento civil entre gays e combate à homofobia nas escolas, mas acho que o discurso de desconstruir homem e mulher muito radical, ainda mais para ser apresentado a crianças. Foi isso que a gente não aceitou” (Gislaine). Segundo eles, ao exprimirem sua posição contrária a certos pontos, os outros rebatiam e diziam que eles não queriam “aceitar a diversidade, por terem uma visão evangélica e conservadora”.

A “balada” no partido: a visão dos líderes em relação à juventude

O evento de solenidade da posse de delegado do PRB Juventude ocorreu em março de 2014, na sede do partido em São Paulo, no bairro da Aclimação. O local é um grande sobrado que conta com um auditório para cerca de 150 pessoas e diversas salas para uso administrativo do partido. Logo ao entrar, reconheço diversos rostos de pastores, obreiros e jovens da Força Jovem Universal que já havia cruzado na Igreja. Eles compunham uma boa parte do público presente. Sou apresentado a Diogo Madeira, coordenador do PRB Juventude na cidade. Em tom informal, Madeira disse estar “cheio de manifestantes playboyzinhos que tem ido à Câmara só para “badernar e protestar por protestar”. Segundo ele, isso “queima o filme da juventude na política”.

No auditório, um vídeo com realizações do PRB era transmitido no telão: PEC das domésticas, uso do FGTS para doenças crônicas, apoio ao esporte, fim do voto secreto na Câmara e no Senado e o combate às drogas. Esse último recebia grande destaque. Assistindo ao vídeo, percebi que ações que haviam sido desenvolvidas no seio da Força Jovem eram veiculadas como iniciativas do partido. Tratavam-se de manifestações contra o crack na cidade de São Paulo. Posteriormente, abordaremos a produção coletiva dessas manifestações e a forma como os atores constroem *reflexivamente* essas marchas sem vinculá-las à Universal.

Um locutor anunciou a entrada dos presentes: o deputado Evandro Garla (PRB-RJ), o coordenador municipal do PRB Juventude, Diogo Madeira, o vereador Jean Madeira, Rogério

Haman, à época secretário de Desenvolvimento Social do governo estadual e Aildo Rodrigues, presidente municipal do partido.

O vereador Jean Madeira, pastor licenciado da Igreja Universal, destacou a importância do evento e o engajamento de todos na luta contra o crack. O parlamentar disse que o PRB quer jovens que pensem e não militantes “teleguiados” como massa de manobra, mas que proponham questões, participem na elaboração de políticas públicas e façam política de verdade, para lutar verdadeiramente contra as drogas e melhorar o país. O vereador é bastante aplaudido e um homem comenta ao meu lado: “Pr. Jean fala a gente até arrepia”.

Em seguida, Diogo Madeira afirma que atualmente vemos muita manifestação nas ruas, mas com muita baderna e que o povo não está lá. Segundo ele, o jovem do PRB é diferente, “pois cobra, faz pressão, mas sem vandalismo. Somos cidadãos conscientes. Nossas passeatas não tem bagunça porque não somos rebeldes sem causa. Temos uma causa: o combate às drogas”. Para o jovem Madeira, o diferencial do PRB Jovem é não ficar só no “falatório, mas também agir”, pois “estamos engajados numa causa”.

O vereador Jean pede novamente a palavra e diz que vai quebrar o protocolo, pois “estamos lidando aqui com jovens e vamos falar a língua dos jovens. Vou traduzir o politiquês”. Ele afirma que o PRB não é o partido da Igreja Universal, mas de todos os brasileiros engajados na luta contra as drogas, por isso, “o jovem que integra o PRB não pode ser alienado, mas sim consciente e preparado para fazer política”. Para Madeira, os jovens não podem ficar no “blábláblá”, discutindo a “morte da bezerra, mas sair às ruas e agir e fazer o bem e lutar contra o crack”. Aproveitou ainda para criticar o prefeito Fernando Haddad (PT-SP) por sua política, em sua visão, permissionista em relação às drogas e por não aprovar o projeto da criação da Secretaria de Prevenção às Drogas, principal bandeira de Madeira na Câmara. No momento em que dizia isso, Madeira falava de uma forma enérgica, segurando o microfone como se fizesse uma pregação em uma Igreja. Finalizou sua fala dizendo “amém” e, depois, rindo afirmou: “é brincadeira, gente...”.

É interessante ressaltar a *reflexividade* dos atores com relação à existência de “gramáticas” distintas. A necessidade de tradução colocada por Madeira implica a mobilização de um repertório considerado adequado à situação, com a mobilização de outras formas argumentativas. Na chave do que Lemieux (2009) considera “gramática pública”, por ser uma situação que implica maior nível de *reflexividade*, Madeira faz apelo à ação coletiva dos jovens por causas maiores (expressão clara de um “princípio de solidariedade”): o combate às drogas

e a necessidade de engajamento político. O pertencimento à Universal é negado, em um primeiro momento, mas se torna motivo de uma piada por parte de Madeira, por meio da *reflexividade* em torno de sua própria performance “pastoral”. No entanto, a “tradutibilidade” da política não passa apenas por uma questão de linguagem, mas também pelo contexto da experiência (Pollock, 2003). Ao utilizar uma “linguagem de pregação”, Madeira acredita remeter esses jovens a uma experiência compartilhada e conhecida, a da religiosidade evangélica. Dessa forma, ao traduzir entende que os jovens talvez não disponham da competência reflexiva necessária à compreensão da linguagem política utilizada pelas outras lideranças, assim, opta por outra, a fim de garantir a força ilocucionária do discurso do partido (Skinner, 1972; Habermas 2012). Efetivamente, alguns dos jovens riram e disseram que o “Pr. Jean fez uma pregação dentro do partido”, indicando que percebiam a diferença entre as gramáticas mobilizadas.

O deputado Garla, oriundo da juventude do partido, segundo ele, afirma que há uma grande efervescência nas ruas, por conta dos *rolezinhos*⁶⁵, e das recentes manifestações que ocorreram em 2013 após o aumento das tarifas de ônibus no país. Ele acredita que o combate às drogas deve ser o principal tema para elaboração de políticas públicas, pois “a droga está acabando com o Brasil”. De acordo com o parlamentar, o jovem deve se preparar e não ser massa de manobra, propor, debater e não ser somente o que segura bandeira no dia da eleição, ou em protestos. Por isso, ressalta a importância do curso de formação política fornecido pela Fundação Republicana. Outro grave problema, segundo ele, é a alta mortalidade dos jovens negros, que precisa ser questionada e debatida pela juventude do partido. Por fim, Hamam falou do programa Viva Leite e que os jovens deputados estão convidados a verificar a situação do programa em suas cidades e entrar em contato com a secretaria, caso não houvesse distribuição de leite.

Após a fala, os delegados da juventude foram empossados, recebendo diplomas dos componentes da mesa. Todos registravam o momento com fotos e publicações nas redes sociais, marcando como #PRBJuventude ou #PRB10. Segundo Nelson, isso é bom para mostrar o envolvimento no partido e ascender como liderança. Após a diplomação, Peterson Pepe, coordenador da juventude, tomou o microfone e afirmou que “jovem gosta de festa e a reunião

65 Termo usado pelos jovens para designar encontros marcados no Facebook em shoppings centers da capital paulista, no ano de 2013. Esses encontros atraíam milhares de pessoas e foram reprimidos pela Polícia Militar e pela Associação de Shoppings.

ia virar balada”. As luzes foram apagadas e música eletrônica começou a tocar. Alguns jovens dançavam, enquanto outros olhavam sorrindo. Peterson dizia “o PRB é o único partido...” e os presentes completavam em voz alta: “dez”! (em alusão ao número da legenda). O pastor Jean Madeira pegou o microfone e disse um de seus jargões: “para ou continua”? “Continua” é o que os jovens disseram e ele repetiu, dando prosseguimento ao evento. Algumas pessoas começaram a se retirar e aos poucos a festa foi minguando.

A construção plural de si: lógicas distintas e papéis sociais coexistentes

A entrada na política pode ser considerada como uma ruptura contextual, uma vez que implica novas situações de interação social, em outro cenário, para além do já habitual na Igreja. É claro que muito antes disso, esses atores já se encontravam em diversos universos e, por isso, expostos a muitos e diversos processos de socialização (Lahire, 2002). São trabalhadores, estudantes, torcedores de futebol, membros de associações de bairros, etc. Considerando-se que os agentes se constroem reflexivamente como atores, produzindo suas identidades, podemos pensar uma aproximação entre Margaret Archer e Lahire. Proponho aqui uma consideração acerca da noção de projetos de Archer. Os agentes constroem durante suas vidas projetos existenciais, verificando-os continuamente, o que pode levar à manutenção ou ao abandono do projeto em virtude de um novo. Tais projetos visam atender às preocupações últimas dos atores sociais. Evidentemente, esses projetos coexistem e contribuem para a formação da(s) identidade(s), muitas vezes de maneira definitiva. Por exemplo, a decisão de se tornar vegetariano pode acompanhar o sujeito até o final de sua vida, impactando na construção de novos projetos e em suas reflexões. Minha hipótese é que a coexistência de diversos projetos (muitas vezes contraditórios entre si) é uma condição para transformação contínua do *self*, por meio de contínuas conversações, e pode vir a promover mudanças no sistema cultural/estrutural. O engajamento em múltiplos e concomitantes projetos de vida se dá justamente nesse contexto de quebra com a continuidade contextual. Para exemplificar essa formulação, tomemos o caso de Nelson, militante do PRB e ex-obreiro da Igreja Universal.

Ao entrar na Universal, com 14 anos, Nelson seguiu sua família. Em pouco tempo, segundo ele, tornou-se um “crente bitolado”, abandonou os estudos e dedicava-se somente à leitura da Bíblia, evangelização e atividades na Igreja. Naquela época, a religiosidade era a única preocupação que permeava sua vida. Tudo estava subordinado à adoração. Segundo ele,

tal retrato era comum na Universal: pessoas que largavam estudo, carreira, para dedicação integral a um projeto que era concebido pelos atores como tendo exclusividade total: “ser de Deus”. Após dificuldades para conseguir sobreviver no mercado de trabalho, tomou a decisão de retomar os estudos. “Não conseguia emprego nenhum, vi que precisava estudar”. Assim, deixou de participar de muitos cultos e começou a fazer curso supletivo à noite. “Eu não gostava muito de ler, mas comecei a pegar gosto e vi que era legal”. De acordo com Nelson, nessa mesma época, passou a se interessar por questões sociais e política, algo que para ele, antes, era um assunto impensável e jamais problematizado. Começou a ler informações sobre política nos jornais e a acompanhar o debate político no país. Por conta própria, decidiu filiar-se ao Partido Socialista Brasileiro (PSB) e começou também a discutir e fazer política no bairro em que morava, por meio da associação de moradores. “Isso abriu muito a minha cabeça, passei a ser uma pessoa mais consciente”.

Apesar da diminuição da frequência à Igreja, Nelson ainda participava como obreiro e desejava se tornar pastor, seu grande sonho. Porém, ele passou a ter também um novo objetivo: a realização de um curso superior. Já com mais de 30 anos, matriculou-se em uma faculdade e se formou no decorrer de três anos. “A faculdade para mim mudou minha vida, porque eu me esforçava, lia os textos, ia nas aulas. Fazia de tudo para aprender”. Após perceber que por conta de rivalidades internas não poderia se tornar pastor, decidiu dedicar-se exclusivamente ao PRB e deixou também de ser obreiro. Hoje, Nelson critica a mentalidade da Igreja na sua época de jovem e ressalta as transformações pelas quais a instituição passou:

“Poxa, hoje você vê como mudou. Na minha época a Igreja era avessa a estudo e isso foi ruim para mim. Fiquei sem estudar e só retomei os estudos bem mais tarde. Parei no ginásio e aí fui fazer supletivo e depois faculdade com quase 40. Isso cria o crente bitolado, que só fala de Jesus. A cabeça dos bispos mudou muito. Hoje todo mundo é incentivado a ler, a estudar. Logo, logo o bispo Macedo vai começar a exigir curso superior dos pastores. Isso é bom, abre a cabeça, sabe lidar melhor com a realidade. Você vê no Força Jovem tem excursão para museus, curso de línguas, idiomas, informática. O jovem sai pronto para qualquer coisa”. (Nelson, ex-obreiro e coordenador de núcleo do PRB na periferia de São Paulo).

Apesar de definir a importância da religiosidade como algo central em sua vida, a construção de outros projetos implicou maior reflexividade, por meio de conversas internas e externas (novos interlocutores), alterando o *self* e, conseqüentemente, a sua forma de perceber a instituição, a fé e sua relação com ela. Dessa forma, a pluralidade de situações, enfim, de mundos aos quais o sujeito pertence, com suas condições objetivas específicas, compreende

micro projetos, os quais, ao serem elaborados pelos indivíduos, trazem diversos pontos e questões para a reflexividade, podendo vir a alterar o próprio *self* e, por conseguinte, a relação com o projeto existencial maior e as preocupações últimas. Foi justamente o caso de Nelson. O seu grande projeto existencial era servir Deus, enfim, participar de todas as reuniões possíveis da Igreja. Porém, a dificuldade financeira para ter o mínimo de bem-estar obrigou-o a abandonar a situação de continuidade contextual em que se encontrava e a elaborar um projeto que lhe permitisse ter uma vida melhor. Em sua avaliação, a baixa escolaridade impede o acesso a bons empregos, por isso, terminar o ensino fundamental e médio foi o projeto elencado para melhorar sua renda. Entretanto, levá-lo a cabo significava o fim de sua dedicação exclusiva às atividades da Igreja.

Decidiu-se pela retomada do estudo, o que marcou, definitivamente, uma mudança de sua relação com a fé e, atualmente, percebe pessoas que vivem a fé da maneira que ele vivia, como “crentes bitolados” e mesmo de criticar a instituição por não ter estimulado a educação formal no passado. Isso não impediu, no entanto, que continuasse na Igreja Universal, entretanto, as diversas conversações internas e redefinições de si e de seus projetos, levaram-no a deixar o cargo de obreiro. Atualmente, a fé ainda tem um papel central na vida de Nelson, porém, vivenciada de outra forma.

Em uma conversa com Nelson, este me revelou sua preocupação com jovens que, ao ingressarem na vida universitária, afastavam-se de Jesus Cristo. Segundo ele, isso era frequente e comum no Força Jovem, pois conheciam novas pessoas, passavam a ler mais e se desinteressavam pela palavra. Isso o inquietava e o levou a propor a um pastor da Universal a realização de oficinas para “reforçar a fé”. Esse “problema” não atinge apenas a IURD. Em uma pregação, o Pastor Lucinho Barreto, da Igreja Batista de Lagoinha, Minas Gerais, conta uma ocasião em que propõe a jovens de sua igreja uma ida a uma festividade de umbanda para “exorcizar”. Ao propor essa “missão”, os universitários de sua denominação afirmaram que é errado, pois é necessário respeitar todas as religiões. Lucinho disse que foi buscar apoio nos mais jovens e encontrou adesão total. No fim de sua pregação, pediu: “estuda, mas não precisa virar um débil mental, não”, referindo-se à recusa de parte de seus membros.

Portanto, a vivência plural e concomitante em diversos mundos e situações de interação, cada qual com suas condições objetivas, compreende a construção de *microprojetos* e de respectivas conversações internas em torno de sua realização e também de si em relação a esses múltiplos contextos. A reflexividade ampliada pela pluralidade contextual leva a um

exame maior de si e do “grande projeto existencial” do sujeito, assim como de suas preocupações últimas. “Em muitos momentos, eu pensava: não quero deixar de ir à Igreja, mas preciso estudar. No começo, fui com dor no peito, sentia que eu estava abandonando Deus. Me sentia culpado. Mas depois eu vi que eu podia continuar na fé sem ter que ir na igreja todo dia. Nisso eu passei a pensar que se Deus me ama, Ele quer o meu crescimento. Quer que eu arrebente”.

A partir do relato de Nelson, podemos construir uma hipótese: a pluralidade de situações às quais os atores estão envolvidos também altera o sistema cultural da instituição religiosa. A partir do momento que esses membros passam a valorizar determinados saberes, recusar certas práticas, adotar novas formas de viver e construir outros projetos de vida, a demanda religiosa muda, assim como a maneira que desejam vivenciar sua espiritualidade. Em uma conversa com um pastor a respeito da possível exigência da Igreja por curso superior, descobri que o almejado não é um curso de teologia, mas sim de administração, ou psicologia, a fim de compreender melhor os problemas do cotidiano. Logo, novas práticas e mensagens são elaboradas no seio da instituição em consequência dos múltiplos contextos aos quais os atores estão inseridos.

Capítulo 4. A luta contra as drogas dos republicanos e seu esforço de ocultação do pertencimento religioso

A circulação de atores da Universal/PRB começou a despertar a atenção de outros atores por conta da intensificação de sua presença em espaços governamentais. A mídia passou a denunciar esse trânsito depois da participação sistemática de membros da Universal em eventos oficiais do governo paulista. Em maio de 2013, na cerimônia de posse de Rogério Hamam (PRB-SP) na Secretaria de Desenvolvimento Social do estado de São Paulo, realizada no Palácio dos Bandeirantes, estavam presentes diversos membros do “Juventude Contra o Crack”, grupo da Força Jovem Universal. O jornal *O Estado de S. Paulo* questionou a presença dos membros da Universal no evento e a própria participação da instituição na política de combate às drogas, em reportagem denominada “PRB assume pasta social de Alckmin e leva à posse projeto anti-crack da Universal”. O diário *Tribuna Hoje* e o portal de notícias *247* também repercutiram o fato com reportagem intitulada “Alckmin abre as portas do Estado para a Igreja Universal do Reino de Deus”.

O *Estado de S. Paulo* voltou a ressaltar a presença de membros da Universal em cargos do governo paulista. Na reportagem, “Secretário de Alckmin põe dupla da Universal em cargos de chefia”, de outubro de 2013, o jornal afirma que “Hamam (PRB), descumpriu uma ordem do tucano ao nomear pessoas ligadas à Igreja Universal do Reino de Deus para cargos na pasta. Até agora, dois membros da igreja estão abrigados na secretaria e ocupam postos de chefia”. É interessante ressaltar que o grupo “Juventude Contra o Crack”, criado por Madeira na época em que era líder do Força Jovem, não se autodenomina como um núcleo da Universal, mas sim um movimento social de prevenção às drogas e auxílio aos dependentes. Esse “efeito de dissuasão” também pode ser percebido nas manifestações realizadas pelo Força Jovem e em diversos momentos que os atores se apresentam como “vereador” e não indicam sua filiação religiosa. A *reflexividade* dos atores promove um jogo de “esconde e mostra” com relação à ligação com a Universal em diversas frentes, não só na política, como veremos no decorrer desse trabalho. Em uma reunião de um núcleo do PRB para a elaboração de um projeto cultural e desportivo nos clubes municipais, Nelson alertou-me de que não poderia haver menção à Igreja, tampouco ao partido. Perguntei-lhe o porquê. Respondeu-me que o preconceito contra evangélicos era muito grande e que as pessoas poderiam associar as iniciativas à Universal e ao

partido e que isso depois não ficaria bom para o PRB. “Pode dar problema e prejudicar o próprio projeto”.

Por ora, tomemos uma ocasião interessante para pensar esse fenômeno, o Papo 10, debate da Juventude Republicana, ocorrido na Câmara Municipal de São Paulo.

Em uma sala cedida ao partido, os delegados da juventude, o vereador Jean Madeira e Diogo Madeira comandaram um debate com a presença ainda de visitantes e simpatizantes do PRB que assistiram ao evento. Cada um de nós ganhou um kit com jornal e um *CD Rom* com as realizações de Madeira, além de uma placa com uma mão representando o sinal de “curtir” do Facebook. Os debatedores acomodaram-se na mesa, assim como os organizadores, enquanto que o público ficou instalado em uma fileira de poltronas à parte. Como o bate-papo seria gravado, pediram para que mostrássemos a placa toda vez que a câmera filmasse o público e também para fazer o número dez, com as mãos, toda vez que dissessem que o PRB é o partido 10.

Madeira começou a gravação mostrando desenvoltura, cumprimentando todos os “guerreiros republicanos que acompanham o vídeo nas redes sociais” e afirmando que estava “cercado de uma galera que é nota dez”. “É dez ou não é dez?” Todos repetimos, como se estivéssemos em um programa de auditório, “é dez”. Ainda convidou todos os espectadores a participar, deixando comentário na página do Facebook e/ou no Youtube. O tema da conversa foi então anunciado: a sala segura. Trata-se de projeto de redução de danos para usuários de droga na Holanda. Lá, os consumidores de droga recebem a substância, de qualidade garantida pelo Estado, e também cachimbo e seringas e agulhas novas no caso de injetáveis. O processo é supervisionado por um médico que está pronto para socorrer o usuário em caso de necessidade. De acordo com os defensores do programa, isso diminuiu o número de crimes, a morte por overdose e impede que usuários façam uso de drogas no espaço público.

Madeira pediu que Tarcísio, delegado da juventude, explicasse um pouco sobre o programa. Segundo ele, a prefeitura estava fazendo uma parceria com a cidade de Amsterdam e que o usuário faria isso sob supervisão do governo. O vereador então pergunta: “você acha isso correto? A prefeitura pode fazer isso? Podemos colocar jovens para usar drogas de forma segura? ”. Neste dispositivo, os atores questionaram quem iria fornecer a droga para a sala e que se o governo quisesse uma sala segura, deveriam usar o termo “sala segura” para trazer prevenção às escolas. “Sala segura pra quem? ” Outros indagaram qual seria a facção criminosa a controlar a sala. O principal ponto de convergência entre os atores foi a prevenção às drogas.

Segundo eles, a prevenção seria muito mais efetiva do que a criação de uma sala para uso de drogas.

Os atores discordaram completamente em implantar um programa baseado em outro país que, segundo eles, não corresponde à realidade brasileira. As diferenças socioeconômicas e culturais entre Amsterdam e São Paulo também foram citadas como um impedimento à realização do projeto. Um dos membros do PRB afirma que já esteve na cidade europeia e garantiu que é inviável, pois se trata de “outra realidade” e que também não resolveu o problema da droga. A cidade de Eusébio, no interior do Ceará, foi apontada como eles por modelo a ser seguido. De acordo com o relato de um coordenador da legenda, a cidade oferece tratamento, assistência psicológica e social, encaminha para o trabalho e faz atividade de prevenção com a Guarda Civil Metropolitana, que faz ronda escolar e acompanha o ônibus escolar. Segundo ele, a prefeitura quer descriminalizar a droga e não resolver o problema e trabalhar com a prevenção, mas sim “dar uma maquiada”.

O público também foi questionado pelo apresentador Madeira. “O projeto sala segura merece um curtir ou um descurtir?” Todos os presentes mostraram a placa indicando um sinal negativo.

Um ponto levantado pelos atores foi “varrer a sujeira para baixo do tapete”, ou seja, esconder a presença de drogas e “tapar o sol com a peneira”. A hipótese aventada foi de que a Prefeitura teria interesse em esconder os usuários por conta da Copa do Mundo. A participação no dispositivo foi estendida aos outros atores, que compunham o público. Um deles criticou a associação do termo “sala”, ligado à educação (sala de aula), com as drogas, o que poderia servir como incentivo subliminar aos jovens que ficariam tentados “a ir para a sala da maconha, no lugar da sala de aula”.

Os atores também questionaram a eficácia do projeto pois o uso da droga, em muitos casos, seria social e os usuários não teriam interesse de deixar os amigos para usar a substância em local fechado. Outra razão apontada para o fracasso da descriminalização foi a “fragilidade do nosso sistema de saúde. Se isso deixa de ser caso de polícia e vira questão de saúde, teremos uma epidemia e vamos quebrar o SUS. Ele não dá conta”, afirma um coordenador da Juventude.

Madeira finalizou o evento usando uma frase de Jesus Cristo: “Perdoai-vos, Pai, pois eles não sabem o que fazem. Falta direção, vamos buscar essa direção para mudar nossa

cidade e nosso Brasil”. O trabalho normativo dos atores do PRB indica que esses atores repudiam temas como “descriminalização das drogas”, “redução de danos”, “consumo de drogas” e “sala segura”. Estão em desacordo com relação à política liberacionista, entendendo que a droga causa muitos malefícios e que deve continuar sendo proibida e que a melhor solução para o usuário é “tirá-lo da droga por meio de tratamento médico e psicológico”.

Madeira pediu aos presentes que participassem de forma mais ativa nas redes sociais do Partido, afirmando que o PRB deseja uma militância propositiva e crítica e, por isso, os militantes deveriam evitar o uso de termos usados na Igreja Universal como, por exemplo, “amém”, “tá ligado”, “vai arrebentar”. No lugar de tais jargões, recomendou a formulação de frases mais elaboradas, com opiniões acerca do tema apresentado e citando o bairro e cidade onde moram. Os membros do partido desculparam-se e afirmaram que, às vezes, era “difícil largar a força do hábito”, tanto que em alguns momentos, considerados como “ato falho” pelos agentes, o vereador Jean Madeira era chamado de pastor. Os atores apresentam preocupação com relação à vinculação PRB e Universal, como quando Madeira aconselha os presentes a não utilizar o “vocabulário da Igreja”. A *reflexividade* em torno da relação PRB e Universal envolve uma lógica complexa de ocultamento e publicização da instituição religiosa, conforme a situação e os atores envolvidos. Como observa Goffman (1993), a identidade social é fruto de controle do indivíduo, que restringe ou não o acesso a certas informações para não ser desacreditado pelos outros.

“Essa divisão do mundo do indivíduo em lugares públicos, proibidos, e lugares retirados, estabelece o preço que se paga pela revelação ou pelo ocultamento e o significado que tem o fato de o estigma ser conhecido ou não, quaisquer que sejam as estratégias de informação escolhidas” (Goffman, 1993, p.73).

Em outro evento na sede do partido, em 2014, em São Paulo, para a recepção de novos membros e lideranças regionais, Madeira foi categórico: “Pessoal, não venha se filiar ao PRB se você acha que a Universal vai fazer a sua campanha, te dar apoio, pois ela não vai. A Igreja tem já os candidatos dela e vai apoiá-los. Não tenha essa ilusão na cabeça. O apoio que vai receber é o partidário igual para todo mundo e o que você correr atrás”. Durante o evento, fechado, no partido, Madeira não vê problema em falar da Universal e de sua relação com o PRB, o que não ocorreu no evento “Papo 10”, com transmissão pela Internet a um público mais amplo. Não se trata aqui de julgar os atores, por “esconder” algo deliberadamente, mas sim de compreender esse “efeito de dissuasão”, isto é, o esforço dos agentes em convencer outros a

não usar certos termos em determinados contextos, a não fazer referência à instituição religiosa e uma monitoração constante para o autocontrole de suas próprias falas e ações (Giddens, 2005).

Homenagem aos evangélicos na Câmara: “vão ter que nos engolir”

Em setembro de 2014, a Câmara Municipal abrigou uma Sessão Solene para homenagear entidades que atuam na “recuperação de dependentes e no trabalho de prevenção às drogas”. Na análise desse dispositivo, nos deteremos especificamente às temáticas política, laicidade, drogas e usuários. O Salão Nobre da Câmara, local do evento, estava completamente lotado. A maior parte dos presentes era vinculada ao projeto “Cristolândia”, iniciativa da Igreja Batista na “cracolândia”, região que compreende o bairro da Luz, em São Paulo. Todos membros trajavam uma camiseta amarela com os dizeres “Jesus Transforma”, o *slogan* do projeto. Calculo que havia mais de 300 pessoas ao todo e pelo menos 100 eram ligados ao “Cristolândia”. Os outros convidados eram ligados à Igreja Universal, ao PRB e a outras instituições que seriam homenageadas.

Depois da difícil acomodação, uma vez que a lotação de 350 lugares foi atingida, o locutor oficial do evento anunciou o presidente da sessão solene, vereador Jean Madeira. O parlamentar do PRB agradeceu a presença de todos e que precisava quebrar o protocolo para dizer que a “casa está linda com a presença de vocês. Essa é a casa do povo e recebe o povo aqui para fazer essa festa maravilhosa. Que Deus abençoe vocês”. A Sessão Solene foi iniciada por Madeira “sob as bençãos de Deus” para homenagear os jovens que venceram as drogas.

Após a execução do hino nacional brasileiro pela banda da Polícia Militar, o vereador disse que parecia loucura para muitos homenagear “ex-dependentes químicos”, “ex-viciados”, “ex-noias”, “ex-maconheiros”, pessoas vistas como marginais pela sociedade, em suas palavras. Segundo ele, não se tratam de criminosos, mas de vítimas que “caíram no mundo das drogas”, por conta de outras vítimas que os chamaram para usar alguma substância. Em seu discurso, Madeira faz uma gradação sobre a queda nas drogas: um copo de cerveja, depois um

cigarro, maconha, cocaína e, por último, o crack. Nesse trajeto, as pessoas cairiam nas cracolândias e deixariam de ter objetivos e sonhos.

Os jovens do Cristolândia, sentados próximos a mim, se entreolhavam, sorriam e concordavam com um aceno de cabeça. Para Madeira, deve-se homenagear as igrejas, instituições, grupos, empresas que tem “amor ao próximo” e fazem “o bem a alguém”. É interessante ressaltar a visão que ele tem acerca do envolvimento de instituições religiosas na política de drogas. Para ele, não importa a filiação desde que a instituição se engaje e faça um “bom trabalho”, seja na prevenção e/ou recuperação.

O parlamentar citou uma passagem da Bíblia: *“Aquele, pois, que sabe fazer o bem e não o faz, comete pecado (Tiago 4:17)”*. De acordo com o vereador, esse princípio bíblico deve ser aplicado a todos os políticos, para que não deixem de exercer o poder de transformar uma situação. Os jovens foram exaltados como “pedras preciosas” escondidas atrás da pedra do crack e deixaram de ser um motivo de vergonha à família para se tornarem orgulho. Em seu trabalho normativo, os atores classificam os ex-dependentes como vencedores e vítimas que não podiam mostrar seu potencial.

Madeira explica aos presentes que era líder de jovens da Igreja Universal e que não sabia o que fazer assim que chegou à Câmara. Segundo ele, ao entrar na política percebeu que deveria se mobilizar para que o “poder voltasse ao povo”. Nas palavras de Jean, compartilhadas pela maior parte dos atores do PRB/Universal, os dependentes químicos são vítimas e não devem ser punidos de forma repressiva pela polícia, mas sim tratados. Em diversas ocasiões, a deputada federal Rosângela Gomes (PRB-RJ) defendeu a internação compulsória em caso de risco de vida, mas condenou a “criminalização do usuário”.

O vereador teceu críticas à classe política, em todas as instâncias (municipal, estadual e federal), por não chamar “os mestres no assunto” para debates. Quem seriam esses, de acordo com Madeira? O Pastor Humberto, líder do projeto Cristolândia; o bispo Gê, da Igreja Renascer que mantém um centro de recuperação e grupos de aconselhamento a familiares de dependentes químicos; ambos presentes no evento. Ao falar sobre os que são contrários à participação de religiosos em projetos sociais, Madeira subiu o tom de sua voz e gesticulando muito afirmou que não havia no Brasil nenhuma instituição, ou governo que recuperasse mais “drogados” do que a Igreja. “Vão ter que nos engolir. O que tem que ser feito é nos chamar para conversar”.

Os atores percebem-se como fundamentais no trabalho de atendimento social no que tange à recuperação de usuários de drogas e reivindicam a participação na esfera governamental, da qual julgam estar excluídos por preconceito. Sendo assim, nessa perspectiva, a “laicidade” é encarada por eles como “discriminação religiosa”, uma vez que condena e impede a participação de grupos religiosos no processo de tomada de decisões na política de drogas. “Não importa se vamos falar de Cristo, se eu quero ajudar, preciso de apoio e não de fechar porta. Somos tratados como reza e roça, pois levamos jovens a sítios para se livrarem das drogas. Trata com o que? Vamos deixar na rua?”, questiona o parlamentar.

O termo “reza e roça” foi popularizado por alguns coletivos antiproibicionistas, favoráveis à descriminalização das drogas e à mudança de perspectiva com relação ao tema, para se referir a comunidades terapêuticas religiosas que orientam sua atividade na leitura da Bíblia e na realização de trabalhos agrícolas, sem a presença de médicos e/ou psiquiatras. A Frente Nacional Drogas e Direitos Humanos, que reúne entidades e movimentos sociais, é radicalmente contrária ao repasse de verbas para entidades religiosas, pois acredita que é uma forma de restabelecer uma política manicomial com relação às drogas⁶⁶. Além disso, criticam comunidades que “pautam o tratamento na religião”, sem assistência psiquiátrica e psicológica, e que atenderiam interesses religiosos e eleitores.

Após pressão da Frente, o SENAD – Secretaria Nacional de Política Sobre Drogas, passou a exigir em seus editais que as comunidades providenciassem duas visitas médicas a cada interno em um intervalo de quinze dias. Além disso, não poderiam obrigar os internos a participar dos cultos religiosos. Apesar da medida, a Frente Nacional Drogas e Direitos Humanos, assim como Deputados ligados a ela, como Ivan Valente (PSOL-SP) acreditam que ainda há muitas “comunidades exclusivamente religiosas que sobrevivem por meio do repasse cedido pelo governo” e pedem que o controle nos editais seja mais rigoroso.

Em artigo sobre a política anti-crack⁶⁷, o presidente da Associação Brasileira de Saúde Mental e pesquisador da Fiocruz, Paulo Amarante, afirma que o financiamento às comunidades terapêuticas foi rejeitado pela Associação. Segundo ele, o modelo baseado na

⁶⁶ Disponível em: <http://drogasedireitoshumanos.org/2012/06/26/nem-comunidades-nem-terapeuticas-reportagem-na-revista-caros-amigos/> Acesso em: 04/03/2014

⁶⁷ Política anti-crack: Epidemia do Desespero ou do mercado anti-droga?. Disponível em: <http://www.cepad.ufes.br/content/pol%C3%ADtica-anti-crack-epidemia-do-desespero-ou-do-mercado-anti-droga> Acesso em 04/03/2014

internação compulsória é equivocado, pois é “imediatista, mas após a alta 90% volta às drogas”. Em nota, o Conselho Regional de Psicologia de São Paulo criticou o apoio financeiro às comunidades religiosas, pois não promoveriam reinserção do indivíduo no meio social, não tem ligação com o SUS e não tem participação da família do usuário.

O vereador Jean Madeira apontou a ausência do prefeito Fernando Haddad (PT-SP) e seus secretários, todos convidados, mas ressaltou a presença dos presentes, os “multiplicadores dessas ações”. Ao meu lado, alguns espectadores afirmavam que “ninguém vai onde a Igreja vai” e que “os pobres com filhos dependentes químicos sabem a importância desses projetos...melhores que os dos políticos”. De acordo com a análise de Beck (2010), a religião pode ser compreendida também, ao contrário do que boa parte da teoria social apontou, como um agente relevante à modernidade.

“muitas igrejas reagiram com uma astúcia notória aos traumas da modernização que elas experienciaram como uma sucessão de crises. Eles revitalizaram práticas culturais e rituais há muito esquecidos e então ajudaram os diversos perdedores no processo de modernização, perplexos pelo obscuro e ameaçador desenvolvimento, para adquirir uma nova e mais forte identidade. Eles levaram a sério o dramático fenômeno da crise social, tornando-se agências de trabalho social e de bem-estar e organizações bem organizadas de caridade para estabelecer redes de comunitarismo solidário e criar novas oportunidades de melhoria de vida para pessoas que se encontram nas margens da sociedade”. (GRAF apud BECK, 2014: 27-8, tradução minha).

Não é intenção da pesquisa refletir como a ação social das igrejas contribuiu para o processo de modernização, mas sim como os atores percebem as iniciativas filantrópicas da religião e a importância que atribuem a elas. Segundo eles, tratam-se de ações fundamentais que não são realizadas pelo Estado, o qual seria ainda responsável por boicotar as iniciativas das instituições por conta de seu pertencimento religioso. Para Rogério Hamam (PRB-SP), à época secretário do Desenvolvimento Social do governo Alckmin, é impossível não reconhecer o trabalho das instituições religiosas, o qual deve ser apoiado. De acordo com o Pastor Humberto, do projeto Cristolândia mantido pela Igreja Batista, o sistema não quer que se fale de Jesus; “querem calar nossa boca, Jean, como há dois mil anos”, disse em alusão aos críticos das comunidades terapêuticas e aos que são contrários à presença de religiosos no combate às drogas. Segundo ele, os crentes não devem calar ante ao que Deus está promovendo de

transformação na Cracolândia., “Estamos vendo o que Deus está fazendo. 24 horas resgatando vidas”.

Humberto foi o mais ovacionado, com seu jeito bem-humorado e algumas piadas. Contou sua trajetória como ex-dependente químico e sua passagem de 14 anos pela prisão, após ser condenado por tráfico de drogas. Ali, houve seu “encontro com Deus”, o que o levou à conversão e a começar a pregar a palavra aos outros presos. Após sua soltura, estava bem estabelecido na Bahia, sua terra natal, quando recebeu um chamado para trabalhar na Cracolândia, em São Paulo. O convite foi aceito na hora, pois para a ele a Igreja não deve se fechar em si mesma, mas buscar o mundo. Nos termos de Beck:

“Comunidades cristãs de diferentes denominações não são tímidas ao demonstrar seu comprometimento cosmopolita, e tomaram a tarefa de se levantar pelos direitos das pessoas que foram extirpadas de todos os direitos” (BECK, 2010: 59).

O caráter cosmopolita da ação humanitária é percebido por Pr. Humberto como um dever da Igreja, que deve ir “onde se encontra a miséria, pois onde abunda o pecado, abundará ainda mais a graça de Deus”. Em sua visão, a religião não pode ficar fechada nela mesma, mas sim buscar os excluídos e marginalizados na modernidade. De acordo com suas informações, em cinco anos de projeto, foram realizados 7.000 atendimentos, 1.600 batizados, reconciliação de 2.000 pessoas e a abertura de 32 unidades de formação profissionalizante em todo o Brasil.

Após a fala de Humberto, o também pastor Arlem Mafra da Cristolândia deu seu testemunho. Nascido em um lar de classe média alta, com acesso às melhores escolas, tornou-se dono de construtora e de uma agência de publicidade e viajava o Brasil a negócios. Para maximizar o tempo, começou a tomar remédios para ficar acordado, o famoso “rebite” de caminhoneiro. Após dois anos de uso, substituiu o “rebite” pela cocaína e tornou-se um usuário por alguns anos, gastando dinheiro com drogas. Partiu então para o crack e isso, segundo ele, foi o “começo do fim”. Passou por vinte internações nas melhores e mais caras clínicas do Brasil. O dinheiro começou a acabar e ele decidiu ir para a Cracolândia, em São Paulo, onde ficou oito anos vivendo como mendigo. A família pensava que havia morrido e sua mulher chegou a escrever e lançar um livro intitulado “Se não fosse o crack, te teria outra vez”. Após todas as intempéries, foi resgatado por uma missionária do projeto Cristolândia, que o ajudou a “recuperar sua dignidade, voltar para sua família e se casar novamente” com sua esposa.

Mafra acredita que as clínicas não funcionaram para ele, mas pode ter um papel relevante para outros casos. Em seu relato, deixa claro que foi somente a força da fé que conseguiu reverter o quadro em que se encontrava. O trabalho normativo dos atores religiosos com relação às drogas indica a menção frequente à experiência pessoal no tema. Eles mobilizam narrativas de suas próprias vidas, seus medos, a desesperança e a transformação. Não raro, afirmam que “tentaram tudo” e “nada adiantou”, com exceção da fé.

O trabalho do bispo Rogério Formigoni, da Igreja Universal, também foi homenageado na sessão. Por conta de uma viagem internacional, Formigoni não pode comparecer e foi representado pelo Pr. Wellington Moura, também da IURD. O pastor saudou os presentes e parabenizou as iniciativas de outras igrejas no combate às drogas e na recuperação de dependentes. Segundo ele, é um prazer saber que a Universal não está sozinha nessa luta. A importância da ação religiosa foi destacada como fundamental, uma vez que, dados das próprias clínicas de recuperação mostram que boa parte das internações são ineficazes. “Muitos são tidos como casos perdidos”. Na visão de boa parte dos atores evangélicos, os tratamentos convencionais são ineficazes, devido ao alta índice de recaídas após longas internações.

Se compararmos a fala de Madeira a de outros atores religiosos, perceberemos que sua posição acerca das clínicas é muito mais favorável. Afinal, como parlamentar, trabalha diretamente com elas, recebendo-os em seu gabinete e organizando ações em conjunto. Veremos posteriormente como Madeira atua como espécie de mediador, contemporizando as críticas dos atores evangélicos aos programas convencionais das clínicas. Pr. Moura (IURD) apresentou o livro “A última pedra”, que foi distribuído a todos os presentes em um kit contendo um jornal de atividades de Jean Madeira e a bibliografia de Edir Macedo, intitulada “Nada a Perder”. O livro aborda a trajetória de Rogério Formigoni nas drogas, do álcool ao crack, até sua transformação depois de um culto da Universal.

Quando Moura se refere a Madeira, usa o termo “vereador” e não pastor, apesar de terem sido colegas de instituição. Por fim, destacou o projeto “Anjos da Madrugada”, realizado pela IURD, com voluntários que distribuem roupas, cobertores, alimentos e kits de higiene a moradores da Cracolândia. O grupo também oferece exemplares da Bíblia e o livro de Formigoni, além de assistência espiritual com orações para os dependentes químicos e palavras de incentivo.

A sessão contou ainda com a participação de atores ligados a iniciativas não-religiosas. Em sua fala, o representante do Narcóticos Anônimos ressaltou que, ao contrário das comunidades terapêuticas, o grupo não possui nenhuma relação com instituições religiosas. Já Carlos Eduardo, do Nar-Anon (grupo de auxílio aos familiares de usuários de drogas), focou no sofrimento das famílias dos dependentes e pediu para que as igrejas, instituições e governo olhassem também para os familiares.

Sérgio Castilho, diretor da clínica Grand House, parceira do “Juventude contra o Crack”, foi outro convidado do evento. Após apresentar sua trajetória como ex-dependente, Castilho enfatizou seu currículo, experiência com drogas e a confiança que tem em Jean Madeira. Ele se define como uma pessoa que tem “ojeriza” de políticos. “As palavras me comovem, mas as ações me convencem”, explicou. Segundo seu relato, Jean propôs a criação de uma grande rede, com ligação entre comunidades terapêuticas, clínicas convencionais, igrejas locais e projetos religiosos. A ideia era promover cursos de capacitação para que os voluntários tivessem maior repertório para ajudar usuários de droga e atuar na prevenção. Essa formação consiste em uma introdução aos tipos de droga e sua ação no sistema nervoso central, efeito agudo e crônico do uso, classificação das substâncias, síndrome de abstinência; os tipos de tratamento possíveis, noções de psicoterapia, orientação familiar e formação de grupos de autoajuda. O projeto foi apoiado por mais de 50 vereadores, mas o Prefeito Fernando Haddad vetou. Castilho ressaltou a honestidade de Madeira por fazer eventos sem recursos da Prefeitura, somente com parcerias, sem receber propina e “muitas vezes usando dinheiro do bolso”.

Para o diretor da clínica, os ex-usuários de drogas, dependentes e seus familiares desconhecem sua força e devem pressionar o poder público para pedir melhores serviços. Em sua visão, a melhor forma para atingir o objetivo comum não é se colocar como “professor universitário”, “dono de clínica”, mas sim “mostrar a cara” e se colocar como ex-usuário, expondo todas as mazelas que viveu. Além disso, frisou a importância na presença de todos nas manifestações antidrogas organizadas pelo gabinete de Madeira e outras associações para a conquista da “secretaria de prevenção”, proposta pelo vereador e considerada fundamental pelos atores ligados à “rede antidrogas” de São Paulo.

A sessão seguiu com a participação de José Florentino, da organização Faces e Vozes da Recuperação no Brasil, que tem como objetivo “dar rosto e voz à recuperação da dependência química”. Ressaltou o comprometimento do “pastor” e de sua equipe, dizendo que

se trata de um político diferenciado. Trata-se do único presente que fez menção ao pertencimento religioso de Madeira. Desculpou-se em seguida e justificou o uso do termo por conta da intimidade que tem com o vereador. Florentino reiterou ainda a força dos ex-dependentes em sair das drogas e lutar por suas famílias. Em sua perspectiva, o único culpado pelo “vício” é o próprio dependente que buscou a droga, mas não é responsável pela reinserção social, vista como obrigação dos governantes e da sociedade. O Faces e Vozes pretende lutar pelos direitos do dependente em recuperação e por sua inserção social, principalmente o direito ao tratamento. A intenção é mostrar que o tratamento é possível e funciona. Ao contrário de parte dos atores religiosos que rechaçam a efetividade dos tratamentos ortodoxos, os indivíduos ligados às clínicas convencionais defendem as internações em ambientes em que impera uma lógica psiquiátrica e psicológica.

Devemos destacar mais uma vez que a participação do PRB no combate às drogas e sua presença na esfera governamental (Secretaria de Desenvolvimento Social do governo do estado) possibilita a reconfiguração da arena acerca do debate da política de drogas. Se antes restrita a atores tradicionais como órgãos não governamentais e clínicas, agora abre-se para agentes religiosos que passam a disputar o significado acerca da dependência química, tratamento, promovendo um desacordo entre os agentes em torno dessas questões. Evidentemente, muitos atores religiosos trabalharam e ainda trabalham em conjunto com iniciativas “laicas”, como fica claro nas posições de Jean Madeira e percebem suas propostas como complementares.

O Bispo Gê, da Igreja Renascer, também enfatizou o pertencimento religioso de Madeira ao chamá-lo de “pastor e vereador Jean”, em sua fala. Segundo ele, muitos estão tentando acabar com o trabalho dos evangélicos na recuperação de usuários de drogas, mas não irão conseguir. Gê destacou a história do trabalho da Renascer com “viciados”, que começou na casa de Estevam Hernandes, líder da instituição, e hoje possui uma clínica própria. Além disso, a Renascer conta também com um grupo de apoio aos familiares de “dependentes”. O bispo afirma que foi também dependente dos 16 aos 21 e tentou parar por diversos meios, de força de vontade a internações, mas que só teve sucesso após sua conversão. Para ele, a recuperação oferecida por Deus não é apenas deixar o vício, mas ter o restabelecimento dos anos perdidos na droga. “Perdi seis anos da vida como drogado, mas em apenas um Deus me colocou de volta no trabalho, estudo. Virei empresário, deputado e hoje sou presidente da Igreja. Ele te dá um caminho”. Os atores enxergam a recuperação plena como uma transformação de

vida, isto é, envolve também a saída da situação de miséria social. Praticamente todos os testemunhos de ex-dependentes conversos envolvem a mudança na vida profissional e financeira, já que a pobreza é percebida como uma das facetas da dependência química. “Deus não vai só te tirar da droga e te deixar abandonado. Mas vai te dar um bom futuro, vai realizar o seu sonho. Assim como ele realizou os meus depois do vício”, conta Gê.

Deve-se ressaltar que, para os atores, a importância do testemunho é fundamental tanto na prevenção às drogas, quanto para justificar suas posições em debates públicos. O argumento da experiência pessoal direta com a questão é mobilizado em suas falas. Durante o evento, Robson Freitas, palestrante antidrogas do grupo “Juventude Contra o Crack”, comandado por Madeira. O mestre de cerimônias não fez menção ao seu pertencimento religioso, tampouco relacionou o Juventude Contra o Crack à Igreja Universal. Segundo seu relato, a queda nas drogas se deu por não ter havido alguém que falasse e mostrasse os perigos. A sociedade o considerava um lixo e ele não valia nada para ninguém. “Quem teve a infelicidade de entrar nesse mundo, sabe de que estou falando”, afirmou. Sua própria família o considerava um lixo e também o abandonou. Atualmente, seu grande sonho é levar seu testemunho de vida para o mundo todo. A transformação de vida também foi operacionalizada: de drogado e “lixo” a homem casado, com filhos, e funcionário público.

De acordo com Robson, a droga tirou seu caráter, sua família e o seu sonho de ser jogador de futebol. Nisso, abaixou-se e retirou a prótese mecânica, revelando ser amputado, exclamando: “vejam o que a droga me tirou. Olhem a ironia do destino. Queria ser jogador e a droga me tirou a perna”. A reação dos presentes, principalmente dos jovens da Cristolândia, foi de espanto e extrema atenção ao seu relato. Segundo ele, quando estava em coma, conversou com Jesus e prometeu que se saísse vivo, levaria seu testemunho para o mundo. Para se referir a Jean Madeira, utilizou tanto o termo pastor quanto vereador. Ao final de sua fala, foi ovacionado pelos presentes.

Madeira então distribuiu diplomas para os homenageados e tirou foto com cada um deles. Vários presentes pediam para tirar fotos com Bispo Gê e com o vereador. Segundo eles, a intenção era publicar no Instagram e no Facebook para “ganhar uma moral” junto aos seguidores e mostrar relevância dentro da organização partidária.

É interessante ressaltar como algumas atividades realizadas por membros da Universal/PRB envolvem homenagens a outras instituições religiosas. Se anteriormente a

Universal era acusada por outros atores evangélicos de ser “isolacionista” e não participar de atividades em conjunto como, por exemplo, a Marcha para Jesus, o projeto político permite e amplia a conexão de agentes da IURD a diversos outros do meio religioso. A presença em cargos legislativos permite uma reaproximação com outros grupos cristãos, por conta de políticas conjuntas para a questão das drogas e também no auxílio dos gabinetes para as mais variadas demandas (organização de eventos, problemas com lei do silêncio, regularização de terrenos, etc.). Em diversas ocasiões, parlamentares da IURD afirmam a outras denominações que o “povo de Deus” pode contar com eles, deixando claro a outros agentes que também são representados pela legislatura.

A *reflexividade* dos atores permite mobilizar um repertório normativo comum para qualificar políticos de forma distinta. Tomemos como exemplo a qualidade de ser “aberto” ao diálogo e receber as pessoas. Um membro do Juventude Contra o Crack criticava políticos que recebiam membros de coletivos liberacionistas, afirmando que é um absurdo manter diálogo com “gente que defende drogas”. Porém, usa a mesma noção para qualificar Madeira como um bom parlamentar, ao se mostrar aberto a diversos grupos religiosos que lutam pela recuperação de “viciados” e pela prevenção às drogas. Sendo assim, a *reflexividade estratégica* indica esse uso específico do repertório de acordo com seus interesses e visões de mundo.

O trabalho normativo empreendido em relação às drogas indica uma forte rejeição às políticas liberacionistas, assim como ao uso de substâncias entorpecentes, e uma aposta na repressão ao tráfico e no tratamento de dependentes. Entretanto, os atores entram em desacordo com relação ao tipo de tratamento, se envolverá o aspecto religioso, ou se ficará estritamente restrito aos ditames psiquiátricos e psicológicos. Parte dos agentes ligados a igrejas evangélicas manifestou rejeição ao tratamento realizado em clínicas convencionais, apregoando que somente a fé pode verdadeiramente libertar o usuário de drogas do vício. Enquanto que, o responsável pelo Narcóticos Anônimos enfatizou a total separação do projeto de entidades e/ou lógicas religiosas. Há também aqueles que são pela complementariedade e que “uma iniciativa não exclui a outra”. Os agentes evangélicos acreditam que a recuperação também deva envolver o restabelecimento da vida econômica do indivíduo, com capacitação profissional, emprego e estudo. Em sua visão, nem sempre isso é garantido pelas clínicas, uma vez que essas questões não são trabalhadas e não há o envolvimento do “projeto divino” na reconstrução da vida.

O trabalho normativo em torno dos usuários de droga envolve a construção desses como vítimas e pessoas vencedoras, fortes, pois deixaram o mundo do vício e conseguiram se “libertar”. A trajetória nas drogas também é extremamente valorizada pelos atores como narrativa fundamental para construção de sua autoidentidade. De acordo com Giddens (2002), a autoidentidade constitui uma trajetória na modernidade, organizada reflexivamente. Dessa forma, muitos atores se constroem enquanto ex-dependentes, utilizando uma série de eventos passados para constituição de sua autoidentidade. Quando realizam um processo de narrativa autobiográfica não apenas relatam cronologicamente o que houve em suas vidas, mas sim *reflexividade* em torno de práticas e situações que hoje constituem o eu. Afinal, a “autobiografia é uma intervenção corretiva no passado, e não uma mera crônica de eventos” (idem, 2002: 72). Na construção de um novo projeto existencial como militante contra as drogas, diversas características incorporadas pelo antigo usuário de drogas, serão reflexivamente trabalhadas na constituição da nova identidade (Archer, 2003) e na apresentação de si. Dessa forma, o passado é mobilizado como justificativa para suas lutas cotidianas e engajamento político.

“Depois de tudo que sofri nas drogas, só posso pensar em ajudar o próximo e evitar que eles passem pelo que eu passei. Eu sou um ex-nóia, com orgulho, pois hoje tô e é difícil sair dessa. Transformaram minha vida e hoje quero transformar a dos outros” (Renan, 25, Juventude Contra o Crack).

A desagregação do ator coletivo e a modernização reflexiva: seguindo evangélicos na política de drogas

Seguindo os passos da antropologia da técnica e da ciência de Latour e Michel Callon e a prerrogativa da sociologia pragmática para compreender o macro a partir do micro (Barthe et alii, 2014), a metodologia da desagregação torna-se uma ferramenta eficaz para esse trabalho. Esse método permite a análise das operações que transformam diversos casos singulares em entidades agregadas (Dodier, 1993). Por meio dela, podemos analisar como os atores passam de um mundo a outro, revelando uma heterogeneidade de situações escondidas nas unificações para retratar a ação de atores coletivos. Quando consideramos “os evangélicos” como totalidade, ou seja, um “ator coletivo” que age com relação a certos temas, deixamos de apreender diversas sequências de ação e também como os indivíduos combinam diferentes regimes de ação pelos quais atravessam. Isso leva a uma invisibilidade dos atores individuais, que são relegados a segundo plano, e também a um desconhecimento dos procedimentos pelos

quais os indivíduos se afirmam frente às entidades coletivas. Conforme visto no tópico anterior, atores evangélicos mobilizam diversos repertórios diversos e tem julgamentos distintos acerca de uma série de questões, o que os leva também a agir de forma diferente nesses mundos. Logo, a desagregação permite compreender a complexidade e heterogeneidade das classificações e engajamento dos atores e, conseqüentemente, a participação dos evangélicos na produção do social, justamente porque não nos interessamos em compreender os “evangélicos” por meio do social, mas sim entender como o social é (também) construído por eles.

Sendo assim, pretendemos aprofundar a questão dos repertórios normativos, da *reflexividade* em torno deles, a pluralidade no trabalho normativo e as tensões produzidas nas passagens bruscas entre *mundos de ação*. Para tanto, devemos nos transportar para os momentos do culto “Vício tem Cura”, uma vez que boa parte dos atores compreendidos na pesquisa já o frequentou, ou ainda o frequenta. Além disso, atribuem grande importância ao tratamento, apontando-o como responsável por sua libertação e de outros dependentes. Sendo assim, os mesmos atores também estão presentes nesse dispositivo, porém o trabalho normativo deles é consideravelmente distinto, quando expostos a situações envolvendo a temática das drogas. Todo o domingo, às 15 horas, uma boa parte dos templos da Universal no Brasil e no mundo oferecem o “tratamento”, termo usado pela própria denominação para se referir à reunião do “Vício tem Cura”. Acompanhei-a no Cenáculo de Santo Amaro, na Avenida João Dias. As reuniões ocorrem em um edifício no estacionamento, atrás da grande catedral e dos estúdios de TV, no mesmo local em que participei da força-tarefa do Força Jovem para produção de cartazes para o evento “Caminhada por uma vida sem drogas”.

Aos domingos, o local recebe homens e mulheres de diversas regiões da cidade, almejando a cura de seu vício. Desde o ponto de ônibus no corredor, era possível ver diversas mães com filhos, muitas vezes contrariados a acompanhá-las, assim como algumas pessoas que apresentavam tremores, ou um olhar fixado e com sudorese intensa. Éramos encaminhados por obreiros que ficavam na porta do templo, já orientados a receber os participantes do tratamento. Ao entrarem na pequena edificação, alguns ajoelhavam-se diante o altar, choravam e clamavam a Deus pela libertação, relatando seu sofrimento e sua angústia, assim como muitas mães e pais que portavam a foto de seus filhos.

O bispo Formigoni, responsável pela iniciativa, entrou no púlpito e pediu que todos fizessem uma primeira oração para destruir o que havia de mal para que começassem o tratamento. Após a reza inicial, começou a falar sobre drogas.

“Pessoal, falar de droga hoje é falar sobre o maior problema de saúde pública no mundo. Posso falar que tem droga que tem ação depressiva, excitante, alucinógena. Isso pode levar qualquer um a largar tudo e cair numa Cracolândia por conta do vício. Gente, vocês sabem o que é vício? A psiquiatria define o vício como uma doença psicossomática incurável e progressiva. A medicina diz que não tem cura, os psiquiatras reconhecem que não há cura. Os Estados Unidos gastaram 30 bilhões de dólares no último ano em campanhas para ajudar dependente e não funciona”

É interessante ressaltar que o bispo utiliza um repertório técnico-científico para descrever a droga e também o vício. Do mesmo modo, recorre a argumentos de uma determinada corrente do saber médico para reiterar a ineficiência de tratamentos baseados em medicações ou internações. “Ah, mas vai desintoxicar um ano. Amigo, estudos científicos já provaram que depois de seis horas a cocaína já foi eliminada pelo sangue. Vai desintoxicar o que?”

De acordo com Beck (2011), a cientificização reflexiva ou secundária, caracteriza-se pelo momento, na modernidade, em que a ciência desenvolve diversas subáreas que passam a pensar os mesmos temas e a criticar, dessa forma, o próprio processo científico. Trata-se da *reflexividade* em torno do próprio processo científico, com o questionamento da ciência pela ciência. Para além disso, os destinatários da ciência deixam de ser meros receptores da racionalidade científica para se tornarem *coprodutores* de conhecimentos.

“O êxito das ciências torna a demanda mais independente da oferta. (...) Com sua diferenciação interna, as ciências transformaram-se – também as ciências naturais – em lojas de autoatendimento para clientes endinheirados e carentes de argumentos. Com a transbordante complexidade de cada descoberta científica, oferecem-se simultaneamente aos compradores distintas oportunidades de escolha dentro de e entre grupos de especialistas (...) Leigos e políticos podem, no entanto, escolher não somente entre grupos de especialistas, eles podem também lançá-los uns contra os outros dentro de cada área e entre as áreas, ampliando assim a autonomia ao lidar com os resultados.” (BECK, 2011, p. 264).

O caso do bispo ilustra bem a análise do sociólogo alemão, ou seja, um ator leigo, incorporando argumentos de um determinado ramo da ciência média para fazer valer seu ponto

de vista e, assim, construir uma determinada realidade social. No caso, a de que o vício é incurável pela medicina, o que leva a crer que o problema só pode ser espiritual. “Para entender o vício, você precisa entender como o espírito do vício atua na mente do dependente químico, fazendo com que ele tenha vontade. Tem gente que fica 300 dias em uma clínica, sai e vai usar droga. Isso é um espírito”. Percebemos como os atores então mobilizam distintos repertórios normativos, o da psiquiatria, ciência e o da espiritualidade, sendo acionados conforme as expectativas normativas dos agentes (Dodier, 2016).

No contato com esse dispositivo do tratamento “Vício tem cura”, os atores classificam internações e o próprio vício de forma distinta, se comparados ao trabalho normativo realizado em relação a esses fatores em outros dispositivos. Aqui, as internações são vistas como algo inútil e sem eficácia. Em um depoimento, um rapaz conta ao Bispo Formigoni que passou por três internações e voltou a usar drogas todas as vezes, sendo liberto apenas pelo tratamento. “Mas é isso mesmo, a pessoa vai para clínica e não adianta. Uma vez pedi para uma repórter ligar para as clínicas e perguntar se havia algum caso de cura. Nenhum. Todo mundo volta a usar droga”, afirma Formigoni.

A explicação psiquiátrica para a incurabilidade do vício é mobilizada então como uma prova de que só pode ser algo metafísico. “Se a medicina não cura, não consegue explicar, só pode ser um espírito e precisa ser resolvido espiritualmente”. Os outros atores presentes concordam com a fala do bispo e a corroboram em seus testemunhos: a vida no vício, as tentativas de internação, de medicação e as constantes recaídas. “Bispo, sabe porque internação não resolve? Porque você pode ficar preso dez anos, mas vai continuar com vontade”, relata um liberto da cocaína. Formigoni concorda e diz que isso mostra que o “Narcóticos Anônimos” também não funciona, pois eles não são capazes de eliminar a vontade e essa parece ser a grande chave para compreensão do espírito do vício, pois é ele quem cria a vontade constante do uso da substância.

Então, uma vez mais o repertório médico-psiquiátrico é mobilizado para explicar a dependência. “Tem muitos estudos científicos que afirmam que a droga não causa dependência química. Isso quer dizer o que? Que não é algo do corpo que te exige a usar, que tem uma química ali que o corpo necessita, mas sim é algo espiritual. O espírito, a entidade do vício quer aquilo”. Sendo assim, parte dos atores não julga a droga como uma condição para o vício. “Eu já fui viciado em muitas coisas que muita gente não considera droga, como a prostituição. Eu

deixava todo meu dinheiro em prostíbulo. O vício não é o pó, a cocaína, mas o espírito que domina a mente. Se fosse a substância, o medicamento que a clínica dava resolvia, mas a vontade continua!”, conta Formigoni.

É interessante perceber como o trabalho normativo e os repertórios mobilizados variam conforme os dispositivos. O argumento da droga como algo inerte, em um debate com antiproibicionistas, por exemplo, seria rechaçado pelos atores evangélicos como uma proposta absurda. Porém, em situações colocadas por outro dispositivo, os mesmos atores utilizam esse repertório normativo para julgar as drogas. A *reflexividade* estratégica (Dodier, 2014) manifesta-se na mobilização dos repertórios normativos de acordo com os interesses dos atores.

Isto posto, no que consistiria então o tratamento proposto pelos atores? Formigoni dá a resposta por meio de sua própria trajetória. Segundo ele, foi viciado em lança-perfume, cocaína, maconha, álcool, prostituição, chá de cogumelo, LSD, crack e só conseguiu parar com tudo no dia em que aceitou a palavra. “Aí foi imediato, no mesmo momento, na hora eu parei. Não tive mais vontade. Quer ver?” Formigoni convida então as pessoas viciadas para irem ao altar para uma breve sessão de exorcismo. Uma fila é formada e homens e mulheres são entrevistados pelo bispo sobre quais drogas usam. Então, ele ao obreiro para trazer maconha, cocaína e cerveja. Primeiramente, o bispo mostra a droga ao “viciado” e pede para sentir o cheiro e conferir se é de verdade. A resposta é afirmativa. “Você tem vontade de cheirar? De dar um trago nessa maconha?” Eles dizem que sim e riem. Então, começam a passar pelo exorcismo. Alguns tombam no chão e se contorcem, o que exige a ajuda de obreiros e uma nova exorcização. Depois, calmos, são convidados a experimentar a droga. Os ex-viciados começam a sentir ânsia de vômito diante da outrora desejada substância. O público aplaude e Formigoni realiza uma oração para libertação geral.

Segundo ele, mais de 70 mil pessoas já foram curadas com o tratamento, o que está registrado em uma lista, com nomes, números de CPF e assinatura de cada um. Porém, Formigoni explica que para conseguir a cura, a pessoa precisa querer. “A primeira coisa é assumir que é viciado. Tem muita gente que fala: ah sou usuário, uso quando quero. Mentira! Você tenta usar só uma vez quando viu, ficou a noite toda na droga. O vício te controla, então você é viciado. Precisa assumir”.

Para o bispo, boa parte dos usuários de droga encaram o viciado como a pessoa que está em situação de rua, mas nunca se percebem enquanto tal. Isso pode ser explicado, em sua

visão, pelo fato de boa parte dos viciados pertencer a classes mais altas que julgam que o vício é uma exclusividade dos pobres. “Vício não escolhe cor, classe social, ou idade. Te controla e te faz perder o controle da sua vida”. Depois, afirma que apesar de libertos, os “ex-viciados” precisam continuar a vir e a frequentar, pois o espírito do vício está sempre à espreita e é preciso se proteger dele.

Todos oram uma última vez e deixam a Igreja calmamente. Alguns entram no templo maior, a fim de assistir a outro culto, enquanto que outros dirigem-se à avenida João Dias. Durante a inauguração do Templo de Salomão, em 2014, Formigoni fez uma fala sobre as drogas para as autoridades presentes (governadores, presidente, prefeitos, ministros, etc.) antes do culto celebrado por Edir Macedo. Repetiu aos presentes seu julgamento sobre o vício e a ineficácia das internações, usando para tanto o repertório normativo científico da psiquiatria. Posicionou-se também em relação aos esforços dos governos na questão das drogas: “se o Brasil pegar todo o PIB e investir em clínica de desintoxicação, não vai conseguir recuperar um único viciado. É inútil. Nessas clínicas não tem nenhum recuperado, sempre tem recaída.”.

A intenção de fazer esse salto no texto foi para pensar o trabalho normativo em torno da noção de vício, tratamento e droga, empreendido pelos atores em dispositivos distintos. Acredito que ficou claro como os atores mobilizam repertórios distintos e, à primeira vista, até aparentemente contraditórios entre si. Devemos ressaltar que muitos dos atores que frequentam o tratamento da Universal e que são contrários às internações, ou que as julgam ineficazes, fazem parte do projeto político do PRB e que e em um contexto mais público, defendem o procedimento psiquiátrico e engajam-se na luta por verbas para internações. Claro que muitas dessas clínicas são “comunidades terapêuticas”, mas as mesmas não são um consenso para os atores. Conforme colocado anteriormente, Madeira e alguns membros do Juventude Contra o Crack são favoráveis a esse modelo de clínica. Porém, Formigoni e outros membros da Universal também as criticam. Em seu programa “Vício tem Cura”, uma reportagem denunciou os maus-tratos nas clínicas de recuperação, inclusive nas terapêuticas, com imagens de tortura e relatos de agressões físicas e psicológicas. “Está provado, clínica não cura”, afirmou Formigoni após o relato.

No programa televisivo “Vício tem Cura”, veiculado pela TV Record e também disponível em canal no YouTube⁶⁸, Formigoni e outros pastores são apresentados como

68 Disponível em https://www.youtube.com/channel/UCD8ighA1eepLv0Ye7p_NPEg Acesso em 01/04/2016

“especialistas” e não como bispos. A iniciativa é anunciada como uma terapia gratuita e aberta a todos, sem vínculo com religião. A Igreja Universal do Reino de Deus é citada como a instituição que acolheu o programa. Aqui percebemos novamente o já comentado *efeito de dissuasão*, isto é, a tentativa dos atores de dissuadir o pertencimento à IURD. Para tanto, constroem o projeto como iniciativa “não-religiosa” e aberta a todos, um “tratamento”, comandado não por bispos, mas sim por “especialistas”. Formigoni afirma que “não me importa sua religião. Isso aqui não tem nada de religioso é aberto a todos para ajudar as pessoas”.

O deslocamento dos atores por diversos *mundos de ação*⁶⁹ (Dodier, 1993) é uma noção importante para compreender o repertório mobilizado pelos atores, assim como a dificuldade da “tradução” de seus julgamentos diante outra audiência. A passagem de um mundo para outro pode ser tensa, especialmente, se os atores não estão preparados às coações das relações a produzir (Dodier, 1990a). Para compreender os efeitos de passagem de um regime de ação a outro, seguimos essa “metamorfose” de julgamentos. Pudemos observar, por meio dos exemplos citados, como *mundos de ação* diferentes podem inserir os mesmos elementos em conjuntos diferentes. A tabela abaixo indica como quatro itens são retratados de forma distinta nos mundos considerados:

Seres considerados (no caso, palavras)	Igreja Universal (Vício tem Cura)	PRB e dispositivos na esfera política
Drogas	Substâncias, mas também sexo, jogo, pornografia, comida, etc.	Substâncias químicas (lícitas ou ilícitas)
Dependência	Existe, mas não é causada pela droga, mas sim pelo espírito do vício.	Causada quimicamente pela droga.
Internação	Ineficaz, desnecessária, tortura.	Ação fundamental para tratamento.
Psiquiatria	Revela que o vício é incurável e que não existe dependência.	Trata o vício, demonstra a dependência química.

69 Como visto anteriormente, para compreendermos o “mundo de ação” precisamos nos atentar para o que importa aos atores para elaboração de seus julgamentos (pessoas, objetos, signos).

Devemos ressaltar que nesse caso específico, todos atores considerados são oriundos da Universal, mas nem todos participam ou participarão de forma incisiva do universo político. Talvez, por isso, a tensão seja maior quando os atores do “Vício tem cura,” que não participam do PRB, se deslocam em direção ao outro *mundo de ação* e são expostos a dispositivos heterogêneos, tendo que justificar suas posições. Inversamente, quando os atores ligados ao projeto político visitam a terapia do “Vício tem Cura”, a passagem de um mundo para outro praticamente não é revelada ao pesquisador e não há nenhuma tensão. Ao contrário, esses “atores políticos”, ajudam no processo de “tradução” do argumento espiritual⁷⁰ no plano da política.

Em 2016, o secretário estadual de Desenvolvimento Social de São Paulo, Floriano Pesaro (PSDB-SP), recebeu em seu gabinete os Bispos Formigoni e o Pastor Lara, assim como o secretário de Esportes, Lazer e Juventude, Jean Madeira⁷¹ (PRB-SP), que intermediou o encontro. A reunião ocorreu a portas fechadas, sem acesso ao público, mas a Secretária de Esportes, Lazer e Juventude divulgou uma nota⁷² acerca do encontro. Trata-se de um material muito interessante à análise, pois a o deslocamento dos atores do “Vício tem Cura” em direção a outro *mundo de ação* exigiu, por parte da equipe de Madeira, a tradução de diversos termos e promoveu uma tensão, já que os mesmos elementos expostos na Tabela 1 pertenciam a esses *mundos de ação* diferentes, mas colocados em intersecção pelo dispositivo da reunião.

A nota define Formigoni e Lara como “especialistas” e não conforme os cargos que ocupam na Igreja Universal. Segundo o informe, a reunião ocorria após a apresentação do tratamento “Vício tem Cura” para Geraldo Alckmin (PSDB-SP), que se colocou à disposição para uma ação conjunta com o seu secretariado. Em sua declaração oficial para a Secretaria, Formigoni não mencionou em nenhum momento o espírito do vício, ou a descrença com relação às intenações, tampouco sua filiação religiosa:

70 Como citado anteriormente, os atores não se percebem como religiosos e repudiam esse termo para se referir a suas práticas. Por isso, optei pelo uso da palavra “espiritual”, no lugar de “religioso”, para me referir à argumentação dos membros do “Vício tem Cura”. O trabalho não pretende classificar os atos ou percepções dos atores, mas sim perceber como eles produzem críticas e julgamentos à noção de religião. Na segunda parte da tese, abordaremos o trabalho normativo dos atores com relação a essa categoria.

71 Madeira foi empossado como Secretário de Esportes, Lazer e Juventude no início de 2015 e se licenciou do cargo de vereador para assumir o posto no governo Alckmin.

72 Disponível em <http://www.selj.sp.gov.br/?p=3343> Acesso em 02/07/2016

“Sabendo que o vício não é apenas um problema pessoal, mas acima de tudo de ordem pública, e que temos obtido muito sucesso através desse tratamento, nós colocamos à disposição do secretário de desenvolvimento social, Floriano Pesaro, o programa, com o objetivo de beneficiar toda a sociedade, e principalmente aqueles que sofrem com os vícios e seus familiares!” (Rogério Formigoni)

A nota então explica o que é o “Programa Vício tem Cura”, mas antes cita o Programa Recomeço, principal política pública do governo Alckmin no que tange à questão de auxílio a usuários de drogas, explicando o funcionamento do projeto e disponibilizando um link para o site. Logo abaixo, a nota explica que o tratamento é realizado para combater a raiz do vício, por isso, seu foco não é no organismo, mas sim na mente dos viciados. “Se a dependência do adicto fosse química, ele conseguiria a cura se desintoxicando. Mas, mesmo depois de ter passado por uma desintoxicação, ele volta ao uso da substância, porque a força do vício está na mente do viciado”. O ponto de vista do “Vício tem cura” foi exposto, mas, claramente, suavizado, se comparado às falas de Formigoni na Igreja. Devemos frisar que o deslocamento entre diversos *mundos de ação* colocou os atores em uma situação tensa, obrigando-os à conciliar duas classificações distintas em torno da questão da desintoxicação no mesmo texto: a posição do Programa Recomeço, pró-internações, e a contrária do Vício tem Cura.

Em nenhum momento o “espírito do vício” foi mobilizado como motivo para o consumo de drogas. “A depressão, a baixa autoestima, a insegurança, os sentimentos de impotência e o nervosismo” foram elencados como “fatores que levam o viciado novamente ao uso da substância”. No outro *mundo de ação*, esses sintomas também são considerados, mas como consequência do trabalho do espírito e não como uma causa em si. Na esfera política, o argumento foi traduzido, eliminando a referência a motivações espirituais, garantindo que a argumentação não fosse tomada como “religiosa” por outros atores. Segundo a notícia do site, a metodologia do tratamento é baseada na fé, o que despertaria na mente do usuário uma “energia, uma força capaz de eliminar da mente dele todos os sentimentos contrários que até então o escravizava”. Isso traria de volta a “confiança, a determinação” para “reconstrução da vida”. O texto faz questão de frisar que não se trata de “religião”, mas que o tratamento ocorre na Igreja Universal, pois foi a única instituição que cedeu espaço para receber dependentes e codependentes.

A nota ainda afirma que o programa Vício tem cura realizou palestras em escolas e ginásios estaduais, com a distribuição do livro “A Última Pedra”, obra autobiográfica de

Formigoni, em que narra sua trajetória no mundo das drogas e sua posterior libertação, quando conheceu a Igreja Universal. Devemos ressaltar o trabalho dos atores para “traduzir” o grupo e suas práticas para um contexto pós-secular. De acordo com Habermas, o sistema político deve ter filtros para impedir que “razões religiosas” entrassem no parlamento.

“Entretanto, os limiões constitucionais que se colocam entre uma esfera pública política ‘selvagem’ e as corporações estatais criam, na confusão das vozes dos círculos de comunicação pública, certos filtros, os quais, no entanto, são cunhados apenas para dar vazão a contribuições seculares. No parlamento, por exemplo, a ordem agendada deve permitir ao presidente retirar da ordem do dia posicionamentos ou justificativas religiosas. Para não se perder os conteúdos de verdade de exteriorizações religiosas, é necessário, por isso, que a tradução já tenha ocorrido antes, ou seja, na própria esfera pública política”. (Habermas, 2007, p.149)

O trabalho não tem pretensão normativa, porém, deve-se ressaltar como os próprios atores atribuem importância ao processo de tradução na construção de um argumento secular e público para garantir seu “conteúdo de verdade”. Além disso, os atores antecipam-se às críticas oriundas de outros agentes, contrários à participação religiosa, por meio dessa monitoração reflexiva em torno da ação e também da tradução de discursos religiosos/espiritualistas em seculares. “Sabe como é o preconceito das pessoas com a Igreja, não dá para falar e mostrar, não pode. Muita gente desprezaria, ou não iria querer saber, só por ser algo ligado a igreja”, explica Nelson, militante do PRB.

A Liga da Prevenção: evangélicos e profissionais da saúde em interação

Em 2015, especialistas da área de psiquiatria e psicologia e lideranças na área de prevenção às drogas uniram-se para criar o movimento *Liga da Prevenção*, que prevê reunir o maior número possível de pessoas que participam da prevenção às drogas e álcool no Estado de São Paulo. A partir daí, pretendem trocar experiência e conhecimentos para a realização de ações de prevenção de baixo custo, além da disponibilização de cursos e capacitações para os membros na área de dependência química. Para celebrar a criação do grupo, uma solenidade foi realizada em novembro de 2015, na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, reunindo especialistas e militantes no combate às drogas. A mesa contou com o deputado estadual Luiz

Carlos Gondim (SD), o secretário Jean Madeira, bispo Cláudio do projeto “A Última Pedra”⁷³, a médica Luzemir Lago e o psicólogo Sérgio Castillo.

No auditório Franco Montoro, com capacidade para 150 pessoas, encontro uma grande variedade de participantes: jovens com corte coroinha e camisetas de estilo funk, roqueiros do grupo “Rock e prevenção”, policiais militares, psicólogos e profissionais de saúde que conversavam entre si, assessores parlamentares e evangélicos de diversos grupos. Próximo da frente do palco, senta-se um grupo de cerca de dez jovens e adultos, portando a camisa preta “A última pedra”. Rapidamente, são identificadas por duas senhoras evangélicas (o que viria a saber posteriormente) como “o grupo antidrogas da Universal”. Decido então, conversar com uma jovem do grupo:

P: Vocês são de um projeto da Universal?

R: Sim, somos do Última Pedra.

P: Mas o nome anterior não era Juventude Contra o Crack?

R: Sim e depois foi “Dose mais forte”. Cada vez que um pastor ou bispo diferente assume o grupo há uma troca no nome, para ficar a “marca” do atual.⁷⁴ Aí o bispo Formigoni assumiu e colocou o nome a última pedra, que é o mesmo do livro. Muito forte aliás.

P: Como é o trabalho de vocês?

R: A gente vai na Cracolândia, levamos auxílio, propomos a internação, distribuimos quentinhas, bíblias, cobertores, kits de higiene pessoal e levamos uma palavra de fé, para motivação, transformação daquela situação. A gente também vai a escolas para falar um pouco sobre drogas, contar sobre o nosso passado na droga, mostrar ao jovem o que é esse mundo.

P: Você foi envolvida com o que?

R: Cocaína, maconha, LSD e também usava remédios para dormir. Tava voltando de uma rave e aí minha mãe estava frequentando e decidi ir na reunião de libertação do Bispo Formigoni. Nunca me esqueço. Na segunda sessão eu tava curada já e pronta para ajudar na obra. Eu saía muito, aprontava, só queria saber de festa e droga. Hoje faço algo mais produtivo da minha vida.

73 Antigo nome do projeto “Vício tem cura”.

74 Apesar disso, a equipe de Jean Madeira ainda usa o nome Juventude contra o crack para se referir aos participantes dos projetos de prevenção organizados por ele, ou pelo PRB. Apesar de boa parte dos membros do “Juventude” serem da IURD, o projeto não é mais contemplado pela Igreja, tornando-se, hoje, um projeto ligado exclusivamente a Madeira e ao partido.

O grupo volta a conversar entre si, discutindo onde colocar o banner da terapia da Universal e acabam optando pela frente do palco. O grupo discutia uma performance coletiva para o momento em que o bispo Cláudio citasse a presença de curados na plateia. A ideia era levantar imediatamente e dizer em voz alta: eu fui curado! Quando anunciaram a ideia ao bispo, por telefone, este foi enfático: a Assembleia não era a igreja e eles deveriam apenas levantar os braços. Alguns ficaram decepcionados, mas decidiram seguir as instruções. Comecei então a conversar com duas senhoras, ambas voluntárias em comunidades terapêuticas. Elas afirmam que são evangélicas, da Igreja Batista, e ligadas ao Projeto Cristolândia e que o tratamento em que acreditam é “reza e roça”, em meio a risadas. Segundo elas, o interesse em participar das drogas é “ficar por dentro dos cursos”. Ambas já haviam realizado diversos cursos de prevenção com psicólogos e psiquiatras.

Para as duas amigas, é importante conhecer informações da “área médica” a fim de ter mais “bagagem” sobre os perigos das drogas, para convencer os jovens. “Se você chegar falando de Jesus, dizer que é errado, que os pais não gostam, eles nem ligam. Precisa mostrar como destrói a pessoa, o mal que faz para a saúde”. Uma delas, Elisângela, realizou estágio em uma comunidade terapêutica, sem a presença de médicos e com tratamento baseado exclusivamente na fé. Atualmente, ela procura emprego em uma clínica, ou como assistente social para atuar junto a usuários de droga. Porém, em seu currículo, essa informação a respeito de sua experiência é ocultada. “Não coloco porque podem me associar a algo não legalizado, pois ali não tinha médico, nem psicólogo. Eu acho que tem que ter um médico supervisionando, mas tem que ter a fé. Tanto que o sucesso de tratamento é muito maior”, explica.

O trabalho delas na Missão Cristolândia, no bairro da Luz, em São Paulo, consiste na evangelização de usuários de droga, distribuição de alimentos, kits de higiene e prestação de pequenos serviços de enfermagem, com a realização de curativos e primeiros cuidados em ferimentos. De acordo com sua visão, o saber médico é importante para prestar socorro aos “viciados”, identificar as “fases” do vício, orientar familiares, saber como agir em uma situação de overdose e mesmo compreender o prazer sentido pelo usuário de droga. Entretanto, no que tange à cura dessa “doença”, tem opinião semelhante a Formigoni e os membros do Vício Tem Cura, creditando o sucesso do tratamento à fé. Porém, para elas, o usuário deve sim ser assistido por um profissional de saúde, ao contrário do que pensam os membros do Vício tem Cura.

Enquanto o evento não começava, alguns psicólogos brincavam entre si a respeito da presença de evangélicos. “Rapaz, há vinte anos não tinha nenhum. Hoje, eles organizam

tudo, estão participando de tudo, dando as cartas, criando o evento. Eles dominaram. Impressionante”. Após quase uma hora de atraso, o evento teve início. A médica Leuzemir destacou a importância da união de todas as áreas e que muito já foi feito com a aprovação da lei antifumo. Para ela, a melhor estratégia para vencer as drogas é a prevenção, pois impede-se o contato com a droga.

O bispo Cláudio, da IURD, representando o bispo Rogério Formigoni, afirmou que respeitava muito os representantes da área médica e psicológica, assim como a posição deles em relação às drogas, mas que sua perspectiva geraria muita polêmica: a cura pela fé. Segundo seu relato, milhares de pessoas já foram curadas na Igreja Universal. “Vocês médicos podem não concordar, mas a eficácia está aí. Quem já foi curado aqui?”, perguntou. Os membros do “Última Pedra” levantaram-se com e estenderam as mãos e o bispo afirmou que se tratavam da prova viva da cura somente pela fé. Ainda ressaltou seu passado nas drogas (cocaína, maconha, LSD, crack, álcool e cigarro). Para ele, o diabo está por trás do vício e somente sua expulsão pode garantir a cura do vício. “Sim, eu acredito em cura e sou a prova que ela existe”. O bispo frisou que, independentemente da posição em relação ao tratamento, é necessário engajar-se para prevenir que o jovem tenha contato com as drogas, oferecendo esporte, para que “fiquem com a cabeça ocupada com boas coisas e não partam para o mau caminho”. Em todos os momentos em que se referiu a Jean Madeira, tratou-o como secretário, ou vereador, jamais como pastor, ou companheiro de instituição (IURD).

No momento em que fazia seu discurso acerca da fé como cura para as drogas, Madeira olhava para Cláudio e baixava a cabeça, aparentando estar constrangido, uma vez que se encontrava em uma situação tensa: era o responsável por trazer os membros da Universal para a “Liga de Prevenção”, mas também tem interlocução com o setor médico, promovendo uma série de atividades em conjunto na área de prevenção e tratamento. Em sua fala, Madeira afirma que todos ali são guerreiros que salvaram vidas. Ao abordar sua própria trajetória, podemos observar um instante de autocorreção. “Antes de atuar como político, trabalhei muito tempo evange... [a palavra não é completamente pronunciada, mas cortada no meio. Tudo indica que seria evangelizando] com prevenção às drogas em favelas no Rio. O bispo entra ali né? A gente viu traficantes que colocam mesa com drogas para viciar jovens”. Depois, frisou a importância da prevenção, do papel da família na condução dos jovens e do esporte como meio para retirar os adolescentes das drogas e levá-los a um bom caminho. Citou as artes marciais como um meio eficaz para prevenir o contato com drogas e também para tratar usuários.

Relatou a experiência de um projeto na Cracolândia, que acolhe 300 pessoas para prática de jiu-jitsu, judô, karatê, kung-fu e muay thai, gratuitamente⁷⁵. Madeira enfatizou que a luta para a prevenção é essencial, pois é “tirar o viciado da droga é muito mais difícil”. Ainda teceu críticas às propostas que visam a “legalização” das drogas, enquanto os presentes davam a vida pelos “viciados”. Segundo ele, o tratamento pela fé não pode ser discriminado, pois ajudam muitas pessoas, muitas vezes sem recursos. “Uns curam com psiquiatria, outros com psicologia e outros com a fé”. Para Madeira, existe muito preconceito com a fé, seja ela de qualquer denominação, citando o bom trabalho promovido por “católicos, evangélicos, espíritas”. Em sua visão, deve-se incentivar essas ações, pois todos os saberes (fé, medicina, psicologia) tem sua importância e lutam pela prevenção.

É interessante perceber que esse dispositivo tem como alvo, elegido pelos atores, a prevenção às drogas, mas compreende também sequências ligadas à participação dos evangélicos e, por conseguinte, o trabalho normativo dos atores em relação a essa presença. Apesar de ter defendido a participação de atores religiosos no processo de prevenção e tratamento, Madeira também valorizou outros saberes (médico e psicológico). As particularidades de perspectivas com relação às drogas são colocadas de lado e aciona-se uma causa, ou fim, aparentemente compartilhados por todos os atores imbricados no dispositivo: o combate às drogas e a prevenção.

O deputado Gondim também enfatizou a importância da prática desportiva como forma de prevenção às drogas, assim como o trabalho das igrejas, que levam “paz ao coração dos jovens”. Segundo ele, é necessário estender a internação compulsória aos adolescentes, pois as “mães já não aguentam mais”. Já o parlamentar Sebastião Santos (PRB-SP) destacou o papel da fé. “Tô com o bispo, larguei a droga em 26 segundos, depois de escutar uma pregação na Igreja. Sei da força dessa palavra. Nela eu confio”.

Após a fala dos participantes da mesa, dois *rappers* que trabalham com prevenção às drogas foram convidados a cantar uma música no palco. Parte do público se animou e o secretário Jean Madeira começou a dançar movimentando os braços, como no estilo *Hip Hop*, arrancando risadas e aplausos dos adolescentes do fundo da sala. Os dois jovens rimavam sobre o efeito negativos das drogas nas periferias pobres do Brasil: violência, desagregação familiar, prisão, morte, etc. Em seguida, a mesa distribuiu certificados para homenagear médicos,

75 Iniciativa do projeto Cristolândia, da Igreja Batista, em parceria com a Secretaria de Esportes, Lazer e Juventude do Estado de São Paulo.

psicólogos, voluntários e responsáveis por clínicas e comunidades terapêuticas, além de evangelizadores na Cracolândia e do grupo “Filhos do Gueto”, que trabalha com prevenção às drogas por meio do *funk*.

Enquanto isso, um dos membros do “Última Pedra/Vício tem Cura” aproximou-se de mim e começamos a conversar:

“Você reparou que no nosso projeto ninguém falou de religião? É algo aberto a todos, sem preconceito, qualquer um pode vir. Fui viciado em cocaína, maconha, álcool, pornografia e prostituição. Eu prometia para minha esposa que ia mudar, que ia parar, mas sempre voltava. Até que fui à reunião do Bispo Formigoni. Guerreiro, na mesma hora eu me libertei, porque o espírito do vício foi destruído em mim. Agora, arrebetou a fala do Pastor Jean, hein? Falou que todos nós que lutamos contra as drogas somos guerreiros salvando vidas. Ele bota fogo mesmo quando fala. Para mim, o esporte ajuda mesmo a ficar longe das drogas, mas sem ser algo violento tipo vale-tudo. Na minha opinião, a melhor coisa seria o governo investir no nosso projeto. Indo na reunião você tem noção de quanta gente já se libertou dos vícios. Milhares de pessoas. Sem contar quem está ali na pior, na Cracolândia e recebe da gente não só comida e kit de higiene, mas também uma palavra, uma força. Quando eu tava na pior, era o que mais me fazia falta” (Odiel, 36 anos).

Após o evento, funcionários de clínicas distribuíaam panfletos e informativos e alguns espectadores aproveitavam a ocasião para tirar fotos com Madeira e Godim. Aproximeime de um grupo de médicos que conversava sobre a sessão solene. A participação dos evangélicos no debate sobre drogas era vista de forma negativa por eles. “Eles estão controlando tudo. Já montaram isso aqui para ficar no controle, de forma já pensada”. Para uma boa parte deles, o tratamento para a dependência química deve ser pautado exclusivamente na medicina, sem fazer recurso ao uso da fé. Já alguns acreditavam que a fé em si não é um problema, desde que as comunidades terapêuticas fossem comandadas por médicos, auxiliados por psicólogos, e a fé fosse uma espécie de terapia ocupacional secundária e não-obrigatória para os internos. “Agora, não tem nem médico ali. Uma hora vai dar uma crise em um paciente e vai começar a morrer gente. E ainda querem pegar dinheiro do governo? Isso é um absurdo. O que eles fazem com a grana se não pagam médico e psicólogo?”.

A Resolução 101 da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) exigia a presença de um funcionário técnico de nível superior na área da Saúde como responsável pelas comunidades terapêuticas. Além disso, os pacientes deveriam passar por avaliação clínica, psiquiátrica e psicológica e os laudos deveriam constar na ficha de admissão. Após pressão dos grupos religiosos, essas regras caíram em 2011, por meio da resolução 29 da Anvisa. Atualmente, o responsável pode ter curso superior em qualquer área. Foram mantidas

exigências como a proibição de manter os internos contra sua vontade e também o respeito por sua orientação sexual e credo religioso. Em 2013, um edital do governo federal abriu a possibilidade de verbas públicas para comunidades terapêuticas, mas desde que elas dispusessem de médicos e psicólogos, o que foi criticado por representantes das comunidades, que alegavam não possuir tal estrutura. Em 2015, o Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas (CONAD) estabeleceu a obrigatoriedade da articulação das comunidades terapêuticas com o Sistema Único de Saúde, para garantir aos internos os atendimentos médico, psicológico e social. De acordo com a crítica de muitos profissionais da saúde, as comunidades não realizam esse procedimento e em alguns casos impedem que os pacientes tenham acesso a medicamentos de uso contínuo, dos quais faziam uso antes da internação, o que também é proibido pelas regulamentações da Anvisa e do CONAD.

Para os médicos do grupo, o tratamento deve ser pautado sob uma lógica científica e a questão da cura, apesar de controversa entre eles, não seria alcançada por meio da fé e, para alguns, por nenhum meio. “Cura para droga não existe. O que existe é tirar o paciente da situação de dependência de uma substância e melhorar a condição de vida dele. Depois disso ele vai ter que ficar a vida toda se policiando e se viciando para não voltar a usar, o que é difícil também”. Os médicos criticaram a postura dos evangélicos de contemplar a todos nos editais. Segundo eles, isso retira dinheiro da área médica e precariza o atendimento aos dependentes químicos. Atualmente, 80% das internações no Brasil ocorrem no setor privado, em clínicas ou comunidades terapêuticas.

O dispositivo da Liga de Prevenção agrega diversos atores e comporta uma sequência de temas distintos: prevenção às drogas, dependência, papel da medicina, o tratamento baseado na fé, a presença religiosa em editais, etc. A expectativa normativa compartilhada pelos atores é a prevenção às drogas e o tratamento a todos os dependentes. Entretanto, essa “expectativa maior” se fragmenta em diversas outras, conforme os atores exprimem perspectivas que lhes parecem admissíveis o suficiente para sustentar um julgamento legítimo (Dodier, 2016).

Os atores do Vício tem Cura/Última Pedra percebem parte das críticas com relação à fé como infundadas, pois, em sua perspectiva, o projeto não é encarado como religioso. Para eles, o fato de ser aberto a todos os grupos e não exigir uma filiação à instituição indicam a ausência de caráter religioso. Além disso, os atores frisam que a iniciativa não conta com qualquer auxílio governamental, o que não seria necessariamente um problema, uma vez que

se trata, segundo eles, de um projeto extremamente eficaz e sério. Os tratamentos médicos são alvo de uma série de julgamentos desses agentes em seu trabalho normativo. “Já fiquei internado mais de uma vez e só me tacavam remédio. Médico só sabe enfiar outra droga. Quando você for ver, já tá viciado em outra coisa, mas aquela vontade eles não tratam, sabe? Aquela angústia? A última vez que eu tentei a medicina, fui ao Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e fiquei chapado no *Rivotril*”, relata Gílson. Na avaliação desses atores, o uso de remédios psiquiátricos não resolve o desejo de usar uma substância, mas apenas substitui uma droga por outra. Segundo eles, a angústia que conduz o usuário não é tratada pela medicina e, por isso, a psiquiatria só tomaria medidas paliativas.

Além disso, esses atores discordam da posição médica de que o vício seja uma doença incurável e crônica. Para demonstrar o contrário, mobilizam suas narrativas de vida a fim de provar seu ponto de vista: a motivação espiritual dos vícios e o papel exclusivo da fé no restabelecimento da autonomia, sem resquícios do antigo desejo da droga.

Capítulo 5. A política pela religião e a religião pela política

Ao contrário do que possa parecer, não pretendemos discutir a relação entre PRB e Universal, por mais que o título possa transparecer, uma vez que há um fenômeno mais amplo em jogo: como é administrada a tensão entre religião e política e a problematização que atores políticos empreendem em relação ao religioso e os religiosos em relação à política. Nesse processo, as entidades religiosas são problematizadas por atores políticos e esses são problematizados por atores religiosos. Evidentemente, não há uma fronteira definida *a priori* do que seja essencialmente político e religioso, pois ela é redesenhada a todo o instante pelos atores, os quais ocupam, não raramente, os dois espaços. De qualquer forma, essa essencialização ajuda a identificar e a mapear os atores durante momentos de prova, nos quais exprimem sua visão acerca de instituições religiosas e siglas políticas.

Para além dessa questão, discutiremos o fenômeno aqui intitulado *efeito de dissuasão*, isto é, o esforço dos atores em dissuadir outros a fim de ocultar o pertencimento religioso. Paralelamente, há o *efeito de publicização*, no qual os atores esforçam-se para mostrar a todos essa ligação, divulgando-a ao máximo.

Um momento interessante para refletir essas questões é o evento “Orando por São Paulo”, organizado por Jean Madeira e Atílio Francisco, ambos vereadores pelo PRB, em abril de 2014. O objetivo era homenagear lideranças evangélicas e orar pela cidade de São Paulo, além da união de força entre os cristãos. O Salão Nobre estava completamente lotado, com a presença de pastores, obreiros, bispos e fiéis das denominações dos líderes religiosos homenageados. Foram eles: Marcos Pereira (Igreja Universal do Reino de Deus); Jessé Pereira (Igreja Movimento Evangélico para Salvação D’Alma); José Airton Neves (Igreja Presbiteriana Renovada); Natanael Pinto (Igreja Novo Amanhecer); Ostilio de Souza (Igreja Pentecostal Formosa); Laércio da Silva (Igreja Monte Horebe); Dionísio Santos (Igreja Presbiteriana Independente) e Engreds Ciani (Igreja do Avivamento).

Assim que cheguei ao local, encontrei Nelson, que me pediu para fotografá-lo com o deputado estadual e bispo licenciado da Universal, Gilmaci Santos (PRB-SP). Prontamente, atendi ao pedido e fotografei-os. Gilmaci riu de minha maneira de segurar a câmera e me disse: “hummm e essa mãozinha assim meio de lado? Cuidado para não quebrar a munheca hein? É brincadeira, meu filho”. O Bispo Antônio Bulhões também compareceu e rapidamente nos

cumprimentou. Tomamos nossos assentos e o locutor do evento anunciou os presentes, os ilustres que estavam presentes e os vereadores que mandaram cumprimentos pelo evento.

Madeira foi o primeiro a falar e destacou a importância dos homenageados, segundo eles, homens e mulheres de Deus, que dedicam sua vida ao próximo, a fazer o bem e a levar esperança, melhorando a cidade e o país. O vereador contou sua trajetória na religião evangélica⁷⁶. Segundo ele, apesar de ter amigos e um bom ambiente familiar, sofria de uma forte depressão quando adolescente. Um dia, ao voltar da escola, passava por uma avenida em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, e decidiu se jogar na frente de um ônibus. Um missionário da Igreja Universal salvou sua vida, pregou a Palavra e o convenceu a ir a um culto. Desde então, tornou-se membro, obreiro e pastor. Segundo ele, ali aprendeu a amar o próximo e a trabalhar para as pessoas, “importantes valores” que afirma ter levado para a política. Na Universal, Madeira destacou que foi líder do Força Jovem Universal e que sua experiência nesse projeto foi fundamental para sua ação dentro da Câmara.

Os líderes homenageados ressaltaram a importância da união dos evangélicos face a tantas tentativas de “destruição da família” e dos “valores cristãos”. O pastor Jessé Pereira, da Igreja Movimento Evangélico para Salvação D’Alma, em sua fala, ressaltou a importância da união para o desenvolvimento e fortalecimento do país. “Se estivermos juntos em oração, ninguém poderá parar o destino desse grande país”. Ressaltou ainda que a Bíblia ensina a orar pela paz nas cidades e, por isso, a importância de orar para São Paulo, “uma cidade com tantos problemas”.

O Pastor Natanael destacou que o país vive um momento político difícil, com escândalos de corrupção e muita bagunça, o que ocorreria por inépcia dos governantes. Ressaltou que a Bíblia ensina que quando o “os honestos governam, o povo se alegra; mas, quando os maus dominam, o povo reclama” (Provérbios 29:2). Para ele, a desonestidade tomou conta da política. Outros homenageados destacaram que só foram recebidos na Câmara Municipal por conta de Jean Madeira e jamais por outro político e que o trabalho dos evangélicos para a sociedade ainda é pouco reconhecido. A bispa Engreds, da Igreja

76 Em muitas situações, o vereador Jean Madeira não aborda sua trajetória religiosa e, em alguns casos, monitora-se reflexivamente em relação às palavras utilizadas para ocultar esse pertencimento. No geral, apresenta-se como evangélico, sem explicitar a denominação e sem dizer que já atuou como pastor da Universal.

Avivamento Cristão, ressaltou que ter o trabalho reconhecido como mulher evangélica a emociona e que há alguns anos isso seria impossível.

O deputado federal Antônio Bulhões (PRB-SP), também bispo licenciado da IURD, fez um fala para destacar a importância dos evangélicos na política. Segundo ele, há uma força de esquerda que se “pretende moderna e progressista” que deseja acabar com a família “que conhecemos hoje” por meio da ideologia de gênero. O parlamentar destaca que o PNE – Plano Nacional de Educação, que dita as diretrizes básicas para a educação no país pelos próximos dez anos, incluía a questão de gênero em seu texto original. Em sua visão, crianças aprenderiam que não existe sexo biológico e que cada um pode ser o que quiser, ou seja, livre para escolher sua sexualidade. Isso levaria a uma desestabilização da família, pois jovens entrariam em conflito com os pais por escolher o “gênero” que desejam e também a própria instituição família, uma vez que somente homem e mulher podem constituí-la, na visão do deputado. Em suas palavras, essa ameaça aos valores cristãos que edificaram e edificam a nação brasileira só foi impedida pela atuação da bancada evangélica. Por isso, a importância da presença de evangélicos na política, ou o “povo de Deus ficará à mercê dos progressistas que visam destruir a família e, conseqüentemente, os cristãos”.

Em seguida, outro homenageado, o presidente do PRB e bispo licenciado da IURD, Marcos Pereira, tomou a palavra. Ele reforçou a fala de Bulhões e disse que somente os parlamentares evangélicos podem combater os perigos que ameaçam a família tradicional brasileira e proteger as crianças de ideologias contrárias aos valores cristãos. Pereira foi além e explicou a importância da presença evangélica na política. Segundo ele, os evangélicos correm riscos ao não ocuparem os cargos eletivos, pois outras forças sociais podem derrubar tudo o que foi conquistado e deter o avanço do evangelismo. De acordo com o líder do PRB, o catolicismo, historicamente ligado ao Estado brasileiro, perdeu espaço nas últimas décadas e, por isso, teria lutado pela aprovação do acordo entre o Brasil e o Vaticano. A reação evangélica foi a criação da PL 160/09 (conhecida como Lei geral das religiões), do deputado e pastor da IURD George Hilton (PRB-MG), para garantir a isonomia em relação ao convênio firmado entre o governo brasileiro e a Santa Sé.

Na visão de Pereira, os evangélicos precisam estar unidos e eleger seus representantes, pois somente eles podem garantir a liberdade de culto e que esse modo de vida não seja destruído por iniciativas que visam a alteração das bases da família tradicional, tida

como essencial para o evangelismo. Destacou ainda a questão da legalização das drogas, defendida por grupos e coletivos, e a reação evangélica para impedir o avanço da pauta no Congresso Nacional. Em seguida, destacou a presença dos evangélicos na política e como devem lutar para usar esse meio para sua inserção em diversos projetos, principalmente de internacionalização:

“Nós (Igreja Universal) temos um partido político (PRB), a Assembleia tem o PROS, PSD e o PSC, o PP é da Sara Nossa Terra. Somos uma força política na Câmara dos Deputados, hoje um presidente não governa sem o apoio da Bancada Evangélica. Agora, o que precisamos fazer? Fazer valer a nossa força! Quantas Igrejas não tem projetos missionários no exterior? Queremos e precisamos expandir a religião cristã no mundo! Para isso, precisamos forçar o governo a incluir em acordos comerciais com outros países uma cláusula garantindo a circulação de missionários evangélicos. Ah, mas aí de repente é um país islâmico, ou comunista como a China, simples, basta a gente dizer que somos (evangélicos) cultura e aí entramos lá como representantes culturais brasileiros para pregar” (Marcos Pereira, presidente do PRB).

Não pretendemos aqui julgar a fala de Pereira, tampouco seguir um caminho denunciatório que atribui cinismo aos atores quando estes anunciam que seu grupo religioso possui um partido político (após ter negado o fato em diversas ocasiões) em um evento limitado a evangélicos e alguns convidados externos. De acordo com Goffman (2011), uma *ocasião social* compreende a presença imediata de duas ou mais pessoas e é responsável por fornecer o “contexto social estruturante” para que as situações e ajuntamentos se formem e, assim, um padrão de comportamento seja estabelecido. A *copresença*, implicada na *ocasião social*, traz uma série de questões aos atores, estimulando a *reflexividade*, uma vez que os gestos corporais, comunicações, forma de se expressar serão pautadas pela interação, tornando-se objetos de autocontrole reflexivo dos indivíduos. Sendo assim, todas as pessoas revelam ou ocultam certas informações, portam-se de uma dada maneira e não de outra, dependendo da *ocasião social* e e dos envolvidos em situações de *copresença*. O mesmo Marcos Pereira negou em diversas ocasiões públicas, cercado por jornalistas e/ou atores de outras siglas políticas, de que seu partido tivesse ligação com a Universal. Agora, no mesmo cenário, o ambiente legislativo, mas em evento reservado a evangélicos, o presidente da sigla fez questão de indicar o pertencimento do PRB à IURD, assim como revelar quais igrejas evangélicas possuem partidos políticos. Percebemos como a *reflexividade* face às situações vividas permite que os atores mobilizem ou não argumentos e informações que possam revelar o estigma de pertencer a uma igreja evangélica. É interessante também destacar como os atores trabalham a *perlocução* em suas

ações, isto é, a tentativa de ocultar um interesse a uma ação de fala (Habermas, 2012). A entrada de missionários evangélicos como “representantes culturais”, em países em que a atividade missionária é proibida, esconde, segundo o próprio Marcos, uma intenção de evangelização por meio do rótulo de cultura. Assim, há uma elaboração estratégica para transformar um ato de fala em uma ação teleológica. O sucesso ilocucionário, isto é, o entendimento das autoridades estrangeiras dos evangélicos como cultura é a condição para a realização do efeito perlocucionário, isto é da intenção oculta da evangelização. A *reflexividade* em torno da categoria religião pode levar os atores a classificá-la como cultura, quando isso atende a seus interesses e, ao mesmo tempo, afirmar que ela se trata de uma questão de foro privado, ou ainda afirmar que ela estrutura e guia suas ações para garantir a existência desse modo de vida. Todavia, o repertório normativo mobilizado por Pereira não é necessariamente religioso. Ao afirmar que o governo brasileiro deve incluir essas cláusulas, pauta-se em um princípio de liberdade oriundo da democracia liberal, o direito ao culto religioso.

Se compararmos o trabalho normativo no que concerne à laicidade do PRB, em dispositivos distintos, veremos que Marcos Pereira o classifica como sem nenhuma influência da Igreja Universal, além de destacar a presença de membros de outras filiações religiosas, principalmente católicos. Nas situações propostas por dispositivos dentro de um espaço fechado, o presidente indica o controle partidário por parte da IURD. No que tange à presença dos evangélicos na política, Pereira nunca abordou o tema diretamente, tampouco participou dos cultos dentro da Câmara dos Deputados, organizados pela Bancada Evangélica. Já quando exposto a uma situação, em dispositivo distinto, ressaltou a força da Frente Parlamentar Evangélica, avaliando-a como indispensável à governabilidade de qualquer presidente, assim como a importância de participar ativamente da política e de usá-la para alcançar os fins almejados pelas igrejas.

A expansão da atuação missionária das igrejas é percebida por ele como algo muito importante, levando-o a citar a presença da Universal em diversos países e a dificuldade para entrar no continente asiático e no Oriente Médio. Pereira amparou sua ideia de inclusão de cláusulas de circulação de missionários em acordos comerciais no Tratado de Comércio e Navegação de 1810, entre a Coroa Portuguesa e a Inglaterra. Nesse documento, os dois países asseguraram a liberdade de culto dos cidadãos ingleses em solo brasileiro, o que permitiu a vinda dos primeiros líderes anglicanos e a formação das primeiras igrejas anglicanas no país. Na avaliação do presidente do PRB, a estratégia dos ingleses deve ser copiada, com a inserção

de cláusulas discretas que garantam a entrada de missionários em países sem liberdade de culto, a fim de expandir o cristianismo.

O alerta construído pelos atores denuncia a substituição do conceito de sexo por gênero, o que levaria, em sua visão, a uma pluralidade de escolhas e de preferências sexuais que extinguirão o papel de homem e mulher e, conseqüentemente, a família brasileira tradicional (sic). A efetividade do alerta passa pela diversidade dos grupos envolvidos em sua construção: diferentes instituições religiosas e seus líderes assim como políticos ligados à Bancada Evangélica. Na percepção dos atores, o perigo divide-se em dois momentos, o imediato, representado pela exposição das crianças ao conteúdo de gênero previsto no Plano Nacional da Educação e o futuro, mas que “já está acontecendo”, o fim da família brasileira. (Chateauraynaud, 2012)

Essa construção de risco compreende também a possibilidade de ficar fora da política. De acordo com Pereira, os evangélicos precisam participar do processo eleitoral para se defender dos potenciais riscos representados por outros grupos sociais e também da Igreja Católica, que pode voltar a buscar uma participação hegemônica e privilegiada dentro do Estado brasileiro. Nisso, o grupo poderia perder espaço e até mesmo “ser perseguido”, por isso, a necessidade de ocupação de cargos eletivos para que os interesses evangélicos sejam representados e que o “povo de Deus” possa ser defendido de grupos favoráveis ao aborto, drogas e à ideologia de gênero. Logo, a forma de gerir o risco inerente à sociedade moderna, com a pluralidade de outros grupos sociais, é a presença no jogo político, pois assim os evangélicos podem se opor a projetos e também usar a estrutura governamental para o fortalecimento das instituições religiosas. Dessa forma, o trabalho normativo dos atores classifica a política como proteção contra os perigos de transformações sociais inerentes à modernidade. Por outro lado, os atores face a esse dispositivo classificaram os grupos políticos com ideias opostas como contrários à família e “modernos”.

A cerimônia foi encerrada após uma corrente de oração, em que todos deram as mãos e pediram para que Deus intercedesse por São Paulo, ajudando o município a encontrar seu caminho. No final, todos os presentes receberam um kit contendo informativo de Jean Madeira, o segundo volume da biografia de Edir Macedo e o livro “O Respeito à Experiência”, do vereador e bispo licenciado Atilio Francisco. Muitas pessoas pediam para tirar fotos com as “celebridades” Bispo Gê, Jean Madeira e Marcos Pereira. Em conversa informal, Gê, líder da

Renascer, afirmou que gostou da atitude da Universal de ter homenageado outras instituições e aberto as portas da Câmara para diferentes denominações evangélicas. “Nosso povo precisa de união”.

Enquanto deixava o edifício da Câmara, conversei com três homens e uma mulher, todos fiéis da Avivamento Bíblico, comentavam a mudança da Universal. Segundo eles, é impressionante a mudança pela qual a IURD passou, valorizando o trabalho de outras igrejas, buscando parcerias e auxiliando outras lideranças. “Nossa, antes eles eram fechados. Eles lá, nós aqui. Agora não. Todo mundo irmão mesmo. Fomos super bem recebidos pelo Vereador e equipe. Uma benção. É bom saber que a gente tem essa opção também na política, saber que vamos votar em homens de Deus que vão representar todos os evangélicos”.

Conforme relatado anteriormente, a Universal parece desfrutar de uma nova posição no meio evangélico graças a seu projeto político. A homenagem atraiu diversas lideranças evangélicas à Câmara e o PRB conseguiu novos filiados, de outras denominações, pelo que me foi relatado posteriormente por assessoras do partido. Sendo assim, a sigla aparece como uma possibilidade de colocar diversos atores religiosos em interação e romper a imagem isolada que a instituição tinha perante outras denominações (Mariano, 2004). Em diversos momentos, os atores do PRB vão classificar o partido como “de todos”, principalmente nos eventos interdenominacionais, configurando-o não como uma alternativa não somente aos iurdianos, mas aos evangélicos em geral.

Os Gladiadores do Altar: julgamentos e avaliação entre política e religião

Em 2015, o deputado federal Jean Willys (PSOL-RJ) compartilhou em seu perfil oficial na rede *Instagram*⁷⁷ uma foto e o link de um vídeo postado no *Facebook* pela Universal do Ceará sobre o programa “Gladiadores do Altar”. Nele, podíamos ver jovens trajando roupas camufladas e verde escuras, em alusão à indumentária militar, marchando até o altar do culto. Em seguida, o pastor grita: “Gladiadores, alto”! Os jovens param e permanecem na posição militar de sentido, pernas e braços juntos ao corpo. Nova ordem de descansar e abrem as pernas com as mãos voltadas para trás, exatamente como as posturas do Exército. “De frente para

77 <https://www.instagram.com/p/zs0XEQCkkR/>

retaguarda” e todos se viram em direção ao altar. O pastor então pergunta: “o que vocês querem”? Os gladiadores respondem em uníssono: “o altar! O altar!”. Os garotos repetem então uma oração realizada pelo líder religioso como se fossem soldados, gritando a cada palavra proferida. No final do vídeo, são novamente indagados sobre o que querem e afirmam que desejam o “altar! O altar!”.

Em sua postagem, Willys afirma que o grupo seria uma milícia fundamentalista que representaria um perigo aos direitos individuais e às minorias e que algo precisa ser feito antes que os “infieis” começassem a ser empurrados do alto dos prédios, como “vem fazendo os membros do Estado Islâmico”. Ainda alertou que o fundamentalismo cristão pode ser tão perigoso quanto o islâmico e que os gladiadores seriam o “monstro que emerge da lagoa”. Em pouco tempo, a postagem foi replicada nas redes sociais e o vídeo chegou a ter mais de um milhão de visualizações, sendo compartilhado mais de 30 mil vezes, antes de ser deletado pelos responsáveis pela página da IURD Ceará no Facebook. Ainda nas redes sociais e também em sites de notícias, diversos outros vídeos sobre os Gladiadores do Altar que se encontravam no YouTube foram compartilhados por usuários.

O caso ganhou grande exposição e foi noticiado por grandes meios de comunicação do país como *Portal UOL*, *O Globo*, *Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*, entre outros. A Universal, por meio de sua assessoria⁷⁸, afirmou que a interpretação do parlamentar era “absurda” e que as acusações de Willys foram motivadas pela mistura de seu “ódio, associado à burrice, levando-o a cometer injúria”. Além disso, a instituição também pediu aos meios de comunicação que averiguassem os fatos, uma vez que o projeto seria uma “iniciativa que visa somente a disciplina espiritual e que os gladiadores pertencem ao Força Jovem Universal, grupo que desenvolve diversas ações sociais em todo o país para promoção da cidadania e auxílio a pessoas carentes”.

O texto também ressaltou que condenar um grupo de jovens que marcha e canta em uma igreja seria tão absurdo quanto enxergar motivação fascista em grupos que também fazem alusão ao estilo militar como, por exemplo, os Escoteiros e o Exército de Salvação. Em entrevista à rádio Gaúcha, Willys declarou que o propósito dos gladiadores não estava claro e que o grupo já possuía uma gramática militar e que a história fornecia exemplos semelhantes, como o movimento integralista de Plínio Salgado, que era um “fanático católico”. O

78 <http://www.universal.org/noticia/2015/03/03/universal-responde-ataque-de-deputado-federal-32349.html>

parlamentar afirmou que os “fanáticos islâmicos” também começaram um exército para servir Alá. Segundo Wyllys, se a motivação militar não estivesse por trás dos Gladiadores, não haveria motivo para a Universal retirar os vídeos do ar. Em sua visão, a igreja tem noção de que o grupo é inspirado em organizações paramilitares. “Quando se mistura fundamentalismo religioso com formação militar é muito preocupante”, afirmou Wyllys. Para ele, a formação militar pressupõe a constituição de um inimigo. Indaga ainda quem seria então o inimigo dos gladiadores: “homossexuais, praticantes de religiões afro, ateus, aqueles que não professam o neopentecostalismo”? Ele mesmo responde e diz que não pretende acusar e que “não sabemos até que ponto o grupo pode chegar” e, por isso, cobrará medidas do Ministério Público para investigar o grupo e suas ações.

Para completar sua entrevista, declarou que a sociedade foi leniente com os evangélicos, por associar o cristianismo a algo bom, permitindo que se tornassem uma potência econômica e posteriormente política. Também questionou o porquê da necessidade dos *Gladiadores* serem homens e de se trajarem com vestes militares.

O caso dos Gladiadores do Altar tornou-se um problema público, com a participação de diversos atores sociais julgando e avaliando processos religiosos. Entendo aqui o problema público como as “implicações de definição e de maestria de situações problemáticas e, portanto, as implicações de controvérsias e de enfrentamentos entre atores coletivos nas arenas públicas” (Cefai, 1996, p. 32, tradução minha). Segundo o autor, eles implicam um sistema actancial, baseado em um sistema jurídico, isto é, com um denunciante tornando público os danos sofridos pelas vítimas a um destinatário, no caso, “o tribunal da opinião pública”.

A emergência dessa arena possibilitou a observação dos julgamentos e classificações empreendidos pelos atores em relação à política e à religião. Nesse processo, diversos agentes classificaram a Universal e os evangélicos como “fundamentalistas”, “câncer”, “intolerantes”, “homofóbicos” e propensos à consumação de atos de violência contra minorias. Nas redes sociais, os atores relacionaram a criação de um “exército” a iniciativas como a “Inquisição”, “nazismo”, “integralismo”, “Ku Klux Klan” e Estado Islâmico. A adoção de práticas militares foi percebida com temor e espanto por esses atores, que classificaram a iniciativa como um perigo potencial para o resto da sociedade brasileira. Os atores mobilizam a existência dos Gladiadores do Altar como um risco, na tentativa de construção de um futuro

evidente. Segundo eles, se a intolerância e perseguição a minorias se dá no presente, em um futuro próximo um exército agravaria esse processo, com a violência generalizada contra “infiéis”. Nesse processo de produção de um risco, o fundamentalismo islâmico é mobilizado como algo existente e concreto e que serve de alerta, uma vez que o fundamentalismo cristão teria, em sua perspectiva, potencial para igualá-lo no futuro. Dessa forma, os atores traçam um paralelo entre os “fundamentalismos”, realçando o que percebem como elementos comuns: intolerância a outros grupos religiosos, ódio contra homossexuais e, finalmente, a estética e disciplina militar. Nisso, buscam denunciar esse uso considerado indevido da religião nas redes sociais, construindo um risco futuro engendrado na incorporação de valores e formas militares.

Para evitar esse suposto futuro, os atores exigem ação de outras instâncias, como do Ministério Público, e também pedem a mobilização coletiva, por meio de compartilhamentos dos vídeos nas redes sociais, para que “a sociedade tenha consciência do risco que corre, para o Brasil não virar um Estado Islâmico, com os evangélicos já dominando tudo e tendo um exército”. Na escala desenvolvida por Chateauraynaud (2012) para pensar a temporalidade do risco, esse processo seria classificado como antecipação, uma vez que os atores afirmam que o desenvolvimento do risco se dá em tempo acelerado. A lógica de ação é encarada como o agir em um “processo já em curso”, já que os evangélicos “organizaram um exército” e “contam com poder midiático, econômico e político”. Na construção do alerta, os atores produzem uma autocrítica com relação à sua passividade frente à ascensão evangélica nas últimas décadas. Wyllys afirma que isso se deu por conta da sociedade tomar o cristianismo como bom e não refletir acerca dos riscos que se encontram nele.

Muitos atores que se autointitulam evangélicos rechaçaram as críticas e a postagem do deputado. Segundo eles, trata-se de um enorme preconceito e de uma campanha de difamação contra a IURD e outros evangélicos por parte do deputado. “Desse cara a gente espera tudo. Só sabe atacar e depois se fazer de vítima. Engraçado que ele não falou nada e nem fez algo quando esses jovens estavam nas drogas”. Muitos membros da igreja afirmaram que os Gladiadores tinham como objetivo apenas ações internas na Universal e a promoção da disciplina para os jovens que almejam o altar. Segundo eles, o foco do projeto era completamente interno e os Gladiadores não realizariam atividades externas. “Isso era uma coreografia só para apresentar para as pessoas na Igreja e transformaram isso em terrorismo. Nunca teve prática militar, os meninos só liam a Bíblia. De certa forma, isso era uma brincadeira saudável, que fazia os meninos felizes e os motivava”, explica um pastor.

Os atores que se denominam evangélicos afirmaram que essa confusão foi alimentada pelo preconceito e ódio contra os cristãos. Internamente, vários membros da IURD reclamaram da postura de Wyllys, acusado de disseminar o ódio e inverdade contra todos os evangélicos. Alguns afirmaram que o deputado, que tanto reclama do ódio e preconceito, usa desse mesmo preceito em suas ações. Também classificaram a exposição como um ataque à liberdade religiosa, além de tecerem críticas aos políticos de esquerda. “Esse pessoal acusa a gente de violento, fanático, mas depois fica ali elogiando *black block* que promove violência de verdade e machuca gente. É muita hipocrisia”. Segundo eles, além desses políticos quererem impor sua agenda à revelia da maioria, não aceitam a religiosidade evangélica, tampouco sua participação na política. “Agora, a gente não tem direito a ter representante. Que absurdo! Eles tem e a gente não? Somos cidadãos também!”

Em resposta às afirmações de Jean Wyllys, o deputado federal Carlos Gomes (PRB-RS), também pastor da Universal, declarou à rádio Gaúcha⁷⁹ que se tratava de um erro de interpretação e de uma comparação absurda, uma vez que o Estado Islâmico degolava, principalmente, cristãos. Segundo ele, a indumentária militar utilizada pelo grupo pode ser explicada pela Bíblia que denomina Deus como o “Senhor dos Exércitos” e que prega uma “batalha do bem contra o mal”. Para ele, isso foi uma ideia dos próprios jovens para motivação do processo de evangelização e não existe qualquer tipo de treinamento militar na igreja. Além disso, não haveria registro nenhum de violência por parte de um membro dos “Gladiadores do Altar”. “Isso é algo no campo espiritual. Uma questão de formação, uma apresentação na Igreja”. Segundo ele, a preocupação de Wyllys é válida, mas explicada pelo seu desconhecimento do que se passa no interior da instituição.

As críticas com relação à incorporação de vestimentas e trejeitos militares foram consideradas injustas. Para esses atores evangélicos, muitos grupos sociais fazem uso de elementos militares no país, tais como torcidas organizadas, escoteiros, cursos de formação de operadores de telemarketing, etc. A repercussão negativa revelaria para eles a intolerância do resto da sociedade com relação aos evangélicos, uma vez que a mesma crítica não é realizada aos grupos supracitados. O deputado Marco Feliciano (PSC-SP), pastor da Igreja Assembleia

79 Disponível em <http://videos.clicrbs.com.br/rs/gaucha/audio/radio-gaucha/2015/03/ouca-entrevista-com-deputado-gaucho-carlos-gomes-prb-gaucha-Atualidade/115694/> Acesso em 22/01/2016

de Deus – Ministério do Avivamento Bíblico, declarou⁸⁰ seu apoio à Universal e afirmou que “Wyllys não se cansa de atacar os cristãos com inverdades”. Para o deputado Feliciano, os valores militares são inerentes à nossa cultura e as afirmações de Jean Wyllys mostram que ele é contrário a esses jovens, pois pretende iniciá-los na “abominação e concupiscência”. Segundo ele, o psolista deveria se “informar sobre Che Guevara, “que matava homossexuais”, antes de comparar os jovens da IURD ao fundamentalismo islâmico.

A expectativa normativa dos atores em relação à religião, encontra-se dividida. Parte deles acreditam que as práticas desenvolvidas pelos Gladiadores não se coadunam com os valores considerados salutareos em uma sociedade democrática e secular e consistem em uma ameaça real às instituições e aos direitos das minorias. Outros afirmam que a religião não pode ser tutelada justamente em respeito aos valores estabelecidos pela democracia. De fato, há uma confrontação entre os atores em torno da expressão da religiosidade em um Estado democrático de direito. Da perspectiva religiosa parte também uma série de julgamentos sobre a política. Encarada pelos atores como nula e ineficaz na resolução dos problemas cotidianos, a instituição religiosa “faz o que o Estado deveria fazer”, no que tange ao bem-estar social. Além disso, grupos de esquerda são considerados opressivos por parte dos atores, que os acusam de tentar “impor” seus valores e modos de vida.

Após a repercussão negativa, a Universal encerrou o projeto e deletou os vídeos existentes em suas contas no YouTube. De acordo com o pastor Durval, “isso deu muita polêmica, o pessoal ia continuar achando ruim. Melhor parar por aqui. Uma pena que fizeram uma tempestade em copo d’água. Hoje em dia todos os jovens brincam com as falas do filme Tropa de Elite”. A pressão de diversos representantes de religiões afro brasileiras, com a constituição de denúncia junto ao Ministério Público Federal, na Bahia, fez com que o órgão acolhesse a denúncia e investigasse a Igreja Universal. Houve protestos organizados pela comunidade candomblecista e umbandista no Rio de Janeiro contra o projeto da IURD, assim como uma intervenção artística das “Amazonas do Fervo”, coletivo *queer* que se coloca como antagonista aos Gladiadores, em São Paulo. O grupo realizou uma performance ao lado da estação da Luz, em São Paulo, para protestar contra o projeto da IURD e afirmar a autonomia de seus corpos.

80 Disponível em <https://noticias.gospelprime.com.br/feliciano-wyllys-gladiadores-do-altar/> Acesso em 01/04/2016

Após a investigação realizada pelo MPF, a justiça conclui que o grupo não representava um perigo, tampouco constituía-se como milícia. Nas palavras da procuradora da República, Maria Beatriz Gonçalves:

Nessa toada, a representação ofertada neste MPF bem como outras manifestações e opiniões pessoais em relação aos “Gladiadores do Altar” não passam de meras suposições e conspirações sobre eventual regime de incitação ao ódio e à intolerância submetidos a seus participantes, considerando que não trouxeram qualquer prova apta a ensejar a adoção de medidas judiciais pelos órgãos do Ministério Público Federal.

Capítulo 6 - “Vem pra Rua”: manifestações no espaço público e a cidadania evangélica

O grupo Juventude Contra o Crack, criado pelo vereador Jean Madeira (PRB-SP), organizou uma marcha intitulada “Por uma vida sem drogas”, em dezembro de 2013, que saiu da Pinacoteca do Estado, no bairro da Luz, até o Anhangabaú, onde haveria um show com diversos grupos musicais e presença de celebridades da TV Record, além de tendas para informações sobre internações, grupos narcóticos anônimos e também encaminhamentos para internações. Alguns jovens do PRB decidiram apoiar o evento e organizaram um encontro na Igreja Universal, com membros do Força Jovem, a fim de produzir cartazes e discutirem a participação na caminhada.

Em uma tarde de sábado, encontrei Natália e Sérgio, ambos militantes do PRB, na Catedral da Fé do bairro de Santo Amaro, na avenida João Dias. Após ser muito bem recebido por eles, começamos a conversar sobre a questão das drogas. Os dois me contaram sobre casos em suas famílias e como eles sofreram com o vício. Natália usava lança-perfume e álcool e Sérgio foi usuário de maconha. Segundo eles, o período nas drogas atrapalhou os estudos e causou uma série de sofrimentos a suas respectivas famílias. Por isso, atribuem total importância ao evento, uma vez que “isso vai ajudar muita gente a não passar pelo que passamos. Muita mãe e pai não vão sofrer como os nossos”. No Força Jovem, “libertaram-se” da droga e, hoje, tem uma vida disciplinada, bom desempenho nos estudos, ajudam em casa e são devotados a Deus.

Chegamos a uma edificação auxiliar, no estacionamento externo, atrás da Catedral e dos estúdios da TV Record. Ali, naquele prédio simples em comparação à opulenta edificação, ocorriam as reuniões e atividades do Força Jovem de Santo Amaro, além de encontros diversos da Igreja, conforme a necessidade. O local, com capacidade para cerca de 100 pessoas, contava com cerca de trinta jovens, na faixa de 16 a 20 anos, sentados e conversando entre si. Os mais jovens portavam bonés e camisetas de *Hip hop*, com bermudas largas, enquanto que os mais velhos optavam por camisas polo e calça jeans. Muitos usavam a camisa azul e vermelha do Força Jovem, ou a camisa da campanha Viva Sem Drogas. Natália e Sérgio dirigiram-se ao púlpito e eu me sentei em uma fileira próxima do altar. Deram um sonoro ‘boa tarde’ e agradeceram a presença de todos.

“Não tenho certeza se os outros líderes já explicaram, então vamos explicar de novo. A gente está aqui para organizar um evento muito importante para lutar contra as drogas. Vamos cuidar da organização hoje aqui, viu? Como já deve ter sido passado, gente, nada de falar que é de FJU (Força Jovem Universal), usar roupa da Igreja, ou escrever coisa religiosa nos cartazes, tá? O evento é do PRB, organizado pelo pastor Jean que era aqui do Força Jovem. Vocês lembram né? Do nosso partido. Então, o evento é nosso também, Força Jovem! Bora trabalhar” (Natália, 18 anos).

Uma das primeiras situações trazidas pelo dispositivo foi a questão de como se comportar no espaço público. De início, os jovens começaram a discutir as roupas que deveriam usar no evento. Muitos falaram que gostariam de ir com a camisa vermelha e azul do Força Jovem, mas os líderes explicaram que todos receberiam a camiseta branca com os dizeres “Por uma vida sem drogas” e que deveriam ir com ela. Em caso de perda, ou se alguém ficasse sem camiseta, deveria optar por um tema neutro.

“Acho muito bom ir assim, pois a manifestação fica organizada. Nós sabemos quem é quem, não dá bagunça. Sem contar que fica muito mais bonito. Também ajuda na identificação da polícia, se alguém se perder. Essa é a diferença entre a gente e o pessoal da Paulista que só queria bagunçar (manifestações de Junho). Tudo direitinho, bem organizado. Desse jeito, o povo vai olhar e a gente vai conseguir passar nossa mensagem, pois todo mundo vai ver que é uma causa séria e que ninguém está na rua para badernar” (Diogo, estudante, 17 anos).

Todos concordaram com Diogo e aprovaram a ideia da padronização, pois acreditavam que isso passaria credibilidade e ajudaria a divulgar mais o evento, chamando a atenção dos transeuntes. Uma jovem, de nome Roberta, levantou a possibilidade de levar uma bandeira da Força Jovem, ao que Sérgio respondeu que não seria uma boa ideia, pois associaria a imagem da passeata e do vereador à Igreja e “as pessoas tem preconceito e são intolerantes com a gente”. Explicaram a ela que nem sempre se prega Cristo falando diretamente dele, mas sim por meio das atitudes. “Olha, só de você estar ali, bem vestida, por uma causa nobre, ajudando tanta gente, você já está pregando a palavra”, disse Natália.

Sendo assim, decidiram que deveriam usar roupas leves devido ao calor, mas de boa qualidade, para mostrar que são prósperos e também se contrapor tanto aos manifestantes que ocuparam a avenida Paulista em 2013, quanto ao estereótipo do usuário de droga. “Quando a gente (Força Jovem) fez uma manifestação lá no Brás, a gente passava e o povo batia palma. Ninguém tinha medo. Todo mundo arrumado. Viram que era gente de bem”, conta Fernanda. A boa aparência é encarada como uma forma de mostrar aos outros o que é viver sem drogas.

“Quem não usa drogas está feliz, bem vestido, bem alimentado, saudável, limpinho. A gente tem que mostrar isso. Até os viciados (sic) ali da Cracolândia vão ter vontade de ter uma vida assim. Precisa mostrar que é algo melhor”, segundo Elton, 18 anos.

Começo a perceber por meio do trabalho normativo dos atores uma tendência interessante: as manifestações promovidas por outros grupos políticos são sempre mobilizadas pelos agentes do Força Jovem/PRB Jovem como um contraponto a sua forma de se manifestar e estar no espaço público.

Na sequência, os atores foram confrontados ao tema da confecção dos cartazes. Muitos frisavam a importância de elaborar uma mensagem concisa e forte nas cartolinas. A instrução era para que escrevessem primeiro a frase no papel e depois, cuidadosamente, passassem, com o uso de canetinha hidrográfica, para a cartolina. Um grupo de meninas, de 16 anos, decidiram escrever o nome de cada droga, riscada com um grande “X”, em preto. A ideia foi bem recebida por todos e as garotas começaram, sentadas no chão da Igreja, a escrever seus cartazes: Maconha, Cocaína, Crack, Cigarro e Cerveja.

Um garoto sugeriu “Deus sim, drogas não” e foi dissuadido pelos demais. Indagaram-no se ele havia compreendido de que os cartazes não deveriam conter material da igreja e ele respondeu que não estava falando de uma religião (da Universal), mas sim de Deus no geral. Alguns concordaram com sua fala, enquanto que outros acharam uma ideia arriscada. Por fim, Natália pediu-lhe que reformulasse a frase e o jovem optou por “Vida sim, drogas não”. Alguns julgaram importante falar sobre a família e elaboraram “Nenhuma mãe pode sofrer tanto”. Outros enfatizavam a letalidade dos entorpecentes como, por exemplo, “Crack mata”, ou “Drogas destroem sua vida”. Enquanto os jovens produziam suas faixas e cartolinas, Sérgio comentou comigo:

“Isso que eu gosto no PRB e também no Força Jovem. Nós temos causa, sabe? Quem é da periferia sabe como a droga destrói a vida de todo mundo, do usuário, da família e da sociedade com o tráfico e a violência. Acaba com rico, com pobre. Aqui a gente tem um problema e luta contra ele. Você vê nas manifestações ali da Paulista...só filhinho de papai. Ninguém nem sabe pelo que tá lutando. O pessoal quebra tudo, vandalismo. Como que eu vou numa coisa dessas? Eu não concordo com esse tipo de atitude. Aqui a gente é cidadão, propomos coisas e não quebramos nada. Não é por aí que vamos mudar o Brasil”. (Natália).

Sérgio concordou com ela e afirmou que chegou a ir a algumas manifestações, em Junho de 2013, na Paulista. Sua decepção foi enorme ao constatar “a falta de propostas, as provocações contra a Polícia e algumas faixas contra o cristianismo”. Segundo ele, sentiu-se ofendido diretamente como evangélico. Para ele, a juventude deve fazer política sem quebrar vidraças e chamando a população para participar. “Quantos negros você viu ali? Só tinha *playboyzinho*. O povo não gosta de baderna, de quebra-quebra. Isso só afastou as pessoas”, avalia. Em sua avaliação, as passeatas de Junho na Paulista não tiveram participação das classes populares, sendo dominadas por “*playboyzinhos*”. Na visão dos atores do PRB/Universal, as manifestações no espaço público devem ser feitas no final de semana, pois “quem é trabalhador não pode durante dia da semana”, com autorização da Polícia Militar, com suporte da CET e muita organização. De acordo com a percepção deles, isso minimiza a possibilidade de confrontos, brigas, violência e atrai maior número de pessoas para as ruas.

Para uma boa parte dos presentes, não falar sobre drogas, ou propor, a liberação delas é um desconhecimento das situações existentes nas periferias das grandes metrópoles e também desconsiderar a opinião das pessoas mais pobres.

“Lá na federal (universidade), quando fui falar com colegas sobre a importância de lutar contra as drogas, riram de mim. Não diretamente, mas percebi que debochavam. Talvez no bairro deles não tenha o que tem no meu e, por isso, não seja um problema (a droga) para eles. Agora, o pior é a minha opinião nem contar para eles. Isso acabou me afastando do movimento estudantil deles, quero participar sim do DCE, mas como oposição.” (Luciene, estudante universitária).

“A verdade é que nem eles sabem o que estão fazendo, ou o que querem. Eu também sou contra aumento de passagem, mas nem isso conseguiram passar direito pro público. No meu bairro ninguém nem sabia o que estavam propondo” (Márcio, 19 anos, estudante).

É interessante perceber que os atores classificam manifestantes pela classe social, usando o termo “playboy”. No que tange à produção de faixas, os jovens propuseram o nome do bairro, no lugar da referência à Força Jovem. A ideia foi bem recebida pelos coordenadores, que ficaram encarregados de produzir um *banner* em uma gráfica. Depois, passaram a discutir a questão da divulgação. Natália e Sérgio pediram para que todos os presentes divulgassem o evento em todas as redes sociais e convidassem todos os seus amigos na página do evento na rede *Facebook*. Alguns jovens ressaltaram que alguns artistas da *Record* gravaram depoimentos

convocando o público para o evento. “Precisamos compartilhar isso no Face e no *Instagram*”, comentaram alguns. Todos concordaram que os vídeos de celebridades ajudariam a mobilizar mais pessoas.

A pedido da organização, os jovens deveriam utilizar a hashtag⁸¹ #PorUmaVidaSemDrogas, para divulgar o evento e também para marcar as fotos no dia da passeata. De acordo com Natália e Sérgio, a ideia era “bombardar” o termo nas redes sociais. Porém, deveriam também utilizar outras *tags* para marcar as postagens e as fotos, associando-as à principal. Um jovem com cerca de 16 anos sugeriu, empolgadamente, a tag “TamoJuntoEmisturado”. O grupo próximo a eles apoiou a ideia, mas outros criticaram, pois, segundo eles, trata-se de uma tag já associada ao Força Jovem Universal.

Um jovem levantou a mão e sugeriu JuventudePRB, alguns se entreolharam e afirmaram que não sabiam o que era PRB. O proponente da ideia explicou então que o PRB era o partido do “Pastor Jean” e que representava os interesses do Força Jovem, contra as drogas. Ao que outros jovens responderam:

“Não acho isso uma boa ideia. A maior parte das pessoas está cansada dos políticos. Se falar que é de um partido, muita gente não vai querer ir” (Kleberson)

Sérgio concordou com a ponderação do jovem e afirmou que durante as manifestações na Paulista muitos eram contrários às bandeiras de partidos e que a classe política encontrava-se em descrédito. “Talvez seja melhor não colocar, pois pode queimar um pouco o evento. Por outro lado, é bom também marcar a presença do partido”, refletiu. Natália afirmou que a caminhada não deve ser diretamente associada a um partido político, ou a uma religião, pois, assim, atrairia mais pessoas. É interessante perceber como os atores “ascendem na generalidade” (Boltanski, 1993) deixando as causas e motivações mais individuais de lado por questões que concernem o bem comum. No caso, a capacidade reflexiva de Natália percebe maior chance de êxito se uma lógica mais individual (partido, religião) for suplantada por uma causa maior: as drogas.

Os coordenadores optaram por deixar o uso da *hashtag* PRBJuventude a cargo de cada um. Outras foram elaboradas durante o processo como, por exemplo, #DrogasNão,

81 Termo da Internet para designar uma palavra-chave associada a uma informação, usada para indexação no Twitter, Facebook, Instagram e Google+.

#Maconha, #Crack, etc. Um dos jovens sugeriu a *hashtag* VemPraRua, que se tornou famosa durante as manifestações de junho de 2013. Prontamente, Natália e Sérgio recusaram a ideia, pois alguns manifestantes de junho fizeram marchas na frente da Igreja Universal, ofendendo a instituição. Assim, disseram que os jovens não deveriam usar tal *hashtag*. Após a discussão do uso da Internet, a reunião se encerrou e os jovens deixaram o local, levando seus cartazes para casa.

As múltiplas socializações (Lahire, 2002) pelas quais passam esses atores resultam na aquisição de competências reflexivas para o agir em cada um desses mundos, uma capacidade de mobilização de repertórios e de apresentações de si para cada situação. Nos momentos em que esses atores saem do mundo da Igreja, onde há uma sociabilidade já estabelecida, com determinadas figuras conhecidas, enfim, uma continuidade contextual (Archer, 2003), há uma ruptura com o hábito e uma necessidade de aquisição de novos conhecimentos e competências para outros processos de interação. A situação que acabamos de discutir ilustra exatamente esse momento de passagem, a intersecção entre mundos distintos e como os atores percebem-nos e passam a um momento reflexivo. Se antes a vivência na Igreja era praticamente um *habitus*, enfim, algo pré-reflexivo, agora, tudo passa por uma reflexão: “com que roupa devo ir? O que posso ou não dizer?”. Evidentemente, em alguns momentos, dá-se uma “bola fora”, isto é, os atores, acostumados a certo tipo de mundo e ainda sem referenciais daquele contexto, diz algo ou age de forma indevida segundo a percepção de seus interlocutores. Após o erro, vem a reprimenda de outros atores, a fim de corrigi-lo e explicar o porquê não deve agir ou falar assim e que ali é indevido. Nesse contexto de interação intersubjetiva, os atores sociais conversam e explicam porque algo assim não deve ser feito. Tais informações serão processadas em conversações internas, jogando nova luz à ao processo de clarificação das ações. Em muitos casos, o resultado dessa clarificação é a necessidade de aquisição de novos saberes, o que engajará o ator em cursos, leituras, palestras. Tudo isso compreende um aprendizado reflexivo.

A caminhada

Na semana que antecedeu o evento, a Rede Record fez diversas inserções sobre a caminhada durante sua programação, com falas de diversos artistas da emissora, algumas ao

vivo. A mobilização foi apresentada por alguns deles como uma iniciativa da Clínica Grand House, uma das principais parceiras do gabinete de Jean Madeira. Já o site do PRB, que colocou a marcha em sua agenda oficial, destacava a iniciativa como sendo do vereador Madeira. Conforme destacado por Almeida (2013), a Universal precisa ser pensada como estrutura política/midiática/econômica e não simplesmente como religião.

No dia 07, todos deveriam se encontrar às 10h00, na frente da Pinacoteca, local da concentração, para iniciar a marcha até o Anhangabaú. Já no metrô Luz, diversos jovens, conversavam animadamente, trajando calças jeans e as camisetas brancas com o slogan “Por uma vida sem drogas”. Na frente da Pinacoteca, havia cerca de mais de mil pessoas. Havia muita gente na faixa dos 40 anos. Presumo que eram convidados da Clínica Grand House, uma vez que conversavam entre si sobre a clínica e internações. Os membros do Força Jovem estavam agrupados embaixo da sombra de uma grande árvore, uma vez que o sol era muito forte naquele dia. Conversavam animadamente sobre a possibilidade de encontrarem o Yudi, o Kleber BamBam e outros artistas. Queriam tirar fotos com eles. Natália explicou-me que haviam combinado de abrir as mãos, formando o número dez, na hora das fotografias do evento e da filmagem, a fim de marcar a presença do PRB. Confessou-me também que estava preocupada:

“Ai, tem um pessoal muito novo aqui que nunca participou de nada do PRB. Tenho medo que eles acabem soltando, ou fazendo qualquer coisa que remeta ao FJU. Eles não tem muita noção. Bom, pelo menos veio todo mundo vestido direitinho e com os cartazes” (Natalia).

A bateria da Nenê da Vila Matilde começou a batucada e a marcha seguiu seu rumo. As ruas pelas quais iria passar já haviam sido previamente interditadas pela CET – Companhia de Engenharia de Tráfego. Os jovens mostravam seus cartazes, segurando-os com os braços esticados. Enquanto isso, eram fotografados por outros participantes, a fim de publicarem os registros nas redes sociais. Conforme combinado, faziam o número dez com as mãos e sorriam, enquanto outros suspendiam os cartazes atrás. As pessoas nos bares e transeuntes observavam a manifestação e alguns tiravam fotos. Alguns acenavam para os manifestantes e recebiam acenos de volta.

Na caminhada estavam presentes o deputado Antônio Bulhões (PRB-SP), Gilmaci Santos (PRB-SP), a cantora Sula Miranda, responsável pelo PRB Transportes e os vereadores Jean Madeira, Atílio Francisco e Ota (PSB-SP). Muitos pediam para tirar fotos com eles, no que eram atendidos prontamente. Alguns manifestantes puxavam o coro “Drogas Não”. Os transeuntes que entrevistei elogiaram a medida e disseram que seria bom se mais pessoas se engajassem nessa questão. Nenhuma delas associou o evento a um partido, ou a uma instituição religiosa.

Chegando perto do Anhangabaú, era possível ver uma concentração de pessoas, alheias à passeata, na frente do palco, aguardando pelos shows. Os manifestantes se acomodaram ao redor, enquanto o sistema de som anunciava o início do evento “dentro de alguns instantes”. O apresentador Luciano Faccioli, da TV Record, entrou em cena e agradeceu a presença de todos, alertando para a importância da luta contra o crack. Faccioli foi o responsável por comandar as atrações. Diversos grupos musicais se apresentaram, assim como os humoristas Yudi Tamashiro e Marquito, além do DJ Kleber Bambam. O diretor da Record, Delmar Andrade, também esteve presente e ressaltou que iniciativas como essa ajudam dependentes químicos a encontrar tratamento e outras pessoas que venceram o vício, motivando-as a seguir em frente, além de alertar a sociedade sobre os malefícios da droga.

Próximo ao palco, os organizadores montaram algumas tendas, nas quais as pessoas podiam, gratuitamente, auferir a pressão arterial, receber uma sessão rápida de massagem, testes de glicose e orientação de voluntários do Narcóticos Anônimos, Alcoólicos Anônimos e Casa Dia São Paulo. O público recebia panfletos e explicações breves de como lidar com um familiar usuário de drogas, como convencê-lo a buscar ajuda e minimizar os riscos de conflitos e crises. Segundo eles, a violência só gerava mais problemas, levando a pessoa a sair do ambiente doméstico e ir para a rua, onde ficaria mais vulnerável à ação de traficantes e violência de outros usuários, além do aumento de doses da(s) droga(s) utilizadas. Os familiares também recebiam palavras de conforto e escutavam depoimentos de membros dessas associações que também passaram pela mesma situação. Outros voluntários dedicavam-se a explicar aos pais como perceber se os filhos estão usando drogas. Olhos vermelhos, piora no rendimento escolar, agressividade, insônia ou excesso de sono foram listados como alguns dos “sintomas” mais comuns.

Muitos procuravam encaminhamento para os filhos. É o caso de Marli, 42 anos:

“Não sei mais o que fazer com o Douglas. Já briguei, já tentei trancar em casa e o menino só quer saber de fumar crack. Largou os estudos, não trabalha, quebra a casa toda, é violento. Ele era um menino tão bom, tão calmo, aí começou a andar com uma molecada do bairro e estragaram ele. Eu preciso de ajuda, não aguento mais. Só quero meu filho de volta. Um dia ele ainda vai morrer”.

Segundo ela, passava pela região e viu os cartazes e decidiu seguir para ver do que se tratava. Marli afirma que Douglas, 18 anos, recusa ajuda, já foi detido duas vezes por furto, para bancar a droga, e não estava em casa nos últimos dias. Ela foi encaminhada pelos monitores para conversar com um representante da Clínica Dia São Paulo, onde seu filho poderia ser atendido pelo programa Recomeço, do governo estadual. Ela saiu animada da conversa, segura de que seu filho finalmente conseguiria largar as drogas. Atenta à nossa conversa, Sônia manifestou-se após a saída de Marli. Segundo ela, internação não adianta, uma vez que seu filho já passou por três e sempre volta ao crack. “O sofrimento dela está só começando”. Ela acredita ser impossível parar sem vontade e tentava convencer o filho a participar das reuniões do Narcóticos Anônimos, mas ele não demonstrava interesse. Nisso, começamos a interagir com Luana, do movimento Juventude Contra o Crack. Ao ver o desespero de Sônia que relatava os problemas cotidianos com seu filho, Luana a tranquilizou:

“Não fica assim te entendo perfeitamente. Dá medo mesmo. Eu fiquei oito anos nas drogas e cinco nas ruas. Minha mãe me procurava no IML, achava que eu estava morta. Comia do lixo, mas eu consegui sair e seu filho também vai. A gente vai cuidar dele, não fica assim. Você é uma boa mãe, forte e Deus tem algo maior para o seu filho. Ele vai conseguir também. Eu só saí com a ajuda de Cristo, por conta de duas pessoas que me trouxeram a palavra e me libertaram. Antes, já tinha tentado remédio e tudo mais. Eu estava vivendo na Cracolândia como zumbi, comia lixo. Só isso funciona: a fé”.

O trabalho normativo dos atores em torno das drogas varia conforme a sequência que é colocada pelo dispositivo. Quando num contexto público, isto é, na expressão de discursos nos cartazes, em falas oficiais para o blog do PRB, ou mesmo no palco, os atores mobilizam um repertório normativo que não envolve nada que possa ser aparentemente classificado como religioso para se referir às drogas e aos tratamentos possíveis para usuários. As substâncias são abordadas de forma negativa, mas sem o uso de termos religiosos para condená-las, e os tratamentos sugeridos encaixam-se dentro de uma ordem estabelecida pelo saber médico, ou seja, internação, medicação e terapia em grupo.

A própria mobilização se deu em parceria com outros atores, ligados ao universo médico, que não mobilizam, em seu trabalho de julgamento, repertórios ligados à religião. Além disso, as tendas organizadas pelo evento contemplaram somente iniciativas desses atores parceiros, como, por exemplo, a tenda de uma clínica para informações sobre desintoxicação e também a do Narcóticos Anônimos. Não havia nenhuma tenda do Juventude Contra o Crack, mesmo se o grupo era um dos principais organizadores. Aliás, nenhuma menção foi realizada acerca da ligação entre o Juventude Contra o Crack e a Igreja Universal. Desse modo, nos momentos colocados pelo dispositivo em que havia a presença de uma gama maior de atores sociais, assim como uma possibilidade de publicização mais elevada, o repertório normativo não fazia menção à religiosidade, tampouco às possibilidades de tratamento ligadas a ela.

Porém, em momentos mais íntimos, de conversas reservadas com outros atores, o repertório envolvia uma base religiosa. Os próprios tratamentos de internação tão exaltados pelos atores do PRB/Universal e por boa parte de outros atores religiosos presentes como uma medida fundamental para “curar o vício” e “ajudar o viciado” são colocados em segundo plano por outros atores nesses momentos mais íntimos. Segundo alguns membros do Juventude Contra o Crack, os tratamentos de internação são ineficazes, como transparece na narrativa pessoal de Luana sobre seu problema com a droga. A cura, a solução definitiva viria somente pela aceitação de Jesus e a consequente transformação.

Isso não significa que esses atores sejam contra o método de internação, ou que não se mobilizam por ele, mas sim que não o veem como uma alternativa eficaz se isolado da fé cristã. Conforme a própria mobilização dos atores indica, há uma pressão desses agentes pela internação, tanto no que tange a pedir verbas quanto a divulgar esse serviço para a sociedade e ajudar na sua organização por meio de sua presença na esfera governamental, seja no gabinete de Madeira, ou na Secretaria de Desenvolvimento Social do Estado de São Paulo.

Capítulo 7. Conservador: ser ou não ser?

Nas interações com outros atores sociais, os evangélicos são rotulados frequentemente como politicamente conservadores. A partir do trabalho de campo realizado, o uso do termo conservador para autodefinição, ou julgamento de uma pessoa, ou ideia não foi utilizado pelos jovens militantes, tampouco por coordenadores do partido. Entretanto, quando passamos ao plano dos deputados federais, o termo passa a ser muito mais mobilizado. O parlamentar Antônio Bulhões (PRB-SP) e bispo licenciado da Igreja Universal define-se como um conservador em postagens nas principais redes sociais e também em falas públicas, além de destacar sua admiração ao pensador Adam Smith. Apesar do PRB ter feito parte da base aliada de 2006 até o *impeachment* de Dilma Roussef, em 2016, Bulhões sempre foi crítico do “progressismo” do governo com relação aos valores e costumes. Em uma postagem sobre a “ética conservadora”⁸², o deputado explica que “conservadores são prudentes. Desconfiam dos progressistas, porque não gostam de sentirem-se cobaias. Conservadores avançam um pé depois do outro, porque preferem o familiar ao desconhecido.” Além disso, afirma que por se guiarem por valores cristãos, os conservadores desejam ser cidadãos e não súditos do estado para aceitar imposições em relação à moral familiar. Os valores progressistas são tachados como “pedagogia liberal prafrentex”⁸³ e seus defensores de “modernos”.

Não raro, lideranças do PRB defendem medidas liberalizantes como, por exemplo, flexibilização das leis trabalhistas. Após Marcos Pereira ser nomeado ministro da Indústria por Michel Temer (PMDB-SP), passou a participar ativamente da pressão na Câmara para aprovar a lei de terceirização geral no Brasil, utilizando como justificativa a “inadequação” e os “pesados encargos trabalhistas” que atravancam a economia. A bancada inteira do partido votou favorável à lei que permite terceirização para todas as atividades. Além disso, os parlamentares também apoiaram a PEC 241, que estabelece congelamento dos gastos públicos. Antônio Bulhões (PRB-SP) também se posicionou diversas vezes a favor do livre mercado, citando Venezuela e Cuba como exemplos do desastre quando o Estado é interventor na economia.

A fim de compreender a atuação dos deputados do PRB em questões como debate sobre gênero, aborto e união civil homossexual, além de seu posicionamento em relação ao

⁸² Disponível em <http://www.deputadoantoniobulhoes.com.br/post/etica-conservadora/> Acesso em 01/02/2017

⁸³ Termo popular para se referir, de forma jocosa, a pessoas modernas.

adotado pela bancada evangélica face a esses temas, propomos quatro tópicos, a fim de facilitar a apresentação dos dados aos leitores.

Plano Nacional de Educação: “a estatização das crianças”

O Plano Nacional de Educação (PNE) é responsável por estabelecer as diretrizes básicas da educação no país por dez anos. O último PNE propôs em seu texto "a superação de desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da igualdade racial, regional, de gênero e de orientação sexual". Os dois últimos itens foram criticados pela FPE – Frente Parlamentar Evangélica, que viram aí a possibilidade de “doutrinação” das crianças e de desconstrução de gênero, por meio da negação da existência do sexo biológico (masculino e feminino) e da possibilidade de existência de diversos gêneros e orientações sexuais.

Um dos deputados mais atuantes no combate do texto base do plano foi Antônio Bulhões (PRB-SP). À época do debate, afirmou ser contrário à “ideologia de gênero”, pois a educação deve ser uma prerrogativa individual e que as pessoas não deveriam ser “tuteladas pelo Estado bábá” a respeito da sexualidade dos filhos.

Dessa forma, pauta sua contrariedade à inclusão da ideologia de gênero por percebê-la como uma intrusão do Estado nos direitos individuais de educação dos filhos. Sua fala não faz referência a preceitos religiosos, tampouco à Bíblia, mas sim que não se deve “estatizar as crianças”. Logo, seu argumento encontra-se pautado principalmente no liberalismo clássico para se manifestar contra o PNE. O deputado Marco Feliciano (PSC-SP) explicou que é contrário a qualquer forma de preconceito e que o parlamento precisa atuar para impedir que crianças e adolescentes sofram qualquer discriminação, “inclusive da ordem de gênero”, porém, o termo promoção poderia abrir margem para a divulgação do ideário de gênero para os estudantes. Assim, frisa que é favorável ao combate ao *bullying*, mas que não pode aceitar que determinadas opções sexuais sejam “promovidas”. Na visão de defensores do texto, a discussão das questões de gênero seria a única forma de realmente quebrar o preconceito e promover a igualdade com relação às opções de gênero.

Outro deputado, Vinicius Carvalho (PRB-SP), pastor licenciado da IURD, declarou em plenário que a proposta da “ideologia de gênero” é perigosa, pois pode “desestruturar destruir a família”. Além disso, trouxe dados de uma pesquisa feita por uma associação americana de pediatria, a “American College Pediatricians”, informando sobre os” riscos desse

ideário às crianças”, uma vez que a “ideologia nega o sexo biológico” e o patrimônio genético”. Segundo a pesquisa citada, transtornos de sexualidade devem ser tratados na esfera da mente e não do corpo, com tratamentos hormonais, que podem levar o indivíduo a graves problemas de saúde mental e física. À exemplo de seu colega de partido, não fez uma única referência à religião, mas sim buscou argumentos na medicina, à exemplo do que discutimos sobre os evangélicos e a cientifização reflexiva (Beck, 2011). Vital da Cunha e Lopes (2012) também verificaram essa importância atribuída por políticos da bancada evangélica na mobilização de saberes e distintas formas de capital cultural não-religiosos, ao ressaltarem que há advogados, médicos e engenheiros na bancada.

Aqui, cabe uma pequena digressão teórico-analítica a respeito do aprendizado reflexivo por meio de diversas situações. A conversação externa com diversos outros atores sociais e as diversas críticas recebidas foram incorporadas, em um primeiro momento, como conversações internas (Archer, 2003), que levaram à clarificação e ao exame de atitudes e características do passado (Giddens, 2002), assim como uma reflexão sobre os argumentos e uma apresentação de si para embates futuros. Dessa forma, as situações de interação e conversa com outros atores leva a um aprendizado reflexivo (Lahire, 2002), com a incorporação de certas competências que poderão ser ativadas em interações futuras. Para exemplificar, lançamos mão da seguinte questão: por que Malafaia, um pastor evangélico sempre presente nesses embates, age de forma tão diferente de Feliciano e os deputados evangélicos do PRB? Uma possível resposta é que ele não foi exposto às mesmas situações que os outros atores. Apesar de participar com frequência de audiências na Câmara dos Deputados, Silas não vivenciou e nem vivencia o dia a dia do plenário, tampouco passou por um processo de socialização partidário, com oficinas de formação e, em muitos casos, *media training*⁸⁴. Não precisa conviver com diversos deputados e, obviamente, não está sujeito a punições por decoro parlamentar, tampouco à pressão de disputar eleições. Além disso, o comportamento esperado pela mídia e outros atores para um deputado federal é um e para um líder religioso, outro completamente distinto.

⁸⁴ Treinamento oferecido para pessoas de diversas áreas a fim de melhorar o processo de comunicação, por meio do uso de conceitos-chave e adotar um discurso moderado e que possa influenciar mais pessoas. Não se trata apenas de retórica, pois há também um trabalho de suavização de algumas ideias. Recentemente, o pastor Everaldo (PSC) contratou um curso de *media training* para Jair Bolsonaro, a fim de que ele moderasse o discurso e se relacionasse melhor com a imprensa e outros setores sociais.

É claro que Malafaia tem um poder agencial e é responsável pelos seus atos, porém, conforme pontua Elias (2001), as pessoas estão imbricadas em certas redes de interdependência e as limitações estruturais às quais os deputados estão expostos não são as mesmas as que Silas Malafaia está. Evidentemente, o poder causal ativado pelo Pr. Malafaia ao construir certos projetos e a elaborar planos de ação serão diferentes dos parlamentares, por ocupar uma posição diferente na estrutura social. Assim, a limitação a que se refere Elias é reflexivamente levada em conta pelos atores na elaboração de suas ações, pois conseguem antever o possível preço de uma tomada de ação. Assim, o autocontrole e a correção serão maiores nos casos dos deputados, justamente por ocuparem uma rede de interdependência mais ampla e complexa. É interessante notar que, não raro, tais atores (parlamentares) passam a usar o termo homossexualidade e não mais homossexualismo, usado quando a prática homossexual era tipificada como doença mental.

No final, por enorme pressão da Bancada Evangélica, o texto referente ao gênero foi retirado e o Plano foi aprovado. Recentemente, o MEC distribuiu livros didáticos que abordavam a questão de gênero e família, o que foi duramente criticado pelos parlamentares evangélicos. Em 2017, o MEC afirmou, por meio de representantes, que a ideologia de gênero não fará parte do currículo dos estudantes brasileiros.

O PRB destacou, por meio de nota oficial, o engajamento de seus parlamentares na “luta contra o aborto e contra a ideologia de gênero”, conquistando uma “importante vitória para a família brasileira”⁸⁵. Logo, podemos afirmar que a direção do partido considera importante publicizar tal posicionamento para o eleitorado brasileiro.

Os deputados Alan Rick (PRB-AC), pastor da Igreja Batista do Bosque e Celso Russomano (PRB-SP), junto a três parlamentares da bancada evangélica, propuseram a PL 1859/2015, que estabelece a proibição da ideologia de gênero e de orientação sexual na educação.

Casamento gay

⁸⁵ Disponível em <http://www.prb10.org.br/noticias/parlamentares/prb-protagoniza-combate-contr-o-aborto-e-a-ideologia-de-genero/> Acesso em 02/01/2017

Em 2012, em entrevista ao portal UOL, Marcos Pereira afirma que a decisão em torno do casamento gay deveria ser discutida juntamente com a sociedade brasileira e que o PRB não tinha preconceito com relação a homossexuais, tanto que um candidato a vereador em Manaus era gay e defendia a “bandeira LGBT”. Em 2011, por unanimidade, o Supremo Tribunal Federal reconheceu aos casais homossexuais a possibilidade da realização de união civil, estendendo um direito que já era concedido aos heterossexuais. No processo de discussão, a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil e a Bancada Evangélica posicionaram-se contrariamente, criticando a decisão que seria, segundo eles, inconstitucional, dado que o artigo 226 da Constituição entende que a união estável se dá entre homem e mulher.

Nesse processo, os deputados do PRB abstiveram-se da discussão e adotaram uma postura de neutralidade. Em artigos, o deputado federal Antônio Bulhões (PRB-SP) mostrou-se favorável à união civil, mas não ao casamento, pois entende que família é formada por “homem e mulher”. Recentemente, o prefeito do Rio, Marcelo Crivella (PRB-RJ), à época de sua candidatura também se manifestou favoravelmente à união estável. Antes da decisão do STF, Celso Russomanno (PRB-SP) apresentou requerimento para votação do PL 1151/95, que concede o direito de união civil aos homossexuais. Em seu entendimento, não se pode criar um cenário de desigualdade perante a lei. Entretanto, o parlamentar posicionou-se contrário ao casamento, por entender que é algo exclusivo ao homem e a mulher. A decisão do Supremo evitou uma possível confrontação no seio da bancada evangélica, ao resolver a questão. Posteriormente, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) determinou que todos os cartórios do país celebrassem casamentos homoafetivos.

Em uma reação a essa decisão, a Frente Parlamentar Evangélica mobilizou-se e o deputado Anderson Ferreira (PR-PE) apresentou o PL 6583/13 para criação do Estatuto da Família, que estabelece que a família é formada por homem e mulher. De acordo com Bulhões (PRB-SP), trata-se de uma iniciativa fundamental para defender a família que estaria sendo atacada até mesmo pelo Poder Judiciário, “cujos membros, motivados por um ativismo judiciário sem amparo constitucional, têm ultrapassado as divisas de sua competência”.

Segundo Bulhões, a maioria conservadora da população brasileira não tem preconceito contra homossexuais, citando a aceitação e o sucesso de nomes como Madame Satã, Rogéria e Roberta Close. Ainda cita uma pesquisa do jornal Valor em que 74% dos brasileiros aceitam as pessoas como são. “O conservador entende que o comportamento sexual

é uma prática entre 4 paredes, mas não aceita que a ideologia desses movimentos venha interferir, ainda que indutivamente, na família de cada um, porque compreendem que o lar é sagrado” (Bulhões). Para o deputado, os ativistas gays transformam um “comportamento sexual privado em agenda política violenta”.

A questão do aborto

Assim como outros integrantes da Frente Parlamentar Evangélica, uma boa parte dos deputados do PRB posicionam-se publicamente contrários ao aborto. Entretanto, o presidente do partido, Marcos Pereira, declarou em uma entrevista que o partido não tinha uma posição definida e que cada membro era livre para adotar uma perspectiva. Entretanto, Pereira posicionou-se completamente favorável ao aborto de fetos anencéfalos⁸⁶ e acredita que foi um acerto do Supremo Tribunal. Segundo ele, sua monografia de conclusão de curso de Direito foi sobre esse tema. Após a decisão do STF, Crivella criticou a decisão e atacou “a interferência” e o “desrespeito à separação dos poderes”. Outros membros da Bancada Evangélica também atacaram a medida, como o deputado Marcos Feliciano (PSC-SP) que afirmou se tratar de um “assassinato” e que isso poderia abrir a possibilidade jurídica para estender o direito ao aborto para outros tipos de feto, “principalmente com má formação”.

O interessante é que a Igreja Universal, em audiência pública promovida pelo STF, defendeu a medida. O bispo Carlos Oliveira, representando a instituição, afirmou, à época, que a decisão envolvia direito e saúde da mulher, que deveria decidir se anteciparia ou não a retirada do feto. A IURD foi a única instituição religiosa que se manifestou a favor do projeto, enquanto a Igreja Católica e demais igrejas evangélicas colocaram-se contra o aborto de anencéfalos. Percebe-se, no entanto, que a postura da Universal não se repetiu, necessariamente, nos membros do PRB. A maior parte, com exceção de Pereira e Crivella, preferiu não se posicionar publicamente perante essa controvérsia.

Porém, no que tange à questão mais ampla com relação ao aborto, os deputados são veementemente contrários, tendo participado ativamente da elaboração do Estatuto do Nascituro, que estabelece que a vida e os direitos começam a partir da concepção. Os

⁸⁶ Fetos que não possuem cérebro.

parlamentares do PRB também deram seu apoio à PL 5069/13 que estabelece penas mais severas a profissionais de saúde que incentivam ou facilitam o aborto. Apesar de não retirar o direito ao aborto legal em caso de estupro, o projeto determina que a mulher deve apresentar um boletim de ocorrência e não contar apenas com o testemunho de um agente de saúde. Grupos feministas acreditam que tal medida coloca empecilhos à realização do aborto legal em caso de estupro. O PL ainda impede a administração de medicamento considerado abortivo, o que poderia, na visão do movimento feminista e de médicos, impedir o acesso à pílula do dia seguinte.

De maneira geral, o Partido Republicano, por meio de seu site oficial, dá um grande destaque às iniciativas contra o aborto, inclusive com artigos que condenam a prática. Apesar de não ser uma posição oficial da legenda, como ressaltou seu presidente, há, de todo modo, a publicização de textos e posicionamentos contrários à prática. Por fim, os parlamentares do PRB esforçaram-se pelo combate na tentativa de legalização do aborto, por meio da inclusão de emenda à MP 696/2015 que retira “perspectivas de gênero, definição ideológica e não biológica, das atribuições do Ministério das Mulheres”.

Conservadorismo e cenário pós-impeachment

O breve quadro estruturado acima aponta o que havia sido verificado por Vital e Lopes (2013): um estremecimento da relação entre evangélicos e governo federal. Apesar de fazerem, à época, parte da base aliada, os parlamentares da FPE passaram a se opor sistematicamente ao governo no momento de discussão e votação de pautas colocadas, muitas vezes, pelo próprio Planalto. A união entre o PT e evangélicos começou a ser costurada em 2006. O momento político delicado por conta do escândalo do mensalão e dos sanguessugas exigia a composição de uma ampla coalisão para garantir a governabilidade. Sendo assim, o Planalto aproximou-se dos líderes da Frente Parlamentar Evangélica, garantindo acesso exclusivo do grupo à presidência da República. Em troca, os evangélicos teriam pedido a Lula que se posicionasse com relação ao avanço das pautas LGBT e de grupos feministas. O ex-presidente teria produzido uma carta para se explicar perante os evangélicos (Vital e Lopes, 2013).

O aumento exponencial da Frente nas duas últimas eleições, assim como o desenvolvimento de diversos grupos de trabalho em seu interior garantiu maior monitoração

das pautas no Congresso Nacional, assim como maior penetração em diversas comissões. Do outro lado, militantes LGBTs e feministas tiveram maior acesso aos espaços institucionais da política, trazendo reivindicações e proposições no âmbito federal. Nesse cenário de duplo crescimento, as interações entre os grupos cresceram e os conflitos também.

Em 2016, a maior parte dos evangélicos aliados ao governo passaram para a oposição, o que contribuiu decisivamente para o processo de impeachment de Dilma Rousseff (PT-SP). O presidente do PRB, Marcos Pereira, justificou o abandono da aliança com o PT por conta da “crise econômica” e da falência do país. Em sua carta⁸⁷ publicada no jornal *Folha de S.Paulo*, listou diversos motivos como zika, violência urbana, falta de infraestrutura para a mudança de posicionamento da legenda. Entre as razões listadas, incluiu a degradação dos

⁸⁷ “Vamos direto ao assunto: quando é que o governo federal vai deixar de bravatas e assumir de uma vez que o Brasil está falido? Muito além dos problemas econômicos, o país é um fracasso na educação, na saúde e na infraestrutura básica. Como se não bastasse, pesquisa recente revelou que 21 das 50 cidades acima de 300 mil habitantes mais violentas do planeta são brasileiras. O Brasil não se cansa de bater recordes negativos. Nos rankings internacionais de educação estamos sempre nas últimas posições. Não oferecemos ao povo saúde de qualidade, nem conseguimos combater a dengue e, mais recentemente, a zika. Milhões de pessoas ainda são desprovidas de água encanada e saneamento básico. Nossos trabalhadores são penalizados com as mais altas cargas tributárias do mundo. E ainda somos violentos. A lista anual divulgada no fim de janeiro pela ONG mexicana Conselho Cidadão para a Segurança Pública e a Justiça Penal mostra que estamos perdendo uma guerra contra nós mesmos. Das 26 capitais listadas, além do Distrito Federal, 17 são nossas, com taxas de homicídios elevadíssimas por cada 100 mil habitantes. Fortaleza (CE) lidera entre as cidades brasileiras citadas no estudo -está na 12ª colocação geral, seguida por Natal (RN) e Salvador (BA). João Pessoa (PB), Maceió (AL) e São Luís (MA) estão logo abaixo. Caracas, a capital da Venezuela, é a primeira do ranking geral. A violência na terra de Hugo Chávez pode ser reflexo da forte crise econômica e da instabilidade política que o país enfrenta. E no Brasil? Nossos valores morais têm sido gradativamente reduzidos a pó. A concepção familiar é frequentemente atacada por aqueles que a odeiam. As portas para as drogas estão abertas, e o Estado não consegue combater o narcotráfico. A polícia é ultrajada por quem deveria respeitá-la. Os governos estaduais não cumprem suas atribuições. Falta educação. Os salários são baixos. O resto é consequência de tudo isso. A propaganda estatal diz que tudo vai bem, que a solução está próxima, e que o problema do Brasil é o pessimismo alheio. Penso justamente o contrário: nosso povo é até muito otimista por suportar tanta adversidade e encontrar forças para batalhar por algum futuro que teima em não chegar nunca. O fracasso do país está na desfaçatez, na arrogância e na omissão. As pessoas estão cansadas. Realmente cansadas. Tenho percorrido o Brasil inteiro nos últimos anos em virtude da minha função e vejo muita frustração por toda parte. Acredito que sairemos da crise econômica, como já fizemos outras vezes, mas e o restante? A educação, a saúde, a segurança e os outros valores subjetivos serão resolvidos em um passe de mágica? Por osmose? A sociedade perdeu o referencial do que é bom e do que é ruim. Faltam líderes capazes de inspirar e mostrar o caminho a seguir. A juventude não se identifica mais com seus representantes, nem com o sistema político atual. Um país sem rumo faz de seus filhos um povo sem perspectiva. E a falta de perspectiva de um povo leva o país à ruína. Nesse cenário, continuarão a maquiagem os efeitos em vez de fulminar a causa. Os péssimos índices registrados no país só aumentarão, como um câncer silencioso que vai invadindo e destruindo as células sadias, se não tomarmos agora atitudes de fato relevantes. O impeachment, caso prospere no Congresso Nacional, poderá ser uma saída para o impasse. É muito difícil, mesmo com as melhores intenções, resistir a tantos problemas de uma só vez” (Marcos Pereira). Artigo publicado no Jornal Folha de S.Paulo no dia 11/03/2016

valores morais e o “ataque à família”. Antônio Bulhões destacou que o PT deu “início a projeto de poder que restringiu sobejamente a representatividade e a capacidade de ação dos demais agentes políticos”. Afirmou ainda que no século XX já se sabia que “o governo executado pelo PT seria catastrófico” e que os defeitos dessa plataforma política foram “escondidos pela doutrinação ideológica”. Assim, por conta do “nefasto projeto de poder”, assumiu sua posição pelo impeachment. Porém, o que nenhum dos dois citou em seu discurso foi o pertencimento a esse projeto político durante dez anos, tampouco a mudança de posição. Em outro documento, após a votação do impeachment, Pereira reconhece que o partido fez parte da base aliada e que ocupou o ministério do Esporte durante o governo Dilma, mas explica que a legenda retirou seu apoio por conta do agravamento da crise econômica e da falta de diálogo entre Dilma e o parlamento, além da “crise moral” por conta da “corrupção e do esfrelamento da Petrobrás”. Além disso, também ressaltou que a maior parte da base era favorável à saída do PRB do governo. De todo modo, a maior parte dos discursos da cúpula do PRB não abordou o longo período de aliança com o governo e a publicização desse pertencimento se deu em poucos momentos.

A decisão pelo impeachment dividiu a militância republicana. Uma parte mostrou-se satisfeita com a postura do partido “diante a corrupção e roubalheira dos petralhas” (sic), enquanto que a outra achou “traição com Lula e Dilma. Ficamos com eles dez anos e agora vamos apunhalar? O meu partido vai participar de um golpe? Vergonha, isso não é atitude de cristão”. Os eleitores contrariados com o apoio da sigla ao impeachment declararam que não votariam mais no PRB e que se sentiam traídos pelo partido. Já os outros comemoravam o fato do “PRB ser um partido ético e não participar dessa bandalheira”.

Como sabemos, a pressão pelo impeachment foi encampada por novos movimentos sociais como Movimento Brasil Livre (MBL) e VemPraRua. Os dois coletivos autointitulam-se como defensores de ideais liberais como, por exemplo, redução de carga tributária, diminuição da participação do Estado na economia, defesa de privatizações e exaltação do mercado. A fim de alertar a sociedade sobre “o perigo totalitário da esquerda” e clamar pelo impeachment de Dilma para “tirar o PT do poder”, grupos de estudantes e jovens empresários de fora da política institucional, organizaram-se em movimentos sociais, isto é, construíram uma reivindicação coletiva direcionada à sociedade e às autoridades políticas, por meio da organização de grandes manifestações, marchas, vigílias, acampamentos e uso de meios de comunicação (Tilly, 2004).

O uso hábil das redes sociais e a construção de uma reivindicação genérica, o “combate à corrupção”, atraiu a atenção e conquistou a adesão de milhões de pessoas, que participaram das passeatas e contribuíram à realização do impeachment. Na visão de Tilly (2004), a demonstração de VUNC (valor, unidade, número e comprometimento) é o que caracteriza a existência e o sucesso do movimento social. Dessa forma, o MBL e o VemPraRua construíram-se em torno de valores como “contra a corrupção”, “contra a esquerda” e pró-mercado, a unidade marcada pelas roupas verde e amarelo, um alto número de adesões em suas passeatas e páginas no Facebook e a construção de um ideal de comprometimento, por meio do “sacrifício” de seus líderes em marchas para Brasília, “enfrentando chuva e frio”. Na construção de si como antagonistas do “petismo e esquerdismo”, tais atores refletiram sobre a ligação entre grupos LGBT e feministas a partidos de esquerda e também sobre como uma parcela da sociedade considera pautas como gênero, por exemplo, como “coisa de esquerdista”. Isso os levou a atacar tais movimentos e a angariar a simpatia de inúmeros usuários de redes sociais. No apogeu de seu discurso contrário a qualquer forma de controle do Estado, o MBL também classifica a militância LGBT de utilizar a esfera estatal para “controlar comportamentos” e impedir a liberdade individual de crença e pensamento, mesmo que seja para expressão de preconceitos. É inevitável traçar aqui um paralelo com o desenvolvimento da “christian right” nos EUA. Os grupos protestantes norte-americanos, inquietos com a “ameaça comunista”, o avanço do secularismo e a mudança de valores culturais passou a participar ativamente da política, principalmente em apoio ao Partido Republicano. O posicionamento mais liberal republicano, contrário a toda forma de ingerência do poder federal nos estados e no tocante à política econômica, agradou aos evangélicos americanos, principalmente aos grupos conservadores e fundamentalistas⁸⁸, que eram contrários às ações do governo federal como, por exemplo, proibir a leitura bíblica nas escolas públicas. Havia também um temor de que o governo interviesse nas práticas das igrejas, assim o discurso republicano contrário às formas de controle, mesmo sob formas de regulação da economia como, direitos do trabalho, eram refutados por parte dos evangélicos americanos. Alguns grupos eram mesmo contrários ao *welfare state* e à política do *new deal* por considerarem-na como uma forma de “pré-comunismo” (Williams, 2010; Conger, 2009). No caso brasileiro, parece haver, por parte das lideranças do PRB e outros parlamentares evangélicos, uma adesão ao liberalismo econômico. A visão pró livre-mercado não é necessariamente partilhada por militantes do PRB. Mesmo

⁸⁸ Termo usado pelos próprios cristãos americanos que se atinham aos fundamentos da Bíblia.

dentro da bancada evangélica há muita divergência com relação a esse tema (Vital e Lopes, 2013). “Eu sou contra socialismo, de querer implantar um modelo comunista. Mas eu sou a favor de um capitalismo para o povo, para ter consumo e renda” (Nelson, militante do PRB).

Alguns atores ligados à cúpula do PRB perceberam esse cenário como uma “ascensão conservadora” e logo trataram de valorizá-la e de inserir-se nela. No bojo desse processo, Pereira declarou que há uma forte “onda conservadora” após o “lamaçal de corrupção” e que a direita permaneceu muito tempo silenciada por PT e PSDB que, “ao contrário do que muitos acreditam, o não é de direita”. O PRB é classificado por ele como um partido de “direita moderada”, pois mantém os “valores cristãos, em defesa da família tradicional, contra o aborto, mas sem deixar de dialogar com aqueles que pensam diferente. Em síntese, o PRB busca a paz”. O deputado Antônio Bulhões também identificou uma “onda conservadora” e se inseriu nela.

Em uma entrevista de novembro de 2016 à revista *Época*⁸⁹, Pereira foi indagado a respeito de uma declaração de Crivella que classificou sua vitória como uma “preservação dos valores tradicionais da civilização cristã” e uma “mensagem contra a legalização do aborto, liberação de drogas e discussão de ideologia de gênero”. Pereira afirmou concordar e que no mundo todo há uma valorização dos princípios conservadores e que a sociedade brasileira percebeu que os “valores liberais” da esquerda não deram certo. Segundo ele, a sociedade brasileira é conservadora, de maioria cristã e quando um tema polêmico chega a Câmara, a Frente Parlamentar Evangélica, em conjunto com católicos (quase 200 deputados) impede o avanço de qualquer pauta. Entretanto, apesar de Pereira valorizar a onda conservadora e, de certa forma, inserir o partido nela, faz também um esforço para dizer que não é conservador. Em outra entrevista ao *Estado de S.Paulo*⁹⁰, ressaltou que não há possibilidade do PRB apoiar a esquerda, por uma questão de respeito ao desejo das bases, mas que o discurso do partido não é conservador, mas sim moderado e equilibrado, o que pode ser verificado pela eleição de uma travesti ao cargo de vereadora, pelo PRB. É notório que Pereira refira-se a ela usando o pronome feminino.

⁸⁹ Disponível em <http://epoca.globo.com/politica/noticia/2016/11/marcos-pereira-um-dia-um-evangelico-sera-eleito-presidente-do-brasil.html> Acesso em 15/02/2017

⁹⁰ Disponível em <http://politica.estadao.com.br/blogs/coluna-do-estadao/o-prb-nao-vai-apoiar-a-esquerda-em-2018-diz-marcos-pereira/> Acesso em 15/02/2017

Sarita foi eleita pelo município de Paranaíba, em Mato Grosso do Sul. Apesar de não estar em uma grande capital, sua eleição foi publicizada pelo partido. Diversas notas e reportagens feitas pelo portal do PRB na Internet destacaram seu pertencimento à legenda. Em todos os textos, Sarita é tratada no feminino: **a** travesti, que trabalha como **enfermeira**. Além disso, foi tema de uma entrevista do PRB Mulher, núcleo feminino do partido. Dessa forma, Sarita é tratada o tempo todo na sigla como mulher. O deputado federal Vinicius Carvalho (PRB-SP), também pastor da Universal, parabenizou Sarita, por meio de seu perfil no *Facebook*, e destacou que “sempre soube que todos têm oportunidades iguais no PRB, independentemente de opção sexual”. Além disso, também tratou a vereadora no feminino.

A notícia da posse de Sarita foi publicada no perfil oficial do PRB no Facebook, o que motivou comentários elogiosos sobre a “evolução do PRB” e pelo “fim do preconceito” e “respeito pelas pessoas”. Entretanto, alguns usuários questionaram a “ideologia cristã” do partido por escrever “a vereadora”, afirmando que a “lei de Deus” estabelece só dois gêneros. Um deles ainda afirma que não comentará nada, pois o “politicamente correto” impede, enquanto que outro afirma que o “PRB está se tornando um PMDB e se afastando da obra de Deus”. O perfil oficial respondeu que o PRB trabalha pela “ética” e que foi fundado pelo povo para cuidar das pessoas, sem distinção. Além disso, cobrou respeito dos internautas em relação à vereadora.

Há apenas alguns meses antes da eleição de uma travesti pelo PRB, o deputado João Campos (PRB-GO) e pastor da Assembleia de Deus encabeça uma lista de deputados, com outros colegas de PRB, como Tia Eron (PRB-BA) e Rosangela Gomes (PRB-RJ), que apresenta projeto para sustar decreto de Dilma Rousseff que autorizava o uso do nome social por travestis e transexuais na administração pública federal. Após diversas críticas, Tia Eron manifestou-se e disse que respeita a comunidade LGBT e que quando foi vereadora em Salvador lutou para que sua colega trans, Leo Krét (PR-BA), pudesse usar o banheiro feminino da Câmara Municipal. Segundo ela, o problema é que não se pode resolver essa questão por decreto, mas sim por lei federal.

O autointitulado conservador, deputado Antônio Bulhões (PRB-SP), produziu uma cartilha de orientação para policiais a respeito de ética e procedimentos. Na parte que tange à abordagem da população LGBT:

PESSOAS COM ORIENTAÇÃO SEXUAL DIVERSA

A população LGBT (gays lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais) tem os mesmos direitos que qualquer pessoa e, portanto, não pode ser discriminada, desrespeitada, violada ou humilhada.

- É desrespeitoso utilizar de gracejos, insinuações ou críticas;
- Pergunte à pessoa abordada com desejo ser chamada e não constranja ou humilhe o travesti ou transexual lendo em voz alta o seu nome constante na carteira de identidade;
- Ao referir-se ao travesti ou transexual, utilize pronomes femininos;
- Toda denúncia sob a alegação de vítima de crime deve ser registrada e receber o devido tratamento;
- Busca pessoal em homossexual masculino será realizada da mesma forma com que se realiza em homens; em homossexual feminina, da mesma forma que se realiza em mulheres.



twitter.com/depbulhoes



bispoantoniobulhoes.blogspot.com



deputadoantoniobulhoes.com.br

11

A população LGBT (gays lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais) tem os mesmos direitos que qualquer pessoa e, portanto, não pode ser discriminada, desrespeitada, violada ou humilhada.

- *É desrespeitoso utilizar de gracejos, insinuações ou críticas;*
- *Pergunte à pessoa abordada com desejo ser chamada e não constranja ou humilhe o travesti ou transexual lendo em voz alta o seu nome constante na carteira de identidade;*
- *Ao referir-se ao travesti ou transexual, utilize pronomes femininos;*
- *Toda denúncia sob a alegação de vítima de crime deve ser registrada e receber o devido tratamento;*
- *Busca pessoal em homossexual masculino será realizada da mesma forma com que se realiza em homens; em homossexual feminina, da mesma forma que se realiza em mulheres.*

Na construção do deputado em torno do conservadorismo, homossexuais e trans devem ser respeitados em seus direitos. Porém, não devem “usar o Estado para disseminar sua sexualidade, tampouco tentar destruir a concepção tradicional de família”. O problema para ele e outros conservadores não é a expressão de um comportamento sexual desviante (2015) na esfera privada, mas sim a organização política desses indivíduos e sua tentativa de reivindicar políticas junto ao Estado. Na visão desses atores, as reivindicações dos militantes LGBT desrespeitam sua visão de mundo e tentam colocar em xeque seus valores. Já o setor progressista afirma que os evangélicos não aceitam rever sua homofobia, tampouco nada fazem para combatê-la na sociedade, tentando impor seus valores de mundo a todos. Essa controvérsia torna-se então um diálogo de surdos (Chateauraynaud, 2012), sem perspectiva de solução.

A reação anticonservadora no seio do PRB

Muitos atores do PRB percebem o conservadorismo na sigla e discordam dele. Segundo um coordenador nacional da legenda, Paulinho⁹¹, o PRB tem uma tendência muito conservadora cristã, por conta da Universal. “O partido foi fundado pela Igreja, então é claro que isso puxa para uma coisa mais conservadora. Só que, hoje, é um partido laico e a gente bate o pé”. Paulinho também é evangélico, foi pastor, mas entende que “precisa ser laico” para fazer a legenda crescer. Ele explica que há duas forças no partido: a IURD e a “ala sem ligação com religião”. “É uma guerra, às vezes os interesses são os mesmos, às vezes não. Fica difícil conciliar. O PRB precisa deixar esse estigma da Universal para crescer”. Em sua percepção da política, um partido deve ser plural e acolher diversos segmentos e a postura conservadora isola uma sigla, pois fica muito voltada a um único nicho eleitoral. “Pouco a pouco, os LGBT vem surgindo no PRB e tem que aparecer! Todo partido que se planeje grande precisa ter um núcleo e a gente tem que vencer a resistência da Universal”. Nesse processo, surgem críticas da Igreja, que discorda da presença de outros segmentos e Paulinho se vê obrigado a justificar suas posições.

“Explico que a gente precisa trazer o LGBT para o nosso lado, que eles são importantes para crescer. Republicanismo é isso, é agregar todo mundo. Por isso, começaram a entrar os afros. Gente da umbanda, candomblé. Mas o pessoal da Universal nunca falou nada. Às vezes olham torto e nos bastidores brincam que vão exorcizar”. É interessante ressaltar como os atores refletem em torno da importância da construção de um discurso político plural, que abarque diversos segmentos e possibilite “voos mais altos”.

A inclusão de lideranças LGBT é elencada por Paulinho e outros coordenadores como de “extrema importância” para o PRB sair de um eleitorado evangélico e buscar votos em outras frentes. “É também uma mudança de mentalidade. Sai daquela coisa evangélica”. Analisando os principais nomes do quadro LGBT da legenda, percebemos, desde já uma diferença no que tange à questão da reivindicação de bandeiras LGBT e da performatização da sexualidade. A vereadora Sarita, 52 anos, travesti e enfermeira, tem perfil discreto e pauta sua ação política no atendimento de saúde a idosos e pessoas vulneráveis da comunidade, além de lutar por saneamento básico e casas populares. Em nenhum momento, abordou a questão LGBT

⁹¹ Adotei um pseudônimo a pedido de meu interlocutor.

em sua candidatura, tampouco em suas redes sociais, ou em discursos. De perfil diferente, Gerson Neto, promotor de eventos, e militante LGBT em Manaus, filiou-se ao PRB, onde diz ter sido muito bem recebido, para se candidatar a vereador “para trabalhar pela causa LGBT”. Segundo ele, a experiência no partido não foi fácil. Nunca chegou a sofrer preconceito direto, porém, afirma ter sido vítima de piadinhas e olhares tortos por conta de sua orientação sexual. “Já tive que ouvir piadas como: vou te exorcizar para você aprender a ser homem”. Em sua avaliação, o PRB tem intenção de se “passar por laico”, pois é “realmente o partido da Universal” e, para isso, precisa dos LGBTs para se mostrar aberto e tolerante.

Na visão de Gerson, o homossexual mais “contido”, isto é, que não exprime sua sexualidade de forma aberta, é bem-vindo, enquanto que outros que expressam a homossexualidade de forma mais incisiva e as transexuais são mal vistos. “Querem gays comportados e se há condição para incluir LGBT, é preconceito. Se não pode expressar o que é livremente, está mostrando que não gosta de verdade de nós”. Para ele, não há espaço real para a militância LGBT na sigla, pois ela sempre vai bater de frente com o núcleo duro da Universal que está no comando. “Como você vai militar pela causa LGBT se os deputados do partido votam abertamente contra nós? Tem uma hora que cansa. A pessoa que realmente se importa com a causa vai acordar e perceber que não dá. Não há interesse em criar um núcleo LGBT. Eu tentei criar um PRB Diversidade, mas não recebi nenhum apoio do partido para isso. O único interesse que existe é usar a gente para mostrar que eles são laicos e tolerantes”. Após perceber que não haveria como conciliar sua militância com o partido, Gerson decidiu trocar o PRB pelo PDT e afirma ter encontrado ali um espaço mais aberto e mais apoio partidário para a causa LGBT. Em sua avaliação, é muito complicado um diálogo com a bancada evangélica, pois, segundo ele, esses parlamentares não se preocupam com os problemas de homossexuais, lésbicas e pessoas trans. Para ele, a solução passa pela constituição de uma bancada gay que possa representar os interesses dessa população na Câmara e lutar por espaços de acolhida de homossexuais que sofram agressão ou que tenham sido expulsos do ambiente familiar.

Outro militante LGBT do PRB é Nélio Georgini, coordenador de Educação do PRB, e agora secretário da Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual (CEDS) do Rio de Janeiro, empossado por seu colega de partido, prefeito Marcelo Crivella (PRB-RJ). Sua nomeação gerou certa repercussão por ser gay e evangélico (presbiteriano), mas Nélio afirma que o escolheram por sua capacidade técnica e currículo. Segundo ele, já nasceu militando na causa LGBT e ingressou no partido há cinco anos e, contrariamente a Gerson, afirma não ter

sofrido nenhum preconceito na legenda, mesmo tendo deixado claras suas posições e sua opção sexual. Entretanto, preferiu não responder se haveria espaço para a organização de um núcleo LGBT no PRB. Sua principal proposta no cargo é levar o CEDS para as periferias, para atender a comunidade LGBT em situação social mais frágil como, por exemplo, moradores de favelas, e ampliar capacitação profissional e estabelecer parcerias para contratação de pessoas trans. Outra bandeira de sua administração é capacitar 100% da equipe de saúde em direitos humanos para LGBTs, a fim de humanizar o atendimento e estabelecer o respeito em torno do uso do nome social. Em entrevista à Revista Fórum⁹², afirmou que pretende defender a causa LGBT “na paz” e que o enfrentamento não trouxe nada para a comunidade LGBT. Além disso, também frisou a necessidade de continuar a investir na conscientização da população, “para que todas as pessoas tenham o direito de demonstrar afeto em público, sem serem discriminadas”.

As posições de Nélio e Gerson são bem diferentes acerca do PRB e as condições objetivas que LGBTs encontram para desenvolver seus projetos. Para o primeiro, não há preconceito no partido, o que levou a sigla a bem acolhê-lo e a indicá-lo para um cargo de desenvolvimento de políticas públicas para LGBTs. Já para o segundo, essa suposta inclusão teria uma segunda intenção oculta: usar os LGBTs para o partido conquistar uma imagem laica e tolerante diante a sociedade. A expectativa desses dois atores é embasada por suas trajetórias particulares no partido, cada um mobilizando sua vivência a fim de tornar seu ponto de vista legítimo. Assim, piadas e olhares, além da negativa à proposta de formar um grupo de diversidade, são elencadas por Gerson como uma prova de falta de interesse real de atores do PRB com relação à questão LGBT. De todo modo, fica clara a heterogeneidade dentro do partido, com a presença de atores que promovem uma pauta (direitos LGBT), enquanto que parlamentares e outros militantes mostram-se contrários e apoiam projetos de lei contrários às mesmas pautas na Câmara. Apesar das críticas que os atores possam ter em torno da participação LGBT no PRB, a incorporação de pessoas gays e trans começa a se tornar uma prática partidária. Vale destacar que se antes a presença desses atores em um partido com uma forte influência cristã era algo impensável, hoje, torna-se tolerável e até mesmo desejável. Conger (2009) e Williams (2011) identificaram mudanças no plano de ação dos evangélicos norte-americanos por conta das transformações da dinâmica da política americana. Dessa forma, determinadas pautas que anteriormente mobilizavam a atenção e ação desses atores são

⁹² Disponível em <http://www.revistaforum.com.br/osentendidos/2017/01/25/coordenador-de-politicas-publicas-para-lgbts-vai-mudar-programa-para-travestis-e-transsexuais/> Acesso em 02/03/2017

deixadas de lado ao se tornarem socialmente aceitas por amplos grupos sociais. Um exemplo foi a legislação anti-segregação e pró-direitos civis dos negros, medidas amplamente combatidas por alguns grupos cristãos. Depois que se tornaram uma realidade, os mesmos abandonaram essa causa e passaram a se engajar em outras (o que não significa necessariamente que tenham abandonado perspectivas racistas).

Da mesma forma, a homossexualidade é percebida por alguns deputados evangélicos que se percebem como conservadores como algo “de foro íntimo”, “uma decisão de cada um”, “problema pessoal” e alguns deputados da Frente Parlamentar aceitam a união civil homossexual (caso de Bulhões, por exemplo). Porém, há algumas décadas, a relação homossexual era algo impensável e condenada por esses mesmos grupos. A luta de diversos militantes LGBT permitiu a construção de um novo cenário, produzindo transformações no mundo da vida, e a pauta de muitos autodenominados conservadores passou a ser não mais o ataque à homossexualidade entre os indivíduos, mas contra a organização política dos mesmos. Pensando os evangélicos imbricados em distintos mundos de ação (Dodier, 1993), percebemos uma diferença entre a lógica interna das igrejas e da política. A crítica com relação à homossexualidade, em muitos casos, não é a mesma. Peguemos como exemplo o caso recente de Marcelo Crivella: como homem político, comprometeu-se, durante a campanha de 2016 à Prefeitura do Rio, a manter políticas públicas para a comunidade LGBT e chegou a se encontrar com lideranças para buscar apoio para o segundo turno contra Freixo. Além disso, pediu perdão por ter escrito um livro com trechos ofensivos às religiões afro e a homossexuais. Entretanto, em pregações dentro da Universal afirmou considerar a homossexualidade um pecado e uma conduta que deve ser corrigida.

“Uma vez que um ator foi colocado, simultânea ou sucessivamente, dentro de uma pluralidade de mundos sociais não homogêneos, às vezes até contraditórios, ou dentro de universos sociais relativamente coerentes, mas que apresentam, em certos aspectos, contradições, então trata-se de um ator com o estoque de esquemas de ações ou hábitos não homogêneos, não unificados, e com práticas conseqüentemente heterogêneas (e até contraditórias), que variam segundo o contexto social no qual será levado a evoluir. Poder-se-ia resumir tudo isto dizendo que todo corpo (individual) mergulhado numa pluralidade de mundos sociais este sujeito a princípios de socialização heterogêneos e, às vezes, contraditórios” (Lahire, 2002, p. 31).

Isso não significa que não haja deputados da bancada evangélica que atuem no plenário como o fazem em suas igrejas. Pelo contrário. Porém, há um movimento cada vez mais considerável de parlamentares que problematizam a questão da homossexualidade de outra

maneira, justificando suas posições com relação a outros referenciais. No lugar de dizer que a lei divina não aceita “Adão e Evo”, como disse o deputado Takayama (PSDB-GO), esses parlamentares preferem argumentar que defendem “valores tradicionais” e “a família tradicional” e que respeitam a “decisão individual de cada um”, mas que o movimento LGBT “não pode impor sua visão de mundo a todos”. Não se trata aqui de interpretar tais atitudes em uma “escala de intolerância/tolerância”, menos ou mais, mas sim compreender como a participação em outros processos de socialização, assim como a reflexividade diante das críticas de outros atores, leva a uma mudança na forma de agir e nos discursos adotados por esses parlamentares. De todo modo, nos momentos em que há projetos de lei com relação à comunidade LGBT, os membros da Frente Parlamentar deixam as diferenças de lado e votam de maneira semelhante. Resumidamente, temos, hoje, deputados evangélicos que condenam a homossexualidade sob todos os pontos de vista e aqueles que dizem aceitá-la no plano individual, mas que rejeitam a luta política LGBT. Esse segundo grupo, por exemplo, realiza distinção entre um kit anti-homofobia (para combater preconceito) e um kit gay (“que incentiva a ser gay”), como já declarou a deputada federal Rosângela Gomes (PRB-RJ).

Virada à direita

Outro problema elencado por Paulinho é o fato da Universal querer “emplacar coordenadores da Igreja”. Segundo ele, isso não dá certo, pois a mídia e a sociedade vão criticar “ah é o partido da IURD”. Ele conta que, no início, a igreja tentou empurrar um pessoal não muito capacitado que, por conta disso consegue pensar políticas públicas, debate político, etc. A exceção, em sua visão, são os jovens da FJUni e Jovem Nota 10. “No Congresso da Juventude Republicana, pelo menos 35% dos jovens eram da Universal. A gente viu qualidade, souberam se comportar, ninguém ficou falando de Jesus, ou de Universal. Isso é fundamental para o PRB vencer a rejeição”.

Após a repercussão negativa de pessoas ligadas à Universal na campanha de Russomanno, Paulinho e outros coordenadores decidiram não mais aceitar pessoas da Igreja em cargos de coordenação. Segundo eles, por melhor que seja em sua função, o membro da IURD só traz “gente de dentro da igreja. Isso para mim tá comprovado. Universal quer levar todo mundo para dentro da Igreja. Não é por aí”. Em sua avaliação, isso compromete o partido não

só no jogo político, mas também no dia a dia da vida partidária, pois pessoas de fora começam a se sentir mal, achando que o partido é uma extensão da Universal. “Ela vai pensar que só vai ganhar (eleição) quem é da Igreja”. A fim de tentar provar o contrário, explica que o partido irá investir forte em um vereador que não seja da Universal. “Candidato da IURD já tem o dinheiro e os votos dela. O PRB tem que investir em seus candidatos”.

Paulinho também não vê com bons olhos uma possível guinada do PRB à direita.

“O partido tá indo atrás de gente que saiu do PSDB. Tem que ir atrás do pessoal do gueto, da periferia. O caminho para ganhar é esse. Essa é a minha ideologia e o caminho ético para mim. Toda minha família sempre votou no PT. Hoje, votam no PRB. Mas as ideias de esquerda permanecem e tem que ser bandeira do PRB: igualdade social, combate às desigualdades, ao racismo, justiça, educação e participação popular. Temos que ir atrás da garotada que saiu do PT, PSOL, PCdoB e está descontente com essa esquerda tradicional. Não é uma questão de número, mas de princípios”.

O temor de Paulinho em torno do conservadorismo parece se confirmar no momento em que o presidente do partido e as principais lideranças passam a associar o PRB à “defesa dos valores tradicionais”, redução do Estado na economia, tentando mostrar a legenda como representante da “onda conservadora”. Tanto que deputados do partido engajaram-se na defesa da “Escola Sem Partido”⁹³. Segundo o grupo liderado por Bulhões, o PL 7180/2014 (Escola sem partido) visa estabelecer “o respeito às convicções do aluno, de seus pais ou responsáveis”, dando “preferência aos valores de ordem familiar sobre a educação escolar nos aspectos relacionados à educação moral, sexual e religiosa”. Para o grupo do PRB, não se trata de cercear a opinião alheia, mas sim impedir que professores usem o tempo em sala de aula para “propagarem suas ideologias dogmáticas”, atendo-se ao currículo escolar.

“Quando os professores fazem propaganda de suas convicções, além de não formarem os cidadãos, também não ensinam o mínimo que deveriam ensinar. Ensinam, muitas vezes, no caso brasileiro, uma mitologia derivada do marxismo, e é por isso que se vê muita gente falando mal das elites, da imprensa burguesa, da democracia burguesa. Ora, a democracia burguesa é o que de melhor até hoje se inventou na política. Nossos jovens não podem continuar desprezando esse nosso tipo de democracia, que tem seus defeitos, mas é muito superior às alternativas marxistas, como o bolivarianismo, outra tentativa fracassada de construir o suposto verdadeiro

⁹³ Campanha criada pelo advogado Miguel Nagib contra a “doutrinação ideológica” nas escolas. A intenção é impedir que professores manifestem sua ideologia na sala de aula e abordem assuntos políticos. A proposta foi duramente criticada por profissionais da Educação, que veem nesse movimento uma censura pedagógica.

socialismo. Marx era filho de um rabino. Parece que em grande parte de seu trabalho atuou mais como profeta do que como cientista. Previu, por exemplo, o fim da classe média e o aumento do proletariado. O que aconteceu foi justamente o contrário, nos últimos 20 anos a pobreza no mundo caiu pela metade. Marx previu o fim da História, uma espécie de apocalipse do capitalismo, que seria seguido pelo paraíso na terra do comunismo. Sua concepção do lucro como mais valia é completamente ultrapassada, pois ignora a demanda e o valor adicionado pelo empresário. Suas previsões foram rejeitadas na teoria e na prática, com a morte de centenas de milhões de pessoas na China, Rússia, Coreia e outros países. O comunismo matou muito mais gente, mesmo em tempos de paz, do que o nazismo. Enfim, o marxismo, como o nazismo, é uma curiosidade histórica, e deve ser ensinado como tal. Erra quem trata essas ideologias como soluções válidas para os problemas da humanidade. Usar apenas o marxismo para explicar o mundo, em pleno século XXI, é inadequado e pernicioso. Quem quiser que faça isso em um ambiente particular, e não numa sala de aula, com uma plateia cativa, que não pode se manifestar. Escola não é lugar para se aprender as preferências ideológicas dos professores. Dogmas não devem ter espaço nas salas de aula. Essa conduta indevida tem impactos graves na formação dos cidadãos e no futuro do País” (Antônio Bulhões, deputado federal PRB-SP, em pronunciamento à Câmara dos Deputados).

Na opinião de Paulinho, as pessoas com visão mais liberal e pertencentes às camadas sociais mais altas já votam no PSDB e no DEM, logo, o PRB não deveria disputar esse eleitorado, mas sim se firmar como uma alternativa popular. Paulinho confessa ter ficado receoso quando decidiu implementar seu plano de ação, por conta da reação dos bispos. “Fiquei pensando o que eles diriam e como eu poderia fazer para convencê-los a deixar o pessoal da igreja de lado e entrar LGBT, afros”. A preocupação última do coordenador mesclava tanto o sucesso do partido, quanto sua posição ideológica de abrir espaço para todos os segmentos sociais. Ao elaborar seu projeto, refletiu acerca das condições de realização, enfim, em seu contexto objetivo (estrutura partidária e força da Universal) e analisou as possibilidades de sucesso, assim como o custo que seu plano de ação teria face às condições circunstanciais externas. “Fiquei mais tranquilo porque a Universal mudou muito dos anos 90 para cá. Estão mais abertos, mas por outro lado a IURD é uma potência que quando quer compra terreno, televisão, espaço de igreja. Meu medo era que fizessem isso na política”.

A situação complexa estimulou Paulinho a pensar soluções e, ao apresentar suas ideias, ativou certas competências reflexivas. Por já ter atuado como pastor evangélico, trouxe argumentos que tranquilizaram a cúpula da IURD. Da mesma forma, o trânsito por outras agremiações políticas também consiste em disposições adquiridas (Lahire, 2002) que são mobilizadas reflexivamente por ele em suas interações com membros da Universal e pessoas de fora. Na realidade, o aprendizado reflexivo mostrou-lhe a inviabilidade de um projeto 100% religioso e a importância de uma construção laica e plural em uma agremiação política. Não

raro, Paulinho cita exemplos do seu passado de militância no PT e na Igreja para antever o “que não vai funcionar”. Até mesmo a forma de falar com bispos e pastores é reflexivamente problematizada por ele. “Tem que saber o momento de ir mais na delicadeza e outro de se opor mais firme”. Segundo ele, esse processo de convencimento, aliado às mudanças na Universal, garantiram a candidatura de LGBTs no partido.

Essa “mudança na mentalidade” e o esforço interno da ala laica do partido, levaram, em sua visão, à percepção da importância dos LGBTs no processo político. Pereira cita o fato em entrevistas para apresentar o PRB como “tolerante e aberto”. Crivella assumiu compromisso público ao afirmar que, caso eleito prefeito do Rio, manteria os programas voltados à população LGBT. Isso não significa necessariamente uma adesão aos valores LGBT. O que importa é destacar é que processos de críticas de outros atores políticos foram reflexivamente considerados e causaram uma transformação, ou seja, uma mudança de ação. A construção de si como tolerante e plural é uma competência reflexiva que vem sendo desenvolvida por esses atores da IURD/PRB e encarada por alguns deles como fundamental no crescimento do partido para além do segmento evangélico.

PARTE II. Empresa do self e reflexividade na teologia da prosperidade

Antes de entrarmos na análise das críticas e julgamentos dos atores face a questões como mercado, estrutura social no Brasil, ascensão social e empreendedorismo econômico; e de seus projetos existenciais como empreendedores, faz-se necessário uma breve reflexão acerca do capitalismo contemporâneo. O intuito é compreender melhor as mudanças mais gerais do sistema econômico que levaram a uma reorganização da relação entre capital e trabalho, com implicações diretas e profundas na atividade exercida por todos os trabalhadores, uma vez que essa nova fase do capitalismo, pautada na flexibilidade e efemeridade, levou a uma nova definição das relações no processo produtivo. Logo, interessa-nos analisar aqui o processo que Boltanski e Chiapello (2009) denominaram como “novo espírito do capitalismo”. Isso nos permitirá compreender o contexto frente ao qual os atores agem, julgam e transformam.

De acordo com Boltanski e Chiapello, o capitalismo tem necessidade de um espírito, isto é, de uma “ideologia” para justificar o engajamento a esse sistema. Dessa forma, o capitalismo só funciona, isto é, só consegue sustentar-se e agregar as pessoas em torno de seus objetivos por conta das justificações morais angariadas pelo sistema. Sua capacidade *antropofágica* de incorporação de críticas explicaria sua sobrevivência, contrariando diversos teóricos que previam o seu fim. Logo,

“o espírito do capitalismo é justamente o conjunto de crenças associadas à ordem capitalista que contribuem para justificar e sustentar essa ordem, legitimando os modos de ação e as disposições coerentes com ela. Essas justificações, sejam elas gerais ou práticas, locais ou globais, expressas em termos de virtude ou em termos de justiça, dão respaldo ao cumprimento de tarefas mais ou menos penosas e, de modo mais geral, à adesão a um estilo de vida, em sentido favorável, à ordem capitalista” (ibidem, 2009, p. 42).

Sendo assim, os autores focam-se nas transformações observáveis do capitalismo e de suas justificações para explicar as vantagens desse sistema. Diferentemente de Weber, não se trata aqui de buscar a gênese do capitalismo, mas sim entender como o “espírito” pode ter diferentes significados conforme o momento histórico do capitalismo. Assim, separaram o *espírito* do *ethos* que o imbuía. A análise de Sombart (1990) serve de base para pensar o primeiro espírito do capitalismo, no século XIX. A figura do empreendedor heroico, do *self made man*, do conquistador que vence as adversidades e prospera pela força do trabalho representam o burguês austero e determinado, assim como os valores do trabalho duro como um fim em si mesmo. A “aventura capitalista” estava extremamente relacionada à acumulação

de bens, ao caráter poupador e a racionalização da vida. Apesar da valorização do modelo de família burguesa, o capitalismo permitiu a emancipação dos jovens do jugo patriarcal, que escaparam do regime tradicional/local, tornando-se operários nas fábricas. Segundo Boltanski, a principal justificação baseava-se na crença no progresso, na ciência e na utilidade da indústria. A principal crítica em relação a essa fase do capitalismo são as relações paternalistas na administração da indústria (com a figura do dono do capital misturando-se à do administrador) e a enorme desigualdade social denunciada pelos movimentos operários da época.

A segunda fase do capitalismo compreende o período entre os anos 30 e 60. A figura do *self made man* dá lugar à organização industrial burocratizada e ao diretor de empresas, responsável pelo aumento da produção, ampliação de mercados e na organização do trabalho para a produção em massa. A estabilidade e os planos de carreira são duas características inerentes à nova lógica organizacional. A racionalização e a planificação asseguram não só os empregos, mas também, em muitos casos, a moradia e centros de formação aos trabalhadores (Boltanski e Chiapello, 2009). O bem comum mobilizado no processo de justificação pauta-se principalmente em um caráter cívico de assegurar a produção, distribuição, consumo em massa e, em colaboração com o Estado, garantir o bem-estar social (idem, 2009). Esse cenário é marcado pela conquista de direitos dos trabalhadores e regras no gerenciamento dos funcionários, limitando as decisões patronais.

De acordo com Boltanski, as revoltas de Maio de 68 são responsáveis pelas críticas ao segundo espírito do capitalismo e, conseqüentemente, por sua transformação, uma vez que o capitalismo é obrigado a incorporar as críticas e anseios sociais dos atores a fim de obter o engajamento dos mesmos e limitar a crise que põe em risco o seu funcionamento. Do ponto de vista dos operários, a mobilização (*crítica social*) se dá em torno do combate às reestruturações e à modernização da produção e contra a política de De Gaulle, considerada como excludente pelos trabalhadores. Os estudantes e jovens recém-diplomados e já assalariados focam sua crítica (denominada pelos autores de *crítica estética*) contra a “tecnocratização, falta de criatividade, desumanização e diferentes formas de opressão”. Eles denunciam a organização burocrática e autoritária do trabalho, a própria divisão do trabalho, a falta de autonomia e autogestão (Boltanski e Chiapello, 2009). Os autores realizam então uma genealogia da recepção da crítica, por meio de análise de relatório da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Segundo esse texto, os jovens não encontravam mais motivação para trabalhar nas indústrias e não mais se submetiam à autoridade. Isso não se

limitaria aos trabalhadores, mas também aos postos executivos. A pesquisa relata ainda que a maior parte dos jovens preferia fazer “bicos” em trabalhos temporários a um emprego regular em fábricas, a fim de ter um estilo de vida com maior flexibilidade de horário e ritmo, sem a autoridade de um chefe.

Após o processo de taylorização que aumentou consideravelmente os ganhos de produtividade na França⁹⁴, o país vê despencar a produtividade nos anos 70, com aumento no número de faltas e alta rotatividade dos trabalhadores. Na *Confédération française démocratique du travail*⁹⁵ (CFDT), a demanda por maior democracia e autogestão nas empresas foi importante para a participação dos executivos no movimento (idem, 2009). Na análise de Boltanski, o modelo de autogestão serviu como inspiração para a renovação da gestão empresarial. Em resposta a essas reivindicações, o patronato francês concedeu amplos aumentos de salários, instituiu-se a remuneração mensal aos trabalhadores da indústria, férias de um mês, garantia de emprego, entre outros direitos. Dessa forma, cederam às demandas das críticas sociais (salários e direitos do trabalhador) para manter o poder de decisão e o controle nas empresas, ignorando as *críticas estéticas*.

Essa política adotada pelo patronato teve alto custo e não resolveu os problemas de produtividade. Sendo assim, os padrões recebem análises de sociólogos e técnicos do trabalho que afirmam que o problema seria as condições de trabalho. Os jovens não teriam mais interesse no modelo taylorista com cronometragem das atividades e tarefas repetitivas. Como os sindicatos não eram capazes de controlar as greves e revoltas no trabalho, o setor patronal passa a pressionar pela eliminação da intermediação sindical no processo de acordos, estabelecendo que a empresa iria se encarregar dos desejos dos trabalhadores. Nisso, começaram os esforços para que a gestão da força de trabalho fosse realizada pelas empresas. No ambiente empresarial, a administração autoritária passa a ser vista como ineficiente e formas mais democráticas de gestão começam a ganhar espaço. No lugar de chefes “ditadores”, surgem os “líderes”, gestores mais abertos e que dividem as responsabilidades com sua equipe. Evidentemente, a perda de força da *crítica social* por conta do enfraquecimento dos sindicatos também explica esse

94 É importante ressaltar que os autores estão trabalhando com dados dentro do contexto francês. Entretanto, essas transformações do capitalismo e suas novas justificações são observáveis em diferentes contextos nacionais.

95 Em português, Confederação francesa democrática do trabalho. Trata-se de uma confederação interprofissional de sindicatos franceses.

processo de mudanças, uma vez que ficou um vazio com relação às demandas de maior igualdade social.

As empresas passam a complexificar as tarefas, a flexibilizar os horários e a oferecer acordos e retribuições individuais e não mais coletivamente, o que atraiu muitos trabalhadores. Eis então o surgimento do terceiro espírito do capitalismo, pautado na flexibilidade. Nesse processo, troca-se as garantias pela “flexibilidade” e autonomia no trabalho. Para garantir isso, as empresas começaram a dismantelar diversos setores, principalmente os das hierarquias, agora dispensáveis pela ascensão da autonomia como valor. Isso causa demissões em massa e o fim de uma série de cargos dentro das organizações empresariais, já que o controle rígido e hierárquico passa a ser exercido pelo próprio trabalhador por meio do autocontrole, eliminando custos relacionados à vigilância.

O emprego formal e a carreira sólida em uma mesma empresa deixam de existir e a capacidade do profissional de se conectar e desconectar a distintos projetos é o que o faz forte na esfera dos negócios. O mundo passa a ser encarado como uma rede, termo usado tanto por teóricos da sociologia do trabalho como pelos atores para se definir a um mundo que supera a distância temporal e espacial, possibilitando a incorporação de trabalhadores de diversos cantos do mundo. Essa sociedade reticular implica encontros e engajamentos temporários, ou seja, conexões fluídas e em constante transformação. Os profissionais valorizados deixam de ser aqueles com longa carreira em uma mesma empresa e passam a ser aqueles com maior capacidade para se conectar a novos projetos e engajar outros atores ao processo. Nesse novo mundo capitalista, a estabilidade é encarada como um empecilho à conexão, à mudança e promove o isolamento do ator na rede, impedindo seu crescimento. Já o profissional rígido, que não busca novos contatos, tímido e que se apega a um projeto, ou a um lugar, ou a um emprego, está condenado à pequenez, uma vez que é incapaz de estabelecer novas conexões e ampliar sua inserção na rede.

Dessa forma, a fase atual do capitalismo é marcada por grande flexibilidade nas relações empresariais e trabalhistas, com o fim da estabilidade no emprego e mudança na gestão empresarial, que abandona a lógica burocratizada e racionalizada dos anos 60. Nesse cenário, o capital passa então a ter um tempo de giro mais rápido e sem empecilhos, uma vez que pode realocar-se mais facilmente para atender novas demandas e criar novas necessidades. A justificação do terceiro espírito baseia-se na maior “liberdade”, “espaço para criatividade” e possibilidade de ser o que quiser. Porém, qual foi o resultado concreto dessa mudança?

Primeiramente, a precariedade aumentou já que os trabalhadores ficaram coagidos pelo medo do desemprego, sendo obrigados a se submeter a jornadas mais longas e com menor remuneração, a trabalhos temporários e a terceirizações. A linha de montagem não é valorizada como os empregos dos executivos e os trabalhadores são obrigados a acumular funções como, por exemplo, a produção dos bens e controle de qualidade. Da mesma forma, a flexibilidade do horário de trabalho praticamente não contemplou os operários, ficando restrita a posições mais elevadas na hierarquia. As grandes empresas demitiram muitos funcionários que foram readmitidos como “*pessoa jurídica*”, ou reincorporados como terceirizados, contratando serviços de grupos menores para diminuir custos. Essa mudança no setor produtivo implicou transferência e precarização da mão de obra.

Além disso, o atual estágio do capitalismo registrou também um aumento na concentração de empresas em torno de um mesmo grupo, aumentando os monopólios e reduzindo a concorrência. No comércio, percebemos as pequenas lojas independentes darem lugar às franquias de alguma grande rede, assim como a concentração de marcas nas mãos de um mesmo conglomerado. A política de flexibilização das empresas também causou grande impacto nas contas do Estado, uma vez que mais trabalhadores precarizados e desempregados significam maior custo ao sistema de saúde, mais pessoas recorrendo ao seguro-desemprego, ao mesmo tempo que há uma forte queda na arrecadação da previdência social. Sem contar que a política de subsídio ao emprego fez com que os governos deixassem de arrecadar bilhões em impostos, à título de “incentivo fiscal” para instalação de atividades empresariais. Essa crise de recursos também foi responsável pelo aumento da dívida pública, uma vez que os estados foram obrigados a emitir papéis e contrair empréstimos para atender maior demanda de usuários da saúde e da seguridade social.

Soma-se a esse cenário o que Boltanski e Chiapello (2009) denominaram como “crise do modelo das classes sociais”. A elevação de nível de vida dos operários depois do pós-guerra, com maior acesso a bens de consumo e serviços, teria levado a uma absorção geral das classes em uma “classe média”. Segundo os autores, diversas pesquisas indicam o aumento dos que não se identificam a uma classe social e os que afirmam pertencer, percebem-se como integrantes da classe média. Dessa forma, as identidades não se pautam mais no pertencimento a uma identidade social e coletiva, mas sim na trajetória dos indivíduos, uma vez que as negociações entre patrão e empregado deixam de ter mediação sindical e mesmo as condições de emprego são individualizadas, com a ascensão de novas empresas e situações de trabalho

(idem). Além disso, há todo um processo de reestruturação semântica que leva à decomposição das categorias clássicas de classificação no mundo do trabalho. Funcionários tornam-se colaboradores, operários, por sua vez, viram “operadores”. De modo geral, cada empresa fica responsável por classificar e criar variações na hierarquização de assalariados, o que corrobora para uma desconstrução gradual dos âmbitos coletivos e esvaziamento de categorias de mobilização social (ibidem).

Nesse sentido, Beck (2011) também aponta uma melhoria geral nas condições dos trabalhadores assalariados, em comparação às condições do capitalismo industrial do séc. XIX, o chamado “efeito elevador”, que aumenta o padrão de vida, mas que não reduz as desigualdades sociais existentes que, segundo o autor, aumentam a passos largos. Segundo ele, o movimento da modernização volta-se às classes sociais, na segunda metade do séc. XX, destradicionalizando-as, por meio do avanço educacional, possibilidades de mobilidade social e avanço do processo de individualização. Assim, na modernidade, o indivíduo constrói seu próprio caminho, que não passa mais pela adesão a um movimento trabalhista, mas sim pela ascensão individual, marcada pela qualificação educacional, relativizando assim um estilo de vida tradicional de classe.

“Os ambientes sociais marcados pela estratificação e as formas de vida cultural definidas pela classe desvanecem-se. De modo tendencial, surgem formas e situações existências individualizadas, que obrigam as pessoas a colocarem-se a si mesmas – por conta de sua própria sobrevivência material – no centro da criação e da execução de seus planos de vida. (BECK, 2011, p.108).

Isso não significa absolutamente que as disputas entre posições e a desigualdade tenha desaparecido, mas sim que tais categorias não produzem mais efeitos de mobilização e de compreensão do mundo moderno, tornando-se um desafio pensar o capitalismo em uma “sociedade pós-classes” (Beck, 2011). É importante ressaltar que esse processo de modernização não é universal, mas apresenta variações locais. No caso da América Latina, Souza (2004) aponta que instituições modernas como o Estado burocrático e o mercado foram importadas sem adaptações, não se sustentando nas mesmas fontes de moralidade dos países europeus e dos EUA (idem, p. 132). Dessa forma, a hierarquização da sociedade brasileira não respeita o princípio de dignidade humana do conjunto de cidadãos, abandonando o pressuposto da igualdade nas relações sociais. Assim, as relações entre as classes sociais no Brasil são marcadas pela violência e por uma desigualdade estrutural e concentradora de renda, que

termina por produzir uma massa de subcidadãos marginalizados e que serão superexplorados como força de trabalho.

Outra análise valiosa para a composição desse frame analítico é o trabalho de Michel Foucault em torno da governamentalidade neoliberal. Segundo o autor, a grande diferença entre o liberalismo clássico e sua forma atual reside no fato de que o primeiro lutava pela existência de um espaço específico reservado ao livre-mercado, enquanto que o segundo propõe que o Estado seja regido pela lógica liberal e mesmo as relações sociais sejam entendidas a partir da forma econômica do mercado. Assim, as relações familiares e amorosas passam a ser percebidas como investimento, o chamado capital humano será pautado por análises focadas em possibilidades de renda futura. Mesmo simples negociações entre um casal: eu lavo a louça, você faz a comida passam a ser analisadas pelos neoliberais como transações. Dessa forma, tornamo-nos empresas:

“O retorno à empresa é ao mesmo tempo, portanto, uma política econômica ou uma política de economização de todo o campo social de guinada de todo o campo social para a economia, mas é a o mesmo tempo uma política que se apresenta ou se pretende uma Vitalpolitik, que terá por função compensar o que há de frio, de impassível, de calculista, de racional, de mecânico no jogo da concorrência propriamente econômica” (Foucault, 2010, p. 333)

Assim, a arte de governar neoliberal necessita de uma racionalidade pautada pelos agentes econômicos (idem). Nisso, a governamentalidade liberal moderna será pautada na produção de sujeitos autônomos, enfim, governar para que eles sejam livres e que os próprios pautem então a governamentalidade do Estado. Na última fase de sua vida, o filósofo francês começou a construir seu último projeto, inacabado por sua morte prematura. Tratava-se da análise da produção do *self*, enfim, a construção reflexiva de si, acentuando o que Foucault havia discutido em a *Hermenêutica do Sujeito*. A intenção de Foucault era justamente descobrir como a questão do *self* tornou-se fundamental para que o homem contemporâneo pensasse a si próprio e construísse sua vida, enfim, seu projeto do Eu. Logo, a análise da tecnologia do *self*. A análise de si dos gregos antigos, realizada pela meditação e controle de si, estudo sistemático visavam atingir uma transformação do Eu, a saída de uma vida pautada pelo desejo e pela perspectiva do homem para algo superior, ligado ao Logos para os platônicos, ou livre dos vícios e em harmonia com o Cosmos para os estoicos Hadot (2002). Em ambos os casos, tratava-se de atingir um determinado estado por meio de um trabalho árduo de controle próprio e frequente análise de si, enfim, a alma que volta para si própria, tendo a si mesma como objeto

de contemplação. Nesse caminho, o próprio sujeito era transformado. Foucault afirma que a confissão cristã é muito influenciada por diversas tecnologias estoicas, mas o que diferencia o cristianismo da tradição grega é justamente a tentativa de decifrar os pensamentos interiores, algo que estaria escondido em nós e que precisamos escrutinar nossa mente para descobrir o que há. Desse modo, a confissão se torna a marca da verdade, obtida pela contínua verbalização dos pensamentos. O capitalismo neoliberal, a sociedade empresa pautada na liberdade dos atores econômicos só pode funcionar por conta de uma regulação da conduta, não mais pautada pelo Estado, mas sim pelo próprio indivíduo. Ao Estado cabe criar os meios para a construção de sujeitos autônomos, enfim, ensinar o sujeito a ser livre e se autogoverne. Apesar de não usar o termo reflexividade, o sujeito, em Foucault, volta-se a si mesmo, construindo sua subjetividade, analisando-se por meio de uma série de técnicas.

A análise de Rose busca desenvolver a produção da subjetividade de Foucault, pautando-se na influência da difusão do conhecimento psicológico como fundamental para a construção do *self* na modernidade. Segundo o autor, devemos entender a psicologia como uma tecnologia que reúne forças, artefatos, técnicas, linguagens, teorias, conceitos e entidades, que constroem um certo maquinário intelectual que permite o mundo ser pensado de uma certa forma e, mais importante, que o sujeito passe a se perceber enquanto tal (Rose, 1998, p. 55). Em seu trabalho, o autor defende a ideia de que o agente que se problematiza e se percebe como livre para construir a própria vida é um fenômeno contemporâneo da sociedade ocidental e não uma característica universal humana. A vulgarização do conhecimento psicológico, de suas ferramentas de análise e desenvolvimento foram difundidas por meio de livros de autoajuda, programas televisivos, participação na escola, pesquisas no ambiente de trabalho, etc. Tudo isso permitiu a incorporação de ideias, saberes e formas de problematizar o eu e o outro, a realizar uma análise de si, culminando na popularização da ideia de construção de um projeto próprio, característico da modernidade.

Transformações no capitalismo brasileiro

De acordo com Grün (2007), o capitalismo brasileiro passa a viver um novo momento durante o governo de Fernando Collor. O então presidente afirmou que os carros brasileiros pareciam carroças e teve início a abertura às importações, como uma forma de forçar uma modernização da indústria brasileira, encarada como atrasada e ineficiente, além de baixar

os preços por meio da competição. Logo, a estrutura burocrática das empresas é alvo de críticas por ser um “empecilho à economia moderna de mercado”. O período FHC acentua esse processo e as empresas passam por forte reestruturação, com a eliminação da burocracia e da vigilância, a fim de se adequarem ao novo modelo empresarial vigente, não mais baseado nas antigas organizações. O Estado também é visto como ineficiente e “pesado” e, por isso, deve ser reduzido. Dessa forma, o processo de privatização e venda de estatais foi encarado pelo governo como uma das principais bandeiras da administração tucana. Para Grün (2007), a campanha publicitária do Bamerindus (“gente que faz”), que mostrava casos de sucesso de pequenos empreendedores indica a passagem para essa nova fase capitalista, em que o indivíduo é o centro de tudo e deve ser um empreendedor adaptado e flexível.

O autor indica que um dos efeitos práticos dessa mudança é o predomínio dos interesses do capital financeiro. As taxas de juro sobem a níveis altíssimos, medida que é justificada para atrair os investidores, uma vez que o Brasil não teria segurança jurídica em suas instituições e sofreria de uma “corrupção endêmica”. Dessa forma, os juros altos seriam uma compensação por um suposto risco inerente ao país. A medida desestimulou a atividade industrial, uma vez que a remuneração do capital financeiro passou a ser bem maior do que a do produtivo. Diversos trabalhadores foram demitidos nesse processo e os que permaneceram enfrentaram a precarização por meio das terceirizações e aumento no número de horas de jornada de trabalho, além de redução salarial. Portanto, a lógica flexível do capital financeiro tornou-se dominante na gestão empresarial brasileira e o “terceiro espírito” instaurou-se de vez por aqui.

Em minha avaliação, esse processo de mudança também causou um esvaziamento da noção de classes, no Brasil. Os sindicatos perderam representatividade, uma vez instauradas negociações diretas e individuais entre empregados e empregadores. Além disso, houve uma forte incorporação da nomenclatura do novo capitalismo: funcionários também passaram a ser chamados de colaboradores, operários de “operadores”, etc. O avanço das terceirizações e (pasmem) quarteirizações produz uma grande massa de trabalhadores precarizados que não mais tem contato com antigas mediações (movimentos operários e sindicais) que promovem uma certa cultura de classe. Aos trancos e barrancos, a luta pela qualificação profissional e construção identitária assume uma característica unicamente individual. Enfim, a sociabilidade e autoperceptibilidade social das classes, entendida como grandes grupos que delimitam círculos de contato e que definem sua peculiaridade e atribuem identidades, deixam a cena

(Beck, 2011). Nesse contexto, percebemos dois fenômenos recentes e aparentemente interligados: a ascensão do empreendedorismo e a emergência de um novo grupo social no Brasil, classificado por analistas e pela imprensa como “a classe C”, ou nova “classe média”.

De acordo com pesquisa do Global Entrepreneurship Monitor (GEM), realizada no Brasil pelo Sebrae e pelo Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade (IBQP), 34,5% da população adulta possui um negócio próprio, o maior índice mundial, à frente dos Estados Unidos e da China. De acordo com o Sebrae, 55,2% pertencem à classe C e 54% dos empreendedores que montam um negócio próprio ganham até três salários mínimos. A mesma pesquisa do órgão indica que 64,7% dos empreendedores brasileiros ganha até R\$ 60 mil por ano e que quase 58% dos empresários no país não atuam com funcionários. Evidentemente, o crescimento no número de empreendedores reflete-se também pelo avanço dos trabalhadores sem carteira assinada, que são contratados como “pessoa jurídica”. Entretanto, a pesquisa da GEM aponta que 71% dos que começaram um negócio próprio, o fizeram pela oportunidade e não pela necessidade. Na avaliação do presidente do Sebrae Nacional, Luiz Barreto, a classe C tornou-se a grande empreendedora e consumidora dos pequenos negócios no país⁹⁶.

Em um promissor estudo⁹⁷ realizado pelo instituto de pesquisas *Data Favela*, 40% dos moradores de favelas do Brasil desejam ter o próprio negócio. A maior parte (56%) desses potenciais empreendedores pertence à classe C. O levantamento indica ainda que 53% dessas pessoas consideram que melhoraram de vida graças a seu esforço próprio e 24% por conta da fé em Deus. Somente 5% atribuíram a melhoria à ação do governo. Dessa forma, percebemos uma forte correlação entre o empreendedorismo e a ascensão da “classe C”

O trabalho de Souza (2012) nos dá pistas muito importante para compreender a formação da “classe C”, à qual prefere se referir como “nova classe trabalhadora”, no país. Segundo sua divisão das classes⁹⁸ populares, temos a classe trabalhadora tradicional e a *ralé*, grupo composto pelos miseráveis e excluídos de todo o processo econômico, assim como das políticas oficiais do governo. Esse grupo foi ainda mais precarizado pelo “novo capitalismo”,

⁹⁶ Disponível em : <http://exame.abril.com.br/pme/classe-c-e-a-que-mais-emprende-no-brasil/> Acesso em 01/02/2017

⁹⁷ Disponível em https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/AM/Anexos/Apresenta%C3%A7%C3%A3o_2%C2%BA%20Forum%20Favela_Consolidado.pdf Acesso em 06/08/2016

⁹⁸ Respeitarei a terminologia adotada pelo professor Souza para se referir sociologicamente às diferentes camadas sociais, o que não implica, a meu ver, uma contradição com o processo de destradicionalização das classes, anunciado no texto.

mas havia uma certa “elite da ralé” capaz de ascender socialmente desde que houvesse oportunidade de qualificação e inserção no mercado (SOUZA, 2012, p. 47). De acordo com Souza, o *ethos* do trabalho duro e uma incorporação de perspectivas de crença e de ação sob forma de *habitus* foram responsáveis pela ascensão social desses brasileiros. O autor denomina essa nova classe como “batalhadores”, recusando o termo “nova classe média”. Fortemente influenciado pelo trabalho de Bourdieu, Souza justifica que as classes dominantes (média e alta) caracterizam-se pela acumulação de capital econômico e cultural. Os dois são compreendidos na teoria bourdieusiana como fundamentais para acessar recursos escassos (bons empregos) na sociedade capitalista moderna e uma vida privilegiada. Por isso, seria uma imprecisão, em sua perspectiva, incluir essas pessoas na classe média tradicional, uma vez que não tiveram acesso a esses capitais.

A principal característica do batalhador é a sua capacidade de resistir ao cansaço de longas jornadas de trabalho, conseguir conciliar emprego com os estudos, capacidade de poupança e de racionalização do futuro e uma enorme crença em si e no trabalho (idem, 2012, p. 50). Nisso, a estrutura familiar sólida, com a presença de pai e mãe tem importância fundamental. Segundo Souza, a ralé tem como característica a família monoparental, com ausência do pai, além de problemas frequentes como alcoolismo, violência, abuso sexual e também criminalidade. Dessa forma, a família estruturada já se constitui como característica importante para fugir do círculo vicioso da miséria, por conta do exemplo do trabalho duro, que Jessé chama de “ética do trabalho”, herdada dos pais, e também por maiores chances de escolarização.

“Assim, a separação em relação à “ralé”, como fronteira para baixo, se consubstancia na internalização e in-corporação – tornar-se “corpo”, automático – das disposições nada óbvias do mundo do trabalho moderno: disciplina, autocontrole e comportamento e pensamento prospectivo. Ao contrário do que se pensa na vida social cotidiana, ninguém nasce com essas disposições e elas não fazem parte, como a capacidade de ver ou ouvir, do repertório de capacidades ao alcance de todos que estão vivos. Ao contrário, essas disposições têm que ser aprendidas, embora seu aprendizado seja difícil e desafiador e não esteja ao alcance de todas as classes”. (ibidem, 2012, p.51)

A capacidade de racionalização do futuro é fundamental para traçar planos, planejar a vida e definir estratégias. Diferentemente da ralé, os *batalhadores* não estão ligados à incerteza permanente da fome e da miséria, que os leva a se concentrar somente nos problemas do presente. Entretanto, eles também não dispõem das mesmas possibilidades de acesso a

capital cultural e educacional como a classe média tradicional, o que os relega ao mundo duro do trabalho, com jornadas extenuantes em atividades de cunho mais técnico.

Para Souza e Arenari, uma característica fundamental nos batalhadores e, por conseguinte, para seu processo de ascensão social é a religiosidade evangélica. Na análise proposta em “Batalhadores Brasileiros” e também em entrevistas de Jessé, o pentecostalismo é alçado, junto às políticas sociais dos governos petistas, como responsável pela ascensão social. Segundo os autores, o pobre, historicamente humilhado e abandonado pelo Estado, encontra na religiosidade evangélica o apoio moral e o estímulo para crer em si próprio. A autoestima e autoconfiança dos pobres é desenvolvida nas igrejas evangélicas por meio de discursos de empoderamento como “você é um filho de Deus”, “Deus tem algo maior reservado para você”, “você vai vencer e não merece ser humilhado”. Na leitura de Souza, a religiosidade evangélica atende aos anseios dos mais pobres, ao oferecer respostas ao sofrimento e exclusão social, assim como ao desenvolver a confiança e o planejamento do futuro. Dessa forma, a vida religiosa do batalhador “se singulariza em relação à da ralé pelo fato de que a socialização religiosa traz a crença no futuro para o contexto de interações face a face, para a identificação com exemplos presentes e tangíveis do futuro, de modo que essa identificação estrutura a forma prática de conduzir a vida diária” (SOUZA, 2012, p. 320). Portanto, essa forma religiosa tem um papel fundamental na *reflexividade* em torno da vida econômica e familiar. Não raro, diversas vezes escutamos testemunhos de convertidos afirmando que pararam de beber e/ou se drogar e reataram laços com a família. Assim, para Souza, o núcleo familiar fortalecido aumenta as possibilidades de ascensão social, uma vez que todos os membros da família trabalharão em prol dela, além de contarem com um ambiente melhor para o crescimento intelectual.

Na visão de Arenari (2012), a religiosidade dos batalhadores não apresenta vínculos com instituições neopentecostais como a IURD. Segundo ele, essas denominações focam-se na *ralé*, pois propõem práticas mágicas para o enriquecimento rápido como, por exemplo, fogueiras santas e outras campanhas. Segundo ele, a presença de enorme volume de “desesperados” e também o uso de meios de comunicação para atingir um grande número de pessoas diminui a possibilidade de interação face a face, responsável, para ele, para que haja um controle do grupo sobre o indivíduo. Sem essas situações de copresença, o ordenamento da conduta, disciplinarização da vida e capacidade de racionalização do futuro ficariam comprometidos, bem como a formação de um “suporte sociognitivo”.

Para Arenari, é necessário que haja um acoplamento da vida religiosa com a vida cotidiana do fiel e, por isso, apresenta como caso empírico os modelos de células do pentecostalismo que “visam unificar diferentes esferas da vida numa única forma de socialização (...) a unificação da conduta de vida” (idem, p. 330). Realmente, os pentecostais de pequenas denominações tem uma relação mais intimista com a liderança religiosa por conta da proximidade geográfica entre o local de culto e as casas dos fiéis e também pelo menor volume de pessoas. Entretanto, na Universal, muitos fiéis comunicam-se de maneira intensa com obreiros e pastores, por meio de atendimentos individualizados para discussão de seus problemas e também por meio de grupos de ajuda de *WhatsApp*. Além disso, grupos menores são também formados na IURD para discussão e auxílio mútuo. Discordo também que a monitoração da conduta e da ação seja necessariamente uma exclusividade das interações face a face. Como veremos, a noção de conversação interna é profícua para compreender as transformações e mudanças na percepção de si para além das interações de copresença.

De um modo geral, a obra de Souza (2012) compreende que a religiosidade evangélica é fundamental para o processo de ascensão social vivido no Brasil, ao lado das políticas econômicas e sociais do governos Lula/Dilma. Apesar desta pesquisa acreditar na hipótese da correlação entre esses dois fatores, devemos ressaltar que ainda não há dados empíricos concretos, principalmente no que se refere a indicadores macro (estatísticas), para mensurar com precisão a parcela de contribuição da religiosidade ao processo de mobilidade social. De todo modo, encontramos durante o trabalho de campo um considerável estímulo ao empreendedorismo; críticas ao trabalho formal visto como “exploração”, assim como julgamentos a respeito da estrutura de classes no Brasil. Diante do cenário macroeconômico explicado anteriormente, pretendemos compreender como a religiosidade se constitui como uma descontinuidade contextual na vida desses indivíduos e, por conseguinte, um estímulo à *reflexividade* dos atores acerca do trabalho formal, desigualdade social, estrutura de classes no Brasil e sobre a percepção que tem sobre a transformação de si, sua identidade e sobre seus planos de vida, além da importância que atribuem ao empreendedorismo para a mudança de condição social.

Se compreendermos a religiosidade evangélica e aqui, mais precisamente, a Igreja Universal, como um coletivo, percebemos nela um poder causal e um mecanismo gerativo que pode produzir movimento social (Vandenberghe, 2010; Domingues, 1995) e, conseqüentemente, influenciar e/ou provocar possíveis transformações no mundo da vida.

Assim, mesmo que não possamos dispor de indicadores quantitativos, percebemos essa influência da religião evangélica no mundo da vida e os processos reflexivos que ela engendra.

Nessa parte do trabalho, a análise do trabalho normativo dos atores em relação a certos dispositivos servirá de acesso às conversações internas dos atores. Evidentemente, não temos como registrar como se passou o processo de pensamento de cada ator, porém, o indivíduo pode compartilhar sua reflexividade interna em conversas intersubjetivas, as quais devem ser levadas em conta, pois se trata da percepção desses atores sobre seus pensamentos. Mesmo sem indagar diretamente os atores sobre suas conversas internas, alguns detalhes são livremente exprimidos em seus testemunhos. Essa modalidade de discurso leva os atores a realizar uma autoanálise de suas próprias vidas, enfocando seu passado, o momento de mudança na conversão e a vida atual. Nesse processo, relatam, muitas vezes, o desencantamento com um determinado papel social, a construção de um novo projeto e mesmo momentos de sua conversa íntima sobre sua vida, seus problemas e possibilidades de solução. Nisso, também temos acesso à reflexão que os atores realizam com relação à viabilidade de seus projetos existenciais face às condições estruturais, ou seja, como pensam seu contexto social e a si próprios em relação às condições objetivas.

Além disso, o aporte do realismo crítico permite pensar como os atores incorporam conhecimentos e a disciplina do trabalho duro, por meio da ativação de normas e regras em suas conversações. Assim, os próprios fiéis são responsáveis pelo seu condicionamento enquanto empreendedores, como pretendemos demonstrar.

Capítulo 8. As conversações internas dos empreendedores e os projetos de vida

Em muitos momentos, bispos e pastores insistem acerca da necessidade do fiel conhecer a si próprio. Frases como “quem é você? O que você gostaria de ser? Você precisa pensar mais, sair do automático e refletir” são utilizadas com frequência durante os cultos. Nos materiais distribuídos aos membros, há uma série de “exercícios” que estimulam a reflexividade dos fiéis. Em um *Congresso para o Sucesso* (culto dos empresários) na Vila Mariana, em São Paulo, tive acesso a um deles. Um pequeno pedaço de papel escrito “vencedores” no alto, com o símbolo de uma coroa, conta com as seguintes perguntas: “Quem é você? O que faz atualmente em sua vida? Qual o seu sonho e como você gostaria de ser no futuro? Explique em detalhes.” O pastor os adverte que não é para preencher no momento do culto, mas sim em casa, “para fazer uma reflexão mais profunda”. Iniciativas como essa são relativamente comuns e uma boa parte dos materiais distribuídos foca na questão de si e do “Eu” futuro. Como esse material impresso permanece com os fiéis para exercício de autorreflexão, ou em alguns casos entregue a um obreiro para uma campanha⁹⁹, não temos acesso a ele.

Dessa forma, como base empírica para pensarmos a conversação interna dos atores, tomaremos como exemplo os relatos dos fiéis¹⁰⁰ que recolhi em cultos e cursos dos quais participei. Tomemos como exemplo a história de Carlos Rubens¹⁰¹, 37 anos, jogador profissional de futebol americano. O atleta relata que foi “viciado em drogas” e “morador de rua”, tendo realizado furtos para “manter o vício” e que chegou à Universal por conta de sua esposa, cansada daquela situação e de seus casos extraconjugais. Segundo ele, a “transformação” de sua mulher motivou-o a buscar ajuda na Igreja Universal. Ali, afirma ter encontrado um tratamento para seus problemas e uma “preparação para a nova vida”. Sedentário e acima do peso, além de estar com mais de 30 anos, fez um teste para uma vaga em um time de futebol americano e foi aprovado. A alegria foi tão grande que decidiu dedicar-se verdadeiramente e perdeu 30 kg. Além disso, fez supletivo e começou a faculdade de Direito e

⁹⁹ Os papéis não são lidos, mas sim queimados, ou deixados em algum local para a comunicação com Deus.

¹⁰⁰ Evidentemente, os testemunhos em cultos privilegiam as narrativas de sucesso e não os fracassos. Por isso, trabalhei com um corpus de dados representativo dos “vencedores”. As poucas conversas informais com membros cujos projetos fracassaram revelam que persiste a crença de que houve erro na execução, ou no objetivo almejado, e resta a perseverança para recomeçar. Também é de se destacar que mesmo aqueles que não conseguiram pôr seu plano de ação em prática, reconhecem que a fé os anima a continuar lutando e que a disciplina adquirida ali é primordial à vida deles.

¹⁰¹ Não utilizei pseudônimo, pois a história está publicada integralmente no site. Ver em: <http://www.eusouauniversal.com/depoimentos/carlos-rubens/>

sonha em ser juiz. Hoje, diz-se realizado e motivado e que a maior diferença em sua vida é a força interior, que o ajuda a vencer qualquer adversidade.

A maior parte das narrativas comporta uma história de superação, com um passado permeado por dificuldades e a concretização de um plano de vida e de um projeto do eu, após muito esforço. Os atores usam o termo restauração, ou vida restaurada, para se referir à recuperação da autonomia, perdida para o uso de drogas, pornografia, jogos de azar, etc. Segundo eles, eram incapazes naquele período de estabelecer planos, o que remete à análise de Archer (2003) sobre os “reflexivos fraturados”, isto é, pessoas sem projetos reais e sem identidade pessoal, sem poder de ação em relação ao ambiente social. Dessa forma, a conversão é encarada como uma recuperação da capacidade de “voltar a sonhar e elaborar projetos”.

Entretanto, não se trata apenas da recuperação da capacidade reflexiva, mas também de um empoderamento do *self* com relação ao contexto social. Para exemplificar, vamos considerar algumas narrativas. Para começar, a de Carlos, o jogador de futebol americano. Ao se deparar com o teste para ingressar na equipe, avaliou a situação e percebeu os limites impostos pela estrutura, ou seja, certas condições que não é capaz de controlar como, por exemplo, limite de idade para a contratação, performance física, etc.

Outro caso elucidativo é o de Marineide, dona de uma clínica de estética. Ela trabalhava como esteticista em uma clínica e sonhava abrir seu próprio negócio. Em suas conversações, constatou que a ausência de escolaridade formal, assim como a falta de capital eram impeditivos a suas pretensões. Em ambos os casos, assim como em outros, os atores afirmam que seus sonhos, ou seja, seus projetos de vida e de futuro eram inviáveis por conta das condições estruturais adversas. Porém, em todos esses relatos, os atores afirmam que a força que desenvolveram na instituição religiosa os levou a tentar mesmo sabendo das condições desfavoráveis. Isso não significa que seus planos não tenham sido alterados por conta das situações externas. Marineide, por exemplo, buscou e encontrou um sócio capitalista que pudesse bancar a maior parte dos custos com equipamentos. Entretanto, todos decidiram agir e atribuíram essa decisão à força interior que encontraram na instituição religiosa. Os atores afirmam que passaram a se perceber como “fortes e capazes”, independentemente de sua origem social, ou grau de escolaridade. Há então, um reforço do *self* face às estruturas, isto é, um maior empoderamento de si mesmo que faz com que o “Eu” perceba a si próprio como forte e capaz de agir, mesmo se as condições para a concretização de um projeto sejam desfavoráveis. “Passei

a me ver forte, inteligente e capaz e não tive medo para começar meu negócio e buscar meus sonhos”.

Segundo Rose, nesse tipo de conteúdo de manuais ou conselhos de auto-perfeccionamento, auto-estima há um padrão de *self* colocado, que serve como espelho em que os atores miram uma certa normalidade. Enfim, selves desejados que serão incorporados na conversação interna dos atores como, talvez, visitantes permanentes, ou mesmo um modelo a ser refletido. Nisso, o testemunho tem importância crucial ao apresentar uma normalidade, um “exemplo a ser seguido”, uma vez que “tornando-se si mesmo é um processo recorrente de cópia que emula e diverge de outros selves. Hoje as características pertinentes da mimesis e da alteridade são estabelecidos em vetores de estilos de vida, sexualidade, personalidades e aspirações” (Rose, 1998, p. 193, tradução minha).

O processo contínuo de conversação interna estabelecida no seio da Igreja Universal, pelo que pudemos observar por meio dos testemunhos dos fiéis, leva à desconstrução do antigo *self* para a formação de um *self futuro* como capaz, inteligente e vencedor. Isso faz com que o *self*, ao pensar a si próprio como objeto face às dificuldades externas, não desista do plano de ação estabelecido. “Comecei a me ver como vencedor, vi as dificuldades, não desanimei e determinei o meu plano”. Não se trata aqui de julgar a eficácia da religiosidade, mas sim compreender como, por meio dela, os fiéis se sentem empoderados e a encaram como um fator transformador em suas vidas. O aporte teórico da *reflexividade interna* pode parecer um viés psicologizante. Adianto aqui que nosso intuito não é compreender o funcionamento mental dos indivíduos, mas sim como os atores pensam a si próprios em relação à estrutura social, como elaboram seus planos face às condições externas e também como transformam essas estruturas. Nesse caso, a *reflexividade interna* tem sempre uma perspectiva do social, pois o indivíduo pensa a si próprio em relação ao mundo objetivo e suas interações. Na perspectiva de Caetano (2011), ainda há mais componentes sociais na reflexividade como, por exemplo, as disposições incorporadas (Bourdieu, 2006) pelos atores que os dotam de formas de pensar e perceber que são acionadas nas conversações internas. Ainda segundo ela, faz-se necessário analisar quais são as condições estruturais em que os atores se encontram, isto é, quais posições ocupam, o que parece ser fundamental para compreender a reflexão deles acerca da realidade social e do mundo. Além disso, a posição social também condiciona boa parte das interações (face a face ou não).

Isso posto, percebemos que os atores percebem sua condição social no processo reflexivo estimulado pela Universal. “Vim de uma família muito pobre; enfrentei muita miséria em minha infância; não tive oportunidades e tive que trabalhar cedo”. Esses são exemplos de frases muito comuns quando os atores fazem referência a sua trajetória de vida, em suas narrativas. Pode parecer óbvio, mas se trata de um indicativo que os atores conhecem e problematizam sua própria posição social. Há também toda uma relação terapêutica com relação a si, na tentativa de compreender o medo, na avaliação de possibilidades de projetos, na construção de esperanças, na problematização dos traumas do passado que impedem elaborações de futuro. Nisso, o *self* é produzido nessa prática, como uma interioridade complexa, fraturada e através da intersecção de uma multitude de atividades e julgamentos que cada um traz em sua existência individual (Rose, 1998). Cada processo reflexivo é extremamente singular e mesmo atores de uma mesma origem social podem estabelecer respostas distintas aos problemas cotidianos. Entretanto, percebemos uma divisão entre os indivíduos estudados: alguns refletiam já sobre sua condição social como um fator determinante para impedir a realização de planos e objetivos, enquanto que outros afirmam que não tinham projetos pessoais e que nunca se perguntaram se poderiam viver diferentemente. Dos relatos que coletei, por meio de entrevista, ou de testemunhos, o primeiro grupo apresentava condições de vida melhores do que o segundo, isto é, ocupavam uma posição social mais elevada durante a infância e tiveram mais possibilidades de estudo formal. Já o outro era formado pelos miseráveis, ou *ralé* estrutural como diria Jessé de Souza, com baixíssima escolaridade e oriundos de famílias monoparentais com histórico de violência e alcoolismo.

Além disso, percebemos por meio desses testemunhos uma narrativa da vida, ou seja o relato biográfico, o que Rose (1998) percebe como sendo uma influência direta da difusão do conhecimento psicológico para pensar a si próprio. A estruturação da própria vida em torno de uma narrativa do eu seria uma consequência do “efeito psy”, ou seja, das técnicas psicológicas para que o sujeito possa se problematizar e se construir. De acordo com o autor, na “vida política, no trabalho, nos arranjos conjugais e domésticos, no consumo, marketing, na televisão e no cinema, nas práticas de polícia, na medicina e saúde, seres humanos são direcionados e representados como selves particulares: com uma subjetividade individual, motivada por ansiedades e aspirações em torno de sua realização pessoal, ligada à busca de suas verdadeiras identidades” (1998, p. 170). Acrescento à lista, a religiosidade. Pensando a partir da relação reflexiva com a religiosidade na modernidade (Beck, 2010), essas pessoas buscam

na Igreja ferramentas e fé para a construção de seu projeto de vida, enfim, para alcançar sua realização pessoal.

As pessoas do primeiro grupo afirmam que após a vivência na Igreja e o contato com pastores, passaram a se ver de forma diferente. Houve uma reformulação da percepção de si e, conseqüentemente, do próprio *self*. A desistência dos projetos de vida dá lugar então à elaboração de novos planos de ação. É importante ressaltar que, nesse caso, os projetos já existiam, mas não se concretizavam, na opinião dos indivíduos, pois os mesmos percebiam as dificuldades do mundo como intransponíveis. Os atores, segundo seus relatos, pensavam que eram incapazes face a tais problemas, mas, então, passaram a crer na possibilidade dos planos estabelecidos

Abaixo, o diálogo entre o Bispo Jadson e uma fiel é representativo desse processo:

“Não fiz faculdade e sempre me achei menos por isso. Tudo que eu tentava dava errado. Me achava burra. Quando eu entrei na fé, passei a acreditar em mim, passei a confiar no meu trabalho e que eu podia vencer. Na hora que eu faço meu sacrifício, aí eu saio com mais certeza ainda, bispo, saio já pensando em arrebeitar, porque eu estou na fé absoluta em Deus e em mim” (Ivana, fiel da Universal).

“A pior coisa que tem é a dúvida. Ela não deixa você crescer, ela te impede de alcançar seus objetivos, de tocar seus planos. Quando você vai para o sacrifício, você está ligado na fé. A sua cabeça muda, tudo que você faz, você acredita que pode fazer. O seu pensamento muda, você não pensa no obstáculo, só na vitória. Você fica com um poder para mudar tudo, porque você passa a acreditar em você. Você vira positivo, tira força de onde não existe força, onde qualquer um se entregaria, mas você tem essa força superior. A fé é tudo, ela é certeza que transforma. Uma convicção que muda tudo, que te desperta para lutar. Se a fé é certeza, o maior inimigo é a dúvida, pois tira esse teu poder”. (Bispo Jadson)

A certeza apontada por Ivana e pelo Bispo revela uma forma de encarar os constrangimentos da estrutura. De acordo com Archer (2003), os poderes causais das estruturas são ativados pelos atores, em seu processo de conversação interna, como constrangimento ou possibilidade, no exame da viabilidade de seus planos. Assim, a reformulação do *self* leva a uma mudança na percepção dos problemas, isto é, do exame das condições sociais para realização dos projetos dos atores. Isso não significa simplesmente que as condições estruturais deixaram de existir, mas sim que a percepção dos atores em torno do exercício de seu poder mudou. “Passei todo o dia a pensar sobre quem eu era e o que eu queria para mim. Comecei a me imaginar como uma dona de lanchonete, no balcão, bonito de granito. Então, aquele medo que eu tinha de passar necessidade, de não dar certo e perder o pouco que eu tinha, passou. Eu sabia que ia ter dificuldade e teria que lutar, mas levei meu sonho adiante”.

Os atores não deixam de perceber os limites impostos pela estrutura em suas deliberações reflexivas, mas sim a preocupação que ela causa passa a ser sentida de outra forma e a adaptação do projeto a essas condições passa a implicar, conscientemente, um grande sacrifício em termos de força física e mental para concretização do objetivo almejado pelo indivíduo.

O segundo grupo, composto por pessoas mais pobres, tem como principal característica a ausência de projeto. O que isso significa? Indivíduos que eram, segundo eles próprios, “incapazes de sonhar”, ou seja, estabelecer planos e racionalizar o futuro, condenados ao imediatismo da necessidade (Souza, 2012). Nesse caso, os atores viviam o que Bispo Jadson define como “no automático”, isto é, sem reflexão sobre a própria vida. Nos termos desses fiéis, a vida que levavam era encarada como “natural” e “a única possível”.

“Para mim, vindo do Nordeste, analfabeto, era normal dormir num barraco, comer quando tinha, ou alguém me dava (comida) e trabalhar quando tinha serviço e tomar uma cachaça de vez em quando. Era meio que um bicho. Eu nem pensava. Um dia, resolvi entrar na Igreja, só para ver. Aí o pastor falou para pensar na vida da gente e dizer que ninguém nasce pobre e que a gente poderia escolher o que queria ser. Aquilo me despertou. A partir daí, eu comecei a pensar no que eu fazia, se eu gostava ou não da minha vida e pensar no que eu gostaria de ser. Eu queria mesmo era ter uma casa e aprender a ler. Viver em barraco era ruim. Aí eu vi que para ter a minha casa eu precisava ter um trabalho fixo, uma profissão, mas para isso eu precisava saber ler e escrever. Me matriculei no curso da Igreja e fui alfabetizado. Achei muito difícil, mas eu fui com fé em Deus e lutei, aprendi. Então, consegui um emprego como faxineiro numa loja. Eu achava bonito e comecei a me imaginar como dono de uma loja. Eu me sentia bem importante. Ali nasceu meu sonho. Comecei a pensar em ter uma lojinha de R\$ 1,99. Nisso, já tinha alugado uma casinha de alvenaria e tinha umas economias. Pensei então em alugar um sobrado e na parte de baixo montar a loja, assim eu teria que pagar um aluguel só. Comecei a pesquisar preço das coisas, a imaginar os produtos, quanto que eu ia ganhar. Conversei com o pastor para ter ideias e aí eu pensava em casa, falava com Deus da minha vontade, das dificuldades que eu ia enfrentar. Até que decidi alugar o sobrado e começar o negócio. Graças a Deus, lutei muito no começo, ia longe para buscar produto barato, sem nem ter carro. Hoje, a loja tá indo bem, dando lucro e eu até comprei um carro velho para buscar mercadoria. Meu sonho no futuro é comprar esse imóvel e reformar tudo embaixo para deixar um brinco e crescer o negócio, mas já estou realizado de ser um empresário. Faço supletivo à noite e quero fazer um dia uma faculdade de administração” (José, microempresário, 48 anos).

As narrativas desse segundo grupo têm como característica a ausência de planos para o futuro antes do processo de “transformação da vida”. Segundo esses atores, a condição social nunca foi um problema para eles e nunca pararam para pensar a respeito da posição que ocupavam no mundo e tampouco projetavam estratégias de mudança para suas vidas. Seus relatos indicam que a situação de miséria era encarada como algo natural, ou seja, não era tema

de questionamentos ou problematização, mas apenas uma razão de sofrimento. “A gente nem se perguntava por que era pobre, só sofria, como se fosse o destino mesmo, mas depois que entrei na Igreja passei a ser revoltada e não aceitar isso”. Os integrantes do segundo grupo afirmam que eram incapazes de fazer planos e refletir sobre suas vidas. Por um lado, podemos pensá-los como reflexivos fraturados, isto é, agentes passivos, não produzindo nenhum tipo de deliberação, ficando à mercê do contexto social (Archer, 2003). Segundo essas pessoas, oriundas do que se costuma classificar classes D e E, a grande preocupação era com a própria sobrevivência física e a de seus familiares e momentos de lazer com pessoas de seu bairro. De certa forma, podemos pensar também na chave de comunicativos reflexivos, não tanto por uma questão de completar suas conversações internas por meio da intersubjetividade, mas sim pelo fato de viverem uma situação de continuidade contextual e de atribuírem grande importância à família.

Acredito ser importante discutir a questão da revolta e sua contribuição à reflexividade interna. De acordo com Gomes (2011), a revolta é um componente da “identidade iurdiana”, ou seja, uma categoria utilizada frequentemente para sua autodefinição e também para perceber o mundo, julgá-lo e mobilizar os fiéis. A questão da revolta permeia boa parte dos cultos, inclusive o dos empresários e, periodicamente, ocorrem “Campanhas da revolta”. Nessas reuniões especiais da revolta, os bispos e pastores afirmam que a revolta é uma condição de todo homem de Deus, utilizando para justificar seu discurso o exemplo de Jó, encarado como exemplo de *revoltado* e não de pessoa paciente.

Ainda hoje a minha queixa é de um revoltado, apesar de a minha mão reprimir o meu gemido. Ah! Se eu soubesse onde o poderia achar! Então, me chegaria ao seu tribunal. Exporia ante ele a minha causa, encheria a minha boca de argumentos. Saberá as palavras que ele me respondesse e entenderia o que me dissesse. Acaso, segundo a grandeza de seu poder, contenderia comigo? Não; antes, me atenderia. (Livro de Jó, Capítulo 23, versículos 2-6).

De acordo com os atores, a revolta é o que transforma o mundo. Uma boa parte das ações tem origem na reação a uma injustiça. O sentimento de indignação leva o indivíduo a não aceitar uma situação e, por isso, os homens de Deus venceram e conquistaram altas posições, pois a sua revolta implicou vitória. “Revoltado não aceita qualquer coisa. Revoltado quer coisas grandes” (Bispo Jadson). Em uma pregação, Jadson mandou os acomodados saírem, pois são “conformados, já derrotados, que aceitam a miséria, humilhação e a derrota. Pode sair, pois isso

aqui não é para você. Nós queremos o revoltado! O que não aceita mais ser pisado!” (Bispo Jadson).

Em sua visão, a revolta impede que as pessoas se vitimizem. Segundo os atores, a “autovitimização” não leva a nada. Eles acreditam que mesmo que o indivíduo seja verdadeiramente vítima de uma injustiça, o fato de se lamentar não irá mudar a situação, pois somente a ação tem potencial transformador. Por isso, creem que, na maior parte dos casos, a pessoa é responsável por seu fracasso, pois, no lugar de tomar uma decisão e agir, decidiu reclamar da vida. Isso levaria, na avaliação dos atores, a ter pena de si mesmo e, por conseguinte, enxergar-se como fraco. Segundo Jadson, o revoltado reconhece que o grande erro foi não ter agido antes e ter ficado tanto tempo em uma situação ruim. Por isso, para ele, os “vencedores” devem assumir seus erros e acertos e parar de se fazer de vítima, pois tal reação impede qualquer mudança. “A vitimização mascara o medo de agir e a pessoa continua na situação de injustiça”.

Frequentemente, bispos e pastores afirmam que a revolta é o que fez a Universal crescer e é uma consequência da fé racional. Segundo eles, o bispo Macedo não aceitou sua condição de pregador humilhado, de pequeno e cobrou Deus. Caso o pacto fosse válido e a palavra de Deus fosse verdadeira, seu servo, seu filho não poderia ficar em uma condição de pequenez. “Aí o bispo batalhou, se revoltou e lutou. Nada aqui foi fácil para a gente. Tudo veio suado” (Bispo Jadson). Em sua análise sobre a revolta, Camus (1999) acredita que o homem revoltado é aquele que diz não a uma situação, que percebe um limite, uma fronteira que não se pode ultrapassar. Nesse movimento, há implícita a anunciação de um sim, o direito que o homem vagamente perceberia, que estabelece uma fronteira e o leva a dizer não, pois há algo que vale a pena ser preservado.

Também percebemos no discurso dos atores como a revolta e o dizer não consiste na presunção de um direito. “Você tem direito a ser feliz, Deus te fez para ser grande, para desfrutar das coisas, para ter uma boa vida”. Durante as campanhas da revolta¹⁰², o Bispo Jadson convidava pessoas para darem seu testemunho de superação após se revoltarem:

*“ Bispo Jadson: Qual foi a sua revolta e o que a senhora conquistou?
Sra: Bispo, eu era empregada doméstica, só engolia humilhação. Meus patrões me maltratavam, eu nunca tinha nada, trabalhava feito escrava e nunca me via feliz e crescendo.*

102 As campanhas permeiam praticamente todas as reuniões, tornando-se uma temática geral. Priorizamos aqui as que ocorreram no âmbito da Reunião da Prosperidade.

Bispo: Qual foi a gota d'água da humilhação? Quando você chegou e disse agora não dá mais e se revoltou.

Sra.: Quando não me deixaram usar o prato para almoçar e me pediram para trazer um da minha casa, me senti tão humilhada, como se eu tivesse uma doença. Chorei e disse que aquilo nunca mais ia se repetir.

Bispo: Aí, o que você fez?

Sra.: Eu me revoltei e disse que se a palavra de Deus é verdadeira, não podia ficar naquela situação, não aceitei mais a minha condição de doméstica. Eu fui pro "vai ou racha", mas não ia mais ser empregada dos outros. Nisso, peguei tudo o que eu tinha de economia e comprei uma máquina de fralda e instalei no fundo da minha casa. Comecei a fazer sozinha e os meus patrões disseram que eu ia passar fome e rastejar pra voltar. No começo, eu passei muita dificuldade, mas isso só aumentou a minha revolta e minha vontade de vencer. Hoje, tenho cinco funcionárias, comprei mais máquinas e distribuo em diversos mercadinhos e também faço por encomenda. Melhorei minha casa e comprei um carro. Eu me revoltei e venci.

Bispo: Glória a Deus!

Boa parte dos testemunhos gira em torno da trajetória difícil, da revolta frente o que consideram injustiças e da força da superação para alcançar uma vida melhor e assim concretizar a promessa divina.

O *espírito da revolta* implica a reflexão acerca do contexto social, ou seja, o agente ao se revoltar com sua vida passa a percebê-la com outros olhos, não mais naturalizada, mas sim como objeto da conversação interna/externa e passível de crítica. Pensando com Bourdieu (2006, 2009), a incorporação das estruturas sob a forma de disposições e esquemas pré-reflexivos naturaliza os esquemas sociais, suas desigualdades e as posições no espaço social. É dessa forma que sua sociologia pensa a reprodução social e a naturalidade com que os "dominados" encaram o mundo.

No processo de conversação interna, o sujeito se toma como objeto, o que o leva a refletir sobre si e, conseqüentemente, a posição que ocupa no mundo social. Quando o fiel "se revolta com sua situação", passa a problematizar diversos aspectos de sua vida, inclusive a classe social a que pertence. De acordo com o livro *50 Tons de Sucesso*, de autoria do Bispo Jadson, vendido em todos os cultos do Congresso para o Sucesso, e apresentado pelos bispos e pastores como obra fundamental para acompanhar as reuniões e para o processo de transformação da vida para ser uma pessoa bem-sucedida: "isso agita algo dentro de você. O seu ser não se conforma, é como se estivesse tudo torto no mundo. É a sensação de quem vê uma injustiça, de quem vê uma incoerência" (EDINGTON, 2014, p. 87). Aliás, devemos destacar que, apesar de ser editado pela UniPro, editora ligada à IURD, o livro não faz qualquer

menção à Universal na capa¹⁰³. O autor, Bispo Jadson, é apresentado como J. Edington (seu sobrenome), palestrante e consultor empresarial que ajuda pessoas.

Tabela Característica dos Empreendedores da Universal

Grupo 1	Grupo 2
Maior escolaridade, sem problemas familiares, posição social mais elevada (classes C e B)	Menor escolaridade, conflitos familiares, família mononuclear, posição social mais baixa (classes D e E).
Existência de planos e de problematização de si e do mundo nas conversas internas	Ausência de planos e da problematização de si e do contexto social.

Em ambos os grupos, os atores têm um grande estímulo por parte dos pastores e bispos, o que faz com que o processo de *conversação interna* tenha um componente externo. “No decorrer da interação, os indivíduos podem discursivamente, na presença de outros e com a sua colaboração, reflectir oralmente sobre problemas, questões, objetivos, planos e intenções, ponderando as suas possibilidades e limitações” (Caetano, 2011, p. 167-168). Durante os cultos, os pastores e bispos incentivam a conversa interna por meio de argumentos como, por exemplo, “feche os olhos e pense em sua vida, em quem você é e o que você gostaria de ser. Pense em tudo que há de errado, que atrapalha seus planos. Pense no seu objetivo”. Essa colaboração à reflexividade individual pode se dar também de forma mais íntima (face a face) por meio dos atendimentos personalizados após o culto. Reproduzo aqui um diálogo que acompanhei entre uma senhora e um pastor, no Templo de Santo Amaro, em São Paulo:

“Senhora: Pastor, não sei mais o que eu faço, os negócios não andam, tá tudo parado. Eu sacrifico, eu faço tudo, mas a coisa não sai do lugar.

“Pastor: Não desista, não pode desanimar. Tem que ter fé, força para lutar. Se você se entregar é pior. O que está errado no negócio, me fala.

Senhora: O movimento anda baixo, os clientes não estão comprando. Estou com dívida já com o fornecedor.

103 Somente no 39º item, o vínculo de Jadson e a Universal é revelado, mas sem menção ao cargo que ocupa na instituição.

Pastor: Então, renegocia, ou tenta revender isso para outro fornecedor e diminua a dívida.

Senhora: Ah é uma boa ideia, ou eu posso também fazer queima de estoque e assim consigo atrair mais clientes e também ter algum dinheiro para pagar o fornecedor.

Pastor: Tá vendo? Não pode é perder a fé, desanimar. Tem que sempre pensar positivo e ver todos as possibilidades. Tenho certeza que a senhora vai arrebentar. ”

Além disso, os próprios testemunhos dos fiéis também têm um efeito sobre as conversações internas, incentivando-as durante o culto. “Aí você ouve o testemunho e pensa, se deu certo para ele, vai dar para mim também! Você vai ficar feliz por aquela pessoa e desejar o mesmo para você. Vai pensar nos seus sonhos e ver que pode realizar” (Bispo Jadson). Dessa forma, há uma colaboração, mesmo que indireta, para que os indivíduos revejam seus problemas e seus projetos, refletindo sobre as dificuldades. De acordo com Vandenberghe (2013), a conversa interna não é apenas intrasubjetiva, mas também intersubjetiva. O autor propõe um modelo polifônico, composto por diversas vozes, representadas pelas perspectivas sobre o mundo e sobre a própria pessoa adotada por outros (amigos, família, colegas, bispos, pastores, etc.). Isso significa que diversos outros *selves* participariam de nossas conversações. Se Vandenberghe aponta que somos essas conversações internas, o *self* seria então um coro de múltiplas e distintas vozes, fragmentos do passado, de livros, das tradições, de conversações com outras pessoas (idem, p. 136).

“Estava desanimada, pensando em desistir. Mas aí o bispo veio na minha cabeça quando eu tava pensando coisa ruim. Era como se ele me dissesse: você é vencedora. Para de pensar coisas ruins, acredita em você. Quando eu estou pensando na minha vida, nos problemas, sempre me vem os ensinamentos deles”. Assim, mesmo sem a interação face a face, bispos e pastores participam da conversação interna com os fiéis, ao se constituírem como *selves* em uma conversa que passa então a ter diversos sujeitos. Assim, ao pensar a si próprio, o ator conta também com as visões e opiniões do pastor e do bispo a respeito dele: “um filho de Deus; um vencedor; um lutador; um revoltado, inteligente, capaz...”. Dessa forma, ao fazer um exame de si e ao elaborar seu plano de vida, os constrangimentos da estrutura são percebidos como contornáveis. “O problema parecia impossível de resolver, mas aí eu me lembrava do que o bispo falava, de que nada é impossível para quem está na fé e aí eu fui em frente para enfrentar”.

Outra figura essencial na polifonia da conversação interna é Deus. De acordo com os atores, eles conversam com Deus diariamente. Por meio dos textos bíblicos, falas de bispos

e pastores nos cultos, Deus converte-se em um *self* dentro do indivíduo, participando ativamente do exame de si e do mundo, ao apresentar suas perspectivas na conversação. “Antes de decidir qualquer coisa, eu falo com Deus, peço para ele me ajudar, penso na palavra dele”.

“O que é colocar Deus em primeiro lugar? É consultá-Lo antes de tomar suas decisões; É se interessar em saber como Ele vê as coisas, para mudar sua própria forma de agir e pensar. É colocar a vontade dEle antes das suas escolhas e depender dEle. Não como uma influência abstrata, mas como uma pessoa real”. (EDINGTON, 2014, p. 84). Dessa forma, no processo de conversação interna, os atores encaram Deus como uma pessoa real, como externo a eles, mas ao mesmo tempo interior. “Quando a pessoa tem vida, tem Deus dentro de si, ela só repete vitória: vai dar tudo certo!; vou arrebentar!; Deus está comigo!” (idem, p. 137). De todo modo, Deus está constituído como *self* no interior dos crentes e suas opiniões se fazem presentes no momento em que os atores pensam a si e ao seu lugar no mundo.

Descontinuidade e continuidade contextual

Os relatos dos atores indicam que a adesão à religiosidade evangélica e mesmo a frequência à igreja, inclusive por pessoas que não se intitulam evangélicas, constitui-se como uma ruptura com a continuidade contextual na vida dessas pessoas. O trabalho como uma rotina e a posição social vivenciada sem maiores questionamentos, passam a ser escrutinizados pelos atores, assim como outros aspectos de suas vidas. Segundo os testemunhos, a partir das pregações de pastores e bispos, os atores conduzem uma reflexão sobre suas vidas e o papel social que ocupam, seja por meio de conversações internas ou externas. Após esse processo reflexivo, muitos atores não mais se identificam com sua posição social, problematizando-a e rejeitando-a. Dessa forma, novos projetos existenciais são construídos, levando em conta as novas preocupações do *self*.

Nesse processo, que culmina muitas vezes com o abandono do trabalho formal, ou ruptura de antigas amizades por conta da dedicação integral a um projeto empreendedor, reconfigura-se todo o círculo de sociabilidade desses atores. Archer (2011) aponta a descontinuidade contextual na história como uma “mola propulsora” à reflexividade. A mudança nas formas de pensar e refletir sobre a vida e seu lugar no mundo indicam que a sociabilidade propiciada pela religião produz uma série de *descontinuidades microcontextuais* (idem), uma vez que se constitui um novo universo para ser explorado pelos atores e também

por meio do estímulo à reflexividade com relação à vida e aos projetos atuais dos agentes. Além disso, em muitos casos, a religiosidade mostrou-se uma porta de entrada a outras discontinuidades, ao estimular o retorno à escola/universidade, ao destacar a importância da carreira profissional e da realização de cursos e busca por outras fontes de conhecimento. Em muitos momentos das palestras para empreendedores, os bispos afirmam que tudo deve ser refletido e pensado, que o fiel deve construir planos para o futuro e questionar sua vida atual. Em essência, uma conversão religiosa leva o ator a repensar toda a sua vida. Por exemplo, um criminoso que decide se converter e abandonar a sua vida do crime passará a analisar toda a sua vida pregressa, sua antiga forma de ser e construirá uma nova identidade em oposição à passada. Neste caso, esse antigo papel social continuará sendo escrutinado mesmo após a “transformação de si”, uma vez que a mudança será tema de muitos testemunhos. No caso aqui apresentado, a discontinuidade constitui-se pela presença de diversas ferramentas e discursos que estimulam a reflexividade em torno de diferentes aspectos da vida: sexualidade, posição social, ocupação profissional, apresentação de si, linguagem, etc.

É importante ressaltar que a família e o casamento são classificados, por bispos e pastores, como fundamentais e, por isso, as ambições profissionais não podem desconsiderá-las. Assim, ao mesmo tempo em que o novo projeto existencial compreende uma ruptura com círculos de amizade, os laços com a família são reforçados, promovendo discontinuidade e ao mesmo tempo certa continuidade. Da mesma forma, a discontinuidade provocada pela adesão à Universal pode, em um segundo momento, tornar-se uma continuidade caso os atores restrinjam-se a esse universo e às interações existentes ali. Os atores percebem aqueles que ficam imersos completamente nesse contexto como “bitolados”, “crentes que só falam de Jesus” e que são incapazes de buscar novos referenciais. Em muitos momentos, Edir Macedo afirma que o “sucesso financeiro” ajuda a ganhar almas e que os fiéis devem ter uma fé inteligente para alcançar o sucesso. Portanto, os atores no desenvolvimento de sua religiosidade são expostos a diversos dispositivos estimuladores de reflexividade, não se pautando mais no “hábito”, ou como diria Bispo Jadson, a “ir no automático”.

Aqui percebemos que há uma reflexão em torno do hábito, da rotina, dessa forma práticas cotidianas passam a ser escrutinadas. Para Archer (2011), na modernidade tardia cada vez mais antigas práticas passam a ser analisadas reflexivamente e as ações são orientadas pela reflexividade. De forma semelhante, Lahire reconhece que muitas ações no cotidiano são fruto da reflexividade dos atores, ainda que as disposições sociais continuem a ter uma importância

relevante. Se considerarmos o “efeito psi” de certas *assemblages*, veremos que as técnicas e formas de se pensar e de se perceber da psicologia influenciam nessa onda de reflexivização do cotidiano, uma vez que o sujeito passa a escrutinar todos os detalhes de sua vida. Ao construir uma narrativa e ao voltar-se para si, os detalhes mais ínfimos podem se tornar objeto da análise de si para a construção de um projeto de autorealização. Desse modo, esse processo de subjetividade implica maior reflexividade, uma vez que a vida está em aberto e o indivíduo deve se esforçar para construir uma existência plena e se “autorealizar”, por meio de uma descoberta e profunda análise de si. Logo, a forma de se pensar e se entender enquanto *self* contribui para essa reflexividade contínua.

Pensando na existência de múltiplas *assemblages*, os sujeitos ficam expostos a diversos modelos de *selves* e, portanto, de possibilidades de vida, as quais levam a um autoescrutínio ainda maior. A descontinuidade contextual implica a exposição a novas *assemblages* e, sendo assim, a novas questões para que o *self* se pense, novos modelos identitários que podem ser usados para problematizar o Eu atual. No caso, a participação na Igreja corresponde a uma exposição a novos modelos de *selves* que levam a uma nova rodada de conversação interna a respeito do que o indivíduo pode e quer ser.

Capítulo 9. A mudança do eu e das formas de pensamento

Antes de analisarmos o trabalho normativo dos atores em torno de temas como, por exemplo, mercado, trabalho, estrutura de classes no Brasil, apresentaremos um panorama geral da intrasubjetividade no “Congresso para o Sucesso”, a fim de facilitar a compreensão do leitor acerca das identidades que são construídas reflexivamente nesse processo. Pensando a partir de Vandenberghe (2010) e a teoria realista buscaremos compreender a estruturação desse coletivo e seus poderes causais, isto é, como certos elementos constituem-se como mecanismos gerativos de comportamento e transformação social que, por sua vez, ocasionam mudanças no mundo da vida, seja em termos de manutenção, ou de transformação do mundo. A compreensão desse sistema cultural nos ajudará a entender as condições de possibilidade de ação dos atores, assim como os processos que conectam essas pessoas e como, a partir daí, passam a constituir um grupo que se categoriza de forma autofenomenológica.

Em todas os templos da Igreja Universal no mundo, as segundas-feiras são reservadas a um culto específico: o “Congresso Empresarial”, posteriormente chamado de “Reunião da Nação dos 318”¹⁰⁴, “Congresso Financeiro”, “Congresso para o Sucesso” e também “Reunião da Prosperidade”. Nesse encontro, segundo informação institucional oficial, busca-se abordar os problemas financeiros das pessoas e ajudá-las a encontrar soluções por meio do uso da “fé inteligente”. Assim, cada um seria estimulado nas palestras a encontrar o seu “sonho profissional”, desenvolvê-lo e nele investir para ter sucesso financeiro e “realização pessoal”. Dessa forma, o culto é aberto a todos que se encontram em dificuldades financeiras, empresários ou não. O trabalho de campo, realizado nos cenáculos da Vila Mariana, João Dias e Templo de Salomão, indica que a maior parte dos frequentadores é proprietária de uma microempresa, ou assalariados que desejam abrir o próprio negócio.

A partir de conversas com bispos, pastores, obreiros e fiéis, pudemos delimitar dois grandes objetivos dessa palestra: a motivação/transformação da forma de pensar e a planificação da vida/disciplinarização. Aqui, cabe uma breve digressão. Quando me refiro a disciplinarização não se trata de fiéis que serão disciplinados por pastores, mas sim técnicas de autocontrole e análise de si que levam o indivíduo a se autoanalisar e pensar a respeito de si próprio e exercer um controle próprio em torno de sua conduta. É interessante ressaltar também

104 À época, em algumas catedrais, 318 pastores reuniam-se para orar pelos presentes e clamar por transformação na vida financeira.

como o Congresso para o Sucesso (Culto dos Empresários), assim como outros na Universal, incorpora discursos e práticas de autoajuda e diversos elementos psicológicos como autoanálise, técnicas de terapia cognitiva e comportamental, com a própria consciência em torno do pensamento e a tentativa de alterá-lo. Percebemos aí o “efeito psi”, também presente nas instituições religiosas, abordado por Deleuze e Guattari e também por Rose, que leva a construção de uma narrativa pautada no self e suas aspirações.

Em praticamente todos os cultos, o fiel é motivado a “lutar, a jamais se entregar”, pois faz parte de um “povo eleito” que tem um “pacto com Deus”, “como os antigos hebreus”. Além disso, os fiéis são sempre retratados pelos bispos e pastores como “vencedores, guerreiros, lutadores, que enfrentaram problemas e humilhações, mas que tem como destino a prosperidade e o direito a uma vida melhor, pois esse é o desejo de Deus”. Para exemplificar, em um culto para o Sucesso, realizado no Cenáculo da Vila Mariana, o pastor relatou a história da Batalha dos hebreus contra Amalek, ocasião em que Moisés teve que ficar com os braços erguidos para que os hebreus vencessem a batalha. “O nosso Deus que estava lá é o mesmo que está aqui. É o Deus dos vitoriosos, dos guerreiros, dos hebreus. Nós somos esse povo, os escolhidos, os lutadores”. Ele frisou a necessidade de batalhar incessantemente e não pensar que Deus iria resolver tudo, assim como a importância de não aceitar o “que empurram para baixo da goela”. Depois, convidou cada um ao altar para ser coroado como um “rei guerreiro”, assim como David fora um dia. “Muitos podem rir disso, mas vocês sabem que é a representação da fé e, depois, veremos a risada frente ao teu sucesso”, afirmou o Pastor.

Nesse processo, muitos se emocionaram e diversas pessoas foram às lágrimas. Alguns relatavam, ao final do culto, como saíam fortes de lá e se sentindo prontas para “as batalhas da vida”. No Congresso para o Sucesso, apresenta-se vídeos de motivação, extraídos de filmes e/ou propagandas. Não raro, nos momentos em que bispos e pastores falam, ou antes de começar o culto, tocam temas de motivação como, por exemplo, “*Now we are free*”, que faz parte do filme *Gladiator*. Em um culto, transmitiram um vídeo motivacional¹⁰⁵ com cenas desse filme e uma locução em português sobre a “luta, a vontade de vencer e o espírito guerreiro”. Naquela ocasião, muitos fiéis se emocionaram e relataram perceber-se como guerreiros e que saíam daquela reunião sentindo-se “maiores do que são”, com força coragem para “enfrentar os desafios”. Constantemente, os palestrantes do *Congresso Para o Sucesso* frisam a importância de lutar incessantemente, de não se entregar frente às batalhas e trabalhar

105 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hwVxaQqBmcw> Acesso em 17/10/2016

ainda mais duro. “Se falam para você que não dá, não escuta. Se dizem que é impossível, você diz que é possível. Falam que você não consegue, você diz que consegue. Porque você é diferente, você é de Deus. O que para eles parece impossível, para você não é. Você sua sangue, mas conquista! Não dê jamais ouvidos a eles que te desanimam. Quanto mais falarem que não dá, que não é para você, mais você vai lutar, trabalhar e mostrar que você pode” (Bispo Jadson).

Os bispos frisam que é necessária uma mudança de padrão de pensamento, ou seja, uma transformação na forma pela qual a pessoa enxerga a si própria e o mundo a seu redor. Em uma entrevista realizada com o Bispo Guaracy, conversamos sobre a importância que a Universal atribui a essa transformação:

P: Como é essa transformação de pensamento?

R: Veja, eu atendo milhares de pessoas todos os dias. Sabe como elas chegam aqui? Derrotadas, deprimidas, com a autoestima lá embaixo. Uma pessoa assim só vê derrota em tudo. Você tem que motivar ela, mostrar para ela que ela é vencedora e de que ela pode vencer se assim quiser e ensinar a usar a fé racional em Deus para conquistar o sucesso e ser uma pessoa bem-sucedida.

P: Você poderia dar um exemplo?

R: A pessoa acha que é fracassada, que não consegue um emprego, ou abrir um negócio porque não estudou. Você mostra diversos exemplos de como o impossível é possível se você determinar, se você crer que Deus ao seu lado vai te amparar em todas as lutas. Se Deus está com você, ele acredita em você, por isso, você tem que acreditar em si mesmo. A gente ensina a pessoa a acreditar nela, a deixar de se ver como derrotada e aí ela consegue vencer. A mudança no padrão de pensamento é isso. Antes ela via tudo como uma dificuldade, algo que estava ali para ela tropeçar. Agora, tudo virou desafio e ela segue em frente e quanto maior o desafio, maior a fé, maior a força. Nós formamos vencedores aqui, guerreiros. Pessoas que não vão aceitar a derrota e a miséria, lutando cada vez mais para sair dessa situação e vencer!

P: Isso funciona?

R: Amigo, se não funcionasse, a gente não tinha crescido tanto. É só ver quantas histórias de transformação. A pessoa ali jogada, humilhada, sem autoconfiança, ela não consegue nada, sabe por que? Porque ela não deseja nada. A vida dela não tem objetivo nenhum que pensar no pãozinho que precisa comprar. Não tem grandeza e aqui a gente ajuda a encontrar esse desejo de algo maior.

No livro *50 Tons para o Sucesso*, o autor (Bispo Jadson) é enfático acerca da importância da mudança do padrão de pensamento. Segundo ele, essa transformação se dá principalmente quando a pessoa para de reclamar da vida e passa a uma tomada de ação que visa solucionar um problema. Em sua visão, ao parar de procurar desculpas, as pessoas passariam a agir e aí efetivamente transformariam suas vidas. Ainda em sua obra, destaca a

relevância de um padrão de pensamento, isto é, uma forma de pensar que pode levar ao sucesso, ou ao fracasso. De acordo com o livro, caso a pessoa só veja o lado negativo das coisas, só verá riscos e problemas, mas jamais oportunidades, assim como se o padrão de pensamento estiver calcado na reclamação e no “autoboicote”, a pessoa ficará passiva diante dos problemas e se verá como inferior.

“Se até agora tem acreditado em uma mentira a seu respeito (que você não é capaz, que não é inteligente, que nunca conseguirá fazer o que deseja ou que determinado sonho não é para você), seu cérebro acredita que ela é verdade. No entanto, ao substituir essas afirmações por novas, que criem o futuro que você espera, aos poucos essas novas afirmações se tornarão a verdade que guiará seu progresso” (Edington, 2015, p. 58)

Sendo assim, a mudança de padrão de pensamento sobre si é percebida pelos atores como chave para que o cérebro processe essa informação e que a pessoa passe a se ver como “vencedora” e aí consiga atingir seus objetivos. Por isso, a importância que atribuem a discursos e elementos ritualísticos para a transformação no padrão de pensamento, saindo da chave reclamação/derrotado para “ação/vencedor”. De acordo com trechos do livro e também das palestras, o indivíduo precisa se ver diferente e se perceber como alguém dotado de virtudes e capaz. “Você vai olhar no espelho e dizer que é bom! Você vai dizer para si mesmo que tem inteligência, que você é vencedor. Você só sai do fracasso quando para de pensar como fracassado e de se ver como um” (Bispo Jadson). Segundo ele, a forma de perceber a si próprio condiciona a percepção dos objetos e situações do mundo, por isso, a necessidade de se enxergar como capaz e vencedor para ver oportunidades no lugar do que os outros veem como problema. Essas técnicas de si visam a construção de um novo sujeito e de uma nova vida, além de uma nova percepção com relação ao eu (Foucault, 2010). Assim, a governamentalidade do *self* não exige que a pessoa aja de uma determinada maneira, mas trata-se de um conjunto de técnicas e saberes para desenvolver um governo próprio, uma autonomia, que tem como objetivo um sujeito que construa sua própria narrativa em prol da realização de seus projetos.

Em um trecho muito interessante do livro, o 39º tom¹⁰⁶ “Faça uma lavagem cerebral”, Jadson afirma que a Igreja Universal é muito perseguida pelo fato das pessoas não entenderem o trabalho da instituição e acusarem-na de fazer lavagem cerebral nas pessoas. “Elas veem alguém chegar cabisbaixo, desanimado, pobre, e sair entusiasmado, crendo que vai

¹⁰⁶ Termo utilizado para se referir aos capítulos.

vencer. As pessoas falam sem pensar” (EDINGTON, 2014, p. 203). A partir daí, o autor traça uma explicação acerca da noção de lavagem cerebral e afirma que é o “mundo lá fora” por meio da “mídia corrompida”, de uma cultura que exaltaria a negatividade e que não permitiria pensar, mostrando desgraças e levando as pessoas ao conformismo ao aceitarem sua condição de pobre. Frente a essa situação, Jadson propõe que as pessoas façam uma “lavagem cerebral”, mas entendida como “limpeza dos pensamentos”, como afirma ser realizada na IURD. Além disso, deve-se evitar pessoas “negativas” que realizariam críticas o tempo todo, empurrando o indivíduo “para baixo” e o desmotivando a acreditar em si mesmo.

Segundo ele, ao decidir lutar e não se entregar, o indivíduo recupera a vida e retoma o controle de seus pensamentos, agora limpos. Em sua visão, muitas pessoas chegam à Universal com “pensamentos errados”, pensando-se fracassadas, sujas e um peso para familiares e a sociedade. Dessa forma, acredita ser necessário limpar a mente de “ideias sujas” que se tem sobre si mesmo, eliminando crenças depreciativas a respeito de si, o que levaria a pessoa a ter uma vida limpa e melhor, com menos sofrimento e melhor convivência interpessoal.

No processo de reflexividade interna, os atores pensam a si com relação às condições objetivas que encontram em suas vidas. Em suas avaliações, percebiam-se como “perdedores”, ou “fracassados”, por “tudo dar errado”, ou seja, pela impossibilidade de realização de seus projetos existenciais, uma vez que os mesmos ativavam limitações no plano sistêmico. Por meio de uma extensa rodada de conversações internas, com a participação de bispos e pastores como *selves* visitantes, os atores passaram a se perceber de outro modo, como vencedores e lutadores, por mais que percebam dificuldades em seu contexto social. Além disso, o fracasso de um projeto deixa de ser percebido como uma derrota permanente, acarretada por uma incapacidade inerente ao indivíduo, mas sim como um percalço que pode e deve ser superado, em uma nova rodada de conversação interna para reconstrução de um projeto.

Não é função da pesquisa julgar a efetividade do discurso de motivação, mas sim compreender por que os atores julgam relevante transformar a forma de pensar, a fim de que possam mudar de vida, e quais esforços comportamentais devem ser empreendidos para essa finalidade. Entretanto, é notório como esse repertório mobilizado pelas lideranças da Universal tem uma forte ressonância com manuais de autoajuda para executivos (Lima, 2007). Nesses tipos de obra, encontra-se a gramática do novo espírito do capitalismo (Boltanski e Chiapello,

2009). Não foi por acaso que Boltanski, para apreender as novas ideias, valores e princípios de grandeza no capitalismo contemporâneo, usou como recurso diversos manuais de *management*. Em *O Novo Espírito do Capitalismo*, na parte que tange à “cidade por projetos”, há uma enorme consonância com relação aos termos, discursos e valores presentes em *50 Tons de Sucesso*.

De todo modo, o conteúdo “espiritual” do livro tem um papel importante, ao atribuir a fé em Deus como algo indispensável para o sucesso e uma vida plena, assim como fonte inspiradora de força para as pessoas, principalmente por meio dos exemplos dos personagens bíblicos. Ainda nesse aspecto, a conduta disciplinada da vida em todas as suas esferas, assim como valores como o altruísmo, são relacionadas à vida com Deus. Entretanto, nada que o distinga de um livro de autoajuda empresarial. A ponte entre esses dois mundos (espiritual e empresarial) (Dodier, 1993) é estabelecida por meio de exemplos da Bíblia para conselhos e perspectivas oriundas do mundo do *management* e também por circunscrever esses valores a uma vida orientada pelo plano divino. Dessa forma, um compromisso (Boltanski e Thevenot, 1991) é estabelecido entre esses dois regimes de ação e, por conta disso, aos olhos dos atores não se parecem nem um pouco distintos, mas complementares.

Sucesso: trabalho duro ou mágica?

Contrariamente ao que foi descrito nos anos 90, percebemos a presença de uma crença no trabalho duro como condição do enriquecimento, mas também como virtude. “Ao contrário do que muitos pensam, confiar em Deus e contar com a fé não exclui o trabalho duro. Deus nunca prometeu abençoar preguiçosos. Pelo contrário, Ele deixou claro que a preguiça leva à pobreza e que abençoaria o trabalho de nossas mãos” (Edington, 2015, p. 101). Assim, os atores encaram que não há solução mágica para a ascensão social, isto é, não se trata do cumprimento de um mero ritual, ou da realização de orações, mas o próprio uso racional da fé que, segundo eles, os levaria a atuar de forma mais disciplinada na vida e assim alcançar seus objetivos. “Deus dá a direção. Cabe a você escolher esse caminho e enfrentar as lutas que encontrar ali” (Pastor Sérgio).

Uma situação exemplifica bem essa questão da percepção dos atores com algo que parece “mágico”. Em uma reunião do Congresso para o Sucesso, antes da palestra, os fiéis receberam espadas feitas de papel e as levantaram, em um dado momento, a pedido do pastor, e repetiram: “Eu sou um guerreiro! Eu não me curvo para dificuldade. Eu sou vitorioso!” Após

o culto, fiéis conversavam entre si como estavam se sentindo mais fortes e confiantes. Destaco uma breve conversa que tive com Dona Eunice:

“Olha, eu saio daqui com tanta força, me sentindo tão bem e forte. Eu passei muita coisa na minha vida. Era doméstica, os filhos do meu patrão me humilhavam por causa da cor. Dormia em um quartinho com goteira. Foi depois da força que eu recebi aqui que eu decidi mudar. Passei a me ver como uma vencedora. Hoje, tenho meu carrinho de pipoca e batata chips. Pode parecer pouco, mas para mim foi uma vitória. Consegui sair daquela situação. Ainda quero conquistar mais e ter uma lanchonete”.

Em nenhum momento Eunice pareceu atribuir seu sucesso a um ritual, ou elemento mágico, mas sim à força e autoconfiança que desenvolveu nos congressos, assim como ao trabalho duro que empreendeu para a transformação da situação em que vivia. Em outra reunião, o pastor convocou os obreiros para levantar cajados, por onde os fiéis passariam e atravessariam o mar vermelho. Tal ato pode ser classificado, a priori, como um ritual mágico. Entretanto, como tal “mágica” é refletida pelos atores? Para a maior parte das pessoas que entrevistei¹⁰⁷, o ritual é clarificado, nas conversações internas, como um fortalecimento do Eu e não necessariamente como uma solução em si para seus problemas cotidianos. “Quando eu atravessei esse mar vermelho, me senti forte, deixei de ter medo. Senti que estava pronto para lutar e conseguir. Saí da Igreja e me via como um vencedor, eu acreditava em mim” (Ernesto). Assim, tal ritual motivava sua fé em si mesmo e em sua capacidade de ação face ao contexto objetivo em que se encontravam. Nesse processo, a fé é fundamental, pois ela é responsável, na visão dos atores, pela transformação do pensamento e na imagem que tem de si, assim como na confiança que passam a ter em seus atos. Para os atores, Deus tem um papel essencial, pois é responsável por “dar uma direção”, por “inspirar” e “remover dificuldades”. Sem contar que existem diversos elementos que estão muito mais ligados à racionalidade econômica como, por exemplo, cursos de gestão profissional, marketing, oficinas de formação. “Você precisa falar de Deus, despertar a fé na pessoa. Isso é fundamental para o sucesso, mas também tem que falar do mercado, ensinar o que precisa no mundo de hoje. Tem que ser um bom administrador, senão a coisa não vai” (Obreiro Francisco).

Assim, a solução mágica para os problemas, por meio da simples crença em Deus, seria um exemplo de fé baseada na emoção e não na razão. Os próprios atores da Universal realizam uma distinção entre os que creem no “poder mágico” de um papel, ou de um ritual e

¹⁰⁷ Isso não significa que não haja pessoas que acreditem que aquele ritual é uma solução imediata para seus problemas. Entretanto, não registrei essa opinião na ocasião de meu trabalho de campo.

esperam um resultado imediato, classificando-os como “emotivos”. Assim, reconhecem que há membros que constroem uma relação imediatista com a fé, por meio de objetos e rituais promovidos pela própria IURD. Entretanto, pastores e obreiros com quem conversei explicaram que o intuito original é aproximar a pessoa da fé e, por isso, o recurso a tais “pontos de contato” (Gomes, 2011). Outro objetivo é “fazer a pessoa acreditar em si própria”. Porém, pastores reconhecem que “não dá para controlar e muitas pessoas que veem à igreja tem uma fé emotiva que a gente busca transformar” (Pr. Guilherme). Dessa forma, os produtores de bens simbólicos não os percebem como mágicos, mas sim como um meio para se chegar a um objetivo. Em sua visão, os fiéis que acreditam que um ritual, um objeto, ou a própria adoração a Deus podem solucionar seus problemas de forma imediata, praticam uma fé emotiva e sentimental e, por isso mesmo, mágica.

“O sentimento faz a pessoa ficar inútil na sua fé. Ela tem disposição para cantar, adorar a Deus, mas não tem disposição para lutar, sacrificar e conquistar. Não pense que Deus vai mandar anjos para conquistar por nós. Ele nos deu fé para nós conquistarmos. Somos nós que temos que agir (...) porque fé é ação” (MACEDO, 2011, p. 60 e 61)

A percepção dos atores acerca de seu papel e do de Deus na vida cotidiana pode ser explicada por meio da noção da “fé racional”. Trata-se de um termo extremamente utilizado dentro da Igreja Universal do Reino de Deus para classificar a “forma correta” de se relacionar com a espiritualidade. De acordo com o livro de Edir Macedo, “Fé Racional”, há basicamente dois tipos de fé, a emocional e a racional. A primeira é caracterizada pelos atores como uma fé religiosa, baseada na emoção, nos sentimentos e nos desejos do homem e de seu coração. Segundo eles, aqueles que se pautam somente na emoção são fracos frente às tentações e por isso incorrem em todo o tipo de pecado e costumam apresentar uma vida miserável. A fé emocional é assim definida como uma fé pautada nos sentimentos humanos e na dúvida, pois não estaria baseada única e exclusivamente na certeza divina. Quais são as consequências dessa modalidade de crença? De acordo com o livro de Macedo, amplamente mobilizado pelos pastores e fiéis, isso leva ao fanatismo religioso, uma vez que o crente não disporia da razão para contestar práticas e pensar a Bíblia com inteligência. Além disso, os fiéis tendem a se tornar submissos à ordem social. *“A fé emotiva tem levado muitos a aceitarem as situações adversas que se apresentam: 'nasci pobre, vou morrer pobre'. Quer dizer, acreditam que a pobreza é dada por Deus”* (Macedo, 2011, p. 51).

Em contrapartida, a fé racional é entendida como uma fé sobrenatural, oriunda diretamente da vontade divina, expressa na Bíblia. Dessa forma, entendem que os que apresentam essa fé seguem estritamente a Bíblia e não dependem de manifestações externas para alcançar um estado de graça. Para Macedo, os religiosos, isto é, aqueles que professam uma fé emocional tendem a precisar da igreja, pois só conseguem sentir a presença de Deus naquele espaço, por meio da emoção, da música e depois daquilo incorrem no pecado, pois não estariam escorados na “verdadeira fé da palavra”. Por isso, a fé racional é entendida como inteligente, pois levaria o fiel a refletir acerca do conteúdo da Bíblia, a cobrar Deus e suas promessas e a não aceitar a condição social em que vive como um desígnio divino. Além disso, em sua visão, essa fé leva à ação, ao contrário dos que se baseiam na fé emocional e que aguardam soluções divinas para seus problemas.

“Vou contar para vocês uma diferença entre o homem de fé inteligente e um crente que vai todos os dias à igreja. O primeiro não aceita, se revolta, vem uma situação difícil e ele, com convicção na fé, parte para cima, encara o desafio e age. O crente, na fé do sentimento, clama por Deus...só fala 'oh, Glória', 'misericórdia'...fica ali esperando o milagre. O valente ouve a promessa, o chamado e arrebenta!” (Bispo Edir Macedo)

O imediatismo, categoria muito imputada às práticas da IURD, é recusado pelos atores, que o associam à fé emocional. Segundo eles, os “emotivos querem tudo rápido, mas os inteligentes sabem esperar e perseveram na fé” (Bispo Jadson). Assim, em sua perspectiva, essa fé garante a certeza do fiel com relação à realização do sacrifício, entendido tanto corporalmente, no que se refere à entrega ao trabalho duro, quanto ao sacrifício financeiro¹⁰⁸, ou seja, o ato de dizimar. Segundo Macedo, os sentimentais têm medo do sacrifício e o criticam, pois acham que seria uma arrogância diante de Deus. Contudo, o mais importante a ressaltar é o desenvolvimento de uma noção de racionalidade em torno da fé e o conseqüente estímulo à reflexividade. Na visão dos atores, a razão permite uma leitura inteligente da Bíblia, o que evita cair em fanatismo religioso e na aceitação de um *locus* social. Além disso, permitiria ao homem fugir das tentações das vontades mundanas e também usar a razão e inteligência para resolver seus problemas, não se tornando refém das decisões baseadas na emoção. Em suma, a distinção,

108 De acordo com Gomes (2011), o dinheiro é entendido como o bem mais precioso que existe atualmente e, por isso, é colocado como objeto a ser sacrificado.

realizada pelos atores, entre fé racional e emotiva explica como percebem diferentes formas de *reflexividade*.

A fé emocional estaria ligada aos sentidos do corpo e aos desejos naturais, logo, implicaria um nível reflexivo menor, na visão deles, enquanto que a fé racional corresponderia à “mente, à inteligência, ao intelecto e à razão. Dessa maneira, a pessoa pensa, raciocina e então toma sua decisão” (Macedo, 2011, p. 15). Não raro, Macedo e outros bispos utilizam a expressão “meditar na fé”, ou seja, pensar a si próprio e seus problemas. Nesse processo, a fé racional pode ser entendida como um estímulo à conversação interna (Archer, 2003). Muitos fiéis relataram que quando eram emotivos e sentimentais, importavam-se demais com o que a família iria dizer, e só sabiam se lamentar diante de Deus, o que mudou quando passaram a usar a fé racional e a estabelecer planos para o futuro, superando as adversidades. A fé racional poderia ser relacionada a uma espécie de “reflexividade autônoma”, pois essas pessoas pensam e agem de acordo com objetivos que estabelecem, principalmente ligado ao trabalho¹⁰⁹, construindo um projeto de vida que vai além do seu círculo social imediato.

A fé racional leva também à reflexão acerca das práticas religiosas. Tomemos como exemplo um caso contado pelo Bispo Macedo. Segundo ele, quando ainda era católico, sua irmã adoeceu gravemente e ele foi a uma procissão da Igreja. “Aí quando tava aquela fila para tocar o corpo morto de Jesus, eu disse para mim mesmo: 'se ele está morto está pior do que a minha irmã. Como isso vai resolver meu problema? Larguei tudo aquilo ali mesmo’”. Em outras ocasiões, o Bispo Jadson afirmou que “religiosos” (da fé emotiva) acusam a Universal de usar práticas não convencionais como, por exemplo, o uso de roupas brancas. “Chamam a gente de macumbeiro porque está de branco. Pessoal religioso é muito cabeça fechada. Tem uma mente quadrada. Nós fazemos tudo para ganhar almas. Eles não conseguem pensar além. Falta essa fé inteligente para eles pensarem de forma diferente em tudo na vida. Aí fica aquele crente chato e fanático” (Bp. Jadson). Assim, a fé racional é percebida tanto como uma transformação de si que leva o indivíduo à ação, quanto uma forma de ampliar a capacidade de reflexão do indivíduo em relação ao universo social.

109 Isso não significa absolutamente uma tentativa de essencialização da fé, ou de limitação da pessoa a um determinado estágio reflexivo. Entretanto, os atores atribuem à fé racional a capacidade de desenvolvimento e escrutínio dos projetos, ao contrário da fé emotiva, baseada no simples pedir e implorar a Deus. Assim, a conversação interna promovida pela fé racional seria mais intensa do que a da fé emotiva, pois levaria a diversos ciclos de clarificação.

Capítulo 10. Trabalhador ou empresário? Críticas em torno da noção de trabalho no Brasil

Conforme anunciado anteriormente, encaramos a Reunião dos empresários (Reunião para prosperidade) como um dispositivo que impõe questões e situações a serem julgadas e avaliadas pelos atores. De maneira geral, o culto pode ser dividido em três etapas: na primeira, o demônio é classificado como um vilão que deve ser derrotado e todos fazem uma oração inicial; na segunda, e mais longa, temos a “palestra” (termo usado pelos atores) em que os problemas financeiros e soluções são debatidos (momento também dos testemunhos) e, por fim, a conclusão com mais uma oração. A sequência de eventos que nos interessa – na maior parte das vezes - nesse dispositivo concerne à palestra, pois ali se concentra a maior parte do trabalho normativo dos atores.

O trabalho, entendido aqui como atividade para ganhar o sustento, é um tema recorrente para o julgamento dos atores. A maior parte dos membros e lideranças encara o trabalho assalariado de forma negativa, pois é percebido como “exploração”, “humilhação” e incapaz de garantir o acesso a bens de consumo e a uma vida confortável. “Se você está desempregado, lute por um emprego, mas não se acomode, pois a gente sabe que é difícil trabalhador ganhar dinheiro no Brasil” (Bispo Jadson). Os testemunhos corroboram essa visão ao se referirem às antigas ocupações (como empregados), como cansativas, injustas e humilhantes. Frequentemente, os atores definem essa época da vida como “tudo parado”, em referência às mudanças almejadas que não acontecem.

Os atores relacionam o trabalho formal à pobreza e à manutenção da posição social. O empreendedorismo foi considerado como contraponto ao trabalho assalariado e uma possibilidade real de libertação da pobreza e da conquista da autonomia, além da realização pessoal. Se o emprego é a realidade da qual a pessoa tenta escapar, o negócio próprio é o sonho que se tenta atingir. Entretanto, o caminho para se atingir a posição de empresário é encarado como muito mais difícil. “As pessoas te veem ganhando dinheiro, prosperando e acham que é fácil. Mas não sabem que vocês têm que matar um leão por dia. Lutar por clientes, conquistar

fornecedores. É uma batalha sem fim, mas no final é prazeroso, pois você venceu, você é grande” (Bispo Jadson). Dessa forma, os atores ao analisarem reflexivamente seu passado relacionam o emprego ao “ser pequeno” e o empreendedorismo à grandeza.

“R: Quando cheguei aqui não tinha sonhos. Estava cansado da minha vidinha acomodada, de fracassos. Aí me revoltei e exigi mais. Eu sonhava grande, bispo. Queria mesmo algo maior. Sabia que Deus tinha algo maior para mim e fui lutar. Eu era motorista em uma empresa, larguei tudo, fiz um acordo e saí com o FGTS. Peguei esse dinheiro e investi no meu negócio: empresa de motoentrega. Tenho que matar um leão por dia, mas sou grande e conquistei o que sonhava. Realizei meu sonho de ser meu próprio patrão.

Bispo Jadson: Mas como era então a sua vida antes dessa revolta?

R: Ah, bispo...só humilhação. Levava grito, xingamento, sem perspectiva nenhuma. Você se sente humilhado. Trabalhava como louco e chegava no final do mês e eu não tinha nada. Eu me sentia explorado, diminuído. Quem é de Deus não nasceu para ser maltratado assim”.

Durante a palestra, o repertório normativo dos atores acerca do “trabalho assalariado” indica a total descrença no mesmo. Bispos e pastores afirmam em diversos momentos que trabalhador não consegue ganhar dinheiro no Brasil e, por isso, somente o empreendedorismo representaria uma possibilidade real de mudança de vida. Isso não significa que todos os membros da Igreja compartilhem do mesmo pensamento. Em algumas ocasiões, o próprio Bispo Jadson, entusiasta do empreendedorismo, exaltou a importância de ser um funcionário modelo, pois isso garantiria ascensão dentro da empresa e valorização do trabalho por parte do proprietário, além de servir como um “laboratório” para um futuro negócio próprio. Assim, para Jadson, o trabalho formal pode ser aproveitado como um período de aprendizado, todavia, o grande objetivo continua a ser a criação de uma empresa. Além dele, o Bispo Renato Cardoso, genro de Edir Macedo, já exaltou o valor do trabalho e a importância do esforço no emprego para ascender socialmente. Entretanto, a expectativa de Renato não foi expressa no âmbito do culto aos empresários, mas sim em reuniões do projeto *IntelliMen*. De todo modo, Renato concentra-se na defesa do empreendedorismo, pois, segundo o próprio, “trabalhar (para os outros) não enriquece ninguém”.

Em alguns casos, até mesmo a formalidade do trabalho é desincentivada, como em palestra de um “coach”, convidado por um bispo, para falar sobre carreira. Segundo ele, a

pessoa que almeja crescer não pode ficar restrita a um “emprego com carteira assinada”, pois assim inviabiliza a formação de um “networking”. O ideal seria “fazer freelas para ampliar a rede, já pensando futuramente na carteira de clientes da sua empresa”. O repertório normativo dos atores indica como a fluidez é pensada como uma característica importante para o crescimento no novo espírito do capitalismo. Conforme Boltanski (2009), o grande na “cidade por projetos”, é aquele que consegue se deslocar entre distintos projetos, conectando-se a novas possibilidades e ampliando os limites da rede. Muitos atores julgam que a informalidade é positiva pelo fato de não terem um patrão fixo. Segundo eles, é desanimador ficar sempre sob o jugo da mesma pessoa. Entretanto, afirmam que a ausência de benefícios e a incerteza de serviço são fatores negativos dessa flexibilidade.

As expectativas normativas desses atores em torno do trabalho assalariado e do empreendedorismo baseia-se majoritariamente nas relações trabalhistas experienciadas por eles. Em praticamente todos os testemunhos, os fiéis relataram e julgaram sua interação com antigos patrões, produzindo críticas a respeito da condição social em que se encontravam. Em um testemunho, a ex-empregada Mônica relata ao Bispo sua trajetória:

“Mônica: Eu era empregada doméstica, Bispo, de gente muito rica. Morava nos fundos de uma mansão. As pessoas viam de fora e pensavam 'nossa, você é empregada, mas você mora bem'. Só que eu ficava numa casinha de fundos, bispo, com um cômodo e um banheiro. Abria a janela e estava ali ao lado do canil com diversos cachorros, com um cheiro forte de urina e fezes. Era a maior humilhação. Ganhava um salário mínimo que não dava para nada. Eu não era só empregada doméstica não, bispo. Eu era faz tudo! Tinha que limpar a casa, lavar o canil dos cachorros, cozinhar e ainda por cima lavar os quatro carros que eles tinham. Na verdade, eu era escrava, pois trabalhava o dia inteiro, fazendo tudo. Isso quem faz é escravo. Até que eu me revoltei com aquilo, bispo, com aquela humilhação! Decidi ir pro tudo ou nada, fiz a fogueira santa e larguei tudo aquilo. Sai daquela casinha sem um móvel, pois era tudo dos patrões e fui alugar um apartamento sem nada.

Bispo: Eles moravam em uma mansão e você não tinha nenhuma condição?

Mônica: Nenhuma, bispo. Era horrível ver minhas filhas começando a virar adolescente pedirem as coisas e eu não poder dar. Na época, o salário mínimo era de 560 reais. Uma miséria.

Bispo: O que você fez a partir daí?

Mônica: Eu cozinheiro muito bem, bispo. Esse é o meu talento, como o senhor disse, cada um tem seu talento. O meu é cozinhar. Então, comecei a fazer salgados e o meu atual esposo vendia em uma barraquinha na rua. Nisso, montamos uma lanchonete e entregávamos marmiteix e continuo entregando. Prosperamos tanto que agora vamos abrir um restaurante. Hoje eu tenho dinheiro, posso realizar meus sonhos, o das minhas filhas. Mas não é só questão de dinheiro não, bispo. É o respeito. Antes as pessoas não me respeitavam por ser doméstica, mas hoje como empresária eu sou respeitada onde eu vou. Eu sinto isso. Meus patrões tinham um carrão importado e hoje eu tenho um igual.

Bispo: Não preciso falar mais nada!

O repertório normativo dos atores indica que as condições degradantes do emprego formal são percebidas como análogas à escravidão e, por isso, motivo de revolta, pois impedem, em sua avaliação, que a pessoa tenha autonomia e alcance seus sonhos e felicidade. Em suas narrativas, os atores constroem o sonho e a felicidade como um direito básico de todo o ser humano. Dessa forma, o conjunto de expectativas normativas dos frequentadores do Congresso associa o emprego à impossibilidade de concretização desse direito, sendo, na verdade, a negação do mesmo, pois a pessoa estará submetida a outras vontades que não as suas, desperdiçando o talento.

O trabalho normativo dos atores acerca do trabalho assalariado revela também uma questão importante: o momento que deixam de se identificar com um determinado papel social, o que exige a construção de um novo projeto existencial, no caso, como empresário. Conforme a análise do bispo Jadson, “a partir do momento em que você veio aqui, já tem uma revolta ali dentro, ainda escondida, porque senão você não teria vindo”. A busca pela solução de problemas nas igrejas neopentecostais indica antes de tudo uma insatisfação com o papel social que os atores representam no momento e, conseqüentemente, de transformação de suas preocupações últimas. No caso de Mônica, a posição que ocupava na estrutura social (negra e pobre) colocou-a, involuntariamente, em um determinado contexto social e em uma certa rede de sociabilidade, expondo-a a certos tipos de interação. Sua grande preocupação era a sobrevivência, ou seja, um engajamento maior em relação à ordem natural (do estado físico), sem atribuir importância fundamental à ordem social, em que o “valor próprio” tem peso maior, priorizando as relações entre sujeitos. Em um determinado momento de sua vida, deixou de se identificar com o papel social que ocupava. O escrutínio cotidiano do Eu e a projeção de um novo “Você”, levou-a a considerar que tal projeto de vida não expressava mais sua nova e última preocupação: ser uma empreendedora e conquistar respeitabilidade social. O fim da identificação reflexiva com sua vida cotidiana levou-a a elaborar um novo projeto, o que fez ativar limitações da estrutura social, obrigando-a refletir sobre a viabilidade de seu plano face às condições objetivas em que se encontrava. Decidiu então por um novo projeto existencial que contemplasse tanto a ordem natural quanto a social, que passou a ser importante na elaboração reflexiva de sua identidade.

A avaliação de Mônica de que não há respeito com relação aos empregados é partilhada por diversos outros, constituindo um repertório normativo comum. Por meio dele, podemos auferir que os atores acreditam que os trabalhadores formais são percebidos negativamente pelos outros. “Hoje as pessoas olham para mim e me respeitam. Não tenho mais vergonha”, diz Mônica em seu relato. Segundo ela, a situação mudou quando alcançou a posição de empresária, o que a levou a ser percebida e tratada de forma distinta. O coroamento da transformação foi a aquisição do mesmo carro que era obrigada a lavar quando era doméstica.

A nova possibilidade de consumo é relacionada pelos atores ao novo momento de suas vidas (pós-empendedorismo). A crença no enriquecimento e o desejo de usufruir de bens de consumo foi avaliada pela literatura a partir da noção da “teologia da prosperidade” (Oro, 1993; Mariano, 1996). Segundo esse conceito, os fiéis por meio de seus dízimos receberiam bênçãos e a possibilidade de ter uma boa vida já neste mundo, pois a prosperidade seria o cumprimento da promessa divina já neste mundo. A produção acadêmica também considerou que tal teologia seria uma excelente estratégia proselitista das igrejas, as quais se adaptariam aos desejos da sociedade de consumo e angariariam mais fiéis com a promessa da ascensão social. Porém, penso que a relação não seja assim tão estruturalista, com a simples incorporação e reprodução das estruturas pelos indivíduos. Acredito que se trate aqui do que Foucault e Rose percebem como governamentalidade do *self*, uma tecnologia voltada para o desenvolvimento de um sujeito autônomo, a fim de que possa “se realizar”, isto é, descobrir o que lhe agrada e construir um projeto de vida nesse sentido. Assim, o esforço não é que os atores se engajem em um determinado projeto, como talvez estimulá-los ao empreendedorismo, como poderia parecer à primeira vista, mas sim uma *assemblage* que reúne ideias, técnicas, referências, saberes, pessoas, narrativas, objetos ao qual o ator em contato é subjetivado.

O consumo de alguns bens é encarado pelos atores como necessário para a obtenção de respeito social e também como uma comprovação de sua nova condição perante outras pessoas que os humilharam anteriormente. No relato de Mônica, o mesmo carro do filho dos patrões coroava seu processo de ascensão e o pertencimento a um novo estrato social. Pensando a partir da noção de *potlatch* (Mauss, 2003), o dinheiro, considerado em nossa sociedade como um bem raro, é utilizado para o consumo de bens caros e aparentemente não essenciais, mas se encaixa no princípio de rivalidade e do antagonismo (*idem*). Evidentemente, não há em nosso exemplo uma obrigação de retribuição, porém, o caráter agonístico de sacrificar um bem

precioso (dinheiro), por meio da aquisição de bens conspícuos (celulares, roupas e automóveis), para atingir o outro permanece. Em um testemunho, a empresária (e ex-doméstica) Clélia afirma que “você não imagina a minha alegria, bispo, quando vejo meus filhos com celular melhor do que os do filho da minha antiga patroa”. Assim, a aquisição de certos bens implica tanto a afirmação da nova condição social e a conquista do respeito de outrem quanto uma espécie de *revanche* em relação a antigos padrões e/ou pessoas que desacreditaram do seu potencial.

O trabalho formal foi considerado pelos atores como uma anulação do talento, uma vez que a pessoa fica sujeita à outras vontades que não necessariamente promovem o desenvolvimento do talento e/ou sua utilização na atividade. Em contraposição, o negócio próprio foi avaliado como atividade que torna possível a cada um desenvolver suas habilidades, com base no talento, o que levaria à realização pessoal e felicidade. Além disso, o desenvolvimento da noção de talento foi percebida como uma nova possibilidade de vivenciar uma atividade. “Antes quando eu trabalhava para os outros, sentia que estava desperdiçando o que eu sabia fazer. Estava me anulando. Quando abri minha empresa de consultoria na área de TI, passei a ter prazer no meu trabalho. Eu sentia aquilo como uma parte de mim. Antes eu não via minha cara no que fazia quando era empregado”.

Quem aqui quer que você seja rico?

Esse dispositivo também implica a *reflexividade* dos atores em torno da desigualdade social no Brasil, ao trazer a questão da diferença social, para avaliação dos agentes. Em alguns momentos, o modelo de colonização brasileiro é mobilizado por bispos e pastores para justificar uma suposta “mentalidade fechada” aos negócios no país. Segundo Jadson, o histórico de colônia de exploração fez com que as pessoas se acostumassem com pouco, ao contrário dos Estados Unidos, em que os jovens seriam estimulados a “fazer a diferença e a pensar grande”. Para ele, os que pensam “grande” no país são logo desestimulados por familiares e amigos que lhes acusam de ser “muito sonhador”.

Em sua visão, essa diferença básica se dá pelo fato dos EUA terem sido construídos por um “pensamento protestante”, o que explicaria a “grande diferença cultural” em relação ao Brasil. De acordo com o bispo, a tradição católica valoriza a pobreza, que é encarada como

“prova de santidade e humildade”. Já o protestantismo e o judaísmo, caracterizam-se como uma valorização da conduta, pois por meio dela mostrariam aos outros a “grandeza do Deus vivo”. Dessa forma, Jadson afirma que (os membros) precisam ser os melhores em todas as áreas e ter os melhores resultados, melhores lucros, melhores bens, melhor família, não para ostentação, mas para honra de Deus¹¹⁰ (EDINGTON, 2015). O bispo acredita que mesmo após o declínio católico no Brasil, a forma de pensar ainda não mudou, pois, as pessoas estão agindo em “modo automático” e não pararam para pensar sobre essa questão e que somente um “choque de mentalidade”, por meio do estímulo ao pensamento (*conversaço interna*) possa transformar essa situaço.

Em um culto do *Congresso dos Empresários*, no Templo de Salomão, Edir Macedo indagou:

“Quem aqui tem o interesse que você seja rico? Quem? Ninguém! Os ricos querem que vocês sejam pobres. Porque se vocês forem ricos, quem vai lavar as cuecas deles? Quem vai cozinhar para eles? Quem vai servi-los? Eles vão lavar o seu banheiro? Cozinhar? Não, eles não vão fazer nada. Eles precisam que o pobre fique a seus pés. Esses pensamentos que nós passamos para vocês contrariam a sociedade, contraria os grandes e os poderosos. Eu quero que eles se danem. Nós vamos trabalhar para vocês serem ricos. Essa é a fé que levanta, que faz você ter certeza. O mercado tá em dúvida, tá fraco, mas a pessoa sai daqui soltando fogo pela narina”. (Bispo Edir Macedo)

A crítica elaborada por Macedo pressupõe o desinteresse dos ricos na mobilidade social dos pobres para que esses continuem a ser usados em postos subalternos pelos ricos, “para servi-los,” já que não seriam capazes de exercer funções domésticas simples, na visão do Bispo. Dessa forma, a desigualdade é julgada pelos atores como conveniente a um determinado estrato social.

Porém, qual seria a soluço para essa situaço de exploraço e desigualdade? Na resposta de Bispo Jadson, não se trata de uma luta política, ou sindical:

“Agora eu te pergunto. Teve manifestaço em 2013, agora em 2015 e 2016 para tirar o governo. Adiantou alguma coisa na sua vida? Você já fez greve. Mudou alguma coisa? Partido político já fez alguma coisa por você? Sindicato? Manifestaço, greve,

¹¹⁰ É interessante ressaltar a presença dessa ascese intramundana e a busca de regulamentação e santificação do cotidiano, conforme já visto no protestantismo ascético weberiano. Apesar de certas diferenças, é possível ver uma continuidade de alguns tipos de condutas calvinistas e puritanas descritas por Weber. Além disso, os próprios atores mobilizam essa suposta característica para justificar a diferença existente entre catolicismo e protestantismo e como isso influenciaria o subdesenvolvimento brasileiro, retomando a argumentação clássica de Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*.

não vai mudar nada! Política nunca mudou nada! A única pessoa que pode te tirar dessa situação é Deus! Fazer um pacto com ele e transformar a sua vida, te dando a direção para você ter o seu negócio e seu sócio será Deus!” (Bispo Jadson)

Dessa forma, a única possibilidade aventada pelos atores para o fim da humilhação e da exploração é o negócio próprio. Em sua crítica, a ação coletiva e o processo político são vistos como inúteis para a transformação social, esta sendo possível apenas pelo esforço individual, por meio do engajamento no mundo dos negócios e, claro, a união com Deus¹¹¹. Ao mesmo tempo em que condena os ricos, Macedo afirma que irá trabalhar para que os membros da IURD sejam ricos, o que parece, à primeira vista, completamente contraditório. Por isso, precisamos recuar um pouco para compreender o que os atores entendem por rico e riqueza. Em um programa de rádio da rede Aleluia, Macedo promoveu um debate com o bispo Clodomir e Formigoni sobre a pobreza. Segundo ele, o pobre acredita em Deus, tem fé, mas não busca a grandeza de Deus, que se expressa na riqueza. Na avaliação deles, os pobres encontram-se nessa situação, pois renegam a riqueza e acreditam que se trata de algo moralmente errado. Macedo chega a usar sua trajetória, dizendo que antes de ser um pastor rico, condenava a riqueza e achava que tinha de fazer voto de pobreza, até perceber estar errado. Em sua perspectiva, a Bíblia indica, por meio de seus livros, que Deus honra o seu servo com muitas riquezas, com uma vida digna e com uma posição respeitável. Por isso, os que servem a Deus devem lutar pela riqueza, pois só assim honrarão a Deus.

Para os atores, nem todos os ricos são de Deus, mas toda a riqueza é de Deus. “Há pobres arrogantes e ricos humildes, que se prostram de joelho diante do altar. Tem pobre que acha que a pobreza é humildade e que se ficar rico vai deixar de ser humilde. Não tem nada a ver”. Segundo Clodomir, essa mentalidade é ligada à religião que sempre anulou os desejos dos pobres, ao dizer que a pobreza era algo bom e que era um pecado almejar a riqueza. Apesar de não citar diretamente o nome, podemos inferir que o bispo se referia à Igreja Católica, já que em diversas ocasiões a instituição foi citada para exemplificar a “teologia da miséria”. “A Igreja Católica sempre impregnou na cabeça das pessoas que riqueza é coisa do mal e que a pobreza é boa”, afirma Macedo em sua biografia autorizada¹¹². A riqueza é vista pelos atores como uma

¹¹¹ É interessante perceber como o repertório normativo dos atores transforma-se completamente em contato com outros dispositivos. Muitos dessas pessoas também participam, alguns mais ativamente, do projeto político do PRB e percebem na política possibilidades de transformação do mundo, quando confrontadas às situações concernentes aos dispositivos daquele universo.

¹¹² Ver O Bispo A História Revelada De Edir Macedo. São Paulo: Larousse Brasil, 2007.

vontade divina e é a consequência da aplicação da fé inteligente, isto é, aquela baseada nos mandamentos de Deus.

De acordo com depoimento de Marcelo Crivella, sobrinho de Edir Macedo e bispo licenciado da Igreja Universal, à biografia do tio:

"O Bispo (Macedo) nunca aceitou ensinar as pessoas pobres a serem felizes com a pobreza delas. Ele nunca aceitou que a igreja funcionasse como uma ferramenta nas mãos da elite. A pessoa tinha de decidir: ou acredita no bispo ou na elite".

Em seguida, Crivella relembra uma passagem em que Roberto Marinho convidava Edir Macedo a participar da inauguração do novo sistema de iluminação do Cristo Redentor, bancada por sua Fundação. Macedo recusou o convite e teria dito que se Marinho quisesse conversar com ele, que se sentasse no meio dos pobres na igreja. Dessa forma, os atores promovem uma distinção entre os ricos. Basicamente, percebem dois tipos: “os humildes que venceram por esforço próprio e trabalham até hoje, não pisando nas pessoas”, e as elites tradicionais, ligadas à Igreja Católica, consideradas “exploradoras”. O repertório normativo dos atores com relação às formas da riqueza comporta um julgamento com relação aos tipos de acumulação capitalista: a exaltação ao trabalho e ao próprio negócio próprio e a condenação do rentismo e herança de grandes fortunas. Podemos traçar uma analogia com os puritanos e huguenotes que se dispunham a lutar contra privilégios tradicionais, monopólios, mercados fechados, banqueiros e especuladores (Weber, 2003). De acordo com a análise weberiana, os motivos éticos do puritanismo levaram os monopolistas à exclusão do parlamento, pois não se encaixavam no capitalismo burguês. Não se trata aqui de traçar comparações entre essas duas formas de cristianismo, mas sim de compreender que os evangélicos pentecostais produzem classificações acerca das formas de enriquecimento e que, neste caso, guardam certa semelhança com as perspectivas puritanas da época acerca da atividade econômica.

Devemos destacar também o processo de construção de responsabilidade em torno da pobreza. Macedo e outros bispos acreditam que a culpa seja dos pobres, pois esses não almejavam a grandeza de Deus e, por isso, condenariam a riqueza e se contentariam com a pobreza. Por outro lado, essa *ideologia* seria fruto de ações da elite brasileira (católica) que teria interesse em disseminar essa ideia, a fim de manter o *status quo*. Da mesma forma, o diabo teria uma participação nesse processo de aceitação da pobreza. Muitos dos membros partilham da

opinião de que não saber usar a fé impede a ascensão, mas também ressaltam dificuldades estruturais como, por exemplo, nascer em uma família pobre, ou não ter acesso à educação. Porém, o que parece ser decisivo para esses atores é o uso da fé para sua força interna e desenvolvimento de projetos. Em sua perspectiva, o poder da fé, entendido como fé em si mesmo e autoconfiança, podem levar o indivíduo a prosperar e sair da miséria, independentemente da posição que ocupam na estrutura social.

Isso posto, qual deve ser então a maneira de agir daqueles que aspiram à riqueza?

“Há uma diferença entre ser chefe e líder! O chefe só cobra, o líder dá condições. O chefe faz o funcionário ter medo dele, o líder quer todo mundo perto. O chefe só pensa nele, o líder pensa na equipe. O chefe só quer enriquecer ele, os outros não tá nem aí. Mas o líder se agrada de ver os seus companheiros vencendo. O chefe gosta de pôr a culpa nos outros, quando a empresa vai mal, o líder reúne para ver onde está o erro e buscar ideias. O líder absorve as ideias porque às vezes quem tá de fora vê melhor. O chefe vê quem trabalha para ele como máquina, o líder vê o outro como humano. É gente como ele. O líder trata como ele gostaria de ser tratado. O líder não pisa, o líder cuida. Todos que você cuida você vai ver frutos. O chefe gosta de gritar na frente de todo mundo, o líder chama separado e exorta e orienta. Quando você é chefe, seu funcionário te odeia, mas quando você é líder, sua presença agrada. Você contagia. O chefe desconta problema nos outros. O líder ninguém percebe. Diga, EU SOU LÍDER! Você não precisa impor respeito, você conquista. Você não se desgasta com funcionário. Você é líder! Tem que ser líder!” (Bispo Jadson).

A noção de líder, oriunda da gramática do novo espírito do capitalismo (Boltanski e Chiapello, 2009), é mobilizada pelos atores para caracterizar o rico ideal, que almejam ser. As relações trabalhistas clássicas, consideradas negativas, são caracterizadas como “atitude de chefe”, permeadas pela humilhação e exploração. Essas relações baseadas na autoridade são encaradas como algo antiquado e inadequado para quem busca a “grandeza”. Além disso, associam essas práticas ao que sofreram anteriormente, quando assalariados. A figura do líder e sua forma de agir parecem constituir uma ética para esses empreendedores, organizando a forma como as relações de trabalho devem ser estruturadas. Essa moralidade específica do novo espírito do capitalismo é percebida pelos atores como uma alternativa às práticas abusivas e tradicionais e como conduta adequada para não repetir os mesmos tratamentos aos funcionários. “Detestaria fazer para os outros o que fizeram comigo, por isso, eu tenho que ser diferente, sabe?”, explica-me Ângela, 37 anos, proprietária de um minimercado, com quatro funcionários, na zona leste de São Paulo.

Além disso, a expectativa normativa dos atores com relação ao trabalho implica também a maior produtividade e maiores ganhos. Segundo alguns casos observados, a agressividade com os funcionários e a postura autoritária havia desmotivado os empregados e

gerado perdas à empresa. “Eu chegava cobrando muito, exigindo demais, extremamente centralizador. Nisso, ninguém mais estava se esforçando e eu perdia muito tempo mandando cada um fazer uma coisa. Aí eu passei a ser líder. A tratar melhor, a motivar, a elogiar...em pouco tempo o pessoal estava dando o sangue”, conta Haroldo, dono de uma empresa de instalação de ar-condicionado. Assim, a importância de ser líder também se reflete, para os atores, no próprio sucesso do negócio.

Desse modo, o repertório normativo dos atores estrutura-se sob três argumentos principais: (1) a riqueza deve ser desejada e buscada (“Deus quer que você seja rico”), jamais condenada, pois se trata do plano divino para cada crente. (2) O indivíduo deve se revoltar com relação a sua condição social e lutar pelo cumprimento da promessa divina. (3) o enriquecimento deve obedecer a certos preceitos, por uma questão ética e para a própria sustentabilidade da riqueza.

Conforme percebido já anteriormente por Lima (2007), os discursos e categorias do novo espírito do capitalismo foram incorporados por amplos setores sociais e passam a ser mobilizados por diversos atores, inclusive os evangélicos. Muitas competências dessa “*cité par projets*”, facilmente encontráveis em manuais de *management*, são apresentadas aos atores da IURD e debatidas por eles. As lideranças da Universal julgam que são essenciais para os fiéis a aquisição de certo aprendizado para o empreendedorismo. Alguns dizem que se trata de aprender a usar a fé inteligente para materializar a riqueza, ou seja, não basta acreditar em Deus, mas sim ter uma certa postura com relação à vida e ao trabalho e até mesmo a aquisição de referências para compreender o funcionamento do mercado.

No entanto, o que seria a riqueza para esses atores sociais? Em determinados momentos, o dispositivo traz algumas sequências em torno da questão do enriquecimento, principalmente nos testemunhos. De acordo com o repertório normativo daqueles atores que “venceram”, isto é, conseguiram empreender de forma bem-sucedida, sua condição de “riqueza” compreende: uma boa casa própria, um bom carro, possibilidade de adquirir bens de consumo como televisão, celular, *notebook*, realizar viagens de vez em quando, comer bem e poder fornecer boas condições para os filhos. Dessa forma, a “vida de rico”, tão almejada pelos atores, parece estar muito mais relacionada às condições de uma classe média tradicional, com as mesmas possibilidades de consumo de bens e de oportunidades para os filhos. Assim, boa parte dos testemunhos indicam que a vida almejada não é a de um milionário, mas sim de classe média com casa própria e certo conforto.

“Bispo, cheguei humilhado, devendo, vida financeira destruída. Mas aqui eu fui na fé, sacrifiquei, trabalhei sem parar, montei meu negócio. Era luta seguida de luta, trabalhando até não poder mais. Hoje, posso dizer que conquistei a minha casa, o meu carro importado, meus filhos estudam em escola particular e fazem curso de inglês”. (Wesley)

Os testemunhos das pessoas que alcançaram a “riqueza”, na visão dos pastores, servindo de exemplo aos fiéis, revelam que esses indivíduos são, majoritariamente, pequenos e médios empresários e não milionários. De fato, há o desejo de crescer e superar metas para “ganhar cada vez mais”, mas sem sacrificar a religiosidade e a família, o principal projeto de vida dos atores. Na realidade, o “sucesso financeiro” é acomodado a essas duas preocupações, estando subordinado a elas. Por outro lado, o próprio projeto de “vida na fé” compreende o sucesso financeiro, no caso da Universal, pois seria a realização de uma promessa divina. Isso explica, na percepção desses atores, como o abandono da fé acarreta graves consequências para a vida financeira e para a realização pessoal.

Capítulo 11. A formação de empreendedores evangélicos: competências em distintos mundos de ação

A fim de refletir sobre os saberes construídos acerca do empreendedorismo, assim como a interação entre os atores para compreender não só a produção desses saberes, mas da noção mesma de empreendedorismo, voltaremos-nos à uma apresentação mais etnográfica da Reunião dos Empresários.

Em uma segunda-feira de 2014, centenas de pessoas aproximavam-se da Catedral da Fé, em Santo Amaro, na Avenida João Dias, zona sudoeste de São Paulo. Muitos, como eu, chegavam de ônibus, recém-saídos do trabalho, a fim de acompanhar o culto das 20h00. No corredor de ônibus, concentravam-se muitos trabalhadores que se dirigiam à igreja. Em conversa informal, definiram-se como microempresários na área de construção civil, efetuando reparos e pequenas obras de todos os tipos (marcenaria, hidráulica, elétrica) em casas e apartamentos, além da realização de carretos. “Eu sou é um faz tudo”, brincou José, 47 anos, ex-pedreiro em uma empreiteira e hoje proprietário de uma microempresa com dois funcionários, seu filho e seu sobrinho. Segundo ele, a vida de empresário é “difícil, pois tem que pagar, não pode atrasar e nem sempre entra dinheiro”. Entretanto, avalia que sua vida hoje, apesar das dificuldades, melhorou muito, pois não precisa mais receber ordens e não há “atravessadores” para contratação, o que o leva a ser contratado diretamente pelos clientes. Ele é membro da Universal há seis anos, ao que credita a melhora na sua vida, pois afirma ter aprendido a usar a “fé inteligente” na instituição, além de diversos ensinamentos que o ajudaram a estruturar o seu negócio. José acredita que o momento do Brasil é difícil e que as “coisas estão paradas”. Esperava obter alguma direção para melhorar os negócios e força para seguir lutando.

O estacionamento da igreja estava repleto de veículos, alguns inclusive importados. A Catedral tinha cerca de 70% de lotação. Segundo informação de um obreiro, trata-se de um dos maiores públicos na Universal, perdendo apenas para o culto do domingo, o “Encontro com Deus”. O público aglomerava-se para assistir à palestra do Bispo Jadson, considerada como “muito forte” segundo as conversas que os fiéis tinham entre si. Nesse dia, começaria uma nova campanha: “Dez Ferramentas para uma virada econômica” e, segundo os obreiros, iria “arrebentar”. Jadson chegou ao altar e pediu para que todos ficassem de pé. No mesmo instante, todos levantados, acompanhavam o bispo. Ele indagava Deus a respeito de quantos de seus filhos ali não estavam em dificuldades, enfrentando humilhações, insucessos no negócio e

cogitando até mesmo desistir. Porém, naquele dia, todo o mal representado por maldições e demônios, responsáveis por amarrar a vida daquelas pessoas seria quebrado. Todos então são convidados a colocar as mãos sobre a cabeça e a gritar “sai”, a fim de expulsar os espíritos malignos que estariam “atrasando” os negócios e causando insucessos. Para coroar o exorcismo coletivo, canta-se um hino de louvor e todos sentam-se. Após esse momento de oração inicial, o bispo Jadson afirmou que iria começar a “palestra”. Em todos os cultos em que estive presente, os responsáveis usavam o mesmo termo e separavam esses dois momentos: “espiritual” e “palestra”. No primeiro, o conteúdo abordava a responsabilidade de entidades demoníacas nos insucessos das empresas e também pelo “espírito de desânimo”; já no segundo, os atores explicavam os problemas da vida financeira por meio de motivos econômicos e pelo desconhecimento dos indivíduos acerca das estratégias para superar essas adversidades. Dessa forma, a solução para o problema, ao menos nesse momento, não se daria no plano metafísico, mas sim por meio da aquisição de determinadas competências e o estímulo ao trabalho duro, ao ato de “lutar”.

O Bispo Jadson anuncia que hoje começariam uma nova campanha para dar uma virada na vida financeira e pediu para que todos os obreiros distribuíssem um papel impresso em forma de maleta (ver Imagem) para os presentes. Dentro dela havia uma impressão, constando dez espaços para cada ferramenta e a utilidade de cada uma. Porém, as ferramentas não estavam anunciadas ali, mas somente o espaço constando o número da ferramenta. Ele explica que a cada reunião receberíamos um adesivo, com o nome da ferramenta, para colar na data indicada e assim teríamos uma discussão pormenorizada a cada encontro. Após a explicação, os obreiros distribuíram o primeiro adesivo “O Poder da Comunicação”. De acordo com Jadson, por mais que a pessoa se esforce, seja inteligente, determinada e tenha boas ideias, um negócio não pode funcionar sem a capacidade de comunicação. “É preciso saber falar, se expressar bem, para conquistar a pessoa, o cliente, o fornecedor!” Para explicar a importância dessa competência, o bispo usou o exemplo da própria Universal. Segundo ele, a Igreja só é um sucesso pois os pastores conseguem se comunicar com o público e atrair pessoas. “Pessoal, pensa no seguinte: se vocês chegassem aqui e tivesse um pastor desanimado, que falasse meio enrolado, que não contagiasse o fiel. Você voltaria aqui? Você daria ofertas? Não, pessoal! Você vem e dá dinheiro porque a gente sabe se comunicar. Não adianta nada pastor conhecer muito a Bíblia e ser um homem de fé se não souber se expressar. Antes de tudo tem que saber

se comunicar, senão não adianta ter boa intenção. Nos negócios é a mesma coisa! ” O público riu da comparação do bispo e concordou.



Imagem: Maleta com as 10 Ferramentas

É interessante ressaltar como a própria instituição e suas práticas são operacionalizadas como exemplos de capacidade de comunicação. Logo, o trabalho normativo de Jadson instaura, nesse momento, uma *reflexividade* em torno de práticas da Universal. Em outra reunião, conduzida pelo Pastor Guilherme, o processo se repete e ele afirma: “pessoal, todo mundo nos acusa (lideranças da Universal) de sermos espertos e somos mesmo! Vocês também têm que ser pessoal! Aprendam com a gente! ” Assim, os bispos e pastores julgam suas próprias estratégias e da Universal como um todo como eficazes, mobilizadoras e responsáveis pelo crescimento da instituição. Por isso, devem, em sua opinião, ser repetidas pelos fiéis para que esses também consigam alcançar bons resultados em suas atividades. De modo geral, o repertório normativo dos atores com relação ao poder da comunicação está baseado na capacidade de convencimento e mobilização.

Jadson explica que antes de começar a falar, deve-se saber quem é o interlocutor, sua idade, tentar adivinhar sua classe social, seus gostos e necessidades e usar uma linguagem que se adapte à pessoa com quem se fala, a fim de convencê-la. Desse modo, essa competência prevê uma capacidade de antecipação dos atores com relação aos outros com quem interagem a fim de se apresentar de uma certa forma e falar de uma maneira específica, considerada mais adequada à situação. Logo, os atores promovem uma análise sobre a forma de se portar em situações de copresença. O ajustamento da ação nas situações de interação é o que Giddens (2009) denomina como monitoração reflexiva da ação e ocorre no nível da consciência prática,

ou seja, o conhecimento das regras de interação, que regem as atividades cotidianas por meio do *tato*. Nesse processo de debate em torno da interação, o que é da ordem da consciência prática torna-se consciência discursiva (*idem*), uma vez que os atores passam a expressar verbalmente e problematizar comportamentos ritualizados no cotidiano.

De acordo com Jadson, deve-se estabelecer o que se quer comunicar para que a mensagem seja recebida sem problemas pelo receptor. “Se você falar com o seu fornecedor tem que explicar de forma clara o que você quer, com o cliente precisa passar as informações que ele quer saber, sem incomodá-lo”. A educação também foi enfatizada, outorgando-se grande importância a dizer “por favor” e “obrigado”, assim como a não gritar e não interromper o outro. Segundo ele, tudo isso faz a diferença para conseguir resultados no mundo dos negócios.

Outro exemplo mobilizado pelo bispo foi a própria Bíblia e seus principais personagens. Segundo ele, Jesus, Moisés e diversos profetas só foram seguidos e conseguiram levar a palavra de Deus pois sabiam se comunicar. “Mesmo em momentos ruins, o povo como escravo, sendo dominado por outra nação, parou e ouviu esses homens de Deus. Por que? Porque eles sabiam se comunicar, falar bem, explicar para o povo as coisas. Mas também sabiam ouvir quando necessário!” A capacidade de compreensão é encarada por eles como uma extensão do poder da comunicação, pois “ouvindo você sabe o que a pessoa quer, o que ela deseja, o que a incomoda e aí você pode estabelecer um plano de ação”.

O bispo pediu para a equipe colocar um vídeo com um trecho do filme “Desafiando Gigantes”, em que um treinador de futebol americano convence seu atleta a carregar um outro jogador nas costas pelo campo, com os olhos vendados. As luzes foram apagadas e os telões acionados. Durante o momento em que o treinador motivava o jovem, com palavras como “você consegue, dê tudo de si”, alguns presentes começaram a se emocionar e quando o rapaz chegou até o final, muitos começaram a chorar. “Vocês veem aqui, pessoal, como o treinador usou o seu poder de comunicação para mudar a cabeça do seu jogador. Ele não acreditava em si mesmo, mas ele pelo poder da palavra teve atitude de líder e extraiu o melhor do menino”. Os membros concordaram e então Jadson chamou a atenção de todos para a necessidade de lutar. “Não adianta nada vir até aqui, aprender a usar as ferramentas, orar, se não tiver vontade de lutar. Você sabe que vai ter que sair daqui e matar um leão por dia. Não tem outra possibilidade. É trabalho, trabalho, trabalho¹¹³!” Segundo ele, nada vem fácil e, por isso, todos teriam que

113Conforme vimos no começo desse item, o trabalho assalariado é avaliado pelos atores como impeditivo para a ascensão social e é relacionado por eles à exploração e humilhação. Fica claro aqui que os atores se referem à noção de desenvolver uma atividade.

fazer uma força para superar as adversidades e trabalhar mesmo se estivessem cansados e se o retorno não for imediato. “Não pode parar de lutar, faça no seu trabalho o que você faria para Deus. Pensa que você está honrando nosso Deus naquele momento e assim você vai fazer o seu melhor. Você tem que ter cabeça, não pode querer gastar o dinheiro de forma tola, comprando bobagens, trocando de carro. Pensa se você realmente precisa daquilo, se vai ter como bancar ou se está querendo comprar por comprar”.

Guardada as devidas proporções com a ascese protestante clássica (Weber, 2004), não se trata do trabalho como um fim em si mesmo, mas sim para usufruto das riquezas conquistadas nesse mundo, porém, dentro de uma certa lógica considerada equilibrada pelos atores. Nisso, a conduta ascética do empreendedor deve evitar as tentações do consumo conspícuo e a satisfação de necessidades imediatistas, reforçando o espírito poupador para o crescimento do próprio negócio, o qual, após seu sucesso, gerará os frutos de uma vida mais confortável. Entretanto, o trabalho torna-se um valor em si para esses atores, devendo ser cultivado por todos, guardando semelhança com as formas protestantes analisadas por Weber, pois a riqueza como fim é condenável, mas não como fruto do trabalho (idem, p.156). Nisso, o autocontrole e a racionalização da conduta serão, como veremos, essenciais para que possam sair do *status naturae* rumo ao *status gratiae*, por meio da vida regida por um método, sistematizada na disciplina do trabalho. Não raras foram as vezes em que bispos e pastores afirmaram que os que não estão aptos a trabalhar mais de dez horas por dia não estão preparados para a grandeza, pois negam o sacrifício necessário para a produção de riquezas e, por isso, não poderão desfrutar delas. Evidentemente, no caso da IURD, os atores consideram o enriquecimento como um objetivo, um cumprimento da promessa divina, mas sem deixar de valorizar a importância do trabalho e do esforço próprio para merecê-lo. Nessa percepção, qualquer um pode ser eleito, ao contrário da teoria da predestinação, desde que se dedique ao trabalho e use a *fé inteligente* para prosperar.

Após o vídeo e a exaltação da “luta, do trabalho”, bispo Jadson explicou a importância de se manter na fé e seguir à risca a palavra de Deus e os ensinamentos que são ministrados na reunião. Segundo ele, quem dá as costas ao altar e deixa de ofertar, de pagar o dízimo regularmente, mesmo que esteja bem, pode por tudo a perder. Nisso, conta o caso de uma empresária de sucesso que perdeu tudo pois deixou de ofertar na Fogueira Santa. “Você não pode pensar em tirar o que é de Deus. Aquilo ali você deixa guardado, a cada venda, a cada serviço, você reserva a parte destinada a Ele e não toca!” O desincentivo ao consumo conspícuo

e imediatista também é justificado para que o acordo com Deus seja honrado. “Não vá gastar o seu dinheiro com besteira e deixar de dar o que é de Deus” (Bispo Jadson). Assim, algumas pessoas fazem ofertas, enquanto que outras entregam o envelope com seus dízimos. Depois, faz-se uma última oração e a reunião é encerrada. O bispo e os obreiros ficam à disposição para atender o público de forma mais individualizada.

Após o encerramento, começo a conversar com o obreiro Alex e dois fiéis. Segundo eles, o culto é uma verdadeira palestra e “como o bispo nem fala de religião, (o culto) pode ser frequentado por todo mundo”. No entendimento deles, o conteúdo ministrado perpassa diversas lógicas: “o bom que aqui a gente tem tudo. Um incentivo de Deus mesmo para seguir lutando, mas também informação para a gente melhorar o negócio. Une as duas coisas”, explica um dos fiéis. Alex concorda:

“Com certeza, pois a pessoa precisa ter a fé, acreditar em Deus. Mas se não fizer a parte dela, a coisa não vai. Aliás, a fé inteligente é isso: crer na palavra da Bíblia, determinar isso em sua vida e se virar para colocar em prática. Se a pessoa não tiver conhecimento, não adianta a fé. Por que? Porque o mundo exige que você saiba essas coisas. Não existe isso mais de ter empresa e administrar de qualquer jeito. Agora, tem gente que acha que é mágica. Você vem, reza, pede e Deus resolve seus problemas. Não existe isso. Claro que ele tem o poder de transformar tudo e ele dá o milagre, mas a gente precisa fazer a nossa parte aos olhos dele. Ir atrás, se atualizar, se informar, é cumprir a palavra dele”. (Alex, 39 anos, obreiro).

Dessa forma, os atores percebem e estabelecem uma diferença entre um conteúdo mais *espiritual*, pautado na fé, e outro mais *racionalizado*, que diz respeito às competências específicas de gestão de empresas, oriundo de manuais de *management* e de publicações de autoajuda voltadas ao público empresarial. No caso acima, na conversa estabelecida após o culto, a reflexividade em torno das práticas da igreja revela a passagem entre distintos regimes de envolvimento (Thevenot, 2006), durante a reunião e também uma certa síntese, ou compromisso entre dois regimes distintos. Na fala do bispo durante a palestra, o conteúdo *espiritual*, seja ele referência bíblica ou menção às práticas da IURD, aparece apenas como um fator explicativo e subjugado às lógicas das competências administrativas relacionadas à cidade de projetos (Boltanski e Chiapello, 2009). Assim, os referenciais mobilizados pelo bispo para imputar responsabilidade a um plano metafísico tornam-se elementos acessórios quando transportados a outro mundo de ação, a fim de explicarem a importância de cada ferramenta e também para exemplificar como personagens bíblicos também se valeram delas.

A diferença entre esses regimes e seus valores aparentemente opostos são superadas pelo estabelecimento de um compromisso, por parte dos atores, entre essas duas ordens distintas de ação e pensamento. No caso, a fé em Deus implica a aquisição de competências técnicas, por meio da noção de fé racional. Para os atores, essa fé está relacionada a colocar na prática cotidiana os mandamentos de Deus, o que significa para eles não se ater a esperar algo sentado por parte da divindade (encarado como fé sentimental). Nisso, a fé é mobilizada como justificativa para estabilizar um compromisso entre os dois regimes, isto é, a racionalidade econômica como consequência da crença espiritual. Dessa forma, para os atores, esses mundos distintos não entram em contradição, mas sim se complementam.

É interessante também ressaltar como os atores não percebem o culto como sendo religioso. Não se trata de algo isolado, mas de uma avaliação constante dos atores com relação ao conteúdo ministrado na IURD. Em sua visão, falar de Deus e da ação do diabo não configuram uma entrada no religioso, uma vez que se tratam, para eles, de noções compartilhadas por todas as pessoas, ou seja, um valor metafísico extensivo a toda sociedade. Já a religião seria marcada, na visão dos agentes, pela normatividade com relação a costumes e imposição específica de formas de adoração, que variam conforme as denominações. O cumprimento dos mandamentos bíblicos e a realização de um pacto com Deus são percebidos como um ato de fé, que não carregaria os elementos negativos da religião: “divisão, conflitos, enganos, alienação, etc. É como um time de futebol, ficar ligado a uma instituição e não a uma fé” (Bispo Macedo).

Uma breve análise das ferramentas

Não pretendo aqui esmiuçar a análise acerca de todas as ferramentas da campanha, pois seria algo maçante para o leitor. Portanto, ater-me-ei aos aspectos que julgo mais importantes, assim como às discussões mais relevantes para a pesquisa. Isso posto, gostaria de retomar o trabalho normativo acerca da criatividade, a oitava ferramenta.

Segundo o bispo, trata-se de uma ferramenta indispensável para os negócios, pois ela é que permite a adaptação com relação às mudanças e exigências do mercado, o que é visto como fundamental para derrotar a concorrência. “Alguém aqui sabe quantas empresas fecham por ano no Brasil? Muitas. Por que? Porque não tem inovação! Faz tudo igual ao outro! Só sabe copiar. Empresa que não inova não sobrevive em mercado competitivo. Se não for criativo e

não tiver ideias novas, produtos novos, se não souber antecipar o que o mercado quer, você está condenado ao fracasso! ”

Os fiéis concordavam com a cabeça e alguns anotavam as palavras em seus caderninhos. Nesse processo de avaliação da criatividade, a *reflexividade* dos atores passa também pelo mercado. Essa entidade (ou abstração) é encarada pelos atores como imprevisível e, mais importante, determinante. O mercado condiciona as possibilidades de ação dos atores, os quais tem consciência em relação ao poder do mercado, encarando-o como decisivo para os negócios, como uma força que controla a possibilidade de sucesso ou fracasso de uma atividade.

Diante da potência do mercado, os atores destacam a importância de “saber o tempo certo de agir e se antecipar ao mercado”. A capacidade de antecipação dos atores passa pela análise do passado e do presente na tentativa de esboçar um plano de ação para o futuro, antevendo as possíveis situações que a empresa terá de enfrentar e refletindo acerca das limitações que a estrutura condiciona ao projeto de vida, obrigando os atores a encarar a viabilidade de suas pretensões face às circunstâncias. “Se você sabe que o mercado está o tempo todo mudando, você tem que ter vários produtos. Pensar em oferecer outra coisa, para não ficar dependendo só de um” (Bispo Jadson). Os testemunhos corroboram essa visão. “Na minha empresa, comecei a perceber que os clientes estavam com uma tendência de pedir mais tecido vermelho do que branco. Mas não era algo certo, apenas uma coisa que eu percebi. O que eu fiz? Comecei a pedir mais para o meu fornecedor e armazenar. O pessoal me achou idiota de gastar, mas teve uma hora que todo mundo corria atrás do vermelho e eu era o único que tinha”, explica Roger, microempresário.

A criatividade é encarada então como uma competência fundamental para se antecipar às novas exigências do mercado. “É a melhor arma para enfrentar as incertezas”, explica o Bispo. Como ser então, criativo? Nas palavras de Jadson, é necessário exercitar a criatividade, ou seja, desenvolvê-la. Em sua visão, não se trata de algo inato, mas sim que pode ser trabalhado e aprimorado por cada um. “Eu tenho que ser criativo, repita comigo: vamos ser criativos! Todo dia, ao acordar, você vai pensar no seu problema, vai refletir e analisar de todos os ângulos possíveis. Da mesma forma que Jesus mandou jogar a rede do outro lado, tudo é uma questão de perspectiva”. É interessante ressaltar o estímulo à *reflexividade*, para que os fiéis pensem problemas do cotidiano empresarial e consigam solucioná-los e a efetividade que as lideranças conferem a esse processo, tido como fundamental para desenvolvimento da criatividade. No caso acima, assim como na operacionalização das personagens bíblicas para

explicar o “poder da comunicação”, elementos religiosos/espirituais são mobilizados pelos atores para explicar e estabilizar conceitos. Além disso, a criatividade exigiria, em sua visão, uma postura diante da vida, que deve ser encarada com “leveza e curiosidade”. Jadson também cita a importância de ter um hobby para manter a mente ativa e leve, mas “algo que se goste”. Diversas atividades são listadas (jardinagem, pintura, artesanato, leitura, montar quebra-cabeças, escrita, etc.) como importantes para se ter novas ideias.

Em seguida, a expectativa normativa dos atores volta-se em relação aos referenciais que o indivíduo deve incorporar para ser criativo. “Você pode e deve se inspirar na Bíblia, mas não pode ficar só lá! Tem que se inspirar no mundo também. Homem de negócio tem que ter cabeça aberta, para dialogar com todos os tipos de cliente”, explica Jadson. Nisso, uma senhora a meu lado me diz: “esse é um dos problemas que eu tinha, eu falava só de Deus o tempo todo na hora de vender os cosméticos. Agora eu falo de novela, de artista, o papo fica mais leve. Tem cliente que não gosta”. O bispo sugere então que todos leiam “bons livros” e assistam a “filmes interessantes”, para ter uma base de ideias e também de conversas para o convencimento de clientes. Assim, o repertório, na perspectiva dos atores, é encarado, por um lado, como a capacidade intelectual de criação, de ter ideias e propor soluções, e, por outro, como base importante para a comunicação com outras pessoas. A grande “receita” para a criatividade, nas palavras da liderança religiosa, é se interessar por tudo, caso contrário, a pessoa será um “crente fechado” e “pequeno”. Por fim, um vídeo de um antigo comercial da *Pepsi* foi transmitido no telão. Um garoto colocava fichas em uma máquina de refrigerantes e comprava duas latas de *Coca-Cola*. Depois, subia em cima delas e, mais alto, alcançava o botão da *Pepsi*, adquiria sua bebida e deixava as latas do concorrente para trás.

De acordo com o bispo, a marca conseguiu aumentar suas vendas, pois foi criativa e soube usar o que “estava contra ela a seu favor”. Em seguida, lembrou-se da passagem Bíblia em que Jesus caminhava por uma região e um cego, sabendo de sua presença, pôs-se a gritar o mais alto que podia para chamar a sua atenção. “Mais um exemplo de criatividade com o que tinha, pessoal”. A criatividade é elencada como um dos principais fatores da antecipação, uma vez que conferiria ao ator múltiplas possibilidades de resolução em relação a um problema futuro, assim como condicionaria a própria percepção do futuro por meio de indícios no presente.

Tomando o modelo morfogenético de Archer (2003), o mercado exerce um poder causal e organiza a situação da ação, por meio de uma força limitadora, ou habilitadora, mas

esse poder depende do projeto de vida desses atores, pois só então ele se manifesta, do que se conclui que os agentes mediam o próprio condicionamento cultural (Vandenbergh, 2010). Dessa forma, a criatividade está relacionada à capacidade dos atores de refletir acerca da sua expressão individual e da elaboração de seus projetos em relação às limitações e exigências de uma condição estrutural. A partir desse processo, a agência humana pode reproduzir ou transformar o sistema, produzindo mudanças no mundo da vida e configurando um novo ciclo a partir de um novo mecanismo gerativo.

Para exemplificar, tomemos o caso de Rodnei, empresário da área de serviços em acrílico:

“Eu tinha uma empresa, mas só dava prejuízo. Aí fechei e comecei a entregar lanche, ganhava muito pouco e meu pai me dava cesta básica. Muita humilhação. Decidi reabrir a empresa e só dívida. O que eu ganhava em pouco tempo já perdia. Eu comecei a perceber que não dava para competir com as grandes empresas que produziam design em acrílico. Nisso, fiquei pensando todo dia, refletindo e cheguei a uma conclusão: não posso vencer. Elas conseguem sempre um preço menor. Por mais que eu tente, sempre vou perder deles. Aí decidi me especializar na produção de corte de letras e números e virei fornecedor deles. Se não pude vencer, me juntei a eles”.

Esse caso mostra de forma clara como os atores consideram a estrutura na adaptação de seus anseios e projetos, adaptando-os às condições circunstanciais. Em outro depoimento, uma senhora destacou seu sonho de ter a própria oficina de costura e como conciliá-lo com a ameaça do desemprego.

“Sabia o que eu queria, qual era o meu sonho. Eu sempre gostei de costurar e trabalhei para os outros. Tinha vontade de realizar meu sonho, mas sabia que se eu ficasse desempregada, não teria como sustentar minha filha e minha neta. Elas dependiam de mim. Toda a noite eu chorava, sentava e ficava pensando com Deus o que eu poderia fazer. Não aguentava mais meu trabalho. Então, meditando na fé eu pensei: vou montar minha officininha aqui no quintal. Tinha um barracão velho, pedi para o meu genro ajudar a limpar e comprei uma máquina, financiada, e trabalhava em encomendas pequenas depois do serviço. Ficava super cansada, mas aos poucos sentia que estava me realizando. As vendas aumentavam e comecei a pegar mais encomendas e meu genro fazia as entregas. O dinheiro ia entrando até que eu decidi assumir o risco, quando vi que estava dando certo e pedi as contas no emprego. Fiz um acordo e sai com meu FGTS, que usei para comprar mais máquinas e uma moto para o meu genro. Ele faz todas as entregas e minha filha e minha neta estão me ajudando. Está dando certo!” (Leila, 67 anos, microempresária do ramo de costura).

Percebemos pela *meditação* dos atores como eles lidam com as estruturas e como elas se concretizam neles. A *reflexividade* também indica que os atores percebem o mercado como um grande risco, uma incógnita. Na fala de Leila, ficou claro como em conversação com si mesma, percebeu que não poderia se dar ao luxo de realizar seu desejo de ter uma oficina,

pois a pobreza enquanto condição estrutural não permitia que ela largasse o emprego repentinamente. A conclusão do processo de deliberação interna é de que o risco é muito alto para a realização dessa empreitada, exigindo então um gerenciamento do risco. Sendo assim, o plano de ação estabelecido na conversação respeitava a situação estrutural (pobreza e desemprego), mas também pretendia superá-la por meio da criação de sua oficina, o que ia em direção ao seu projeto de vida e do eu. A forma encontrada foi a saída paulatina do trabalho, sem grandes investimentos, a fim de avaliar as possibilidades do negócio. Assim que o fator de risco tornou-se aceitável, Leila decidiu que era o momento e pediu para sair do antigo emprego.

De acordo com o trabalho normativo dos atores, o próprio Congresso para o Sucesso é considerado como uma forma de “estar por dentro” e conseguir “se adaptar ao que o mercado quer”. Sendo assim, parecem entendê-lo como uma forma de gestão dos riscos, mensurando-os e auxiliando no processo de tomada de decisões. Nesse caso, o risco entra como um fator estrutural/sistêmico que condiciona as possibilidades de ação para o ator e seu projeto de vida. Retomaremos a questão do risco no momento da discussão acerca do curso de gestão empresarial.

A disciplina do empreendedor e o poder transformador da fé

Essa competência é avaliada pelos atores como fundamental à atividade empresarial e também à vida espiritual. De acordo com o bispo, os negócios só prosperam com uma rígida disciplina. “É necessário ter horário, dedicar-se de corpo e alma ao trabalho. Até porque líder dá exemplo, primeiro a chegar e último a sair”. Segundo ele, os fiéis não podem aderir à “cultura brasileira de deixar tudo para depois”. “Olha gente, nós conhecemos bem essa coisa de jeitinho, de deixar tudo para o último dia. Você não pode ser assim. Tem que entregar tudo antes! Fazer tudo com antecedência. Aí, o seu cliente vai pensar: aqui é diferente. Aqui não tem atraso, eles entregam sempre antes. Você ganha a preferência”. A popular expressão “jeitinho brasileiro”, entendida como uma forma de resolver situações por meio da malandragem e da corrupção, é aqui criticada pelos atores como uma forma de descompromisso com a atividade profissional e descumprimento de acordos.

Em diversos momentos, o livro 50 Tons de Sucesso também exalta a disciplina como virtude fundamental. Segundo um trecho do livro, o empreendedor deve atentar-se para a disposição do tempo, sendo necessário vigiar-se para não perder tempo com novelas, leitura

de revista de fofocas, redes sociais, etc. Somente com disciplina o indivíduo conseguiria engajar-se em atividades construtivas e assim aproveitar o tempo. Dessa forma, a palestra constitui-se enquanto um dispositivo que propõe uma série de “exercícios espirituais” (Hadot, 2002) aos fiéis, a fim de que eles possam transformar a si próprios por meio de uma série de reflexões e práticas orientadas por um plano divino.

Logo, a disciplina constrói-se como monitoração reflexiva constante da ação, em um processo de separação de bons e maus hábitos, por meio de uma autovigilância do cotidiano, a fim de estabelecer uma conduta considerada correta e assim alcançar o sucesso. Essa atenção detalhada (prosochè) “supõe o controle de si, ou seja, o triunfo da razão sobre a paixão, já que são as paixões que provocam a distração, a dispersão, a dissipação da alma” (Hadot, 2002, p.77). Apesar do autor referir-se ao exercício dos monges em prestar atenção a cada detalhe, o que é incentivado na Universal vai pelo mesmo caminho: a construção de um hábito para vencer as paixões. Entretanto, a principal diferença entre os cristãos medievais e os membros da IURD é que os segundos consideram o autocontrole e a rejeição às paixões, não somente como uma forma de atender aos desígnios divinos, mas também uma maneira de ter uma vida melhor e conseguir realizar seus objetivos. Portanto, a importância da autorrealização, do projeto do *self*, soma-se de uma forma que, talvez, a própria realização individual passe a ter lugar no cristianismo contemporâneo. “Deus quer a sua felicidade, a sua vitória, a sua realização”. Percebemos aí como a “teologia da prosperidade” é uma “teologia do eu”, ou seja, voltada ao personalismo da realização pessoal, subentendida como plano divino. Mais um exemplo de como a religiosidade na modernidade tardia, como indica Beck, é fortemente baseada nos anseios dos agentes, uma vez que eles constroem sua própria relação com o religioso.

A disciplinarização do cotidiano passa por pequenas coisas como orientações de como fazer para acordar cedo (“ programe o relógio sempre com o mesmo horário, acenda a luz ao acordar, cole frases motivadoras na parede), com dicas para não dormir tarde (“evitar comidas pesadas, filmes violentos, ficar no computador e smartphone”) e atividades noturnas mais leves (“leitura relaxante”, “música clássica”) para indução do sono. Dessa maneira, ao levantar-se mais cedo, o indivíduo pode dedicar-se “a atividades como leitura, um curso online, ou arrumar a casa”. Em muitos momentos, seja na palestra, ou também nas orientações do livro, os agentes são estimulados a traçar planejamentos para a semana, mês, semestre, ano, etc. Essa organização maior da atividade passa tanto pelo controle de questões cotidianas como elaboração de planilha para auferir gastos, o uso do tempo, quanto para o estabelecimento de

metas. Cada um é convidado a escrever em um caderninho, ou em um arquivo no computador quais são as atividades que terá durante a semana e a traçar estratégias para cumpri-las. “Colocando tudo na ponta do lápis, fica mais fácil. Você consegue fazer tudo, não deixa acumular serviço” (Bispo Jadson).

Assim, a disciplina implica gestão do tempo, que é percebida pelos atores como fundamental em suas vidas como empreendedores. Segundo eles, somente por meio de um rígido controle das atividades e de si, podem dedicar-se a atividades que antes pareciam impossíveis. “Tenho minha loja e sempre quis voltar a estudar, mas não tenho como, pois fico direto aqui. Resolvi fazer uma faculdade à distância e comecei a ir e a voltar de ônibus para a loja, pois assim consigo ler as apostilas durante a viagem e acompanhar o curso” (Cleverson, 39 anos). Outros fiéis explicam como passaram a se dedicar mais quando “abandonaram a preguiça” por meio da disciplinarização da conduta.

“Bispo, eu enrolava para acordar...me levanto às seis e ficava nisso de dormir mais quinze minutinhos e já saía atrasado de casa. Chegava ali e meu funcionário que abria a empresa. Já dava o mal exemplo e também nem sei que horas ele abria. Pode ser que tivesse chegado cinco minutos antes e nisso já teria perdido clientes. Os pedidos ficavam acumulados por conta do meu atraso. Era cliente reclamando. Aí eu falei para mim mesmo: não, eu vou mudar. E mudei. Hoje coloco o despertador para às 05h45, quando toca eu já pulo da cama e vou tomar banho e fazer a barba. Tinha dia que eu saía com barba para fazer por causa do atraso. Meus funcionários têm que chegar no horário certo, pois sabem que estou ali já. Chego no escritório e não enrolo. Começo mais cedo a responder e-mails, a ver os pedidos. Meus clientes agora me indicam”.

Dessa forma, todas as condutas, desde as mais simples ações, devem passar por uma monitoração do agente a fim de otimizar o tempo e, por conseguinte, sua performance profissional. Esse processo de disciplinarização também está ligado à formação de um *ethos* do trabalho duro, principalmente no que tange à capacidade corporal, uma vez que o corpo é acostumado a uma rotina mais dura, com menor tempo para pausas e sem o dispêndio com atividades inúteis, na visão dos agentes. “Você tem que aprender a dizer não as suas vontades. Desligar a televisão, sair do Facebook e do WhatsApp e se dedicar ao trabalho e ao estudo. Não ceder à vontade de gritar com o funcionário. É pensar antes de agir”. O ordenamento das práticas cotidianas é encarado pelos atores como uma forma de retomar o controle da vida, perdido para dispositivos modernos (Agamben, 2005). Sendo assim, o autocontrole e sublimação da vontade são vistos como essenciais para que o homem possa se focar em seu

trabalho e garantir o sucesso de seu projeto de vida, pois impedem que o sujeito ceda aos impulsos e, com isso, perca tempo para alcançar sua meta.

A disciplina passa também pela questão da obediência ao Pacto com Deus. Após a palestra e também em algumas oficinas de formação para “empreendedores visionários”, o bispo (ou pastor) falava sobre a importância de sacrificar o que era para Deus e ser completamente obediente aos ensinamentos propostos no Congresso, além das obrigações como dizimista. Então, mostravam vídeos com testemunhos de frequentadores que perderam suas empresas e retrocederam, pois deixaram de sacrificar. “Vinha aqui, ganhei muito dinheiro, sacrificava. Mas aí chegou uma hora que eu estava rico, com vários imóveis, empresa indo de vento em popa. Falei que não precisava mais, aí eu me afastei de Deus, do pacto com ele e comecei a ver tudo desmoronar. Voltei a sacrificar e estou começando do zero, mas já prosperando” (testemunho de um fiel). De acordo com o pastor Guilherme, os relatos indicam a importância de obedecer à risca os ensinamentos do Congresso, assim como o pleno cumprimento da obrigação de dizimista, caso contrário, os fiéis não honrariam o acordo com Deus e arcariam com as consequências. “Quando você obedece a Deus, por tabela, você está obedecendo tudo isso aqui, pois tira o seu excesso de confiança e te dá discernimento para saber o que usar na hora certa” (Pr. Guilherme).

Os atores denominam o afastamento do indivíduo de Deus como vacilo. O ato de vacilar compreende, em sua visão, dar as costas a Deus nos momentos de bonança e/ou relaxar a vigilância na administração dos negócios. Na formação oferecida pela oficina dos visionários, exibiu-se um trecho da derrota de um lutador de MMA que não levou a luta a sério, tendo brincado na frente de seu adversário. Outros vídeos com esportistas que comemoravam antes do tempo e perdiam uma corrida, por exemplo, também foram exibidos para exaltar a importância da disciplina e do foco.

Esse dispositivo traz também uma sequência relacionada à questão do dízimo que constringe os atores a agir em torno da avaliação dessa noção. Em suma, a própria presença do dízimo leva a um processo de justificação, por parte dos líderes, de sua necessidade. Segundo eles, trata-se de um compromisso bíblico, por meio do estabelecimento do pacto com Deus e a realização de sacrifícios, os quais garantiriam um crédito junto a Deus, podendo assim exigir a parte dele. Além disso, o dízimo é justificado pelas lideranças não como dinheiro para a Igreja, mas para Deus. “Gente, quanto vocês acham que a Igreja gasta de conta de luz por mês? Todos os templos com ar condicionado. Isso tem um custo e o dízimo de vocês cobre isso”. Logo, a

destinação do dinheiro também é justificada pelos atores. Durante uma oficina dos visionários, o pastor pediu para que os obreiros distribuíssem pequenos envelopes e disse aos fiéis que se tratava de uma contribuição importante e obrigatória e pediu para que os abrissem. Dentro, havia um papel escrito “Reze o Salmo nº37”. Nisso, o pastor disse: “ah, já acharam que era pedido de oferta, né?” Todos riram e o culto seguiu. A ironia e a construção de justificações sobre a necessidade de dizimar indicam que as críticas do mundo da vida afetam as práticas da IURD, uma vez que os líderes sentem a necessidade de justificar práticas frente a seus fiéis e a desencorajar um possível julgamento dos membros por meio da brincadeira. “Pessoal, eu sou dizimista também. Dez por cento do meu salário é sacrificado. Eu também participo de fogueira santa. Vocês acham que eu seria burro de roubar de mim mesmo? Se a gente roubasse, as Igrejas teriam cadeira branca de plástico”. Em um programa de rádio, Macedo afirmou que se enganasse as pessoas teria criado pequenas igrejas bem simples para ficar com todo o dinheiro e não grandes templos.

O dízimo também é compreendido pelas lideranças como uma prova de fé não somente em Deus, mas em todo o processo que compreende o Congresso para o Sucesso: saberes, mudança de mentalidade, disciplina, construção de projetos pessoais, etc. “O que é ter fé? É acreditar. Isso tudo só vai funcionar se você crer, porque senão vai ser só palavra vazia. Você mostra que realmente acredita nisso tudo por meio do seu sacrifício. Ali você provou que acredita no pacto e na fé”. Segundo os atores, a fé em si mesmo é uma consequência da fé em Deus, assim como a mudança nos padrões de pensamento e o novo projeto de vida. “Você vê David, ele tinha uma fé em si mesmo porque ele mesmo pequeno foi enfrentar Golias. E por que ele tinha essa fé nele mesmo? Porque ele tinha fé em Deus. A fé em Deus fazia ele acreditar em si mesmo”. Outras passagens são mobilizadas por pastores e fiéis para exemplificar como a fé em si era um desejo de Deus. Conforme explica o bispo Macedo: “Deus não trabalha com tímidos e covardes, e sim, com pessoas corajosas, mesmo que estas sejam imperfeitas. Deus procura homens e mulheres de fé que sejam valentes, corajosos destemidos e audaciosos para que possa realizar obras grandiosas” (MACEDO, 2011, p. 48). Ainda segundo o bispo, “Deus não manda anjos para conquistar por nós, mas somos nós que temos que agir” (idem, p. 61). Assim, essa fé em si mesmo é reflexo da fé inteligente, que leva o homem à ação e à disposição para lutar e não fica apenas na adoração a Deus. Portanto, na visão dos atores, a fé que leva ao sacrifício é a mesma que conduz o homem à luta e elimina as dúvidas, garantindo certeza em suas ações.

Em conversas privadas, boa parte dos membros declarou a importância de dízimar e sacrificar para honrar Deus e o pacto que tem com eles. Alguns declararam que não se pode deixar de dízimar, pois isso seria “desrespeito a Deus”. Também afirmaram que, às vezes, a Igreja exagerava nos pedidos e, por isso, não davam contribuições sempre que requisitado, mas sim conforme sua disponibilidade, o que às vezes era mal visto pelos pastores, que declaravam que nos momentos de “aperto financeiro, a primeira despesa a ser cortada era o dízimo”.

Logo, o dízimo não se resume apenas à entrega de dinheiro para receber bênçãos divinas por meio da exigência feita a Deus para o cumprimento de sua parte do acordo, mas sim envolve uma formulação complexa em que o ato de sacrifício é encarado como uma forma de assegurar a fé na promessa divina e, por conseguinte, a fé em si mesmo, nas competências adquiridas nos Congressos e na mudança de pensamento e no plano de vida. Em suma, a fé racional implica “confiança absoluta na promessa divina, levando o homem a sacrificar seu dinheiro, a dissipar as dúvidas na elaboração de projetos pessoais e eliminar a desconfiança em si, por meio da construção de uma certeza em si”. Essa fé seria responsável por mudar a forma como o homem percebe a si mesmo (de fracassado a vencedor) e os problemas (de impossíveis a possíveis de resolver), por conta da certeza em torno da própria capacidade de agência. As dúvidas e o medo com relação aos obstáculos ao plano de vida são dissipados e o fiel passaria a crer plenamente no potencial transformador da ação, julgando-se capaz de fazer qualquer coisa desde que tenha fé.

Capítulo 12. A vontade de saber: os empreendedores em sala de aula

O curso de gestão de empresas é oferecido semestralmente pela Organização Educacional Ler e Escrever, entidade da Igreja Universal que dispõe de uma série de cursos profissionalizantes e de alfabetização para membros da instituição e demais interessados. A organização está presente em boa parte das capitais estaduais do país e, em São Paulo, onde realizei a formação, dispõe de um local próprio, na Rua Dr. Carlos Botelho, no Brás, em cima da “Igrejinha” (com entrada independente); imóvel que fica atrás da Catedral da Celso Garcia, utilizado para reuniões especiais e cultos em espanhol para os bolivianos do bairro. Na capital paulista, a entidade oferece cursos de alfabetização, dermopigmentação de sobrancelha, depilação, cabeleireiro, informática, inglês e espanhol, manicure e Gestão de Empresas.

O módulo tem cerca de cinco meses de duração e custou 120 reais (à época), mas o valor pode ser discutido caso a pessoa não disponha de recursos. Segundo informações da secretaria, a contribuição serve para manter o espaço e pagar os custos de apostilas, auxílio aos professores, etc. A maior parte das atividades ocorre no período noturno (19h às 22h30), uma vez por semana, o que pode variar conforme a carga horária do curso.

Nesse curso, os atores são confrontados com uma série de conceitos/situações/objetos tais como, por exemplo, empreendedorismo, marketing, gestão de negócios, economia de mercado, etc. O trabalho normativo face a esse dispositivo pode revelar também narrativas que deem acesso ao processo de conversação interna desses sujeitos, possibilitando sua análise. Acompanhamos nos itens precedentes outros dispositivos que colocavam questões similares aos atores, porém, aqui temos a oportunidade de perceber o trabalho normativo com maior riqueza de detalhes, assim como a produção da subjetividade empreendedora sob outra perspectiva, mais técnica e formal.

Além disso, o curso expõe os alunos a certos “dispositivos de cálculo” (Callon e Muniesa, 2003) e suas agências calculadoras, isto é, operações que permitem que o preço das mercadorias sejam calculadas por ferramentas não-humanas como, por exemplo, uma tabela de Excel. Da mesma forma, determinados conhecimentos de marketing e publicidade podem ser usados no processo de qualificação de um produto e, por isso, no cálculo de seu valor, ao pré-formatar e pré-calcular quais bens são oferecidos e como será sua apresentação (idem). Se tomarmos uma loja como exemplo, veremos que os proprietários, por meio de uma série de ferramentas de cálculo podem escolher vender determinados produtos em detrimento de outros,

assim como apresentá-los de forma distinta, pré-formatando as possibilidades de escolha do consumidor. Considerando que nenhum dos alunos possuía acesso a tal “agência calculadora”, segundo os próprios estudantes, teremos uma boa oportunidade para analisar como eles avaliam novos dispositivos de cálculo e como reagem à possibilidade de incorporação em seus empreendimentos.

As aulas

No primeiro dia de aula, os colegas de curso, cerca de 15, chegaram cedo e ocuparam uma sala para cerca de 40 alunos. Fomos então apresentados ao Prof. Lauro¹¹⁴, graduado em análise de sistemas, com pós-graduação em Administração de Empresas. De forma muito animada, Lauro recepciona os alunos e pede para que cada um diga seu nome e sua atual atividade. A maior parte da turma já possui um pequeno negócio e deseja melhorar e profissionalizar a gestão. A faixa etária é acima de 40 anos e a maioria é casada, com filhos. O professor convida cada um a apresentar as razões que levaram à realização do curso e quais suas expectativas. Muitos responderam que trabalhavam com afinco, mas que faltava conhecimento administrativo para ampliar o negócio, ou para abrir um, e que esperavam aprender o básico de administração e aumentar a renda. Outros afirmaram que se encontravam um “pouco perdidos” com o cenário econômico atual e gostariam de se atualizar. Nenhum havia feito curso superior e a escolaridade máxima era superior incompleto em dois casos. Após a apresentação dos alunos, Lauro tomou a palavra e falou um pouco sobre si e o curso.

“Pessoal, sou formado em análise de sistemas, pós em administração e sou empresário. É com a minha empresa que me sustento. Tenho essa atividade de dar aulas como trabalho voluntário, que faço com muito gosto. Me dá muito prazer ensinar, passar o que aprendi tanto na faculdade quanto na vida. Claro que a gente tem só quatro meses de curso. Não vai ser como uma faculdade, mas garanto que vocês vão sair com mais conhecimento para aplicar no negócio de vocês, que o curso vai mudar a visão de vocês como empresários e a forma como vocês tocam a empresa” (Lauro, professor)

Tivemos então a distribuição da apostila de 30 páginas, dividida em onze tópicos. A única menção à Igreja Universal era o logo vermelho com uma pomba branca, que faz parte do símbolo da Organização Ler e Escrever. No material, havia desde conteúdos clássicos na

114 Pseudônimo.

área de administração como, por exemplo, explicação de conceitos como capital de giro, cálculo de preço e diversas categorias e formas administrativas relacionadas ao que Boltanski e Chiapello (2009) denominaram “novo espírito do capitalismo”. Na primeira página, após o índice, uma citação bíblica:

“Pois qual de vós, querendo edificar uma torre, não se senta primeiro a calcular as despesas, para ver se tem com que a acabar? Para não acontecer que, depois de haver posto os alicerces, e não a podendo acabar, todos os que a virem comecem a zombar dele, dizendo: Este homem começou a edificar e não pode acabar. Ou qual é o rei que, indo entrar em guerra contra outro rei, não se senta primeiro a consultar se com dez mil pode sair ao encontro do que vem contra ele com vinte mil?” (Lucas 14; 28-31).

O professor então explica o que é gestão. “É você gerenciar uma empresa, fazer funcionar e a base para tudo isso é planejar, organizar, dirigir e controlar”. Segundo ele, todo o gestor deve ter um projeto para examinar o futuro e elaborar planos, monitorando a empresa o tempo todo, fixando objetivos, analisando e conhecendo os problemas para propor soluções e tomar decisões. O exemplo dado para administração foi um guarda-roupa. Para Lauro, aos nos depararmos com um guarda-roupa, pensamos ser uma caixa de madeira, mas ao abri-lo percebemos as divisões existentes para acomodar as roupas. “Por isso, gente, o administrador, o gestor tem que ser organizado, planejar os horários e ser antenado para inovar. Inovação é o que agrega ao produto. Por isso, gestor é a cabeça pensante da empresa”.

Para compreender o conceito de eficácia e eficiência em uma empresa, Lauro usou uma apresentação em Power Point comparando os jogadores Herrera (argentino com passagens por Grêmio e Corinthians) e Adriano Imperador (centroavante, ex-Flamengo, Inter de Milão, São Paulo e seleção brasileira). Ambos eram eficientes, pois marcavam gols, porém, por ter menor custo e mais regularidade, Herrera é considerado eficaz, pois atingiu o objetivo por um custo menor. Em seguida, o professor colocou a questão do líder, explicando que, atualmente, não se deve ser um “patrão”, “o chefe que ninguém gosta”, mas uma figura que motivaria os empregados, delegando responsabilidades, o que resultaria em maior comprometimento por parte deles, cooperação, desenvolvimento de ideias e responsabilidade pessoal.

Segundo ele, há três tipos de líder, o autoritário que remete ao antigo patrão e “exige as coisas”. O líder liberal que não participa e delega tudo aos colaboradores e o democrático, que incentiva a participação e busca o consenso. De acordo com sua explicação, não há necessariamente um modelo correto de líder, mas sim momentos que exigem um determinado tipo de liderança. Assim, caso a “equipe” esteja “fazendo corpo mole”, o líder deve adotar perfil

mais autoritário, se está muito desestimulada, o líder deve ter um papel de motivador e delegar funções de decisão e também aplicar treinamentos, etc. Caberia a cada um, por sua experiência própria, refletir em torno da situação e compreender o perfil exigido pelo momento. Como diria Goffman (1993), trata-se de um senso para ocultação do estigma. Após a introdução do conceito, os alunos expressaram seus julgamentos e avaliações em torno da noção.

“Eliane (proprietária de uma empresa de peças de máquinas agrícolas): Mas se eu for assim muito boazinha com o meu funcionário não corre o risco dele me fazer de bobo?”

Prof: Não, o líder não é bonzinho. Ele é um motivador. Primeiro que funcionário é coisa de escravo. A pessoa que está ali trabalhando com você não é sua escrava, isso vem do passado do Brasil, ele é seu colaborador. Se você refletir, dar gritos e ordens não vai aumentar a produtividade, mas se você fizer ele entender que ele é parte da empresa, valorizar, motivar...ele vai começar a ver o sucesso da empresa como dele, vai ter mais satisfação e trabalhar melhor.

Francisco (dono de uma microempresa de molas): Eu gostei disso. Quando eu trabalhava para os outros sempre era grito, xingo, humilhação. Hoje, não tenho bem um funcionário...quem me ajuda é meu sobrinho, mas eu sempre tô elogiando ele e ele trabalha feliz.

Professor: Boa, Francisco. O líder faz isso, administra as pessoas. Ser líder não é ser bonzinho, gente, mas sim saber tirar o melhor de cada um. Se o Francisco não motivasse o sobrinho dele, será que ele trabalharia bem? Será que daria resultado? Isso de gritar, dar ordem, colocar autoridade é coisa de chefe, de patrão. Líder não precisa disso, ele está à frente do negócio, como vocês, participando”

Para esclarecer a turma, houve a exibição de um vídeo de Daniel Godri, palestrante empresarial e motivacional, explicando a importância da atitude por parte dos funcionários e como o líder deve “incentivar o empregado a pensar como patrão, para que ele possa resolver problemas”. A questão da flexibilidade e multiplicidade das atividades do trabalhador, assim como a participação mais ativa nos processos de gestão e responsabilidade (Boltanski e Chiapello, 2009), também é problematizada pelos atores. Para a maior parte dos alunos do curso, a “proatividade” é benéfica e algo normal em empreendimentos de pequena escala, como os que possuem. “No meu salão, todo mundo que corta tem que varrer, eu mesma varro. Tem uma pessoa que cuida da limpeza, mas não pode acumular tudo em cima dela. Mas quando eu trabalhei para os outros em salão grande tinha que fazer tudo e aí era exploração demais” (Elza, proprietária de um salão de beleza). Os colegas concordaram com a colocação de Elza e alguns acrescentaram que na pequena empresa o funcionário precisa se desdobrar mais, pois o dono também se desdobra e seria errado o acúmulo de funções por parte de uma única pessoa.

Assim, os atores ao pensarem o acúmulo de funções, ou *versatilidade do trabalhador*, relacionam essa questão à escala do empreendimento. Para muitos deles, o funcionário em uma microempresa ocupa diversas atividades, assim como o dono, logo, trata-se, segundo eles, de algo cotidiano. Entretanto, mostram algumas reticências com relação a essa prática nos estabelecimentos empresariais de maior porte, mobilizando como justificativa o seu passado como empregados e um acúmulo de funções que, nesse caso, é julgado por muitos deles como injusto. Quanto à “postura de líder” que “toma a frente”, acreditam que se trata de algo essencial para os negócios. “O boi só engorda com o olhar do dono” (Patrícia, funcionária de uma clínica de estética).

No final da aula, assistimos a um vídeo motivacional, algo corriqueiro durante o curso. Aqui, o apelo motivacional não se encontra baseado na figura do “vencedor”, como nos cultos, mas sim na ideia de “tomar a iniciativa”, ou seja, a utilizar a capacidade de agência para transformar as situações e “não se acomodar”¹¹⁵. Além disso, há também uma pedagogia da motivação para ser aplicada no convívio com os colaboradores. “Saiba fazer elogios, valorizar o trabalho. Se o colaborador está desanimado, motive-o, mostre um vídeo desses para ele, diga que ele é importante para a equipe, que você confia nele” (Prof. Lauro).

Marketing e planejamento

No encontro subsequente, discutimos um dos principais tópicos do curso: marketing. Antes de abrirmos as apostilas, o professor sempre perguntava o que achávamos que significava o conceito e anotava as opiniões na lousa. Nesse caso, os atores definiram, antes da explicação de Lauro, marketing como “propaganda”. Lauro explicou que, apesar da publicidade e propaganda estarem ligados ao marketing, o conceito ia muito além disso. Segundo ele e a apostila, trata-se de um “processo de pesquisa”, algo que irá determinar quais produtos ou serviços possam interessar aos consumidores. “Pessoal, se vocês não pesquisarem o que os clientes de vocês querem, vai ser dinheiro gasto à toa. Precisa saber qual é o mercado de vocês, quem são os clientes, onde eles estão, como eles pensam, para você fidelizar”.

Lauro propôs um exercício para estimular a reflexão acerca do *marketing*: elaborar, em grupo, um planejamento de *marketing* para um estabelecimento comercial fictício (à escolha

¹¹⁵ Vale ressaltar que esse modelo motivacional também está presente nos cultos.

do grupo) na Avenida Celso Garcia. Dessa forma, a atividade escolhida teria que ser justificada pelo tipo de cliente que potencialmente circula por essa região.

O grupo do qual participei era composto de quatro pessoas (eu, Elza, Gerci e Patrícia). Elza propôs uma loja de roupas e chinelos, mas sua ideia foi rechaçada. “Aqui já tem muito disso, Elza. Precisa ser outra coisa. A gente tem que pensar nas pessoas que circulam aqui”. Elas então dividiram o público da Celso Garcia em dois: os que trabalham na região e os que circulam ali para comprar. Tendo isso em vista, propuseram um restaurante. “Aqui só tem opção ruim para comer. Se a gente montasse um restaurante bom, com comida boa e barata, ia arrebrantar. Aqui só tem PF (prato feito) ruim e padaria” (Gerci, proprietária de uma pizzaria na zona leste). Assim, o grupo decidiu pela criação do restaurante “Coma Bem”, que teria como clientes os frequentadores da região do Brás.

Logo depois, surgiu a ideia, por parte de Patrícia, de que o restaurante funcionasse como pizzaria durante o período da noite. O professor então começou a discutir conosco nossas ideias principais: “gente, legal o projeto de vocês, mas como vocês vão fazer isso à noite? Aqui? Isso aqui é morto. Tudo bem que tem o pessoal que sai do culto, mas mesmo assim...parece meio inviável”. As colegas de grupo afirmaram que com a construção do Templo de Salomão, haveria muita gente circulando à noite, mas Lauro alertou que talvez uma boa parte do público noturno saísse direto para casa por conta do transporte público, ou porque precisava acordar cedo no dia seguinte. A reflexividade pautou-se então em uma série de conversações externas, de interação face a face (Lauro e as outras colegas), para escrutinar o projeto inicial e as possíveis dificuldades que ele enfrentaria. Nesse processo, os atores acionavam competências reflexivas apreendidas em seus negócios e em sua experiência de vida. Na troca comunicativa estabelecida entre eles, estabeleceu-se uma possibilidade de aprendizado com novas informações e perspectivas. Assim, decidiram realizar modificações: o restaurante passaria então a oferecer apenas quentinhas, durante o almoço, para os trabalhadores da região. Dessa forma, o aluguel seria mais barato e não haveria necessidade de contratação de garçons, mas apenas de pessoal de cozinha, limpeza e *motoboy*. Lauro aprovou a ideia do grupo e disse para continuarmos o desenvolvimento desse projeto.

Após o exercício, o professor pediu aos alunos para que conduzissem a mesma reflexão em relação a seus negócios e perguntou quais eram os seus clientes e o que eles desejavam. Reproduzo a situação mais interessante:

Elza: Minhas clientes são mulheres do bairro que se preocupam com beleza e que querem serviços de corte, tintura de cabelo, alisamento, hidratação e penteado para ficarem mais bonitas. Também ofereço pé e mão. Tem também claro para homem, com corte, penteado.

Professor: O que você faz para inovar, para dar coisas novas para as suas clientes?

Elza: Eu fico por dentro, leio revista de cabeleireiro profissional, vou a feira para comprar produtos de ponta, de maior qualidade, as novidades. Trago tudo para o salão e comecei a revender os produtos ali, principalmente shampoo. Tá saindo bem.

Professor: Muito bom. Precisa ficar atenta e conquistar as clientes que vão saber que você está sempre com algo novo. Isso é fidelizar.

Dessa forma, os conteúdos apresentados no curso são vivenciados como um estímulo à reflexividade em torno da atividade cotidiana. Assim, os atores empreendem uma análise do passado e do presente de seu negócio, além da elaboração do futuro do mesmo. Ao realizarem esse processo, pensam-se também a si próprios, pois reveem suas ações no passado e no presente, indagando-se sobre suas escolhas e desejos. Logo, a *reflexividade* em torno do empreendimento passa também por uma reflexão sobre o *Eu* do passado (os erros cometidos), uma análise do *Eu* atual e uma elaboração de um *Você* futuro que não cometerá erros. “Eu tinha isso de querer fazer as coisas muito grandes, de ir tudo pela minha cabeça. Foi um erro, pois gastei muito com fornecedor, fiquei com dívidas, material acumulado. Hoje, percebo que agi errado, que era muito por ser exibido. Agora, quero ser uma pessoa de mais visão, equilibrada, sem arrogância, para dar certo” (Nildo, proprietário de um mini-mercado).

A fim de que os alunos pudessem elaborar análises mais detalhadas acerca de seus negócios, Lauro ensinou uma fórmula, que consta na apostila. Trata-se do “composto de marketing”:

4As + 4Ps + 4Cs = Criação de valor ao produto.

As – Análise (identificação de forças do mercado por meio de pesquisa), Adaptação (correções do produto ou serviço com base no que foi analisado); Ativação (concretizar os planos por meio da distribuição, venda e propaganda) e Avaliação (análise dos esforços realizados).

Ps – Produto; preço, ponto de distribuição e promoção

Cs – Necessidade do consumidor; custos para o consumidor; conveniência e comunicação.

Lauro então pediu para que todos pensassem na fórmula e elaborassem uma análise do próprio negócio e também do empreendimento fictício desenvolvido em sala de aula. Segundo ele, não se tratava de memorização dessa “equação”, mas sim entender que “o que importa para agregar valor é analisar o mercado, qualidade e preço e o que cliente precisa”. Porém, segundo ele, o cliente também pode ser influenciado em torno de suas necessidades por meio da publicidade.

Publicidade e propaganda

Segundo o repertório normativo dos alunos, os dois conceitos eram percebidos como sinônimos, mas Lauro explicou que propaganda era pago pelo anunciante, enquanto que a publicidade não envolve a exposição ostensiva da marca. “É simples, a propaganda é uma lanchonete anunciar em um jornal de bairro. A publicidade é o boca a boca, os clientes indicarem para os amigos e familiares. Isso você conquista não pagando algo, mas fidelizando o teu cliente”.

O professor indagou se os colegas haviam registrado o negócio no Google Maps, para que o estabelecimento aparecesse nas pesquisas. Nenhum deles havia feito isso. Segundo Lauro, isso implica a perda de diversos clientes, pois, atualmente, “muitas pessoas utilizam a ferramenta não só para endereços e visualização de rotas, mas também para busca de restaurantes, serviços, lojas, etc”. Ele explicou que era imperativo que todos cadastrassem seu negócio no Google e, se possível, pagassem uma taxa de R\$ 50 para que ele aparecesse mais facilmente. Francisco indagou-o se isso serviria para seu negócio, uma vez que lidava diretamente com empresas maiores que compravam suas molas. “Claro que sim, pois hoje em dia as empresas usam o Maps para ver a logística, onde fica mais perto do caminho delas e gastar menos com frete. Sua empresa fica na zona leste? Olha aí, já está perto do Rodoanel. Já seria um diferencial para você” (Prof. Lauro). Todos se comprometeram então a realizar o procedimento, ou pedir a um familiar, ou amigo para que o fizesse.

Do mesmo modo, Lauro ressaltou a importância de ter um site na Internet e uma página no Facebook, para que as pessoas divulgassem a marca do estabelecimento nas redes, o que garantiria uma exposição gratuita

Os alunos foram então solicitados a pensar em estratégias de publicidade e propaganda para seus negócios. Os únicos que já haviam feito propagandas de seus negócios eram Elza e Gerci, em jornais de bairro. Ambas também já haviam produzido panfletos para divulgação com o endereço do salão e da pizzaria, respectivamente.

“Geraldo: Olha, rapaz, é meio difícil fazer uma publicidade de oficina mecânica. Panfleto ficaria caro demais para mim e o pessoal da Vila ali nem dá muita bola para isso, não. Acho que compensa mais é fazer uma promoção. Faz tal coisa e ganha aquilo.”

Professor: Já é uma coisa interessante, Geraldo, pois aí o pessoal do bairro já faz o boca a boca e aumenta a clientela.

Geraldo: É, mas tenho que ver direito o que oferecer para eu não perder dinheiro também, pois a coisa tá difícil.

Elza: Eu vou falar que se curtir a página do salão no Face e fazer “check in” (informar que está no local para os amigos na rede social) ganha 15% de desconto no corte e na escova”.

Após o término dessa aula, os colegas estavam muito animados com as possibilidades de divulgação do negócio e possível aumento de ganhos. Pareciam também muito satisfeitos com o curso. Segundo alguns deles, o conteúdo era muito bom e “a gente aprende tanta coisa para pensar na empresa e melhorar”. Para Francisco, o mundo estava diferente demais e esse conhecimento era importante. “Você vê o professor aí falando de coisa que eu nem sabia que existia: gestão, análise estratégica, marketing. Antigamente, era só abrir uma portinha e as coisas aconteciam. Hoje tá tudo mudado, a pessoa tem que correr muito atrás para o negócio dar certo no mundo de hoje. Tem que saber essa linguagem do mercado, senão esquece...”.

O comentário de Francisco indica um fator importante: a incorporação de conceitos (mesmo que o signo não seja incorporado, a ideia é) do novo capitalismo e a reflexão em torno dessas ideias. Ao falar sobre isso (ideias do novo capitalismo), os atores fazem uma análise do *self* passado e percebem que estavam desmunidos desses referenciais (“não sabia nada disso”; “não conhecia essas coisas”; “tava por fora”) e, por isso, “desatualizados”. Ao mesmo tempo, reconhecem esse conjunto de conceitos como essenciais para a participação no capitalismo atual. Este, por sua vez, é comparado ao estágio capitalista anterior (antes do processo de

financeirização da economia), percebido, muitas vezes, como mais simples de entender e empreender.

Empreendedorismo

A atividade que levou todas as pessoas ao curso foi tema de uma aula. Como em outras temáticas, o professor abriu o debate para que os alunos exprimissem suas perspectivas sobre o conceito. Para os atores, o empreendedor tem “iniciativa, visão de futuro, firmeza, determinação, garra”, é “criativo e pesquisador” e tem “coragem para abrir o próprio negócio e correr riscos”. Lauro elogiou as classificações dos alunos e acrescentou que o empreendedor sabe “identificar oportunidades e desenvolver os meios para aproveitá-las. É ter vontade e construir oportunidade”. Segundo ele, é fundamental ao empreendedor desenvolver um poder de persuasão e convencimento, tendo inclusive sugerido o livro “Como fazer amigos e influenciar pessoas”, a fim de que os alunos se tornassem mais capazes de influenciar clientes. Além disso, destacou que o empreendedor não pode ter medo e dúvida, pois isso inibe o potencial de realização da pessoa.

Para “blindar-se do medo”, recomendou a todos que pensassem positivamente e que buscassem adquirir conhecimento por meio de cursos do Sebrae e outros online gratuitos da FGV (Fundação Getúlio Vargas). Para Lauro, isso minimiza as dúvidas e torna a pessoa mais segura, diminuindo a ansiedade em torno das incertezas do mercado. Além disso, sugeriu que os alunos tivessem uma postura mais confiante e compartilhou um exercício que faz em seu cotidiano: “todos os dias, ao acordar, eu me olho no espelho e digo: 'eu me amo'; 'você é lindo'; 'você é inteligente'; 'hoje você vai fechar um negócio’” (Lauro). Os alunos acharam engraçado e o professor afirmou que se tratava de uma técnica muito eficaz para desenvolver autoestima e eles afirmaram que iriam tentar. Como visto nos capítulos anteriores, os atores são estimulados a tomar a si mesmos (*self* passado ou futuro) como objeto de reflexão, no processo de conversação interna. Por conta dos *selves* externos incorporados na conversa (bispos, pastores e agora o professor) e suas opiniões positivas a respeito do fiel/aluno, direcionando-os a ver-se como inteligentes e vencedores, temos uma diminuição da criticidade do Ego (presente) com relação ao *self*, a fim de que o indivíduo do futuro (o Você) seja mais confiante e empoderado. Nesse processo, o indivíduo se transforma, passando a se perceber como capaz e menos angustiado com relação ao mundo. De fato, a percepção que o sujeito tem do contexto

social em relação ao plano de vida estabelecido é transformado com a forma que o *self* é percebido e, por conta disso, produzido.

A incorporação de novos conhecimentos por meio do estudo sistemático do mercado, da atividade em que estão inseridos e da realização de cursos e oficinas também é responsável por transformações na forma em que o sujeito percebe a si mesmo, constrói seu plano de vida e analisa o mundo exterior. Essas novas informações são processadas pelo Eu, que então repensa a si mesmo (*self*) e sua relação com o mundo a partir desses novos conteúdos, construindo um novo *self*. De todo modo, a compreensão do indivíduo sobre si e o mundo é alterada com os novos repertórios incorporados, uma vez que esses novos elementos são acrescentados na conversação interna (Caetano, 2011), compondo assim o quadro de esquemas e percepções acionados na reflexividade interna. “Antes de começar o curso, eu tava fazendo tudo errado. Era na parte administrativa, pegando dinheiro do caixa para comprar minhas coisas, pagar minhas contas e também a forma como eu lidava com as pessoas. Percebi isso e agora eu mudei” (Elza).

Planejamento estratégico e visão de negócio

No esteio da questão do planejamento, os alunos são confrontados com relação à necessidade de elaboração de metas e planejamento do negócio, a fim de “analisar a viabilidade e/ou evolução do mesmo e otimizar os recursos”. Essas medidas, segundo o professor, possibilitariam a antecipação de eventuais contingências e a formulação de respostas alternativas aos problemas. “Antes de desenvolver a meta, vocês precisam pensar no negócio de vocês e descobrir o tamanho do empreendimento. A posição de vocês no mercado, se o empreendimento é grande e o potencial”. (Prof. Lauro)

Todos os alunos, com exceção de Elza, classificaram seus negócios como pequenos. Somente Elza possuía mais de dez funcionários, enquanto que a maioria tinha um ou dois, dentre os quais, em alguns casos, membros da família.

“Geraldo: Meu negócio é bem pequeno, professor. Uma oficina mecânica em Ermelino Matarazzo, perto de São Miguel. Ali sou eu, meu filho e meu sobrinho. Mas acho que tem potencial para crescer sim. Muita gente hoje lá no bairro tem carro. Concorrência sempre tem...ali tem outras oficinas e tem em Guarulhos também. O negócio é tentar sempre ter um preço e um serviço bom.

Eliane: O meu já foi médio antes do meu marido falecer. Agora a gente tá numa situação difícil, teve que mandar muita gente embora. Mas antes tinha departamento pessoal, financeiro. Chegou a ter 60 funcionários. Ai agora tá nesse momento ruim. Por isso tô fazendo o curso para reerguer, mas hoje a gente é pequeno. Tem muito concorrente com coisa da China, com preço mais barato, isso dificulta muito.

Gerci: Pizzaria ali é pequena também. Tem eu, meu marido, o pizzaiolo, um garçom e um motoboy. Mas, sinceramente, hoje em dia as pessoas não comem mais tanto em pizzaria. É de vez em quando, em um aniversário. Concorrente a gente tem bastante porque pizzaria tem uma em cada esquina em São Paulo. Acho que para crescer eu teria que focar mais no delivery e, de repente, aumentar a área de entrega”.

Francisco: Ali sou só eu e meu sobrinho fazendo as molas. O problema que o mercado chinês entrou com tudo com essas molas porcarrias que eles fazem e o preço muito baixo. Mas eu acho que a gente consegue crescer sim se mostrar que a nossa tem mais qualidade. Se o cliente quiser coisa boa, vai dar preferência para a gente, precisa mostrar isso.

Elza: Eu acho que no meu caso é médio, porque eu tenho dois salões e o meu faturamento é bom. Tenho treze funcionárias no salão maior e no menor cinco. Hoje, eu estou bem com o salão. Mas o meu grande sonho seria ter uma loja de roupas. Eu gosto de cabelo, mas eu amo moda. É o meu projeto futuro. Já até coloquei umas coisas para vender no salão, para ir testando. As clientes confiam no meu bom gosto”

A fim de ensinar os alunos como proceder com o “planejamento estratégico”, Lauro propôs um exercício a todos. Uma reflexão detalhada sobre diversas características do negócio próprio, ou do que pretendiam abrir, a fim de que pudessemos discutir a viabilidade dos empreendimentos e identificar os problemas e indicar melhorias, além do estabelecimento das metas. Para tanto, o professor desenvolveu o seguinte guia para auxiliar nosso trabalho:

“Qual a localização do negócio? É o mais adequado para a atividade? Evite locais em frente a ponto de ônibus e bancas de jornal porque atrapalha a visibilidade. Ruas barulhentas estressam o consumidor. Sobreloja é local arriscado porque fica escondido. Quais são as necessidades daquele local? Verificar a legislação do lugar. Quais são os concorrentes? Onde se localizam? Quais os pontos fortes e fracos deles? Como fazer com que os clientes passem a comprar de mim? Quem são os fornecedores? Onde se localizam? Como fazer a distribuição dos produtos? Como fazer que cheguem aos clientes. Quantos empregados são necessários? Como montar a equipe? Qual o retorno esperado? Quanto tempo para recuperar o investimento? Como saber os resultados da empresa?”

Os alunos apresentaram seu planejamento de negócios e o professor pediu para que estabelecessem críticas e comentários a partir da experiência deles e também dos conteúdos discutidos em sala. Como se trata de um processo longo, que durou cerca de duas aulas, selecionei os momentos mais interessantes, recortando o trabalho normativo dos atores com relação à avaliação de alguns projetos em específico.

O projeto de Elza – presente e futuro

Elza pretendia fazer melhorias no seu salão principal, comprar ar-condicionado para conforto dos clientes e colocar televisão de tela plana com TV a cabo. Segundo ela, seria um diferencial com relação aos outros salões do bairro. Com a estabilidade de dois salões e melhor gerenciamento das contas, ela pretende economizar para formar um capital de giro e investir em uma loja de roupas. Sua ideia é comprar peças mais baratas no Brás e revender na Zona Norte de São Paulo. Em um segundo momento, pretende elaborar sua própria coleção, com base em seus desenhos e desenvolver uma linha exclusiva. Dessa forma, apresentou dois planos: os salões de cabeleireiro e a loja de roupas. Quanto ao primeiro, definiu-os como pertencendo à área de beleza e estética e os serviços oferecidos eram: corte feminino e masculino, lavagem, escova, tintura, hidratação, alisamento, manicure e pedicure. Os procedimentos variavam entre 20 reais (corte masculino) a 300 reais (alisamento). Seu principal fornecedor era a loja Ikesaki de produtos profissionais para cabelo; já os concorrentes eram outros salões do bairro. Segundo ela, seu principal diferencial em relação à concorrência eram produtos de alta qualidade e sua experiência em salão “de ponta” em São Paulo. Suas ações de divulgação, esporádicas, consistiam em distribuição de panfletos nas ruas do bairro. Para atrair mais clientes, pretendia realizar melhorias no salão, conforme dito anteriormente. Já para o segundo plano, pretendia usar um espaço inutilizado do salão para transformar em loja de roupas, pois assim “economizaria com aluguel”. De acordo com Elza, havia algumas lojas de roupa no bairro, principalmente na maior avenida da região, porém, não havia muita variedade. Seu objetivo era que as clientes do salão se tornassem também clientes da loja de roupas.

Os alunos elogiaram o sucesso de Elza no ramo de cabelos e sua disposição em melhorar as instalações. “Hoje, com esse calor, ter ar-condicionado é muito bom. O cliente gosta, se sente bem e enquanto assiste televisão nem vê o tempo passar” (Gerci). Suas maiores críticas foram em relação à intenção de Elza montar uma loja de roupas. Segundo eles, não se devia “mexer em time que está ganhando” e que seu foco deveria ser somente o salão. Além disso, ressaltaram o perigo de montar uma loja na sobreloja do salão, uma vez que, na perspectiva deles, o maior chamariz para esse tipo de negócio é uma vitrine, algo que seria impossível de realizar naquele ponto. Sugeriram a ela que usasse o espaço inutilizado para alugá-lo a profissionais como depiladoras, por exemplo. Assim, poderia oferecer mais serviços,

sem necessidade de contratação, mas por meio de uma parceria, locando o espaço em troca de uma porcentagem no valor de cada depilação.

Os alunos também alertaram Elza a respeito do risco que envolvia sua nova empreitada, para além da questão financeira: ela seria obrigada a se afastar do salão para tocar o novo negócio. Segundo eles, o salão precisava de liderança e se ela se ausentasse não teria como controlar a qualidade dos serviços, dos produtos utilizados. O repertório normativo dos atores indica que é impensável o proprietário não participar ativamente do empreendimento. “Tem gente que monta uma empresa e passa só no final do mês para saber do lucro. Desculpa, mas não vai dar em nada se não tiver o esforço, a luta da pessoa” (Sérgio, motorista e aluno). A expectativa normativa dos atores com relação à ascensão social e ao “ganhar dinheiro” indica que ambos são consequência direta do esforço próprio de cada um, isto é, devem ser alcançados pelo trabalho.

A mobilização do conceito de líder passa também por essa perspectiva do “dono que participa”, “que está presente”, “que dá o exemplo”. Segundo uma piada de Geraldo, ele era “líder e nem sabia”, ao afirmar que sempre esteve à frente das decisões, cobrando, apoiando e tomando a frente na solução de problemas. Assim, os atores utilizam essa noção como autodefinição e também para identificar práticas consideradas adequadas no tocante de um negócio (“atitude de líder”, “exemplo de líder”). De todo modo, a iniciativa empreendedora é percebida por eles como uma atividade que requer grande dedicação e entrega e não simplesmente um investimento para obter um retorno financeiro. Evidentemente, esses atores buscam ganhos e realizam cálculos para tal fim, porém, o trabalho também é percebido por eles como um valor em si (Weber, 2003) e como uma identidade a construir, associada diretamente ao seu projeto de vida (sou empresário (a), empreendedor, dono de uma loja, etc.).

Elza apreciou os comentários do grupo e afirmou que o aluguel do espaço se tratava de uma boa ideia e que faria isso, deixando a loja de roupas para um momento posterior de sua vida.

Cássio – funk e consumo popular

O jovem Cássio, morador da zona leste de São Paulo, decidiu apostar no consumo popular, incentivado pela ascensão do *funk* ostentação¹¹⁶ nas periferias de São Paulo e dos jovens participantes de rolezinhos¹¹⁷. Como não dispunha de capital para montar um negócio, decidiu apostar no comércio online sem necessidade de estoque, ou seja, fazendo a mediação entre fornecedor e cliente.

Segundo ele, tratam-se de artigos originais, comprados diretamente do fornecedor, com preço muito mais baixo. “Hoje em dia sai fácil. Moleque compra tênis de 600 reais, jaqueta da adidas de 500 e parcela. A minha ideia é pagar bem menos e ter o mesmo produto” (Cássio). Seu lucro estaria embutido no preço final do artigo. Segundo seu exemplo, se um boné custa 40 dólares, bastaria calcular o preço do dólar do dia, acrescentar o IOF e a porcentagem do lucro. Nesse caso, o dinheiro da venda seria transferido automaticamente ao fornecedor na China, que enviaria o produto diretamente para o comprador. Entretanto, o processo demoraria, em média, mais de 40 dias para chegar ao consumidor e estaria sujeito a taxações da Receita Federal, o que aumentaria ainda mais o tempo do frete. Em sua visão, tratava-se de um negócio perfeito para ele, pois poderia trabalhar em sua casa, sem funcionários, apenas ele e o computador, com a administração do site para a venda dos produtos e o atendimento aos clientes, assim como o contato com o fornecedor. Seu plano de marketing consistia em realizar anúncios pagos no *Facebook*, assim como pagar ao Google para que sua página aparecesse como destaque.

Os outros alunos e mesmo o professor acharam sua ideia muito original, mas disseram que as pessoas poderiam pensar que se tratava de um produto falsificado por ser oriundo da China e que ele teria que provar, de alguma forma, a autenticidade das marcas, seja por meio de certificado, ou comentários dos clientes no site. Além disso, o tempo de espera poderia ser um problema, uma vez que, apesar do diferencial do preço, o consumidor quer o “produto o quanto antes”. Sugeriram então que juntasse algum capital para ter pelo menos algumas peças à pronta entrega, pois isso animaria os consumidores e aumentaria a publicidade “boca a boca”. Segundo Cássio, já existem alguns concorrentes estabelecidos nesse segmento (sites que intermedeiam compras direto da China), mas que seu diferencial seria o foco no vestuário e nas marcas buscadas pelos jovens. Apesar do problema do tempo de entrega da

116 Vertente da música funk que aborda a saída da pobreza e o consumo de roupas de grife, carros importados, bebidas de luxo, além do relacionamento com mulheres após a aquisição desses bens.

117 Jovens da periferia de São Paulo que marcavam grandes encontros em locais públicos (shoppings, parques, etc.). Os shoppings não aceitaram a proposta dos rolezinhos e chamaram a polícia para impedir a presença dos adolescentes no recinto, o que provocou um grande debate social.

mercadoria, ele pensa que seus clientes aceitariam esse “sacrifício”, pois o preço é muito mais vantajoso.

Uma outra vantagem percebida pelo grupo é que ele poderia manter o emprego e se dedicar paralelamente ao site, a fim de examinar a viabilidade do negócio.

Patrícia – clínica de madame

Patrícia, funcionária de uma clínica de estética, no bairro do Morumbi, tinha como objetivo abrir a sua própria clínica. Segundo ela, tinha boa experiência na área, pois trabalhava no setor há quase dez anos. Em sua opinião, não havia “tempo ruim” para a estética e as “mulheres gastam mesmo”. De acordo com seus cálculos, o retorno do investimento é rápido e a taxa de lucro muito alta. Apesar do bom prognóstico que realizou para o negócio, ela não possuía o capital necessário para montar uma clínica, pois os “equipamentos eram muito caros”. Sua intenção era montar um bom plano de negócio e encontrar um sócio capitalista, que entraria com a maior parte do recurso, enquanto que ela ofereceria seu “*know-how*” e ficaria responsável por gerir a clínica.

Os clientes visados por ela eram de “classe média e alta” da região da Avenida Paulista, pois, “para eles nunca tem crise”. Dessa forma, o imóvel visado deveria se encontrar em alguma rua paralela à avenida. O modelo de negócio por ela suscitou uma grande discussão entre os alunos: seria ela funcionária ou dona? “Olha, você me desculpa, Patrícia, mas isso aí você vai continuar sendo funcionária, pois quem vai mandar é quem vai colocar o dinheiro. Qual a diferença desse negócio pro seu emprego?” Ela explicou que seria também proprietária, mas sócia minoritária, com direito a decisões, mas que, de fato, o sócio majoritário teria a palavra final. Segundo ela, seria a única forma de começar o negócio por conta dos equipamentos e do ponto, mas que, no futuro, proporia a compra da parte do sócio majoritário. “É um plano de investimento. Uma parte do planejamento para eu ser dona de clínica”.

O professor e os alunos propuseram então que ela refletisse sobre a possibilidade de desenvolver uma clínica mais “popular”, em outro bairro, com uma aparelhagem simples, mas que servisse de base para o início de seu negócio. “Olha, eu gostei da ideia, gosto muito de estética, mas tem que saber que lidar com madame é difícil. Não sei se compensa muito não. Eu já trabalhei com elas e sei que é difícil. Posso te dizer pelo meu salão: pobre gasta com beleza sim. É alisamento, escova. Se souber colocar um preço bom, você tem muito movimento,

porque mulher pobre também gosta de se cuidar” (Elza). Segundo Lauro, uma sociedade pode ser uma ótima forma de começar um empreendimento, mas que, por vezes, pode “ser uma cilada”, então, ela deveria “pensar bem antes de tomar uma decisão”.

Formalização e impostos

Um dos tópicos do curso foi sobre a formalização do negócio, com a regularização e inscrição no CNPJ – Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica. Cerca de 30% dos que eram proprietários de um negócio não possuíam CNPJ. Segundo o professor, esse procedimento era importante tanto para fins legais e previdenciários quanto administrativos. Em sua visão, a partir do momento que o negócio passa a ser formalizado, a forma como ele é gerido se transforma. A maior parte deles enquadrava-se como MEI, ou seja, tinham faturamento médio mensal de até cinco mil reais. Somente os salões de Elza e a empresa de peças agrícolas, de Eliane, estavam sob o regime de microempresa.

A princípio, Francisco e Geraldo mostravam-se reticentes em aderir ao MEI, pois temiam ter que pagar muito imposto. O professor então explicou-lhes que se tratava de um valor fixo por mês, de cerca de 44 reais, destinados à Previdência Social, o que lhes garantiria o direito à aposentadoria, auxílio-doença, entre outros benefícios. Além disso, poderiam também emitir nota fiscal, o que é exigido por muitos clientes que precisam comprovar gastos. Ambos se animaram ao descobrir que o valor do tributo não era “tão caro”.

De acordo com Lauro, uma das primeiras mudanças na mentalidade do empreendedor, no processo de pós-formalização é separar o “pessoal do profissional”. Ele explica que todos os alunos devem abrir uma conta como pessoa jurídica e todo o dinheiro da empresa deve passar e ficar obrigatoriamente nesta conta. Segundo ele, um dos principais erros de administração amadora é usar a conta como pessoa física para a empresa, misturando os gastos e impedindo uma análise minuciosa do orçamento da empresa. Todos os alunos do curso administravam seu negócio com sua conta pessoal.

“Vocês não podem fazer isso porque aí tira dinheiro do caixa da empresa. Você vai lá, passa no mercado, compra uma besteira, gasta em um restaurante e depois não tem dinheiro para pagar o fornecedor, o aluguel da empresa, ou atrasa salário dos funcionários. Vocês tem que entender que todo o dinheiro tem que ficar na conta da empresa. Aí você paga a luz, o fornecedor, os funcionários, os custos do negócio, deixa um pouco na poupança para ter capital de giro e o que sobrar é seu pró-labore”. (Lauro)

Elza afirmou que adotaria essa medida, mesmo que houvesse diminuição em seu padrão de vida, pois comprava sapatos e “besteirinhas” compulsivamente, o que prejudicava o caixa da empresa. O professor distribuiu aos alunos CD-ROM com diversos materiais, incluindo duas planilhas, uma para fluxo de caixa da empresa e outra de orçamento mensal pessoal. Segundo ele, é fundamental ter um controle absoluto do caixa da empresa, para que o empresário possa saber quais são os “principais ganhos e despesas e, assim, ter a possibilidade de reduzir custos”. O professor também sugeriu que os alunos buscassem aplicativos de celular sincronizados com a conta bancária para que pudessem ter essas informações mais facilmente.

Esse estímulo à racionalização da vida cotidiana, presente também nos cultos, é percebida como uma condição para a própria elaboração dos planos de vida e da construção de um futuro que contemple a identidade pessoal expressa nesses planos. Somente a análise minuciosa, na visão das lideranças e do professor, permite que o sujeito tenha autonomia com relação ao cotidiano, podendo transformá-lo e reelaborá-lo. Trata-se de um processo de desnaturalização, pois processos que eram completamente automatizados passam a ser reflexivamente analisados. A mudança na forma de tocar os negócios leva os atores a refletir sobre sua ação no passado, conforme fica claro no relato de Elza sobre o uso do dinheiro do caixa da empresa.

O controle rigoroso do cotidiano e a reflexividade constante em torno das práticas de administração não se tornam, necessariamente, uma regra para todos os atores. Cada um vai incorporar essas questões e os *selves* que as estimula (bispos, pastores, o professor do curso) em suas conversações internas e a partir daí serem transformados (ou não) em diferentes graus.

Do ponto de vista da reflexividade, cabe aqui a contribuição de Caetano (2013) à discussão. Segundo a autora, diversos projetos são construídos coletivamente, ou seja, por meio do recurso à interação intersubjetiva para clarificação e verificação. Na realidade, o conjunto de atividades mentais (Archer, 2003) (planejar, ensaiar, ponderar, decidir, reviver, estabelecer prioridades, imaginar, clarificar, estabelecer conversas imaginárias e calcular) pode ser desenvolvido também em conversas externas. Caetano acredita que não se trata de terminar a conversa interna com um interlocutor, como no caso dos reflexivos comunicativos de Archer, mas sim de uma outra possibilidade reflexiva. A verbalização dos pensamentos ajuda na objetificação e na sua atualização (Caetano, 2013) e o ato dos atores de interagir com outros e em meios distintos acionaria competências reflexivas, uma vez que os atores seriam obrigados

a adaptar suas disposições aos contextos de ação. Dessa forma, práticas e discursos são repensados e tematizados em conversações internas antes de serem compartilhados com terceiros, promovendo novas formas de reflexão em torno das questões importantes para os atores.

O momento de conversa externa, seja com bispos, pastores, ou outros fiéis, coloca em contato sujeitos com conhecimentos e trajetórias distintas. As disposições incorporadas pelos atores ao longo de suas vidas em distintos contextos permitem-lhes analisar as possibilidades de interação, de produção de críticas face a outros atores e contextos. Muitos dos projetos e problemas dos fiéis da Universal são refletidos em conversas externas, seja com familiares e amigos, ou membros da igreja. Deve-se ressaltar também a monitoração das formas de falar. Em nenhum momento fizeram alguma crítica agressiva, mantendo uma postura comedida. Trata-se de uma avaliação realizada pelos atores das possibilidades de fala com pessoas de fora do seu convívio mais próximo, o que exige maior cuidado. Por outro lado, abre-se a possibilidade de compartilhar questões que não fariam com outros, justamente pela menor intimidade, o que diminuiria o efeito de ocultação e vergonha (Caetano, 2013).

Dispositivo de cálculo

O cálculo do preço (valor) de uma mercadoria pode variar muito conforme os dispositivos de cálculo considerados (Callon, 2003). Uma grande rede de supermercado, ou grandes franquias tem uma agência calculadora baseada em algoritmos, análise de satisfação dos clientes, pesquisas encomendadas por empresas de *marketing*, algoritmos de comércio virtual, entre muitos outros dispositivos para empreender cálculo de um valor e também para formatar o universo de escolha dos consumidores. Não é o caso dos pequenos empreendedores. Quando indagados pelo professor, a maior parte afirma que calculava o preço “no chute”, ou com base nos concorrentes da região.

De acordo com Lauro, é inviável comprar um item por “x e vender por 3x e achar que teve lucro, precisa calcular”. A fórmula disponibilizada por ele era o clássico “preço de venda”, que cobre todos os custos e inclui também o lucro líquido. Explicou então que precisavam somar todas as despesas como, por exemplo, aluguel, luz, água, imposto, comissões, fretes e, no mínimo, 20% de lucro. Os alunos acharam muito complicado e o

professor disse que eles poderiam usar uma planilha, ou mesmo aplicativos de celular que contam com essa função. Porém, reiterou que era necessário, para isso, realizar um controle do negócio para saber quantos produtos foram colocados à venda e também a contabilização dos gastos mensais e sua relação com o lucro. Nisso, sugeriu aos alunos que contratassem o serviço “freelance” de um contador para terem acesso a essas informações e também se dispunha a ajudá-los com a “matemática”.

“Para mim é difícil, porque eu calculava o preço do serviço assim: eu compro uma peça de automóvel por 100, se for fácil de trocar eu cobro 140 reais, se for difícil 200. E eu também sei olhar o cliente e saber se tem dinheiro ou se é pobre, aí eu vario o preço, dou desconto, aumento.” (Geraldo). Callon e Muniesa (2003) dão o exemplo do mercado de peixes em Marselha de um dispositivo de cálculo baseado não em complexas ferramentas não-humanas, mas sim de forma bilateral, baseado no “pegar ou largar”. Nesse contexto, diversos outros saberes e formas de cálculo entram em ação, o que expõe uma grande diferença do “mercado real” em relação aos mercados abstratos da teoria econômica. No entendimento do professor, os alunos precisam compreender que a ferramenta de “cálculo de venda” era o mínimo esperado para uma administração profissional.

Após a aula, alguns alunos comentavam, durante o caminho para o metrô, que era, realmente, importante calcular o preço corretamente para ter uma margem de lucro mais adequada, pois senão arriscariam ficar no “zero a zero”.

No próximo item, traçaremos um perfil de dois empreendedores, abordando seu cotidiano e a influência tanto dos cultos como do curso na gestão de seus negócios e na construção de seu plano de vida.

Os empreendedores, suas trajetórias, planos de vida e o papel da religiosidade

Elza, 44 anos, nasceu no interior do Ceará, em uma família “humilde, bem humilde”. Quando tinha apenas três meses de idade, seus pais, ambos lavradores, se mudaram junto com os quatro filhos para o Mato Grosso do Sul, em busca de trabalho. “Era uma vida muito difícil, ali só tinha roça, escola a gente nunca soube o que era. Só fui saber bem depois. Minha mãe nunca teve condição de dar isso pra gente”. Aos nove anos, perdeu o pai. Meses depois, sua mãe casou-se com outro homem. Por ter uma convivência péssima com o padrasto, decidiu fugir de casa. Pegou um ônibus até a capital e passou a morar na rodoviária. “Aí, uma

família rica da cidade me viu e me acolheu. Comecei a estudar, a saber o que era uma vida em sociedade, ter contato social”.

A família tinha fazenda e lojas na capital, mas apesar da boa situação financeira, pegaram a então menina para que ela trabalhasse nos mais diversos afazeres. Assim, começou como doméstica na casa que a acolheu e depois foi realocada para uma lanchonete “da patroa”. Porém, foi em um salão de beleza da esposa do fazendeiro que ela se encontrou. “Ficava olhando o pessoal a cortar cabelo e ali já comecei a aprender, vi como eles faziam”. A dona ia muito a São Paulo e, numa dessas idas, pediu para ir junto a fim de realizar cursos para trabalhar no salão. Fez de manicure e estética e começou a exercer essas duas funções. Porém, foi após um curso de cabeleireiro que ela definitivamente “se encontrou”. Após ter terminado o ensino básico, saiu da casa da patroa e foi morar sozinha com apenas 14 anos. Conheceu seu primeiro marido, relacionamento que lhe rendeu um filho e, depois, em outro casamento, teve uma filha.

Sua vida não era fácil, com pouco estudo, teve que se sujeitar a subempregos e a morar em barraco de lona. “A pior humilhação era ter que usar o banheiro. Nunca vou me esquecer como era horrível. Indigno”. Decidiu sair do Centro-Oeste e foi, com os dois filhos, para São Paulo. Aqui, também foi moradora de favela, até que conseguiu um emprego como ajudante em um salão de elite na capital. Em pouco tempo, foi promovida como cabeleireira e começou a fazer cursos oferecidos aos funcionários. “Aprendi muito. Ali eu evolui, virei profissional de alto nível, aprendi a fazer cortes da moda. Não era tão ruim o salário, na época, ajudou a pelo menos a me mudar para uma *kitnet*”. Conheceu a Igreja Universal e gostou, pois desde pequena seu pai a ensinou a “colocar Deus na frente de tudo”. Na IURD, ela afirma que aprendeu a usar a fé, a se revoltar com a sua situação de assalariada e tentar o negócio próprio. “Uma lição que levo do meu pai: trabalhar para os outros não enriquece ninguém. Tem que trabalhar para você”.

Segundo ela, “a força da fé e a crença no Deus vivo” a levaram a sair do emprego e a montar um salão com o filho. “No começo, era só nós dois e até fome a gente passou depois que abriu o salão e eu larguei o emprego. Mas aí começou a melhorar, na fé, na luta, na guerra, trabalhando o dia inteiro, começou a arrebentar e a crescer. Já chegamos a ter 22 funcionários, hoje estamos com 16”. No seu salão atual, em um bairro de classe média na zona norte de São Paulo, posso acompanhar um pouco de seu trabalho. No sobrado grande e decorado por ela, destacam-se os novos televisores LCD e o aparelho de ar-condicionado. “Resolvi colocar depois do curso, para agregar e ter mais clientes. Nesse verão ninguém quer ficar nesse calor

horrível. Até para trabalhar fica melhor”, explica. Elza desloca-se pelo salão o tempo todo, quando não está fazendo algum procedimento. Chega, olha o serviço de outra cabeleireira, dá uma opinião, às vezes pega a tesoura e faz um “acerto”, verifica a quantidade dos produtos utilizados, se o salão está bem limpo. “Fico de olho mesmo. Aqui é o meu sonho, eu cuido muito”. Sua jornada de trabalho alcança, muitas vezes, mais de onze horas por dia.

O “gosto” pelo trabalho duro vem dos pais, explica. Desde cedo, ambos ensinaram a “ganhar a vida honestamente, por meio do trabalho. Minha mãe, uma guerreira, criou cinco filhos na roça, sempre lutando”. A estima pelo trabalho duro foi passada também para seus dois filhos, o mais velho trabalha com ela e a caçula, de 14 anos, estuda e já começa a ajudar no salão, tendo inclusive feito um curso de cabeleireiro. Elza conta que é ótimo “trabalhar para você mesmo”, mas é duro ter que pagar aluguel do ponto, água, luz e os direitos trabalhistas. Segundo ela, todos os funcionários são registrados. “Gosto de tudo direitinho, mas elas, às vezes, são difíceis de lidar. Mas não posso reclamar. Eu quero ser cabeça, não cauda. Não gosto de ser mandada, gosto é de mandar”, brinca.

Quando fala com as funcionárias, Elza adota um tom tranquilo, amigável, chama para conversar no canto. Porém, nem sempre foi assim. “Mudei meu gênio, antes eu dava bronca, me estressava. Isso não ajuda a melhorar. Depois do curso eu comecei a liderar mais”. Quando uma manicure cometeu um erro com uma cliente, ela se aproximou, educadamente, chamou para conversar e pediu para ela tomar mais cuidado, se concentrar mais, porque contava com ela. Apesar disso, ainda se considera muito “centralizadora”, mas já começa a delegar mais espaço para decisão das outras cabeleireiras com relação a produtos e tratamentos, outra influência do curso, segundo ela.

Enquanto faz uma rara pausa, Elza gosta de olhar revistas femininas e assistir à televisão para ter ideias de cortes de cabelo. “A fé abre a visão da gente, dá a direção, ensina a gente estar sempre atento, buscar coisas novas, a ser criativo. Eu vejo muita revista especializada, tv, acompanho muita coisa, pois preciso estar por dentro para oferecer os melhores produtos e os cortes e penteados da moda, dos artistas.” Ela ainda realiza cursos de especialização, pois acredita que é sempre preciso estar atualizada na profissão. “Tem a parte da fé, mas você tem que fazer a sua parte. A fé ensina isso, a correr atrás e não esperar”. Para ela, suas conquistas são explicadas pela fé em Deus, responsável por 50% do processo. “Deus te dá coragem, força e direção. Até o conhecimento é pela fé nele”.

Atualmente, Elza considera-se como pertencente à classe média-alta, pois tem uma casa própria com quatro suítes e ar-condicionado, além de um bom carro. Porém, sonha ainda em poder dar casa própria para os dois filhos e comprar um carro importado. “Quero formar meus filhos, vê-los com família e com a casa deles”. Depois do curso, ponderou acerca de seu projeto de montar uma loja de roupas e planeja agora montar “um negócio na área de cabelo” em um shopping, “pode ser um salão, ou produtos especializados. Se Deus quiser vai dar certo e arrebentar”.

Na sua avaliação, o Brasil vivem um período difícil, de pouco emprego e baixa atividade econômica. Para ela, o país teve uma melhora maior com o governo Lula, mas decaiu durante o período Dilma. Ainda assim, acredita que o país “precisa melhorar mais. Hoje, o povo consegue comprar uma casa, que é o mais importante, mas é casa ruim. Para mudar mesmo, tem que ter casa decente para todo mundo”. Ela não credita ao governo a transformação na sua vida e afirma que atingiu o atual patamar pelo seu esforço próprio e a fé em Deus. “Achei na Universal um Deus vivo. Não falo nem em religião, mas em fé. Aquilo que meu pai me ensinou de deixar Deus na frente, no comando. Ali eu achei minha força e coragem. A fé me ensinou a chegar onde cheguei”.

As narrativas de Elza indicam o valor que atribui à fé em seu processo de ascensão social e também como a religiosidade ajudou-a a perceber o seu valor “mesmo sendo pobre e com pouco estudo”. Por isso, atribui à fé o desenvolvimento de seu talento e a vontade de prosseguir, mesmo diante um cenário de miséria e dificuldade familiar. “Quando estava desesperada, eu falava com Deus, pedia para ele me dar força e eu saía da Igreja forte, com vontade de lutar, de ir para a guerra”. As conversações internas de Elza, à exemplo das de outros fiéis, incorporam a divindade, bispos e pastores como *selves*, os quais acabam participando do processo *reflexivo*. Como colocado anteriormente, esse tipo de relato dá indícios fortes que a presença desses *selves* tem uma importância fundamental na transformação da conversação interna, nesse caso, reforçando a crença do Eu no plano de vida estabelecido e reconsiderando as barreiras impostas pelo contexto estrutural. A conversão de Elza, ou seja, o encontro com a fé motiva a reflexividade em torno do *self* (Eu do passado) e, conseqüentemente sobre si e o mundo externo. De pobre e miserável, o Eu passou a ver a si mesmo como aquele que superou a pobreza e conseguiu vencer as adversidades. Nisso, as limitações externas passam a ser consideradas como dificuldades superáveis pela “força, luta, guerra”, transformando então a forma como o indivíduo percebe o mundo social e o constrangimento que esse promove em

relação a seus planos de vida. Na reconsideração de si, o novo Eu implica uma transformação no plano de vida, relacionada diretamente à nova conformação identitária do sujeito. Logo, planos antes descartados rapidamente pelo Eu voltam a ser considerados e empreendidos. “O que antes para mim era um sonho tão distante, bobo, eu passei a perceber como uma meta, um objetivo e me determinei a conquistar”.

Geraldo e sua oficina: “Deus me deu tudo”

Geraldo, 55 anos, nasceu no interior da Bahia, em uma família de sete filhos. Desde pequeno começou a ajudar seus pais na lavoura, conciliando o trabalho com a escola, uma exigência de sua mãe. Entretanto, o trabalho pesado fez com que largasse os estudos na sexta-série. “Eu gostava de estudar, mas eu não aguentava porque a roça era muito duro e ali não tinha escola à noite”. Assim, passou a se dedicar somente ao trabalho. Seu pai e sua mãe foram seus dois grandes exemplos, pois trabalhavam de domingo a domingo para sustentar a família. “Foi com eles que eu aprendi a ser trabalhador e a não pegar na moleza. Eu faço igual ao meu pai. Só não abro aos domingos porque é dia de Deus”. Aos 17 anos, cansado da falta de perspectiva no interior e animado por vizinhos que migravam para São Paulo para trabalhar, decidiu tomar o mesmo caminho e assim poder ajudar seus pais.

“Foi uma grande ilusão na minha vida. Cheguei aqui e foi só exploração. Em obra eles atrasavam a gente, não pagavam direito, a gente comia mal. Com o dinheiro que eu ganhava não conseguia nem pagar o quartinho. Pensei em voltar e desistir, mas eu pensei comigo, não vou voltar humilhado e aí eu arranjei um emprego como garçom em um boteco”. O emprego não tinha uma boa remuneração, mas, pelo menos, os salários eram pagos em dia. Porém, ainda era insuficiente para ajudar seus pais. Decidiu então oferecer sua ajuda a um vizinho que era mecânico, durante os finais de semana. Até então, nunca tinha dirigido um automóvel, muito menos conhecia algo sobre o funcionamento de veículos. “No começo eu era um faz tudo, ficava ali só para pegar as ferramentas para ele e aí ele me pagava uma caixinha, eu juntava tudo no fim do mês e mandava pra casa”. Aos poucos, Geraldo conta que começou a observar o amigo e a entender o problema dos carros. “Rapaz, comecei a pegar gosto pela coisa, a gostar de mexer com carro. Juntei o dinheiro e decidi fazer um curso por correio”.

No começo, teve muita dificuldade com o material do curso, pois “leitura não era o meu forte”. Porém, com grande esforço, conseguiu concluir a formação e mostra orgulhoso o diploma de mecânico. “Pode parecer pouco, mas para mim, vindo do interior da Bahia, com pouco estudo, é uma coisa muito grande. Uma vitória”. Em um forró, conheceu sua atual esposa, com quem tem três filhos. Alguns anos depois do nascimento do segundo filho, Geraldo começou a ter problemas com álcool. “Era problema que eu tinha e ia depois tomar cachaça com os outros garçons. Chegava em casa com fedor de pinga e querendo briga”. Os conflitos com a esposa eram constantes, por conta de sua agressividade. Ela começou a frequentar a Igreja Universal, na esperança de que Geraldo fosse curado do alcoolismo.

Após muita insistência da mulher, ele decidiu ir ao culto e começou a frequentar a Igreja. Em apenas um mês, conta que se livrou do álcool e decidiu se converter. “Mudou tudo. Em casa, passei a ser um bom marido, a não gastar dinheiro da casa com pinga. Todo mundo ficou feliz, foi uma transformação. Meus filhos com orgulho de mim, mas eu mudei também. Eu me transformei”.

À época da conversão, Geraldo estava trabalhando em um restaurante, indicado por seu irmão, que havia migrado para São Paulo pouco tempo depois dele. As humilhações ali eram constantes, com ofensas e gritos de patrões e clientes. “Antes eu ficava quieto, descontava na cachaça, mas depois...virou em mim uma revolta. Eu trabalho direito e sou humilhado, como pode isso? Eu me revoltei com a minha vida, com a humilhação e ainda ganhar pouco. Um dia eu não aguentei e respondi uma cliente”. Geraldo foi mandado embora e decidiu que não trabalharia mais para os outros. “A minha vida toda eu trabalhei pros outros, meus pais também. O que a gente conquistou? Eu pensei na minha cabeça, o que eu tenho? Será que eu mereço isso? Tendo um pacto com Deus? Não, um homem de Deus tem que ter mais, eu comecei a me ver grande e que eu merecia algo maior”.

Já conhecido no bairro por sua habilidade como mecânico e requisitado para consertos pelos vizinhos, decidiu então investir em uma oficina. “Eu falei com a Rildinha (esposa), porque a gente tava juntando dinheiro para comprar uma casa. Disse para ela para a gente comprar um terreno e que eu ia construir a casa. Ela sabia que era o meu sonho e que ia dar certo porque eu era bom mecânico, aí ela acreditou em mim e aceitou”. Após muito pesquisar, conseguiu encontrar um terreno com espaço adequado na zona leste de São Paulo, com as estruturas levantadas para um sobrado.

Geraldo elaborou então o seguinte projeto: a construção de uma grande edificação na parte da frente do terreno, que abrigaria a oficina e uma casa dos fundos para morar com a família. O mecânico comprou material de construção e, com o próprio trabalho e a ajuda de seus filhos e seu sobrinho conseguiu erguer a oficina. Porém, faltavam os equipamentos e a casa ainda não havia nem começado a ser erguida. Montou então uma estrutura de lona, escondida no fundo da oficina, para morar com a mulher e os filhos e gastou o resto do dinheiro com o material. “Muita gente criticava, falava que eu era louco. Eu ficava triste da minha mulher não ter uma casinha direito, com um banheiro decente. Mas eu conversava com Deus e dizia que a opinião deles não importa, mas sim a direção que Ele me deu”.

No começo, os clientes eram escassos e a oficina teve um movimento bem menor do que o esperado por Geraldo. A família começou a passar dificuldades e, segundo ele, a fé o impediu de desistir. “Eu me sentia mal, parecia que era culpado pela pobreza, mas eu sabia que ia conseguir. Eu sempre fui batalhador, mas quando vi meus filhos com fome, aí eu parti para a guerra”. Geraldo então conseguiu um emprego temporário no turno noturno na construção civil. Saía às 18h da oficina e ficava até as 02h da manhã na obra. Voltava para casa, dormia e acordava às 07h para abrir seu negócio. “Dormia quatro horas por noite, tinha vontade de desmaiar, mas a fé em Deus era maior. Eu acreditava em mim, me sentia forte, sabia que Deus ia me honrar”.

No segundo ano do empreendimento, Geraldo aumentou sua clientela e passou a se dedicar exclusivamente à oficina, onde trabalham com ele um filho e seu sobrinho. O local é grande e bem-arrumado. O mecânico decidiu, após o curso, pintar as paredes e fazer uma faxina geral para deixar o local mais “ajeitado”. Segundo ele, oficina suja não transmite confiança para o cliente. Atualmente, considera que o cenário para as pequenas mecânicas é difícil, pois as grandes redes tomaram uma boa fatia do mercado. Por isso, o principal diferencial da oficina de bairro tem que ser o preço. “Se for colocar preço muito alto, a pessoa vai na concessionária, ou nas grandes. Tem que ser barato”. Após aplicar o cálculo de preço de venda, descobriu que, em alguns itens, estava tendo uma lucratividade muito baixa com relação aos custos, o que o levou a reajustar os preços para cima. Para não perder clientes, adotou uma máquina de cartão de crédito e passou a aceitar parcelamento do pagamento. “O ruim que o dinheiro demora pra cair, tem a taxa, mas era isso, ou perder cliente”.

De acordo com Geraldo, a situação da oficina não permite que seu sobrinho e o filho sejam registrados, pois, segundo ele, o “custo ficaria muito pesado”. Apesar da ausência

da carteira, eles tem flexibilidade de horário e podem faltar sem problema, desde que o avisem com certa antecedência. Ele afirma que passou “o gosto pelo trabalho ao filho e ao sobrinho”, mas ressalta que o mais importante foi ter colocado ambos no “caminho da fé”. “Os dois vão para a Igreja desde que eu me converti. Estão fazendo faculdade, tenho muito orgulho. Quero dar o que eu não pude ter, são dois meninos muito trabalhadores”. Seu filho cursa engenharia e já sugeriu ao pai que começassem a realizar manutenção e limpeza de ar-condicionado automotivo, mas ainda não se decidiram, pois isso exigiria a compra de equipamentos. Preferem aguardar para ver como o mercado vai ficar. “Mas o importante é isso, é oferecer mais coisas, para ter mais clientes”.

Geraldo credita o seu sucesso a Deus e a forma como aprendeu a utilizar sua fé. Segundo ele, se não fosse pela “força e coragem” que adquiriu ao trabalhar com a fé, não conseguiria ter parado com o álcool e não teria tido força para aguentar jornada de trabalho dupla, com pouco tempo de descanso.

“Eu nunca acreditei em mim. Nordestino, com pouco estudo, sofri muito na vida, vivi a miséria. Passei fome. Eu achava que nunca eu ia poder ter uma coisa minha. Mas quando eu fui pra fé, mudou algo dentro de mim. Eu comecei a me enxergar como um homem inteligente, corajoso, que venceu as dificuldades. Comecei a acreditar em mim e nisso eu fui atrás do meu sonho. Graças a fé. Fé é tudo na vida do ser humano, porque ela te dá um caminho, te dá força. Tirou o encosto que me dominava no álcool, salvou meu casamento. Se não fosse o meu casamento, eu não estaria aqui hoje, pois minha mulher me ajudou muito a construir esse sonho e a fé salvou tudo isso. Ensinou a gente a viver melhor. Eu era humilhado e aceitava tudo, porque, no fundo, achava que eu era um nada, mas depois que eu vi que eu era importante pra Deus, que eu tinha valor, não aceitei mais. Nasceu a revolta em mim e aí eu exigi mais na minha vida. Não ia aceitar mais ser garçom levando grito. Então, isso foi Deus que mudou”.

PARTE III

Metarreflexividade: conversas internas entre corpo, alma e espírito

Atualmente, pensar questões de gênero no Brasil sem considerar a participação religiosa, especialmente evangélica, em torno dos debates sobre esse tema no mundo da vida é algo praticamente impossível. Em diversas redes sociais, programas de televisão e até mesmo na Câmara dos Deputados, lideranças evangélicas e seus membros participam ativamente na discussão em torno da temática gênero. A maior parte dos atores evangélicos com algum destaque midiático (e por isso com grande capacidade de mobilização de outros atores no mundo da vida) pauta seu discurso na denúncia dos representantes dos movimentos LGBTs, elencados como “inimigos da família”, que apresentam propostas “imorais e gayzistas”, com objetivo de “destruição da juventude e da família”.

Por outro lado, grupos LGBT e feministas tem nos evangélicos o principal alvo de suas críticas, classificando-os como “conservadores, fundamentalistas, moralistas, misóginos e homofóbicos”, rotulando seus argumentos como “discursos de ódio”, responsáveis, segundo esses atores, pela escalada de violência contra gays e mulheres. De sua parte, os evangélicos afirmam que não são contra homossexuais e sim contra a homossexualidade, uma vez que se trata de um pecado, em sua visão, e que recebem em suas Igrejas homossexuais “com amor e respeito”. Esses embates têm se mostrado cada vez mais frequentes com a ascensão dos novos movimentos sociais (Beck, 2013) como, por exemplo feministas e LGBTs, na esfera pública brasileira e seu poder de mobilização na subpolítica (idem), isto é, segundo Beck, a nova forma de fazer política fora das vias institucionais, característica da *modernidade reflexiva*, por parte de agentes externos ao sistema político tradicional. Com isso, abre-se a possibilidade de transformação social por processos individuais e também uma avaliação e crítica da política realizada no âmbito da política oficial.

De todo modo, essa pressão da subpolítica atinge a esfera do Estado, exigindo transformações com relação às mais diversas questões. Entretanto, não podemos nos esquecer que os evangélicos também participam da subpolítica¹¹⁸, com uma série de movimentos tais como, anti-drogas, coletivos de mulheres, de homens, entre outros. Além disso, esses atores contam com uma presença na política tradicional muito maior do que grupos LGBTs e

¹¹⁸ Ver Parte I.

feministas, havendo inclusive conexões diretas entre alguns de seus coletivos na subpolítica à estrutura política oficial (Força Jovem e o PRB Jovem, por exemplo). Evidentemente, muitas associações da subpolítica ligadas ao movimento feminista e ao movimento gay também possuem ramificações com partidos políticos, principalmente de esquerda, porém, sem o mesmo peso da Bancada Evangélica no Congresso Nacional.

Dessa forma, com o crescimento paralelo desses dois grupos na subpolítica e o crescimento desigual na política tradicional, os embates cresceram consideravelmente na última década e a formação de consenso parece ficar cada vez mais difícil. Aliás, é exatamente nessa relação entre essas duas formas políticas que o confronto começa a ganhar visibilidade pública. Apesar de não haver referências bibliográficas que tracem o início preciso dessa relação conflituosa, arrisco dizer que a atual conformação desse cenário começa com a repercussão do PL 1151/1995, da então deputada pelo Partido dos Trabalhadores, Marta Suplicy. Apesar de nunca ter sido votado em plenário, tal projeto levantou um grande debate sobre a possibilidade de homossexuais se casarem (GROSSI, 2006).

Em seguida, a PL 122, principal bandeira política do movimento LGBT, que previa a criminalização da discriminação e violência contra homossexuais, também foi alvo de intensa discussão no Parlamento e fora dele, com a intensa participação de lideranças evangélicas, mais destacadamente o Pastor Silas Malafaia. À época, os religiosos disseram que o projeto abriria um precedente jurídico para proibição da condenação da homossexualidade em cultos religiosos, o que configuraria, em sua visão, desrespeito à liberdade religiosa. Em 2011, católicos e evangélicos manifestaram-se em frente à Assembleia Nacional contra o projeto, que acabou por ser arquivado. Em uma tentativa de recuperá-lo, Marta Suplicy, já como Senadora, dispôs-se a alterar o projeto em parceria com o Senador Marcelo Crivella, a fim de agradar tanto a militantes quanto a religiosos. Entretanto, a nova versão não chegou a se concretizar.

Depois, tivemos a controvérsia em torno do kit anti-homofobia¹¹⁹, um dos momentos mais críticos nesse embate entre religiosos e LGBTs. À época, Malafaia¹²⁰ declarou em vídeo ao canal do do YouTube “Verdade Gospel” que os evangélicos não são contrários à condenação do *bullying*¹²¹ aos homossexuais, mas sim à distribuição de cartilhas que fomentem

¹¹⁹ Medida adotada pelo Ministério da Educação, no bojo do programa Escola Sem Homofobia. A controversa cartilha seria distribuída a professores, para fornecer elementos para trabalhar a questão da homofobia em sala de aula, com dinâmicas de grupo e outras atividades.

¹²⁰ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5Kd0rRwLcKs>

¹²¹ Prática de constranger ou humilhar alguém de forma sistemática.

a discussão de que família possa ter uma configuração que não homem e mulher e de que os estudantes sejam expostos a questões como a “construção social” da identidade de gênero, o que os levaria, em sua perspectiva, a adotar conduta homossexual. A partir desses episódios, os evangélicos passaram a participar ativamente em debates sobre a questão de gênero, posicionando-se de forma contrária às proposições desses militantes. De acordo com muitos evangélicos, inclusive Malafaia, o problema não se trata da prática homossexual no âmbito privado (considerada por eles como pecado), mas sim da organização, segundo eles, de um “lobby gay” que visaria fornecer mais direitos para os homossexuais e acabar com a família tradicional. Assim, diversos desses atores afirmam não ter nada contra o “homossexual em si”, mas sim à articulação política LGBT.

Paralelamente ao crescimento das tensões entre grupos sociais no que concerne ao gênero, a produção acadêmica também concentrou seus esforços na tentativa de compreensão desse fenômeno. Diversos trabalhos passaram a analisar a interseção entre questões de gênero e religiosidade, tanto no que tange à construção do gênero e da sexualidade feminina (Machado, 1996, 1997; Machado e Mariz, 1996; Rosado-Nunes, 2005), quanto à questão da homossexualidade (Machado, 1998, Natividade, 2005, 2008a e 2013; Weiss, 2008). Machado (1998) e Natividade (2008b), ao etnografar a questão da homossexualidade nas igrejas pentecostais, dão importante contribuição acerca das classificações e julgamentos dos evangélicos em torno da sexualidade, dividindo-a em dicotomias como sadia e natural (heterossexualidade) e suja e antinatural (homossexualidade). Autoras como Machado e Mariz e Rosado-Nunes focaram seus estudos na construção do gênero feminino nas instituições evangélicas.

Atualmente, boa parte da literatura acadêmica (Silva, 2013, Maranhão, 2011) concentra-se em torno do fenômeno das igrejas inclusivas e sua abertura a formas de sexualidade consideradas interditas por evangélicos tradicionais. Como aponta Natividade (2013), tratam-se de instituições que aceitam a prática homossexual e não a consideram-na como pecado, justificando-a teologicamente dentro da cosmologia cristã, diferentemente de instituições pentecostais que aceitam o homossexual desde que ele passe por um processo de purificação e abandone as antigas práticas, adequando-se à heterossexualidade.

A controvérsia entre evangélicos e ativistas LGBTs e feministas também é tema de reflexão para pensar as interações conflituosas entre esses atores. O trabalho de Vital da Cunha e Lopes (2013) busca mapear esses embates, expondo os julgamentos, críticas e repertórios

mobilizados por esses diferentes atores, em um processo de definição de si e do Outro. Além disso, a análise contempla a relação tensa entre a subpolítica e a política oficial, expondo a tensão entre as demandas de ativistas e sua recepção por parte dos parlamentares, especialmente da Bancada Evangélica.

Isso posto, pretendemos contribuir com o debate por meio da abordagem de um tema ainda pouco analisado na literatura acadêmica: a produção da masculinidade, ou mais especificamente, a construção reflexiva de si enquanto homem. Dessa forma, propomos a problematização de um dispositivo, o projeto Intellimen, iniciativa da Universal para treinar os homens e torna-los melhores, a fim de compreender não só como os atores avaliam e julgam a identidade de gênero masculina, mas também o processo de conversação interna, por meio do qual analisam a sua sexualidade e constroem sua identidade masculina. A análise desse dispositivo e da reflexividade interna permitirá também compreender como os atores pensam o feminino e a homossexualidade, uma vez que usam tais categorias para efeitos de comparação e/ou julgamento da masculinidade.

Porém, antes de entrarmos na discussão do Intellimen, devemos ressaltar a especificidade da Universal nas questões de gênero em relação a outras igrejas evangélicas. Primeiramente, não se trata de uma instituição cujos principais líderes participam ativamente de debates acalorados sobre homossexualidade na mídia. O bispo Edir Macedo, líder máximo da IURD, já se manifestou mais de uma vez dizendo que não iria “criticar a pessoa por ser homossexual. Isso é problema deles. Deus nos deu o direito de escolher. Cada um segue sua fé. Se a pessoa quer ser homossexual é problema dela. Não vou impor a minha fé. Deus não impõe nada a ninguém. Não vou levantar bandeira contra opção sexual de ninguém”¹²². Além disso, afirmou não “levantar bandeira contra casamento gay, pode fazer lei à vontade”¹²³, pois, segundo ele, isso não mudaria o fato de duas pessoas do mesmo sexo se juntarem. As declarações valeram, em 2016, o Oscar Gay a Edir Macedo, premiação simbólica oferecida pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) para divulgar personalidades que foram amigas da causa LGBT.

Um episódio recente também marcou a atual postura tolerante da Universal. No segundo semestre de 2016, o programa televisivo Fala Que Eu Te Escuto, exibido nas madrugadas da TV Record, teve como tema a “homossexualidade no ambiente familiar”. Para participar do debate, a produção trouxe o jornalista homossexual Felipeh Campos, que abordou

¹²² Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=I9nsA2F5irw> Acesso em 15/01/2017

¹²³ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=0L1H5MxVYFk> Acesso em 15/01/2017

as dificuldades que os homossexuais enfrentam no ambiente familiar, como a violência e o preconceito, “levando muitos jovens a ‘ficar no armário’¹²⁴, ou a fugir de casa”. O programa recebeu uma ligação via Skype de um motorista de São Paulo para dar sua opinião sobre o tema. O internauta afirmou que é contrário a essas práticas e que agrediria os filhos caso descobrisse que fossem gays. Nesse momento, o apresentador e bispo Márcio Corotti cortou a ligação e afirmou que a sua fé não leva à discriminação e ao ódio e que Jesus aceitava todos.

“Minha fé ensina a respeitar. Bíblia não ensina a discriminar ninguém. Fico vendo pastores bobões que gostam de aparecer, ficam igual siri na lata. Vocês sabem de quem eu estou falando. Ficam levantando bandeira. Jesus nunca levantou bandeira. Você que discrimina o homossexual tinha que abrir a sua mente, a sua visão. Você agredir, brigar, pôr o seu filho fora de casa, muda o que? A nossa fé ensina a respeitar as pessoas. Essa é a minha opinião. Eu respeitaria meu filho se fosse homossexual”¹²⁵
(Bispo Márcio Carotti)

O jornalista Felipeh Campos aplaudiu a fala do Bispo e disse que ele estava certo. Outro pastor convidado a debater o tema disse que levantar bandeiras contra os homossexuais só gera problema e violência. No final, o apresentador e outro bispo realizaram uma oração pelos gays e lésbicas que sofrem e que enfrentam a “discriminação de todos os lados”. Anteriormente, o programa também chegou a veicular uma reportagem sobre a violência sofrida pelos homossexuais e, em 2010, trouxe um sargento, expulso do exército por assumir-se como homossexual, a fim de debater a questão do preconceito.

De acordo com Natividade (2005), 76% dos fiéis da IURD não excluiriam uma pessoa da congregação por ser homossexual, sendo a congregação com um dos maiores índices de aceitação de gays. Porém, isso não significa que a prática homossexual é aceita na cosmologia da Universal, uma vez que há diversos testemunhos de ex-gays e ex-travestis na Igreja, divulgados, inclusive, pelo próprio Bispo Macedo, no passado, em seu blog¹²⁶. Entretanto, a IURD não dispõe de nenhuma iniciativa e/ou grupo específico para conversão de homossexuais, ao contrário de outras denominações, tampouco realiza ações direcionadas ao público gay.

Além disso, esses atores compreendem o ato sexual desvinculado da reprodução, ou seja, há uma aceitação da sexualidade plástica (Giddens, 1993), isto é, sem fins reprodutivos,

¹²⁴ Expressão popular para se referir ao ato de esconder a sexualidade.

¹²⁵ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=BuKIZa29Ia4> Acesso em 16/01/2017

¹²⁶ Ver <http://blogs.universal.org/bispomacedo/2015/11/27/parecia-impossivel-mudar-8/>

mas desde que os parceiros sejam casados. Evidentemente isso não significa que não haja membros da igreja que pratiquem sexo antes do casamento, tampouco que fiéis de outras denominações o façam. Aliás, é importante ressaltar que diversas instituições e líderes religiosos começam a aceitar a prática sexual desvinculada de seus fins reprodutivos no universo evangélico. De todo modo, diversos atores ligados à Universal têm se posicionado de forma mais amena com relação à homossexualidade, evitando conflitos diretos e participações nesses embates.

Intellimen e a formação de homens melhores

O projeto *Intellimen* foi elaborado pelo Bispo Renato Cardoso, genro de Edir Macedo, e tem como objetivo “formar homens melhores em tudo e inteligentes”, por meio da realização de 53 desafios, um por semana, no decorrer de pouco mais de um ano. Assim como outras iniciativas da Universal, não está vinculada oficialmente à Igreja. Renato Cardoso é apresentado como terapeuta e apresentador de televisão e não como bispo da Universal. Entretanto, o site do projeto está hospedado no domínio da Igreja¹²⁷ e as reuniões mensais do grupo ocorrem nos templos da IURD. A formação, disponível a todos os interessados, pode ser realizada à distância, sem necessidade de participação nas reuniões, uma vez que os desafios são disponibilizados no blog de Renato Cardoso e também no livro *Intellibook*. Esses desafios são tarefas que o indivíduo deve realizar, tais como, por exemplo, levar a esposa para sair, refletir sobre seus defeitos e virtudes, anotando tudo em um caderno de notas e realizando a cada atividade um “checklist” das tarefas completas, avançando assim para o próximo nível, até completar os 53 desafios. De acordo com Renato, o “o nome do projeto é uma junção das palavras em inglês *intelligent* e *men*, pois ele soa como um super-herói que sempre quisemos ser desde criança e o nome também engloba a formação de homens inteligentes”

Segundo Almeida (1995 e 1996) e Badinter (1993), a masculinidade está em crise por conta do avanço da reflexão do movimento feminista e o modelo hegemônico masculino passa a entrar em declínio, obrigando os homens a buscar outros modelos para basear a construção de sua subjetividade. Na visão de Beck (2011), a modernidade industrial trouxe uma

¹²⁷ Ver <http://sites.universal.org/intellimen/>

nova configuração nas relações de gênero, ao aumentar a equidade entre homens e mulheres, por meio do aumento da escolaridade feminina e do ingresso da mulher no ensino superior, além da sua inserção efetiva no mundo do trabalho, como assalariada, transformando a dinâmica das relações domésticas. Soma-se a esse cenário o que Giddens (1993) denominou “amor convergente”, isto é, o modelo de relação afetiva vigente na modernidade tardia, baseado no relacionamento puro, ou seja, as pessoas permanecem juntas enquanto a relação estiver boa para ambas. Nesse modelo, o que importa é como cada um pode contribuir para a relação, que pode ser desfeita desde que uma das partes não esteja mais satisfeita com a relação. Contrariamente ao amor romântico, baseado no casamento “para a vida toda”, o amor convergente instaura um risco que abala o modelo de masculinidade até então vigente, pois a mulher pode, a qualquer momento abandonar a relação, não mais se submetendo à continuidade do matrimônio, em detrimento de seus projetos de vida.

Saindo da discussão teórica, fica uma questão: como as pessoas comuns percebem essa transformação? Propomos aqui que a própria existência do *IntelliMen* é uma problematização dos atores com relação à “maior crise de masculinidade de todos os tempos”, em suas palavras. Vejamos o que diz o manifesto do grupo:

“Ser homem antigamente era muito simples. Você aprendia duas coisas desde cedo: lutar para se defender e caçar para se alimentar. Quem fazia isso muito bem, se dava bem. E levava a garota para casa. Esse era o critério básico quando o pai considerava um rapaz para casar com sua filha. E ela também. Em muitos casos, amor era secundário. Você não ouvia mulheres detalhando uma longa lista de atributos que queriam no futuro marido: ‘ele tem que ser carinhoso, bem-humorado, romântico, atencioso, sensível, gostar de passear, cheirar bem, amar os animais, me aceitar como sou, me pegar no colo, notar quando mudar o meu cabelo, ser bom de conversa, amigo’... Nada disso. Antes a preocupação era você pode e está pronto para sustentar minha filha? Então ponha um anel aqui. Ser homem no século XXI é outra história. O mundo mudou. As mulheres mudaram. E muitos homens ainda estão com a cabeça lá atrás. Ser homem no século 21 já é outra história. O mundo mudou. As mulheres mudaram. E muitos homens ainda estão com a cabeça lá atrás. O resultado disso está aí para ser assistido em 3D: homens Deslocados, Despreparados e Desacreditados”. (Manifesto IntelliMen)

Dessa forma, os atores percebem as transformações na modernidade ao julgar inúteis os elementos que habilitavam o homem ao casamento nas sociedades pré-modernas como, por exemplo, a aprovação dos pais. Na percepção desses agentes, a escolha passa a ser da mulher e, por conta disso, o modelo de masculinidade baseado na força e virilidade

(Almeida, 1995) perde sentido para eles, sendo necessário um modelo alternativo, que leve em conta as demandas da mulher, caso contrário serão os “homens deslocados”. Tal construção indica, no discurso dos atores, aquele homem que não conseguiu perceber as transformações na forma de relacionar e, por isso, a necessidade da construção de um novo modelo de masculinidade, adaptado às atuais exigências.

O empoderamento feminino é percebido pelos atores, o que exige, então, uma transformação por parte dos homens. “Percebo que as mulheres estão muito mais à frente do que os homens. Mais preparadas profissionalmente, nos estudos, se cuidando. É bom vocês correrem atrás do prejuízo” (Renato Cardoso). Assim, os atores atribuem uma finalidade ao dispositivo (Dodier, 2016) *Intellimen*: a transformação de si em homens aptos às exigências das novas configurações dos relacionamentos afetivos, com a assumpção de um novo modelo de masculinidade. Connel (2013) aponta a existência de uma pluralidade de masculinidades que se sobrepõem e coexistem, compondo uma “masculinidade hegemônica”, conceito desenvolvido originalmente “para reconhecer a posição assimétrica das masculinidades e das feminilidades em uma ordem patriarcal do gênero” (idem, p. 265). O autor alerta também para a necessidade de acompanhar as práticas das mulheres, que podem desafiar a hierarquia de gênero e influenciar mudanças nas formas de masculinidade.

A partir dos desafios do *Intellimen*, tentaremos compreender como, no processo de conversação interna, os atores pensam a si próprios, questionando suas crenças e refletindo acerca de suas intenções e projetos existenciais, considerando as circunstâncias limitadoras e habilitadoras da estrutura social, mais especificamente o “sistema cultural” relacionado ao gênero.

Capítulo 13. *Os desafios do IntelliMen: reflexividade interna e o cuidado de si*

O primeiro aspecto que deve ser destacado no processo de formação *IntelliMen* é a obrigatoriedade de realizá-lo com um parceiro, isto é, outro homem (colega de trabalho, amigo, pai, filho) a fim de que ambos possam trocar experiências, conversar sobre os desafios e se ajudar no processo. Este é o primeiro desafio, que deve ser completado ainda pela divulgação do ingresso no projeto nas principais redes sociais. “*Facebook - Desafio IntelliMen #1: Sou um homem inteligente e por isso aceito o desafio de melhorar a cada dia. Meu Parceiro Oficial é o ... (nome). No Twitter, poste assim: @Intellimen27 DesafioIntelliMen#1: Sou inteligente e aceito o desafio de melhorar a cada dia. Meu Parceiro Oficial é o ... (nome)*”.

Na postagem das redes sociais, deve constar o “soco da inteligência”, isto é, uma imagem de punho fechado, símbolo do projeto. A realização do programa *IntelliMan* individualmente é proibida e caso o homem deseje um certificado de conclusão, ao final, será obrigado a comprovar que realizou a formação com um parceiro. Aqueles que não possuem uma conta em redes sociais são estimulados a fazê-lo, pois, segundo os organizadores, isso pode atrair mais homens ao projeto e ajudá-los.

Logo nos primeiros desafios, os atores são confrontados a realizar um exame de si, a fim de refletirem sobre seus principais defeitos e qualidades. Aliás, o desafio n°3 afirma que há “vozes negativas que falam conosco o tempo todo, repetindo em nosso subconsciente coisas que nos fazem sentir incapazes, inferiores, descrentes de nossas próprias habilidades” e, por isso, a importância de pensar os aspectos positivos de si. Assim, os atores listaram três características negativas e dez positivas. Fazendo um breve balanço do que obteve por meio de conversas informais e entrevistas e mesmo por postagens via *Facebook*, a maioria listou como negativo o fato de descuidar da alimentação, não tratar bem a esposa, a desorganização, o não cumprimento de horários e o pouco tempo dedicado à Deus. Já os positivos: trabalhador, gentil, educado, honesto, humilde, sincero, fiel e dedicado. O desafio levou os agentes a pensar a própria vida e a se autoquestionar, enfim, a entrar em um diálogo consigo mesmo enquanto sujeitos e objetos da reflexão.

A reação aos desafios, assim como a constituição dos mesmos pelos organizadores, revela o modo como a diferença entre os gêneros é construída e como os atores problematizam a necessidade da adoção de uma nova identidade masculina face às transformações das relações

afetivas. Os *Intellimen* percebem as características de gênero como naturais, isto é, ontológicas ao “sexo biológico”. Observemos o conteúdo dos desafios 5 e 13:

Desafio #5 Não fomos criados apenas como seres humanos. Fomos criados homens e mulheres. Homem e mulher são seres humanos bem distintos um do outro. É extremamente importante para o homem saber qual o seu papel específico e como ele difere do papel da mulher e a completa. Não estou falando aqui de machismo de superioridade masculina, mas de diferenças”.

Desafio #13 Vamos definir uma coisa: homem é naturalmente bruto, indelicado e até grosseiro. Sensibilidade não é o seu forte. De certa forma, é exatamente isso que o faz homem, assim como a feminilidade e delicadeza fazem a mulher. Porém, não quer dizer que essa natureza rude não possa ser polida, refinada a ponto de ele se tornar um homem mais educado - sem perder a sua masculinidade. Portanto, não estamos falando de se tornar um metrosssexual, ok? (O que resultaria em expulsão do IntelliMen na certa...)

Dessa forma, homens e mulheres são percebidos como naturalmente distintos e, por conta disso, possuem papéis específicos. Percebemos aqui o que Almeida (1995) verificou em seu trabalho etnográfico em Pardais (Portugal): a divisão do mundo entre masculino e feminino é uma dicotomia fundamental e um princípio classificatório básico que atribui gênero a diversas atividades, objetos, ações e emoções. Nesse processo, a mulher é construída como doce, sensível, gentil e mais frágil do que o homem. Já o masculino é percebido como essencialmente bruto, dominador, indelicado e grosseiro. Por conta disso, os atores atribuem que há um papel ideal ao homem e à mulher, baseado em suas características naturais, escolhidas por Deus. Nesse processo de construção da mulher como frágil, sensível e que deve ser protegida, os atores antecipam-se a críticas e entram em um regime de justificação de suas posições, negando qualquer possibilidade de machismo. “Isso não se trata de machismo, mas de compreender as diferenças entre homem e mulher. A mulher deve ser respeitada e ter os mesmos direitos que o homem” (Renato Cardoso). Em diversos momentos em que os atores vão categorizar o masculino em relação ao feminino, usam a frase “não é machismo, mas sim...”. Os atores aparentam grande preocupação em não serem rotulados como machistas, pois, segundo eles, não querem que os outros pensem que a mulher é inferior ao homem, apenas que “masculino e feminino são naturalmente diferentes”.

Assim como os aldeões estudados por Almeida (1995), os *Intellimen* percebem a masculinidade como algo essencialmente natural, principalmente no que tange à pulsão sexual, o “ser macho”. Entretanto, os atores aqui analisados promovem uma crítica com relação a esse modelo de masculinidade.

De acordo com Renato Cardoso, na série de vídeos¹²⁸ sugeridos para a realização do desafio #5, o homem difere do macho, pois o primeiro se pauta pelo controle da sua natureza, enquanto que o segundo age de acordo com seus instintos sexuais. Para ele, o homem é um provedor, com responsabilidade e que se mantém fiel mesmo diante das investidas de outras mulheres, já o macho se guia pelo sexo e pela tentativa de impressionar os outros machos, o que o torna “mentiroso, incapaz de refletir e de tomar decisões”. Em sua perspectiva, o homem então tem dois caminhos: agir por sua natureza e ser um “macho”, ou “poli-la e refiná-la”, tornando-se homem por meio do exercício de um autocontrole e monitoração da ação, evitando as pulsões naturais e se submetendo a regras morais. Assim, os atores não percebem essa característica como algo imutável, mas sim dominável por uma norma externa, que se concretiza na conversação interna de cada um. Dessa forma, o “cavalheirismo *IntelliMen*” constitui-se como uma terceira via entre o macho e o afeminado.

A virilidade e agressividade são essencializadas como ontológicas ao sexo masculino e ironizadas pelo símbolo dos *IntelliMen*: o soco, mas da inteligência. “É preciso mais que músculos para ser homem. Caráter, inteligência e fé são muito mais importantes” (Renato Cardoso). Tomemos como exemplo o caso de um informante:

“Antes eu era um homem totalmente ignorante, grosso com as pessoas. Só bebida e balada. Não tinha respeito com a minha namorada, olhava para outras e achava que estava com razão. Só tinha pornografia no celular, perdia tempo em redes sociais com pornografia. Mas eu aprendi: ser homem é diferente de ser macho. Aí eu conheci o IntelliMen. Os desafios são para você trabalhar com você para se tornar um homem melhor para o mundo e para si mesmo. Comecei a fazer as coisas como homem e deixei as coisas de macho. Trabalhei o autocontrole e larguei as bebidas, baladas, deixei de ser nervosinho no trânsito. Valorizo agora minha namorada, mas de verdade. Ficar com uma pessoa e ter pornografia no celular, olhar outras mulheres? Falta de respeito, machismo.” (Everton, 27 anos, auxiliar de contabilidade).

Ao analisar a sua vida e suas ações face ao “sistema cultural”, representado pelo *Intellimen*, Everton começou a se identificar como macho, isto é, segundo ele, um indivíduo que só se preocupava com seu prazer e com a opinião dos outros. Em sua opinião, ser grosseiro e desrespeitar a namorada, além de beber e “cair na balada” era coisa de macho, mas não de homem. O *self* no processo crítico com relação a si mesmo, a partir da análise de novas formas

¹²⁸ Disponível em <http://blogs.universal.org/renatocardoso/blog/2012/04/21/serie-seja-homem-5-videos/> Acesso em 01/02/2017

de ser expostas pelo “sistema cultural”, passa a buscar a construção de um novo projeto existencial, baseado em nova identidade, o que leva o indivíduo a mediar sua própria construção ao deliberar sobre sua transformação. Atualmente, Everton classifica o uso da pornografia e ter relações com outras mulheres como “machismo” e falta de respeito.

Nessa oposição entre “macho” e “homem” realizada pelos atores, a questão da fidelidade tem uma grande importância. Como já observado por Machado (1996), há uma preocupação dos evangélicos com relação à fidelidade masculina, apontando para maior igualdade de gênero em relação a essa obrigação matrimonial; fenômeno que se observa aqui. Além disso, o *macho* é caracterizado sempre como aquele que age sempre pensando no que os outros vão dizer, preocupados com sua fachada ante os outros *machos*. Por isso, os *Intellimen* consideram-nos incapazes de contestar a própria noção de masculinidade. De certa forma, é como se os membros do programa percebessem os “machos” como aqueles que agem pensando em relatar as proezas aos amigos e/ou se preocupam com a opinião dos outros, direcionando sua conversação a um outro, à exemplo das mulheres entrevistadas por Archer, as reflexivas comunicativas, que direcionavam suas conversações para o seio da família e amizades próximas. No caso dos *Intellimen*, há justamente um processo de *metarreflexividade* para discutir o que é a masculinidade e o homem.

O domínio do macho: o desenvolvimento do autocontrole e da disciplina

A partir do momento em que os atores definem a existência de um “estado de natureza” e outro moldado pela norma cultural para a masculinidade, surge a preocupação em se afastar da “masculinidade natural” e se aproximar da masculinidade positiva (o ser homem), caracterizadas pelo do autocontrole e análise de si, para então tornarem-se homens educados e gentis, segundo o modelo proposto pelo *IntelliMen*. Esse processo de autovigilância se dá na atividade cotidiana, por meio da monitoração dos detalhes mais banais. Em um desafio (#16), os homens devem trabalhar seu olhar para desviar os olhos das mulheres bonitas e/ou vestidas de forma sensual. Trata-se, segundo o próprio desafio, de uma tarefa difícil, pois isso implica “vencer a natureza” e é por essa razão que o homem é mais forte do que o *macho*, na visão dos

atores, pois o primeiro é capaz de lutar contra o impulso natural e vencê-lo. Assim, ao olhar uma mulher sensual, o homem deve usar a tática “bateu na trave, voltou”, ou seja, desviar rapidamente seu olhar e não voltar a olhar naquela direção.

“Isso me ajudou muito. Para mim foi até agora um dos melhores desafios. Às vezes eu ia ao mercado, olhava uma mulher e já começava a cobiçá-la, não conseguia pensar em mais nada. Ficava seguindo com os olhos, poluindo minha mente. Aí aquilo me despertava diversas coisas. Era uma bola de neve, queria ver filme pornô, sentia vontade de sair com outra mulher. Quando eu parei, criei a disciplina melhorou muito. Hoje, não sinto mais essa vontade de ficar olhando mulher. Quando você corta o estímulo, muda tudo” (Sérgio, 37 anos, agente rodoviário).

Para os atores, os estímulos externos são responsáveis por alimentar hábitos como a masturbação, filmes pornográficos, gerando falta de atenção e causando problemas ao relacionamento entre homem e mulher. Ainda na questão do “controle do macho”, o *IntelliMan* deve se portar de forma distinta, remetendo à noção de cavalheiro, com a incorporação de uma conduta, uma etiqueta, que deve ser reproduzida em todos os momentos de sua vida social, sem exceção.

Desafio #13

O que um cavalheiro faz:

- *segura a porta aberta para uma mulher e a deixa passar primeiro.*
- *abre a porta do carro para ela*
- *dá o seu assento para ela*
- *nunca olha fixamente para uma mulher (que não seja a sua)*
- *se levanta quando cumprimenta uma mulher*
- *oferece-se para carregar qualquer coisa pesada que ela esteja carregando*
- *puxa a cadeira para ela se sentar*
- *diz “por favor”, “obrigado” e “com licença”*
- *não mastiga com a boca aberta, especialmente goma de mascar*
- *é asseado: unhas, cabelo, barba, odor corporal, roupas, hálito (sempre tem umas balinhas de menta à mão), visita periodicamente o dentista.*
- *observa como anda, sua postura*
- *na mesa, deixa a mulher se servir primeiro e começar a comer antes dele*
- *coloca a tampa do vaso para baixo*
- *nunca fala alto*
- *age de acordo com sua idade. Não se comporta com imaturidade em lugar nenhum, jamais.*

Um dos títulos da reunião mensal dos *IntelliMen* foi justamente “Dominai”. Ao contrário do que o público externo poderia pensar, os atores afirmaram, internamente, que não se tratava de dominação das mulheres, mas sim da dominação das vontades e desejos. Nesses cultos, Renato Cardoso, apresentado como *Itrainer*¹²⁹, o “coach” dos homens, explica que “se o homem não consegue se dominar, ele não pode nada”. Renato explica aos participantes o conceito de dominação, informando que é o ato de dominar que distingue os homens dos animais. Segundo ele, a natureza é vontade, poder, força e cita espécies como macacos e leões que se batem entre si para se tornar o “macho dominante”. Porém, o homem, diferentemente dos animais, recebeu o ordenamento divino: “*Deus os abençoou e lhes disse: “Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra” Gênesis 1:28.*

De acordo com o palestrante, caberia ao homem a missão de dominar a natureza e, mais importante, a si próprio. O ato de não dominar os impulsos é exemplificado com a expulsão de Adão e Eva do Paraíso, após cederem a tentação e comerem do fruto proibido.

“Não pode jamais achar que é o dominante e gritar com a mulher, exigir que ela faça tudo, que cuide sozinha da casa. Nem ser estúpido com o filho, pois isso só afastará a criança que terá medo do pai. O IntelliMan precisa ser carinhoso, educado, ajudar a mulher nas tarefas domésticas, lavar louça, cozinhar, acompanhar o desempenho do filho na escola”. (Renato Cardoso)

Nas reuniões presenciais do *Intellimen*, a disciplina é abordada como a principal virtude para o tão almejado autocontrole. Tanto que após os eventos *Dominai*, o projeto declarou 2016 como o “ano da disciplina”, a fim de trabalhá-la com os participantes. A disciplina é encarada pelos atores como fundamental para a vida e a razão para os problemas que os membros enfrentam é causada pela falta de disciplina. Segundo eles, em toda a área da vida em que a disciplina for aplicada (financeira, saúde, casamento, empresa, estudos, etc.) haverá melhora. Como então adquirir a disciplina e por que ela falta aos homens se é algo tão positivo?

¹²⁹ No projeto *IntelliMen*, os responsáveis pela coordenação do grupo, auxílio a outros homens e realização de reuniões são os *Itrainers*. Essa posição é ocupada por homens que já concluíram o treinamento e que passaram por um processo de seleção a fim de se tornarem “coaches”.

De acordo com Renato Cardoso, a disciplina é algo adquirido, que se aprende, mas que as pessoas não utilizam como deveriam porque nos obriga a fazer o que não gostamos. “O que você prefere fazer? Dormir até mais tarde ou acordar cedo para trabalhar? Ficar em casa vendo TV ou sair para fazer exercício? Nosso corpo trabalha com a lei do mínimo esforço. Se nós não mudarmos isso, ficamos no estado de preguiça” (Renato Cardoso). Segundo ele, a disciplina exige fazer o que não se tem vontade para ter o que se quer no futuro. “A disciplina é desagradável, gente. No momento em que você exerce a disciplina é duro, é chato, desanima, mas depois ela te ajuda a colher”. O repertório normativo dos atores indica que a disciplina é sinônimo de sucesso, pois leva o indivíduo a se aplicar mais e a se distinguir em relação aos outros homens. “A disciplina é uma oportunidade porque a maior parte dos homens não quer praticá-la. Sobre mais para nós, homens inteligentes”.

Além disso, os homens recebem uma proposta de treino que implica disciplina com relação ao corpo, aparência e espaço. Banhos diários, uso de desodorantes e perfumes, escovar os dentes, troca de roupas, conservação das roupas, compra de peças mais adequadas e em melhor estado. Com relação ao ambiente de trabalho e da casa, sugere-se uma organização, a fim de verificar o que não é utilizado. “Esse treino é uma limpeza profunda do corpo e da mente, para tirar toda a sujeira”, explica Renato Cardoso. Até mesmo desktop do computador de trabalho e pessoal deve ser arrumado, com a remoção de arquivos inúteis e a organização dos documentos importantes em pastas. “Isso obriga a pessoa a se disciplinar. Isso ajuda a disciplina a virar um hábito natural”. Na visão do programa, esse treino ajuda a pessoa a ter uma melhor aparência, o que confere maior “autoconfiança”, atrai a admiração da esposa e conquista o respeito das pessoas. Tais medidas aumentariam o rendimento e diminuiriam o estresse da vida diária. Essa forma de *epiméleia heautoû* (cuidado de si), como nos gregos antigos, não envolve somente um conhecimento de si, mas também uma série de exercícios para “viver melhor”, enfim, ter uma “vida realizada” (Foucault, 2010). Ter uma vida melhor implica não ser “escravo” da preguiça, da rotina, ou dos prazeres. O esforço do cuidado de si, a disciplina das meditações, formação de novos hábitos visa que o homem seja mestre de suas vontades e tenha total controle sobre si, podendo, então, ser verdadeiramente um homem, um IntelliMan.

Portanto, os homens devem trabalhar a disciplina e se obrigar a fazer o que não gostam: ler, lavar a louça, fazer exercícios, se barbear, etc. Segundo outros *Itrainers* e membros do *Intellimen*, outra mudança deve ser a questão da pontualidade. Os atrasos não podem ser

cometidos pelos *IntelliMen*, pois, segundo eles, o atraso torna-se um vício e chegam atrasado aos compromissos, trabalho, igreja. O início da disciplina é o cumprimento severo dos horários. “O homem que chega aqui atrasado perdeu o início da palestra. Já está no prejuízo e não vai recuperar. Pense em tudo o que você perde atrasando cinco ou dez minutos. Chegue sempre quinze minutos antes de qualquer compromisso e você começará a fazer diferença”. (*Itrainer* Juliano). Essa preocupação do projeto com o tempo remete ao que discutimos na parte II, com a questão da disciplina para gestão do tempo e maior capacidade de planejamento do futuro. Em um desafio, o indivíduo é confrontado com a seguinte hipótese: a cada manhã, sua conta bancária recebe R\$ 86.400,00, mas o dinheiro só pode ser gasto até meia-noite, pois depois o valor desaparece. O que uma pessoa normal faria? Gastaria todo o valor até o limite. Pois bem, trata-se de uma analogia que realizam com relação ao tempo, pois essa é a quantidade de segundos que se tem em 24 horas. Assim, a mensagem é aproveite bem o tempo, a fim de que não o perca com bobagens. Quais seriam essas bobagens na visão dos *Intellimen*?

“Há muito tempo eu queria aprender inglês, mas dizia para mim mesmo que não tinha tempo. Depois comecei a meditar nessa questão do tempo, pensei bem e vi que tinha sim, bastava eu mudar, passar a organizar melhor e teria tempo para uma atividade que me acrescentaria no pessoal e na área profissional. Comecei a pensar no que me fazia perder tempo: celular, redes sociais, jogar conversa fora. Aí eu decidi mudar e cortei tudo isso. Só uso o necessário do celular, em um momento do dia, e me dedico às minhas coisas. Aí eu consegui tempo para fazer meu curso e estou aplicando isso em tudo na minha vida. (Gilvan Reis, 26 anos, assistente contábil).”

Sempre tive dificuldade para acordar cedo, ficava enrolando na cama uns vinte minutos, aí saía me arrastando, tomava banho, café e pegava o metrô lotado para ir ao trabalho. Vi que eu perdia um tempo enorme, porque eu tinha que esperar pelo menos quatro trens para conseguir embarcar. Comecei então a ter disciplina. À noite, eu fazia uma atividade leve, não ficava no computador, nem no celular e comecei a dormir mais cedo. Na hora de acordar, eu falei comigo mesmo: ‘vai ser que nem quartel!’ Deixei o despertador em cima do armário, só para me obrigar a pular da cama e já ir para o banho, comer e sair. Comecei a chegar quarenta minutos antes no metrô e bem mais cedo ao trabalho, o que me deu o direito de sair mais cedo também e não pegar o horário de pico. Além de ficar bem menos cansativo, passei a ter uma hora a mais por dia, podendo dedicar a minha esposa e aos meus filhos (Washington, 42 anos, representante comercial)”

A disciplina com o tempo é encarada pelos atores como fundamental para organização de sua vida e de seus projetos, possibilitando-os a realizar atividades até então impossíveis e alterando o próprio sujeito, por meio das novas informações que eram acrescidas

ao *self*, assim da realização de cada novo projeto. Assim, a transformação de si é muito creditada ao *IntelliMen*. Além do tempo, diversas atividades cotidianas devem ser realizadas à luz da disciplina como, por exemplo, a organização do quarto e do ambiente do trabalho. Segundo os *intellimen*, a preocupação com a arrumação cotidiana é uma forma de se obrigar a ser disciplinado, pois, para eles, tal preocupação aumenta a monitoração da ação, levando-o a se tornar mais vigilante em todos os aspectos da vida. No relato desses homens, cada desafio os levou a se disciplinar em pequenas atividades e o que era natural passou a ser objeto de reflexão e questionamento, por conta da reflexividade desenvolvida pelas atividades. Aqui, a internalização da disciplina não se dá por dispositivos de vigilância, tampouco pela prescrição de normas, mas sim são construídas reflexivamente pelos sujeitos em relação às situações que encontram em suas vidas. Trata-se muito mais do desenvolvimento de uma *epiméleia heautoû* e de uma *gnôthi seautón* (conhecer a si mesmo), por meio de uma série de técnicas e de uma governamentalidade específica do *self*, amparada por conhecimentos e uma perspectiva psicológica (Rose, 1998).

O que queremos dizer com isso? Simples, que é o indivíduo que percebe quais são seus problemas, defeitos e virtudes e como deve estabelecer planos para sua transformação, tendo como restrição (ou capacitação) as estruturas a que são confrontados, inclusive o sistema *IntelliMen*. A transmissão desses valores e, conseqüentemente, a performatividade de uma determinada masculinidade é determinada pelos próprios atores sociais na construção de seu projeto existencial e em seus processos de clarificação e análise de si. Nas falas dos atores, o termo que mais aparece é “Eu percebi”.

Capítulo 14. A monitoração da masculinidade: a performance contínua do homem

A literatura aponta que o gênero não é algo dado, isto é, natural, que remete a uma característica natural e biológica do indivíduo. Em sua obra *Gender Troubles*, Butler tece um diálogo com a obra de Simone de Beauvoir em torno da distinção sexo/gênero, extremamente cara às teorias feministas. A grande crítica da americana está em torno da oposição binária sexo como natural e gênero como construção social. Conforme aponta Butler:

“As a result, gender is not to culture as sex is to nature; gender is also the discursive/cultural means by which “sexed nature” or a natural sex is produced and established as “prediscursive”” (Butler, 1990, p.25).

Dessa forma, a autora conclui que não há nenhuma diferença entre sexo e gênero, não sendo o sexo natural e o gênero a expressão do sujeito. Butler se propõe a problematizar o gênero a partir da noção de performance, contrariando a visão de Beauvoir, que enxergava o gênero como expressão de uma identidade; uma vez que não se trata de algo fixo no tempo, mas de uma construção permanente, instituída no espaço por meio da repetição estilizada de atos. Segundo ela, não há identidade que preceda as normas de gênero, mas sim a repetição das normas que constitui o que a autora chama de “efeito de gênero”. Essa repetição estilizada dos atos, a reencenação contínua de significados socialmente estabelecidos é a performance, que realiza uma ação. Para ela, corpos performam gêneros. Não há natureza na sexualidade.

Isso posto, devemos dizer que a descrição até aqui das atividades dos *IntelliMen*, de seus desafios e da preocupação constante em monitorar a ação e as situações para ser efetivamente um homem, lembra-nos o brilhante trabalho de Garfinkel sobre a transexual Agnes (1967). No caso, a jovem americana nasceu como um homem e se assumiu como mulher aos 17 anos de idade, sendo obrigada a exercer um forte autocontrole e trabalhar suas performances como mulher, a fim de ser aceita como “normal”. Como sabemos, no fim, logrou êxito em realizar sua cirurgia de designação sexual, muito embora isso não tenha aliviado a vida de Agnes, pois ela estará sempre inquieta com relação ao seu passado, que não pode ser descoberto, a fim de que continuasse sendo considerada como uma mulher normal, o que exigia

então uma grande atenção com relação a suas narrativas e informações sobre sua vida, assim como performance de uma feminilidade casual.

A performatividade masculina também está presente no trabalho de Almeida (1995), uma vez que para ser aceito como homem naquele contexto era necessário um trabalho contínuo de expressão de si como homem pela força no trabalho, o envolvimento com outras mulheres, o controle para não expressar sensibilidade, restrita aos poetas, etc. No caso dos *Intellimen*, não poderia ser diferente. Os desafios são encarados pelos próprios atores como um aprendizado de como agir como um “homem”, considerado cavalheiro. O tempo todo, à exemplo de Agnes, esses homens inquietam-se acerca de seu comportamento público, para que sejam considerados “homens” perante os outros colegas e também em outros ambientes. Assim como no caso Agnes, há um medo com relação à emergência do passado, porém, de forma distinta. Enquanto que a transexual temia que os outros conhecessem seu segredo e isso a levasse a não mais ser percebida como mulher normal, os *IntelliMen* temem o retorno de um *self* do passado, que não consegue se dominar. Isso fica claro com a decisão de transformação do *self* futuro, determinada pelo Eu do presente que deseja não mais ser como era e é. Evidentemente, temem também que a performance de uma determinada masculinidade seja negativa para seu casamento e também vida profissional, mas no caso, trata-se muito mais de uma preocupação interna do que externa. A angústia com relação ao retorno de uma identidade que não mais desejam, o que leva, segundo eles, à necessidade de “vigiar”, isto é, estar sempre alerta.

Conforme relatado anteriormente, os atores compreendem que ser homem exige um esforço contínuo e uma monitoração da ação sem fim. Abrir a porta do carro para a esposa, fazer um elogio, falar baixo, barbear-se, usar boas roupas e limpas, não olhar outras mulheres na rua, não chorar ou demonstrar fraqueza diante da esposa. Logo, a assumpção dessa identidade masculina é o reflexo de um projeto existencial, continuamente reatualizado pelo *self*, pois

“hoje pode ser o dia de reverter ou renovar nossos compromissos às identidades sociais que assumimos ao nos tornarmos atores. Inexoravelmente, cada dia é um ou outro, precisamente porque personificação tem de ser um processo ativo e reflexivo de nos investirmos em nossos papéis, o que compreende performances novas e imprevistas a toda hora” (Archer, 2003, p. 127, tradução minha).

Assim, enquanto os atores se sentirem bem com essa identidade, continuarão a atualizá-la e a renovar o compromisso com ela, caso não se identifiquem mais reflexivamente com essa identidade, o sujeito pode procurar um novo papel para melhor expressão de si. Os atores entendem que muitas coisas que realizam em seu cotidiano de forma consciente (após os desafios) como, por exemplo, convidar a esposa para sair, ajuda-a com os afazeres domésticos, dormir mais cedo, cuidar da alimentação tornar-se-ão hábitos que serão reproduzidos de forma mecânica. Assim, depois de um tempo, essas ações não serão mais refletidas, mas sim “naturais” ao agente.

Em um desafio para reforçar a monitoração da ação, os atores são convidados a refletir sobre os bons e maus hábitos e a anotá-los em seu caderno. Em diversas reuniões, os *Itrainers* pediram para que os homens listassem o que haviam escrito. O trabalho normativo dos atores focou-se em torno do seguinte:

Bons hábitos: *ir à igreja, voltar a estudar, asseio pessoal, ler um livro, meditar uma hora por dia, fazer exercícios, praticar caridade, ajudar nas tarefas domésticas, etc.*

Maus hábitos: *olhar outras mulheres, pornografia, comer demais, fast-food, ser ganancioso, mentir, excesso de vaidade, preguiça, ser emotivo, etc.*

“A escrita é, assim, um elemento de exercício, e um elemento de exercício que traz a vantagem de ter dois usos possíveis e simultâneos. Uso, em certo sentido, para nós mesmos. É escrevendo, precisamente, que assimilamos a própria coisa na qual se pensa. Nós a ajudamos a implantar-se na alma, a implantar-se no corpo, a tornar-se como que uma espécie de hábito” (Foucault, 2010, p. 321)

Em casos de compulsão por pornografia, um problema apontado por diversos participantes, caso a força de vontade não seja suficiente, deve-se recorrer a *softwares* de controle de acesso e até mesmo só acessar a Internet na presença de outra pessoa. Na visão dos atores, ao eliminar a exposição a uma determinada situação social, o *self* não terá determinadas vontades e, por isso, não executará certas ações. A interdição à pornografia e a observar mulheres na rua é um exemplo de como o contexto social é percebido como um poder responsável por acarretar pensamentos e, conseqüentemente, ações indesejadas. Assim, a privação de certas interações no mundo da vida, ou conteúdos midiáticos, é percebida como a melhor forma de evitar desejos que ponham em risco a estabilidade da atual identidade do sujeito, principalmente, nesse momento de trânsito dos sujeitos. Machos ou “frescos”, ambos estão tentando se tornar um *IntelliMan*, porém, essa transformação identitária não se dá do dia

para a noite, tendo em vista os múltiplos aspectos do projeto existencial anterior do sujeito e o atual do *IntelliMen*. Afinal, há uma grande preparação e treinamento exigidos em qualquer processo de mudança de papel (Archer, 2003).

Esse processo de aprendizado para a performatização de uma identidade *IntelliMan* leva em conta não só o conteúdo proposto nos desafios, mas a própria reflexividade interna do indivíduo face a suas atividades cotidianas, suas crenças e sua expressão individual.

A jocosidade entre os homens e a feminização do outro

Almeida (1995) aponta que a cultura da masculinidade se dá por meio da homosocialidade, conversando sobre o sexo, relatando proezas, assim como o jogo de jocosidade que envolve todos os assuntos em que os homens investem seu capital de masculinidade a fim de hierarquizar posições. Antes mesmo da interação face a face, os *IntelliMen* criam as situações de homosocialidade em suas conversações, antevendo a reação dos outros homens face a sua expressão masculina:

“Muitos de vocês aqui, IntelliMen, ao decidirem abandonar a pornografia, a parar de olhar as mulheres na rua, a parar de dizer palavrões e bobagens, a ser educado, cortês...o que vocês acham que seus amigos vão começar a dizer? Hummmmmmmmm, esse aí mudou de lado..está jogando no outro time. Então, não seremos homens aos olhos do mundo. É importante ressaltar isso. A sociedade vai pensar que não somos homens. Mas seremos homens aos olhos de Deus” (Itrainer Cristiano).

Ao pensar na sua nova apresentação de si, o indivíduo antecipa a crítica dos outros e suas reações, recriando-as na conversação interna com base em seu conhecimento interno do social. Isso remete à visão de Mead, em sua consideração do “critical self” ou “outro generalizado” (incorporação das regras e normas sociais), posição duramente criticada por Archer, que acreditava se tratar de conflationismo descendente, isto é, uma explicação da sociedade por meio da força das estruturas (Vandenberghe, 2010). Ainda com Vandenberghe, destaco a importância de uma conversação intrasubjetivamente intersubjetiva, isto é, a presença

do “Outro” como participante de nossas conversações, o que Wiley (1994) atribuiu como incorporação dos *selves*, fundamental para a crítica da sociedade existente. Pensando por meio do modelo proposto por Vandenberghe, com a inclusão do “outro generalizado”, esses atores tecem críticas à sociedade, encarada por eles como “machista” e desrespeitosa em relação à mulher. Tomando a herança interacionista de Mead no *accountability* de Garfinkel (1967), entendido aqui como uma “lisibilidade” da ação pelos outros atores, os *intellimen* sabem que para serem aceitos como homens perante outros, precisam necessariamente agir dentro de um parâmetro de normalidade. O que ocorre é que tal parâmetro não é universal, por conta da pluralidade de masculinidades existentes, porém, sabem que certos homens, os “machos”, percebem a ausência de narrativas sobre as conquistas sexuais e os modos mais refinados como uma forma de homossexualidade.

A percepção dos atores com relação às críticas de outros homens revela dois fatores importantes. Primeiro: a existência de masculinidades distintas. Segundo: um jogo de jocosidade, fazendo referência à uma forma subordinada de masculinidade (homossexualidade), “feminizada simbolicamente” em seus discursos (Almeida, 1995). Vemos que o *Itrainer* reflete sobre a expressão da “masculinidade *Intellimen*” diante outros homens cuja identidade masculina é outra. A experiência acumulada pelo *self* indica que os “machos” considerariam os *intellimen* como homossexuais, ao fazer referência à expressão “hummmmmmm, esse aí mudou de time”, caracteristicamente utilizada no Brasil para se referir aos “homossexuais, os afeminados”. Porém, os *intellimen* devem contentar-se em serem homens aos olhos de Deus.

Entretanto, essa construção de si como homens gentis, educados e cavalheiros também envolve um risco: o de se feminilizar demais. “*Não estamos falando de se tornar um metrossexual, ok? (O que resultaria em expulsão do IntelliMen na certa...)*”. Dessa forma, tornar-se um *IntelliMan* exige um equilíbrio cuidadoso para não ser um “bruto”, mas tampouco tornar-se um “fresco”. É interessante notar que a mesma argumentação atribuída aos outros no processo de atribuição de masculinidade nas situações de homosocialidade é adotado pelos atores para criticar o que consideram uma “masculinidade subordinada”, no caso, homens excessivamente sensíveis. Para eles, o homem “sensível demais” tem atitudes femininas, pois em seu esquema de ordenamento de gênero, a mulher é quem possui a característica da emotividade e da sensibilidade. Vejamos como exemplo o seguinte desafio:

Desafio #31

Sabe o que é pior do que uma mulher emotiva? Um homem emotivo. Há uma razão porque Deus fez o homem naturalmente menos emotivo que a mulher. Afinal, era ele que teria de caçar e trazer comida para casa e enfiar a espada no estômago do inimigo que quisesse tomar sua terra. Imagine um homem emotivo fazendo isso. “Eu preciso matar aquele veado, mas ele é tão bonitinho... ównnn parece o Bambi!” Iria morrer de fome. “Se aquele cara vier lutar comigo, eu não vou enfiar essa espada nele não... Ai, me dá arrepio só de pensar!” Iria morrer com a espada do inimigo no umbigo depilado dele. Enfim, Deus sabia o que estava fazendo. Homens são menos emotivos porque precisam mostrar força, segurança, coragem, persistência e outras qualidades primariamente masculinas—para o bem de si mesmos e de suas famílias. Mas neste mundo avesso que vivemos, a nova moda é o “homem sensível”. Ele chora, usa brinco, se ofende com facilidade, usa os cremes da esposa escondido quando os dele acabam e faz as sobrancelhas.

O “umbigo depilado”, as expressões “ównn” e “dá arrepio só de pensar”, “chorar”, “usar brincos e cremes da esposa” e “fazer a sobrancelha” são caracterizações atribuídas aos homossexuais. Assim, a “masculinidade *intellimen*” seria um meio termo entre a “masculinidade do macho” e outra masculinidade subordinada, identificada à homossexualidade/metrossexualidade. É importante ressaltar que os atores acreditam que, em relação à “masculinidade do macho”, a masculinidade *Intellimen* é subordinada e, por isso, antecipam a jocosidade do outro para com eles.

No processo de construção de si, os atores constroem sua identidade masculina em oposição a esses dois modelos de masculinidade. Todas elas compõem a masculinidade hegemônica, na visão de Almeida (1995) e, por isso, estão presentes. Nas conversações internas, os atores identificam se determinada característica pertence a um dos dois modelos, para então se redefinir, transformando o *self* nesse processo. O importante é que o *intelliman* atinja o equilíbrio desejado, sem ser um bruto e tampouco um “afeminado”.

“Fiz uma reflexão e percebi que era muito duro e agressivo com meus filhos e minha esposa, por ter tido uma formação militar. Não dava carinho para eles e só sabia distribuir ordens. Então, decidi mudar, ser mais aberto, conversar, ter diálogo, ser carinhoso com a minha família. Todos notaram minha mudança e ficaram muito felizes. Vou me esforçar para continuar me policiando e não deixar o meu lado bruto tomar conta. O segredo é não ser nem 8, nem 80” (Paulo Isidoro, 38 anos, militar).

Eu me afetava com qualquer crítica. Ficava magoado facilmente, deixava transparecer uma fraqueza e isso não era bom. As pessoas me falavam que eu precisava ser mais forte, menos emotivo. Comecei a pensar por que eu era assim. Talvez porque eu fui muito mimado pelos meus pais, ou uma insegurança que eu tenho de achar que as coisas não vão dar certo e aí eu fico angustiado e sensível. Mas eu

mudei e não quero mais ser assim, já estou trabalhando isso em mim e tenho certeza que serei um homem mais forte e menos emotivo no futuro” (Jefferson, 33 anos, autônomo)

De acordo com Renato Cardoso, os homens estão fracos e as mulheres vem se queixando dessa fraqueza, pois não teriam mais o “porto seguro” e a “cabeça” da relação, algo desejado por elas, no esquema de divisão de percepção dos *IntelliMen*. Em resposta a alguns desafios específicos, muitos atores atribuíram o aumento dos “afeminados” por conta de maus exemplos da mídia e também a sociedade moderna, responsável, segundo eles, por “bagunçar os papéis” dos homens e das mulheres. Percebemos então como esses atores constroem, por meio de suas reflexões e ações, os gêneros, atribuindo ao feminino e ao masculino diversas categorias ontológicas e usando termos vinculados ao gênero feminino para diminuir o valor de certas atitudes masculinas. Entretanto, vale ressaltar que, para esses atores, não se tratam de qualidades negativas *a priori*, mas sim julgadas inadequadas ao gênero masculino. Assim, o homem que apresenta reações consideradas naturais para uma mulher como, por exemplo, cuidado excessivo com a beleza, choro fácil e indecisão é construído como “afeminado”.

Evidentemente, tal termo é relacionado, no contexto brasileiro, à homossexualidade. Conforme aponta Almeida (1995), o homossexual é percebido como aquele que performatiza características socialmente atribuídas ao outro gênero (jeito de falar, postura, sensibilidade, emotividade, etc.). Dessa forma, o homem fraco é percebido como “afeminado”, pois, na visão dos atores, seu comportamento remetaria a um sexo frágil, o feminino. O repertório normativo dos atores também associa o afeminado a “emotivo”, isto é, aquele homem que se deixa levar pelas emoções. Segundo eles, o emotivo é incapaz de ser disciplinado, pois como é guiado pelas emoções, evita a sensação ruim, não quer experimentar a tristeza, mas somente a sensação boa. Por isso, não gosta de ser corrigido e se o é na frente dos outros, “dá ataque e chora”. Assim, o homem emotivo é visto como “melindrado”. Segundo Renato Cardoso, “os homens tem que parar com essas maricagens. Estão parecendo mulher! Não tem mais homem de fibra! As mulheres hoje evoluíram muito mais a questão da administração das emoções, tem mais cabeça, estão avançando, estudando! Tem mulher com muito mais autocontrole do que homem”. Ele acrescenta que o homem não pode viver pelas emoções, pois diante a primeira fraqueza, desiste de tudo. “O emotivo age igual a criança, bate o pé e fala que não quer e chora escondido em casa, ou fica chorando para a mulher. Ele se entrega”. É

interessante ressaltar que além da feminização, o emotivo/afeminado também é infantilizado por não saber conduzir e controlar suas emoções a partir da perspectiva masculina construída pelos *IntelliMen*. Na divisão de gênero do *Intellimen*, cabe ao homem ser controlado e gerenciar suas emoções para poder providenciar “suporte emocional” à mulher, a qual também deve buscar o autocontrole. Entretanto, a emotividade é aceitável e considerada normal no sexo feminino.

Logo, a masculinidade não é algo naturalmente dado, mas construído reflexivamente pelos atores e também conquistada na interação com os outros. Por isso, a questão da performance é fundamental para compreender a produção de toda masculinidade e também a aceitação dela enquanto masculinidade legítima perante outros atores.

O jantar IntelliMen: um estudo etnometodológico

A fim de compreender melhor a performatização dessa masculinidade e também a avaliação e julgamento dos *intellimen* acerca dos outros homens, apresentarei um interessante episódio etnográfico, no qual tive a oportunidade de jantar com três interlocutores, participantes do projeto. A fim de comemorarem os resultados obtidos no *IntelliMen*, Élber, Adílson e Ricardo decidiram realizar uma pequena confraternização em um restaurante de comida árabe na zona leste de São Paulo. Após a reunião mensal do *Intellimen*, saímos do Templo de Salomão em direção ao restaurante.

Adílson e Ricardo estavam vestidos com calça e camisa social (para dentro), com cinto e sapato. Cabelos bem aparados e delineados com gel, rosto bem barbeado. Élber estava trajado de maneira mais informal: calça jeans, uma camiseta polo e tênis, porém, também estava barbeado e com o cabelo cortado recentemente. Os três conversavam sobre a palestra de Renato Cardoso acerca da importância da disciplina. Adílson afirmou que assim que chegasse em casa, começaria a organizar a mesa que usa como “escritório”, guardando livros na estante, jogando papéis e objetos inúteis para ter um “ambiente melhor”. Todos estavam de acordo com o Bispo¹³⁰ Renato de que a falta de disciplina era responsável por não atingirem o que almejavam. Segundo eles, a disciplina aumentou muito desde que começaram o *IntelliMen*, mas precisam melhorar ainda mais.

¹³⁰ Em nenhum momento usaram o termo *Itrainer* para se referir a Renato Cardoso.

“O mais difícil é vencer a preguiça no final de semana. Trabalho tanto que só quero dormir, mas preciso aproveitar o tempo também para fazer algo que acrescente”, afirmou Élber. Os colegas concordaram e disseram que é importante acordar cedo mesmo aos sábados e domingos, para aproveitarem o dia. Na opinião deles, acordar apenas uma hora mais tarde do que o usual durante a semana seria o máximo permitido, a fim de não “bagunçar” o horário de sono e também aproveitar o período de folga para ficar com a família, realizar outras atividades e organizar a semana. Percebemos uma verdadeira forma de *accountability* (Garfinkel, 1967), isto é, da capacidade dos atores de relatar suas atividades no *IntelliMen*.

Enquanto discutiam sobre a importância e estratégias para ter mais disciplina e os momentos engraçados da reunião, a calçada estreita da Avenida Celso Garcia obrigou que parássemos e abríssimos caminho para uma mulher que vinha na direção contrária. A jovem de cabelos longos, decote generoso e uma microsaia, chamava a atenção e recebia galanteios dos outros homens na rua. Imediatamente, fui para o lado esquerdo com Adílson, enquanto Élber e Ricardo deslocaram-se à direita, abrindo um corredor para a passagem da transeunte. Olhei para seus rostos e os que estavam do lado mais próximo à rua olhavam para o movimento dos automóveis, enquanto que Adílson olhava para o chão.

Ao contrário dos outros homens que ocupavam a calçada, ou a porta dos comércios, seus olhares não seguiram a moça em seu caminho. Élber brincou com o corrido e afirmou que “bateu na trave e voltou. Eu nem olho”. Os amigos riram e concordaram, dizendo que esse tipo de situação acontece e que se cederem uma única vez, o hábito, considerado por eles como repulsivo, voltará com força total e estimulará seus pensamentos. Ricardo disse que as mulheres poderiam se vestir com mais recato, valorizando sua pessoa por meio de outros atributos. “Claro que o correto é não mexer e nem olhar, mas, infelizmente, os outros homens não fazem isso. É uma questão prática. Mas, sinceramente, ali acho que ela gosta de ouvir as gracinhas dos caras na avenida”.

O episódio também serviu para que se recordassem sobre seu antigo *self*. Todos afirmaram que antes ficavam “filmando”¹³¹ a mulher e chegavam até mesmo a mudar seu trajeto só para continuar olhando. Isso despertava neles a vontade de se masturbar, de sair com outras

¹³¹ Termo popular para encarar uma pessoa, olhando-a de cima a baixo, como se estivesse filmando com uma câmera.

mulheres e de assistir à pornografia. Além disso, isso levaria também a comparar a esposa ou namorada a determinados atributos físicos, diminuindo o valor da companheira. “Já cheguei a reclamar que minha esposa estava gordinha porque eu a comparava com outras mulheres”, afirma Ricardo. Todos concordam que isso traz problemas à vida amorosa. “E quando a minha namorada me pegava olhando? Tadinha, ela ficava tão mal, chorava, a gente entrava em crise. Eu fico triste de ter feito tudo isso. Sorte que hoje eu mudei e só olho para ela” (Élber). Os amigos elogiaram essa transformação e ressaltaram a importância de continuar a disciplina. Vale ressaltar como a reflexividade em torno da memória. “Nessa forma de reflexividade é propiciado um acesso à verdade, verdade que é conhecida na forma do reconhecimento (...) O sujeito encontra-se modificado, pois é nesse ato de memória que ele opera sua liberação (...) seu retorno a seu ser próprio” (Foucault, 2010, p. 413).

Chegando ao local, sentamo-nos em uma mesa e pedimos esfihas, kibe e um suco. Élber pediu uma salada com uma porção de homus e um pão sírio, pois afirma estar fora do peso ideal, precisando emagrecer. Sua conduta foi elogiada pelos colegas, que disseram que não pode ter exceção se a pessoa quer realmente entrar em forma. É importante ressaltar que a escolha do restaurante se deu pelo preço. Trata-se de um dos raros locais em que se pode comer por cerca de dez reais em São Paulo. No momento, todos afirmam estar mais disciplinados com a vida financeira, controlando o orçamento e evitando gastos inúteis. Eles comentaram como essa mudança os obrigou a começar a levar marmita para o trabalho, a fim de economizar. Antes, comiam em restaurantes com os colegas. Agora chegam a economizar, segundo eles, cerca de 400 reais por mês. “Já é o valor de uma prestação”, diz Élber. Ainda explicam que, no começo, sentiam-se mal pelo isolamento e também pelas brincadeiras dos colegas, mas que o dinheiro economizado os ajudaria a colocar as contas em dia e também, futuramente, a abrir o próprio negócio, grande sonho dos três.

Élber, que já teve problemas de infidelidade conjugal em sua relação, enviou uma mensagem via *WhatsApp* para sua noiva, dizendo onde estava e com quem estava, além de declarar que a amava muito. Pediu então para tirar uma foto conosco e mandar a sua companheira, pois, segundo ele, isso tranquiliza, gera segurança e é uma forma dela se sentir valorizada e lembrada. Os amigos adoraram a ideia e fizeram uma self com o “soco inteligente”. Ricardo e Adílson pediram a foto a Élber, para enviarem também a suas esposas para que elas se sentissem seguras, sabendo onde eles estão. Na perspectiva desses atores, essas atitudes

fortalecem uma relação amorosa, minimizando problemas como ciúmes e aprofundando o relacionamento, uma vez que “um vai saber tudo do outro, sem segredos”.

Assim que o pedido chegou, temperamos as esfihas e começamos a comer. Peguei uma esfiha com a mão, embrulhada em um guardanapo e percebi olhar de reprovação e passei a comer com garfo e faca, como eles faziam. Nenhum deles falava com a boca cheia e o ritmo da mastigação era moderado, apesar da fome. Enquanto isso, um grupo de jovens instalou-se em uma mesa próxima à nossa. Eram cerca de quinze pessoas, garotos e garotas, que conversavam animadamente e riam em alto volume. Pediram cervejas e os meninos desafiavam para “virar a lata”, isto é, tomar toda a quantidade da bebida em um só gole, sem tirar a latinha da boca. Enquanto isso, os *Intellimen* observavam a cena ao lado e teciam comentários. Segundo eles, os rapazes se comportavam assim para impressionar as garotas. “Querem mostrar que são machões, aí fica um desafiando o outro. Também são assim porque estão em grupo, aí eles querem também impressionar os amigos”. Para Élber, é difícil na idade dos jovens deixar a pressão do grupo e “pensar por si só”. Na visão dos meus interlocutores, são sacrifícios que muitas vezes os mais novos não estão dispostos a fazer, pois “precisa de muita força para dizer não ao que os outros pensam”.

Adílson e Ricardo lembraram-se de quando eram mais jovens e o que faziam naquela idade. “Era bem parecido. Queria impressionar todo mundo, ser aceito e também me relacionar com as meninas. Só que aí hoje eu penso, será que eu era realmente eu? Acho que não, pois eu pensava só em função dos outros”. Para eles, os jovens correm o risco de experimentarem drogas pela “força do grupo” e não se aplicarem nos estudos. É interessante ressaltar a análise do *self* passado, por meio da memória, em que o atual *self* se compara e percebe a transformação pela qual passou. Essa prática em relação ao passado é muito presente também nos cultos, em que as pessoas são incentivadas a realizar testemunhos para falarem de si no passado, a respeito de seus vícios, fraquezas e projetos que, muitas vezes, são totalmente contrários ao que o sujeito idealiza atualmente como ideal para seu presente plano de vida. A mudança é tamanha que leva à pergunta “eu era realmente eu?” Claro que o sujeito que realiza a pergunta foi completamente transformado e o seu *self* presente é uma coletânea de diversos outros que ficaram no passado, contribuindo com informações, perspectivas, saberes, ideias e moralidades distintas. Entretanto, a questão de Ricardo parece estar mais ligada às possibilidades de ação do indivíduo face às condições do contexto social que o cerca. No caso,

em sua leitura, o grupo realizaria uma tal pressão, por meio de seu conjunto de regras, impedindo a capacidade de ação e tomada de decisões pelos atores. Perguntei-lhe então como ele deixou esse “tipo de grupo” diante de “tamanho poder” que ele atribuía ao mesmo?

Sua resposta foi a religião evangélica. Aos 21 anos, deprimido e desempregado, decidiu começar a frequentar os cultos da Assembleia de Deus, em seu bairro. Segundo ele, começou a perceber que não precisaria fazer coisas que lhe desagradavam, ou pertencer àquele mundo. Para ele, a religiosidade foi uma forma de conquistar maior autonomia, ao poder se afastar de antigos amigos e construir um novo projeto existencial para si. Indaguei-lhe, então, se ele não estaria, de acordo com sua visão, substituindo o grupo que o controlava por outro. “Não, porque eu não fazia necessariamente tudo o que eu deveria fazer. Continuava ainda a viver uma vida errada. Depois troquei de igreja e fui para a Universal. Se fosse controlado, teria mudado de vida imediatamente e teria continuado na Assembleia”. Segundo ele, após ir à Igreja começou a ter força para dizer não e se sentir forte e confiante em relação aos outros e ao mundo. “Com Deus do meu lado eu me sentia preparado para mudar de vida, recusar o que achava errado e ir atrás das minhas verdadeiras vontades”.

Observamos aqui, assim como na parte II, como os atores atribuem à religiosidade uma responsabilidade pelo empoderamento do Eu, uma vez que afirmam contar com a ajuda divina que os fazem se sentir mais fortes para seguir adiante com seus projetos existenciais. Após os comentários sobre os jovens do restaurante, terminamos o jantar e pedimos a conta. Assim que pagamos, os homens contataram suas companheiras por ligação, ou *Whatsapp*, e prontamente avisaram que estavam saindo naquele momento. No caminho para o metrô, voltamos conversando sobre amenidades e novas mensagens foram enviadas para informar onde estavam.

O cuidado de si: a produção do corpo Intelliman

Conforme mencionado nos capítulos anteriores, há uma preocupação dos *Intellimen* com relação ao corpo e a apresentação de si. Em um desafio, de número #11, sugere-se aos homens que pratiquem alguma atividade física três vezes por semana, durante uma hora. O treino físico não tem como objetivo transformar em “aberração fisiculturista, ou ter um abdômen tanquinho”, mas sim auxiliar a ter mais saúde e disposição. A questão da forma física é pensada também por meio de outros desafios como, por exemplo, sobre a reflexão do peso

ideal, que ensina a realizar o cálculo de IMC (Índice de Massa Corporal), o qual deve ficar entre 18.5 e 24.99. Além disso, o cuidado com a alimentação deve ser constante e o homem deve evitar comidas pesadas e gordurosas, “pois fazem mal à saúde e engordam”.

“Estava gordo, acima do peso, mas agora estou fazendo academia três vezes por semana e caminhada todos os dias. Comecei a investir mais em saladas e já perdi 15 kg. Minha família me elogiou, percebi que as pessoas estão me olhando com respeito, bem arrumado, quase no meu peso ideal. Estou com mais disposição e saúde” (Rodolfo, desenhista industrial) ”.

Além da questão da saúde, a forma física também é percebida como necessária para a boa manutenção da relação amorosa, uma vez que o homem também “deve se cuidar para a mulher”, na visão dos atores. Assim, atingir um ideal de corpo belo também é uma preocupação dos *Intellimen*. Isso se reflete no cuidado com a higiene corporal como as recomendações aos banhos diários, escovação da língua e idas periódicas a um dentista. Em uma comparação com as mulheres, Renato Cardoso disse que sente dó de esposas e namoradas, pois os homens não teriam o menor cuidado com sua aparência. Desleixados com relação a roupas e à higiene pessoal, ou seja, à “apresentação pessoal”, não conseguem ter sucesso em sua vida profissional e amorosa, na avaliação do projeto.

Uma medida pedida pelo *itrainer* Renato é justamente a aquisição de uma boa fragrância, “não podendo ser aquela de cinco reais da 25 de março¹³², pois o homem deve passar uma excelente impressão. O cuidado com as roupas também deve ser impecável: limpas, em bom estado, passadas e sempre combinando os itens. “Sabe essa questão da imagem pessoal é muito importante. As pessoas se sentem mais confiantes com alguém bem arrumado, limpo e educado. Eu percebi isso depois da minha transformação”.

No Jornal Folha Universal, publicação semanal da IURD, há uma “Coluna do *Intellimen*”, abordando diversos assuntos, inclusive temas como moda masculina. Segundo o colunista, Bruno Figueiredo, da mesma forma que as pessoas compram um produto por uma embalagem, uma oportunidade de negócio, ou de emprego pode ser decidida pela aparência. Por isso, ensina os homens a se vestir de forma elegante para seus compromissos profissionais e sociais, com dicas de estampa, modelos, etc.

¹³² Famosa rua de comércio popular e ambulante na cidade de São Paulo.

O cuidado de si do *Intellimen* envolve uma transformação do sujeito, tanto que o desafio #31 sugere que o homem tire uma foto do seu antes e depois, para se motivar e também incentivar outros. Aliás, a espiritualidade evangélica remete à discussão de Foucault sobre a questão do cuidado de si e o conhecimento de si moderno. Segundo o autor, o cuidado dos antigos pressupunha uma transformação do sujeito para que cada um pudesse ter acesso à verdade. O “preço a se pagar” pela verdade é a modificação da existência, a renúncia, a ascese (Foucault, 2006, p. 19), enquanto que o modo de conhecimento moderno não implica a transformação do eu, mas apenas a adequação às condições do ato de conhecimento. Ou seja, “é do interior do conhecimento que são definidas as condições de acesso do sujeito à verdade” (idem, p. 18). Em oposição ao conceito moderno, Foucault classifica o cuidado de si como *espiritualidade*. Os *Intellimen* e o conhecimento que promovem em torno de si exige uma transformação, porém, diferentemente de Foucault, a verdade aqui é estabelecida pelo próprio sujeito, enquanto preocupação última a ser atingida. Dessa maneira, a transformação não é condição para acesso a verdade, mas sim a verdade estabelecida pelo sujeito é uma condição para a construção de um *modus vivendi* adaptado a essa verdade.

Capítulo 15. A transformação nas relações íntimas e a reação *Intellimen*

Antes de entrarmos na discussão em torno das atribuições dos atores em relação a relação afetiva, cabe aqui analisar as mudanças envolvendo as relações entre homens e mulheres na modernidade, a fim de delinear o contexto no qual os atores irão agir e face ao qual produzirão críticas e tentativas de solução para os problemas contemporâneos da família. Segundo Beck (2011), a família nuclear burguesa foi o modelo necessário para a sociedade industrial no século XIX, pois o trabalho remunerado pressupõe trabalho doméstico. Dessa forma, temos que a estruturação moderna da sociedade industrial exigia para seu funcionamento um elemento antimoderno, isto é, “estamentos modernos”, com a atribuição *a priori* de papéis fundamentais para os indivíduos desde que nascem, de acordo com seu gênero. Ao homem, cabia o sustento da casa e o trabalho remunerado, enquanto que a mulher ficava relegada aos afazeres domésticos e o cuidado dos filhos. Enquanto o mercado exigia autonomia e mobilidade, a família produzia uma exigência contrária: o sacrificar-se pelo projeto coletivo familiar (idem, p. 164).

Nesse contexto, as relações são marcadas pelo que Giddens denomina “amor romântico”, isto é, uma forma de amor feminilizado surgido no século XVIII, que implica a idealização do cônjuge e um projeto de vida em comum, escolhido por ambos, o casamento “até que a morte nos separe”. Para Giddens, nesse ideal de amor, a divisão de papéis de gênero é fortemente marcada, com a “subordinação da mulher ao lar e ao seu relativo isolamento do mundo exterior” (Giddens, 2003, p. 54). Essa modalidade amorosa incorporou elementos do *amour passion*, ou seja, do desejo pelo outro e da sexualidade, mas sem cair na luxúria, pois esse amor prevê um contato com o outro de forma reparadora, a fim de preencher seu vazio (idem). Assim, a grande característica do amor romântico é a construção de um futuro em comum, de uma vida compartilhada e de um projeto de família. Enfim, um amor para toda a vida, associado à noção de casamento estruturado por uma divisão rígida entre papéis de gênero.

A destraditionalização das classes sociais e o avanço da individualização abriram as portas do mercado de trabalho às mulheres, que passaram também a ter possibilidades de formação, com a expansão escolar, antes restritas aos homens. Dessa forma, na segunda fase da modernidade, a construção de uma biografia pautada na carreira é também estendida às mulheres. Assim, a modernidade que produziu a própria contramodernidade, com elementos

estamentais dentro da sociedade industrial, volta-se contra si mesma para libertar as pessoas em relação aos papéis estamentais de gênero (Beck, 2011). Essa ruptura gera uma grande incerteza com relação ao casamento, família, amor, maternidade, paternidade. Ao mesmo tempo, o trabalho doméstico torna-se cada vez mais desqualificado por conta do avanço tecnológico, a modalidade jurídica do divórcio e a garantia legal de igualdade e o controle da reprodução por meio de métodos contraceptivos acentua o processo de individualização e as mulheres passam a se libertar e a pautar suas vidas não mais no papel a elas restrito, mas sim em sua autorrealização, que compreende, na maior parte das vezes, a carreira profissional e acadêmica.

Na visão de Beck, a derrocada do sentimento de pertencimento a uma classe, a perda de relações de vizinhança com o surgimento de modelos de habitação cada vez mais individualizados e menores deixa o indivíduo cada vez mais só e essa solidão, por um lado, reviva a necessidade do relacionamento amoroso. Entretanto, como ele se dará sob essas novas bases? As mulheres já não se sujeitam à dupla jornada de trabalho, isto é, o emprego e os afazeres domésticos e o cuidado dos filhos, exigindo dos homens participação nessas tarefas cotidianas. Muitas vezes, os homens não aceitam a realização dessas atividades, tampouco sua dedicação exclusiva a eles em detrimento da realização profissional da esposa. Soma-se a isso um capitalismo de mercado que exige cada vez mais flexibilidade e mobilidade, aumento das jornadas de trabalho, o que exige que o indivíduo esteja cada vez mais disponível às demandas do capitalismo contemporâneo. Nesse cenário, o número de divórcios passa a aumentar exponencialmente. Segundo o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, um aumento de 160% nos últimos dez anos. Além disso, a média de anos de casamento caiu de 19 para 15 anos. Isso significa que, atualmente, de cada quatro casamentos, um termina em divórcio.

Paralelamente, muitas mulheres decidem ter um filho sozinhas, ou seja, “mãe solteira” passa a ser uma opção, assim como pessoas que decidem não mais ter filhos. Quando há crianças, estas muitas vezes convivem em famílias alargadas: novos cônjuges e filhos dos pais biológicos. A conclusão de Beck (2011, p. 179) é que “as pessoas estão se libertando da capa estamental dos sexos que se havia transfigurado em natureza”. Segundo ele, todas essas mudanças produzem uma verdadeira *sociedade de solteiros*, sendo o solteiro o símbolo da modernidade. Entretanto, isso não significa o fim do relacionamento amoroso, uma vez que a solidão produzida pela modernidade leva muitas pessoas a procurar alguém para compartilhar

seus projetos de vida, algo perceptível por meio dos inúmeros aplicativos de encontros amorosos existentes atualmente. Porém, quais seriam as bases da relação destradicionalizada, sem a implicação do casamento baseado em papéis definidos e na subjugação feminina? Trata-se do modelo de relação puro, ou amor confluyente, elaborado por Professor Giddens. Ao contrário do amor romântico que projeta uma identificação com relação ao outro, o relacionamento puro implica o estabelecimento da intimidade.

Os dois parceiros devem se consagrar igualmente à relação e o amor se desenvolve justamente pelo crescimento da intimidade e do conhecimento do outro. Fortemente baseado na sexualidade plástica, o prazer do sexo é fundamental para a manutenção da relação afetiva. A principal característica desse amor é que ele dura conforme o relacionamento estiver bom e interessante para ambos os interessados, caso contrário, a relação é rapidamente desfeita. De acordo com Giddens, a alta taxa de divórcios é justamente um efeito do amor confluyente.

Nesse cenário destradicionalizado, com homens e mulheres libertos de seus papéis estamentais, surge o *Intellimen* e sua tentativa de resolver essa crise. De acordo com o projeto, há uma “fusão dos papéis do homem e da mulher. Se você observar bem, de modo geral, o papel do homem está se aproximando ao da mulher, e o da mulher ao do homem. Isso tem gerado resultados desastrosos nas famílias e na sociedade em geral”. Assim, essa transformação é percebida pelos atores de forma negativa, pois, em sua visão, Deus teria criado o homem e a mulher com características complementares para que houvesse um *equilíbrio natural*. Então, o que os atores querem dizer com isso? Antes de começar a responder a essa questão, vale a pena dizer os atores construíram um complexo cenário em que características modernas e estamentais se misturam. Acredito que Beck diria que se trata de uma tentativa, no estilo de curso de educação familiar, para retornar à família nuclear, retomando os papéis estabelecidos. Porém, como se daria essa complexa transição sem dobrar a modernidade nela mesma, isto é, sem acabar com certos pressupostos de igualdade, ou relegar a mulher às tarefas domésticas? Os homens conseguiriam no atual cenário capitalista sustentar a casa apenas com seu emprego? Para Beck, trata-se de uma missão impossível tentar solucionar o conflito entre família e mercado com a preservação da família tradicional, tampouco com a manutenção das atuais condições de trabalho. É necessário, em sua visão, “que todo o tecido institucional da sociedade industrial desenvolvida seja concebido e alterado de acordo com as condições necessárias para a vida familiar e para a paternidade, podendo aí ser alcançado uma nova forma de equiparação

para além dos papéis femininos e masculinos” (Beck, 2011, p. 185). Assim, as medidas que passem sem tocar nesses pontos são consideradas enganosas. Considerando a importante opinião de Beck, o que os atores formulam a respeito desse novo arranjo?

Antes de mais nada, não há no seio institucional da IURD uma crítica à presença da mulher no mercado de trabalho, pois é algo incentivado e desejado por diversos programas da Igreja, inclusive pelo *Godllywood* (iniciativa de formação de mulheres, similar ao *Intellimen*). Entretanto, o *Intellimen* é claro ao afirmar que “uma das características principais de um homem é ser provedor. Ele luta para nunca se tornar um fardo para ninguém. E quando ele assume a responsabilidade de cuidar de outras pessoas, por exemplo quando ele se casa e tem filhos, ele cumpre essa obrigação” (Desafio #7). Logo, há a construção da obrigação do homem como o maior responsável pelo sustento da casa. Entretanto, a renda mensal é considerada “do casal”, assim, caso a mulher ganhe um salário maior do que o do homem, não deve humilhá-lo, mas sim mostrar que ele contribuiu para o orçamento doméstico. Da mesma forma, o homem não deve se sentir diminuído e utilizar essa diferença como uma motivação para ganhar mais. Assim, a diferença salarial é colocada de lado ao “casar as contas”, construindo um cenário de contribuição mútua.

Para ocupar esse papel de principal provedor, o homem aprende uma série de técnicas administrativas e de investimento, assim como é incentivado a ter total controle de seus gastos por meio de planilhas (bem similar ao que vimos na Parte II). O ideal é que cada um siga o esquema 10-20-70. Dedicar 10% do ganho a Deus, ou seja, ao dízimo, aplicar 20% e viver com os 70% restante. Tal fórmula é tida como um segredo para o sucesso financeiro e para o estabelecimento do homem como provedor. Dessa forma, se não há uma proposição no que tange à vida profissional dos cônjuges, como fica a participação de cada um no ambiente doméstico?

Há toda uma preocupação com a construção do papel masculino na relação, cabendo ao homem liderar o casal, mas não de forma autoritária, mas sim escutando e debatendo diversos assuntos com a mulher. Porém, cabe a ele proteger, cuidar e defender. Entretanto, a mulher não é construída como naturalmente indefesa. Segundo os atores, ela pode fazer tudo isso, mas opta por escolher um homem que possa fazer por ela. Nisso, o homem é eleito como o cabeça da relação e precisa saber, então, cortar a mulher quando ela propõe gastos

inúteis, ou punições descabidas aos filhos. “A voz da mulher é sedutora, a Bíblia já alerta. Não se pode deixar levar por ela. Tem homem que chega em casa, a mulher fala ‘ah, o Joãozinho aprontou isso e fez aquilo’, já incitando a descer o braço no filho e tem homem que vai lá e faz” (Renato Cardoso). Segundo os *intellimen*, o homem é naturalmente programado para ouvir a voz da mulher e obedecer. Por isso, deve vigiar a voz feminina. O Bispo Macedo é citado como um exemplo do peso da mulher, uma vez que nunca ligou para as “perseguições e preconceitos” que sofreu, mas que a voz de Ester (esposa do Bispo), “pesa”. Assim, o homem precisaria saber “filtrar” o que sua esposa diz para bem conduzir a casa, mas sem deixar de ouvir a esposa.

No que tange à questão da divisão das tarefas domésticas, o homem deve ajudar a limpar e a arrumar a casa, dividindo o máximo possível com a esposa. Entretanto, a maior parte do trabalho fica sob a responsabilidade da mulher, como indicam os diversos desafios do *Godllywood*. Aliás, é importante pensar a complementaridade dos projetos para compreender o reforço na atribuição do papel de cada gênero. O repertório normativo dos atores indica também uma preocupação em elogiar a mulher em relação a diversas questões: aparência, conquistas profissionais, sabor da comida, etc.

“Antes eu não ajudava em nada. Hoje, lavo toda a louça e assim minha mulher pode dormir mais cedo. No final de semana, também limpo a casa, arrumo a cama todos os dias. Isso melhorou muito nosso casamento. Antes a gente brigava muito porque ela ficava com tudo da casa para fazer. Agora que está tudo bem dividido, ela está feliz e eu também”. (Gilson, 31 anos).

“Sou um filho melhor e comecei a ajudar minha mãe em casa. Lavar e passar minhas roupas. Hoje ela tem mais tempo para ela (Júnior, 19 anos).

Assim, uma solução para o impasse entre projetos individuais das mulheres e atividades domésticas passa pela assumpção de boa parte do trabalho do lar pelos homens. Outro problema constante percebido pelos atores é a falta de tempo para a intimidade por conta das ocupações profissionais. O tempo com a família é cada vez mais escasso, o que é lido pelos atores como prejudicial à sua manutenção. Por isso, propõem-se engajar em uma série de atividades com a esposa e os filhos para restabelecer laços enfraquecidos. O programa propõe que os homens façam surpresas, convidem para jantar, escrevam bilhetes, saiam para passear, assistam a um filme que elas queiram, etc. Para os *intellimen*, realizar atividades que agradam às esposas é fundamental para o bom funcionamento da relação. Segundo eles, o

desenvolvimento de características como a “atenção e o carinho” ajudam a superar eventuais problemas e trazem felicidade para a relação. Além disso, agradecer implica conhecer a outra pessoa, o que obriga maior interação do marido com a esposa, a fim de descobrir mais sobre seus anseios e projetos.

No que tange à paternidade, o projeto estimula também os pais a passarem mais tempo com os filhos, a fim de conquista-los. Segundo os atores, os filhos passam a se desinteressar dos pais por conta da falta de contato e também pela má conduta. Assim, a paternidade exige, na visão dos *Intellimen*, uma postura exemplar para que o filho tenha orgulho e respeito pelo pai. Em uma palestra sobre a disciplina familiar, o Bispo Clodomiro ressaltou a importância da conduta do homem, que deve ser irrepreensível para conquistar os filhos e servir de exemplo”. Segundo ele e Renato Cardoso, o pai deve participar de atividades com a criança, ajudá-la nos deveres de casa, “chamar a atenção do filho” e realizar atividades de lazer para depois, na “fase rebelde”, o filho continuar no caminho do Espírito Santo, o que só pode ocorrer se a criança amar e admirar o pai.

Na visão de Clodomiro e Edir Macedo, a ausência do pai destrói a “cabeça” da família, resultando em núcleos familiares desestruturados, com filhos que incorrerão na delinquência. Aliás, ambos citam que os ex-bandidos convertidos são todos oriundos de famílias mononucleares, sem pais presentes, ou com pais com “má conduta”, alcoólatras e/ou adúlteros e violentos. A estruturação familiar é destacada por Souza (2012) como um importante fator na vida das classes populares, permitindo uma condição mais digna de vida, quando todos trabalham pelo ideal da família. O cenário delineado por Jessé indica basicamente o modelo familiar dos batalhadores de uma geração anterior, que saíram de condição extremamente miserável de ambiente rural para se estabelecer nas periferias das grandes cidades. Nesse caso, não há espaço para a realização de projetos individuais, uma vez que o grande projeto existencial é a sobrevivência da própria família, impulsionada pelo temor de retornar a um estado de pobreza extrema. Nisso, o homem, provedor do lar, submete-se a jornadas de trabalho extenuantes e a esposa dedica-se completamente ao lar e ao cuidado dos filhos, acumulando por vezes também trabalhos como faxina e “bicos” para ajudar o marido no sustento da casa.

A dinâmica individualizatória da modernidade não atinge a todos da mesma forma e, segundo Beck (2011), a tendência de casar e ter filhos é maior entre os mais pobres, como observado na Alemanha. Considerando o trabalho de Souza (2012), tal fenômeno se observa também aqui no Brasil, uma vez que os “batalhadores” atribuem grande importância a tal projeto de vida. No *IntelliMen*, o casamento é considerado como o momento mais importante, que irá estruturar toda a vida, mesmo a espiritual. Porém, dada a importância que os atores atribuem à crise do casamento e da família, percebemos o avanço dos efeitos individualizatórios e da liberação de papéis estamentais. Segundo o IBGE, cerca de uma a cada cinco famílias brasileiras opta por não ter filhos.

Nesse processo, percebemos então uma mudança fundamental na concepção da família entre os atores da Universal. Apesar do programa *Intellimen* não tocar na questão do planejamento familiar, há elementos na Universal que incentivam a opção de não ter filhos e se focar somente no casamento. O Bispo Edir Macedo já se manifestou como contrário a ter filhos “nesse mundo de hoje”, pois eles não seriam de Deus, dadas as condições atuais e que é um “crime colocar criança nesse mundo”. Segundo ele, os inteligentes não têm filhos e, por isso, desincentivou suas filhas à maternidade. Macedo explica que se com “boas referências já é difícil criar um filho, imagina sem. Minha mãe se tivesse se envolvido com outros homens...eu seria um endemoniado, um matador, um terrorista”. No programa televisivo *The Love School*, iniciativa de Renato Cardoso e sua esposa Cristiane Cardoso (filha de Edir Macedo) para orientar casais e debater problemas de relacionamento, os casais são desaconselhados a terem filhos no início do relacionamento, pois isso traz mais dificuldades ao casamento e, por isso, devem esperar até a estabilização da relação.

Em reportagem sobre a opção de não ter filhos, o site da Universal apresentou um artigo sobre esse fenômeno¹³³, com a entrevista de um casal, membro da IURD, explicando sua decisão de não ter filhos para priorizar a carreira profissional e também pelas atuais condições do mundo. Assim, os atores que constroem seus projetos existenciais sem filhos, focando-se na relação amorosa, ou realização profissional não encontram barreiras a seus projetos dentro do ambiente da Universal. O trabalho de Machado (1996) indica que os fiéis da Universal se destacavam pelo uso de métodos contraceptivos em relação às demais denominações. Em

¹³³ Disponível em <http://www.universal.org/noticia/2016/02/15/casais-que-optam-por-nao-ter-filhos-ja-e-tendencia-----35650.html> Acesso em 03/01/2017

minha análise, penso que muitos desses atores encontram situações de vida que os levam a condicionar projetos sem filhos, não encontrando resistência no sistema cultural ao qual pertencem (Archer, 2003). Isso não significa que não haja diversos homens com filhos no *Intellimen*, contudo, há um número considerável de membros que são apenas casados e decidiram não ter filhos, a fim de “focar na relação”.

Assim, os conflitos que existiam entre os cônjuges que queriam ter filhos, mas não abriam mão de seus projetos de autorrealização, esvanecem-se uma vez que muitos casais da IURD não incluem a paternidade/maternidade em seus projetos de vida, construindo uma noção de família baseada na vida a dois.

A sexualidade do casal

Para os *Intellimen*, o sexo é fundamental para o casamento, pois é o que o legitima e garante a verdadeira intimidade entre os cônjuges. Porém, de acordo com Renato Cardoso, os homens não devem apenas se pautar nos desejos sexuais para escolher sua esposa, mas sim em outros atributos. Por isso, a disciplina do olhar deve ser sempre exercitada, mesmo no que se refere a escolher uma namorada. Evidentemente, os homens são orientados a se guardar para suas esposas e não ter sexo antes da consumação do casamento, o que nem sempre ocorre. Ao explicarem o desejo pela mulher, os atores promovem uma divisão básica entre o corpo masculino e o feminino. O corpo do homem é visto como “um jipe”, forte, bruto, feito para o trabalho pesado, enquanto que o da mulher é comparado a um “carro esportivo”, delicado, com curvas e que, por ser diferente, atrai os olhares do homem.

Em uma fala de Renato Cardoso¹³⁴, o sexo é apresentado como a melhor forma de realmente conhecer o outro, o grande segredo da intimidade, uma vez que, em sua visão, a relação sexual deve pensar no prazer do parceiro e não no seu próprio. “Se a gente se importasse só com o nosso prazer, então seria masturbação e não sexo”, diz. Tal definição é encarada por ele como uma prova de que o sexo deve ser um ato de dedicação ao outro e que a mulher, por demorar mais para chegar ao orgasmo, deve ser privilegiada com maiores incentivos como toques e carícias. Assim, o homem deve se preocupar com o prazer da mulher e com sua

¹³⁴ Essa palestra sobre sexo não ocorreu dentro do programa *Intellimen*, mas sim em uma formação do programa Casamento Blindado.

possibilidade de atingir o orgasmo. Caso necessário, medidas como estimulação do clitóris e sexo oral são permitidas para promover o ato sexual. “Se a sua companheira está fria, você precisa saber incentivar, motivá-la a ter vontade de praticar o ato sexual”.

Percebemos então o desenvolvimento da sexualidade plástica, isto é, liberta das necessidades de reprodução (Giddens, 1993), entre os evangélicos. A atividade sexual, segundo o curso ministrado por Renato e Cristiane, deve ser uma constante na vida do casal, pois é o que estrutura a intimidade e, por isso, as pessoas devem ter, no mínimo, três relações sexuais por semana. “Quanto menos você faz, menos você vai querer fazer com sua esposa e pode despertar também o problema da ejaculação precoce”, explica Renato.

Os problemas sexuais: compulsão e desinteresse

Diversos *Intellimen* queixaram-se, em seus testemunhos, sobre seu vício em masturbação e pornografia. O repertório normativo dos atores no que tange à sexualidade indica que esses dois pontos constituem um grande problema para a vida masculina e também conjugal. Na opinião de Renato, a indisciplina e a falta de autocontrole levam à compulsividade sexual. “A culpa do estupro nunca é da mulher, independente de roupa, ou qualquer coisa, mas sim do homem que não consegue controlar seus instintos. Do fiu-fiu na rua, pornografia, vai crescendo essa falta de controle e desemboca no estupro” (Renato).

Na visão dos *Intellimen*, o elemento que aumenta essa compulsão e a sexualidade episódica é a pornografia. Diversos desafios e reuniões abordam a importância de não assistir a vídeos pornográficos devido ao alto risco de adicção. O programa sugere que os participantes assistam ao documentário “Pornografia no cérebro”, realizado por um documentarista inglês, que mostra as transformações da pornografia após a era da internet rápida. O vídeo ainda associa os “compulsivos pornográficos” a usuários de substâncias psicotrópicas, ao mostrar uma pesquisa na área de neurobiologia que indica que o cérebro dessas pessoas é afetado da mesma forma. Segundo o documentário, a pornografia causa grande liberação de prazer e acaba sendo usada pelos usuários para mascarar situações de ansiedade e frustração.

“Hoje você tem acesso a todo tipo de pornografia no computador, ou no celular. Virou algo banal. Todo mundo consegue ver qualquer coisa. Isso está destruindo a vida dos homens. Uma praga, um vício igual cocaína e álcool. A pessoa não consegue se livrar disso, destrói o casamento. É horrível. Hoje, estamos expostos a isso e se não tiver o autocontrole, o homem cai” (Jean, intelliman).

O principal efeito devastador da pornografia indicado pelos *intellimen* é o desinteresse pelo sexo convencional com a esposa. Como aponta Giddens (1993), o caráter substitutivo da pornografia a torna facilmente viciosa. “Os homens começam a preferir o pornô à realidade. Tem homem que não consegue ter sexo com a esposa sem ver um vídeo antes no banheiro. Ou seja, ele se tornou um homem que não consegue mais satisfazer a esposa sexualmente” (Renato Cardoso). Como isso acontece? Segundo os *IntelliMen*¹³⁵ que foram viciados em pornografia, começaram a comparar suas esposas com as atrizes pornôs, desinteressando-se pelo corpo de sua esposa e pelo contato íntimo com elas. Outros começaram a reproduzir as cenas a que assistiam, obrigando as esposas a praticar sexo anal, a aceitar a ejaculação na boca e a repetir o enredo dos filmes. Segundo eles, ao contrário do que possa parecer, isso não apimentou a relação, mas sim trouxe sofrimento a suas esposas e frustração sexual, com a impossibilidade de reprodução das cenas.

A recusa das esposas levou à violência em alguns casos e também à sexualidade episódica, em busca dos prazeres vistos no vídeo. “Queria ter transas igual à dos atores pornôs, com mulheres cheias de silicone, que faziam tudo. Comecei a procurar prostitutas e quando eu fui ver, nem isso mais me atraía, somente os vídeos” (Luciano, 43 anos, casado e ex-usuário de pornografia).

“A pornografia heterossexual exhibe uma preocupação obsessiva com cenas e posições padronizadas em que a cumplicidade das mulheres, substancialmente dissolvida no mundo social atual, é reiterada de modo explícito”. (Giddens, 1993, p. 134).

Há uma convergência entre a análise dos atores e a de Giddens a respeito do caráter violento da pornografia e de seus prejuízos para o relacionamento puro, uma vez que promove a dominação da mulher, retratando a ação sexual como orquestrada e dirigida pelo homem. Tal situação inviabiliza o amor convergente, baseado na exploração mútua e igualitária da sexualidade. Para conseguir romper com o “vício”, os *Intellimen* contam com diversas

¹³⁵ No próximo capítulo, sobre as conversações internas dos *IntelliMen*, abordaremos o caso de Pedro, usuário compulsivo de pornografia. Por ora, deteremo-nos em torno do repertório normativo dos atores sobre a questão pornográfica e seus efeitos.

estratégias tais como bloquear o acesso a sites pornográficos, retirar os canais pornográficos do pacote de televisão por assinatura, apagar todos os vídeos e fotos pornográficos do celular/tablete e não limpar o histórico de páginas acessadas. Assim, qualquer um que acessar o navegador pode saber quais sites foram visitados, levando o usuário a “pensar duas vezes antes de ver pornografia”. Em casos extremos, sugere-se o uso da Internet sempre ao lado de outra pessoa. A prática de esporte e tomar um “banho frio” também foram elencadas pelos atores como uma tática para não pensar em pornografia. “Era escravo disso e aí comecei a me controlar, instalei bloqueador no *Chrome* (navegador de Internet), mas a vontade de me masturbar continuava. Cada vez que sentia que minha cabeça era tomada por esses pensamentos, tomava uma ducha gelada se estivesse em casa, ou começava a meditar na palavra de Deus. Hoje estou curado desse vício horrível”, testemunha Jonas.

Outro problema da pornografia, apontado pelos *Intellimen*, é o estímulo à infidelidade. A relação monogâmica é concebida por eles como a única possível e somente uma mulher basta. “Se uma já dá trabalho, imagina ter mais de uma”, costumam brincar. A infidelidade é encarada como um grande desrespeito à mulher e a Deus. Muitos atores do projeto classificaram tal atitude como devida ao machismo, que não considera a mulher como um igual e, por isso, pode ser desrespeitada. Na visão dos participantes, tratar a mulher como igual implica o desenvolvimento do autocontrole, a fim de ser um cavalheiro todo o tempo e com todas as mulheres. “Você tem que abrir a porta para todas as mulheres, dar o assento no metrô e ônibus, deixar entrar primeiro no elevador, ajudar a carregar algo pesado. Mas se você só for cavalheiro com as mulheres de fora e não com sua esposa, vai criar um problema grave”, explica Renato Cardoso.

Segundo ele, o homem deve entender que não existe amizade com mulher quando se é casado, ou se namora, pois, a proximidade pode gerar atração erótica e mesmo um caso extraconjugal. “Essa proximidade gera uma intimidade perigosa. Claro que isso não significa que você vai ser antissocial com outras mulheres no trabalho. Tem que ser cordial, ter respeito e discrição. Local de trabalho é onde mais acontece traição”, alerta Renato. A medida compreende também deletar “mulheres bonitas” que foram adicionadas no *Facebook* e *WhatsApp* somente por seus atributos físicos. “Homem que faz isso é porque trata a mulher como objeto, fica mexendo na rua. Se parar de fazer isso, vai deixar de olhar. Aliás, para que vai olhar se não vai ter? ”, indaga Renato Cardoso. Tal hábito é condenado pois traz insegurança

à esposa, a qual deixa de acreditar nela e “se cuidar” e, por isso, ela não está mais “tão bonita quanto antes”.

“Hoje tenho olhos só para minha mulher e ela é feliz, porque eu não olho para nenhuma outra e só tenho vontade dela”, testemunha Almir, 52 anos.

Capítulo 16. Analisando as conversações internas e a transformação do *self*

Na elaboração desta terceira parte sobre a temática do gênero, decidi dedicar os primeiros capítulos à uma explanação do projeto *Intellimen*, assim como às classificações e julgamentos dos atores em torno de uma série de questões. Minha intenção era preparar o terreno, apresentando o *IntelliMen*, pensado aqui como um sistema cultural, a fim de que o leitor pudesse ter uma noção acerca de seu conteúdo e funcionamento, enfim, do contexto em que os atores estão inseridos. Assim, optei por não “mergulhar de cabeça” na análise das conversações internas logo de início, mas sim desenvolver o argumento em torno da ação no mundo da vida, para depois deter-me mais detalhadamente nos processos internos que produziram essas ações. Evidentemente, tratam-se de dois processos diretamente interligados, mas que foram fraturados deliberadamente em minha tentativa de atingir maior clareza analítica.

A entrevistas realizadas com três homens não seguiram um roteiro específico, tampouco, à época, tinha em mente a teoria de Archer para enfatizar certos pontos. Porém, nessas conversações cotidianas, os próprios atores abordaram o seu ato de pensar e de conversar consigo mesmos, estimulados pelas tarefas que incentivam a reflexividade interna e que foram mostradas ao longo dos três capítulos anteriores. Além disso, o modo “testemunho religiosos” que muitas vezes operacionalizaram para falar sobre sua vida permitiu o acesso às suas preocupações últimas que são levadas em conta na elaboração de seus projetos existenciais. Nas conversas, todos meus interlocutores relataram momentos em que “pararam para pensar em torno de algo”, utilizando expressões tais como “falei para mim mesmo”, “olhei para dentro de mim e vi”, “analisei minha vida e a minha pessoa”, “meditei”, “refleti”, etc.

Dessa forma, os atores expuseram suas próprias conversações internas ao contarem como criaram novos projetos existenciais, as dificuldades que tiveram e o que importa para eles. Outro fato bem interessante que abordaremos neste capítulo é como os atores produzem uma problematização em torno do pensamento! O modelo elaborado por eles reproduz diversos aspectos de uma conversação interna e as partes que participam nesse processo. Essa ferramenta analítica produzida pelos próprios atores serve também como uma forma de monitorar os pensamentos, classifica-los e, de certa forma, conduzir conversações internas.

Dois dos três entrevistados pertencem à classe C, enquanto que o outro vem de uma família de classe média, tendo realizado curso superior e pós-graduação. No trabalho de Archer, destacam-se três modos distintos de reflexividade interna: os reflexivos comunicativos, que pensam e logo compartilham suas inquietudes com outra pessoa, não desenvolvendo muito o ato de ruminar consigo mesmo, ou reflexivos autônomos que tem como principal preocupação o trabalho e os metarreflexivos, idealistas, cujos projetos estão sempre em transformação, dificultando-os a criar raízes por estarem em constante mudança. Apesar de elegerem o casamento como a principal preocupação, não posso afirmar que sejam comunicativos reflexivos, pois optaram por mudanças que, em alguns casos, causaram grande ruptura com o círculo de sociabilidade mais próximo de amigos, quebrando a lógica da “continuidade contextual”, isto é, as mesmas relações e situações, uma característica dos comunicativos reflexivos. O planejamento de uma carreira e vida profissional indica em muitos momentos uma “reflexividade autônoma”, com a elaboração de projetos que visam expandir seu horizonte social. Assim, acredito que esses indivíduos transitarão entre autonomia reflexiva e metarreflexividade, em determinados momentos de suas trajetórias de vida. Em um dos casos, há a análise do ator em torno da perda de autonomia do pensamento causada, segundo ele, pelo vício e compulsão em pornografia. Acredito que o acesso a essas conversações permitirá compreender como os atores analisam sua própria vida e como, a partir do contato com o *Intellimen*, problematizam o *self* e empreendem uma nova construção de si. Assim, apresentarei um panorama das conversações internas de Pedro, Eliélson e Roberto, com maior destaque para o primeiro, uma vez que seus relatos apresentam maior riqueza na descrição de sua reflexividade interna.

Acredito que é profícuo começarmos por uma análise do “modelo de conversação” dos atores, uma vez que nossos entrevistados recorrerão a ele, em diversas ocasiões, para explicar sua maneira de meditar consigo mesmo. Essa “*teoria do pensamento*” elaborada por eles ajuda a compreender como percebem e problematizam o ato de pensar, produzindo uma explicação própria sobre a origem dos desejos e os diferentes aspectos do *self* no processo de reflexividade interna. Além disso, utilizam-na como uma ferramenta para tentar controlar seus pensamentos.

O modelo êmico de conversação interna: corpo, alma e espírito

De acordo com Renato Cardoso, em uma palestra intitulada “Natureza Humana x Disciplina”, o homem não consegue atingir o que deseja, em muitas ocasiões, por não conseguir controlar o querer. O querer aqui é entendido como desejo e vontade, a pulsão que impulsiona o poder, isto é, a capacidade humana de agir e obter resultados (Giddens, 2009). Assim, a fonte do desejo é dividida em três elementos: corpo, alma e Espírito Santo. Os dois primeiros estão ligados a desejos da “carne, do impulso” e não correspondem à vontade divina, expressa pelo Espírito Santo.

Esses elementos, em ação de forma conjunta, constituem para os atores uma conversa no interior de cada pessoa.

“Chega a noite e você está vendo um filme. É tarde e você começa a sentir cansaço. O seu corpo quer dormir, ele fala para você ‘vamos dormir’, a sua alma quer ver o filme, quer saber o final da história e o Espírito, que é sua mente onde Deus fala já havia avisado para não dormir tão tarde. O corpo não quer fazer exercício físico, o corpo quer descansar. A alma dá uma série de razões para ficar em casa como ver TV, ficar no Facebook e o Espírito pede que você cuide da sua saúde” (Renato Cardoso).

Assim, contrariamente ao modelo proposto por Archer do Eu falando consigo mesmo, elaborando projetos para o futuro *self* (*Você*), mas também condicionado pelo *self do passado* (*mim*), os atores entendem que as conversações compreendem diferentes aspectos do *self*. “Sabe como quando tem aquela voz que te diz para fazer uma coisa e outra voz que diz para fazer outra?” (Renato Cardoso). Assim, prioritariamente a conversação, para eles, é pensada a partir desses três aspectos, componentes de todos os indivíduos. Segundo eles, a comunicação entre o homem e Deus se dá no Espírito Santo, assim Deus também participa como um *self exterior incorporado* (Wiley, 1994) nas conversações internas. Teríamos assim quatro elementos diferentes na conversação dos atores: corpo, alma, espírito e Deus. Entretanto, acredito que nem todos os membros do *Intellimen* consideram o corpo como uma “voz ativa” na conversação, mas sim como a manifestação de uma vontade não verbalizada, pré-linguagem, que é trabalhada na conversação interna.

“Estava desempregado e de repente sentia um desânimo, uma preguiça. Meu corpo ficava prostrado, queria não fazer nada. Minha alma me dizia para ficar em casa, que eu não ia conseguir nada, mas o Espírito dizia para eu lutar, que eu precisava

procurar algo. Aí eu comecei a falar com Deus, a orar e pedir uma direção para minha vida” (Paulo, testemunho).

No relato acima, vemos como o corpo não constitui necessariamente um aspecto do *self* que participa ativamente da reflexividade interna, mas sim uma pulsão a ser clarificada pela conversação. A partir do momento em que os atores ganham autoconsciência sobre seu pensamento, devem então se perguntar se um desejo e seu conseqüente plano de ação vem da alma, ou do espírito. Para isso, o homem deve ter uma conversação mais estreita com Deus, “criar uma intimidade com o Espírito Santo”, como diz Renato Cardoso, e assim resolver suas dúvidas e ter certeza da vontade do espírito santo. Em geral, para os atores, tratam-se quase sempre de posições opostas. O que o corpo e a alma desejam não correspondem ao que quer o Espírito.

Os atores também associam o espírito ao autocontrole, um aspecto do *self* cuja postura principal é criticar as proposições da alma, sugerindo outra ação. Em outro exemplo bem elucidativo, Renato Cardoso explica que não necessariamente as manifestações do corpo e da alma sejam sempre ruins:

“Você está com fome, seu corpo pede comida. Aí sua alma pensa, vou fazer um macarrão, mas o espírito te diz que você está gordo e precisa emagrecer, aí você pensa em uma comida mais leve” (Renato).

Dentro desse modelo de conversação “corpo, alma e espírito”, a decisão caberá sempre ao Eu. Depois dessa conversação, o Eu pode decidir pelo macarrão, ou por uma salada, ou talvez um pouco dos dois. Assim, os diferentes aspectos parecem sugerir perspectivas ao Eu, conversando ativamente entre si e com o Eu, que então tomará sua decisão. Dessa forma, a estrutura triádica representada por alma, espírito e Deus é, na realidade, tetrádica, com a inclusão do Eu, responsável por ser o juiz nesse tribunal, aproximando-se da ideia proposta por Mead (1934).

Para concluir, os atores do *Intellimen* têm como pretensão a construção de um “novo eu”, um homem melhor, inteligente e “de Deus”. Nisso, essa preocupação se torna uma das mais importantes e devem então ser conjugada a outras subordinadas, levando em conta a

possibilidade de realização de todas elas. Logo, a construção desse projeto existencial faz com que o ator acione certos poderes causais desse sistema cultural, com a incorporação de saberes e discursos, alterando o próprio *self*. Nesse processo contínuo de transformação do Eu, com a mediação realizada pelo agente entre planos de ação e estrutura, as vontades e normas da religiosidade passam a compor o que os atores denominam “espírito” (para eles um aspecto do *self*). Ou seja, a apreensão dessas ideias é, em última instância resultado de um projeto consciente desses atores sociais. Assim, os “desejos do espírito” representam o novo Eu, reflexivamente transformado pelos atores. Entretanto, o antigo Eu (*self passado, ou Mim*) com suas experiências, saberes continua a fazer parte do indivíduo e se engaja também no processo de conversação interna.

Tomando a explicação de Archer, não se trata de um diálogo entre o Mim e o Eu, conforme preconizado por Mead, mas sim do Eu em relação ao Eu, sendo sujeito e objeto. Nesse processo, o Eu atual carrega tanto suas características do presente como as do passado, o que explica os “conflitos” entre Alma e Espírito relatados pelos *IntelliMen*.

II Os Intellimen e suas conversações internas

Pedro, o estranho no ninho

Pedro, 30 anos, nasceu em São Paulo, em uma família católica de classe média. Teve a possibilidade de estudar em escola particular de renome, fazer curso de idiomas e acesso ao ensino superior. Não precisou trabalhar e apenas realizou estágios enquanto concluía o curso de ciências da computação. Depois de formado, trabalhou um ano em uma empresa, deixou o emprego e se dedicou à realização de uma pós-graduação na área de administração, quando então foi contratado por uma grande empresa de sua área de atuação. O que o atraiu à Universal foi justamente o projeto *IntelliMen*, percebido por ele como a última chance para resolver seu problema: o vício da pornografia e da prostituição.

“Não me lembro bem quando começou a se tornar um vício para mim. Pornografia sempre fez parte da minha vida, desde a adolescência. Acho que tive uma adolescência normal, me masturbava, comprava revista e DVDs de pornografia na banca. Depois tive namoradas e tinha relações sexuais. Saía com prostitutas. Porém, nos últimos anos, eu tinha que ver pornografia e me masturbar, caso contrário tremia, tinha taquicardia. Era uma sensação horrível. Pensei comigo mesmo: isso tem uma

causa psicológica. A pornografia está sendo uma válvula de escape para os meus problemas. Mas eu fiquei confortável porque eu estava estressado e me masturbava para relaxar. A sensação era boa e eu não via problema”.

Em 2014, começou a trabalhar em uma grande empresa em sua área e sentia que era sua grande oportunidade profissional. Segundo ele, à época, seu grande sonho era seguir carreira em uma grande empresa e “decolar profissionalmente”, ganhar dinheiro e “alçar voos mais altos”. Assim, o projeto de vida estabelecido por ele consistia no sucesso em sua profissão, representado por um cargo de destaque em uma multinacional, o que o habilitaria a criar a sua própria *startup*¹³⁶.

O cargo de programador assistente era o mais básico da empresa, acima somente dos estagiários e dos funcionários de limpeza e manutenção. Porém, foi considerado como uma grande vitória pessoal por Pedro. Ao conviver com os outros programadores, começou a se desesperar, pois sentia que sabiam muito mais do que ele em termos de conhecimento na área. Achava seus projetos inferiores e tentava estudar programação. “Eu pensava eles sabem muito mais do que eu e quanto mais eu tentava ler e aprender, mais me sentia para trás e com desejo de ver pornografia. Meu corpo chegava a tremer”. Segundo ele, o desejo era tão grande que começou a se masturbar no trabalho. Assistia a vídeos no celular, com fones de ouvido, no banheiro, diversas vezes por dia. “Às vezes eu pensava ‘não vou fazer isso, tenho que trabalhar, preciso me concentrar’, mas a vontade era enorme, então eu me perguntava ‘por que estou passando por isso?’ Aí surgiam diversas questões na minha mente: é passageiro? É normal acontecer isso? Mas eu respondi: normalmente não é porque os outros não estão fazendo. É um problema que eu tenho. Não falava para ninguém, pois no começo achava bobagem, coisa sem importância. Depois, quando começou a ficar mais grave, conversava comigo mesmo sobre o assunto. Pensei bastante e cheguei à conclusão que eu estava daquele jeito por conta da falta de relação sexual e no mesmo dia decidi sair com uma prostituta”.

Porém, a saída encontrada por ele acabou sendo um “tiro no pé”, pois quanto mais saía com prostitutas, mais tinha vontade de assistir à pornografia e olhar anúncios de prostituição. Os atrasos e as falhas no emprego começaram a se tornar frequentes, assim como

¹³⁶ Termo utilizado para se referir a uma empresa jovem com alto potencial de crescimento e capacidade de captação de recursos para produção de inovação.

as faltas, e seu rendimento caiu ainda mais. Com dificuldade de concentração e também insônia, decidiu procurar um psiquiatra. Após começar a tomar um ansiolítico, o distúrbio do sono foi parcialmente resolvido, porém a vontade sexual não cessava. Chegava a sair com três prostitutas por semana e encontros ocasionais com garotas que conhecia pela Internet.

Apesar dessas conversações que o ajudavam a clarificar e a identificar o problema, não conseguia simplesmente parar com seu consumo de material pornográfico e se concentrar em seu trabalho, definido por ele como prioritário. Segundo ele, os vídeos “convencionais” começaram a desinteressá-lo. “Acho que eu via em tanta quantidade que não me atraía mais. Passei a procurar vídeos com travestis e também de sadomasoquismo”. De acordo com seu relato, a compulsão o impedia de realizar atividades de trabalho e mesmo de lazer, dedicando quase todo seu tempo à pornografia. “Era prazeroso, mas, às vezes, eu pensava que estava desperdiçando a minha vida e o meu tempo. Só ia atrás disso. Sentia um grande sentimento de culpa”.

Começou a ter experiências sexuais, avaliadas por ele como extremas, por meio da prostituição, a qual consumia cada vez mais dinheiro de seu orçamento. Logo após o ato sexual com uma travesti, em que nada sentiu, iniciou uma reflexão:

“Pensei comigo: estou saindo com travestis. Mas eu não sinto prazer com travestis. Era a terceira vez em que saía e nada sentia. Não era culpa o que eu sentia, até porque eu disse para mim mesmo: ‘isso não é errado, não tenho preconceito’. Mas o fato é que na hora H eu não sentia prazer. Quando eu via o filme, ficava excitado, só que ao vivo eu não sentia nada. Não tinha desejo. Aquilo ficou na minha cabeça. Eu precisava descobrir, era muito estranho. Eu pensava: como eu posso gostar de ver o filme e quando eu vou fazer não sinto nada? Então, eu não gosto. Só o filme que me atrai. Mas por que? Refletindo, cheguei a uma primeira conclusão: eu não era viciado em sexo, mas sim em pornografia e masturbação. Não parei por aí, comecei a perceber que esses pensamentos obsessivos para ver vídeos eram mais fortes quando eu estava angustiado com alguma coisa. Antes já existia a vontade, mas ela ficou muito maior depois do meu emprego. Aí eu comecei a associar a pornografia a uma droga. Pensei: se cada vez eu preciso de mais e mais e os vídeos param de fazer efeito é porque é uma droga. Só que mesmo refletindo sobre isso, não largava logo de cara. Eu era consciente disso, mas tinha dia que eu ficava só vendo vídeos e nem pensava sobre tudo o que eu tinha analisado”

Archer (2003) define os reflexivos fraturados como pessoas impedidas de realizar uma análise do *self* e da sociedade. Eles possuem a capacidade de conversar internamente, mas essas conversas não produzem nada de concreto para ajudá-los em sua situação. Entretanto,

essa situação pode mudar. Tanto Pedro quanto outros *Intellimen* afirmam que esse “vício” em pornografia/prostituição acabou com sua autonomia, pois os impedia de exercer outras atividades e era impossível parar. “O comportamento compulsivo está associado a uma sensação de perda de controle sobre o eu; a pessoa pode realizar as ações rituais em uma espécie de estado de transe. Não conseguir realizá-las provoca uma crise de ansiedade” (Giddens, 1993, p.84). Porém, mesmo nessa perda de controle sobre o eu, expressa na incapacidade de autocontrole e de reflexividade interna incapaz de produzir efeitos práticos para a saída dessa situação, os fraturados têm momentos de conversação interna mais aprofundados. Tanto Pedro quanto outros compulsivos afirmaram que, em alguns momentos, refletiam sobre sua situação, o que havia levado a ela e o que poderiam fazer para retomarem as rédeas de suas vidas.

Pedro afirma que sua reflexão sobre o que estava ocorrendo em sua vida não se deu de forma contínua, mas sim intermitente, de forma fraturada. Em uma dessas conversações, consciente do problema e da sua perda de autonomia, passou a considerar opções para lidar com a situação. Na avaliação que realizara, tinha achado inútil a psiquiatria e algumas sessões de psicoterapia que havia começado a realizar. Segundo ele, apesar do medicamento e dos exercícios de relaxamento terem ajudado a se sentir mais calmo, não foram efetivos para eliminar a compulsão pela pornografia. Em pesquisas no Google, descobriu o grupo e assistiu a alguns vídeos e leu testemunhos no blog de Renato Cardoso.

“No começo achei interessante, mas depois, fuçando, vi que era coisa da Universal. Pensei: eu não vou virar evangélico. Sempre achei que eles tiravam dinheiro das pessoas pobres, que era lavagem cerebral. Comecei a imaginar o que meus pais diriam se soubessem que estava frequentando essa Igreja¹³⁷. Minha mãe ia dizer que eu enlouqueci, que perdi a cabeça, meu pai também. Meus amigos iriam, com certeza, fazer piadas. Só que só eu sabia o que estava passando e não via mais nenhuma outra opção. Eu estava começando a enlouquecer e decidi ir a uma reunião do IntelliMen e comprar o livro. Precisava mudar”

No processo de conversação interna, Pedro antecipou situações e imaginou a reação de sua família e amigos. Percebemos aqui como ele anteviu que a realização de um projeto existencial poderia acionar determinados poderes causais que causariam restrições ao seu plano de ação. Assim, esse momento se revela o estágio inicial, embrionário, de um novo projeto

¹³⁷ Em nenhum momento Pedro compartilhou seu problema com os pais ou com os amigos mais próximos. Suas conclusões e soluções foram frutos únicos e exclusivamente de sua reflexividade interna.

existencial (ainda não completamente claro para o próprio agente), pois Pedro encontrava-se insatisfeito com o que havia se tornado, não mais se identificando reflexivamente consigo mesmo, o que exigiria dele uma nova construção do *self* e a assumpção de um novo *modus vivendi*. Então, se, naquele momento, ele ainda não sabia o que seria, estava claro o que ele não queria mais ser.

Ao chegar à reunião do *Intellimen*, localizada em uma igreja da Universal em um bairro de classe média em São Paulo, sentiu-se um pouco deslocado. Era a primeira vez que ia a uma igreja evangélica e não sabia bem o que esperar. Temia que lhe pedissem dinheiro de forma insistente. Estava inseguro. Porém, conta que foi educadamente recebido e assistiu à palestra sobre o *IntelliMen* e as dificuldades de ser homem no mundo contemporâneo. O *Itrainer* deixou claro que a iniciativa era aberta a todos, independentemente de religião, o que o tranquilizou. “Depois da palestra vi que não era um culto, mas sim mais um grupo de autoajuda. Eles falavam de Deus, mas não era uma pregação, o que eles abordaram era problema do dia a dia”. Após o término da palestra, pediu para conversar com o *Itrainer* sobre seus problemas, explicou-lhe o que estava passando e que gostaria de fazer o programa, mas não conhecia ninguém para ser seu parceiro.

O *Itrainer* disse que era obrigatório ter um parceiro e que arranjaria alguém. No meio da semana, ligou para Pedro e passou o contato de um rapaz que seria seu companheiro. Os dois se adicionaram no *WhatsApp* e no *Facebook*. Porém, Pedro não se sentia à vontade para postar uma foto sua explicando que havia aderido ao programa *IntelliMen*, apesar de se tratar de uma atividade obrigatória. Decidiu então postar a foto e o texto de forma restrita, isto é, não visível aos amigos do *Facebook*. Queria evitar possíveis críticas, ou piadas. Em conversas com seu parceiro, relatou-lhe o problema que estava vivendo e a angústia que sentia com o problema da compulsão. O rapaz, então, o convidou a participar de uma reunião da Cura dos vícios, organizada pelo bispo Formigoni na Catedral da Avenida João Dias, aos domingos. Convite aceito, foram juntos ao local e Pedro recebeu uma oração ao final do culto, considerada por ele como um exorcismo, pois o Bispo ordenou que o “espírito imundo do vício o libertasse”. “Achei aquilo tudo bem diferente. Nunca tinha visto, só ouvido falar. Achei meio estranho, mas, me senti bem. Não saí de lá curado, mas saí com uma sensação boa, me sentindo melhor, mais forte”.

Apesar do pouco tempo de projeto, Pedro afirma que estava se sentindo melhor como há tempos não se sentia. Havia conseguido reduzir drasticamente o tempo perdido com pornografia e a gerir sua angústia. “Quando sentia aquela vontade louca de olhar pornografia no banheiro, respirava fundo e começava a meditar com Deus, como o *Itrainer* havia me falado. Depois de alguns minutos conversando com Deus, a vontade passava. Era uma alegria enorme”. Seguindo a orientação do próprio projeto e também do *Itrainer*, decidiu instalar aplicativos que impedissem o acesso a sites pornográficos. “Fiz uma análise do meu problema e percebi que o acesso a esse conteúdo me fazia muito mal. Depois de tudo que vi no *Intellimen*, principalmente sobre disciplinar o olhar, fiz uma reflexão e cheguei à conclusão que precisava cortar completamente o contato com o que me despertasse a vontade de ver pornografia. Decidi então que não iria mais olhar mulheres na rua, bloqueei meus navegadores e coloquei uma senha aleatória para não cair no erro de burlar a segurança”.

Nos primeiros dias, a ansiedade aumentou muito, principalmente no ambiente de trabalho, o que o levou a roer a unha e a ficar com as pernas inquietas. Após ter ficado três dias sem se masturbar, acabou cedendo à vontade. Sentiu-se muito mal e teve medo de não conseguir largar o vício:

“Perguntei para mim mesmo: o que eu fiz de errado? Eu fiz tudo o que estava escrito. Segui todas as instruções. Por que não consigo? Pensando nessas perguntas eu cheguei a uma resposta: mas eu consegui diminuir. Já é alguma coisa. Ainda não é o ideal, mas comparado ao que era antes, é uma evolução. Estou no caminho certo. Vou conseguir, só preciso de força. Se eu aceitar realmente Deus eu vou ter força para conseguir isso. Comecei a imaginar a minha vida limpa e feliz, recuperado do meu problema. Vou mudar minha vida e ter fé”.

Esse trecho de uma de suas conversações é ilustrativo para pensar o esquema dialógico DDD, proposto por Archer: discernimento, deliberação e dedicação (Archer, 2000). Nesse modelo, o *self* ocupa duas funções simultaneamente, como sujeito e objeto, o que permite, na perspectiva realista de Archer, a existência da conversação interna. No caso, o *sujeito-self* define uma preocupação última, no caso o “ser um homem com fé e melhor” e um *modus vivendi* coerente a esse intuito, enquanto que o *objeto-self* apresenta uma prévia de como seria essa nova vida, baseado nas experiências do passado ou de domínio público, enfim, a imaginação desses novos cenários de vida (“imaginei como seria minha vida livre da minha compulsão”). O *sujeito-self* pode então aceitar aquela ideia, cristalizando-a, ou reformulá-la, entrando em uma nova rodada de conversação.

Dessa forma, Pedro estabeleceu um novo projeto existencial: seria um *IntelliMen* e desenvolveria sua fé, livrando-se da compulsão. Sua decisão implicava, segundo ele, possíveis atritos com família e amigos. Estava acostumado a ir com amigos de longa data a bares, casas noturnas e boates de prostituição. Ambientes que não gostaria mais de frequentar, por acreditar que poderiam despertar desejos. Após ler que um novo hábito seria naturalizado em 21 dias, passou a se dedicar integralmente ao projeto. “Refleti e cheguei à conclusão pelo que li no *Intellibook*, analisando minha vida, que a falta de disciplina leva também a ficar perdendo tempo com coisas inúteis e isso é um passo para cair no vício da pornografia. Comecei então a dormir cedo, acordar cedo, a praticar esporte de forma séria, enfim, a ocupar minha mente. Com diversas coisas para pensar e fazer, não iria passar pela minha cabeça assistir à pornografia e me masturbar”.

Passou a recusar convites de saídas noturnas, investindo seu tempo livre em leitura de programação, Bíblia e idas à Igreja. Em seu apartamento, dedicava-se à organização e à limpeza. Fazia também atenção ao asseio pessoal. Deixou de usar a barba por fazer e passou a se barbear todos os dias, assim como o cabelo cortado a cada 15 dias. Abandonou as camisetas e o tênis e passou a utilizar camisetas polo, camisas sociais e sapatos. Passados os 21 dias, conta que o inferno em sua vida havia passado.

“Não sentia mais vontade, conseguia me concentrar, me focar. Aquele sofrimento foi embora. Não digo que nunca mais senti vontade, às vezes quando estou muito ansioso, sinto ainda, como se fosse uma voz na minha cabeça: vamos ver um vídeo? Ai eu respondo: não, não quero mais. Consigo me controlar e não ceder a uma vontade do meu corpo. Converso com o espírito e sigo mais os desejos dele do que do meu corpo e da minha alma. Falar com Deus me trouxe paz, tranquilidade. Sou um homem melhor, livre do vício”.

Atualmente, Pedro não se define como fiel da Universal, tampouco como evangélico, mas como um “homem de fé”. Segundo ele, realizou seu “batismo nas águas, mas não sou fanático. Vou ao domingo, reuniões do *IntelliMen* e, quando dá, o congresso financeiro, que gosto bastante”. Na Igreja, também conheceu sua atual namorada, com quem pretende se casar em breve. A transformação de Pedro em um “homem de Deus” implicou custos sociais: afastou-se dos antigos amigos e teve atritos com a família.

“Depois de um tempo, meio sumido, apareci na casa dos meus pais para um almoço. Perceberam a diferença. Estava bem arrumado, mais magro por conta da moderação

na dieta e o esporte. Perguntaram, brincando, se eu ia a um casamento e eu disse que não. Conteí que estava frequentando uma igreja evangélica. Meus pais ficaram com um certo preconceito, perguntando o porquê, se eu estava com algum problema. Minha mãe começou a dizer que poderiam tomar o meu dinheiro e que eles enganavam os pobres. Tivemos uma discussão um pouco áspera. Ficamos um tempo sem nos falarmos, mas depois ela me ligou e pediu desculpas. Hoje, quando nos vemos, ela não toca no assunto, nem eu.

Assim, o novo projeto existencial deslocou-o de um contexto social, de um determinado círculo de interação e o inseriu em outro. No ambiente de trabalho, seu novo visual chamou a atenção, uma vez que, segundo Pedro, os programadores de hoje costumam se vestir de forma mais despojada. Porém, o que mudou mais com relação ao aspecto profissional foi o fim de sua obsessão de se comparar aos colegas. “Passei a entender que tenho o meu valor, mesmo que não seja tão bom quanto outros, e ao invés de me sentir mal com isso, uso como incentivo para aprender mais”. Atualmente, Pedro define-se como um homem feliz e equilibrado. Seu principal objetivo, hoje, é seguir seu crescimento espiritual e, em segundo, o seu sucesso profissional. Apesar de se dedicar mais hoje ao trabalho do que antes, há uma clara mudança de prioridade para ele e a carreira passou a ser subordinada à construção de sua nova identidade.

Com relação às suas conversações internas, em nenhum momento, salvo o recurso ao psiquiatra e à psicoterapia, Pedro compartilhou seu problema com algum amigo, ou familiar. Apesar de não se considerar uma pessoa fechada, conta que teria vergonha de contar o que estava passando, pois “a maior parte das pessoas pensa que isso é besteira, não dão importância e não sabem o sofrimento que é”. Segundo ele, depois do *Intellimen* e de sua aproximação com Deus, passou a pensar muito mais nesse problema, a discuti-lo internamente, conversando com Deus. “A cada desejo, ou angústia, eu conversava com Deus, pedia sua ajuda para resolver, para entender de onde vinha aquilo. Comecei a estender isso para outras áreas da minha vida e hoje, antes de pensar em fazer algo, analiso, reflito com Deus, medito na palavra”. Ao ser indagado sobre como é essa interação com a divindade, Pedro responde:

“É você levar qualquer dúvida que esteja em sua mente para Deus. Ele não te responde de forma direta: Pedro faça isso ou aquilo, mas te dá clareza, uma direção. Por exemplo, antes de apresentar um projeto no trabalho, penso em todos os detalhes, reviso tudo e aí eu converso com Deus, peço para ele me iluminar, penso na palavra dele e aí surge uma nova ideia, algo que eu não tinha visto antes, enfim, meu pensamento é mais claro”

Não só Pedro, mas também outros atores atribuem “direções, soluções, novas ideias e clarificações” à conversação com Deus. Segundo o material empírico analisado, o “falar com Deus” reforça a prática da reflexividade interna, uma vez que o sujeito deve continuar o escrutínio das proposições do *self*, por meio de diversas novas rodadas de conversação. “É um momento de calma, quando estou sozinho, com concentração e aí eu penso, converso com Ele, exponho o problema, busco criar uma solução junto com Deus”.

Eliélson, do pagode ao altar

Eliélson, 36 anos, nascido no bairro de Itaquera, em uma família pobre e evangélica, é músico e toca cavaquinho e violão. Antes de sua conversão, dedicava-se a “tocar na noite” com seu grupo de pagode, da zona leste paulistana. Segundo ele, sempre foi apaixonado por música e, nos anos 90, o pagode de *Raça Negra*, *Os Morenos* e *Negritude Júnior* o motivou a ingressar profissionalmente no universo musical. Comprou um cavaquinho com o salário de empacotador de supermercado e revistas nas bancas de jornal para aprender a tocar. Formou seu primeiro grupo com amigos da rua, com quem desenvolveu suas habilidades. Autodidata, aprendeu a tocar os grandes sucessos e a compor. Aos 21 anos, foi contemplado com uma bolsa em um conservatório particular e se dedicou ao aprendizado de teoria musical, rítmica, além de prática de violão erudito.

“Dizem que música não dá dinheiro. Olha, pode não dar muito, mas eu consegui sobreviver bem, fazia apresentações, couvert artístico e consegui levantar minha casa. Tem que trabalhar muito, estudar muito e ter contato para tocar como apoio para grupos e cantores famosos”.

Segundo ele, a vida de músico proporciona a admiração das mulheres, pois ganha-se convite VIP para muitas festas e casas noturnas, conhece-se muita gente, principalmente jogadores de futebol, além disso, o “exerce uma atração, todo mundo quer você”. Sua rotina, entre ensaios, gravações e shows era “rodeada de mulherada e álcool”. O consumo liberado em muitas casas de show e bares fez com que o hábito de ingerir bebidas alcoólicas tornasse-se diário. Após o trabalho, era comum beber e esticar a noite com alguma garota que havia

conhecido em suas apresentações. “Já sai com quatro, cinco mulheres por semana, algumas vezes, duas por dia. Minha vida era só farra”. Porém, a alegria do pagodeiro começou a ser questionada por ele. “Comecei a me perguntar se eu era realmente feliz. Eu sentia um vazio. Uma depressão”. Eliélson conta que quando se sentia deprimido, tentava ligar para algum amigo, ou sair com alguma garota conhecida para tentar “se livrar daquele sentimento”. No começo, a sensação ia embora, mas, depois, a tristeza só fazia aumentar e se sentia completamente deprimido. Nenhuma mulher que conhecia despertava seu interesse em desenvolver uma relação afetiva mais aprofundada, “sem contar que mulher nenhuma aceitaria namorar com um homem que levava uma vida dessas”.

Após ter faltado a uma apresentação por não conseguir se levantar, Eliélton afirma que começou a pensar. “Minha vida foi dedicada à música e eu percebi que não estava mais nem aí para isso. O que eu ia atrás mesmo era mulher, cachaça e festas”. Em sua reflexão, deixou o estudo diário de lado por conta da vida desregrada e “tocava por impulso”, sem prazer, mas motivado pelo dinheiro e mulheres. Seu caminho havia desagradado muito seus pais, evangélicos da Assembleia de Deus, que o consideravam “perdido”. “Meus pais nunca se opuseram ao fato de eu gostar de música, ou me dedicar a isso profissionalmente, mas se decepcionaram quando eu me afastei da Igreja e só ficava na gandaia”.

Por conta da depressão, começou a frequentar os cultos da Igreja Universal. “Pensei em me reaproximar de Deus, para tentar vencer aquele vazio que eu sentia”. Ele conta que passou a se sentir motivado, fortalecido pela “palavra” e que decidiu “transformar sua vida”.

“Eu já conhecia a palavra de Deus, mas ali na Universal, eu senti muito forte essa presença. A força do Deus vivo, passei a me sentir feliz, tranquilo, em paz. Meditando na fé, comecei a pensar o que havia feito da minha vida: deixei a música, minha grande paixão, de lado pelo sucesso. Em algum momento, meu interesse passou a ser a gandaia e eu comecei a me afundar. Não estudava mais, ficava só na farra, dormia o dia todo para me recuperar da vida desregrada. Em um momento eu pensei: esse não sou eu, o cara que sacrificou tanto por uma paixão e que agora nem fazia mais o que amava. Claro que eu ainda amo o pagode, mas eu amo criar, sabe? Fazer algo novo na música e eu tinha virado um aparelho de cd...só sabia repetir as mesmas músicas nos bares. Quando era dia, só pensava em quem eu ia encontrar na festinha depois, quem estaria no pagode, mas não na música. Eu deixei de ser músico e virei festeiro profissional. Não queria mais isso para minha vida. Não aguentava mais aquela tristeza e quando eu reencontrei Jesus, quando fiz um pacto forte com Deus, reencontrei minha vida e a minha paixão pela música. Eu me tornei outra pessoa”

É interessante ressaltar que Eliélson avalia que, em um determinado momento, seu projeto existencial, que o levou à carreira musical, foi substituído por outro, que tinha como principal objetivo a fama e as conquistas sexuais. Entretanto, ele não sabe dizer quando isso ocorreu, tampouco que tenha sido sua deliberação. “Simplesmente aconteceu sem eu perceber”, conta. De acordo com Archer, “nada garante que essas transformações são consensuais, muito menos que todo ator é de alguma maneira consultado (2003, p. 128). Segundo a autora, um determinado papel social pode ser transformado pela agência de outros atores. Assim, devemos considerar a participação de uma gama de atores, principalmente empregadores e jogadores de futebol, que podem, por meio de sua agência, transformar o papel de músico em um “animador de festas”. Atualmente, Eliélson credita essa mudança à influência do “ambiente e das companhias”. “Muitas vezes os amigos, clientes, contratavam não um músico, mas alguém para coordenar e animar uma festa. Hoje, eu percebo isso”.

Passou então a não mais se identificar com esse papel, o que lhe causou a depressão, em sua avaliação. Ao procurar sua espiritualidade na IURD, decidiu-se por um novo projeto existencial, como evangélico, abandonando a “vida da noite”. Apesar de implicar uma ruptura com relação ao projeto anterior (ser um festeiro), a preocupação última como “adorador e homem de Deus”, não exclui outros interesses e projetos como, por exemplo, a música enquanto atividade profissional. Aliás, Eliélson encara sua transformação como uma retomada do projeto original que o levou a ser músico.

“Depois que eu me reencontrei com Deus, decidi deixar a noite. Hoje, toco um projeto de pagode gospel, muito bem trabalhado, com arranjos e também componho para cantores gospel. É muito mais próximo do que eu estudei e me dediquei. Eu faço um som, em termos de harmonia, de composição, muito melhor do que na época em que eu estava na noite. Voltei a ser um músico”

No início, não foi tão simples deixar a vida noturna, pois ainda dependia do dinheiro e também porque boa parte do seu círculo de amizades frequentava a noite. Além disso, certas características persistiam em sua vida como, por exemplo, olhar as mulheres, a dificuldade de conciliar horários de estudo com o descanso, etc. Tudo isso o motivou a entrar no *Intellimen*. “Quando eu soube do projeto, vi que seria excelente para fazer uma limpeza, estabelecer uma rotina, me libertar de antigos vícios e me ajudar a ser uma pessoa melhor”. Nisso, parou completamente com a bebida, adotou uma disciplina de horários e voltou a se dedicar ao estudo da música.

A cada desafio no *Intellimen*, sua identidade social e seu projeto eram escrutinizados nas conversações internas. Segundo Eliélson, sua mente focava-se em “ficar mais próximo de Deus, tornar-me um homem de fé”, reforçando o papel social relacionado ao seu atual projeto de vida. A maior parte de suas reflexões debruçam-se sobre os erros do passado e a continuidade dos “vícios” na vida atual. “Eu era um homem errado, voltado às vontades da carne. Pensava somente no prazer. Mas às vezes eu me pego pensando em certas coisas erradas, que eu fazia antigamente”. Uma boa parte dos “vícios” do passado são encarados como naturais do homem e, por isso, persistiriam no pensamento como, por exemplo, o desejo de ter muitas mulheres. Nisso, as conversações internas têm um papel fundamental na clarificação do que é considerado adequado ao *self* atual e no reforço da identidade construída pelo indivíduo.

Seu novo projeto teve um custo: a formação de novos laços de amizade, redefinição profissional e formas de lazer. Acostumado a se divertir com antigos amigos do pagode, teve que encontrar soluções para sair do “ambiente da noite”. Passou a organizar cantos de louvor na Assembleia de Deus que seus pais frequentam e realiza uma vez por semana, uma “pizzada com pagode”, para reunir antigos amigos, onde tocam os clássicos dos anos 90. “Mas sem álcool. Foi uma maneira que encontrei de agregar novos e antigos amigos, mas em um ambiente cristão. Desse jeito, até consigo atrair mais gente para Jesus, após eles verem a mudança na minha vida”. Assim, Eliélson buscou conciliar outras preocupações (amizades muito antigas, roda de pagode) com seu papel atual. Na deliberação desse sujeito, não haveria incompatibilidade com sua identidade evangélica caso a “roda de música” fosse realizada em um ambiente familiar, sem álcool. Entretanto, nem todos os amigos poderiam participar. “Tinha gente que já ia querer levar cerveja, chamar mulher para ficar ali provocando. Então, teve amigo que eu tive que deixar de ver, tive que cortar. Mas também acho que eles não iriam gostar, pois para eles pagode tem que ter mulher dançando, cerveja”.

Atualmente, Eliélson, além do pagode gospel, passou a dedicar seu tempo a ensinar música em um projeto social mantido por uma comunidade evangélica próxima de sua casa.

“Isso foi graças ao Intellimen, que abriu minha visão para a importância de ajudar os outros. Eu mudei muito do que eu era e tenho que continuar melhorando sempre. O projeto me ensinou isso. Não é do dia para a noite que a gente se transforma, mas é um trabalho do dia a dia, vigiando, se esforçando e aumentando a disciplina. Hoje eu posso dizer que sou um homem responsável, fiel e muito feliz”.

A fala de Eliélson revela a percepção que tem de seu processo de transformação e assumpção de uma nova identidade, assim como da temporalidade necessária para a construção de um papel social.

Roberto, de bruto a cavalheiro

Roberto, 45 anos, nasceu em uma família com condições modestas, na Vila Metalúrgica, em Santo André. Quando seu pai faleceu, no final dos anos 80, teve que conciliar o emprego de operário com o curso técnico em edificações. “Meu sonho era ser engenheiro, mas o mais próximo que consegui chegar, naquela época, foi o curso técnico de edificação”. Após a grande onda de demissões que marcaram o desmantelamento do parque industrial do ABC paulista, Roberto decidiu abrir uma pequena empresa de reformas, executando desde pinturas, troca de pisos, instalação elétrica e hidráulica, construção de piscinas, etc.

O empreendimento permitiu-lhe ter uma renda razoável para a realização de seus planos: comprar uma casa, casar e ter filhos. Casou-se aos 24 anos, com Sônia, uma antiga amiga de suas irmãs. Ela era secretária, mas deixou o emprego para cuidar dos filhos do casal e se dedicar aos afazeres do lar. Depois de alguns, Roberto cansou-se da vida de casado e começou a procurar aventuras. “Não tinha mais vontade da minha esposa, nem de ficar em casa. Comecei a ter casos com outras mulheres e a ir ao bar, depois do trabalho, com meus amigos”. Em pouco tempo, Sônia descobriu a infidelidade do marido por meio das “fofoqueiras do bairro”. As brigas tornaram-se frequentes por conta das amantes do marido e também do dinheiro que começava a faltar. A pequena empresa de construção não fornecia o rendimento necessário para as novas despesas de seu proprietário: presentes para amantes, bar com os amigos e eventuais saídas com prostitutas.

A insistência das críticas de Sônia com relação às infidelidades de seu marido, aliado ao crescente alcoolismo de Roberto, propiciaram o cenário perfeito para a violência. Ao chegar em casa e ser questionado pela esposa sobre “mulheres, bafo de pinga e falta de dinheiro em casa”, perdeu a cabeça e começou a agredi-la. As ameaças e a violência tornaram-se constantes e Sônia decidiu sair com os filhos para a casa de sua mãe. Por influência dos pais, Sônia começou a frequentar a Igreja Universal para tentar salvar seu casamento. Após algumas semanas, Roberto voltou a procurá-la. Pediu perdão, disse que iria mudar e que gostaria que ela voltasse para a casa com os filhos. Ela aceito, mas com uma condição. Deveria ir à IURD com

ela, conversar com o pastor e começar a frequentar a Igreja. Na iminência de perder a família, aceitou a proposta da esposa. Machado (1996) aponta que muitas mulheres começam a frequentar igrejas evangélicas em busca de auxílio com relação ao alcoolismo, agressão e infidelidade conjugal.

Foram à “Terapia do Amor” e, depois da reunião, ambos tiveram uma conversa reservada com o pastor, que orou pelo casal e recomendou a Roberto que começasse a realizar os desafios do *IntelliMen* e ir às reuniões do grupo. “Aceitei porque estava disposto a fazer de tudo para não perder a Sônia e os meus filhos”. Compraram o *Intellibook* e seu cunhado, já membro da Igreja, dispôs-se a ser seu parceiro. “Confesso que achava o Luciano (seu cunhado) uma pessoa chata. Chegava nas festas de família e não bebia, não participava das brincadeiras. Todo certinho, mas ele me ajudou muito. Hoje é um modelo para mim”.

Começou a realizar os desafios e, com os conselhos de Luciano, passou a evitar a companhia dos antigos amigos de bar e deixou de beber. “No começo foi bem difícil, eu até tremia de vontade de tomar alguma coisa, mas aí eu começava a conversar com Deus na minha cabeça: por favor Senhor, me liberta, me cura. Eu quero ser um homem melhor, quero te conhecer, te servir. Quero mudar a minha vida”. Assim, sua preocupação última passou a ser um “homem melhor, dedicado à família”. Durante esse período difícil de abstinência, contou com a ajuda de sua esposa, cunhado e mesmo do pastor que lhe enviava mensagens de força via *WhatsApp*. Para evitar problemas, saía do trabalho e ia direto para casa e, por vezes, sua esposa ia buscá-lo para não haver risco de que ele fosse ao bar. Porém, em sua avaliação, os momentos mais difíceis é quando estava sozinho na oficina. “Não tinha ninguém olhando, vigiando, aí vinha aquela vontade de ver algum filme no computador, sair com alguma mulher e beber algo”.

Nisso, começou a classificar todos esses pensamentos e vontades como imundos e a repetir para si mesmo: “estou mudado, não quero mais! Eu sou um homem fiel, de Deus e só amo a minha esposa. O diabo pode colocar esses pensamentos, mas eu sou mais forte. O que eu quero, sacanagem ou a minha família?”. Ele explica que a cada crise, pensava em aumentar ainda mais a sua dose de fé e seguir o programa com mais afinco, além de avaliar o risco que uma recaída poderia ter em sua família. Em suas reflexões, o diabo colocava esses pensamentos e vontades, porém, também classificava certos comportamentos como “coisas de homem”.

Antes de sua conversão, tais comportamentos com relação à esposa e à família não eram problematizados, segundo ele, assim como acredito que tampouco utilizava o termo diabo para se referir a certos desejos.

No cotidiano, Roberto era um homem pouco interessado em dividir tarefas domésticas com a esposa. Acreditava que ela deveria fazer o trabalho de casa, pois ele “colocava a comida na mesa”. Segundo ele, não ajudava a lavar um copo, tampouco a organizar seus pertences, como as roupas, que deixava no chão. Começava então a saga para se tornar um cavalheiro. Após os primeiros desafios, refletiu sobre seu comportamento e passou a percebê-lo como errado. “Não pode jogar tudo nas costas da mulher, tem que participar. Ajudar. Ela não é escrava. Comecei a fazer o café, acordava mais cedo e deixava tudo pronto na mesa para ela”. Ao chegar em casa, procurava encontrar alguma coisa para consertar, recolhia as roupas sujas, pregava suas camisas no varal. “Antes eu chegava e ia ver televisão. Chego cansado, mas antes de descansar estabeleci que ia dedicar uma hora somente para ajudar minha esposa”.

A mudança de hábito impressionou Sônia e o dinheiro que faltava, por conta dos gatos de Roberto, foram utilizados para melhorar o cotidiano da casa. “Comecei a comprar mais coisas para facilitar o dia a dia. Financiei uma máquina de lavar-louça para a Sônia”. Outra decisão é de que teria, no mínimo, um jantar romântico por mês com sua esposa, levando-a para jantar fora. “Eu precisava reconstruir o meu casamento, reconquistar a confiança e o amor da minha mulher”. Além do maior asseio pessoal, começou a vigiar-se com relação à pequenas atitudes. “Antes eu nem percebia se abria a porta e se minha esposa entrava depois. Hoje, sempre penso: tenho que abrir a porta para ela. Tenho que segurar as sacolas com as compras. Estou sempre me lembrando”.

A forma de falar com a esposa também passou por um escrutínio. “Gritava, falava palavrão, xingava. Hoje, falo baixo, peço sempre por favor e se vejo que vou perder a cabeça, respiro fundo e peço a Deus para ter calma”. A mudança foi percebida não só pela esposa, mas também pelos familiares de sua mulher e seus filhos. Segundo ele, antes seus filhos tinham vergonha de ver o pai alcoolizado e com amantes, mas hoje o veem com admiração. “Eu pensei e vi que a coisa mais importante para mim era Deus e minha família e eu ia seguir firme no propósito. Todo centavo que eu tinha, ia dedicar a eles, trabalhar com mais afinco, por eles”.

Assim, passou a refletir sobre como poderia realizar mudanças em seu negócio para poder providenciar melhores condições financeiras à família.

Seu primeiro projeto de vida era extremamente próximo do grupo que Archer denomina de “comunicativos reflexivos”, isto é, atores sociais ligados à continuidade do contexto social e definindo a formação de uma família e sua proximidade com amigos como preocupação última. De fato, poderíamos classificá-lo como um “comunicativo”, já que se estabeleceu no mesmo bairro, no mesmo círculo de amizades. Porém, o novo projeto implica reprodução, mas também rupturas. Se por um lado, reforça-se a continuidade contextual por meio da opção da família, diversas amizades são rompidas por conta de sua conversão, o que o obriga a inserir-se uma nova rede de sociabilidade, de pessoas ligadas à IURD, ou com comportamentos considerados adequados. Mesmo amizades de infância foram desfeitas. “Deixei de andar com garoto que jogava bola comigo na rua desde pequeno. Coisa de 30 anos, mas eu não podia mais andar com eles, pois só me levavam para o caminho errado”.

Além disso, a mudança profissional, julgada necessária por ele, exige uma reflexão acerca das possibilidades de mercado e os potenciais riscos que a nova atividade poderia trazer à sua vida financeira. O sustento estaria claramente subordinado à família, porém, a reflexividade em torno dele não era compartilhada. “Não comentei com ninguém que iria mudar de ramo. Eu percebi que meu modelo de negócio já não funcionava tão bem e precisava ir atrás de outra coisa. Mas não queria alarmar minha família. Ia tomar uma decisão sozinho”. Segundo seu autoconhecimento, desenvolvido em mais de uma década de profissão, o ramo da construção civil tornou-se complicado para a pequena empresa de obras. Em sua avaliação, muita gente passou a realizar a intermediação diretamente com a mão-de-obra, para realização de obras menos complexas, enquanto que os trabalhos de maior complexidade foram monopolizados pelas empresas de maior porte, que contavam, muitas vezes, com engenheiro e arquiteto.

Porém, não queria sair do ramo da construção, por ter conhecimento na área e tampouco pensava em ter um emprego assalariado, pois acredita que não conseguiria um cargo com o salário que julgava necessário para o provimento de sua família. Passou então a refletir como poderia renovar seu empreendimento. “Pensava em muitas coisas: especializar-me em piscinas, mas aí eu dispensava a ideia porque tinha muita concorrência. Fui avaliando cada

possibilidade e também pesquisando informações, refletindo o que tinha mercado e sem muita concorrência”.

De acordo com Roberto, ao buscar seu filho na escolinha de futebol, percebeu que os campos de terra estavam sendo trocados por grama sintética e ficou observando o trabalho. “Pensei: isso deve dar dinheiro, porque em todo lugar estão trocando esses campos e o trabalho não parece ser tão difícil. Fazer um campo é só alambrados, terraplanagem, compactar brita, colocar esse tapetes e depois jogar areia e borracha”. Porém, realizou uma avaliação crítica a respeito e julgou que talvez fosse complicado competir com quem já estivesse há muito tempo no mercado e que já tinha bons contatos com todos os fornecedores. Entretanto, havia gostado da ideia e deveria descobrir algum meio para “conseguir ser competitivo”.

Começou a ligar para diversas empresas para pedir orçamentos de campos de futebol society e o valor girava em torno de R\$55mil a R\$100 mil (tamanho de campo oficial). Achou o preço muito caro e pensou que poderia se destacar por oferecer um serviço de qualidade por um valor inferior, realizando boa parte do trabalho. Além disso, pensou que não precisava ficar preso somente a campo de futebol. “Grama pode ser usada em jardins, para decoração, playground, em calçada. Pensei que muita gente poderia ter interesse em instalar porque é igual a um tapete e impede que alguém se machuque numa queda e a manutenção é muito barata”.

Decidiu, então, passar à instalação de grama artificial e começou a estudar o assunto, a refletir sobre os tipos de grama, fornecedores, colas. “Usei o que eu já sabia da área de material de construção para ver como poderia aproveitar, estratégias. Quebrei a cabeça, mas montei”. Atualmente, o movimento da empresa é considerado como “razoável” e seus principais clientes são jardins e *buffets* infantis. Sua antecipação com relação ao mercado mostrou-se acertada, uma vez que raramente é contratado para construir uma quadra oficial. Quando há clientes que pedem um campo sintético, geralmente, trata-se de uma área menor, em condomínios, ou pequenas chácaras.

De todo modo, seu orçamento hoje é completamente dedicado à família. Em seu atual projeto, a preocupação de ser um bom marido passa pela questão do “prover” e conferir uma vida melhor à esposa. Atualmente, decidiu contratar uma faxineira, quinzenalmente, a fim de que Sônia pudesse se dedicar a outras atividades. “Fico pensando todo o tempo o que posso

fazer para melhorar a vida da minha mulher e dos meus filhos. Comecei a fazer uma poupança para eles e fiz um seguro de vida também. Pensei se acontece alguma coisa comigo, não posso deixá-los na mão”.

O *modus vivendi* elaborado por Roberto busca conciliar o trabalho com a família, subordinando o primeiro ao segundo. Porém, não se trata de contentar-se com uma remuneração para ter maior tempo com a família, mas sim buscar sempre formas de maximizar os ganhos para direcioná-lo à família. À exemplo de Roberto, outros *intellimen* afirmam que não podem “se acomodar” no trabalho e “devem buscar sempre mais”. Assim, o sucesso profissional não é colocado de lado, mas complementa-se com a construção da família e deve ser usado para sua manutenção. Segundo ele, a principal transformação que o *Intellimen* proporcionou foi a sua reconstrução como homem. “Eu era um bruto, estilo macho, sem educação e hoje eu sou bem-educado, gentil. Não olho e não mexo com mulher na rua”. Ele acredita que o insucesso no trabalho e no relacionamento também é causado por distrações como desejos, despertados no homem em seu cotidiano. “Por isso, o *Intellimen* é importante, porque te ajuda a controlar. Eu aprendi a perceber o que estava pensando, a controlar a minha mente. Se você não controla o pensamento, não dá certo”

Seu projeto atual contempla também uma antiga realização pessoal: a realização do curso superior em engenharia. Segundo ele, pretende realizar esse sonho assim que a empresa estiver “mais estabilizada”. Ele não julga o curso superior necessário para a administração da sua empresa, tampouco como algo que irá possibilitar maiores ganhos, mas unicamente como “realização pessoal”. “Sempre sonhei em ser engenheiro e quero começar uma faculdade daqui a um ano. Mesmo que eu não vá usar. É algo para mim, para realizar o meu sonho”.

Pensando as conversações

Apesar das diferenças de classe e de trajetória de vida entre os três entrevistados, todos apontaram como objetivo principal ser um “homem melhor, de Deus”. O momento de participação no *Intellimen* leva-os a um processo intenso de reflexividade interna, a fim de escrutinizar comportamentos e elencar possíveis soluções para contornar problemas. Contudo, o principal mote reflexivo desses atores é a construção de um novo *modus vivendi*, compatível com suas novas preocupações. A forma como os projetos existenciais estruturaram-se em relação ao anseio de ser um homem melhor varia muito, por conta do acúmulo distinto de

experiências e conhecimentos de cada ator e também do contexto objetivo em que se encontravam. Assim, a reflexão sobre as possibilidades de realização de seu projeto, com relação às circunstâncias sociais que os envolviam, variou consideravelmente, uma vez que os indivíduos se encontravam em contextos distintos. Pela mesma razão, a ativação de constrangimentos e habilitações não foi igual para todos.

O novo projeto existencial desses atores conduziu-os a um outro contexto estrutural, sob uma nova posição em uma nova instituição, exigindo um processo de reflexividade para apreensão de regras e conhecimentos. Essa mudança é notória no processo de conversação. Anteriormente, os personagens de sua conversação interna, isto é, as conversas imaginadas, eram, sobretudo, com seus amigos e familiares. Hoje, novas figuras aparecem após sua inserção em um novo contexto social: o pastor, o *itrainer*, Renato Cardoso, o bispo Macedo, o parceiro do *IntelliMen*. Acredito que outra conexão entre agência e estrutura é justamente a incorporação de outros personagens no contexto das conversações internas.

Em sua construção teórica em torno das conversações internas, Wiley (1994) acrescenta “visitantes” ao processo de conversação, distinguindo-os entre permanentes e temporários. Segundo ele, tratam-se de elementos fundacionais para qualquer “outro generalizado meadiano” que incorporamos (idem, p. 55). Archer acredita que, nesse processo bastante comum, atribuímos nossas falas e pensamentos a representações de outros em nossa mente, mas ainda assim trata-se de uma conversação do Eu com o Eu. Concordo com o ponto de vista de Archer sobre o fato de que a construção mental de pessoas e situações em nossa mente depende justamente do contexto em que estamos inseridos, ou seja, das relações estabelecidas em um determinado ponto da estrutura ou sistema cultural. Por exemplo, um pastor só será um visitante permanente na conversação interna se o indivíduo participa com frequência de uma igreja evangélica e que tenha estabelecido um *modus vivendi* em que a interação com um pastor seja relevante. Isso não ocorrerá com alguém que não tem a menor ligação com a religiosidade.

Em muitas ocasiões, esses personagens incorporados e participantes frequentes das conversações representam normas e valores, o que remete ao outro generalizado de Mead (1934). Minha hipótese aqui é que ao incorporarmos esses personagens em nossas conversações, ativamos o poder causal de normas e regras dos sistemas culturais. Assim, os

agentes teriam um papel ativo em seu condicionamento social por meio da conversa com esses personagens que, sim, são nosso *self*, mas um aspecto dele que nos coloca em contato com normas e regras, que são reflexivamente processadas na conversação do Eu com o Eu. Em minha avaliação, a construção de personagem de conversação, dentro da teoria de Archer, estaria ligada a uma construção do mundo e suas possibilidades por meio do *object self*, responsável por realizar projeções complexas do contexto social em que os atores se encontram.

Nas conversações dos entrevistados, os bispos, pastores e parceiros de *IntelliMen* são figuras constantes, que relembram a importância de se manter fiel às regras do programa, aos mandamentos divinos e reforçando a transformação do indivíduo. “Quando sentia vontade de assistir à pornografia, vinha o bispo na minha cabeça e falava: você está transformado, você agora é outro. Isso não faz mais parte de você”. Nesse contexto, o aspecto *residual* do *self*, que acumula passado, experiências e informações do sujeito ao longo do tempo, de seus projetos anteriores, é refletido pelo sujeito presente. Em suma, a conversação com visitantes permanentes, em alguns casos, parece ser uma forma de discutir e avaliar regras e normas estruturais, compondo a discussão de um plano de ação e de expressão do sujeito que pode levar à reprodução desses valores, ou à sua transformação.

De acordo com a análise de Hermans (2009) sobre o *self* e as conversações internas, há diversas “vozes” que habitam a mente, o que ele chega a chamar de *subselves*, que dispõem de um certo poder agencial e que as decisões não seriam realizadas por um Eu principal, em uma posição de liderança, mas pela formação de consenso entre esses diversos agentes que habitam em nós. Além disso, o autor postula que a “voz do coletivo” do qual fazemos parte tem um papel importante no exercício de coerções. Segundo ele, a “visão do outro, embora poderosa, nem sempre determina o *self*, mas certamente o organiza no sentido que a visão dos outros é levada em um contínuo processo dialógico” (idem, p. 264, tradução minha). Não sei até que ponto concordo com Hermans, porém, de fato, nas conversações desses atores há uma forte presença de vozes, das mais variadas, do Bispo Edir Macedo, ao amigo que convida para tomar cerveja e observar mulheres.

Retomando o modelo proposto pelos atores (corpo-alma-espírito santo), o papel social de evangélico, escolhido pelo agente por meio do atual projeto de vida, está diretamente relacionado ao “espírito santo”, ou seja, à normatividade própria da religiosidade evangélica,

porém, os antigos projetos, valores e saberes do indivíduo fazem (e farão) parte da “alma”. Segundo sua análise do pensamento, as proposições da alma entrarão em conflito com a atual expressão do sujeito, cabendo ao Eu, a escolha acertada. Isso implica, na realidade, duas coisas. Primeiramente, os agentes percebem em sua conversação que elementos do passado, acumulados pelo *self*, não são apagados com a transformação de si, pelo contrário, ainda fazem parte do Eu e são mobilizados nas conversações internas, o que implica a necessidade do automonitoramento constante e “saber de onde vem seu pensamento/desejo”.

Em segundo, a avaliação atual de antigos projetos existenciais. Em muitos casos, diversos elementos do passado são duramente criticados pelo *Eu conversacional (acting self)*, ou seja, o *self* ativo e atuante do presente. Exemplo: “Eu era um porco. Via pornografia, só coisa imunda. Saía com três mulheres diferentes por semana. A minha cabeça era o reino dos piores pensamentos. Na época de pagodeiro, a minha vida era voltada para ir atrás de mulher e farra. Era esse o meu grande objetivo. Hoje, sou um homem correto e feliz” (Eliélson). Nessa fala, podemos ver como o *self* se vê atualmente e como avalia experiências do passado.

Em diversos testemunhos pentecostais, a transformação é bem avaliada pelos atores, enquanto que o antigo projeto do eu é criticado, associado ao sofrimento, mas isso não significa que os elementos do passado, esse *self residual* vivo no presente, tenham deixado de fazer parte do indivíduo (Mafra, 2000). Pensando sob uma perspectiva mais macro, a própria existência do *IntelliMen* é uma forma de problematizar a persistência de diversas características e formas de ser dos antigos projetos existenciais que persistem no indivíduo. Afinal, apesar de acolher “pessoas de todas as crenças”, a quase totalidade de seus participantes é de fiéis da Igreja Universal. Enfim, homens que passaram por um processo de conversão religiosa, mas que ainda apresentam “vícios” e “pensamentos” ligados aos antigos papéis sociais que ocupavam, assim como os valores e normas vinculados aos contextos socioculturais precedentes. Sendo assim, a “formação de homens melhores” passa pela gestão das antigas características acumuladas pelo *self* em função do tempo, percebidas como problemáticas pelos evangélicos da IURD.

O novo projeto de vida representou uma descontinuidade de contexto. Amizades tiveram que ser desfeitas, espaços de lazer deixaram de ser frequentados e mesmo o local de trabalho de Eliélson e Roberto mudou. Essa ruptura foi percebida pelos atores como necessária

para a construção de seu novo *modus vivendi* e também como uma forma de retomar suas antigas prioridades. Os projetos também apresentaram uma pluralidade, conjugando diversas preocupações tais como ser um homem de fé, família, carreira profissional e mesmo realização pessoal. Há uma “ética da acomodação” (Archer, 2003) na qual os atores encaixam diferentes preocupações, subordinadas a seu objetivo principal: ser um homem melhor.

Em diversos momentos, os atores fizeram menção à influência dos outros em seus pensamentos. As “más companhias” teriam um poder de influenciar decisões, assim como diversos dispositivos, tais como sites de Internet, pornografia, propagandas, etc. Segundo eles, as sugestões de amigos, mesmo se rechaçadas de início, podem vir a ser ruminadas depois e levar a uma decisão. “Depois, sozinho, você fica pensando no que a pessoa falou. Aquilo fica na sua cabeça, ela continua lá falando” (Pedro). Além disso, acreditam que algumas pessoas conseguem impor certos temas para o debate e convencer pelo poder da argumentação. “Às vezes, só de alguém falar num pagode com mulher, a sua cabeça já foi para aquele mundo e você está ali já imaginando”, explica Eliélson.

Por conta disso, acreditam que é necessário verificar o pensamento e refletir se as decisões tomadas são fruto de nossa reflexão, ou de uma influência externa. Para eles, o *Intellimen* é uma ótima forma de autoconhecimento, pois ao incentivar a meditação e autovigilância, levam à clarificação das decisões. “Quando você presta atenção na sua cabeça e no que vem do Espírito, você percebe quando está sendo guiado pelos outros” (Roberto). O controle do pensar é encarado por eles como uma virtude, a fim de não ser dominado.

Percebemos nas conversações desses atores interrogações a respeito de si mesmos e de seus projetos: “por que sou assim? Por que tenho esses pensamentos? O que posso fazer para melhorar? O que há de errado em minha vida? ” Em determinado momento de suas trajetórias, esses sujeitos não mais se identificaram com o papel social que ocupavam e entraram em um grande momento reflexivo, pensando sobre si mesmos e sobre as causas que os levaram a ser o que são. Isso, por si só, bastaria para classificá-los como metarreflexivos, mas, contrariamente aos casos empíricos analisados por Archer, nada indica que continuarão insatisfeitos e questionando a si mesmo e o mundo. Por isso, penso que se tratam de momentos de metarreflexividade. Algo mais corriqueiro na vida dos indivíduos do que ser continuamente um metarreflexivo. Para compreender o questionamento levado a cabo por esses sujeitos, temos

que proceder com uma análise que abarque tanto o contexto social quanto a capacidade de agência em relação a esse pano de fundo.

Os sujeitos aqui estudados, na maior parte recém-convertidos, experimentaram uma considerável descontinuidade contextual, fruto de sua própria decisão, com a ruptura de uma série de amizades e espaços de sociabilidade que costumavam frequentar. O novo contexto, o *Intellimen*, incentivava os atores a um processo de reflexividade interna, por meio de uma série de desafios, por meio dos quais os atores passaram a construir reflexivamente um novo *modus vivendi* compatível a sua vontade de transformação e mudança de vida. A privação de contato com antigos interlocutores, ou seja, essa ruptura com o antigo contexto, parece ter uma importância fundamental na “galeria dos personagens” das conversações, ou “visitantes permanentes”, uma vez que a voz desses *selves* será substituída por outras, contribuindo para a incorporação de novas normas e saberes, em um condicionamento acionado diretamente pelo indivíduo.

Nesse processo, o contexto social também é extremamente criticado pelos atores sociais, que percebem muitos comportamentos como “machistas” e “degradantes” para com as mulheres. É o caso de práticas como a pornografia, prostituição, olhar fixamente mulheres nas ruas e assediá-las. Os atores percebem em si a permanência dessas atitudes e, por isso, engajam-se em uma autodisciplina e autoquestionamento para não realizar esse tipo de ação e também questionar e problematizar a origem de tais pensamentos. Segundo os entrevistados, a mudança que almejavam tornou-se possível pelo *Intellimen*, que lhes permitiu ter autoconhecimento e exercício do autocontrole e domínio do pensamento.

Conclusão

A tese não seguiu um caminho ortodoxo na análise da religiosidade evangélica, ou seja, absteve-se de pretensões normativas a respeito da presença dos membros da IURD na esfera pública, da sua forma de construção de rituais e de sua organização institucional. A intenção da tese foi promover uma sociologia interpretativa, seguindo o preceito pragmatista de “levar os atores a sério”, nos mundos definidos por eles. Isso não significa, absolutamente, partilhar da visão dessas pessoas, mas sim compreender seus julgamentos, análises e sua participação na produção de consensos e dissensos. Tal viés metodológico teve importância fundamental para a empreitada maior desse trabalho: a reflexividade dos atores sociais evangélicos. Ao optar por seguir fluxos de interação em uma perspectiva microssociológica, o que Dodier (1993) chamaria de desagregação do ator coletivo, pude ter acesso a diversos mundos de ação e à reflexividade dos evangélicos, tanto em relação às inúmeras situações em que se apresentam, quanto à construção permanente de si e de seus projetos de vida (Archer, 2003).

A pluralidade das formas de ser e pensar dos evangélicos reflete-se no fazer científico, indicando a impossibilidade de construção de uma identidade coletiva coesa e homogênea para explicar a lógica de suas ações. Aliás, a própria construção de um problema sociológico que pense a partir da noção de evangélico pode ser questionada a partir da pluralidade que compõe o indivíduo na modernidade: são cidadãos, políticos, empreendedores, homens em crise, estudantes, profissionais liberais. Assim, passam por diversos processos de socialização heterogêneos, carregando em si uma série de competências e disposições (Lahire, 2002). São, definitivamente, “plurais”. A partir disso, será possível atribuir, de antemão, tal atitude a uma disposição evangélica? Os planos de ação dos indivíduos levam em conta somente o fator religioso? E os outros diversos saberes, anseios e papéis sociais desses atores, como ficam? Na parte I, vimos o uso de diversas competências reflexivas e mesmo a reflexividade dos evangélicos em torno da importância da aquisição de conhecimentos e outras formas de falar, de argumentar. Formas estas encaradas por eles como não religiosas e que serão, por meio de constante aprendizado reflexivo, mobilizadas em suas interações com outros atores e em outras situações. Dessa forma, torna-se impossível definir o sujeito a priori como evangélico. Evidentemente, a religiosidade tem uma importância fundamental no projeto de vida dessas

peessoas e em suas motivações. Entretanto, parece-me mais profícuo compreender como os atores vão agenciar esses múltiplos pertencimentos e conjugar suas preocupações últimas em torno de uma identidade e plano de vida que melhor expresse seus anseios. Em outras palavras, cabe aos atores sociais a definição do que são e de suas motivações no mundo da vida. Afinal, a participação cada vez mais ampla em diversos meios e contextos exige uma pluralidade de competências reflexivas que, na avaliação desses atores, não são encontradas na religião.

De certo modo, essa discussão em torno da construção do evangélico está muito ligada à relação entre estrutura e agência. Uma noção mais estruturalista orientou e orienta diversos trabalhos que atribuem um grande poder à instituição religiosa ao moldar e configurar o pensamento; outras perspectivas, ao contrário, buscam compreender a agência dos atores religiosos em relação à própria vida, ao mundo e à religiosidade. Minha reflexão se encontra filiada a essa última. A partir da perspectiva de Bhaskar (1979), as estruturas sociais não existem de forma independente em relação às atividades humanas e concepções que os agentes tem sobre elas, além disso podem se mostrar variáveis no espaço-tempo. Onde ficaria então o espaço de criação e deliberação dos “evangélicos”? Movido por essa questão, recorri a uma metodologia pragmática a fim de compreender como os indivíduos agem, atribuem sentidos e tecem julgamentos, a fim de escapar de uma análise determinista a respeito do comportamento e da ação. Porém, não era possível abandonar a noção de estrutura, uma vez que claramente ela condiciona as possibilidades de ação de cada indivíduo. Além disso, os atores empreendem uma série de reflexões em torno das condições objetivas que o cercam (sistema político, sociedade, economia, etc.), conforme foi apresentado no decorrer da tese.

Dessa forma, o aporte realista pareceu-me uma boa saída para não cair em um determinismo estrutural ou em um hiperindividualismo independente de toda sorte de estrutura. A importância da agência humana é vital no realismo, uma vez que são os indivíduos que ativam os poderes causais das estruturas sociais por meio de seus projetos de vida (Archer, 2003). Assim, essa tese também pretendeu ser uma contribuição a um diálogo entre o pragmatismo e realismo crítico, ao considerar a normatividade dos atores (julgamentos, críticas, avaliações) também como fragmentos e narrativas de conversações internas e externas. Além disso, podemos também pensar a contribuição pragmática por meio de uma noção de *reflexividade externa*, compreendida aqui como os julgamentos e avaliações exteriorizados em situações de interação com outros atores. Talvez, esteja aí uma possibilidade para o realismo crítico pensar a morfogênese da estrutura por meio da ação coletiva. É no processo de conversação externa,

ao qual o pragmatismo permitiu-nos ter acesso, que transformações sociais se mostram possíveis.

Passemos às temáticas elencadas pela tese. No que tange à política, percebemos que há uma distinção entre o posicionamento político das lideranças e de uma parcela da militância, que discorda de uma certa “virada à direita”, promovida pela cúpula. Entretanto, a adesão à “onda conservadora” faz-se de maneira comedida, o que percebemos quando o presidente da sigla, Marcos Pereira, exalta que o partido defende a bandeira dos valores da família, mas que é “tolerante” e abre espaço para todos os segmentos. A construção do argumento político de lideranças religiosas também varia, especialmente, em função da sua participação na política, uma vez que o nível de autocontrole parece ser maior, uma vez que se encontram em uma gramática pública (Lemieux, 2009) e, por isso, exposto a críticas de outros atores sociais. Dessa maneira, o discurso contra medidas como, por exemplo, o kit gay, é pautado em outras competências reflexivas, como o liberalismo clássico, presente no discurso de Antônio Bulhões. A vida política apresenta a esses atores, outros agentes e outras lógicas, que serão apreendidas na interação e é justamente por meio desse aprendizado que os “atores evangélicos” transformam seus discursos e formas de atuação.

Com relação ao empreendedorismo, a recente pesquisa da Fundação Perseu Abramo coloca uma questão: os mais pobres são liberais? Antes de mais nada, parece-me precipitado atribuir uma categoria que não é utilizada por esses atores para explicar a problematização do contexto em que se encontram e suas reações a ele. Além disso, vimos na parte II como os atores empreendem uma série de críticas ao trabalho formal, à exploração do trabalho e às condições de vida como assalariado, percebendo no empreendedorismo a solução mais viável para ascender socialmente e ter uma vida melhor.

Pensamos todos esses casos por meio da “estratificação do real” (Bhaskar, 2008; Archer, 1998). Tomando a análise realista sobre a ciência, os cientistas têm acesso aos eventos por meio de um “estrato empírico”, estipulando então quais são os mecanismos mais profundos, essas estruturas profundas e não visíveis que levam à ocorrência do que foi experienciado, construindo sempre um novo estrato da realidade mais profundo. No transporte dessa filosofia da ciência para as ciências sociais, Archer promove a separação em estrato dos eventos (observável empiricamente) e o estrato das “estruturas”. Em uma metáfora muito ilustrativa, afirma que a fórmula química da água é dois átomos de hidrogênio e um de oxigênio, porém,

não experienciamos essa estrutura dessa forma, mas sim quando tomamos um banho de chuveiro ou de piscina (Archer, 2003). Dessa forma, os atores sociais não vivem diretamente as grandes estruturas sociais, mas sim os contextos acarretados por elas. Assim, os mecanismos gerativos que condicionam as possibilidades de vida são experimentados de forma diferenciada por cada ator, até mesmo por conta dos poderes restritivos ou habilitadores das estruturas, que varia conforme os projetos individuais. Dessa maneira, não se trata de “abraçar o liberalismo”, mas sim compreender que nas duras condições objetivas em que se encontram, esses agentes têm como principal projeto de vida a melhoria, ou seja, conquistar uma vida mais digna para si e seus familiares, com o amparo da religiosidade. Nisso, o plano de ação mais adequado, em sua visão, para atingir essa preocupação é o empreendedorismo, pois liberta o homem da condição de assalariado e, no entendimento desses atores sociais, promove ascensão e respeitabilidade social. Isso não significa que concordamos com sua análise, mas sim que os atores que participam desse plano horizontal (dos acontecimentos) estabelecem uma reflexividade em torno do plano vertical (mecanismos) a fim de explicar sua condição e elaborar respostas para sair dela. Na percepção desses atores, a vida nas periferias é uma luta incessante, sem o menor auxílio do Estado e muito menos da iniciativa privada. Isso não significa que essas pessoas sejam contra políticas estatais como cotas, universidades e escolas, muito pelo contrário, tratam-se, em sua perspectiva, de importantes ferramentas em sua “batalha” cotidiana e extremamente valorizadas por eles.

Uma igreja em transição

A análise heterodoxa explica-se não apenas por uma opção do autor, mas também pelas transformações que a Universal vem passando na última década. Oficinas de formação cultural para jovens, palestras de empreendedorismo e administração, cursos de gestão de negócios, terapia para casais, treinamento para homens. Parece que a linguagem do universo de autoajuda ocupa um lugar cada vez mais relevante nas práticas e rituais da Igreja Universal, com uma profusão de discursos motivacionais e orientação dos fiéis baseada, muitas vezes, em saberes e técnicas de outras áreas (*business school*, psicologia, ciência política, etc.). Aqui, cabe uma autocrítica: o trabalho de campo foi realizado em São Paulo, Paris e Rio de Janeiro e por mais que haja uma tentativa de padronização de rituais por parte da cúpula da Igreja, é possível que no interior do Brasil, a dinâmica e conteúdo das reuniões seja diferente. Na segunda parte

deste trabalho, percebemos como elementos mágicos são pensados pelos atores de formas diferentes, isto é, para muitos e para a cúpula da Igreja, esses objetos servem para que o fiel desenvolva força e passe a acreditar em si mesmo, entretanto, há diversas pessoas que creem que esses bens simbólicos por si só possuem algum poder.

Da mesma forma, na Universal, encontramos um culto baseado na libertação espiritual dos problemas (Descarrego, ou Cura dos vícios) e outros pautados no estímulo à reflexividade interna, a fim de pensar a si próprio, seus problemas e soluções, além da posição que o sujeito ocupa no mundo (IntelliMen, Congresso para o Sucesso, etc.). Aparentemente, tratam-se de estilos de crença e culto completamente diferentes coexistindo na mesma instituição. A partir disso, creio que a questão proposta por Paul Veyne em seu célebre livro “*Acreditavam os gregos em seus mitos?*” é perfeitamente cabível aqui. O historiador francês demonstra como os gregos estavam imersos em diversos “mundos de verdade”, ou seja, há os que acreditavam e não acreditavam. Assim, nem todos os habitantes da Grécia Antiga realizavam um processo de análise para separar a aletheia (verdade) do mito, da aletheia histórica. Inspirado pela noção de regime de verdade (Foucault, 2008), Veyne demonstra a pluralidade de crenças e construções de verdade em relação aos mitos. No caso da Universal, percebemos também uma pluralidade de formas de crer que coexistem e, assim como em Veyne, a crença religiosa expressa de uma forma tradicional pode ser mal vista. “Não pode falar de Jesus aqui; esse tipo de argumento religioso não vale; não use termos da Igreja Universal; não ache que rezar vai resolver o seu problema financeiro; tem que conhecer o mercado, precisa estudá-lo”.

Ora, esse problema remete à questão central da tese: a reflexividade dos evangélicos. Afinal, se há uma pluralidade de perspectivas e de formas de crença, isso indica um acréscimo de reflexividade, ou seja, a relação com a religiosidade passa a ser problematizada e pensada de outra maneira. Porém, por que isso ocorre e por que ocorreu mais intensamente nos últimos anos? Minha hipótese para responder a essas questões passa pela quebra de uma continuidade contextual.

A participação em outros contextos, ou seja, outras situações de interação, com outras regras e atores exigiu uma reflexividade maior em relação a si, ao Outro e às formas de entendimento necessárias. Além disso, também implicou a recepção de críticas com relação às suas ações e discursos. Um bom exemplo disso é o ingresso no jogo político. Diversos membros

da Universal (pastores, bispos e fiéis) foram obrigados a compreender a lógica de um outro mundo e refletir sobre sua atuação nele. Isso exigiu a incorporação de uma linguagem específica e uma monitoração ativa e crítica em relação às antigas disposições religiosas. Isso significou também a inserção desses atores em redes de interdependência mais amplas (Elias, 2003), com a exigência de conversações com outros atores sociais e a ativação de certas competências reflexivas, por meio de um processo de aprendizado. A partir daí, temos o fenômeno da incorporação dos LGBTs no seio do partido e a publicização dessas candidaturas para que a legenda se mostre plural e aberta, negando uma faceta conservadora e permitindo aos políticos da sigla e, conseqüentemente, aos evangélicos a participação em outras esferas do jogo político como, por exemplo, o Executivo.

Não à toa, Marcelo Crivella fez questão de manter a política pública para a comunidade LGBT no Rio de Janeiro, além de nomear um homossexual de seu partido para pasta LGBT. A presença crescente de atores LGBT no Partido Republicano Brasileiro e a reflexividade dos atores sociais em torno dessa questão indica que se trata de um tema relevante e novo para o qual a tese espera contribuir para reflexões futuras da literatura. A construção atual do conservadorismo indica a necessidade de incorporação do Outro, mas sem a incorporação de suas bandeiras. Assim, vemos nos EUA e no Brasil a ascensão de grupos gays contra a política LGBT, ou no caso do PRB, como pontua o ex-militante homossexual Gerson Neto, de “gays comportados para fazer figuração”. Isso parece ir de encontro à concepção conservadora, como definida pelo bispo e deputado Bulhões (PRB-SP): “o conservador aceita o que cada um faz no plano individual, desde que isso não implique mudanças nos valores da sociedade e seu modo de vida”. De todo modo, ainda não sabemos quais serão as conseqüências dessa incorporação dos LGBTs ao PRB (conflitos internos, rachas, etc.) e até que ponto isso pode fomentar movimentos LGBTs alternativos. Enfim, o que é importante nessa questão não é ressaltar uma suposta tolerância, mas sim como a exposição às críticas de outros setores sociais acarreta um processo reflexivo e uma mudança no discurso e ação, ou seja, como um novo contexto de situações exige uma reflexão dos atores e acarreta uma transformação no *modus operandi* partidário, classificado por eles como necessário para o crescimento da legenda. Esperamos que a discussão sobre esse fenômeno recente fomente trabalhos futuros sobre o tema.

Autores como Berger (1985, 2001) percebem no processo de secularização a perda do monopólio religioso e a necessidade de “vender seu produto” no “mercado religioso”. Essa

incapacidade de imposição por parte das instituições religiosas e outras estruturas coletivas tradicionais é característica da modernidade, que libera o sujeito desses laços tradicionais e o obriga a se construir reflexivamente, ou seja, torna-o responsável pela organização de sua própria biografia (Giddens, 2002; Beck, 2011). Esse cenário marca o que Beck (2010) denomina como a ascensão do Deus pessoal, isto é, cada indivíduo constrói reflexivamente seu próprio universo religioso. Valendo-me do termo “supermercado da fé” e da discussão em torno da mercantilização fé (Pierucci, 1996; Jardimino, 1994), o fiel seleciona reflexivamente o que quer pegar para construir sua relação pessoal de fé, como se estivesse realmente diante de uma prateleira com muitas opções (sejam elas da mesma, ou de outras instituições. O que fica claro também no fenômeno cada vez mais relevante dos evangélicos não-denominacionais).

Na parte II e III, diversas pessoas relataram a importância das palestras e exercícios propostos pela IURD para se sentirem mais fortes e confiantes, melhorar seu casamento e corrigir vícios. Os bispos e pastores da Universal afirmam que auxiliam as pessoas a utilizar a sua fé. Lembro-me de um diálogo com um obreiro, bem no início da pesquisa, em que ele lamentava o fato das pessoas aprenderem a usar a fé e depois partirem. A própria estrutura de exercícios propostos pelo IntelliMen e pela palestra do Congresso para o Sucesso é completamente reflexiva e individualizada, isto é, está em aberto. Cada um irá descobrir e retirar elementos e conclusões diferentes conforme seus processos de clarificação interna. A força da secularização e da modernidade despem a tradição religiosa de seus ritos, liturgias e práticas “tradicionais”, trocadas, como é o caso na Universal, por atividades pautadas em outros campos de conhecimento (economia, psicologia, administração, etc). Assim, cada fiel pode construir o seu Deus e sua própria crença. Porém, se por um lado a modernidade promove a cosmopolitização¹³⁸ da religião (Beck, 2010), por outro também ativa uma reação antimoderna, a fim de combater as mudanças sociais. Nesse caso, o projeto político da Bancada Evangélica, a despeito de suas diferenças internas, parece ser justamente o combate às novas configurações

¹³⁸ Nas palavras de Prof. Beck: “ ‘Cosmopolitization’ is a special case of pluralization; it may be said to exist when old and new global religions and religious movements start to overlap in utterly different contexts, manifest themselves in novel or traditional ways, compete or interact with one another, contest each other’s privileges or mutually dispute each other’s legitimacy or legality. In other words, cosmopolitization refers to the way in which the macrocosm of the world religions is refracted or mirrored in the microcosm of the nation and the community. In this sense, modernization does not drive secularization, but is the motor propelling a conflict-ridden process of religious diversification in a variety of national contexts” (BECK, 2015, p. 152).

da organização familiar e as reivindicações de um novo movimento social, o LGBT, característicos da modernidade.

Dessa forma, a secularização é responsável tanto por um enfraquecimento dos ritos e costumes no seio da instituição religiosa, mas também pelo reforço de uma atuação religiosa e do fortalecimento de toda uma comunidade no que tange à luta contra a modernidade.

A igreja e a (des)continuidade contextual

Usualmente relacionada à continuidade contextual, a religião, no caso aqui apresentado, pode também configurar uma ruptura com o contexto de vida dos indivíduos, levando-os à problematização de sua posição no mundo e mesmo à construção de novos projetos existenciais. Vimos que a continuidade contextual era característica dos reflexivos comunicativos, que estavam sempre no mesmo contexto de interação social, com as mesmas pessoas, sem a estruturação de planos que significassem uma ruptura com essa sociabilidade estabelecida desde a infância (Archer, 2003). No caso dos empreendedores, muitos afirmaram ter começado a problematizar a própria vida após o incentivo das palestras no Congresso para o Sucesso, assim, a religião tem um papel no processo de “desnaturalização” do cotidiano, incentivando o sujeito à reflexividade em torno da posição social que ocupa, da desigualdade e da produção de riquezas. Há um claro estímulo à conversação interna e a análise das condições estruturais, aliado a um forte discurso de recusa do trabalho assalariado e da pobreza. No processo reflexivo conduzido por esses atores, a saída para uma situação social precária é o negócio próprio. Isso implica a ruptura com determinados laços de amizade, familiares e, em alguns casos, mesmo a mudança para um novo bairro, ou cidade, a fim de empreender. Não pretendo aqui referendar a reflexão dos atores, afirmando que o empreendedorismo é uma “saída” para os problemas e a garantia de ascensão social para os mais pobres. Entretanto, em suas próprias reflexões sobre a vida e suas possibilidades face às diversidades, “ser o próprio patrão” aparece como a solução mais viável para uma transformação das condições de sobrevivência.

Diversas práticas associadas ao gênero masculino como, por exemplo, olhar mulheres na rua e assistir a filmes pornográficos, são classificados pelos atores tanto como uma inclinação natural a uma sexualidade mais “bruta”, quanto uma consequência de um

determinado contexto que estimularia esse comportamento (amizades e círculos sociais). De todo modo, tal comportamento com relação à mulher é duramente criticado e encarado como machismo e os *Intellimen* se esforçam para controlar seus impulsos e se transformarem em “homens melhores”. Os relatos indicam que muitos romperam amizades e até se afastaram de familiares a fim de dedicar-se a seu novo projeto existencial. A ruptura implica o fim de diversas situações que se tornaram rotina na vida dessas pessoas, assim como a perda de contato com pessoas que faziam parte do contexto do indivíduo. Essa descontinuidade leva a um processo reflexivo sobre esse período (“ah, meus amigos só me chamavam para a farra. Na minha turma a gente só sabia ficar atrás de mulher e cerveja. Isso não me fez muito mal. Atrasou a minha vida”), com a construção de críticas a respeito do antigo *modus vivendi* e também na contínua monitoração da vida presente a fim de não cair na tentação de retornar ao antigo contexto. Além disso, a perda de interação com as antigas amizades leva o sujeito a um trabalho de conversação interna mais profundo, ou conversações externas com outros atores, o que, em ambos os casos, contribuem para alterações na forma de pensar e perceber o mundo.

Dessa forma, esses atores sociais, em contato com a Igreja e seus discursos, optam por uma quebra na continuidade contextual, abandonando comportamentos incorporados como hábitos, e empreendem uma reflexão em torno de suas práticas e seu lugar na sociedade. É de se ressaltar a importância que esses indivíduos atribuem à presença de bispos e pastores em suas conversações internas e externas para sua tomada de decisões e clarificações a respeito de seus projetos de vida. Não sei até que ponto podemos falar que a religiosidade evangélica foi responsável pela ascensão social, como coloca Souza (2012), uma vez que carecemos de dados quantitativos para amparar essa análise. Entretanto, é perfeitamente possível afirmar que esses atores promovem uma mudança cultural no que tange a diversas questões (política, gênero, participação no mercado, etc.), o que, por sua vez, por meio de interações com outros atores sociais, participação em conversas pode levar efetivamente a transformações estruturais que, por sua vez, reconfiguram relações como as de capital e trabalho, familiares e políticas.

A partir desses resultados, concluo que os “evangélicos” possuem um poder causal na sociedade brasileira cada vez mais considerável, com capacidade de promover transformações no mundo da vida. Podemos concluir que a forma de expressão do poder causal evangélico estrutura-se cada vez mais no modelo de “movimento social”, com ocupação do espaço urbano, formação de coletivos, militância política e a incorporação mesmo de um léxico laico. Talvez, para se compreender o fenômeno religioso na “modernidade reflexiva”, tenhamos

que pensá-lo também a partir da noção de movimento social e todo o trabalho dos atores para construí-lo nesse sentido. Assim, a tese espera poder ter contribuído para essas futuras reflexões.

Bibliografia

Fontes documentais

CARDOSO, R. *Intellimen: 53 desafios para homens inteligentes*. São Paulo: Unipro, 2015.

EDINGTON, J. *50 Tons para o sucesso*. São Paulo: Unipro, 2015

MACEDO, E. *Fé Racional*. São Paulo: Unipro, 2011.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, G. *O que é um dispositivo?*. Outra travessia, n. 5, p. 9-16, 2005.

ALMEIDA, M. *Masculino/Feminino: Tensão Insolúvel*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ALMEIDA, M. *Senhores de Si: uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995

ALMEIDA, R. “Religião em Transição” In: Martins, Carlos B. (coord.) e Duarte, Luiz F. D. (org). *Horizontes das Ciências Sociais. Antropologia*, Sao Paulo, Anpocs, 2010

_____. *Disputas religiosas nos meios de comunicação: liberdade, intolerância e negócios* in: ORO, A.; Steil, C.; Cipriani, R.; Giumbelli, E. *A religião no espaço público – atores e objetos*. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

_____. *A Igreja Universal e seus demônios: um estudo etnográfico*. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2009.

ARCHER, M (2000). *Being Human: the problem of agency*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

_____. (2003). *Structure, Agency and the internal conversation*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

_____. (1998). *Critical realism: Essential readings*. London: Routledge.

_____. Habitus, reflexividade e realismo. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 54, n. 1, p. 157-206, 2011

ASAD, T. *Formations of the Secular: Christianity, Islam, Modernity*. Stanford: Stanford University Press, 2003.

_____. "Trying to understand French Secularism". In: H. de Vries e L. Sullivan (orgs.). *Political Theologies – public religions in a post-secular world*. Nova Iorque: Fordham University Press, 2006.

BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a Identidade Masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARBOT, J; DODIER, N. « Repenser la place des victimes au procès pénal. Le répertoire normatif des juristes en France et aux États-Unis », *Revue française de science politique* 3/2014 (Vol. 64), p. 407-433

_____, 2014, « Que faire de la compassion au travail? La réflexivité stratégique des avocats à l'audience », *Sociologie du travail*, 56(3), 365-385.

BARBOT, J; DODIER, N. « La force des dispositifs », *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, 2016/2 (71e année), p. 421-450

BARTHE, Y et al. *Sociologie pragmatique: mode d'emploi*. **Politix**, n. 3, p. 175-204, 2013.

BECK, Ulrich. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. São Paulo: editora 34, 2011.

_____. *A God of One's Own: Religion's Capacity for Peace and Potential for Violence*. Cambridge: Polity, 2010.

BECK, U.; GIDDENS, A. e LASH, S. (1997). *Modernização reflexiva*. Política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo, Unesp.

BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.

BUCKLEY, W. *Sociology and modern systems theory*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1967.

BHASKAR, R. *The possibility of naturalismo: A philosophical critique of the contemporary human sciences*, London: Routledge, 1998.

_____. *A Realist Theory of Science*, London: Routledge, 2008

BOLTANSKI, L. *L'Amour et la Justice comme compétences. Trois essais de sociologie de l'action*. Paris, Métailié, 1990.

_____. *La Souffrance à Distance. Morale Hunanitaire, Médias et Politique*. Paris, Métailié, 1993.

_____. *Les cadres, la formation d'un groupe social*, Les Editions de Minuit, Paris 1982

_____,.; THÉVENOT, L. *De la justification: les économies de la grandeur*. Paris: Gallimard, 1991.

BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, E.. *O novo espírito do capitalismo*. Sao Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa: Edições 70, 2006.

_____. *O senso prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

AKRICH, M., CALLON, M. & LATOUR, B. (1988) A Quoi Tient Le Succès des Innovations? 1. L'Art de l'Intéressement. *Annales des Mines, Gérer et Comprendre*

CALLON, M; MUNIESA, F. 2003, "Les marchés économiques comme dispositifs collectifs de calcul", *Réseaux*, n°122, 189-233.

CARDON, D. HEURTIN, JP. LEMIEUX, C.. Parler en public. In:*Politix*. Vol. 8, N°31. Troisième trimestre 1995. pp. 5-19.

CAETANO, A. *Para uma análise sociológica da reflexividade individual*, Sociologia, Problemas e Práticas, 66 | 2011, 157-174.

_____. (2013) "A exterioridade da reflexividade. Contributos de Lahire para o estudo empírico do exercício de competências reflexivas", Cadernos do Sociófilo, Quarto Caderno: Homenagem a Bernard Lahire, 4(1), pp. 27-70.

CASANOVA, J. *Public Religion in the modern world*. The University of Chicago Press, 1994.

_____. *A Secular Age: Dawn or Twilight?* In: WARNER, Varieties of secularism in a secular age. Harvard University Press, 2010.

CEFAI, D. *Pourquoi se mobilise-t-on ? Les théories de l'action collective*, La Découverte, coll. « bibliothèque du mauss », 2007

_____. « La construction des problèmes publics » in Réseaux, 75, 1996, pp. 43-66

COMAROFF, John, ROBERTS, Simon, 1981, *Rules and processes*, Chicago and London, The University of Chicago Press.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W.; FERNANDES, Felipe Bruno Martins. *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito*. Estudos feministas, p. 241-282, 2013.

CONGER, K. *The Christian Right in Republican State Politics*. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2009.

CONRADO, F. (2000), *Cidadãos do Reino de Deus: um estudo da Folha Universal nas eleições de 1998*. Dissertação de mestrado defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CHATEAURAYNAUD, Francis. *La faute professionnelle*. Paris: Métailié, 1991.

_____. BESSY, Christian. Experts et Faussaires. Pour une sociologie de la perception. Paris: Métailié, 1995.

_____. « Lanceurs d’alerte et système d’expertise : vers une législation exemplaire en 2008 ? » GSPR, Paris, 2008.

_____. “Argumenter dans un champ de forces. Essai de balistique sociologique” , Paris, 2005, Pétra.

_____. « *Des prises sur le futur. Regard analytique sur l’activité visionnaire*», in Dominique Bourg et alii., Du risque à la menace. Penser la catastrophe, Paris, PUF, 2013.

COHEN, Yves. *Le Siècle des chefs*. Une histoire transnationale du commandement et de l’autorité (1890-1940), Paris, Éditions Amsterdam, 2013

CORREA, Diogo. Do problema do social ao social como problema: elementos para uma leitura da sociologia pragmática francesa. Revista de Ciências Sociais, n.40, abril de 2014, pp. 35-62.

DELEUZE, Gilles, 1989, “*Qu’est-ce qu’un dispositif?*” in Michel Foucault philosophe, Paris, Editions du Seuil, 185-195.

DELEUZE, G, GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* São Paulo: Editora 34, 2010.

DEWY, J. (1927). *The Public and its Problems*. New York: Holt.

DODIER, N., 1993, *L’expertise médicale*. Essai de sociologie sur l’exercice du jugement, Paris, Métailié.

_____. 1993, "Les appuis conventionnels de l’action. Eléments de pragmatique sociologique", Réseaux, n°65, 63-86.

_____. 1990a. “Représenter ses actions. Le cas des inspecteurs et des médecins du travail”, Raisons Pratiques, n°1 : Les formes de l’action, pp.115-148.

_____. 2003, Leçons politiques de l’épidémie de sida, Paris, Editions de l’EHESS.

_____. 2005, « L’espace et le mouvement du sens critique », Annales. Histoire et sciences sociales, n°1, janvier-février, 7-31.

DOMINGUES, J.M. *Sociological theory and collective subjectivity*. London: Macmillan, 1995.

ELIAS, N. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FOUCAULT, M. 1976, *Histoire de la sexualité, tome 1 : La volonté de savoir*, Paris, Gallimard.

_____. 1994, "Le jeu de Michel Foucault", in Foucault, Michel, *Dits et écrits, 1954-1988 (tome III : 1976- 1979)*, Paris, Gallimard, 298-329.

_____. FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 3, O Cuidado de Si*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2005.

_____. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: M. B. Motta (Ed.), *Ética, sexualidade, política* (pp. 264-287). Rio de Janeiro: Forense Universitária.

_____. Sobre a História da sexualidade. In: _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2000. p. 243 – 27.

_____. *A Hermenêutica do Sujeito*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 2010.

FONSECA, Alexandre Brasil. (1998), "*A maior bancada evangélica*". *Tempo e Presença*, 302: 20-23, nov.-dez., São Paulo, Cedi.

_____. (1997), *Evangélicos e mídia no Brasil*. Dissertação de mestrado, IFCS, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

_____. (2011), *Religion and democracy in Brazil (1998-2001): a study of the leading evangelical politicals*.

FRESTON, Paul. *The political evolution of Brazilian Pentecostalism: 1986-2000*. In: CORTEN, Andre & MARY, Andre (org). *Imaginaires politiques et Pentecôtisme: Afrique et Amérique*. Paris: Ed. Karthala, 2000, p. 287-306.

GARFINKEL, H. (1967a), *Studies in Ethnomethodology*, Oxford: Polity Press.

GIDDENS, A. *A Transformação da Intimidade*. Ed. Unesp, 2. ed., São Paulo, 1993.

_____. *A Constituição da Sociedade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

_____. *Modernidade e identidade* (P. Dentzien, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GIUMBELLI, Emerson. *O fim da religião*. CNPQ/PRONEX, 2002.

_____. *A presença do religioso no espaço público: modalidades no Brasil*. **Religião & sociedade**, v. 28, n. 2, p. 80-101, 2008.

GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes, 2011

_____. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009

GOMES, E. *A Era das Catedrais: a autenticidade em exibição*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

GRAF, F. (2004): *Die Wiederkehr der Götter*. Munich: C. H. Beck.

GROSSI, M. *Conjugualidades e parentalidades de gays, lésbicas e transgêneros no Brasil*. Florianópolis: Estudos Feministas, 14(2) maio - agosto, p. 481- 487, 2006.

GRÜN, R. (2007) "*Decifra-me ou Te Devoro: As Finanças e a Sociedade Brasileira*". *Mana*, nº 13, pp. 381-410.

HADOT, P. *Exercices spirituels et philosophie antique*, Albin Michel, 2002.

HABERMAS, J. *Entre Naturalismo e Religião*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2007.

_____. *Era das transições*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

_____. *Direito e democracia: entre facticidade e validade*. v. I e II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

_____. *Consciência Moral e Agir Comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

_____, HABERMAS, J. *Teoria do Agir Comunicativo: racionalidade da ação e racionalização social*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. vol. 1 e 2

HERMANS, H. (2016) *The Dialogical Self: Toward a Theory of Personal and Cultural Positioning*. Culture & Psychology. Vol 7, Issue 3, pp. 243 - 281

JAMES, W. (2007). *The principles of psychology Vol. I*. NY: Cosimo Classics.

JARDILINO, J. *As Religiões do Espírito: uma visão histórico-teológica do pentecostalismo na década de 30*. São Paulo: ISER/CEPE, 1994.

KAIDESOJA, T. (2007), Exploring the Concept of Causal Power in a Critical Realist Tradition. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 37: 63–87.

LAHIRE, B. *Homem plural: os determinantes da ação*. Tradução de: Jaime A. Clasen. Petrópolis : Vozes, 2002

LATOUR, Bruno. *Reassembling the Social. An Introduction to Actor-Network Theory*. Oxford : Oxford University Press, 2005.

_____. WOOLGAR, Steve. 1997. *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará

LEMIEUX, Cyril, « À quoi sert l'analyse des controverses ? », *Mil neuf cent. Revue d'histoire intellectuelle* 1/2007 (n° 25) , p. 191-212

_____. *Le devoir et la grâce*, Économica, coll. « Etudes Sociologiques », 2009.

LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. "Trabalho", "mudança de vida" e "prosperidade" entre *fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus*. *Relig. soc.*, Rio de Janeiro , v. 27, n. 1, p. 132-155, July 2007 .

MACHADO, M. (1996), *Carismáticos e pentecostais: os efeitos da adesão religiosa na vida familiar*. Campinas: Editores Associados/ANPOCS.

_____. (1997) “Mulheres: da prédica pentecostal ao debate sobre sexualidade, saúde reprodutiva, aborto e planejamento familiar”. In: Schpun, M. (org.). *Gênero sem Fronteiras*. Florianópolis: Mulheres, p. 169-203.

_____ (1996). *Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa*

_____. *Conversão religiosa e a opção pela heterossexualidade em tempos de AIDS*. Cadernos Pagu, Campinas, v.11, p.275-302, 1998.

MACHADO, M.; MARIZ, C. "Pentecostalismo e a redefinição do feminino". *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro: ISER, v. 17, n. 1, p. 140-159, 1996.

MAFRA, Clara. *Os Evangélicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MARANHÃO, E. “Falaram que Deus ia me matar, mas eu não acreditei”: intolerância religiosa e de gênero no relato de uma travesti profissional do sexo e cantora evangélica. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). *Dossiê Gênero em Movimento*. História Agora, São Paulo, n. 12, p. 198-216, 2011

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: 1999, Loyola.

_____. Islâmicos e evangélicos na arena pública. *Veredas*, Belo Horizonte, v. 1, nº 1, ago. 2000, p. 49-64.

_____. "Laicidade à brasileira: católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública." *Civitas-Revista de Ciências Sociais* 11.2 (2011): 238-258.

MARTIN, L.H. et al (1988) *Technologies of the Self: A Seminar with Michel Foucault*. London: Tavistock.

MAUSS, M. *Esboço de uma teoria geral da magia*. In; Sociologia e Antropologia, São Paulo, Cosac. & Naif, 2003.

MEAD, G. *Mind, self and society: from the standpoint of a social behaviorist*. Chigago: University of Chicago Press, 1934.

MONTERO, P. *Controvérsias religiosas e esfera pública: repensando as religiões como discurso*. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 32(1): 167-183, 2012

_____. *Religião, Laicidade e Secularismo. Um debate contemporâneo à luz do caso brasileiro*. *Cultura y Religión*, vol 07, nº 2, 2013, pp.13 -31.

NATIVIDADE, M. (2008), Deus me aceita como eu sou? A disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em Antropologia, PPGSA/UFRJ.

_____. (2008b), "Diversidade sexual e religião: a controvérsias sobre a cura da homossexualidade no Brasil." In: R. K. de Lima (org.). *Antropologia e direitos humanos 5*. Rio de Janeiro: ABA/ Booklink.

_____. (2005), "*Homossexualidade masculina e experiência religiosa pentecostal*", in L.F. D. Duarte et al., *Sexualidade, família e ethos religioso*, Rio de Janeiro, Garamond.

_____. Parentalidades e conjugalidades nas igrejas inclusivas: reflexões sobre os nexos entre cuidado pastoral, subjetividade e política entre fiéis LGBT. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)*. Florianópolis: 2013.

NOVAES, Regina. (2002), "Crenças religiosas e convicções políticas: fronteiras e passagens", in Luis Carlos Fridman (org.), *Política e cultura, século XXI*, Rio de Janeiro, ALERJ/Relume Dumará, pp. 63-98.

ORO, Ari Pedro. (1990), *Religiões Pentecostais e Meios de Comunicação de Massa no Sul do Brasil*. Rio de Janeiro, Vozes, REB. v. 50, fasc. 198, jun. p. 304-334

_____. *Avanço pentecostal e reação católica*. Petrópolis : Vozes, 1996.

_____. *A política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religioso e político brasileiros*. *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. 2003, vol.18, n.53, pp.53-69.

_____. A presença religiosa brasileira no exterior: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus. *Estud. av.* [online]. 2004, vol.18, n.52, pp.139-155.

ROSADO-NUNES, M.. *GÊNERO E RELIGIÃO. Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 363, jan. 2005. ISSN 1806-9584.

PEIRCE, C. *Collected Papers*. Cambridge: Harvard University Press, 1960.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Interesses religiosos dos sociólogos da religião. In: ORO, Ari Pedro & STEIL, Carlos Alberto. (Org.). *Globalização e religião*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997, v. , p. 249-262.

_____. Reencantamento e dessecularização: A propósito do autoengano em sociologia da religião. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, v. 49, p. 99-117, 1997.

_____. Representantes de Deus em Brasília: A bancada evangélica na Constituinte. In: ANPOCS. (Org.). *Ciências Sociais hoje*. São Paulo: 104-132, 1989.

_____. Religião como solvente – uma aula. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 75, p. 111-127, jul. 2006a.

PIERUCCI, Antônio Flávio. (1992), "Fundamentalismo e integrismo: os nomes e a coisas". *Revista USP*, 13, março-maio: 144-156

PIERUCCI, F. & PRANDI, R. *A realidade social das religiões no Brasil*, Hucitec, São Paulo, 1996.

POCOCK, J. G. A. (2003), *Linguagens do Ideário Político*. São Paulo, Edusp.

PRANDI, R. "Religião paga, conversão e serviço" in *Novos Estudos*, nº 45, jun, Cebrap, São Paulo, 1996.

SKINNER, Q. (1972), "*Motives, Intentions and the Interpretation of Texts*". *New Literary History*, vol. 3, pp. 393-408.

_____. (1974), "*Some Problems in the Analysis of Political Thought and Action*". *Political Theory*, vol. 2, Symposium on Quentin Skinner, pp. 277-303

_____. (2002), *Visions of Politics: Regarding Method*. Cambridge, Cambridge University Press, vol. 1.

SOUZA, J. *Os batalhadores brasileiros. Nova classe média ou nova classe trabalhadora?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

_____. *A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica*. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2003.

SILVA, A. *Práticas sexuais como objetos de reflexão teológica – Trajetórias de vida e construção de lideranças de uma igreja inclusiva em São Paulo*. ST36 – Sexualidade e gênero: regimes de regulação e processos de subjetivação. In: 37º Encontro Anual da ANPOCS. Disponível em: <http://anpocs.org/index.php/papers-37-encontro/st/st36/8649-praticas-sexuais-como-objetos-de-reflexao-teologica-trajetorias-de-vida-e-construcao-das-liderancas-de-uma-igreja-inclusiva-em-sao-paulo/file>

THEVENOT, L. (2006), *L'Action au pluriel*. Sociologie des régimes d'engagement, Paris, Éditions La Découverte.

VANDENBERGHE, Frédéric. *Teoria social realista: um diálogo franco-britânico*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG; Rio de Janeiro: Iuperj, 2010.

_____. *What's Critical About Critical Realism?: Essays in Reconstructive Social Theory*. London: Routledge, 2013.

VEYNE, P. *Acreditavam os gregos em seus mitos?* São Paulo: Brasiliense, 1984,

VITAL, C; LOPES, P. *Religião e política: uma análise da atuação de parlamentares evangélicos sobre direitos das mulheres e de LGBTs no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2012.

WEBER, Max. 1979. *Ensaio de sociologia*. 4.ed. Rio de Janeiro, Zahar.

_____. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

_____. *Economia e Sociedade*. São Paulo: Editora da Universidade de Brasília, 2004, vol 2.

_____. *Ciência e política: duas vocações*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

WEISS, F. *Religião, Corpo e Identidade Travesti numa Igreja Inclusiva*. GT “Corpos, sexualidades, identidades dissidentes: que direitos, quais desejos”. In: 27ª. Reunião Brasileira

de Antropologia, Belém, agosto de 2010. Disponível em:
<<http://nigs.paginas.ufsc.br/files/2012/01/fatima-religiao.pdf>>

WILEY, N. *The Semiotic Self*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

WILLIAMS, D. *God's Own Party: The Making of the Christian Right*. New York: Oxford University Press, 2010.

TILLY, C. *Social movements, 1768-2004*. Boulder, Paradigm Press, 2004.